

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Paulo Edison de Oliveira

**Conscientizar o trauma para descolonizar o inconsciente:
experiências de um homem afro-indígena que é sujeito e objeto
nesta ponte entre a antropologia e a psicanálise.**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Paulo Edison de Oliveira

**Conscientizar o trauma para descolonizar o inconsciente:
experiências de um homem afro-indígena que é sujeito e objeto
nesta ponte entre a antropologia e a psicanálise.**

**Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência para
obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob a
orientação da Profa. Dra. Vera Lucia Michalany Chaia.**

São Paulo
2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

O48C de Oliveira, Paulo Edison
Conscientizar o trauma para descolonizar o
inconsciente: experiências de um homem afro-indígena
que é sujeito e objeto nesta ponte entre a
antropologia e a psicanálise.. / Paulo Edison de
Oliveira. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
305p. il. ; 15 cm.

Orientador: Vera Michalany Chaia.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Ciências Sociais.

1. Antropologia. 2. psicanálise. 3. racismo. 4.
decolonial. I. Chaia, Vera Michalany . II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências
Sociais. III. Título.

CDD 300

PAULO EDISON DE OLIVEIRA

OLIVEIRA, P. E. de. Conscientizar o trauma para descolonizar o inconsciente: experiências de um homem afro-indígena que é sujeito e objeto nesta ponte entre a antropologia e a psicanálise. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Banca Examinadora

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 88887.314203/2019-00.

AGRADECIMENTOS

A Exu, por abrir os caminhos, a Xangô, por me guiar e fortalecer, aos meus ancestrais, que me deram força, coragem e confiança.

À minha mãe, Antônia, e aos meus irmãos, Marcos, André e Isabel, que durante a minha existência sempre me apoiaram e vivenciaram comigo momentos difíceis e de extrema felicidade. Àqueles que já findaram sua existência, meu pai, Davi, e meus avós, José, Emília e Joana.

À minha companheira, Maria Fernanda, que tornou esse momento possível e sempre me motivou e me apoiou, e à minha filha, Nina, que me inspirou.

Aos meus amigos queridos, que me incentivaram e me alegraram, Márcio Ademar, Fernando Américo, Paulo Crispim, Tiago Andrade, Elie Boris, Antônio e Conceição Cabrini, Pedro Ferreira, Francisco Trevas, Diego Amado, Danilo Safi, Paulo Rota, Gabriela Dioguardi, Jorge Nascimento e Claudia Tatit.

Aos parentes que me ajudaram e me apoiaram nesta caminhada, Eleni e Nivanete.

À professora Teresinha Bernardo, por me orientar, pela confiança, apoio, incentivo e compreensão.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, especialmente àqueles com quem tive oportunidade de aprender muito em suas aulas que, com certeza, contribuíram demais para meu desenvolvimento intelectual e acadêmico.

A todos os afro-brasileiros da diáspora e aos afro-indígenas, que resistiram e resistem a toda e qualquer forma de opressão.

RESUMO

A civilização ocidental contemporânea não é racista! A civilização ocidental contemporânea está racista. É preciso acreditar no movimento da mudança, ter esperança que vamos deixar de um mundo melhor para as próximas gerações e acabar com o racismo. O objetivo desta tese é problematizar o método de produção de saber acadêmico pautado exclusivamente nas referências ocidentais. Pensar decolonial é construir pontes, dar voz àqueles que foram historicamente calados e ousam produzir conhecimento, questionamento ou diálogo entre a antropologia e psicanálise. Em busca de uma metodologia decolonial, realizei três campos de pesquisa. Primeiramente, entrevistei pessoas negras de classe média da cidade de São Paulo que estão em posição de autoridade e possuem consciência do racismo e da sua condição de negro ou negra. Em seguida, utilizando-me das novas tecnologias e do pressuposto do diálogo entre inconsciente, realizei duas rodas de conversas *online*, a primeira roda com pessoas negras e brancas para dialogar sobre o racismo, a segunda roda com pessoas brancas para dialogar sobre a branquitude e os privilégios. Por fim, o terceiro campo é a minha história de vida, experiência e significações ao entrevistar as pessoas. Apesar de a análise das entrevistas e rodas de conversa serem produzidas por mim, a ideia dessa escrita é registrar, partindo das motivações pessoais, como os processos de identificação psíquica aconteceram no decorrer da pesquisa. É uma metapesquisa dentro da pesquisa, um olhar para o sujeito que analisa o objeto e ao mesmo tempo é objeto. Ser sujeito e objeto é falar da própria história, da história dos outros e seus cruzamentos, da grande história dos povos que descendemos e os seus atravessamentos.

Palavras-chave: Antropologia, psicanálise, racismo, decolonial, inconsciente.

ABSTRACT

Contemporary western civilization is not racist! Contemporary Western civilization is being racist. It is necessary to believe in the movement of change, to have hope that we will leave a better world for the next generations and to end racism. The aim of this thesis is to problematize the method of producing academic knowledge based exclusively on Western references. Decolonial thinking is building bridges, giving voice to those who have been historically silent and daring to produce knowledge and/or questioning and/or dialogue between anthropology and psychoanalysis. In the search for a decolonial methodology, I carried out three fields of research. First, I interviewed middle-class black people from the city of São Paulo who are in a position of authority and are aware of racism and their condition as black or black. Second, using new technologies and the assumption of dialogue between the unconscious, I held two rounds of online conversations, the first round with black and white people to dialogue about racism. The second round with white people to dialogue about whiteness and privileges. Finally, the third field is my life story, experience and meanings when interviewing people. Despite the analysis of the interviews and conversation circles being produced by me, the idea of this writing is to record, from personal motivations, how the processes of psychic identification happened during the research. It is meta-research within research. A look at the subject that analyzes the object and at the same time is an object. To be subject and object is to talk about one's own history, the history of others and their intersections, the great history of the peoples we descend from and their crossings.

Keywords: Anthropology, psychoanalysis, racism, decolonial, unconscious.

Ìlájú apá iwòòrùn náà ógba kíí sẹ afàwò gbéraga! Ìlájú apá oorùn náà ógba ó nse afàwò gbéraga. Ó nílátì gbagbọ Ni apapo da adika, ìrètí ni pe a lọ fi àye dára fún ìràn-atẹlẹ àti parí afàwò gbéraga. Ète náà işẹ yíi ni bíléere işẹ fifòyèmọ ẹgbẹ ọlomọwé pẹlú ipilẹşşè ni ifénulẹ apá iwòòrùn. Rò decolonial ni kó afára, bíla fún a ti wọn dake ni ìtàn, şùgbón wọn fàya fún sẹ imò, ìbílèèrè tabí ọrò láàrín imò àwùjọ àdáyébabá náà saikò-analisì. Ni àwárí ti decolonial ọnà, Mo ti sẹ fíidì mètá àwáfín. Kínni, Mo ti fojúkojú èniyàn dúdú ọlọlá ọmọ ilú São Paulo pe ni wà bi alágbára àti ni orí-ọkan afàwò gbéraga nítorípé èniyàn dúdú . Lẹhìn, Mo ti lò imọ ẹrọ titun àti irò ọrò láàrín ojú-iran, mo ti sẹ òkìrìbìtì ọrò méjì ni ayélujára, òkìrìbìtì náà kínní pẹlú èniyàn dúdú áti oyinbo fún ọrò nìdí branquitude àti àwọn ànfàní rẹ. Lákótán, fíidì náà kẹta ní ìtàn àyé mi, àgbéwò ìdí-pàtàkì, ti fojúkojú èniyàn. Bíótijépé àtupalẹ náà kikọ yíi kọsílẹ ni şişẹ ti ìtorínu teni nikanşoso, bíaatí iwádìí itọka inu-ọkan náà ó ti sẹ ni kọjá àwáfín. Àwáfín nínú àwáfín ojúkán si koko pe àtupalẹ ìhunkóhun lẹrika náà ìhunkóhun ni. Jẹ koko àti ìhunkóhun ni sọ ìtàn rẹ, ìtàn ẹlòmíràn àti àwọn ìrékojá rẹ, ìtàn tàwọn tilú pe wa ni ìran wa àti ìrékojá rẹ.

Ọrò-kọkọrọ: imò àwùjọ àdáyébabá; saikò-analisì; afàwò gbéraga; decolonial; ojú-iran.¹

¹ Tradução em Iorubá do professor Àkànbí Ọdẹ Adinelson Filho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. POR QUE ESCRREVEMOS? ESCRIVO PARA ME DESCOLONIZAR!	13
1.1. Por que escrevo? Porque posso!	15
1.2. Por que escrevo? Escrevo, porque preciso escrever!	23
1.3. A teoria sociológica para explicar o indivíduo/sujeito/pessoa/cidadão moderno	24
1.4. A psicanalítica: um suposto saber na encruzilhada.....	32
1.5. A psicanalítica e o sofrimento do ser negro	37
1.6. E a branquitude nisso?	40
2. O TATEAR DE UMA METODOLOGIA DECOLONIAL.....	45
3. NEGROS E NEGRAS NUM MUNDO COLONIZADO: ESTUDOS DE CASOS	54
3.1. Uma digressão na luta antirracista: o pardo e o embranquecimento	73
4. O INCONSCIENTE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO ENTRE BRANCOS E NEGROS.....	84
5. O INCONSCIENTE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO COM BRANCOS..	103
6. O “EU” DO AFRO-INDÍGENA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL ..	119
6.1. As pontes da subjetividade numa escrita não narcísica	120
6.2. Um fio do “Eu”	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	143
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	149
ANEXO – Entrevistas com pessoas negras em posição de autoridade	150

INTRODUÇÃO

“Exu nasceu antes que a própria mãe.”²

(Oriki)

Uma tese de doutorado demanda que o autor produza algo inédito, original e, de preferência, com uma metodologia própria. Neste trabalho vamos trilhar um caminho ousado na fronteira de campos de saber distintos e complementares, a antropologia e a psicanálise.

O objetivo da pesquisa é identificar como o racismo traumatiza as pessoas negras, quais são suas consequências disso, bem como qual é a genealogia de alguns dos dispositivos colonial-escravista que coloniza o inconsciente e algumas hipóteses de descolonização do inconsciente. Para isso, utilizarei das minhas experiências como homem negro/afro-indígena que será sujeito e objeto nesse processo de descolonização, afinal, apesar de parecer uma sensação exclusiva minha, penso que o trauma oriundo do racismo afeta muitos brancos e negros.

A dúvida inicial é se todas as pessoas negras, assim como eu, são traumatizadas por meio do racismo. Boas e Costa (2021), dialogando com o pensamento de Ferenczi, questiona se todas as pessoas negras são traumatizadas, já que o que é traumático para um, não é para o outro. No entanto, é necessário considerar que o dispositivo colonial-escravocrata executou um processo de desenraizamento quando nossos ancestrais africanos foram retirados do lugar de vida para o lugar de morte física e cultural, assim como os povos originários da América foram coisificados, assassinados e tiveram seus conhecimentos e saberes expropriados.

A civilização ocidental europeia consolidou-se a partir do século XVI, com guerras que culminaram na desestruturação e genocídio de outras civilizações (africanas e ameríndias). Como diz Mbembe³, ocorreu um trauma histórico e real, sendo esse trauma que constitui a subjetividade da nossa época e funda nosso inconsciente. Mills (1965) afirma que devemos estabelecer uma conexão dos fenômenos com nossa experiência individual (biografia), a história e as instituições e/ou estruturas.

A constituição da subjetividade acontece no “cruzamento entre a grande e pequena história” (GEBRIM, 2021, p. 105), ou como fórmula Freud, em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), como o psiquismo humano que se forma por três formas de identificação: narcísica, ideal de ego e histérica. O indivíduo constitui-se na relação com o outro que pode

² RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas* (p. 20). Mórula Editorial, (s.d.). Edição do Kindle.

³ Disponível em https://www.n-1edicoes.org/book/cordeis/detail_pdf/28. Acesso em 10.08.2023.

ser uma pessoa, traços culturais e/ou a sociedade. Os desejos que desconhecemos habitam no inconsciente, esse, por sua vez, constituído pelas estruturas simbólicas (língua, crenças, valores, estética etc.) de uma civilização.

Na civilização ocidental colonizada, o corpo do não branco é desejado em detrimento de ser desejante, fetichizado, coisificado e desumanizado. Como diz Kilomba (2019, p. 208), “a sobrevivência pessoal e coletiva é frequentemente baseada na repressão da memória de eventos passados dolorosos”. Para evitar sofrimentos, nosso psiquismo reprime, para o inconsciente, os traumas de não poder existir, possuir uma história ancestral e desejar um vir a ser.

O sintoma do racismo é não existir, como nos lembra Fanon (2008 [1956], p. 33), “falar é existir absolutamente para o outro”, no entanto como falar e o que falar, já que a colonização do inconsciente inicia na linguagem. Manoel de Barros *apud* Santos (2021, p. 124), menciona que “o inconsciente é o lugar onde as palavras ainda estão se formando. Ali é o porão da poesia. Depois que a palavra sai do porão, temos que limpá-las de suas placentas. Dói mais enxugar o escuro das palavras.”

Quando escrevo, as ideias são minhas idiossincrasias, histórias, identidades ou identitarismo oriundos dos marcadores sociais. Não obstante, no campo psicanalítico, a identificação, transferência e contratransferência pode auxiliar-nos a acessar o inconsciente e identificar os atravessamentos da colonialidade rumo à desalienação da dimensão subjetiva. Existir de fato, como afirma Fanon (2008 [1956], p. 28), é “a verdadeira desalienação do negro, implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais.”

Ao realizar rodas de conversas com pessoas negras e brancas, entrevistar pessoas negras em posição de autoridade, posso acessar meu inconsciente, que está inserido na nossa época, como diz Lacan (1998a), por meio da análise do discurso, os sentimentos causados em mim e as ideias desencadeadas na memória.

Ser sujeito e objeto é falar da própria história, da história dos outros e seus cruzamentos, da grande história dos povos que descendemos. E, por falar em ancestralidade e decolonidade, invoco e reverencio Exu para abrir os caminhos dessa escrita e desses pensamentos.

POR QUE ESCRREVEMOS? ESCRIVO PARA ME DESCOLONIZAR!

“Síndrome do camaleão: Colocado sobre o verde, ele fica verde, deitado sobre o azul, fica azul, posto sobre um tecido escocês, ele fica louco, explode, morre”.

Elisabeth Roudinesco

No Brasil do século XXI, uma pessoa oriunda de classes sociais subalternizadas e ascendente de povos negros e indígenas, só por estar viva, já se constitui um ato de resistência. Escrever livros, trabalhos acadêmicos ou propor uma metodologia de pesquisa é uma ousadia, uma afronta ao saber ocidental, pode-se dizer que é um processo de reexistência, existir e resistir ao mesmo tempo. A tradição da matriz de pensamento da qual somos herdeiros nos convencionou a redigir as pesquisas acadêmicas em terceira pessoa com o argumento de que mantém o senso de objetividade e permite ao autor se manter focado nos fatos e evidências, evitando assim opinião pessoal.

Castro (1999, p. 40) lembra-nos que, para Kant, o guia da ciência é a objetividade. Você conhece algo bem quando é capaz de vê-lo de fora, como um objeto.” Esse pressuposto parece-me falho, pois, como posso falar de algo que me atravessa, que me violenta, que me angustia, que causa dor e sofrimento me colocando de fora? Ou como afirma Durkheim, tratando como “coisa”? Castro (1999, p. 41) ainda me possibilita problematizar a tradição com a epistemologia dos povos originários. “Sejamos subjetivos, diria um xamã, ou não vamos entender nada”.

Nesse momento, minha ancestralidade indígena “salta” e me atrevo a escrever em primeira pessoa e com o auxílio da psicanálise. Saber que age no limite ocidental entre a objetividade e subjetividade produzir problematizações da condição afro-indígena no Brasil contemporâneo e, como diz Kilomba:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negros/as se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. (2019, pp. 58-59)

Minha avó paterna, que adotou ou “sequestrou” meu pai, dizia-me “meu fio, quem não ouvi conselho, ouvi coitado”. Sempre achei engraçado ela me chamar de fio ou filho, já que era neto, nunca sanei essa dúvida, talvez fosse uma forma carinhosa, um costume para se referir às crianças, quem sabe uma atitude inconsciente da branquitude de apropriar-se das

crianças indígenas e dizer, sem dizer, que os afro-indígenas não sabem criar filhos. Contarei essa história com mais detalhes no decorrer dessa tese. O interessante é como a compreensão desse dito popular se ressignificou na minha mente ao longo dos anos.

Em minha infância e adolescência compreendia que deveria ouvir o que ela me aconselhava, caso contrário erraria, e ela só poderia dizer “coitado, se deu mal, agora não posso ajudar”. No entanto, ao longo dos anos, signifiquei de maneira distinta. O ato de aconselhar pode esconder a subalternização do sujeito se não houver escuta e contextualização da experiência vivida. Assim como minha avó fazia, é comum que as pessoas aconselhem as outras com base no que consideram correto, certo e melhor em sua perspectiva e, raramente, com base na realidade daquele que está sendo aconselhado. Isso ocorre porque dificilmente as pessoas escutam o que o outro está dizendo, quando muito, ouvem as palavras já pensando no que responder.

Há um frenesi por um periodismo desenfreado, Walter Benjamin *apud* Bondía menciona que a “aliança perversa entre informação e opinião” (2002, p. 22), as pessoas precisam emitir opinião quando recebem uma informação, mas será que ocorreu o processo de escuta, reflexão e contextualização? Na maioria das vezes não, porque, para se escutar o outro, é necessário reconhecê-lo como um sujeito que pode falar, como problematizou Spivak (2014) na obra *Pode o subalterno falar?*

Obviamente que o saber ocidental impede o sujeito de falar, pode pronunciar palavras, mas essas são silenciadas, ignoradas, irreconhecíveis. Isso ocorre porque falar é existir, falar é deixar de ser objeto e se tornar sujeito, como diz Kilomba (2019, p. 22), “eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” Assim como quando eu era criança minha avó não me reconhecia como sujeito, ser pensante que poderia falar, que estava em construção, que desejava, um ser humano. Ela não estava disponível para despir da imagem social criada da criança como ser incapaz, para me deixar existir.

Assim como a certeza de que o sol nascerá amanhã novamente, eu nunca deixei de acreditar no que ouvia, lia e via. Refletir sobre o pensamento sempre aconteceu de maneira rara e dolorosa, como se inconscientemente não pudesse existir. Uma culpa por falar e não ser ouvido, uma memória ancestral de vergonha e impossibilidade de ser humano, um sofrimento que consumia meu corpo e um sentimento de incapacidade reprimia minha criatividade e criticidade.

A repressão na teoria psicanalítica é impedir que se chegue à consciência. Minha racionalidade resumia-se a reproduzir o que já havia sido escrito, marcado cultural e socialmente na minha psique. Hoje tenho a consciência de que, quando escrevia, lapsos de escrita materializavam-se numa disgrafia e erros gramaticais. O medo do erro e de criar me fazia tremer e bloqueava meus processos cognitivos. A minha consciência estava colonizada

pelo pensamento ocidental de impossibilidade de existir, e meus desejos inconscientes constituídos por uma ideologia racial.

O pensamento ocidental surge num movimento de negação, ou melhor, apropriação e apagamento do saber ancestral de povos que foram racializados, coisificados e desumanizados. Se Proudhon (1975 [1840] dizia que a propriedade é um roubo, referindo-se à apropriação da riqueza produzida, eu digo que o conhecimento ocidental são roubos e assassinatos de mundos e culturas.

Escrever é um ato político de imersão de vozes negras e indígenas que foram caladas, apropriadas e subalternizadas. Não quero e nem vou falar por uma coletividade que foi reduzida ao silêncio. Não tenho procuração para falar em nome dos meus ancestrais e, mesmo que quisessem, não sei, apesar de imaginar o que eles passaram. Também devemos lembrar que o ato de escolher, do que falar e como falar, torna-nos sujeito. Se não são totalmente conscientes, pelo menos nos fazem responsáveis por nossos caminhos. Falar em nome de alguém é se apropriar de sua luta e negar sua humanidade. Honro meus ancestrais por lutarem e resistirem à opressão ao falar de minha condição como homem afro-indígena que a cada dia enfrenta a opressão, violências simbólicas e psíquicas de um mundo consciente e inconscientemente colonizado.

Escrevo uma escrevivência, o que sinto e o que vivo, como diz Conceição Evaristo, não é uma escrita narcísica é uma busca de sentido e subjetividade que as culturas ocidentais tentando suprimir:

A escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. (EVARISTO, 2020, p. 38)

1.1. Por que escrevo? Porque posso!

Isso significa que posso porque milhões de ancestrais morreram para que esse privilégio branco deixasse de ser exclusividade e se tornasse direito. Durante séculos os negros e indígenas, como dizia Du Bois, vivam a “experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena” (2021, p. 23). A nós, negros e indígenas era proibido ser e existir se não fosse pelos olhos do outro, e o outro era o branco, o mundo branco. Um mundo inventado por apagamentos de vestígios, fatos e fontes historiográficas. A criação de uma ideia que o afro-indígena é um outro diferente que não pode ser seu semelhante. Como diz Mbembe:

A razão negra [que] designa um conjunto tanto de discursos como de práticas – um trabalho cotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e promover a variação de fórmulas, texto e rituais com o intuito de fazer surgir o negro enquanto sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática. (2018, p. 61)

Não tenho a ilusão de que todos os afro-indígenas escrevam por uma razão negra e por poder existir na sua perspectiva, eu mesmo já escrevi num ponto de vista eurocêntrico e colonizador. Mas hoje posso tentar escrever numa visão crítica e decolonial por causa de autores que estudaram, sistematizaram e ousaram pensar uma outra epistemologia.

Escrevo, porque nós, afro-indígenas, temos as condições materiais que nos possibilitam escrever. A colonização europeia nos racializou, reduziu-nos à condição de coisa e nos oprimiu de modo a suprimir e expropriar nossos conhecimentos e cultura. A constituição do Estado moderno e o desenvolvimento dos conhecimentos científicos atualizaram o colonialismo no que conhecemos hoje como racismo estrutural e institucional. Esse processo de atualização é sutil e perverso, por exemplo, intelectuais como Roudinesco disse que Vitor Hugo:

Justificou liricamente a conquista colonial na África, convencido de que ela levaria ao homem negro as luzes da civilização europeia: O Mediterrâneo é um lago de civilização; decerto não é por acaso que o Mediterrâneo tem numa de suas margens o velho universo e na outra o universo ignorado, ou seja, de um lado, toda a civilização, do outro, toda a barbárie. (2022, pp. 75-76).

O impressionante é a justificativa que Hugo não acreditava na inferioridade dos negros, mas na superioridade da cultura. Ignorar que o processo de colonização é de supressão de uma cultura em detrimento de outra é desconhecer como aconteceu o processo colonial analisado por Fanon:

[...] o mundo colonial é um mundo compartimentado. Sem dúvida que é inútil, no plano da descrição, recordar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escolas indígenas e escolas para europeus [...]. A cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama, povoado por homens também de má fama. Ali, nasce-se em qualquer lado, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer parte e não se sabe nunca de quê. É um mundo sem intervalos, os homens estão uns sobre os outros, as cabanas dispõem-se do mesmo modo. A cidade do colonizado é uma cidade esfomeada, por falta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. (1961, pp. 33 e 35).

Ao ler o trecho anterior, retirado do livro *Os condenados da Terra*, parece que Fanon descreve o Brasil atual como bairro composto na sua maioria por negros e indígenas sem acesso a direitos básico de moradia, saneamento básico, educação, saúde, sem carne (comendo ossos), sem vestimentas e até há poucas décadas sem luz, uma vez que apenas

em 2004 o governo federal criou o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica – LUZ PARA TODOS). Os descasos do governo Bolsonaro, de 2019 a 2022, com os povos indígenas causaram, somente entre os Yanomamis, a morte de, pelo menos, 570 crianças⁴. Uma necroinfância⁵ promovida pelo Estado brasileiro que impede que as crianças negras e indígenas gozem da infância e, conseqüentemente, possam existir de fato.

Retornando ao equívoco de Roudinesco, sua argumentação é ignorar, como diz Foucault (2010 [1975-76]), a substituição do suplício, o direito de fazer morrer pelo de fazer viver, isto é, o Estado moderno estabeleceu um corte, quem vive e quem morre, quem tem o direito de viver. O exercício do biopoder do Estado Moderno é materializado pelo racismo:

[...] o meio de introduzir afinal, neste domínio da vida de que o poder se incumbiu, um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer. No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de desabafar no interior da população, uns grupos em relação aos outros. [...] A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização. (2010, pp. 214-215)

Ao observar os dados estatísticos sobre a sociedade brasileira, constata-se que a violação de direitos acontece nos bairros pobres, assim como a maior expectativa de vida está nos bairros nobres. Podemos analisar os mapas diversos das cidades brasileiras e/ou municípios e teremos sempre o mesmo resultado que o descrito no Mapa da Desigualdade (2021, p. 9 e 32).

Em 2017 a juíza Angélica dos Santos Costa autorizou que a polícia fizesse buscas e apreensões coletivas na Cidade de Deus, bairro do Rio de Janeiro. Somente em 2019, a 6ª Turma do Superior Tribunal de Justiça anulou a decisão que autorizou essa medida nas favelas do Rio de Janeiro, lembrando que isso seria impossível de acontecer em bairros nobres. Há territórios que as pessoas não são consideradas cidadãs de direitos, mas será que não há tráficos de drogas e armas nos bairros nobres? Será que não há quadrilhas e crimes sendo arquitetados nos bairros nobres? Lógico que há, mas somente nos territórios habitados por pessoas pobres, na maioria negras e indígenas, a violência é evidenciada.

⁴ O Ministério dos Povos Indígenas divulgou nesta sexta-feira (20) que 99 crianças do povo Yanomami morreram devido ao avanço do garimpo ilegal na região. Os dados são referentes a 2022, e as vítimas foram crianças entre um a 4 anos. As causas da morte são, na maioria, por desnutrição, pneumonia e diarreia. A pasta estima que ao menos 570 crianças foram mortas pela contaminação por mercúrio, desnutrição e fome. Disponível em <https://g1.globo.com/rr/rraima/noticia/2023/01/21/mais-de-500-criancas-morrem-na-ti-yanomami-e-lula-deve-decretar-estado-de-calamidade-publica.ghtml> Acesso em 10.01.2023.

⁵ A necroinfância é uma variação, um dispositivo da necropolítica que tem como objeto a infância. Definida como o conjunto de práticas, técnicas e dispositivos que não permitem que as crianças negras gozem a infância. Disponível em <https://lunetas.com.br/necroinfancia-criancas-negras-assassinadas/> Acesso em 10.01.2023.

Isso acontece para que se mantenha o privilégio de um grupo sobre o outro. Como diz Souza no Brasil (2021a, pp. 220-221) “[...] o racismo racial passa a ser construído pelo amálgama inextricável com uma classe social de marginalizados e destituídos de tudo. Só assim todas as outras classes podem ter seu quinhão tanto em distinção social quanto em exploração do trabalho muscular do novo escravo”.

Hoje, com a leitura de diversos pensadores e pesquisadores, consigo compreender como se constitui o privilégio, partindo desse corte que é social, político e estético. Os traços culturais dos povos negros e indígenas são menosprezados e destituídos de beleza, transformados numa fealdade geradora de nojo, horror e desprezo. Por isso, ao dizer que os europeus possuem uma cultura superior, alguns questionamentos surgem: quem inventou o racismo moderno? Quem inventou a razão ocidental que mercantilizou, precificou e transformou a natureza em recurso? Qual conhecimento explora todas as formas de vida à exaustão? Quem criou os regimes autoritários e as armas de destruição em massa? O que essa civilização ainda pode nos ensinar?

Mbembe critica a Roudinesco ao mencionar que: “o selvagem viveria num universo fabricado por si mesmo, impermeável à experiência e sem acesso às nossas formas de pensamento. A Raça branca seria a única a possuir a vontade e a capacidade de construir um percurso histórico” (2018, p. 85). Ao matar uma língua e uma cultura, aniquila-se a possibilidade de existir como sujeito herdeiro de uma ancestralidade. Ao falar a língua do branco, o indivíduo negro assume um mundo da cultura branca, com diz Fanon (1980, p. 36), uma cultura que sempre considerou o negro como não humano:

Este racismo que se pretende racional, individual, determinado, genotípico e fenotípico, transforma-se em racismo cultural. O objeto do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir. No limite, fala-se de mensagem, de estilo cultural.

Como diz Santos (2021, p. 126), “para a civilização [ocidental europeia] se erigir, foi necessário desestruturar outras formas de vida em um processo sistemático de genocídio.” O processo de genocídio, escravização e desumanização dos povos indígenas e africanos foram distintos, a depender do colonizador europeu e do território, mas o que existe de comum foi o dispositivo colonial-escravocrata de subjetivação dos corpos. Para Foucault *apud* Santos (2021):

[...] o dispositivo é resultado do acoplamento de uma série de práticas a um regime de verdade. O discurso que aparece (ou se impõe – e se impõe mais como dispersão que como estrutura, pois sua natureza impositiva sobressai à percepção ou compreensão que possamos dele ter) como *a priori* histórico, apesar de ser determinado pelo devir da história, é o que define o regime de veracidade, engendrando o falso e o verdadeiro.” (p. 121)

O século XXI, globalizado ou mundializado com tecnologia da informação, produção, apropriação e distribuição de bens (materiais e imateriais) conecta os diversos povos e culturas do planeta. No entanto, pode-se dizer que é consequência de uma ideologia racista que fabricou políticas de um regime de verdade colonial de exploração de corpos, formação de subjetividades, criação de desejos e possibilidades de uns existirem com privilégios em detrimento de outros.

Os povos africanos, devido a interesses comerciais da indústria do tráfico negreiro, ocuparam uma narrativa distinta dos povos indígenas, obviamente que, ao analisarmos a história da América colonial, constatamos que o discurso de desumanização dos indígenas constituiu a escravização, apropriação dos seus saberes e genocídio.

No senso comum, alguns podem dizer que os racismos são iguais, seja com negros, indígenas, judeus, asiáticos e outros povos estigmatizados, escravizados e dizimados. Como diz Moore (2007, p. 280), na história da humanidade ocorreram diversos racismos, mas o que denominamos como racismo na modernidade ocidental possui suas bases na universalização da ideia de um fenótipo que não pode existir de fato como semelhante, desejante e originário de uma história ancestral. “O racismo que se encontra na raiz dos desarranjos sociais extremos vivenciados em praticamente todos os países do mundo, tornando-o a última fronteira do ódio no planeta.”

Na hipótese de Moore (2007, p. 283), os racismos na história da humanidade ocorreram “em torno da luta e pela posse e preservação monopolista dos recursos vitais da sociedade”. No passado, eram os recursos naturais como terra, água, animais, territórios, minerais, flora, fauna etc., hoje são por acesso à educação, serviços públicos, poder político e todas as possibilidades de existir e viver dignamente com iguais oportunidades. Isso significa que o racismo permanece na sociedade humana e se atualiza de acordo com a conjuntura histórica para justificar a opressão de um grupo sobre o outro, ou seja, ele sustenta-se emocionalmente e historicamente. A modernidade atualizou o racismo partindo do fenótipo do negro, como afirma Moore:

Os preconceitos, medos, ódios seculares que o racismo gerou ao longo dos tempos se têm enraizado no imaginário coletivo dos diversos povos e sociedade, formando incríveis labirintos de sentimentos inconfessos de repulsa automática contra o segmento de origem africana e de insensibilidade para com seus interesses e anseios. (2007, p. 289)

A sociedade moderna gestou uma ciência partindo do pensamento filosófico ocidental pautado por dicotomias e oposição, por exemplo, razão-emoção, cultura-natureza, indivíduo-sociedade, identidade-diferença etc. Isso compõe uma lógica que conduz e governa nosso modo de pensar, aquilo que nos guia e orienta nossas escolhas no mundo. Para Oliveira e

Maida (2022, p. 142), a atualização do racismo na modernidade gerou a polarização racial binária, primeiro de brancos e não brancos e posteriormente, branco (civilizado-humano) e negro (selvagem-coisa).

A colonização moderna dos europeus em continentes americano e africano organizou o monopólio dos recursos das sociedades e do planeta de modo que o *continuum* de características fenotípicas que legitima o racismo estivesse exclusivamente no negro.

Na Europa [até hoje] o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do *homo occidentalis*, o preto, ou melhor, a cor negra, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome (FANON *apud* SANTOS, 2021, p. 121)

Para Mbembe (2018), há um discurso dicotômico entre negros e brancos, sendo os negros repletos de pulsões irracionais e sensualidade primária, ao passo que os brancos representam a razão e a civilidade.

No Brasil, território de imensuráveis labirintos a respeito da raça, ocorrem híbridos fenômenos de desumanização, até o século XIX, o indígena era chamado de “negro da terra” para se diferenciar do negro africano. No final do século XIX e início do XX, a simbolização da ordem fenotipizada se atualiza na ordem social da sociedade brasileira, em que observamos uma política de Estado para negros e indígenas.

A política indigenista adotada era de “proteção” para os aliados e de “guerra aberta” aos índios arredios ao método de colonização. Entretanto, com base nesse princípio, a escravidão indígena era permitida e justificada nas condições de “guerra justa” contra os grupos revoltosos até meados do século XIX.⁶

A partir de 1891, os povos indígenas passaram a ser tutelados, e o principal objetivo era promover o processo de integração e assimilação do “silvícola”, “habitante da selva” à sociedade nacional. Observe que no imaginário brasileiro o indígena só poderia ser escravizado caso não se submetesse à cultura do “branco”. Ao mesmo tempo, as lutas históricas da população negra e a mudança do capitalismo demandaram uma atualização na simbolização dos povos oprimidos, como salienta Aimé Césaire (2020 [1971]), o racismo evolui sempre.

Por gerações, os seres humanos negros foram impedidos de se tornar sujeitos. No Brasil do século XIX, contexto de invenção da nação brasileira, o Estado Nacional inicia a criação da identidade nacional partindo da ideia de que o futuro do Brasil seria embranquecer

⁶ Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v19i3.1721>. Acesso em 10.01.2023.

a população brasileira. João Batista de Lacerda, médico e subdiretor da seção de antropologia, zoologia e paleontologia do Museu Nacional, defendeu no Primeiro Congresso Universal de Raças, em Londres, a ideia de que o Brasil chegaria em 2011 sem nenhum negro (1911, p. 97). Esse relatório expressa a visão do Estado nacional brasileiro, como podemos evidenciar na lei de Terra:

Art. 17. Os estrangeiros que comprarem terras, e nelas se estabelecerem, ou vierem à sua custa exercer qualquer indústria no país, serão naturalizados querendo, depois de dois anos de residência pela forma por que o foram os da colônia de S. Leopoldo, e ficarão isentos do serviço militar, menos do da Guarda Nacional dentro do município.

Art. 18. O Governo fica autorizado a mandar vir anualmente à custa do Tesouro certo número de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agrícolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração pública, ou na formação de colônias nos lugares em que estas mais convierem; tomando antecipadamente as medidas necessárias para que tais colonos achem emprego logo que desembarcarem.” (Lei 601, 1850⁷)

Observe que o Estado autorizava que os estrangeiros comprassem terra e financiava a migração desses europeus à custa de recursos públicos. Não podemos esquecer que os negros não receberam terras da coroa portuguesa, somente os portugueses recebiam as capitanias hereditárias, nem foram indenizados com o fim da escravização, ao contrário, os escravagistas que receberam a indenização.

No início do século XX, a resistência dos negros e negras no Brasil modificou, uma vez que a Frente Negra Brasileira e os Clubes Negros se tornam o local de resistência e reexistência. O que o Estado negava, esses espaços possibilitavam. A Frente Negra Brasileira oferecia alimentação aos carentes, cursos de formação, manifestações da cultura negra, informação por meio dos jornais e espaço de lazer. A imprensa negra era extremamente significativa para pessoas que até então não podiam falar, escrever e serem lidos. Hoje escrevo porque há cem anos estamos construindo esse direito. Não podemos esquecer que a Frente Negra Brasileira, quando se organizou em Partido Político, sua existência foi proibida pelo Estado Novo, e a imprensa negra aos poucos foi ganhando outros contornos como os Cadernos Negros ou revistas, sites e blog digitais.

Os cidadãos negros no Brasil sofreram um processo de genocídio, como diz Nascimento (2016, p. 84), “o processo de miscigenação, fundamentado na exploração sexual da mulher negra, foi erguido como um fenômeno de puro e simples genocídio. O problema seria resolvido pela eliminação da população afrodescendente.

⁷ Lei 601 de 1850. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm. Acesso em 10.01.2023.

Sempre foi um projeto político a extinção de negros e negras, embora entre 1921 e 1923 a Câmara de Deputados discutiu a proibição da entrada de negros no Brasil, seu genocídio atualizou-se por meio da violência do Estado, homicídios praticados por policiais, encarceramento em massa, além de ausência de políticas públicas e direitos. A ausência de direito à educação já tinha sido estudada por Bastide e Fernandes (2008) no início do século XX, como é possível ver no relato a seguir:

Uma mãe vai queixar-se ao diretor, o filho já é grande, tem 9 anos, todo ano ele se apresenta e nunca existe vaga para ele, enquanto alunos brancos, vindo depois dele, foram aceitos. Um inquérito feito nos arquivos da escola mostra o fundamento da queixa. A dificuldade que tem o negro em encontrar lugar na escola é tal que muitas vezes os pais desanimam e acabam por desinteressar-se da inscrição [...]. Os professores brancos, pela falta mais insignificante, punem severamente o negro. Se há uma desordem qualquer na classe, é sempre ele o responsável. O resultado é que a criança entra todos os dias chorando em casa e a mãe acaba por tirá-la da escola" (BASTIDE; FERNANDES, 2008 [1959], p. 174.)

Ao analisarmos esse relato e outros estudos da sociologia brasileira, observamos a importância da Frente Negra Brasileira, do Teatro Experimental do Negro e do Movimento Negro Unificado na luta pelo direito de ocuparmos espaços de poder, por meio das políticas de ações afirmativas, escrevermos nossa própria história, inclusive como queremos e merecemos ser representados nos livros didáticos e na história oficial. Mas, sobretudo, na literatura e nas produções acadêmicas e artísticas. Enfim, escrevo porque posso ecoar minha voz e, por meio dela, escuto as vozes de subjetividades caladas e sepultadas.

Como afirma Foucault (1984 p. 11), a construção da verdade acontece com base em uma economia política dos discursos científicos presente nas instituições, dos objetos de consumo nos aparelhos educacionais e informação, nos aparelhos políticos e econômicos como forças armadas, nas universidades, nos meios de comunicação e nos espaços públicos de lutas ideológicas. Ao longo da história, o movimento negro, bem como o movimento indígena têm ampliado sua participação nos espaços públicos de lutas ideológicas, às vezes por meio de movimentos de resistência como quilombos e grupos de libertação de escravizados, exemplos de constituição de lutas armadas.

Ocorreram também movimentos políticos por direitos, por exemplo, abolicionista ou ações jurídicas realizadas por Luiz Gama (1830-1882), para garantia de direitos dos negros e negras. Não obstante, as confrarias, imprensa negra, os clubes negros, Teatro Experimental do Negro. Atualmente o Movimento Negro Unificado, o Movimento Feminista Negro e as instituições como Geledes, são exemplos de instituições de luta política, econômica, educacional e informacional.

Não obstante, a criação de instituições de Estado como a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), criada em 2003, Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, criado em 2015, o Ministério da Igualdade Racial, instituído em 2023, além do Ministério dos Povos Indígenas, criado em 2023, são responsáveis pela constituição das políticas de ações afirmativas. Ao mesmo tempo, o surgimento de núcleos de pesquisa nas universidades e a produção de linhas de pesquisas possibilitam produzir discursos científicos que problematizam e alteram o olhar sobre a negritude e a branquitude.

Como mencionado anteriormente, os afro-indígenas deixam de ser mero objetos para se tornarem sujeitos. Para Foucault (1984, p. 11), “por ‘verdade’, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”. A luta e conquistas históricas dos homens e mulheres afro-indígenas possibilitam que hoje eu escreva e produza conhecimento, talvez ainda buscando descolonizar, mas um saber que luta por romper as fronteiras do colonialismo eurocêntrico.

1.2. Por que escrevo? Escrevo, porque preciso escrever!

E quando digo que necessito é porque, ao escrever, elaboro melhor a existência, o lugar que vivo, a época que habito e os traumas, sintomas e mecanismos de defesa da minha psique. Ao olhar a realidade, analisar e sistematizar, entro em contato com meu inconsciente, ou, pelo menos, surgem pistas do que está reprimido, o que pode ser a causa das dores, sofrimentos e desejos. Enxergar a realidade é uma opção cultural que demanda significar o que é representado pela linguagem. Nesse sentido, o saber psicanalítico pode auxiliar a sistematizar e escrever o que é ser afro-indígena no Brasil contemporâneo.

Dessa forma, podemos desenvolver o conceito de afro-indígena, o qual está em disputa e desconstrução, como diz Derrida (2014). O termo “povos indígenas” é uma categoria criada para representar os povos originários em alusão ao termo colonizador índio. Cada povo originário nomeia a si próprio de modo particular, podendo ser, por exemplo, Boras, Yanomamis, Campas, Xavantes etc. No caso dos povos africanos, historicamente eles foram proibidos de manifestar sua língua, cultura e religião, o que gerou um apagamento por geração da sua origem (Ashantis, Fantis, Iorubás, Ewes, Fons, Nagô etc.). As pessoas que possuem ascendência “negra” e “indígena” e que, por violência do dispositivo-colonizador-escravista, estão impossibilitados de nomear sua origem, autodeclaram-se afro-indígena. O conceito está em disputa porque algumas linhas acadêmicas atribuem ao termo uma forma de manutenção e atualização da ideologia colonial de nomear, estigmatizar e desumanizar os povos oprimidos, no entanto, assim como o movimento negro ressignifica o termo “negro”, antes utilizado pelo colonizador para identificar o negro fujão que valia pouco, trata-se de um

processo de se tornar sujeito, escolher e ressignificar os termos na sociedade. Como afirma Deleuze (2018, p. 270), “[...] os conceitos devem intervir, com uma zona de presença, para resolver uma situação local. Eles se modificam com os problemas. [...] os conceitos são as próprias coisas, mas as coisas em estado livre e selvagem, para além dos predicados antropológicos”.

O que defino como afro-indígena está em desconstrução. Segundo Derrida (2014, p. 9), é o fenômeno de desfazer e resistir ao discurso único: “[...] a tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes”. É uma desorganização dos conceitos em face do seu discurso, uma apropriação livre do passado para poder existir como sujeito que faz acontecer. É fazer viver de outra forma as representações do real e os mecanismos de compreensão dos significados, é criar outra episteme que considera outras vozes e perspectivas.

O conceito de afro-indígena será o que vai acontecer ao longo da escrita desta tese, será a minha condição de movimento entre a minha história, as histórias dos outros e as estruturas da época em que vivo, talvez não conclua o conceito, mas deixarei pistas para o futuro.

1.3. A teoria sociológica para explicar o indivíduo/sujeito/pessoa/cidadão moderno

Os cidadãos brasileiros podem ser reconhecidos por sua naturalidade, local de nascimento, e regionalidade cultural, por sua classe social, por seu gênero, sua idade, nível de instrução, profissão etc. Mas, ao analisar todos esses dados em conjunto, talvez o marcador que melhor possibilita compreender o que significa ser brasileiro e a desigualdade social no Brasil são as questões relacionadas à raça, cor e etnia.

No Brasil, desde 1872, com algumas poucas alterações, as pessoas são classificadas como “pretas, pardas, brancas, amarelas e indígenas”, o sistema de classificação é um corte, por vezes arbitrário do Estado, ou por autodeclaração. No caso do censo, as pessoas se autodeclararam em uma das categorias mencionadas, conforme o imaginário simbólico, ou em situações em que o cidadão é classificado por outras pessoas quando não está em casa ou já é falecido.

Ao longo do século XX, os termos “preto, pardo e negro” foram ressignificados de acordo com as reflexões do movimento negro e as classes intelectuais. O termo negro, por exemplo, era utilizado no século XIX com a conotação de “nego fujão” ou, no caso de indígenas, com “nego da terra”, um significado por vezes pejorativo e que o movimento negro reivindicou como autoafirmação de uma identidade racial diferente da atribuída pelo Estado brasileiro.

Discutir a identidade racial necessita, antes de tudo, reflexão acerca da ideia de identidade, um conceito complexo, segundo Hall (2006), muito pouco compreendido nas ciências sociais atuais. O fenômeno psíquico individual de pertencer a uma coletividade é compreendido como atributo do mundo moderno e da cultura ocidental. Se realizarmos uma genealogia acerca das diversas versões do que atualmente nomeamos como subjetividade, podemos encontrar vários conceitos neste emaranhado de ideias como, por exemplo, pessoa, indivíduo e sujeito. Somente os seres emancipados e conscientes dessa autonomia podem realizar escolhas e se constituir como soberano de suas vontades, como nos ensina Nietzsche, na obra *Genealogia da Moral* (1998 [1887]).

Liberdade e escolha sempre estiveram no âmago das reflexões sobre o ser humano e na própria experiência de vida, é possível definir liberdade de diversas maneiras e não se chegar a um consenso, mas é possível saber se é livre ou cativo. Assim como escolher, podemos nunca compreender porque escolhemos ou como, mas sabemos quando a realizamos.

A vida constitui-se na experiência de se relacionar com outros seres semelhantes, da mesma espécie, ou com outras espécies, com sua história e cultura ou até mesmo a significação da realidade. Na tradição ocidental, há duas heranças que contribuíram para forjar esses sentimentos de liberdade e escolha, afinal só um ser livre pode realizar escolhas. Os romanos cunharam o termo *persona* que, segundo Adorno e Horkheimer:

[...] era o termo romano para máscara do teatro clássico. Em Cícero, a palavra foi sublinhada para designar a máscara do personagem com que alguém se apresenta diante de outros; o papel de alguém [...] o conceito passou a designar o cidadão nascido livre, como pessoa jurídica, em contraste ao escravo. (1956, pp. 47-48)

Os autores fazem uma genealogia do termo, mas o que nos interessa são as mudanças e permanências, o sentido na antiguidade não dizia respeito a uma subjetividade, ao contrário, uma posição social de pertencimento a um grupo. O interessante é que o termo hoje pode possuir diversos significados, a pessoa física para designar os cidadãos brasileiros num cadastro nacional que possibilita o Estado fiscalizar a movimentação financeira e cobrar impostos – CPF (Cadastro de Pessoa Física), com a mesma finalidade, o cadastro de pessoa jurídica – CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) para instituições. Não obstante, o termo também é utilizado para contrapor as classificações dos humanos por gênero binário (homem/mulher; masculino/feminino), o movimento LGBTQI+ reivindica que os seres humanos sejam nomeados de pessoa, na comum afirmação que ilustra a ideia – eu gosto de pessoas em contraposição às falas – eu gosto de homem ou – eu de mulher.

No entanto, na sociedade globalizada contemporânea, os seres utilizam diversas *personas*, ou seja, diversas máscaras de acordo com o local, as relações e os interesses. O

sistema educacional e a educação dos pais visam preparar as crianças para saber utilizar essas máscaras, de acordo com o ambiente, seja no mundo do trabalho, na vida pública como cidadão e até mesmo nas relações intersubjetivas, o que é mais importante é constituir uma rede de relações, um capital social. Para Bourdieu (1996), é onde as pessoas conhecem e reconhecem seu valor, suas habilidades e seu “jeito de ser”. Modular seu comportamento é sem dúvida uma das maiores competências da atualidade. Pode-se agir de modo politicamente correto, respeitando-se as diferenças, mas não reconhecer o outro como semelhante. Há uma brecha nas máscaras sociais que vestimos, pois encarnamos múltiplas identidades no convívio social que podem ser o sentimento de pertencer a um grupo, além da identidade, na maioria das vezes, constituir-se na relação com o diferente.

Identitarismo ou cultura do narcisismo pode ser definido quando um indivíduo pertence a um grupo com fim em si mesmo, rejeita os atravessamentos sociais, o contexto histórico e a relação com as estruturas sociais. O grupo busca e se define por uma essência que é falaciosa por dois motivos, primeiro porque não pertencemos a um único grupo. Sou homem, porque pertenço ao grupo de pessoas com anatomia, comportamentos, posição social e desejos semelhantes, mas sou homem porque não sou mulher. Contudo, na modernidade, diversas identidades surgem: gênero binário e não binário, classe social, nacionalidade, religiosidade, etnicidade, cultura, geração, raça, etnia, cor etc. Então sou homem, mas sou negro e de classe média, portanto, não usufruo dos privilégios do homem-hetero-branco-rico. Sou atravessado por minha condição social, história, origem e estrutura social.

O segundo motivo da falácia é porque a busca por uma afirmação de identidade passa, segundo Roudinesco, por “*reconhecer-se a si* diante da nadificação proposta pela racialização da vida social ou das formas normativas da sexualidade, que organiza a visibilidade e a álgebra do poder”⁸. No campo psicanalítico, como menciona Barros (2022), a identidade nasce de uma ilusão subjetiva para organizar fantasias que temos de nós mesmos. Quando afirmamos pertencer a tal grupo, colocamo-nos diante de uma experiência psíquica, que, segundo Freud, em *Totem e Tabu* (2012 [1913]), trata-se de uma realidade psíquica, nunca uma realidade concreta, ou, conforme afirma Mezan (1986, p. 21), “a identidade situa-se no ponto de cruzamento entre algo que vem de nós, o equipamento psíquico com o qual nascemos, [ou que se constitui] e algo que nos vem de fora, isto é, da realidade externa”.

As identidades surgem partindo-se de um outro sentimento fantasioso, mas ainda não é o momento de se aprofundar nessa questão, conhecido como livre-arbítrio. Essa ideia desenvolvida por Santo Agostinho (2000 [397-400]) apresentava a concepção que só os seres humanos podem escolher reprimir os seus desejos carnavais para “ganhar” o reino eterno. Como já mencionado anteriormente, ao longo dos séculos, o pensamento ocidental cultivou a

⁸ Disponível em <https://revistarosa.com/5/identidade-nao-e-sinonimo-de-identitarismo>. Acesso em 10.01.2023.

dicotomia entre razão e emoção, desejos e renúncia, natureza e cultura. O auge está no pensamento de Descartes, Cogito ergo sum, sou porque penso.

A racionalidade ocidental moderna que desencantou o mundo recebeu contribuições do pensamento religioso cristão e do judaísmo, segundo Souza (2021a, p. 66), “[...] os judeus, um pequeno povo cercado por adversários poderosos, puderam sobreviver à escravidão e manter sua identidade mesmo sem pátria ao longo de milênios”. É na necessidade de sobreviver que os judeus se reconhecem como grupo, não obstante, nesse grupo, surge também uma ética coletiva de viver para o grupo ou ser aniquilado.

A modernidade está incrustada nas ideias de pertencer a um grupo, poder escolher que vida viver e, como nos ensina Weber, na obra *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2000 [1934]), na crença que a razão humana pode conhecer, desvelar e dominar tudo que existe no mundo. Essas características do indivíduo moderno nascem, segundo Souza (2021a, p. 65) “[...] da própria moralidade ocidental centrada na ideia do indivíduo com capacidade de julgamento autônomo”.

Os estudos sobre esse indivíduo autônomo centrado em si mesmo foram iniciados na modernidade, segundo Nogueira (2021, p. 41), “[...] a partir de Descartes, que introduziu o conceito de autonomia do eu, no primado do ‘eu sou’ e do ‘eu penso’, independente dos sujeitos concretos, entendidos por Descartes, como *sum res cogitans*, por Fichte, como “eu absoluto” e por Husserl, como consciência pura”.

O que Nogueira (2021), Adorno e Horkheimer (1956) problematizam é esse ser moderno que privilegia sua individualidade em detrimento da coletividade. Em sociedades tradicionais, os membros existem para o coletivo, e suas escolhas estão baseadas no bem-estar e sobrevivência de sua comunidade. Sobretudo, em comunidades que são oprimidas, violentadas ou que a sobrevivência econômica necessita de acordos e trocas entre famílias, tomemos como exemplo, as sociedades ameríndias ou as tradicionais castas indianas.

No ocidente, Souza (2021a) estuda essa influência no povo judeu, existe um momento na história deles que essa ética coletiva de obediência incondicional, embasado numa escolha de viver para o coletivo e sobreviver diante das adversidades, torna-se uma instância moral refletida e consciente.

A noção de indivíduo como realidade moral refletida foi produto de condições sociais muito específicas. Foi uma ideia que teve de ser “inventada”, criada historicamente, e por isso o estudo da evolução das formas religiosas da moralidade tem importância decisiva. [...]. Toda a história do Ocidente, naquilo que ela tem de mais importante e relevante, teve sua origem na criação de uma ideia de indivíduo como instância moral refletida e consciente. E seu berço foi a profecia ética do judaísmo antigo. (SOUZA, 2021a, p. 68)

Souza diferencia moralidade de moralismo, o primeiro é o que vive em nós e nos possibilita fazer escolhas, além de nos tornarmos responsáveis pela vida e como vivemos, pode se dizer que é o que nos diferencia das outras espécies. O moralismo é compreendido com o conjunto de regras morais tradicionais que regem a conduta do indivíduo. Observe que esse indivíduo ocidental, inventado historicamente é consequência das tradições religiosas (cristão e judaicas), das reflexões filosóficas e científicas da modernidade que problematiza essa ideia do indivíduo como mônada e de uma individualidade isolada, mas também da experiência de uma sociedade burguesa.

Nos estudos de Weber, em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* (2000 [1934]), o modo de vida da ética protestante favoreceu o desenvolvimento do capitalismo moderno, obviamente que não se trata de condição para sua existência. O que a sua investigação conduziu sobre o desenvolvimento do capitalismo é a relação racional promovido pelo sistema ético. Os valores protestantes de caráter calvinistas são a disciplina ascética (devoção aos ensinamentos e tradições religiosas), uma vida de austeridade sem ostentação, poupando o que ganha, o trabalho como vocação de maneira que a prosperidade é um indício de predestinação divina, ou seja, evidências de que você é escolhido por Deus.

A ideia por trás dessa ética é bem racional, pois é impossível saber se o indivíduo é escolhido por Deus, mas se for, então é filho de Deus e, conseqüentemente, não pode viver na miséria, já que o mundo foi criado por Deus. O método racional de vida (disciplina, poupança, austeridade e trabalho) pode levar o indivíduo à prosperidade, o que “casa” perfeitamente com o espírito do capitalismo que é a obtenção de lucro e a acumulação de capital.

Na perspectiva de Karl Marx (1818-1883), o capitalismo é o modo de produção no qual as relações são baseadas no capital, organiza-se na divisão dos proprietários dos meios de produção e dos trabalhadores assalariados. O nascimento do capitalismo é consequência dos conflitos entre as relações de produção e as forças produtivas, e a burguesia e o poder senhorial no feudalismo. A revolução que destruiu os estamentos, corporações, grêmios e privilégios do sistema feudal fez surgir o Estado e o Indivíduo Moderno, segundo Marx:

A revolução política suprimiu, com ele, o caráter político da sociedade civil. Dividiu a sociedade civil em suas partes integrantes mais simples: de um lado, os indivíduos e, de outro, os elementos materiais e espirituais, que formam o conteúdo de vida, a situação civil desses indivíduos. Libertou de suas cadeias o espírito político, que estava como que cindido, dividido e frustrado em vários compartimentos da sociedade feudal; tirando – o dessa dispersão, reunindo-o novamente, despojando-o de sua perplexidade diante da vida civil, a revolução política fez com que viesse a se constituir – como esfera de comunidade, da incumbência geral do povo – na independência ideal em relação àqueles elementos especiais da vida civil. A atividade determinada de vida e a situação de vida determinada passaram a ter um significado puramente individual. (MARX, 1959 [1843], p. 35)

Para Marx, o ser humano no capitalismo adquiriu a liberdade religiosa, de propriedade, tornou-se independente, no entanto comporta-se em buscar as necessidades do mundo burguês, um ser egoísta e independente, que se constitui como cidadão nessa moral burguesa.

No século XXI, a organização do capitalismo torna-se ainda mais complexa com uma organização mundial da produção, dirigida por grandes corporações que não possuem um único dono, mas diversos acionistas, não obstante, as classes sociais se pulverizaram, há assalariados que ganham milhões por anos e, ao mesmo tempo, empresários ou pequenos produtores que sobrevivem com menos de \$ 10.000,00 (dez mil) dólares por ano. Segundo dados do IBGE (2022), 79,8% da população brasileira ganha menos de R\$ 6.060,00 (seis mil e sessenta reais) por mês, menos de mil dólares por mês.

Nesse bojo, estão diversos tipos de trabalhadores com diversos regimes de trabalho, ocupação ou empreendimentos, por exemplo, donos de pequenas lojas, bares e restaurantes nas periferias, pequenos agricultores, microempreendedores individuais, além de outros trabalhadores que estão na categoria de pessoa jurídica, portanto, na teoria, portadores dos meios de produção, mas que na verdade são trabalhadores precarizados, intermediados às relações de terceirização e quarteirização. O modo de produção capitalista atualiza-se de modo a maximizar o lucro em detrimento da exploração da força de trabalho.

Apesar das modificações da época em que Karl Marx analisou o capitalismo, alguns fenômenos estudados pelo autor (1946, p. 31) nos ajudam a compreender o indivíduo moderno, o processo de alienação e o papel do Estado Moderno. “Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência”.

Na perspectiva marxista, o que faz uma pessoa trabalhar para um patrão em troca de um salário mínimo, enquanto o dono do negócio fica com todo o lucro? Por que as pessoas acreditam na moral e ética da nossa época? O que hoje é correto, em outros períodos já foi errado e vice-versa. Para Marx, cada modo de produção possui uma ideologia que sustenta o funcionamento e organização da produção, assim como o lugar de cada indivíduo na sociedade. O que o autor nomeou como relações de produção, isto é, os valores morais, éticos e estéticos, os costumes, as leis, a comunicação etc.

Nesse processo ideológico, o indivíduo sujeita-se aos valores de sua época, pois é alienado por meios da educação promovida pelas instituições ou como nomeou Althusser (1970), aparelhos ideológicos. No *Manifesto Comunista* (1848) e na obra *A Ideologia Alemã* (1923), Marx enfatiza como o Estado Moderno se torna o comitê executivo da burguesia ao fomentar, impor, produzir, reproduzir, fomentar e ensinar os valores burgueses do modo de produção capitalista. Como afirma Althusser:

A Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam “saberes práticos”, mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da “prática” desta. Todos os agentes da produção, da exploração e da repressão, não falando dos “profissionais da ideologia” devem estar de uma maneira ou de outra “penetrados” desta ideologia, para desempenharem “conscienciosamente” a sua tarefa – quer de explorados (os proletários), quer de exploradores (os capitalistas), quer de auxiliares da exploração (os quadros), quer de papas da ideologia dominante (os seus “funcionários” etc. (1970, p. 22)

Por aparelhos ideológicos, Althusser compreende as instituições distintas daquelas que utilizam da violência física, por exemplo, família, igreja, sindicatos, escolas, imprensa, judiciário, cultural e político. Sem dúvida, os aparelhos de Estado funcionam simultaneamente com os aparelhos ideológicos de Estado, e ambos reprimem e são ideológicos, a diferença é que um se responsabiliza por reprimir e utilizar da violência física, outro prioriza a ideologia e, quando necessário, a violência psíquica e simbólica.

O que é ideologia? Como definir? Segundo Aranha e Martins (2009, p. 120), Destutt de Tracy, no século XIX, define ideologia como a ciência das ideias, Comte, Durkheim, Weber e Mannheim incorporaram o conceito e modificaram seu sentido de acordo com suas ideias. Mas, segundo Chauí (2000, p. 76), Marx alterou e ampliou o conceito, demonstrou como a ideologia impossibilita que o trabalhador tome consciência da alienação, assim como Freud demonstrou os limites da razão e da consciência criando o conceito de inconsciente.

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos. (FREUD, 2019 [1900], p. 10.339)

Esse conjunto de ideias, normas, condutas e representações que atravessa o indivíduo de maneira a constituí-lo acontece de acordo com a classe que detém o poder no modo de produção. A ideologia acontece de modo a naturalizar, universalizar, abstrair, camuflar, ocultar e inverter a realidade de maneira que o efeito é compreendido como causa. Portanto, ao inserir essa camada na discussão e atualizarmos o debate, para Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981), o sujeito é supostamente consciente, tem a ilusão de que tudo que pensa, diz, cala, faz, sente e deseja está sob o controle da consciência, mas desconhece a força invisível – psíquico e social – que age sobre a consciência, o inconsciente (CHAUÍ, 2000, p. 63).

Segundo Silva, “na perspectiva pós-modernista, nisso inspirada nos *insights* pós-estruturalistas, o sujeito não é o centro da ação social. Ele não pensa, fala e produz: ele é pensado, falado e produzido. Ele é dirigido partindo do exterior: pelas estruturas, pelas

instituições, pelo discurso. Enfim, para o pós-modernismo, o sujeito moderno é uma ficção (2016, p. 1.692).

Foucault (1994) afirma que o sujeito não existe como ser autônomo, mas resultado de um processo de produção cultural e social, nós recebemos as identidades com base nos aparatos discursivos e institucionais. O sujeito é o resultado dos dispositivos que o constroem como tal. Isso significa que o sujeito moderno não é tão autônomo, ou pensa que realiza suas escolhas, mas talvez algumas coisas o antecedem.

No final do século XIX, a luta por direitos sociais e políticos organizada por sindicatos e movimentos dos trabalhadores reivindicam, junto ao Estado melhores condições de vida, trabalho e participação política, ainda no final desse século, as mulheres se organizam também por essas pautas, mas por liberdades e direitos civis e políticos.

No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, a luta por direitos intensificou-se e ampliou as pautas identitárias, afinal os marcadores sociais demandam políticas públicas específicas, já que ser mulher branca é diferente de ser mulher negra, ser um trabalhador branco é diferente de ser um trabalhador negro, assim como ser heterossexual é diferente de ser homossexual ou bissexual. Do ponto de vista da discriminação social e preconceito, as pessoas, dependendo dos seus marcadores sociais, eram impedidas de acessar direitos ou viver dignamente, enquanto outros desfrutavam de privilégios e direitos básicos. Observe que os discursos ideológicos criados por instituições definiram esses marcadores sociais e, a partir de então, foi imposto o papel das pessoas na sociedade e como elas devem agir e se comportar. A ideologia de heteronormatividade definiu os comportamentos das pessoas segundo suas genitálias, inclusive os desejos, hábitos e costumes. Em conjunto com essa ideologia, o patriarcado e machismo fez a mesma coisa com as pessoas que nasciam com vagina.

A ideologia do racismo, atualizada na modernidade, desumaniza as pessoas por sua cor da pele e seus traços fenótipos. Essas são assassinadas por meio dos aparelhos de repressão do Estado e sofrem com a ausência de direitos, mesmo pagando impostos. A ideologia do nacionalismo justifica que pessoas possam viver dignamente com acesso ao conhecimento produzido pela humanidade. No entanto, enquanto há o descarte de comidas e remédios, outros morrem de doenças curáveis e falta de alimentos por terem nascido em países pobres. Mesmo nessas ideologias da modernidade, o ser humano é múltiplo, afinal, com as liberdades civis e políticas prometidas pelo modo de produção capitalista e materializado pela democracia liberal, cria-se um ser moderno que se reconhece em múltiplas identidades. No final do século XX e início do século XXI, o sujeito contemporâneo passou a ser um indivíduo com diversas identidades e, portanto, com subjetividades próprias e únicas.

Os seres humanos no mundo contemporâneo, atravessado por diversas ideologias, vivem suas subjetividades em crise sobre a veracidade e autonomia dos seus desejos. Afinal,

quais as identidades do sujeito contemporâneo? Onde “mora” a autonomia se é atravessado por ideologias e fantasias? Como compreender os desejos e saber realizar escolhas?

1.4. A psicanálítica: um suposto saber na encruzilhada

Escrevo porque há um dilema entre a antropologia e a psicanálise, a primeira define o conceito de identidades, e a segunda, o conceito de identificação promovido pelo Ego. Como afirma Silva Júnior et al. (2017c, p. 172), “a identificação é um processo que transforma o externo em interno”. Por ser antropólogo e psicanalista preciso me posicionar num diálogo com essas duas tradições de saber.

A psicanálise é um saber criado por Sigmund Freud no século XIX para “levar o que se acha reprimido na psique ao reconhecimento, e todo aquele que julga é ele próprio um ser humano que tem essas repressões, mantidas talvez a duras penas” (FREUD, 2013 [1910], p. 263). Em outras palavras, Freud descobriu que os sintomas que se manifestam no corpo possuem sua origem na psique, assim como os distúrbios mentais como as neuroses são consequências de como o indivíduo interpreta a realidade.

É um método de investigação dos processos mentais que, por meio da fala, pode levar o sujeito a conhecer os seus desejos. A análise, como é definido o procedimento terapêutico, acontece na relação de transferência estabelecida entre o paciente e o psicanalista por meio da interpretação das representações mentais, como sonhos, desejos, pensamentos e lembranças do paciente. No *setting* analítico, o sujeito entra em contato com seu inconsciente, é um processo de inconsciente para inconsciente (psicanalista e paciente) conduzido por um “suposto saber”, isto é, o psicanalista conduz a sessão e ocupa o lugar (inconscientemente) de pessoas ou situações que o paciente viveu, de modo a reconstruir a experiência vivida no passado quando ocorreram os traumas ou as repressões que originaram os sintomas, distúrbios e desejos de repetições. Nesse processo, o analista é “um sujeito [que] não supõe nada. Ele é suposto pelo significante que o representa para outro significante” (LACAN, 2003a [1967], p. 253).

O analista não cura o paciente, a “cura”, ou melhor, como afirma Roudinesco (2022, p. 26), “essa é exatamente a teoria da liberdade própria da psicanálise: reconhecer a existência de um destino para melhor se emancipar dele”. Nesse saber, o indivíduo entra em contato com seus desejos inconscientes que dirigem a sua vida e decide sequer permanecer ou continuar agindo de modo a satisfazer esses desejos. O que antes era um destino se torna uma escolha, não sem dor, sofrimento e renúncia, porque o desejo não some, mas o indivíduo o conhece e às vezes consegue saber a causa.

A questão é como funciona a psique humana? Freud, em 1900, no livro *A interpretação dos Sonhos*, definiu a primeira tópica da psique humana, consciente, pré-consciente e

inconsciente. O que existe de novo em sua elaboração é a compreensão que o aparelho psíquico não é físico, mas simbólico e funciona por meio dos efeitos da linguagem. A consciência é nossa percepção da realidade no estado de vigília. O inconsciente é o “local” atemporal onde estão arquivadas todas as informações que absorvemos ao longo da vida. É onde se encontra o material reprimido pelo nosso cérebro (desejos proibidos, pulsões, traumas, fantasias, medos e memórias). O pré-consciente é o “local” onde se encontra o material que não está reprimido, por isso não podemos acessar algumas fantasias, medos e as memórias.

Em 1923, Freud publicou *O Ego e o Id*, nessa obra o autor apresenta a segunda tópica do aparelho psíquico. Trata-se de um modelo “dinâmico” e composto por três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego. O ego representa a razão e o senso comum, o id, as paixões e o superego, a Lei, regras morais e éticas, a responsabilidade social e coletiva.

Na visão psicanalítica, as duas tópicas funcionam articuladas entre elas. O Ego habita na consciência e na pré-consciência, mas recebe os impulsos do inconsciente, o Id e o Superego habitam no inconsciente, mas agem sobre o Ego que, na verdade, é quem administra a busca do prazer total do Id e a cobrança exagerada do Superego.

Não é possível fazer o que se quer a todo momento e viver só de satisfação, até mesmo porque a busca desenfreada de prazer pode levar a morte, não é possível gozar o tempo todo. Ao mesmo tempo que os limites sociais e culturais impostos pelo Superego são fundamentais, viver sob um controle e cobrado o tempo todo também leva à morte, pois, assim, nessa cobrança, não se faz escolhas e não é possível gozar. Por isso, o Ego deve equilibrar a pressão do Id e Superego, mas, para isso, deve-se estar fortalecido.

O Ego é a instância mental que possibilita ao indivíduo reger a vida, agir com ética e se responsabilizar pelo que faz. No entanto, na teoria psicanalítica, os seres humanos possuem três psicopatologias: psicose, perversão e neurose. A estrutura psíquica de um psicótico é cindida, o Ego é frágil, não dá conta de administrar a vida do indivíduo, pois não diferencia o que é consciente e inconsciente, pode viver em delírios, fantasias e alucinações, não é o caso de classificarmos os diversos diagnósticos clínicos.

Já os perversos e neuróticos se caracterizam, o primeiro pela recusa em reconhecer fatos, problemas, sintomas e dor, o segundo, por recalcar ou reprimir a castração que é o momento que o sujeito é submetido ao limite, a fase de desenvolvimento psicosssexual da criança, chamada fase fálica. Nessa fase, a criança sofre o interdito, a criança que deseja um dos progenitores, no caso da menina é o pai, e do é menino a mãe, e rivaliza com o outro, a castração é o processo de proibição que leva o sujeito a reprimir esse sentimento diante da impossibilidade do incesto. Isso no neurótico, o perverso denega, recusa a reconhecer e aceitar a impossibilidade do incesto.

Essa explicação faz sentido para o mundo ocidental da família burguesa e patriarcal. Mas em outras culturas e povos? Há uma pesquisa realizada em Dakar no Senegal sobre o *Édipo Africano* (1989) dos povos *Serer* e *Lebou* que são matrilineares e, os *Wolof* que são patrilineares. Na região *Serer*, metade dos meninos eram criados pelo tio materno, observe o relato da mãe:

Quando ele fica grande, dois anos, três anos, é um menino, é preciso que vá para longe de mim para saber bem o que se faz. Se ele fica, diz para sim mesmo: Meu Pai, minha mãe estão aí. Diz tudo o que quer e o tem; não trabalha, vai para a escola, mas não aprende suas lições. (ORTIGUES, 1989, p. 30)

Segundo relatos da pesquisa, a criança ainda podia ser dada a um parente, amigo solteiro ou idoso para fazer companhia. A ideia, além de acontecer o interdito e a criança ir para vida, era também que ela pudesse honrar seus pais. Por mais que, do ponto de vista ocidental, essa possa ser uma ação questionável, nessa cultura, o cuidado não possui o mesmo significado que compreendemos no ocidente e, sobretudo, os costumes apontam uma ideia distinta de responsabilidade, já que mesmo se a criança estivesse sendo maltratada pelo tutor seria uma afronta o pai ou a mãe retomar a criança.

Se, no modelo ocidental, o filho imagina matando o pai, nessa cultura, o filho rivaliza com o ancestral, a cultura faz o interdito, nesse caso a rivalidade não é o pai, mas o ancestral que já se encontra morto. Para os *Serer*, o Baobá é a árvore que os espíritos dos ancestrais habitam de modo que a angústia da castração está associada a essa árvore. “A árvore equivale a representar a autoridade dos ancestrais; é lá onde se recebe a lição dos velhos, dos pais vivos, mas ninguém pode se identificar com a árvore; ela significa o que ninguém pode ser” (ORTIGUES, 1989, p. 85).

Então, neste contexto, o pai é o intermediário entre o filho e o ancestral, portanto há uma transferência, e a rivalidade é deslocada para os irmãos, inconscientemente o desejo é superar o irmão ou simbolicamente matar o irmão equivale a matar o pai na cultura ocidental. Modelos diferentes, mas o fenômeno psíquico é o mesmo. No decorrer da pesquisa, Ortigues relata as neuroses e psicoses desse Édipo Africano. Perceba que nenhum ser humano, por viver em sociedade, está livre de desenvolver psicopatologia. Para compreendermos melhor, podemos regredir um pouco na formação do Ego.

O Ego ou *Eu* do homem moderno possui como característica a individualidade e autonomia, no entanto o processo social que permite a constituição da subjetividade é movido pela internalização de modelos ideais, esses por sua vez acontecem na socialização do indivíduo com a família, as instituições sociais, a cultura e o Estado. São os processos de identificação que constitui o agir partindo de tipos ideais, esses modelos de orientação de

como desejar, julgar e agir. Em outras palavras, segundo Safatle, o desenvolvimento do Eu é “alienar-se, já que significa ter sua essência fora de si, ter seu modo de desejar e de pensar moldado por um outro” (2017, p. 145).

O momento na vida do ser humano que inicia esse processo de identificação é a partir da compreensão da criança de que a mãe não é extensão do seu corpo ou que ele e a mãe não são um ser só. Na interação com o externo, segundo Lacan (1998a, p. 93-103), a função do Ego antecede o Cogito, o pensar. É no momento que a criança vê sua imagem especular na relação com a mãe ou cuidador que num processo de identificação se reconhece como sujeito, como objeto e como desejo. A formação do Eu depende de a criança reconhecer a si própria na imagem especular de um outro bebê, então se identificar e ter apreensão da totalidade do seu corpo.

O que Lacan pretende com essa descrição do *Eu* por meio de processos de identificações no qual o bebê introjeta a imagem externa oferecida por um *Outro*, é o processo de alienação do sujeito. Safatle, citando Lacan menciona que “nada separa o *eu* de suas formas ideais” absorvidas no seio da vida social, pois “o *Eu* é um objeto feito como uma cebola, podemos descascá-lo e encontraremos as identificações sucessivas que o constituíram” (LACAN *apud* SAFATLE, 2017, p. 276).

A grande questão é como se responsabilizar pelo que faz se o *Eu* desconhece sua origem e as projeções na mente da realidade? Para Lacan, a experiência subjetiva acontece por meio de campos de significação, denominados de Imaginário, Simbólico e Real. O Imaginário é “um conjunto de imagens ideais que guiam tanto o desenvolvimento da personalidade do indivíduo quanto sua relação com seu próprio meio ambiente” (SAFATLE, 2017, p. 276). Apesar de as imagens que existem no meio serem fruto da projeção dos desejos narcísicos do sujeito, o desejo é sempre o desejo do outro, como vimos no desenvolvimento do Eu. Segundo Žižek:

Lacan introduz uma distinção precisa entre esses três termos: “eu ideal” designa a autoimagem idealizada do sujeito (a maneira como eu gostaria de ser, a maneira como eu gostaria que os outros me vissem); ideal do eu é a agência cujo olhar eu tento impressionar com minha imagem do eu, o grande Outro que me vigia e me impele a dar o melhor de mim, o ideal que tento seguir e realizar; e supereu é essa mesma agência em seu aspecto vingativo, sádico, punitivo. O princípio estruturante subjacente a esses três termos é claramente a tríade de Lacan imaginário-simbólico-real: o eu ideal é imaginário, o que Lacan chama de o “pequeno outro”, a imagem especular idealizada de meu eu; o ideal do eu é simbólico, o ponto de minha identificação simbólica, o ponto no grande Outro a partir do qual eu observo (e julgo) a mim mesmo; o supereu é real, a agência cruel e insaciável que me bombardeia. (2010, pp. 82-83)

Observe que na teoria de Lacan os processos de socialização são de alienação do *Eu*, no entanto há no interior do ser humano algo que não é um *Eu*, algo que foi recalcado pelo surgimento do *Eu*, o que Lacan chama de “sujeito”, Je (o sujeito do desejo) e moi (o Eu produzido pela imagem do corpo). Esse desejo “puro”, deseja desejos e não o objeto, é um falta-a-ser, como menciona Safatle:

Um modo de ser que demonstra essa indeterminação fundamental do sujeito moderno, essa liberdade manifestada pela ausência de essência positiva que faz com que ele nunca tenha correlação natural com atributos físicos, nunca seja completamente adequado às suas representações, imagens e papéis sociais. (2017, p. 334)

O sujeito moderno vive uma busca pelo seu desejo que não é reconhecido, manifestado de modo negativo para aferir o que desconhece da imagem de si, do Eu. Lacan reorientou e reconceitualizou o Sujeito ao dizer que a fala é dirigida a alguém, um outro que carrega consigo, como diz Safatle, um ouvinte ideal, só observar a entonação, os estilos, seja reivindicatório, passivo, questionador etc. “A linguagem, antes de significar algo, significa para alguém” (LACAN, 1998a [1966], p. 86). O sujeito vincula-se às imagens devido à necessidade de dar forma a um desejo que não tem objeto. O que Lacan propõe não é o fortalecimento do *Eu*, mas a “subjetivação da falta”, um movimento de reconhecer a si no que difere da imagem do outro.

Em diálogo com os estruturalistas das diversas áreas de conhecimento como antropologia, linguística, crítica literária, filosofia entre outros, Lacan atualizou o inconsciente freudiano e encontrou na linguagem a explicação de como se organizam as relações de identidades e diferenças. A atualização do conceito freudiano é um deslocamento dos conteúdos mentais inconscientes (sonhos, crenças não conscientes, acontecimentos traumáticos e lembranças esquecidas, sentimentos latentes etc.) para a pré-consciência que podem regressar à consciência por meio de processos de rememoração e de simbolização.

O sistema linguístico estrutura o campo da experiência, nomeado por Lacan de Simbólico. Um sistema inconsciente, uma vez que, quando falamos, não temos consciência da estrutura fonética que determina o uso da língua. Segundo Safatle, os sujeitos “reificam um objeto cujo valor viria simplesmente do lugar por ele ocupado no interior de uma estrutura articulada, ou seja, eles acreditam que o valor vem do objeto, quando na verdade ele vem da estrutura” (2017, p. 450).

Lacan afirma que o inconsciente é a linguagem que organiza a possibilidade de pensar por meio de regras, normas e leis, compreendida como a organização de distinções e oposições que por si só não teriam sentido. Por exemplo, o significante por si só não tem significado, quando falo “mesa”, posso ter uma vaga ideia do que é uma mesa e sua utilidade,

mas há diversas mesas, de vários tipos, tamanhos e funções, por isso é necessário um outro significante para que haja um significado, por exemplo, “mesa de estar feita de madeira rústica”.

Observe que a cadeia de significante que cria o significado para um contexto sociocultural é o que nomeia os objetos de desejo. Os seres humanos são palavras encarnadas, as identidades e os papéis sociais são cadeias de significantes que introjetam os significados que ordenam os desejos, dependendo da sociedade, a função simbólica se altera, como veremos no próximo capítulo.

O que nos interessa nessa abordagem de Lacan são como as identidades são constituídas partindo de significantes. Por exemplo, homem, mulher, negro e branco são realidades construídas socialmente independente da anatomia ou dos traços fenóticos. A função simbólica de poder e desejos constitui-se com base em uma cadeia de significantes.

A entrada do sujeito no Real, compreendido como as experiências subjetivas que existem além das imagens simbolizadas, acontece de modo negativo. Segundo Safatle, “Lacan insistirá cada vez mais que a experiência humana não é um campo de condutas guiadas apenas por imagens ordenadoras (Imaginário), por estruturas sociossimbólicas (Simbólico) que visam a garantir e a assegurar identidades, mas também por uma força disruptiva cujo nome correto é Real” (2017, p. 842).

Para acessar o Real, o sujeito precisa gozar. A ideia de gozo em Lacan é uma atualização da pulsão de vida e morte em Freud. O gozo é a morte simbólica da identidade do sujeito no âmago do universo simbólico estruturado. É quando a experiência subjetiva excede a capacidade de simbolização e de transposição em imagens. Nesse contexto, se para o ser moderno branco já é difícil gozar, para os sujeitos negros e negras é impossível, sobretudo porque as estruturas sociais do imaginário e simbólico impedem o negro e negra de ser sujeito.

1.5. A psicanalítica e o sofrimento do ser negro

A negritude é uma invenção simbólica da linguagem eurocêntrica para colonizar e desumanizar sujeitos que são constituídos por mais melanina na pele, possuem cultura e traços fenóticos distintos dos europeus. Kilomba, citando Pajaczkowska e Young, menciona que “a realidade da desumanização do povo negro é aquela que não há palavras adequadas para simbolizar” (PAJACZKOWSKA; YOUNG *apud* KILOMBA, 2019, p. 214.). O ser negro se reconhece como sujeito negro na visão do Outro, um Outro colonizar que criou uma imagem do não ser, um não humano, um inferiorizado.

O Outro não é um indivíduo ou um grupo que se possa enfrentar e exterminar, o Outro é o sistema simbólico, a cultura, portanto a epistemologia da civilização ocidental que forma

e circula por nossos afetos. Como disse Lacan (1998b [1960]), o inconsciente é o discurso do outro, aquele que evidencia a imagem especular enquanto alteridade absoluta representante da linguagem. A linguagem é um fenômeno social, como dizia Durkheim (2007 [1895]), o fato social é independente do indivíduo, todos aqueles que ousam questionar sofrem coerção.

Ao mesmo tempo, Edgar Morin concebe a linguagem como autônoma e dependente, um processo circular:

[...] segundo a concepção complexa abordada neste trabalho [O método 4 as ideias], o reconhecimento da realidade objetiva e autônoma da linguagem não exclui nem o espírito/cérebro humano, que é o seu produtor, nem o sujeito, que é o emissor, nem as interações culturais e sociais onde adquire existência e essência. Precisamos pensar circularmente que a sociedade faz a linguagem que a faz, que o homem faz a linguagem que o faz e fala a linguagem que o exprime. É essa concepção que permite compreender a interdependência e a relação produtiva rotativa entre o “eu” – o sujeito-emissor movido por seu computo-cogito-, o “id” (a máquina linguística) e o “nós” (o ser sociocultural). Sob certo aspecto, todo enunciado é subjetivo; sob outro, é maquínico; sobre outro, ainda é anônimo e coletivo. (MORIN, 2011, p. 200)

Morin ajuda-nos a refletir sobre nossa responsabilidade em relação à linguagem, se somos produtores e emissores dessa máquina linguística sociocultural, podemos não só emitir, mas também agir de modo a problematizar, questionar e transformar as estruturas geradoras de traumas e os dispositivos coloniais escravistas. Devemos tomar consciência dos traumas e da possibilidade de agir de modo a romper com as repetições de pulsão de morte e aniquilação. Como diz Dunker (2021, p. 66), “[...] no tratamento desse racismo o primeiro movimento é podermos nomeá-lo, reconhecê-lo e fazer com que o sujeito se escute como produtor e reproduzidor desse discurso ou como aquele que sofre os efeitos desse discurso sobre si”. Conscientizar na psicanálise não é simplesmente ter consciência, mas sentir no corpo de modo a alterar seu comportamento e perspectiva do mundo. Obviamente que é um movimento difícil. Para Costa (2021, p. 39), “o desejo inconsciente manifesta o que a ideologia racial tentava recalcar”.

Não existe fenômeno que habita o território exclusivo do individual. Ser negro é habitar um corpo que é, como afirma Costa (2003, p. 137), “violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro”.

No sistema simbólico da época moderna, o ser humano é branco, então o Eu Ideal é colonizado, e a imagem é a do humano como ser universal branco, desse modo o Ideal de Eu busca impressionar com essa imagem do Eu, o grande Outro que o vigia e o impele a dar o melhor de si. Ainda segundo Costa, o modelo de identificação normativo estruturante,

compreendido como a mediação necessária entre sujeito e cultura, constitui o ideal de Eu, o fetiche da brancura, de modo a oprimir todas as realidades do sujeito negro.

O fetichismo em que se assenta a ideologia racial faz do predicado branco, da brancura, o “sujeito universal e essencial” [...] Vítima dos efeitos desta alienação, pouco importa, então, ao sujeito negro, o que o branco real, enquanto indivíduo ou grupo, venha a fazer, sentir ou pensar. Hipnotizado pelo fetiche do branco, ele está condenado a negar tudo aquilo que contradiga o mito da brancura. (COSTA, 2003, p. 139)

Apesar de toda compreensão racional e consciente dessa violência criada pelo processo de escravização e colonização, há um fenômeno que esconde esse ideal de brancura e gera sofrimento físico e psíquico, além de mascarar todo privilégio da branquitude e gerar uma ferida narcísica.

Na obra *Peles negras, máscaras brancas*, clássico do anticolonialismo e primeiro livro da história de abordagem psicanalítica acerca das relações entre colonizador e colonizado, Fanon (2008 [1956], p. 16) problematizou porque o negro deseja ser branco, para isso, utiliza da teoria psicanalítica, especificamente lacaniana. Depois de Fanon, diversos estudos foram realizados, no entanto a grande questão que se coloca é como a violência do mundo branco age na destruição do sujeito negro? A resposta é cabal: por meio do racismo.

O racismo, do ponto de vista psicanalítico, é a não aceitação do gozo do sujeito negro. Segundo Vannuchi (2017, p. 63), “o racismo se alimenta daquilo que aparece reproduzido, mas radicalmente recusado na inscrição da própria identidade”. O sujeito negro, ao vivenciar o racismo se aliena e fetichiza o ideal da brancura de modo a odiar e repudiar o seu corpo negro, o que causa o trauma por ele não poder existir. Há uma disjunção originária que se atualiza a cada encontro com o *Outro*. Cada momento de existência é uma retraumatização, uma vez que o negro não pode retirar dele a pele negra, seus traços fenóticos, nem a sua ancestralidade, os sintomas que se constitui nessa neurose brasileira, como define Gonzalez (2020, p. 78), é a busca por encobrir, alienar e esquecer o saber ancestral e sua memória.

Essa consciência do sujeito colonizado busca uma morte física, não a morte do sujeito, como dizia Lacan, porque essa liberta, mas do corpo, porque ele não pode deixar de ser negro. No entanto essa neurose brasileira, nomeada como racismo, gera sintomas psíquicos como recalçamento e denegação da condição de negritude, sentimento de inferioridade e doenças psicossomáticas no corpo negro. Os negros e negras no Brasil são indivíduos desejados por dispositivos coloniais escravistas e impedidos de serem desejantes. O corpo negro é impossibilitado de existir, de ter lugar no mundo, de ser arquivo que carrega a memória ancestral de brutalidade, resistência e trauma, podendo gerar uma neurose de destino que mantém por gerações a denegação de desejar.

A psicanálise ortodoxa encontra-se numa encruzilhada diante da constatação de que a maioria dos psicanalistas e teóricos são brancos. Se os negros não são inexistentes, são invisíveis. Há anos se ignora o sofrimento causado pelo racismo e segregação sofrida na literatura psicanalítica. De acordo com Assis (2021), os discursos presentes em algumas instituições de psicanálise, “desde que eles se estruturam em torno de um Pai ideal ou de um significante ideal” constituem um “racismo de discurso” (ASKOFARÉ, 2009, p. 349).

Para Souza, “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (2021 [1983], p. 25). Em nosso caso, um processo de descolonização do inconsciente, já que o inconsciente é o universo simbólico da linguagem que nasce no contexto da modernidade numa cultura eurocêntrica. Romper com essa neurose necessita de no mínimo dois movimentos dos negros e dos brancos que são a emancipação do negro nessa conscientização e gozo ou morte do sujeito negro criado pelas estruturas simbólicas ocidentais.

1.6. E a branquitude nisso?

O diálogo entre os saberes antropológicos/sociológicos e psicológicos/psicanalíticos no debate racial possui incidência nos trabalhos de Virgínia Bicudo. Em sua dissertação *Estudos de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* (1945), Bicudo, ao identificar a rejeição entre o negro e a manutenção da violência de brancos contra negros que ascenderam social desmascara a tese da democracia racial. Como já era previsível, devido ao seu gênero e raça, a academia ignorou seus trabalhos. Gomes (2013) escreveu uma tese sobre a autora e aponta a ausência de referências aos seus estudos, mesmo sendo a primeira tese sobre relações raciais escrita por uma mulher negra. Desconfiada que somente o diálogo com outra área de conhecimento poderia trazer respostas, Bicudo tornou-se a primeira psicanalista não médica no Brasil. Tal ousadia não foi tolerada, apesar de Freud ter defendido em *A questão da análise leiga* (1927) que a psicanálise deveria ser independente da medicina e da psicologia, Bicudo relata o seguinte em entrevista concedida em 1989: “*Eu estava sentada [...] e os médicos todos de pé, todo mundo estava gritando: absurdo! Psicanalista não médico [...]. Foi horrível! Olha que quase me suicidei por isso. Você ouve todas as pessoas dizendo: Você é charlatã*” (BELO, 2018, p. 89).

Apesar da violência, Bicudo foi a Londres com objetivo de aprimorar seus estudos sobre psicanálise, inclusive com Melanie Klein, retornou ao Brasil, candidatou-se para compor a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, anos depois, tornou-se presidente da segunda diretoria do Instituto de Psicanálise.

Bicudo viveu o que Guerreiro Ramos denominou de patologia social do branco brasileiro (1957), numa análise híbrida entre sociologia e psicologia, Ramos identificou no censo uma característica do racismo brasileiro agindo nos sentimentos de negros e brancos, uma patologia social que enaltece o fenótipo branco em detrimento do negro. A patologia é o sentimento de vergonha da miscigenação cultural e biológica da população brasileira. Apesar do discurso da democracia racial do período, Ramos apresentou duas denúncias com esse trabalho, a materialidade e os efeitos do projeto de embranquecimento fomentado pelo Estado brasileiro, além da ausência de pesquisa sobre o “branco”, entre aspas, como ele gostava de dizer, o branco brasileiro não é branco, como se o racismo, a violência e a desigualdade racial fossem um problema criado pelo negro e não pelo branco.

Nesse diálogo entre áreas de conhecimento, Guerreiro Ramos (1957, p. 150) menciona o seguinte sobre a hipótese de inconsciente colonizado: “[...] na cultura brasileira, o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência”. O sociólogo já identificava esse ideal da brancura na sociedade brasileira e entendia que essa idealização da brancura era o sintoma da ausência de um sentimento de nação.

A branquitude é, segundo Schucman (2020, p. 61), “uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que mantêm e são preservados na contemporaneidade”.

Ao observarmos a cor de quem ocupa os espaços de poder, seja executivo, legislativo, judiciário, presidência e diretoria de autarquias ou até mesmo cargo de chefia em instituições públicas e privadas, constatamos que a esmagadora maioria é branca. Concomitante, ao incidirmos nossos olhos para a cor das pessoas que ocupam cargos e empregos de menor remuneração e as em situação de vulnerabilidade social, a grande maioria é negra.

Não obstante, enquanto o padrão estético de beleza é branco, o sentimento de medo, insegurança e nojo é associado ao negro. Foram necessárias políticas públicas para que negros e negras ocupassem 50% das vagas em universidades. Além disso, a luta incessante dos movimentos sociais integrado aos governos progressistas possibilitou que corpos negros habitassem as peças publicitárias, filmes, novelas e figurassem o jornalismo, enfim todos os espaços de representação e simbolismo.

Ao analisar essas mudanças, dois questionamentos devem ser feitos à branquitude, se somos mais de 50% da população por que não habitamos 50% dos espaços de poder e simbólico? Se não for o racismo, o que explica? O racismo materializado no colonialismo e escravidão gerou essa realidade. Se atualizamos a compreensão sobre o racismo contemporâneo, podemos concordar com Almeida (2018, p. 25) ao mencionar que “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens

ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”. O privilégio econômico e simbólico da branquitude e a desvantagem dos negros e negras são a atualização do colonialismo e escravidão. Os estudos de Bento apresentam como esses privilégios se perpetuam.

Há um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação aos seus ancestrais, atos vergonhosos como assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta. (BENTO, 2022, p. 23)

As heranças de bens que possibilitam a branquitude estudar, empreender ou até mesmo errar economicamente na maioria das vezes escondem alguns “esqueletos no armário”, o enriquecimento nefasto do colonizador na exploração dos negros e negras. Marx (1985 [1913]), no século XIX, já dizia que a escravidão foi a base para a indústria moderna sem a qual não haveria mercado mundial, sendo a condição necessária para a grande indústria, comércio e civilização moderna.

Além disso, há situações de privilégio oriundo desse pacto, segundo Schucman (2020, p. 63), há diversas vantagens entre pessoas brancas, por exemplo, “facilidade no acesso à habitação, à hipoteca, à educação, à oportunidade de emprego, à transferência de herança”. A visão e sentimento de que o branco é confiável, decente, justo, bonito e competente “abre” portas e garante oportunidades. Observe que o privilégio material caminha junto com o simbólico. A branquitude herda o capital social e cultural. O pacto narcísico acontece por meio da rede de amigos, conhecidos, parentes, às vezes por ter frequentado a mesma universidade ou até mesmo pelo sobrenome. Longe do ideal meritocrático, o que presenciamos são oportunidades criadas pela branquitude para a branquitude.

Para Pierre Bourdieu, as sociedades organizadas em classes sociais têm na escola a reprodução das desigualdades sociais. Isso acontece porque, além da desigualdade econômica, há mecanismos desiguais de acesso à distribuição do capital cultural que diz respeito à quantidade de forças, reais ou simbólicas, como dinheiro e cultura formal, que possibilita que os indivíduos conquistem suas vontades, necessidades e objetivos na sociedade, sobretudo suas posições sociais. Bourdieu (1966, p. 35) afirma que “a reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural se dá na relação entre as estratégias das famílias e a lógica específica da escola”.

E o capital cultural para os negros, indígenas e afro-indígenas brasileiros? Souza (2019) mostra como o capital cultural é transmitido de uma geração para outra. Os pais e mães que possuem mais anos de estudos e condições econômicas valorizam os conhecimentos, a cultura, a arte e o lazer, consequentemente propiciam aos seus filhos

conhecimento, habilidades e estrutura emocional para disputarem vagas no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, o círculo se fecha novamente no pacto narcisismo da branquitude, os empregadores brancos valorizam as competências que os seus iguais em cor aprenderam em detrimento de outras competências e conhecimentos que as classes populares e os não brancos desenvolveram.

De acordo com Cardoso e de Müller (2017), no geral, a branquitude, além de reproduzir o racismo e o projeto de extermínio de negros e negras pelo sentimento de supremacia racial, ela pode ser dissimulada e hipócrita. Em seus estudos, os autores diferenciam a “branquitude crítica”, os brancos que desaprovam o racismo, da “branquitude acrítica”, os brancos que defendem a superioridade racial, apresentando em sua pesquisa que mesmo a branquitude crítica, em sua vida privada ou entre os iguais, não têm intenção de “abrir mão” do privilégio ou de se indispor, caso não seja necessário criar publicamente uma imagem de “politicamente correto”.

Uma pessoa branca ser antirracista configura-se como um valor ético e moral de reconhecimento e *status*. No entanto, o que significa ser antirracista? Como menciona Kilomba (2019), a culpa branca não significa ser antirracista, ao contrário, o que acontece é uma imobilização diante de atos racistas e preconceituosos. Ser antirracista é se responsabilizar por compor esse círculo de privilégios, romper com a roda e reparar o dano social e psíquico que a branquitude construiu, é lutar contra a neurose cultural brasileira.

Quando Gonzalez (2020) fala de uma neurose cultural brasileira, podemos inferir que se trata de séculos de apropriação, opressão e supressão da população negra e obviamente da indígena também, mas os povos africanos no Brasil possuem uma particularidade. Os negros eram submetidos ao ritual de esquecimento⁹, uma vez que, ao chegarem ao Brasil, recebiam outro nome, além de serem proibidos de falarem sua língua, configurando-se como um verdadeiro mecanismo de negação da sua origem e memória ancestral que se materializava no corpo e na psique. Eles eram proibidos de se organizarem como família, havia muitos filhos gerados por mulheres negras, frutos da violência do estupro. Não posso imaginar os sentimentos que essas mulheres negras transmitiam ao bebê em seu ventre, hoje sabemos, por meio da psicoembriologia, que a criança recebe todos os sentimentos da mãe durante a gestação. Não obstante, as mulheres negras eram proibidas de amamentar seus filhos e, para que os mesmos sobrevivessem, deveriam amamentar as crianças brancas. Gonzalez não aprofunda, mas podemos conceber o processo de amamentação como polinutricional, a mãe nutre a criança com substâncias necessárias à vida e ao desenvolvimento físico, mas também emocional e psíquico. O cheiro, a temperatura e os sons

⁹ Os escravizados eram obrigados a dar voltas na árvore do esquecimento antes do embarque em Ouidah no Benin, com objetivo de esfacelar a memória.

da mãe são os elementos que nutre psiquicamente e possibilitam que essa criança se sinta segura para enfrentar esse ambiente hostil. Deixar o útero, ambiente “aquático” de temperatura e alimento adequado, e chegar ao mundo é um acontecimento traumático, de imediato a criança sente as oscilações de temperatura, os primeiros feixes de luz nos olhos, o oxigênio penetrando pela primeira vez nos pulmões, o trauma do nascimento é tão intenso que reprimimos para nunca mais lembrar. Nessa chegada repleta de sofrimento, a mãe é o ser que pode oferecer acolhimento e segurança.

Nesse contexto, a criança negra carrega a memória da rejeição e a insegurança de viver e estar no mundo, por outro lado, a criança branca traz a memória de uma cisão, um peito que nutre de alimento, mas não de afeto, ao contrário, recebe ódio e raiva. Uma mãe que é obrigada a alimentar outra criança em detrimento de seu filho deve produzir sentimentos e toxinas durante a amamentação.

Essa neurose brasileira que é o racismo se manifesta com esse duplo sentimento nos brancos em negar a humanidade aos negros, mas desejá-los. Um processo de esquizofrenia social de medo e opressão. Ao justificar constantemente o mérito de seus ancestrais e negar o privilégio herdado, os brancos, ignorando todos os mecanismos históricos de acumulação de riqueza, afeto e padronização estética, demonstram o quanto possuem medo de competir igualmente no mercado de trabalho, nos espaços de poder e nas estruturas simbólicas com os negros. O pacto narcísico da branquitude é difícil de se romper porque gerou uma neurose na branquitude de medo e desejo da negritude. O medo de os negros ocuparem ou tomarem seus espaços é um reconhecimento inconsciente da branquitude de considerar os negros como superiores, caso contrário não haveria necessidade de suprimir sua existência, oprimir seus desejos e negar a equidade de oportunidades.

Segundo Safatle (2017), essa posição subjetiva diante do desejo resultante de problemas em processos de socialização que se iniciam no núcleo familiar, posição marcada por um déficit de reconhecimento intersubjetivo em relação ao desejo, o que se deve à incapacidade de “subjetivação da falta”, necessita de um processo individual de análise e encontro com seu EU, mas também coletivo, são necessárias ações políticas de enfrentamento a esse ideal de Eu da branquitude. Essa subjetividade da época que cria as subjetividades, como retrata Lacan (2005 [1962-63]) necessita ser enfrentada. Para isso, o sujeito branco deve se conscientizar dos privilégios históricos de seus ancestrais, bem como se responsabilizar e reparar.

2

O TATEAR DE UMA METODOLOGIA DECOLONIAL

“Existe maior dificuldade em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas.”

Montaigne

A metodologia desta tese surge em meio ao debate epistemológico da crise do saber de referências eurocêntricas. Definimos como eurocêntrico os caminhos que utilizam referências de autores europeus, saberes oriundos da racionalidade de pensamento ocidental, desde os greco-romano e fundamentados da ciência moderna, até métodos de pesquisa tradicionalmente utilizados nas Ciências Sociais. Obviamente que nesse bojo podemos encontrar autores de outros continentes, mas que carregam as referências ocidentais eurocêntricas.

A crise epistemológica nasceu com a impossibilidade de os modelos ou pensamentos explicarem a realidade com base em uma matriz que aparenta ser diversa, mas única de origem ou de verdade como, por exemplo, positivismo, funcionalismo, materialismo etc. Para fins didáticos, vamos ilustrar duas perspectivas de pensamento que possuem o desafio de construir um caminho cujo objetivo é chegar ao rio. Uma possibilidade é examinar as probabilidades e os desafios, por exemplo, de qual seria o trajeto de menor distância, o menos íngreme e o que demanda menos intervenções e obstáculos. Ao analisar todas essas variáveis, deve-se ponderar o que demanda menos tempo e recursos para se chegar a um equilíbrio. Com certeza, a objetividade é construir um caminho satisfatório.

Outra possibilidade de pensamento é considerar que há no trajeto acontecimentos que possibilitam experiências. O tempo é o tempo da experiência; as formas de vida e o relevo são possibilidades de conhecer. O caminho pode abrigar diversos conhecimentos que a ancestralidade produziu, adquiriu, sistematizou, além de outros que serão desvendados ou construídos. O lugar de passagem não é só um lugar de acesso, mas de construção de necessidades. Para se chegar ao rio, há diversos caminhos de acordo com o interesse e necessidade, se o interesse é chegar ao rio para pescar, o melhor caminho é aquele que possibilita encontrar os recursos necessários para esse objetivo; os objetivos são diversos, nadar, viajar, encontrar uma embarcação, ensinar as funções de cada erva etc. O tempo para se chegar ao rio depende do que se quer no rio, e as adversidades são possibilidades, então não basta chegar ao rio, mas como e com que se chega nesse rio.

Pensar decolonial é construir pontes entre os diversos caminhos possíveis, momentos de cruzamentos, entroncamentos e multimodais. Não se trata de destruir ou ignorar os saberes produzidos historicamente pela humanidade, mas de desconstruir como afirma Derrida (2014). É perceber que existem limites nas generalizações. Com certeza, no exemplo que formulei anteriormente sobre os dois tipos de pensamento há, inevitavelmente, generalizações e parte de um estereótipo, além de trazer uma verdade. Posso concordar que a caricatura gera um traço exagerado e talvez simplista, mas as formulações começam por uma busca de nomear e explicar o que está latente no pensamento.

O que estamos Tateando é um diálogo com saberes de outras matrizes culturais que problematizam seu lugar nas ciências sociais e/ou uma ciência multi, inter ou transdisciplinar, um poliálogo entre saberes, autores e métodos de produção de conhecimento. A tese não foge ao rigor científico, mas problematiza as fronteiras desse saber, como menciona Ianni (1989), o objeto das ciências sociais deveria se debruçar por problematizar as ideias de indivíduo, identidades, diferença, cotidiano e escolha racional.

Nesse sentido, essa pesquisa é híbrida e/ou transdisciplinar, uma ponte entre as histórias de vida, diálogo entre pessoas brancas e negras e a experiência de vida do autor, isto é, minha história, já que estou implicado nessa realidade. Ao mesmo tempo, se o etnólogo busca informações, é isso que se procura ao entrevistar pessoas e estabelecer relações com as estruturas sociais, também utilizarei da escuta analítica, ou seja, o que emana inconscientemente dos sujeitos nas suas falas, de modo a identificar no discurso os desejos latentes e saltos de subjetividade colonizada.

Na perspectiva das ciências sociais, utilizamos como referência a crítica ao pensamento colonial eurocêntrico, o padrão de articulação do poder mundial identificado por Quijano (2002) como: a) a colonialidade do poder em torno da ideia de raça que sustenta há 500 anos a dominação social, político, material e intersubjetiva que expande esse colonialismo europeu definidor de uma única intersubjetividade universal; b) o capitalismo como padrão universal de exploração social e controle do trabalho, seja por meio da escravização moderna, a servidão, pequena produção mercantil independente, reciprocidade e salário, atualmente, a terceirização e quarteirização que cria os novos modelos de negócio que precarizam o trabalhador em detrimento da maximização do lucro para a produção de mercadorias mundialmente comercializadas, as pessoas entrevistadas estão numa posição econômica na sociedade que limita ou satisfaz os desejos; c) o Estado-Nação, conjunto de instituições moderna, que atuam como única forma legítima de autoridade coletiva e individual, ancora-se no pressuposto da cidadania, cujas ideias inventadas na modernidade traz no seu bojo a igualdade jurídica-política, as liberdades individuais e a solidariedade social, no entanto a luta por direitos são diversas, e os recursos do Estado são finitos, como a democracia não acontece na economia, a igualdade jurídica-política e as liberdades individuais são

atravessadas por desigualdades sociais oriundas da maximização dos lucros em detrimento da exploração do mercado. O processo de globalização no século XX que intensificou o poder do capital internacional organizado em grandes corporações e diminuiu o poder dos Estados Nacionais, além da ampliação das desigualdades entre as nações, o que invariavelmente leva a perpetuação de quem vive e quem morre; d) o eurocentrismo como forma hegemônica de controle da subjetividade/intersubjetividade e o modo de produção de conhecimento. O processo histórico colonial que gerou a acumulação primitiva do capital possibilitou que as nações colonizadoras europeias desenvolvessem as condições materiais para homogeneizar o controle do capital, para isso, as racionalidades que justificasse a exploração de povos, a organização e funcionamento das instituições e a legitimidade da violência criadas com base na matriz de pensamento dual, por exemplo, separação de “razão-corpo” e “sujeito-objeto”, nas palavras de Quijano:

Tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social, seja em sua versão a-histórica, que percebe isolados ou separados os fenômenos ou os objetos e não requer por consequência nenhuma ideia de totalidade, seja na que admite uma ideia de totalidade evolucionista, orgânica ou sistêmica, inclusive a que pressupõe um macrossujeito histórico. Essa perspectiva de conhecimento está atualmente em um de seus mais abertos períodos de crise, como o está toda a versão eurocêntrica da modernidade. (2002, p. 5)

Os pressupostos que sustentam: a) o modo de produção capitalista como organizador e estruturador da economia ou das condições materiais de existência; b) a democracia liberal que realiza a mediação do poder instituído no Estado Moderno e c) a Cidadania Moderna que possibilita definir os limites da autoridade coletiva, ignorando que há uma diversidade de povos, culturas e saberes que não se submete a essa homogeneização.

Além disso, há o princípio de bem comum e direito à diferença que existem em alguns Estados-Nações, isto é, somente alguns indivíduos que historicamente criaram as condições de privilégio e exploração de outras nações e de outros indivíduos. A ideia de sujeito universal homem-hetero-branco-europeu como referência de cidadão moderno é contraditória às ideias de subjetividades. Por que há atribuição do gênero ao nascimento? Por que há uma sexualidade binária? Por que há classificação de métodos e matrizes de pensamento de um único continente (Europa)? Por que há uma única referência de humano (branco) e a desumanização de outros seres humanos pela cor da pele, cultura e traços fenóticos?

A problematização não está exclusivamente na matriz europeia, mas ao se ancorar numa única matriz. Obviamente que as críticas ao pensamento eurocêntrico realizada, sobretudo, por Michel Foucault, Derrida, Edgar Morin, Pierre Bourdieu e Boaventura de Souza

Santos devem ser consideradas e apresentam possibilidades de analisar os limites e a violência dessa matriz. Como afirma Bernardino-Costa citando Maldonado-Torres:

[...] o privilégio do conhecimento de uns tem como corolário a negação do conhecimento de outros, da mesma forma que a afirmação da existência de uns tem como lado oculto a negação do direito à vida de outros: “a desqualificação epistêmica se converte em instrumento privilegiado da negação ontológica. (BERNARDINO-COSTA et al., 2018, p. 140)

Uma metodologia decolonial pressupõe articular pensadores que produzem saberes em matrizes distintas de pensamento, sobretudo romper com esse dualismo ocidental que separa sujeito e objeto cristalizado numa única área de conhecimento. A fragmentação e/ou especialização é originária de numa tradição que busca isolar o objeto em “situações de controle” para apreender seu funcionamento.

Nessa metodologia, o objeto e sujeito coexistem, conscientizar o trauma que o racismo gera no indivíduo para descolonizar o inconsciente é um movimento impossível de dissociar sujeito de objeto. O racismo é sujeito porque o sistema simbólico é colonizado e age sobre nossa consciência, mas é ao mesmo tempo objeto porque resiste nos sistemas simbólicos a ancestralidade e povos e culturas oprimidas.

A escolha de três campos de análise busca contribuir com essa descolonização do método da tradição ocidental. Para isso, esta pesquisa está dividida em três ações de busca e experiência analítica. Na primeira ação, entrevistei pessoas negras de classe média da cidade de São Paulo, que estão em posição de autoridade e possuem consciência do racismo e da sua condição de negro ou negra na sociedade. O recorte utilizado na entrevista foi a questão da cor/raça/etnia negra, da posição econômica (classe média) e da ocupação profissional: empresário(a), diretor(a) de multinacional, professor de escola de elite, coordenadora pedagógica e proprietária de escola. A escolha por esses perfis é entender por meio da escuta como essas pessoas, que ocupam espaço de autoridade, ainda apresentam sofrimento psíquico, mesmo sendo da quarta geração pós-escravização dos seus ancestrais. Os entrevistados são sujeitos e objetos porque contam a sua história e podem falar de suas experiências organizando sua compreensão sobre o racismo. A utilização do método psicanalítico possibilita uma escuta ativa que, por meio da fala do sujeito, devolve-lhe os significantes relatados e solicita que analise e se posicione sobre seus significados. Para isso, há um roteiro de perguntas com uma ordem estabelecida, sendo a primeira pergunta: Conte a sua história de vida, onde nasceu, como era e é a sua família, o que lembra da sua infância. Em seguida, as perguntas são alternadas de acordo com a história contada pelo(a) entrevistado(a), sendo elas:

Quando se descobriu como negro(a)?

Você se lembra de atitudes racistas em sua infância?

Se sim, como você lidava com isso? Como seus pais lidavam com isso?

Se não, como se sente sabendo que não conseguiu perceber ou se reprimiu a lembrança?

Lembra de como as pessoas eram nos desenhos, propagandas e livros didáticos?

O que é racismo para você? Como definir?

Cite exemplo de racismo no seu cotidiano depois de se perceber como negro(a)? Primeiro com você e, se lembrar, episódios com outras pessoas.

Como você vê as ações antirracistas hoje? Se quiser, pode falar das ações afirmativas e/ou cotas?

Você tem filho(s)?

Se sim, como você vê a educação que ele(a) recebe na escola?

Se seu filho chegasse com um relato de racismo, como você agiria?

Se já aconteceu, me conte.

O que o racismo causa de sentimento?

Você já quis ser branco?

Sabe identificar o privilégio branco?

Já se sentiu como um impostor ou com o sentimento de não pertencer ao ambiente de trabalho, estudo ou residência?

Por que você acha que sobreviveu e conseguiu ter um emprego que te dá dignidade?

O que em você é branco? Ou do mundo branco?

Em um ambiente qualquer que você não conhece pessoas, ao perceber que está rodeado de branco, ao avistar uma pessoa negra, o que você faz?

Você se acha colonizado? Se sim, como descolonizar?

Fale algo que gostaria que eu não perguntei.

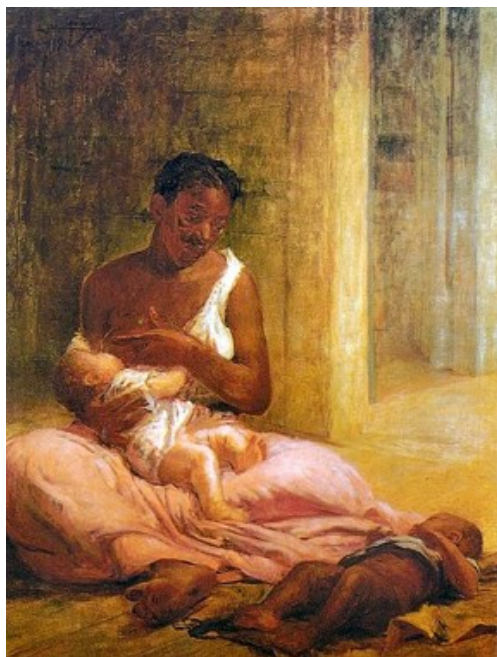
Ao mesmo tempo, durante a entrevista o(a) entrevistado(a) recebe três imagens para analisar e falar sobre as possíveis relações com sua vida e a história e os significados.

1ª Imagem – “A Redenção de Cam” (1895), de Modesto Brocos



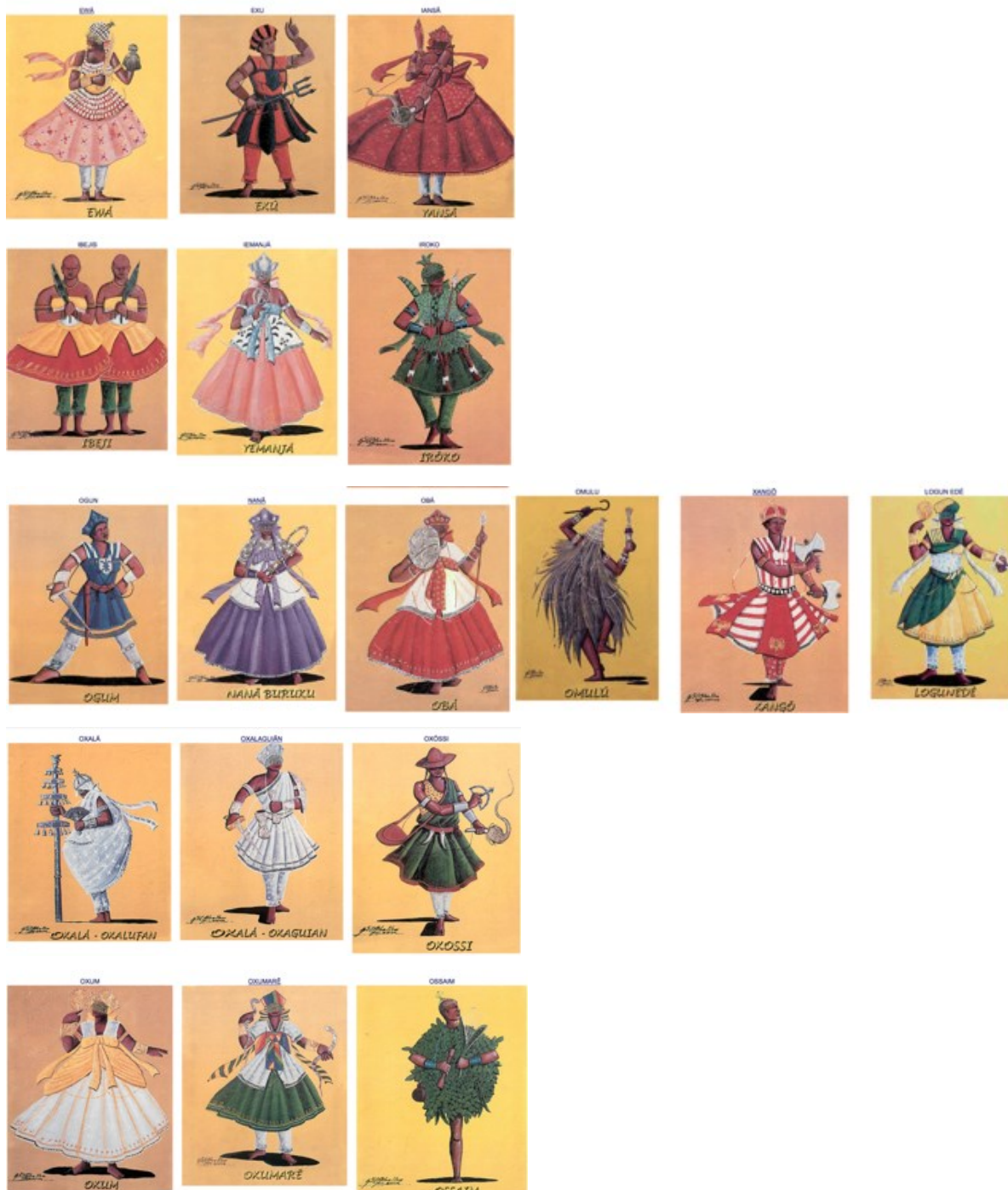
O objetivo é questionar o(a) entrevistado(a) sobre o seu conhecimento do processo de genocídio do povo negro. Caso não saiba, eu explico a política de Estado do embranquecimento e então solicito que o(a) entrevistado(a) fale do sentimento de saber ou lembrar de genocídio oficial. A proposta é acessar a compreensão de ser um sujeito que não era para existir e como se coloca diante dessa situação.

2ª Imagem – Mãe Preta– Lucílio de Albuquerque (1912)



O objetivo é que o(a) entrevistado(a) acesse o sofrimento da sua ancestralidade e como se conecta com essa origem. Ao mesmo tempo como se posiciona ao lembrar ou saber do ocorrido e, sobretudo, o que há de repetição ou neurose de destino.

3ª Imagens – Os 18 Orixás



Disponível em: <https://www.paiogun.com/orixas.htm> – Acesso em 10.08.2022.

O objetivo é que o(a) entrevistado(a) acesse o saber de sua ancestralidade e, ao mesmo tempo, identifique no contemporâneo a colonização do inconsciente. Isso pode acontecer dependendo das expressões, falas e sentimentos que o(a) entrevistado(a) apresentar.

O segundo campo de análise da pesquisa foi organizado em rodas de conversas de duas horas, composta por quatro pessoas e mediador. As conversas foram gravadas, e o

mediador disparou a discussão sobre o racismo cotidiano. Quando ocorreu dificuldades de diálogo, o mediador apresentou relatos de racismo e solicitou que as pessoas falassem sobre as suas compreensões.

As perguntas eram abertas e houve atualização de alguns critérios: na primeira roda de conversa havia uma pessoa branca e três negras, na segunda roda, apenas pessoas brancas. Tal estratégia se ancora na justificativa psicanalítica de inconsciente para inconsciente. Na tradição psicanalítica, os inconscientes se conectam antes mesmo da consciência, para isso, um convite com formulário foi divulgado em redes sociais de WhatsApp, Instagram e Facebook para as pessoas se inscreverem, conforme modelo a seguir:

Prezados e prezadas,

Meu nome é Paulo Edison, estou produzindo uma pesquisa de doutorado sobre a descolonização do inconsciente. Com objetivo de contribuir na constituição de uma sociedade melhor para as próximas gerações, tenho me dedicado, em conjunto com outros núcleos de pesquisa, a estudar sobre como as práticas de racismo inundam nossas vidas e sem percebermos reproduzimos esses atos de violência, na maioria das vezes simbólica e psíquica.

A dor para as pessoas negras às vezes é presente e consciente, afinal já se conhece muito sobre as diversas formas simbólicas de discriminação racial, mas ainda há uma dor que é inconsciente e acaba gerando sofrimento psíquico. Aos brancos, conscientes dessa mazela social, quando percebem ou são interpelados por reproduzir o racismo, seja na linguagem, em atos, escolhas, julgamento estético entre outros, alguns sentimentos podem emergir, desde a vergonha, a surpresa, além do fenômeno psíquico da negação da realidade.

Essa pesquisa de doutorado é um convite e uma oportunidade de dialogarmos sobre o que a sociedade fez de nós, e o que faremos para aprendermos a conviver melhor. Para isso, proponho algumas rodas de conversa entre pessoas brancas e negras que querem conversar sobre o racismo no mundo contemporâneo partindo do seu ou melhor do nosso cotidiano. Às vezes, numa conversa só esperamos nossa vez de falar e não sabemos ou não aprendemos a escutar o outro. No movimento da alteridade, podemos aprender mais sobre quem somos e quais escolhas desejamos fazer, então se tornar mais responsável num mundo carente de sujeitos. Vamos experienciar o diálogo, que, como qualquer experiência, só pode ser coletivo.

Acesse o formulário e preencha para participar.

<https://forms.gle/czG3dpXg3ELuh7st5>

No total foram 28 pessoas que se inscreveram e se autodefiniram com os seguintes perfis: 18 (mulheres), 8 (homens), 1 (homem cis), 1 (mulher cis), 17 (brancas), 1 (indígena), 6 (pardas) e 4 (pretas). Para fins dessa pesquisa, as pessoas que se autodefiniram como pretas e pardas foram também consideradas como negro e negra. As características levadas em consideração foram a cor da pele, os traços fenóticos e a origem familiar. As rodas de conversa aconteceram em quatro semanas, as duas primeiras, com pessoas negras e brancas, e as duas últimas, com pessoas brancas. O objetivo da primeira roda de conversa foi propor o diálogo entre pessoas negras e brancas de maneira que o racismo se manifestasse de forma inconsciente no bojo do politicamente correto. A segunda roda de conversa com as pessoas brancas teve o objetivo de discutir o privilégio da branquitude. É importante esclarecer que não houve interferência do entrevistador na formação dos grupos das rodas de conversa, uma vez as datas foram preestabelecidas pelas pessoas que aceitaram o convite a depender de sua disponibilidade nas datas apresentadas no formulário que elas preencheram, sendo o pressuposto psicanalítico do inconsciente que gerou essas duas rodas.

O terceiro campo de análise foi a história de vida, experiência e significações do escritor desta tese. Apesar de a análise das entrevistas e rodas de conversa serem produzidas pelo autor, a ideia é registrar, com base nas motivações pessoais, como os processos de identificação psíquica aconteceram no decorrer da pesquisa. É uma metapesquisa dentro da pesquisa. Um olhar para o sujeito que analisa o objeto e ao mesmo tempo é objeto.

3

NEGROS E NEGRAS NUM MUNDO COLONIZADO:
ESTUDOS DE CASOS

“Nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente.”

Grada Kilomba

As entrevistas realizadas com pessoas negras em posição de autoridade revelaram o sofrimento psíquico independente da consciência do racismo. Todos entrevistados, de acordo com sua renda e ocupação profissional, pertencem à classe média. O que considero posição de autoridade são ocupações de liderança, chefia, ordenamento, decisão, saber intelectual, isto é, posição de respeito e comando que outros seres humanos obedecem legitimamente a determinadas ordens. No quadro a seguir constam as informações sobre os(as) entrevistados(as) para a realização da pesquisa:

Entrevistado(a)	Idade	Ocupação
D. M. S.	39 anos	Professor de escola privada
I. A. A. S.	34 anos	Diretor de Multinacional
J. P. C. P. L.	32 anos	Coordenadora pedagógica de uma escola de elite de São Paulo
M. A. A. S.	56 anos	Empresário
M. A. V. S.	43 anos	Proprietária de uma escola de Yoga

A escolha por esses perfis tem por objetivo obter a escuta sobre as consequências psíquicas dos atravessamentos sociais oriundos da história e estrutura social brasileira. Essas pessoas podem ser consideradas a quarta geração pós-escravização dos seus ancestrais que ocupam espaço de autoridade. Não obstante, as políticas públicas e os movimentos globais antirracistas possibilitam um sentimento de avanço no combate à desumanização das pessoas não brancas, no entanto estamos longe de identificar equidade de direitos, saberes e afetos entre pessoas negras e brancas.

O filósofo Renato Nogueira (2020), inspirado em Mbembe (2018), cunhou o conceito necroinfância para denunciar e sistematizar o extermínio das crianças negras. Desde os primeiros estudos de Roger Bastide e Florestan Fernandes (1959) até os atuais de Nilma Lino e Marlene de Araújo (2023), a sociedade brasileira, por meio das suas instituições e

estruturas, violenta sistematicamente as crianças negras, obviamente que a cultura adultocêntrica da infância é violenta e sem escuta, no entanto as não brancas sofrem muito mais por ausências de direitos básicos como reconhecimento e contato com sua ancestralidade. As marcas psíquicas provenientes do significado social da raça afetam especialmente as crianças negras (pretas e pardas). Se, de um lado, as crianças reconhecidas e atribuídas como brancas se beneficiam dos privilégios da branquitude, como nos ensina Bento (2022), e usufrui de direitos que deveriam ser universais, as crianças negras sofrem com vergonha de ter, às vezes verbalizadas, outras veladas, suas características físicas associadas ao feio e ao sujo, assim como com as histórias humilhantes de escravização de seus antepassados. Podemos dizer que as crianças brancas pobres sofrem com a ausência de direitos? Sim, é verdade, mas, ao circular nas estruturas sociais, elas usufruem de afetos e oportunidades por meio do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022).

Uma parte da branquitude constrangida por pressupostos liberais da igualdade de direitos e direitos humanos tem se colocado a favor de políticas públicas sociais e antirracistas, no entanto essas ações que poderiam ser interpretadas como reparação são apenas paliativas, elas são importantes e têm ajudado bastante, mas está longe de ser revolucionária. Isso acontece porque não há responsabilização da branquitude e sim culpa. Os brancos em posição de autoridade sofrem uma regressão para procurar evitar a ansiedade e a culpa, como afirma Kilomba (2019, p. 123) “como uma criança [a branquitude], regride a um comportamento imaturo, tornando-se novamente a personagem central que precisa de atenção, enquanto o sujeito negro é colocado como secundário”. No caso dos negros que ocupam posição de autoridade, mas que inconscientemente introjetaram a branquitude, quase sempre eles desenvolvem um relacionamento com o “eu” ou “ideal de eu branco” e performa, como menciona Kilomba (2019), o “eu” roteirizado pelo colonizador.

As consequências desse duplo movimento psíquico, a branquitude e o negro que introjetou o ideal de branco, são uma compreensão do racismo como algo menor. Por exemplo, normalmente o racismo não é tratado como uma violência de maneira que a pessoa branca nunca é responsabilizada, imagine se uma criança agride com força e machuca o rosto de outra criança, esse ato é considerado uma violência, é esperado que seja tratado como tal de maneira que o agressor deve ser responsabilizado de acordo com sua faixa etária, nível de compreensão, intencionalidade e consciência, na maioria das vezes, os pais e/ou responsáveis são convocados, e a situação é discutida para encontrar um meio de reparação, punição e justiça. No caso do racismo, o ato, na maioria das vezes, não é considerado uma violência, seja psicológica, simbólica e/ou verbal.

Assim como uma violência física causa hematomas e até feridas que deixam cicatrizes, o racismo é uma violência que traumatiza as crianças negras, gerando insegurança em sua interpretação sobre o mundo, já que suas falas e compreensão dessa realidade são

desacreditadas e, em alguns casos, ocorrem com profissionais de educação, como podemos constatar nos relatos a seguir:

No começo do ano, né? Esse ano [2022] né? Um aluno na eletiva lá, um ex-aluno escreveu macaco [no chat da plataforma online]. E aí é isso, né? A gente percebe a instituição na frente das câmeras agindo de uma maneira e por trás agindo de outra que na frente das câmeras aqui não é tá junto tal e assim nas costas, né? Releva, acontece, é menino, é moleque, não leva isso a sério não, né? Joga panos quentes, não vamos aumentar isso, se cair na mídia, nos falando de escola antirracismo, não vai pegar bem na frente das câmeras. Vamos até o final e por trás oh, até né, uma fala muito pesada, vamos evitar confusão, né? Para nós e para você. (D. M. S., 39 anos, professor)

D. M. S., 39 anos, trabalha em uma escola que se intitula ou propõe ser antirracista. O relato do professor demonstra como uma instituição que busca ser antirracista ainda não compreende o racismo como uma violência e o relativiza, talvez por questões econômicas, publicitárias ou porque ainda não acumulou compreensões sobre como combater o racismo institucional. Esse fato aconteceu com um adulto no ano de 2022. Agora vamos acessar os relatos dos entrevistados quando criança, nos anos 80 e 90 quando não havia escolas antirracistas.

Aí mandaram um bilhetinho para mim na sala de aula, logo no início da manhã. A fulana [colega de classe] falou para todo mundo que a sua mãe é a empregada que seduziu o patrão. E eu era uma criança, a mais quieta, gostava de tirar notas boas e gostava de ter boa relação com os professores [...]. Eu senti muita raiva, muita raiva, muita. Primeiro foi constrangimento, muito constrangimento, depois eu senti meu corpo queimando de ódio ao ponto de levantar no meio da aula, segurei a menina pelo pescoço e mandei ela repetir o que ela tinha falado. E aí a professora, nem lembro que professora que era, ficou consternada, me levou para a sala da direção, daí eu me lembro de sentar na frente da diretora chorando muito, aí comecei a chorar, chorar, chorar, chorar, chorar e contar pra diretora. A diretora ficou em silêncio, botou uma água e mandou eu beber água para me acalmar e voltar para sala, eu voltei pra sala, envergonhada e não se falou mais nesse assunto, nunca mais. (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

Eu tive uma dificuldade muito grande, por exemplo, de frequentar a escola na minha região, porque apanhava das outras crianças e na sala de aula ninguém queria estar

do meu lado, isso também acontecia com minhas irmãs [...], por sermos pretas e filhas de mãe solteira [...], as professoras vinham dessa formação também, então era uma coisa normal, não tinha uma interferência do professor, do diretor. (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

A escola foi fundamental para testar a minha persistência dentro das dificuldades, é lá onde você pode perceber as desigualdades, oficialmente eu tive o primeiro contato com o racismo. [...] Teve o programa do Silvio Santos que chamava domingo no parque [...], a minha escola ia participar, então eles escolheram alguns alunos para responder as competições e ganhar prêmio [...]. Eu tinha certeza de que seria escolhido porque só tirava nota A e B, mas eles escolheram três loirinhos [...] eu não fui chamado, cara, fiquei puto da vida pra caralho, fiquei puto da vida, porque eu sabia, eu tinha certeza que eu não fui chamado porque eu era preto, sem contar que nas primeiras fileiras do auditório ficavam só as menininhas bonitinhas, que eram as branquinhas, as pretinhas ficavam no fundo, mesmo as que tiravam notas boas, que era o caso da minha irmã, por exemplo, estava nessa excursão da escola também. Então aí eu falei “cara, é isso, independente do que você faça ou do que você seja, se você é preto, você tem que ficar esperto. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Eu lembro que essa professora e a diretora chamaram minha mãe na escola para falar que eu não ia passar de ano. [Prova do colégio Militar] Eu não entendi porque eu sempre fui muito inteligente, eu sempre era o segundo da turma, elas falaram que eu não tinha maturidade, que eu queria ficar pulando, brincando, que achava bonito fazer macaquice, peraltice na escola, que eu achava bonito atrapalhar os outros. Quando eu passei, eu passei em primeiro lugar no concurso, a primeira coisa que falaram foi que eu tinha colado para conseguir passar em primeiro lugar, então essa diretoria, essa professora, na frente todos os pais, elogiaram dizendo essa menina tem muito futuro, uma amiga minha branca que passou em segundo e o E... que era um amigo meu branco, que passou em terceiro, amigos da época que nunca mais vi, mas elogiaram o segundo e o terceiro, falaram que eles eram inteligentes, que eles eram espertos, que tinham um futuro brilhante, mas não falaram nada de mim, que passei em primeiro, foi a primeira noção de que tinha alguma coisa diferente, mas eu não sabia que era raça, meu pai nunca tinha conversado comigo. (I. A. A. S., 34 anos, diretor de multinacional)

É possível identificar nos relatos como o racismo marca desde a mais tenra idade as experiências de socialização secundária. A escola violenta os corpos negros de modo a gerar

traumas que podem, como, afirma Kilomba (2018), privar o indivíduo das conexões com a sociedade. I. A. A. S. e M. A. A. S. vivenciaram a experiência de serem preteridos, injustiçados e ensinados que não existe mérito, mas privilégios. Boas (2021) citando Ferenczi questiona se todas as pessoas negras são traumatizadas? Não. Além disso, o que é traumático para um, não vai ser para outro. “Mas é um mecanismo importante para se estar atento, visto o racismo à brasileira se sustentar na lógica do desmentido” (FERENCZI *apud* BOAS, 2021, p. 52).

J. D. P. C. P. e M. A. V. S. aprenderam desde muito criança que poderiam ser violentadas e não seriam acolhidas, ao contrário deveriam lidar com a vergonha e culpa de serem negras. No ocorrido, J. D. P. C. P. é vista como uma histérica que agride sem motivo os colegas. Psiquicamente seus traumas permanecem presentes e sempre são atualizados, como podemos identificar no relato sobre seu filho:

Então, a questão é que o F... se autodeclara negro, já tentei falar, “Filho, mas você tem certeza?”, “Mãe, eu sou pardo, marrom e pardo é negro”, ele já fica impaciente, daí eu falo “Tá bom, filho, tá bom”, para mim, eu acho que me pega num lugar que eu não consigo olhar pro F... como um menino negro porque eu sei o quanto foi para mim, eu acho que eu me projeto um pouco, um processo longo de compreensão e às vezes eu acho que ele precisa de tempo para entender como o corpo dele vai ser atravessado, para além do que a família vive e fala, mas eu não consigo me pôr no lugar dele, imaginar com a experiência racial que ele tem porque ele não vive o que eu vivi, ou meu irmão viveu, ele não vive. (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

No caso da J. D. P. C. P., há uma negação da identidade racial do filho, mesmo afirmando que se reconhece no mundo como ativista da luta antirracista e possui orgulho da sua ancestralidade. Há um movimento de dissociação que a impede de ver seu filho como negro quando menciona que é “*pardos, marrom e pardo é negro*”, mas a dor do racismo é imensa, e a ferida ainda por cicatrizar cria justificativas. Como ativista, J. D. P. C. P. deveria compreender que os pardos sofrem com a violência assim como os pretos retintos. Talvez o que está em jogo é uma compreensão que, no Brasil, as pessoas de pele menos escura, cabelos menos crespos e com uma condição econômica maior podem sofrer menos violência racial e até acessar alguns direitos e privilégios da branquitude. Será? Conforme o dito popular “seu lugar na mesa é restrito”. Esse mecanismo de defesa é consequência dessa dissociação, mesmo citando que o irmão possui características semelhantes ao filho [“meu irmão tem o cabelo liso e a pele clara”], então há uma conexão fenotípica, entretanto o trauma a impede de ver o filho na categoria social negra.

J. D. P. C. P. viveu um outro trauma que contribui para essa dissociação ao narrar um fato marcante em sua relação com a mãe:

[...] teve uma situação que marcou muito a minha relação com minha mãe [...] Eu estudava num colégio espanhol [...], eu era a única menina negra da sala de aula [...], eu lembro de uma certa ocasião que tinha Dia das Mães e tinha que fazer um cartão para mãe, aí as professoras deram várias revistas, a gente fazia várias atividades com revista, de recorte, e falaram que tinha que procurar alguma imagem daquela revista para enfeitar esse cartão, eu lembro que eu ficava procurando alguma imagem que se parece com minha mãe naquela revista, ficava muito angustiada e não queria fazer a atividade, eu era uma criança mais retraída, chamavam muito meus pais na escola nesse tempo para perguntarem se estava tudo bem, porque eu era muito quieta, porque eu me isolava muito, eu era uma criança “bicho do mato”. Aí eu fiquei quieta, não consegui falar para professora que eu não estava achando nenhuma imagem para pôr no cartão, eu não me sentia naquela escola, logo que eu entrei, me sentia muito acuada. E aí ela brigou, era uma professora loira, que tinha umas pulseiras que balançavam bastante, igual a que eu uso hoje, e ela me obrigou a fazer. Eu escrevia e apagava, eu escrevia e apagava, ela, na verdade, apagava com aquela mão dela que balançava com a pulseira e eu lembro que eu ficava meio assustada, ela falava “Não, você tem que fazer, você tem que achar alguma imagem dessa revista para fazer esse cartão para sua mãe”. Daí eu recortei uma imagem qualquer lá, uma mulher branca dos cabelos escorridos, pus a capa do cartão, escrevi Feliz Dia das Mães. Aí meus pais gostavam muito de fazer festa, churrasco em casa, teve um churrasco no Dia das Mães, e fui muito envergonhada e entreguei esse cartão para minha mãe, falei “Ó, mãe, feliz Dia das Mães”, aí ela olhou, ficou meio constrangida e falou: “Mas o que que é isso?” Eu falei “É você”. E aí a minha mãe se afastou de mim, minha mãe não reagiu bem a isso, e eu fiquei super constrangida, apesar de ter uma relação bastante afetiva com ela. Quando chegava da escola, deitava na cama com ela e assistia novela deitada no colo dela, mas a minha mãe às vezes bebia porque era muito solitária, então ela foi desenvolvendo um alcoolismo, várias vezes que ela bebia, ela falava “Filha, você não gosta de mim. Você deveria ser filha da Sueli”, a ex-mulher do meu pai que é uma mulher branca, “Você devia ser filha da Sueli, você sempre me odiou”, minha mãe falava umas coisas assim pra mim, que era muito pesado (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

O episódio do cartão pode não ter impactado os sentimentos que a mãe de J. D. P. C. P. sente por ela, no entanto marcou profundamente J. D. P. C. P., afinal a professora impôs

violentamente a ela uma origem que não era a sua. A mãe representada no cartão não é a mãe real, a reação da mãe de repulsa gerou culpa, isso é reforçado quando a mãe diz que ela deveria ser filha da mulher branca. Há dois possíveis movimentos psíquicos que são atravessados por ações do racismo, uma provável neurose de destino, já que J. D. P. C. P. se relaciona com um homem branco para conceber o F..., seu filho e, ao ser perguntada sobre o quadro *A Redenção de Cam* de Modesto Brocos, ela responde:

[...] pra mim, essa obra significa o eugenismo, o projeto de branqueamento do Brasil após a Abolição, a noção da libertação do povo brasileiro a partir do cruzamento entre o branco e o negro, esse clareamento que se dá, né? Na terceira geração, por que a mãe dela é retinta, essa do meio podia ser eu, né? E o filho no colo é branco, podia ser o filho da minha irmã, que casou com homem bem branco, é bem branco o filho dela. (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

Perceba que J. D. P. C. P. fala do filho da irmã e não do seu filho, ao ser questionada no final da entrevista ela responde: *“Porque o meu filho não é o menino da Redação de Cam, o F... é um menino pardo.”* Questionei sobre a compreensão que pardo significa socialmente negro, então ela não encontrou argumentos para dizer porque não reconhece o filho como negro, mesmo percebendo a contradição, desconversa e traz outro assunto. Talvez a culpa e vergonha dessa neurose de destino impeça J. D. P. C. P. de reconhecer o atravessamento social do embranquecimento. Ela tem uma imagem do filho que não é a mesma imagem que ele tem de si, ela diz que isso acontece porque ela se projeta na realidade dele dizendo que ele não sofre as violências do racismo como ela e o irmão sofriam, o que a impede de reconhecer o que ele fala.

O segundo movimento psíquico que atravessa a relação de J. D. P. C. P. com o filho é a projeção de querer performar a branquitude. Ela acredita que consegue performar a branquitude por possuir um fenótipo no rosto semelhante à branquitude, ter estudado numa escola de classe média alta e residido num bairro nobre, observe o depoimento:

Eu vivi muitos espaços de branquitude e tem algo aprendido do meu corpo, que ele sabe entrar e sair de modos brancos e negros, por que quando eu estava na escola, branca, eu andava com meu corpo mais rígido, eu chegava na casa da vó C..., já tirava o sapato e já saía andando de outras formas. Então eu vejo que o que eu tenho em mim de branco é um corpo que se congela e descongela, que quando a polícia parou eu e o I... [companheiro negro] eu virei para cá rapidinho [modo branco], na forma que eu levantei minha cabeça, na entonação da minha voz, no jeito que eu falei com o policial, não sei porque eu consigo performar a branquitude. Eu estudei eles, eu

vi eles na minha casa, então eu vejo que eu tenho essa passabilidade do branco, a performance, só que hoje ela já foi uma armadura, já foi algo que me oprimia, com os tempos que eu vou me conhecendo e reconhecendo e me libertando, eu consigo usar o que eu tenho de branco, mas eu não vejo que isso me constitui, eu vejo que isso é uma ferramenta. (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

Se J. D. P. C. P. afirmar que o filho é negro, como ele poderá performar? Por isso, ela diz que é pardo, nos mecanismos de projeção, é necessário que o filho aprenda, como ela, a transitar nos dois mundos. O simbólico impõe-se na construção do seu imaginário. Ao mesmo tempo, há uma possível reação, ao se reconhecer como mulher negra e ativista, J. D. P. C. P. dedica-se a trabalhar com educação em escolas de classe média alta na busca de uma educação antirracista, como se quisesse reparar um mal causado pela escola na relação com sua mãe.

No caso de M. A. V. S., o trauma atualiza-se de modo distinto, mesmo tendo estudado Yoga durante anos, ter sido uma das poucas a receber a certificação de iogue do Iyengar, ter feito ioga com o próprio Iyengar¹⁰ na Índia, ter viajado para outros países, ter passado no exame, ela não se reconhece como uma autoridade, como podemos constatar na sua declaração a seguir:

[...] “papel de autoridade”, eu acho que autoridade não, eu acho que oportunidade, às vezes várias pessoas já falaram pra mim “você é dura”, eu falo “não, dura não, [sou] bruta, eu vim de uma educação bruta, dura”, então nem parei pra pensar, viu Paulo, você me fez uma pergunta muito difícil, que eu não vou saber te responder, mas eu não me sinto nesse lugar de autoridade, eu poderia te dizer com clareza onde eu me encontro nesse lugar, nessa região, como uma pessoa que mora e trabalha, eu costumo dizer que eu não sou moradora do bairro, eu sou prestadora de serviços, porque até nos dias de hoje, às vezes, a pessoa chega, tem formação de aula e fala “não quero falar com você, quero falar com a pessoa responsável”, aí já tem um impacto, né? Eu não poderia estar nesse lugar, à frente de um trabalho, aí às vezes eu faço uma brincadeira de pera aí que eu vou chamar, aí eu volto e falo: “pois não? Posso te ajudar?” (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

Apesar do chiste, M. A. V. S. nega o seu rigor como professora, normalmente se diria que a pessoa é exigente ou rigorosa, apesar desta fama, as pessoas a procuram, afinal não

¹⁰ Bellur Krishnamachar Sundararaja Iyengar (1918-2014) fundador do Iyengar yoga foi um dos mais respeitados professores de yoga no mundo, escreveu textos sobre yoga, sua técnica e filosofia é praticada por milhões de pessoas no mundo.

há vagas em sua escola, nem horário disponível para novos alunos, há fila de espera. O que faz M. A. V. S. se nomear como “bruta” pode ser o movimento psíquico conhecido como deslocamento. Ela transfere da ideia de autoridade associando conhecimento e rigor com brutalidade, como se não pudesse se autorizar a ser uma pessoa de saber ou de ocupar uma posição de autoridade. O que Souza (2021b, p. 50) nomeia como “a parte da autoestima que decorre da onipotência corroborada pela experiência”. As experiências não possibilitam a M. A. V. S. elevar a sua autoestima, ao contrário foram e são sempre atualizadas com o racismo, não é possível nem esquecer tampouco reprimir, como constatamos nos seguintes relatos narrados:

[...] eu já vinha determinada em morar com uma família, a proposta dessa família era que eu ia cuidar, trabalhar com eles, mas eles vão me oferecer escola, pois eu “precisava estudar” [...]. Quando eu cheguei em São Paulo, que eu fui trabalhar pra essa família, isso já foi choque enorme, né? Um choque gigantesco porque uma das exigências da família era que eu não poderia falar com as crianças com meu sotaque, então tive aulas de etiqueta, “olha, você não pode falar assim, não pode falar assado”. Aí eu comecei a achar estranho aquilo, muito estranho, eu falava “nossa, como assim?” [...] No processo disso tudo, a escola que eles haviam prometido não aconteceu. [M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola]

Eu tive uma sogra, a minha ex-sogra fazia questão de falar “eu não gosto de preto, eu não gosto de preto” na frente de todo mundo. (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

Teve uma situação de racismo, a gente estava indo pra uma viagem e aí a sogra da minha patroa falou: “ah, preto, nordestino e baiano não deviam existir em São Paulo, por que que tem que se relacionar com brancos?”. Aí a gente começou uma discussão, ela falou: “você é muito atrevida para uma babá!” Eu falei: “mas eu tenho nome” e aí a gente começou ali, uma discussão, então pedi pro motorista parar o carro e parei no meio da marginal, nem sei como voltei pra casa, sabe? (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

[...] uma vez uma senhora chegou pra pedir informação de aula, eu estava varrendo o chão da sala enquanto esperava os alunos chegarem e disse: claro! Eu não me apresento, sabe? Eu não chego me apresentando [...], ela queria voltar pra aula das cinco, então chegou uma aluna, super expansiva falando alto, bem vestida, ela [a senhora] olhou pra mim e falou assim: “mocinha, você é muito mal-educada”! Por que

você não me apresenta a professora?” Aí essa aluna falou “não, ela é educadinha”, eu fiz um sinal para ela ficar quieta, não falar nada, então respirei fundo e disse: “pois não”? Apresentei todo mundo que estava na sala pelo nome e sobrenome, aí me apresentei por último e falei assim, “você não precisa ficar na minha aula, o portão tá aberto se você quiser, por favor pode se retirar, mas se você quiser ficar pra aula seja muito bem-vinda. (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

Nos episódios narrados por M. A. V. S., há diversos momentos em que o racismo abriu novas e antigas feridas. Ser impedida de falar seu sotaque é uma tentativa de apagar sua identidade regional, mas também suas experiências de infância, seu lugar de origem, suas memórias que constituem sua personalidade, assim como ser obrigada a trabalhar sem ter sua promessa de estudar cumprida é uma atualização do trauma colonial marcado na memória de uma história coletiva. Os ancestrais de M. A. V. S. foram impedidos de falar sua língua, acessar os direitos de humanidade e existir. Os episódios em que a patroa impede M. A. V. S. de acessar os estudos e, quando a sogra de sua patroa, e a própria sogra diz que ela não deveria existir, há repetições que não permitem as feridas cicatrizarem. A violência do racismo cotidiano não permite o esquecimento. “Não se pode simplesmente esquecer e não se pode evitar lembrar” (KILOMBA, 2018, p. 213). A senhora que pretende ser aluna de M. A. V. S. não a reconhece como pessoa de autoridade e se acha no direito de ensinar como agir impedindo a de ser e existir, assim como seus patrões. O dispositivo colonial escravista permanece presente nas relações sociais da sociedade brasileira atualizando outras formas de violência e genocídio que impedem as pessoas negras de sonharem. M. A. V. S. disse que além de não se achar capaz, sente muita dor:

[...] eu acho que talvez eu esteja ainda nesse lugar de achar que eu não sou capaz de estar no lugar em que eu estou, mas eu não paro pra pensar nisso, o tempo é muito precioso, é curto, então bora, bora. Porque quando eu vou indo um pouquinho pra esse lugar, eu entro num lugar de sofrimento, de dor, principalmente pelos meus, que não conseguiram ter esse salto, não diria que é um salto, porque hoje eu estou aqui, amanhã eu não sei, não sei. (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

Talvez podemos interpretar a atitude de M. A. V. S. como amor à humanidade e outra forma de como lidar com o racismo:

[...] às vezes dá raiva, aí eu falo “não vou”, sabe? “Não vou alimentar esse lugar de raiva, de rancor, de ódio. Então como é que eu posso tocar essa pessoa pra que ela

perceba que ela tá tendo uma postura, uma atitude racista, como é que eu faço isso? Então conto até dez e aí vou e acolho. (M. A. V. S., 43 anos, proprietária de escola)

No entanto, podemos também pensar que movimento é uma repressão de sentimentos que podem ser somatizados e causar mais dor e sofrimento. Lorde et al. (2019) afirma que, em qualquer discussão sobre mulheres e racismo, a raiva deve ser reconhecida.

Não podemos permitir que nosso medo de raiva nos reduza a nada menos que o trabalho duro de escavar honestidade [...]. Lembre-se que não é a nossa raiva que faz com que tenhamos o cuidado de trancar as nossas portas à noite ou a não vagar pelas ruas de Hartford sozinhas. É o ódio deles que nos espia naquelas ruas, a urgência de nos destruir se nós trabalharmos de verdade por mudanças em vez de satisfazer a retórica acadêmica. (LORDE et al., 2019, p. 155)

Para o autor, ódio e raiva podem ser a fúria dos que não partilham dos mesmos objetivos, a mudança. Quando analisamos a história de M. A. A. S., evidenciamos um homem negro, criado numa comunidade e que herdou desde muito criança mecanismos de como lidar com o racismo:

[...] ao longo do período da infância, já via esses embates, eu já ouvia em casa frases do tipo, uma tia minha dizia “eu deixe ser branca pra ser franca”, ela ensinava que os brancos mentiam pra gente, que os brancos não falavam a verdade, isso tá implícito, “se alguém te chamar de neguinho fedido, você vai chamar a pessoa de barata descascada ou de macarrão sem molho, se ela falar que seu cabelo é bombрил, você vai falar que ele tem boqueira, que ele é piolhento” [...] então no nosso ambiente negro nós tínhamos nossas defesas, nós não éramos bonzinhos, no meu núcleo nós não éramos ensinados a ser passivos, pá pum, era pá pum, só que esses embates estavam na esfera da infância, no dia a dia, jogando bola, na escola ou na vizinhança. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Os mecanismos de defesa social que M. A. A. S. aprendeu na comunidade que viveu proporcionou que ele tivesse mais ferramentas para lidar com o racismo, nas suas palavras “um preto nunca pode estar desprevenido em relação ao racismo, você nunca pode ser pego no contrapé, tem que estar sempre preparado, independentemente de onde você está, você tem que estar preparado.” O aquilombamento possibilitou aprender no coletivo a ética e estética do que significa ser um negro empoderado, nas suas palavras. Ao longo da entrevista M. A. A. S. mencionou exemplos de como enfrentou o racismo institucional, estrutural e

cultural. É possível identificar em sua história que suas ações estavam ancoradas ou nos ensinamentos do Pai ou o que aprendeu neste viver coletivo.

Meu pai falou pra mim, você só não pode ser preguiçoso, bunda mole e pé de chinelo, o resto, cara, você pode fazer qualquer coisa. Nessas três frases tá incluso ser mal caráter, não bancar o que você fala e correr do pau [...] na concepção do meu pai, aquele que não tem estética, aquele que não consegue ter a percepção do que orna e do que não orna, uma palavra muito importante pra ele era a palavra ornar, “isso não orna, isso, não só no ponto de vista das cores do móvel, de alguma coisa, da comida, mas também com o teu posicionamento”, não orna você querer brigar com um cara mais fraco que você e quando um mais forte chegar pra querer brigar com você, você afinar [...] se você não combinar isso, você é um bunda mole. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Esses ensinamentos foram tão importantes para M. A. A. S. que ele relata que, desde cedo, aprendeu com o pai a respeitar e reconhecer outras pessoas negras. Independentemente de onde eles estivessem, o pai de M. A. A. S. cruzava com outro negro no caminho, que ele denominava como Patrício, então ele cumprimentava e mostrava pra gente que deveríamos reconhecer uma identidade entre os negros. Reconhecer e ser reconhecido, o sujeito negro historicamente não era e às vezes continua não sendo reconhecido como um cidadão de direito e/ou ser humano. Aprender a reconhecer a humanidade no outro, que é negro, é se reconhecer e ter sua humanidade reconhecida. Talvez esse seja um elemento fundamental para produção e elevação de autoestima.

A autoestima de M. A. A. S. foi vivenciada na sua infância, nas suas experiências cotidianas e atualmente em sua satisfação pessoal de possuir sua empresa, como afirma Souza (2021b, p. 50), “uma parte da autoestima é primária — o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do Ideal do Ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal”. Aprendeu com sua mãe também a cuidar da estética, da vida e romper com a imagem projetada da branquitude:

Minha mãe também dizia: “você já é preto, então você tem que sair limpo, com cabelo penteado e saber entrar e sair dos lugares”, “você já é preto, então você não pode parecer um preto que eles querem ou como já enxergam você, sujo, fedido, despenteado, maloqueiro e fodido, já vão ver isso, não acentue” entendeu? [...] “repita comigo, filho, quando você for abordado, coloque suas mãos onde o policial possa ver,

não faça nenhum gesto bruto, responda só o que ele te perguntar, não olhe nos olhos dele, não saia correndo, entendeu?”. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Romper com o ideal da brancura que negro é sinônimo de nojeira, preguiça e pobreza. Também aprendeu que a branquitude e o racismo institucional querem um argumento para eliminar os corpos negros, qualquer movimento brusco é motivo para receber um tiro, o ser negro carrega o estigma do “meliante”. Nas relações trabalhistas não é diferente, a violência racial aparece e é preciso estar pronto. Logo no primeiro emprego em uma empresa estatal, M. A. A. S. já desfilava o que tinha aprendido com sua família:

Eu não era mais um neguinho limpinho, com o cabelo penteado tipo escovinha com a calça de tergal, um sapato Vulcabrás, uma camisa polo, ou uma camisa com um cardigã, ou uma blusinha azul por cima, com um visual do pretinho certinho, do pretinho limpinho, eu era aquele que falava “não, vou negar”, quando eu comecei a trabalhar na Eletropaulo, uma das primeiras coisas que eu resolvi mudar foi cortar o cabelo como eu quisesse, ou melhor, não cortar mais o cabelo, porque minha mãe dizia: “enquanto eu estiver pagando o corte do teu cabelo, você vai cortar como eu quiser”, ou era corte americano, tipo reco, tipo quartel, ou era o cabelo escovinha, ou todo ele raspadinho, a antítese do black power, era um preto desempoderado, então o meu primeiro empoderamento se deu pelo cabelo. Eu posso ser senhor de mim mesmo a partir do momento em que eu posso usar o cabelo do jeito que eu quero. Qual cabelo que eu quero? Um cabelo que conteste esse pretinho pai Thomas [...], eu cheguei no meu trabalho, que era uma empresa estatal, com trança nagô bem feitinha, fiz num sábado, na segunda-feira, a trança tava trincando, estava com uma camisa social, manga curta abotoada até a gola, estilo crente, teve uma época que eu usei a camisa abotoada até a gola, então eu tava usando a camisa como se fosse crente, mas tava de trança e bermuda de linho com vinco. Aí um cara me disse: “pô, você tá de bermuda”! Eu respondi: “qual é o problema?” Ele disse: “não pode vir de bermuda”. Eu respondi: “por que que não pode vir de bermuda? Onde tá escrito que não pode vir de bermuda? É só o senhor me mostrar que eu não uso bermuda”. Eu não faço atendimento ao público, tô aqui interno. Vamos supor que fulana de tal que atende na agência da Eletropaulo tá de saia, ela também mostra a perna da canela pra baixo”. Então eu encontrava brechas pra fazer esses questionamentos e me diferenciar esteticamente e pelo meu discurso, o meu corpo era o discurso nos espaços onde eu estava, e aí juntava com essa questão da leitura que eu ostentava, lia jornal no trem, lia revistas no trem. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Como o racismo é perverso, o negro poderia tentar achar brechas no funcionalismo público, mostrar que era empoderado e podia agir nas brechas da lei, mas no espaço público se exigia mais ferramentas, por isso milhares de mães continuam a ensinar seus filhos como agir diante da autoridade policial, afinal, a polícia detém o monopólio legítimo da violência em nossa cultura, os corpos negros devem ser contidos. Observe o relato de M. A. A. S. nos anos 80.

Em 1983-84, quando o policial me parou e me falou o seguinte: “cadê o bagulho, tá em cima?”? Eu olhei pra ele, coloquei a mão na cabeça e falei ironicamente porque eu tava em público: “em cima?”? Ele falou: “cadê o bagulho? Você não sabe o que é bagulho?” Eu falei: “o senhor fala de entorpecente?”. Então ele pá! [deu um tapa na minha cara] “Quer falar difícil comigo, neguinho?” Após ter tomado aquele tapa ali em público, eu falei: “ó, se me prenderem aqui, sabem que foram eles”. Fiz até aquele discurso, para testar o meu empoderamento. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Uma formação familiar com aquilombamento pode forjar pessoas empoderadas, com autoestima elevada de modo a enfrentar o colonialismo, além de ter cuidados com a estética e estudar, aprender seus direitos e questionar as injustiças e opressões. O sujeito negro se coloca como *outside*, um ser fora dos dispositivos-colonial-escravista que projeta uma ideia de negro, um início de um devir negro, como afirma Mbembe (2018). Apesar desse mecanismo aprendido, M. A. A. S. não se livrou das opressões do racismo e da violência institucional do Estado Brasileiro, não se pode falar difícil ou não pertencer ao roteiro colonial de criminoso ou usuário de drogas, afinal o racismo é um crime perfeito. Observe no relato de M. A. A. S. como a sociedade brasileira, por meio de seus cidadãos, não aceita que corpos negros liderem ou estejam em posição de autoridade.

Eu entrei em 1982 na Eletropaulo, depois de um ano e meio, eu fiz outro concurso e virei auxiliar administrativo, depois eu fiz outro teste lá dentro, não avisaram que era concurso interno e não me chamaram, mas depois eu fiquei sabendo e fiz, obriguei as pessoas a me passarem o teste, fiz o teste, entrei. Passei a desenhista de projetos, nisso eu concluí o colégio técnico, aí passei a ser técnico em eletricidade, isso em 1986-87, entrei pra fazer sociologia em 1987 [...], eu não queria mais trabalhar como técnico, eu queria trabalhar como sociólogo, mas pra que eu continuasse na empresa e exercer a função de sociólogo, eu teria que mudar pra um departamento que tivesse isso [não havia possibilidade], então eu propus um projeto de contar a história dos dez primeiros anos da existência da Eletropaulo naquela área de concessão, dados socioeconômicos. Quantos postes têm instalados, quantos não têm, quantos

funcionários, então eu fiz um questionário para ser aplicado pros funcionários e apresentei esse projeto. Eles aprovaram o projeto, aí eu escrevi a ata de uma reunião e convoquei a próxima e assinei a carta, só que quem assinava carta, bicho, quem assinava correspondência, projetos, era chefe, era só chefe que assinava e eu tava pagando de chefe para os superiores, aí o pessoal falou: “M. A. A. S., o superintendente quer falar com você”, vai te chamar pra uma reunião”. Nessa reunião, tava meu chefe de seção, o chefe de divisão, que responde por seções, divisão, departamentos e o superintendente. Aí o chefe de departamento disse: “pô, eu não entendo você, a gente dá tudo pra você, e você não reconhece!” Você tá se ausentando do serviço, demos dois dias pra você fazer o projeto [...] a questão era a seguinte: “esse filho da puta, como que esse cara aqui, ele está assinando carta? Esse moleque é de esquerda, fez um discurso numa festa de natal que chamou a gente de hipócritas e o caralho, como que ele tá liderando uma equipe de técnicos para fazer um negócio picas desse daqui”? Aí meu chefe falou pra mim assim, ele era do departamento, o chefe do meu chefe do meu chefe, “você só quer coisa boa com as mulheres, eu não tô entendendo, é blusinha de crochê, brinquinho, trancinha”, a estética foi o motivo, quer dizer, era inadmissível o corpo preto estar ocupando aquele espaço de liderança e de poder, como que um preto insubmisso vai virar um chefe dos outros? [...] Resumindo, naquele dia eu pedi demissão [...], eu abri mão da minha garantia de emprego. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

Os chefes de M. A. A. S. não aceitam que um corpo negro e empoderado, que enfrentava o sistema por meio da estética e seu modo de estar no mundo, pudesse comandar e/ou fazer algo que demonstrasse sua capacidade como igual. No pacto da branquitude, não faltam exemplos de pessoas brancas que propõem ações como M. A. A. S. e são nomeadas de proativas, mas os corpos negros não podem ser proativos, nem almejar progredir na carreira. As ações de M. A. A. S. são compreendidas como subordinação, mas o que fica latente são as interseccionalidades do racismo, seja de classe e gênero, o chefe afirmou: “você só quer coisa boa com as mulheres”, o corpo negro é sempre sexualizado e compreendido como um ser primitivo que “exala” sexo, o que faz, faz para se conseguir prazer sexual, portanto há nesse episódio a dicotomia colonial natureza-cultura.

O que nossos ancestrais nos ensinaram ou herdamos no nosso corpo-arquivo são as opressões das relações trabalhistas. M. A. A. S. trazia o ensinamento do seu pai que não deveria trabalhar para os outros, deveria ser chefe de si mesmo, assim como seu pai, que era autônomo, foi montar sua empresa, nesse percurso, as experiências da universidade só reforçaram os estigmas e opressões, afinal a universidade é um local de produção de

conhecimento e consequentemente de poder, observe no relato a seguir como M. A. A. S. sofreu as marcas do racismo na universidade.

[...] quando entrei na USP, no dia em que eu fui fazer minha inscrição, todos que estavam lá pra fazer a inscrição eram brancos, a primeira coisa que me perguntaram foi “você é orientando do professor Kabengele?”. O motivo da pergunta era porque ele era o único orientador negro naquela época. Eu falei: “não, eu vou estudar na sociologia, eu vou estudar sobre política” [...] um ano ou dois depois, eu fiz um curso sobre temas do Brasil contemporâneo pós-64, um movimento político no país pós-golpe, acho que tinha umas 16 vagas para 30 candidatos. O professor falou: “Tem 12 pessoas aqui que já fazem parte do departamento de política, então tem quatro vagas no meu curso, eu posso aceitar mais quatro, totalizando 20 estudantes, mas eu quero que todos que não são do departamento de política saiam da sala, eu quero entrevistar um por um pra saber porque quer fazer o curso. Quando chegou a minha vez, eu entrei, ele olhou pra mim e falou o seguinte: “eu já conversei com você, né?” Eu respondi: “não”. Ele disse: “Eu já conversei com você sim, encontrei com você no corredor, nós conversamos um pouco”. Então eu respondi: “professor, têm dois pretos na USP, o senhor conversou com o outro, eu só li coisa sua, mas nunca conversei com o senhor”. Aí ele ficou meio constrangido. Então o professor perguntou: “Você lê em inglês?”. Já queria me foder, né? Eu não respondi se eu lia ou não lia, disse que eu falava melhor do que eu escrevia, mas por que? De alguma forma, eu tava preparado pra uma situação racista, aquela foi uma manifestação racista e, mesmo sendo uma escola de humanidades da USP, eu não tava longe dessa questão racial, então ao longo da minha trajetória. (M. A. A. S., 56 anos, empresário).

Os corpos negros não podem ocupar um lugar de poder, de produção de conhecimento e, quando ousam estar neste lugar, o roteiro da branquitude diz que só podem estudar sobre o racismo, como se o racismo fosse um problema do negro. É isso que M. A. A. S. relata quando seus colegas perguntam se ele era orientando do Prof. Kabengele. Também é visível que esse sentimento afeta tanto alunos como professores, ao entrar na sala para falar com o professor sobre a vaga, ele diz já ter falado com ele, os corpos negros são vistos como todos iguais, uma característica de como a branquitude nos desumaniza, não possuímos subjetividade, além óbvio de ser naturalizado que somos poucos a ocupar lugar de autoridade, talvez um, no máximo, na visão inconsciente ou consciente daquele docente.

Apesar de todo preparo que M. A. A. S. recebeu de seu pai, mãe e comunidade, não ficaram incólumes as feridas do racismo, quando perguntei sobre sentimentos, o que ele sente em relação ao que fizeram com seus ancestrais, e o que acontece com os negros, ele tentou

não falar sobre sentimentos, racionalizar e apontou saídas, mas acabou deixando implícita a revolta, o medo de perder o filho e, sobretudo, a indignação de os brancos não sofrerem a mesma ameaça que os negros, isto é, a branquitude usufrui de direitos em detrimento das pessoas negras, há uma permanência das condições sociais da maioria da população negra. Observe como ele responde à pergunta:

[...] Se isso aqui [Imagem da mãe preta do Lucílio de Albuquerque] estivesse no passado, beleza, né velho, mas não tá, então não dá pra você entrar com o pé murcho na bola, eu não tenho tempo pra ter relações sentimentais [...]. O que eu sinto é o seguinte, o quanto de energia ainda vamos ter de que desprender pra colocar o país, o mundo dessas relações nos trilhos do avanço, porque a gente ainda tá longe, se eu analisar friamente os números de dados de jovens negros, quer dizer, quando meu filho fala assim “pai, cheguei!” e eu ouço a porta abrindo ou fechando atrás das costas dele, porra, porque eu sei que ele tem menor probabilidade de chegar vivo em casa por causa da cor que ele escolheu colocar no cabelo dele, você entendeu? Esse aqui [aponta para criança branca na imagem] pode colocar a cor do cabelo que ele quiser, mas o meu não pode, então eu tô aqui, segurar essa criança branca no colo seria mais ou menos dizer o seguinte: “pô, eu tenho que viver esse mundo branco aqui, eu tenho que alimentar esse mundo branco aqui, vou ver se dá tempo e a se tenho energia pra alimentar o meu filho preto aqui, que eu preciso manter ele vivo, mas o mundo é branco, preciso alimentar o mundo branco”, a política branca. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

M. A. A. S. diz explicitamente sobre o medo de o filho sofrer violência por ser quem ele escolher ser, mas, sobretudo, porque um corpo negro não pode deixar o roteiro colonial que a branquitude escreveu. Aos corpos negros cheios de subjetividade negra, a resposta é a violência e a morte. O medo é uma emoção presente nas diversas espécies animais, quando sob ameaça os animais fogem, lutam ou paralisam. M. A. A. S. resolveu lutar e não falar dos sentimentos de modo explícito. Há uma racionalização, a justificativa de que não dá tempo, não temos tempo de falar dos sentimentos, mas eles estão lá. A dor causada pelo racismo gera esse mecanismo de defesa para reprimir e não conscientizar a dor. A forma como cada um trata a sua dor é subjetiva e tem a ver com as experiências que marcaram sua existência ao longo da vida, M. A. A. S. lida com essa dor demonstrando sua resistência:

[...] eu encontrava brechas pra fazer esses questionamentos, e essas brechas eram estéticas, elas me ajudavam nisso. Então me indiferenciar era uma maneira de chamar atenção, era o meu discurso, entendeu? Então meu corpo era o discurso nos espaços

onde eu estava, e aí juntava com essa questão da leitura que eu ostentava, lia jornal no trem, lia revistas no trem [...]. Preto com o livro na mão dentro do trem, na rua, você entende? Então quando a polícia me parava e ia me revistar, eu tava com livros e revistas na bolsa, os caras ficavam loucos, cara e eu rachava o bico, porque dentre muitos caras, eles falavam “opa, aquele ali, vou parar aquele”. Era direto, os caras me paravam com livro na bolsa, os caras ficavam malucos, entendeu, então essa era minha resistência. (M. A. A. S., 56 anos, empresário)

M. A. A. S. criou um outro roteiro para sua vida, tornou-se sujeito burlando as normas e o caminho construído para sua existência. Sabia como se preparar para as mazelas do racismo porque sua família-comunidade, esse aquilombamento possibilitou que ele compreendesse a realidade objetiva, obviamente que carrega traumas e dores advindos do racismo, mas se constituiu no mundo de modo a acessar uma parcela, ainda que pequena da riqueza produzida pela sociedade.

A repressão é um movimento de luta contra o sofrimento. Se voltarmos ao caso de J. D. P. C. P., na infância e adolescência, notamos que ela se reprimiu, mas após anos de análise se conscientizou.

Eu senti como se eu fosse maluca, invisível a questão que eu tava trazendo para ela e eu fiquei constrangida, aí depois disso eu parei de falar desse assunto tanto é que só de lembrar a minha garganta dói um pouco, porque essa memória que depois mais velha eu fui começando a lembrar, virou um trauma, então eu parei de falar desse assunto, cheguei em casa, não falei para os meus pais, é uma história que eu contei para os meus pais adulta, minha mãe falou: “Mas por que você não me falou, eu tinha que ter ido na escola”, mas eu sentia muita vergonha e constrangimento, né? Então aí ficou por isso mesmo. (J. D. P. C. P., 32 anos, coordenadora pedagógica)

O que estamos percebendo é como o corpo negro traz marcado memórias ancestrais que resistem ao extermínio ao longo dos séculos. Os entrevistados carregam em comum uma consciência do corpo negro. Não se trata de uma força individual pautada na lógica neoliberal de mérito e força de vontade, as histórias demonstram como, ao longo dos anos, apesar das violências físicas, simbólicas, materiais e inconscientes, esses corpos negros desenvolveram suas identidades, em especial, sua identidade negra de maneira a estar consciente no mundo, não sem dor e sofrimento. Alguns na infância se submeteram a isso, como afirmam Assuar e David (2021, p. 85):

Tela de projeções que a sociedade branca tornou tabu [...] depósitos para medo e fantasia brancas do domínio da agressão e da sexualidade. É por isso que, no racismo, a pessoa negra pode ser percebida como “intimidante” em um minuto e “desejável” no minuto seguinte.

J. D. P. C. P. e I. A. A. S., oriundos de classe média e filhos de relacionamento interracial, ao vivenciarem o racismo, foram significando, por viverem em condições economicamente melhor, o racismo de modo diferente, mas ele chegou, devagarzinho, mas chegou. Os pais e mães eram iludidos de eles eram protegidos pela condição econômica. Acreditando que seria possível não sentirem as diferenças raciais, não os preparam, nem sei se é possível preparar para o racismo, talvez como o M. A. A. S. nos relatou, ou não sabiam como agir. Já D. M. S., M. A. A. S. e M. A. V. S. desde criança já sabiam que eram negros e negra, seja por conversas e acolhimentos da família, seja pela realidade imposta que não deixava dúvidas sobre a sua negritude.

No entanto, todos viveram o estágio do impacto, processo de contato com seu corpo-arquivo, uma força presencial que é acessada na memória ancestral e nos encantamentos que resistiram ao extermínio e apropriação ocidental. Alguns como M. A. V. S., M. A. A. S. e J. D. P. C. P. lembram dos momentos e ensinamentos da avó, outros como I. A. A. S. e D. M. S. acessaram por meio da literatura, seja na escola de classe média (I. A. A. S.) ou na cultura periférica (D. M. S.). No estágio do impacto, esses corpos de seres desejados, tornaram-se seres desejantes, aprenderam a desejar e não somente a reproduzir o roteiro social de lugar de existência, por isso chegaram ao estágio da militância e caminharam para o estágio da articulação.

No primeiro estágio (submissão), o(a) negro(a) vivenciaria uma idealização do mundo branco, como um escudo; no segundo (impacto) haveria a descoberta do grupo étnico racial de referência; no terceiro (militância) ocorreria a construção de uma identidade afrocentrada; e, por fim, no quarto estágio (articulação), a abertura para alteridade. (DAVID; VILLAS-BÔAS; MOREIRA, 2021, p. 88)

Todos estão no estágio da articulação na vida profissional. Os entrevistados M. A. V. S., I. A. A. S., M. A. A. S., D. M. S. e J. D. P. C. P. escolheram viver, sendo visível a busca de cada um deles por essa alteridade, M. A. V. S. ministra aulas de Yoga e capoeira para todos, seja branco ou negro, e busca, por meio da capoeira, acessar e compartilhar esse saber ancestral, M. A. A. S. possui sua empresa, mas atua na política, na educação e na luta antirracista, J. D. P. C. P. é coordenadora pedagógica, pesquisadora de educação antirracista e ativista, I. A. A. S. é diretor de uma multinacional e responsável pelas políticas de equidade e ações afirmativas e D. M. S. é pesquisador do antirracismo, ativista e professor engajado em escolas particulares em sensibilizar os jovens brancos sobre o lugar de privilégio. Todos

vivem situações de opressão e violência na sua vida profissional, mas permanecem porque se conscientizaram dessa continuidade da luta coletiva e ancestral da negritude.

3.1. Uma digressão na luta antirracista: o pardo e o embranquecimento

Dos cinco entrevistados, somente M. A. A. S. é filho de pai e mãe preta, M. A. V. S., D. M. S., I. A. A. S. e J. D. P. C. P. são frutos de relacionamentos inter-raciais, isto é, pessoa branca com pessoa preta. Desses, JDCP e I. A. A. S. são oriundos de classe média alta e D. M. S. e M. A. V. S. são provenientes de classes populares com baixo poder de renda. M. A. V. S. foi criada no interior da Bahia, vivenciou o racismo na comunidade, na escola e na igreja, mas não era desprovida de afeto da mãe, irmãs e avó, nem lhe faltava alimento e lazer, como relatado em sua história. O que há em comum entre D. M. S. e M. A. V. S. é que ambos não conheceram seus pais. D. M. S. é fruto de uma violência histórica para com a mulher negra que marca profundamente sua relação com a mãe e sua permanência no mundo, conforme apresentado em alguns trechos a seguir:

Minha mãe era diarista, o meu pai era alcoólatra, muito viciado. Eu não tive muito contato com ele porque, quando tinha seis meses, ele saiu de casa, né? Fugiu porque ele não aceitava que minha mãe tinha engravidado de mim. Pelo fato dele ser alcoólatra, minha mãe tinha rompido relações sexuais com ele, aí um dia ele chegou bem louco em casa, né? Minha mãe também disse que talvez ele tenha feito uso de drogas e tal, e aí ele a estuprou, no outro dia ele não lembrava de nada. Então ela engravidou de mim, quando ele soube, ele não lembrava do estupro e ficou muito bravo com ela. E aí falou um monte para ela e a espancou, falou que se ela não me tirasse, ele ia tirar com um murro. Minha mãe tentou vários métodos abortivos como furar o útero, chá de maconha, chá disso, chá daquilo, várias pílulas, ela falava que todo dia de manhã dava um soco na barriga e fumava muito [...]. Quando eu nasci, foi um inferno na vida dela, a vida já era difícil porque tinha quatro irmãos vivendo na pobreza extrema [...]. Aos 12 anos minha mãe me tirou da escola e falou que estudar era um luxo. Eu fui para rua vender coisas, né? Eu fui catar fruta no sacolão, enfim eu fui tentar levar dinheiro para dentro de casa, né? Ficava no farol pedindo. A casa era de 40 metros quadrados, era só um cômodo onde tinha a geladeira, o fogão, e no meio tinha um guarda-roupa, eu lembro de muita pobreza. [...] Minha mãe começou a ter síndrome do pânico, depressão e várias coisas. E aí eu lembro que nós fomos ao médico e nesse dia, a médica falou: “Olha se você ficar aqui em São Paulo, você vai morrer, você tem que voltar para sua terra, você tem seus irmãos”. [...] Aí passaram dois meses assim, eu acordei no sábado, e as malas dela estavam na sala, ela disse

que ia para o Nordeste. Então eu disse: “Mano, eu nem arrumei minhas malas. Aí eu fiquei meio desnorteado. Caramba, e agora, tenho que arrumar minhas malas, não arrumei nada. O que que eu vou fazer?” Aí minha mãe olhou para mim e falou: “Tchau, tô indo embora”. Ela pegou as malas e saiu de casa, né? Eu fiquei assim olhando, lembro que fiquei uns dois minutos atônito. Aí depois eu disse: “não, minha mãe tá brincando, abri a porta da sala e não vi ela no quintal. Andei até a rua e fiquei olhando, ela realmente tinha ido embora. Aí fiquei sentado no sofá por meia hora pensando fodeu, né? Minha mãe foi embora, sem nenhum aviso prévio, sem nada, foi embora eu fiquei assim, tinha 15 anos, a casa era de invasão em um terreno da prefeitura, fiquei atônito por um período, me perdi um pouco no começo, mas depois fui me reestruturando. (D. M. S., 39 anos, professor)

A história de D. M. S. é trágica e nos aponta um questionamento interessante sobre os filhos de relacionamentos inter-raciais. Nesse caso específico, D. M. S. pode ser considerado pardo por ter a pele mais clara ou não ser um negro retinto e possuir traços na face semelhantes ao padrão estético branco. No entanto D. M. S. se reconhece como negro e enfatiza a estética negra em seu modo de estar no mundo. Independente da sua caracterização, o que podemos perceber no relato do D. M. S. é que em alguns momentos na vida, ser pardo, talvez o fez sofrer menos violência policial e juntamente com a sorte possibilitou estar vivo. Apesar da rejeição e abandono dos progenitores, D. M. S. conseguiu sobreviver, estudar e estar numa posição de autoridade. Podemos atribuir isso ao apoio dos irmãos, a curiosidade que o fez acessar as histórias de Malcolm X, Mandela, Steve Biko entre outros, tudo isso e outros fatores que não sabemos, possibilitou-lhe acessar essa memória ancestral. Interessante que D. M. S. contou que desde cedo sabia que era negro, ele sempre ouvia isso de seus irmãos em casa. No decorrer da vida de pobreza, vivenciou a solidariedade de classes que escancarou as mazelas do capitalismo, isto é, não importa se é branco ou preto, sem capital, o acesso a bens e direitos são limitados. Durante sua história, é latente como o abandono gerou marcas psíquicas, sobretudo quando ele relata que sofre da síndrome do impostor, mas o racismo também cria no corpo negro “calos”, assim como M. A. A. S., D. M. S. aprendeu na vida a se preparar para o racismo.

A neurose de destino sempre “ronda” nossa vida, somente como muita conscientização dos traumas que é possível romper com essa repetição familiar. Sempre lembrando que são movimentos inconscientes. D. M. S. tem uma filha branca, fruto de um casamento inter-racial, hoje vive num relacionamento com uma pessoa negra e na entrevista disse não possuir dúvidas sobre a sua filha ser branca. Esse fato nos remete a um dos recursos utilizados nas entrevistas, a pintura *A redenção de Cam*, de Modesto Brocos.



A redenção de Cam.

Autor: Modesto Brocos

Data: 1895

Técnica: tinta a óleo, tela

Dimensões: 199 centímetro x 166 centímetro

Vou abrir uma digressão dentro da digressão e depois voltaremos a D. M. S., 39 anos, professor.

Ao analisar a pintura, podemos ver quatro pessoas, do lado esquerdo, há uma mulher negra retinta, mãe da mulher negra parda que segura criança branca, e a direita há um homem branco, pai da criança. Vamos contextualizar o quadro *A Redenção de Cam*, na história bíblica, Cam é amaldiçoado por ter zombado ou visto seu pai, Noé, nu e embriagado, então Noé banuiu e amaldiçoou Cam. Segundo o mito ocidental, Cam foi para a África e a maldição é a marca negra, por isso os descendentes de Cam, que são os africanos, são amaldiçoados com a cor, eles são negros. *A Redenção de Cam* é porque essa mulher retinta tem uma filha com um homem branco, não se sabe se casou ou não, provavelmente não, mas nasceu uma criança parda, então há um embranquecimento. A mulher parda tem um filho com o homem branco, conseqüentemente a criança nasceu branca, quer dizer que há uma redenção de Cam na linhagem. Além de retratar o processo de embranquecimento, o quadro apresenta outros simbolismos, por exemplo, a mulher negra retinta está descalça na terra, agradecendo ao céu ao lado de uma palmeira, que representa a selvageria, a oposição natureza-cultura. A mulher parda, no meio, segura a criança e, ao segurar a criança, encontra-se nesse campo de mediação, dividida entre dois mundos, é possível ver somente um pedaço do sapato, ela ainda não é branca, então está entre a terra e o calçamento. O homem branco está de sapato na casa, num lugar de calçamento, sentado na porta da casa, representando a civilização. O que chama a atenção é o olhar de desdém ou de orgulho do trabalho realizado.

Modesto Brocos pintou esse quadro em 1895 não por acaso. Nesse período, o Brasil estava se consolidando na busca por uma identidade nacional. Apesar da compreensão de que o povo brasileiro é fruto da confluência de povos africanos, indígenas e europeus, a

sociedade brasileira nunca concebeu como equânimes. Na história ocidental colonial, os africanos e indígenas eram considerados como seres inferiores, no entanto o estupro realizado pelos homens brancos europeus às mulheres africanas e indígenas produziu seres humanos mestiços, como se denominou chamar de pessoas sem identidades, pois não pertenciam a nenhum grupo social. A colônia e depois o império eram compostos por africanos, indígenas, europeus, não só portugueses, mas em menor número holandeses, ingleses, alemães, espanhóis etc., mas podemos inserir nessa diversidade o mestiço brasileiro que não se reconhecia, nem era reconhecido como pertencente a alguma dessas origens (africanos, indígenas, europeus). O mestiço, fruto da violência, não tem lugar, já que não existia a nacionalidade ou o povo brasileiro. Surgiu um ser cindido, sem lugar de pertencimento e sem origem ou com origem fragmentada. O Império era um regime tão esquizofrênico que era possível ser negro-pardo e não ser escravizado e até possuir posição de autoridade e riqueza. A esse respeito podemos mencionar André Rebouças (1838-1898), que se descobriu negro ao viajar para os EUA, não sendo aceito em hotéis (ALONSO, 2015) e Luiz Gama (1830-1882), que advogaram em prol de dezenas de escravizados, Juliano Moreira (1872-1933), médico psiquiatra, Maria Firmina dos Reis (1822-1917), escritora, entre outros.

Não obstante, a elite no século XIX juntamente com a coroa tinham como objetivo consolidar o Brasil como país independente, já que as bases do Estado tinham sido fundadas, primeiro em 1808, com abertura dos portos, criação da casa da moeda, universidades etc., depois, em 1822, com a criação dos quatro poderes do Estado (Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador). Por isso, eram necessários um povo e uma nação. Surgiu então o questionamento: quem é o povo brasileiro? Não por acaso o Império lançou o concurso, via Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no início dos anos 1840, para elaborar a história brasileira, o ganhador foi o naturalista alemão Karl Philip Von Martius, publicado na *Revista Trimestral de História e Geografia* ou *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em janeiro de 1845, no número 24, tomo 6, páginas 381 a 403. Nessa publicação, surgiu a ideia de que o povo brasileiro mesclava elementos das três raças: o branco (europeu/português), o índio/nativo e o negro/africano.

Podemos classificar a história por essa busca de identidade nacional ou o que significa ser brasileiro em alguns momentos, o primeiro, definido por um determinismo biológico, colocou em conflito as ideias de Sílvia Romero, que acreditava no surgimento de um povo brasileiro partindo da mestiçagem, e as ideias de Nina Rodrigues, defensor da incapacidade e inferioridade de africanos e indígenas, rejeitava a unidade étnica de Romero. Para Nina Rodrigues haveria o mestiço superior, degenerado e instável. O debate ferveu no final do século XIX e início do XX. Independente das divergências em 1911, o Brasil apresentou no Congresso Internacional das Raças, com João Baptista de Lacerda (1846-1915), o projeto de

embranquecimento do estado brasileiro. Segundo esse projeto, no espaço de 100 anos, o Brasil não teria mais negros. O embranquecimento, além de biológico, ocorreu como apropriação da cultura africana de modo que tudo de origem africana deveria ser nomeada como brasileira, ao contrário dos saberes e conhecimentos europeus. O início do século XX é marcado por um processo político de embranquecer a população por meio de incentivos à imigração europeia, oportunidades ao imigrante europeu em detrimento dos negros brasileiros. Enquanto isso, o embranquecimento agia proibindo as práticas africanas que não eram assimiladas e apropriadas.

O embranquecimento é parte dessa neurose cultural brasileira. Lélia Gonzalez (1984) define o racismo como sistema complexo de opressão que envolve não apenas preconceito racial individual, mas também estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade racial, o inconsciente da nossa sociedade foi sendo forjado de modo a definir quais os desejos, quem pode desejar, quem é desejante ou desejado¹¹. O inconsciente, como afirma Lacan no seminário 14, é político. Os traumas sociais que carregamos gera tantas patologias que há sempre uma reatualização dessa neurose. Nos anos 70, o movimento negro ressignificou o que significa ser negro e iniciou um movimento de reafricanizar a identidade negra partindo da fundação do Ilê Aiyê em 1974. Esse movimento foi fundamental para a compreensão de uma consciência ética, estética e moral do sujeito negro, o retorno ancestral fortaleceu e reconheceu o que foi apropriado da vida religiosa, na música, nas festas, na culinária, na linguagem gestual e verbal. Essa reafricanização foi um marco na ressignificação da identidade negra, se a Frente Negra Brasileira, com suas ações e produções jornalísticas, ressignificou o termo negro, até então entendido como sinônimo de ofensa, agora ser negro, mais do que o termo compreendia, era enaltecer e reverenciar uma cultura africana reprimida. O termo cultural afro-brasileira não surgiu por acaso, ao contrário, é repleto de simbolismo e busca materializar o orgulho de uma ancestralidade.

A partir da década de 1970, as ações do Movimento Negro Unificado, além de estarem incididas sobre o Estado na luta por direitos, também buscou pensar uma cultura afro-brasileira que constitui um outro modo de agir sobre a subjetividade da nossa época. Só é possível evidenciar o racismo por meio de dados estáticos porque o movimento negro agiu durante décadas para inserir os marcadores de raça nas estatísticas oficiais do Estado brasileiro, ao mesmo tempo essa reafricanização deu continuidade ao trabalho da Frente Negra Brasileira que foi organizar, fortalecer e emergir esse corpo arquivo ancestral negro.

No entanto, como afirma Fanon, “o racismo não pode esclerosar-se. Teve de se renovar, de se matizar, de mudar de fisionomia” (2018 [1956], p. 2). O projeto do

¹¹ O termo desejado não é somente é compreendido como objeto de desejo, mas também como sujeito que seus desejos são definidos externamente. Nesse caso, o desejo do sujeito negro é definido pela sociedade, o Eu ideal branco.

embranquecimento falhou, pois chegamos ao ano de 2023 com metade da população do Brasil é negra. Segundo o IBGE, em 2021, 43,0% dos brasileiros declararam-se brancos, 47,0% declararam-se pardos e 9,1% declararam pretos. O que não falhou e ainda está por se atualizar é o racismo. A reafricanização brasileira, as ações do Movimento Negro Unificado, o movimento feminista negro, o movimento cultural da juventude periférica, os movimentos internacionais como *Black is beautiful*, as conquistas de políticas públicas e as manifestações contra o racismo após George Floyd reconfiguraram o racismo na conjuntura mundial. Novas ondas de racismo surgiram na Europa e no Brasil, um debate específico retoma a pauta do dia, o colorismo ou a passabilidade do pardo, ou ainda o quanto uma pessoa negra-parda pode performar a branquitude para obter privilégios. A digressão histórica objetiva demonstrar que o tema da mestiçagem e embranquecimento sempre esteve entre nós, é um trauma da nossa história que não foi conscientizado, isto é, não foi enterrado devidamente, por isso sempre volta para nos assombrar.

A luta por direitos dos movimentos negros, direitos civis, mulheres, feminismo negro, juventudes, direitos humanos etc., possibilitou que existissem políticas públicas e ações afirmativas. Apesar de a maioria da população brasileira ser negra, não existe isonomia racial. Numa sociedade com equidade racial, espera-se que metade dos cargos e lugares de poder fossem ocupados por negros e negras, já que são mais da metade da população. A verdade é que o racismo explica essa organização e distribuição do poder e da riqueza.

Como o processo histórico excluiu os negros e negras de oportunidades, e as riquezas produzidas por seus ancestrais foram expropriadas, é legítimo que reparações sejam realizadas, se não querem expropriar e devolver os bens aos negros e negras, então que novas oportunidades equiparem o dano histórico. O problema são as interpretações de quem deve ter acesso às políticas afirmativas, isto é, quem é negro? Poderíamos dizer que já está resolvido, para fins de política pública, negros são a composição de pretos e pardos, entretanto, na história do Brasil, não havia benefício material em se autodeclarar negro e reconhecer a cultura ancestral negra. O único benefício era o reencontro com sua origem e o fortalecimento da sua subjetividade e lugar no mundo. Nas últimas décadas, as políticas públicas possibilitaram o acesso a direitos e a bens materiais ao negro, obviamente que isso não é a única razão de crescer o número de pessoas que se autodeclaram negras, em 1991, o movimento negro realizou a campanha “Não deixe sua cor passar em branco”, para que as pessoas afrodescendentes confirmassem sua ascendência africana no censo do IBGE. Além disso, o movimento de reafricanização da cultura negra brasileira alterou a compreensão do que significa ser negro no Brasil contemporâneo.

Neste bojo, há também os descendentes dos povos indígenas que foram violentados e tiveram sua cultura dizimada. Muitos deles também se autodeclaram pardos, pois, para se declarar indígena, deve-se saber sua etnia. Segundo o Estado brasileiro, hoje já há diversos

povos que reivindicam sua origem mesmo sem saber falar a língua ancestral e/ou ter conhecimentos da sua cultura. Há diversos brasileiros, descendentes dos povos originários, que se declaram pardos por suas características fenotípicas ou por descender da miscigenação entre branco e indígena ou negro e indígena. A literatura antropológica contemporânea e os órgãos de Estado, IBGE, IPEA, FUNAI etc., aboliram os termos caboclo, crioulo, cafuzo, mameluco entre outros que subdividiavam ou nomeavam essas miscigenações. A verdade é que pardos, sejam descendentes de negro e branco, de indígena e branco ou de negro e indígena, isto é, o não branco sofre com a violência institucional ou por ausência de direitos. O genocídio é da juventude negra e indígena.

Com o objetivo de promover os direitos básicos e as oportunidades a todos os brasileiros, surgiram as políticas públicas de ações afirmativas. No caso dos povos indígenas, existe uma maior complexidade, os órgãos de Estado devem validar se determinada comunidade e/ou pessoa possui descendência para acessar tal recurso e/ou benefício. No caso das políticas para negros e negras, basta o fenótipo, poucas são as experiências de montagem de comitê para validar a autodeclaração. Em concursos públicos muito concorridos e em outros casos, a justiça é acionada. Independente de comitê ou de julgamento o que ocorre são os seguintes questionamentos sobre quem deve ter direitos às políticas públicas de ações afirmativas: a) Qualquer pessoa negra preta retinta?; b) Qualquer pessoas negra preta retinta pobre?; c) Qualquer pessoa negra parda pobre?; d) As pessoas pardas descendentes de indígenas devem acessar as políticas públicas para indígenas?

Observe que, nesse sentido, o que também está em jogo nas políticas de ações afirmativas é a representatividade na indústria cultural, os produtos culturais também devem expressar a diversidade de corpos e beleza negra. Os questionamentos estão sobre os corpos que devem ser expostos e apresentados como padrão de beleza, já que o racismo se materializa também por meio de um não reconhecimento da beleza fenotípica e cultural da diversidade dos povos negro-africano. A estética aceita é aquela que mais se aproxima da europeia ou a que foi apropriada de modo a confundir sua origem e/ou incidência genealógica. Se as representações nos produtos midiáticos e da indústria cultural moldam os gostos, desejos e referências, a reivindicação é para que os corpos e culturas de 50% da população brasileira estejam presentes nessa representação. Normalmente os modelos negros escolhidos, sejam negros pardos ou negros retintos, são os que possuem traços fenótipos próximos da branquitude.

Para educar uma sociedade a reconhecer de maneira equânime a diversidade de beleza, é necessário radicalizar e garantir que os corpos dos negros retintos performe a referência estética. No entanto, no momento de executar essa alternativa, as camadas de complexidade “saltam”, como garantir a representatividade de uma referência que compõe 9,1% (pretos) da população? Como garantir a diversidade dos corpos negros miscigenados

ao longo de séculos com outros grupos étnicos? O Brasil é o país que mais recebeu imigrantes de diversos lugares do mundo, como definir quem deve performar a representação de uma beleza?

Se os questionamentos já surgiram na ocasião das cotas raciais nas universidades e concursos públicos, agora se amplificam com as oportunidades de demanda do capitalismo neoliberal que se diz diverso e inclusivo. Há duas variáveis que podem e devem ser consideradas neste “imbróglio”, primeiro, o que está em jogo é como a cultura ocidental capitalista cria e demanda padrões. Há uma armadilha, a busca por representatividade de corpos e de beleza. Assim como o movimento negro não é único, as pautas não são únicas, e os negros e negras não são iguais e semelhantes, por isso é necessário buscar uma pluralidade em detrimento do maniqueísmo das dicotomias ocidentais, nesse caso branco e negro.

A segunda variável é não ceder ao divisionismo promovido pela branquitude. A luta histórica dos movimentos de resistência ao longo dos séculos possibilitou que herdássemos os conhecimentos e saberes produzidos por nossos ancestrais, ao mesmo tempo que acessássemos nossa memória e história, e que, ao reconhecermos nossa origem, pudéssemos fechar essa ferida aberta de saber quem somos.

A brancura é um ideal falso e inatingível, é falso porque não existe um branco “puro”. A ideologia da branquitude aliena nosso modo de estar no mundo em busca de uma beleza, um padrão utópico que serve para excluir corpos e culturas em prol de um projeto de dominação e poder, a brancura é diversa e questionável, por exemplo como se caracterizam pessoas de cabelo crespo e pele branca, pessoas negras com os olhos verdes ou pessoas pardas com os cabelos lisos. O que ocorre nesses casos? Diante disso, nasceu, então, o projeto de poder excludente de privilégios da branquitude.

Retornemos à análise das entrevistas. Observe os relatos e reflita se o negro pardo consegue performar como branco:

[...] Em espaços de poder branco, minha fala é sempre relativizada, né? Eu percebo que, por exemplo, eu recebo mais intervenções na minha prática pedagógica do que meus colegas, sejam relacionadas ao meu modo de agir e de ser. Quase toda semana eu recebo uma intervenção nova. Eu também percebo outras coisas do cotidiano, quando estou ocupando outros espaços da cidade, é nítida a falta de vontade de me servir. Às vezes, eu e minha esposa ouvimos algumas indiretas, a gente percebe que está ocupando espaços em que somos um incômodo social, na rua, nesses lugares e dentro das instituições de poder. Na escola onde eu atuo percebo que há uma intervenção maior dos superiores, tipo um olhar mais rebuscado técnico. (D. M. S., 39 anos, professor)

[...] Meu pai é branco, eu acho que a minha mãe, a minha avó e os meus irmãos não tinham consciência disso, eu e minha mãe já discutimos várias vezes porque ela vive dizendo: “limpei a minha família e sujei a dos outros”. Isso é muito impactante porque, como assim você limpou a sua família? Ela quis dizer que ela trouxe esse sangue de brancos pra família, minha mãe é retinta, e meu pai é branco, então esse cabelo aqui veio do meu pai, enfim isso é real, parece distante, mas é tão atual [...] É conflituoso porque teve um período que eu tinha uma certa raiva e falava assim: “nunca vou me relacionar com homem branco”, já tive essa fase, aí o homem preto, principalmente, não quer se relacionar com mulher preta, aí chegou uma hora em que eu tive que mudar a minha visão, a minha forma de pensar, isso, é muito difícil. (M. A. V. S., 43, proprietária de escola)

[...] Meu pai não falava sobre raça comigo. Ele casou com uma mulher branca, ele tinha uma noção de que eu era mais claro do que ele, eu acho que ele achava que eu não ia precisar passar por coisas que ele tinha passado. [...] a mentalidade que meu pai tentou embutir em mim que é quase “raça não importa, cor não importa, se você trabalhar bastante, estudar bastante, eles não vão poder fazer nada com você” [...]. Eu fui para uma revista chamada A... [...] eu tava com a capa da revista, entrevista com Messi, eu tava entregando tinha 60, 70 páginas de editoriais, eu tava entregando 25 páginas de editoriais naquele mês, fora a capa, ou seja, tinha uma repórter, três editores, eu tava entregando mais de um terço da revista, eu falei “S..., estou fazendo a capa, tô entregando 1/3 da revista, eu preciso da vaga”. Ele respondeu: “ah, não dá, foram congeladas”. [...] Era uma época que eu raspava o cabelo de 15 em 15 dias, eu tentava navegar passabilidade de ter a pele mais clara achando que eu conseguia, apesar do nariz, apesar da boca, apesar da história, pertencer, assim esse foi o dia [a promoção não aconteceu] que eu descobri que algumas coisas atravessavam a porta antes de eu chegar. (I. A. A. S., 34 anos, diretor de multinacional)

[...] Teve um tempo que os amiguinhos viam a minha mãe me buscar na escola e davam risada da minha mãe, né? E aí depois de tempo começaram a falar: “É filha da macaca”, ou coisa desse tipo. [...] Raça nunca foi um assunto na minha infância, na minha casa, isso não era discutido, inclusive eu acho que havia um constrangimento de falar sobre esse assunto, então meus pais, principalmente meu pai falava muito sobre ascensão social, ele sempre dava a entender que a ascensão social te livrava do preconceito e de certa forma eu acho que a minha mãe tentou acreditar nisso, então minha mãe sempre andava muito emperequetada, sempre fez questão de ter coisas de marca, mesmo que às vezes podia faltar dinheiro para outras coisas, ela sempre

queria performar uma riqueza como uma forma de se blindar. [...] Eu acho que minha mãe me ensinou, porque a minha mãe é uma pessoa que, quando a gente ia sair de casa, falava “Tá arrumada?!” ou “Não pode sair suja”, ela sempre se arrumou muito para sair de casa para andar nesses espaços e falava muito isso do meu vô F.... que o meu vô F.... era um homem negro que se vestia muito bem e era muito respeitado nos espaços, que mesmo que às vezes não sobrava muito dinheiro, sempre fazia questão de comprar uma roupa nova para cada filho usar no Natal e ficar bem bonito.
(J. D. P. C. P., 32 anos, Coordenadora Pedagógica)

O pardo na sociedade brasileira está condenado a ser negro. Ser negro varia de sociedade, os critérios são diversos, a depender da história de cada sociedade, no entanto o que existe em comum no mundo globalizado é o racismo. A coisificação dos corpos, a distribuição das riquezas produzida pela sociedade e o acesso a direitos não são equânimes. Por isso, a discussão sobre quem é negro no Brasil só ajudará se for possível fortalecer o quilombamento como “ética de construção de zonas temporárias de passagem da singularidade, um lugar onde a diferença pode existir. Não se refere a um lugar topológico, muito menos ideal, mas de uma prática, uma pragmática de construção do comum”. (GEBRIM, 2021, p. 132)

O debate sobre a passabilidade do colorismo só pode existir se for para denunciar as armadilhas da branquitude e do racismo na impossibilidade de corpos negros se quilombarem em busca dos direitos de existirmos na singularidade. Como diz Boas (2021, p. 51) “[...] o quilombismo não é algo que se aprende, é algo que se acessa, pois está presente na cultura brasileira”. Podemos pensar como contribuição para esse debate de nomenclaturas nos termos afro-brasileiro ou afro-indígena. Como afirma Cuti (Silva et al., 2017a), primeiro devemos lembrar que toda humanidade nasceu na África, então os humanos são afrodescendentes, no entanto afro-brasileiro, além de ser qualquer brasileiro, pode ser considerado aqueles que se identificam com essa reafricanização, reconhecem sua ancestralidade, lutam por direitos das pessoas que, por não serem brancas, encontram-se excluídas.

Assim, poderíamos pensar o termo afro-indígena para aqueles que descendem de africanos e povos originários, mas que também buscam acessar essa ancestralidade africana e indígena, reconhecem-se como seres oriundos de duas civilizações e lutam pelo direito de todos existirem na sua diferença, diversidade e dignidade humana. O argumento de Cuti (Silva et al., 2017a) sobre o perigo de abandonarmos o termo negro e, consequentemente, diluí-lo com o “Afro”, o fenótipo tem sua coerência, já que no Brasil o racismo acontece pelo fenótipo, não se trata só de um jogo semântico-ideológico de combate sutil ao termo negro, mas de ressignificação e atualização identitária dos não-brancos.

Em 2023, o Presidente Lula afirmou em um evento que a “nossa cultura, cor e tamanho é resultado da miscigenação entre índios, negros e europeus.”¹² Além da gafe, falta de atualização e diálogo com os movimentos negro e indígena, há dois problemas, primeiro, a assessoria deveria orientar o presidente que enaltecer a miscigenação e reproduzir um discurso colonizado é no mínimo incoerente com um governo que recriou o Ministério da Igualdade Racial e criou o Ministério dos Povos Indígenas, mas o que me chama a atenção é que ninguém o criticou, são os termos índio, negro e europeu utilizados juntos para nomear a origem dos brasileiros, novamente o branco é caracterizado como europeu, oriundo de um lugar/território, com história, símbolo de civilização e não tem cor, enquanto os povos indígenas ainda carregam o estigma atribuído do colonizador, não há a sua origem ou grupo étnico, poderia ser ameríndios, povos originários, nações indígenas etc., não o termo generalista que tenta apagar sua ancestralidade e história, o termo carregado historicamente de preconceitos e discriminação. O termo negro poderia também ser substituído por africanos, povos ou nações africanas, não que o termo negro tenha o mesmo sentido que índio, já que foi ressignificado ao longo da história pelo Movimento Negro, e negar essa alteração simbólica é ignorar a luta dos que vieram antes, mas atualizá-lo conforme as demandas e conquistas históricas para que todos, todas e todes possam pertencer a esse aquilombamento e se reencontrar com sua ancestralidade.

Nas entrevistas, podemos ver relatos e episódios de violência racial, alguns entrevistados compreendem isso, a depender de seu grau de letramento racial, outros não, mas todos sabem dizer, implícita ou explicitamente a dor que o racismo causa e as consequências em suas formas de estar no mundo. Os traumas conscientizados apresentam a todos formas de lutar socialmente, não individualmente na descolonização do inconsciente.

¹² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/lula-agradece-a-africa-por-tudo-que-foi-produzido-durante-350-anos-de-escravidao/> Copyright © 2023, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados.

4

O INCONSCIENTE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO ENTRE BRANCOS E NEGROS

“A mulher negra é responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro.”

Lélia Gonzalez

A primeira roda de conversa teve duração de duas horas e trinta minutos e aconteceu em dois dias com intervalo de uma semana. O critério para o convite de participação dessa primeira roda de conversa foi:) a) convocar as pessoas brancas e negras respeitando a ordem de inscrição do formulário eletrônico e disponibilidade de horário; b) acordar, por meio de mensagem de *WhatsApp*, sobre as regras, conforme consta do trecho a seguir enviado aos entrevistados:

“Olá,

Segue o convite para roda de conversa “A descolonização do Inconsciente/Relatos de racismo cotidiano: diálogo entre brancos e negros”.

A roda de conversa será online, via zoom (gravada), lembrando que a pessoa deve se comprometer a participar dos dois encontros que ocorrerão nos dias 14 e 21 de setembro, estar sozinha no ambiente para realizar a conversa, não utilizar o celular nesse período e autorizar o uso do conteúdo para pesquisa. lembrando que a sua identidade será preservada.

Atenciosamente,

Paulo Edison.”

Como critério de especificações de cor/raça/etnia, seguimos as orientações do IBGE acerca da definição de branco, preto, pardo, amarelo e indígena. A pesquisa contou com a participação de cinco entrevistados, sendo eles:

Entrevistado(a)	Idade	Informação constante do formulário	Formação
Y. S. C.	62 anos	Parda	Direito e História
P. C. S.	42 anos	Preta	História
R.S.	40 anos	Branco	Jornalismo
H. C. F.,	24 anos	Preta	Gestão Pública

A chamada para roda de conversa destacava que o diálogo entre brancos e negros objetivava pensar sobre a descolonização do inconsciente partindo de relatos do racismo cotidiano, no entanto pode se dizer que funcionou como um lugar para compartilhar, ressignificar e acolher as dores do racismo. A roda de conversa foi uma coleta de dados para a pesquisa, mas também foram momentos de uma ação política de corpos negros falando e sendo ouvidos, escutados na sua plenitude. Queria comparar como seria essa experiência de falar sobre o racismo na presença de pessoas brancas, mas o que identifiquei foi uma desenvoltura e necessidade de falar sem constrangimento. O fato de ser uma roda de conversa *online* cujo convite foi por meio das redes sociais possibilitou a participação de uma pessoa que estava no Canadá e outra em São Carlos, interior de São Paulo. Essa possibilidade de realizar conexões via web conectou também inconscientes.

Logo no primeiro momento do encontro, ao solicitar que as pessoas se apresentassem e autorizassem o uso do conteúdo para a pesquisa, as falas se distinguiram de imediato entre negras (pretas e pardas) e branco. Na apresentação, as pessoas negras já demonstraram o desejo de falar como o racismo está fortemente presente em seu cotidiano, mencionando sobre o processo e/ou conflito de se reconhecer como pessoa negra, já a pessoa branca relatou os trabalhos que realiza com direitos humanos e combate ao racismo.

Meu nome é Y. S. C., tenho 62 anos, eu mudei para o interior de São Paulo, uma região bastante patriarcal e conservadora, então as minhas experiências de racismo ficaram muito mais conscientes depois que eu vim para cá, ficaram mais conscientes de certa forma ficaram mais visíveis, porque antes eu desconfiava depois aqui, vivendo aqui eu passei a ter certeza. (Y. S. C., 62 anos)

Meu nome é P. C. S., tenho 42 anos. [...] há pouco tempo que eu me reconheci como uma mulher negra, uma mulher preta, desde então tenho começado a perceber e a reparar que muitas das coisas que eu já vivi, eu não tinha noção de que era racismo. (P. C. S., 42 anos)

Meu nome é R. S., tenho 40 anos, trabalho com produção fotográfica [...] produzo muito conteúdo em cima de temas de questões sociais e direitos humanos, questões ambientais também, então tô muito relacionado a alguns temas que debatem as questões do racismo estrutural, mesmo, não sentindo o racismo diretamente em mim, mas nas relações que estão à minha volta ao meu redor, acho que isso, essa relação de compreensão sobre a questão racial permeia, de alguma maneira, no meu trabalho há pelo menos uns 15 anos. (R. S., 40 anos)

Meu nome é H. C. F., tenho 24 anos, meu processo de me reconhecer como uma mulher negra veio há muito tempo, mas acho que ele também veio tarde, na verdade, ainda mais por ter a pele mais clara, então a questão de colorismo é muito difícil e, por ter crescido no meio branco, principalmente pensando em educação assim, porque minha mãe era professora e eu frequentei escolas particulares. (H. C. F., 24 anos)

Talvez ocorreu que a primeira pessoa a se apresentar, Y. S. C., de 62 anos, tenha disparado a discussão sobre o racismo, e as outras pessoas, num movimento psíquico, identificaram-se com a temática. Também pode ter acontecido de as pessoas já se relacionarem com o tema da roda de conversa e estavam ansiosas para falar sobre o racismo. Interpreto que qualquer que seja o motivo, há uma busca nas pessoas negras conscientes em decodificar a loucura e irracionalidade do racismo, essa projeção da branquitude de opressão sobre os corpos negros.

O branco, como observador, apresenta seu lugar de alguém sensível à causa, talvez um aliado na luta contra o racismo, tanto por dispor do tempo, como por trazer, durante a roda de conversa, as mazelas e indignações das violências raciais.

[...] eu vi isso em algumas situações, por exemplo, em seleção de pessoas dentro de editais para chamadas de arte urbana, isso acontece, é um debate que existe muito, sou casado, sou companheiro de uma pessoa que é artista urbana e que, em muitas situações, já foi levantada essa lebre. (R. S., 40 anos)

É destacado, nas falas dos participantes, o enfrentamento ao racismo por meio de ações pessoais, como tentativa de não reproduzir as violências verbais, físicas e psíquicas; e coletivas como trabalho de denúncias à violação de direitos humanos, no entanto, como enfatiza Kilomba (2019), há mais culpa, vergonha, reconhecimento e denúncia, mas em nenhum momento houve exemplos de reparação.

A roda de conversa possui uma metodologia distinta, faço uma pergunta provocativa, mas é o diálogo entre os membros que conta, a ideia é que os inconscientes se conectem, e os participantes acionem lembranças de experiências que foram reprimidas. Normalmente a primeira pessoa responde, aciona no grupo temas, associações e traumas coletivos. Ao perguntar como cada pessoa compreende o racismo, Y. S. C. fala como sente o racismo com base em acontecimentos de sua infância, mas recupera o que H. C. F. trouxe sobre o colorismo:

[...] eu sinto o que é o racismo desde criança, a H. C. F. trouxe uma questão que não sei se vai fazer parte do trabalho, mas eu tenho pele escura e cabelo liso, sempre tive,

agora que ele tá um pouco mais grosso com a idade, mas sempre tive cabelo liso, e isso traz alguns complicadores para o racismo, mas, desde criança, eu fui criada numa família branca, né? Minha vó era cabocla, com a pele bem clara, a minha irmã tem cabelo mais crespo, minha vó também tem cabelo bem ondulado, mas o meu pai era mulato, eu não convivi com meu pai biológico, apenas com a família da minha mãe que é completamente branca, daquelas que ficam vermelhas no sol, então, na escola, provavelmente tinha mais essa questão de ser diferente, sempre esteve presente a consciência de que era por causa da minha cor é que vem depois. (Y. S. C., 62 anos)

Interessante observar no discurso da Y. S. C. como ela se refere à família utilizando os termos caboclo e mulato, parece uma busca por se autodefinir, no decorrer da conversa ela apresenta dúvidas sobre sua identidade racial.

[...] no meu ponto de vista, eu não querer não ser preta significa que sou traidora da raça? Não sei. Eu me senti obrigada e convocada a me construir como negra, eu não consigo ainda conceber isso, pode ser que eu tô introjetada com a cultura branca e toda a forma como eu fui criada, mas pode ser também algo que eu não queira ser, porque eu não me sinto assim. (Y. S. C., 62 anos)

Y. S. C. vive uma crise, compreende que introjetou o eu ideal da brancura, que demorou anos para se permitir e levar esse sofrimento para o divã. Segundo ela, “*eu nunca me autorizei a ocupar esse lugar, eu só fiz isso com a psicanálise*”, mesmo tendo a dificuldade de se sentir negra, o racismo a “levou” para a negritude. Sofreu o impacto de existir num corpo negro e revive sistematicamente a violência do racismo, pois não é permitido esquecer que ela é negra, observe suas falas no decorrer de dois dias de conversa.

Eu sofri na universidade, ainda na Faculdade de Direito, foi uma das minhas experiências mais chocantes de discriminação, de racismo explícito e mais de uma vez por colegas, além de racismo não explícito que era o fato deles sempre me confundirem com funcionário. (Y. S. C., 62 anos)

Eu tô na mesma condição que o outro no trabalho, mas o juiz vai pedir para mim ir pegar o saldo bancário, vai pedir para eu levar o cafezinho, vai se sentir à vontade para pedir, né? Isso do saldo bancário e assim eu ocupava uma certa posição que não era comum, né? Não era o mais baixo que tinha no serviço, né? Mas o juiz se sente à vontade para me pedir para levar o extrato bancário dele. (Y. S. C., 62 anos)

Na academia, as crianças iam muito no banheiro, elas achavam que eu era babá, então elas me pediam para levar para o banheiro, para ajudar a tirar a roupinha, eu não ia dizer não para as crianças. (Y. S. C., 62 anos)

Os brancos gostam muito de se relacionar com os pretos, mas não para um compromisso, não para casar, eu já tive convites explícitos e implícitos do tipo: “a gente pode ficar junto, a gente pode transar, mas ninguém pode saber, eu gosto de você, mas oficialmente eu tenho mulher branca minha”. Isso é explícito e de homens negros. (Y. S. C., 62 anos)

Eu tinha meu apartamento próprio e fui morar junto com meu sobrinho que é totalmente branco, mas tem o cabelo duro. Apesar de manter o cabelo sempre bem baixinho, as pessoas perguntavam se a gente tinha alugado, se a gente tinha ganhado, se a gente realmente morava lá, nunca me perguntaram se eu tinha comprado o apartamento, se eu tinha herdado, e o meu sobrinho nem se dignava a responder, porque eu só ia dizendo não, não, mas nunca esclareci. Essa é uma situação frequente que, apesar do meu sobrinho de pele branca e eu não ter cabelo ruim. (Y. S. C., 62 anos)

Eu entro numa farmácia, nessas farmácias grandes que não têm balcão, que tem uma série de gôndolas, a primeira coisa é o segurança vir atrás de mim, isso é claro para mim, mas esse sentimento é classificado como paranoia, né? Eu não tinha segurança, eu me sentia perseguida, sofria muito racismo, agora que eu tenho consciência disso. E no divã é trabalhado como paranoia, mas lá para frente, eu acho que o meu analista se deu conta também de que ele é branco, ele é um homem de uns 40 anos, [...] me falou “não, Y. S. C., eu sei você sofreu muito, né?” Ele reconheceu isso porque podia ter alguma base mais concreta que não só uma paranoia de um neurótico obsessivo, né com traços de psicose. (Y. S. C., 62 anos)

Y. S. C., no decorrer da roda de conversa, mencionou que esse não-lugar entre não se reconhecer negra, apesar de as relações sociais apontarem sua negritude, é um sentimento que pode ser interpretado como a síndrome do impostor.

[...] eu acho que a situação do mestiço é pior, né? Pelo menos no meu caso, porque eu sempre vivi nesse não-lugar, nem aqui nem lá [...] eu nunca me senti em casa na universidade, como outras pessoas se sentiam. Apesar de ter feito vestibular, apesar de eu ter passado, eu sentia que não estava lá, tanto que isso refletiu de uma forma que eu gostaria de ter continuado, principalmente na área de história, gostaria de ter

continuado na academia, mas não consegui, nunca me senti acolhida. Nos relacionamentos, eu sempre tive essa dúvida “ele tá comigo porque eu tenho bunda grande, ele tá comigo porque eu sou mestiça ou ele realmente gosta?”. (Y. S. C., 62 anos)

Y. S. C. sempre viveu na dúvida sobre a sua identidade racial, nunca conseguiu definir quem era, nas sua família nunca foi assunto, por ser de classe média e ter convivido com o lado da família branca, nunca acessou sua ancestralidade negra, mas o racismo nunca deixou ela acreditar que é branca, introjetou o ideal da brancura, por exemplo, em alguns momentos o inconsciente colonizado “salta” quando narra episódios da sua vida: “*o cabelo é bem, bem duro*” ou outro momento que fala do cabelo do sobrinho “*ter cabelo ruim*”, o ideal da brancura classifica os traços da negritude com fealdade, o que só causou sofrimento e o sentimento de não-lugar, afinal ela é negra e pode não ter o cabelo crespo, mas possui outras características fenotípicas como a cor da pele da negritude. Percebe-se uma possível dissociação, ela não conseguiu nomear seus familiares como negros e agora, ao falar do cabelo crespo do negro, fala como a branquitude, por isso, é difícil se reconhecer como negra, lembrar da dor e sofrimento que sofre sistematicamente.

Ao ser confundida como funcionário na universidade, tratada como auxiliar para favores pessoais do juiz no trabalho, ser questionada sobre a propriedade do apartamento, ser preterida por homens em detrimento das mulheres brancas, Y. S. C. sempre foi atravessada pelo racismo e nunca considerada como ser desejante, sempre menosprezada e diminuída como pessoa e cidadã de direito que não pode realizar escolhas. Y. S. C. identifica-se como mestiça, há um movimento psíquico de denegação em relação à negritude, sua identidade negra é recalcada, por isso não consegue nomear seus familiares, nem a si própria como negra, mesmo sentindo o racismo, não conscientizou o trauma. Y. S. C. sofreu o trauma da separação, como afirma Dunker (2021, p. 71) “o não pertencimento de um lugar, de estar separado da sua origem”. Y. S. C. tem dificuldade de se conectar com sua ancestralidade porque viveu uma história fragmentada com atravessamentos de violência, sem acolhimento e compreensão dos sistemas simbólicos de opressão.

Silva et al. (2017b, p. 83) citando Freud afirma que “o sintoma é uma solução de compromisso entre o desejo (pulsão) e o recalque, uma força psíquica para manter fora da consciência pensamentos, imagens, recordações, representações”. Y. S. C. faz isso para não entrar em contato com a dor advinda da violência do racismo. Os sintomas fiados das lembranças, fantasias e linguagem caminham entre a paranoia e a realidade. De certo modo, o tema da miscigenação e/ou colorismo tomou conta da roda de conversa. Vamos ler os alguns trechos sobre essa questão a seguir:

Conversei muito sobre isso [Identidade negra] com a minha psicóloga, inclusive quando eu conversei com ela, porque eu falei para ela que eu tenho 40 anos e demorei para me descobrir uma mulher preta, foi ela quem falou para mim que talvez eu tenha desenvolvido essa consciência um pouco tarde, porque eu tenho a pele mais clara. [...] Passei por várias situações, algumas ainda hoje eu consigo detectar que foi racismo. Eu lembrei que na infância eu tinha amigas com a pele mais escura, que elas eram tratadas assim, de uma forma bem ruim por colegas, eu não era tratada da forma como elas eram, mas eu também percebia que existia uma diferença de como eu era tratada em relação às meninas brancas e loiras, só que eu só consegui me dar conta disso hoje, sabe? Eu olho para trás e consigo entender que isso já eram atitudes racistas, né? Já eram comportamentos racistas, só que eu demorei muito para entender e para perceber isso. (P. C. S., 42 anos)

P. C. S. lembrou das violências e atitudes racistas com as colegas negras retintas, talvez se as colegas e P. C. S. fossem hostilizadas, sua consciência acerca de sua negritude tivesse surgido mais cedo, mesmo assim ela relata que hoje consegue perceber que sofreu racismo. Os atravessamentos sociais do racismo são atemporais, podem não ser compreensivos na época, mas fere, deixa marcas, às vezes a ferida permanece aberta, sendo necessário conscientizar a causa da dor para cicatrizar. H. C. F., provocada por P. C. S., relata:

[...] tornar-se negro é uma condição histórica e social, é para além da pele, dos traços, do cabelo, tudo isso também influencia como você experiencia, eu acho. Então não sei, é uma coisa no sistema geral tentando definir, mas que se mostra visível através de violências, que podem às vezes ser bem sutis, que a gente às vezes nem percebe, precisa ficar pensando e vivendo as coisas para entender que aquilo foi racismo, ou de coisas muito explícitas que na hora você entende que tem alguma coisa errada, eu acho que ele realmente é uma estrutura assim, então compartilho muito da fala de vocês duas, de antes de tentar entender, de perceber algumas coisas, de tentar processar violências que a gente só sente que machucava depois que entendeu o que era. Tudo conta em suas experiências de racismo, a cor da sua pele, seus traços, o seu cabelo, como você se comporta, com quem você anda, quais são suas referências, são muitas variáveis, vem de muitos lados e causa muita dor e injustiça, eu acho, não sei, é muito difícil definir o que que é, mas ele tá aí, a gente consegue ver, a gente sente, a gente chora, ele atrapalha, nossa vida, ele mata. (H. C. F., 24 anos)

H. C. F. fala da dificuldade de assimilar os atos racistas, tantos atos implícitos como explícitos. As falas se complementam como se fosse um lugar de acolhimento das dores e traumas psíquicos. Motivado pela fala da H. C. F., R. S. trouxe, em seguida, o primeiro contato dele com o racismo e disparou na H. C. F. a interseccionalidade do racismo e como ela se sente em muitos momentos desautorizando a si próprio.

[...] o primeiro momento em que tive contato diretamente com uma questão racial, com a violência racial, estava diretamente relacionado à violência policial, então essa tomada de consciência me fez a ir pra alguns lugares, acho que o que você tá falando me colocou em projetar em lugares aos quais eu naturalmente não teria vivido até hoje e me colocou em algumas tomadas de debate e de procura de compreensão da estrutura social brasileira, entender que também é quando vocês três falaram sobre essa questão da subjetividade das pequenas violências que não são pequenas, mas aquelas aparentemente são encaradas como pequenas pela sociedade [...] A questão da violência física direta, do assassinato e da violência estrutural está entranhada de uma forma assim, em todas as esferas da minha existência e é uma luta querer romper com isso, assim como também é para a questão do ser homem, tipo romper com as questões, não pra entrar nesse mérito, mas das questões do machismo. (R.S., 40 anos)

[...] acho que o racismo nunca vem sozinho, às vezes ele também vem acompanhado de outras formas de violência, eu esqueci de falar que ele também silencia em muitos sentidos a gente e às vezes nós mesmos, desautorizando a gente da gente. (H. C. F., 24 anos)

Observe que no relato de R.S., durante a abordagem policial, a violência se dirigiu às pessoas negras, imediatamente veio do meu inconsciente a branquitude, então disparei a pergunta sobre como eles entendiam a branquitude e se eles conseguiam identificar o que torna a branquitude opressora. As respostas de todos tendem a complementar. Isso é interessante na roda de conversa, como se fosse um lugar de elaboração coletiva.

[...] a branquitude sequer considera que eu possa ter existência se eu não for do jeito que essa branquitude quer que eu seja, eu posso até manter a minha cor, não preciso pôr muita maquiagem, mas eu tenho sempre que ficar calada e obedecer, eu acho que isso de ter que ficar calada, não se colocar, se tornar invisível, não ter direito à existência, eu acho que é a grande forma de opressão da branquitude. (Y. S. C., 62 anos)

[...] a branquitude está no poder, né? Eles têm o poder, eles são donos dos espaços, entendeu? Então é óbvio que eles vão limitar, eles vão colocar um limite, né? Até que ponto os negros vão conseguir chegar em todos os espaços de poder de instituições, de empresas privadas, né? Esse lance da diversidade se coloca na diversidade, né? Por que agora é bom para o marketing das empresas e de tudo, né? Então você coloca pessoas pretas, você coloca uma pessoa preta para gerenciar, mas sempre vai ter um limite, sabe? [...] tem uma frase do Emicida, eu gosto muito dele porque ele fala que a gente precisa entender a diferença entre acessar o sistema e pertencer ao sistema, a gente acessa, mas não pertence, né? (P. C. S., 42 anos)

[...] a primeira proposta que a branquitude tem enquanto existência é apagar a existência do outro, de quem ela encontra como diferente, seja quem for, assim que tu tá num lugar de construção autoritária [...] a coisa da inclusão é uma construção de uma branquitude, a proposta de se pensar “o lugar é meu, eu que garanto se você entrou, se você acessa, se você não acessa, se você faz parte da estrutura”. [...] a branquitude, seja europeia, seja brasileira, seja latino-americana, seja norte-americana, seja de onde for, ela é a construção da violência [...] como se fala sobre patriarcado, sobre ser proprietário daquilo, “sou eu o dono, então eu que defino se as coisas vão andar ou não”. (R.S., 40 anos)

[...] o racismo se torna um sistema opressor que favorece, sustenta o lugar de poder da branquitude, porque ele recai sobre pessoas que não são brancas [...]. Todo mundo que é branco não tem dúvida, se você tem dúvida, você não faz parte desse sistema, essa é a sensação que eu tenho, porque quem é branco sabe que as coisas são feitas para eles, se acham no direito de tomar as coisas que não são nem deles. Então eu já vi muita gente branca, amigo meu, sem a menor dúvida, por exemplo, de trançar o cabelo, já eu, como mulher negra, fiquei em dúvida se vou trançar o cabelo e com medo de não ser aceita, ou seja, na minha dúvida, já não sou branca, porque minha amiga branca não tem a menor dúvida de que pode trançar o cabelo [...] não adianta, só pessoas negras são pessoas que sofrem racismo, é bem essa a frase do Emicida, “lutarem contra”, a gente mudar isso. (H. C. F., 24 anos)

As respostas vão se complementando e gera uma reflexão coletiva, no começo Y. S. C. trouxe a dominação da branquitude sobre os corpos negros, em seguida P. C. S., a hipocrisia e estratégia da branquitude de posar de inclusivo, diverso e equânime, mas os interesses são majoritariamente econômicos e visam ao lucro. Depois R. S. mencionou sobre

a ação global da branquitude em ditar as regras e, por fim, H. C. F. problematizou dizendo que a branquitude rouba, toma, expropria tudo de todos.

Numa segunda roda de conversa, P. C. S. acrescentou que a branquitude se acha universal e lembra das falas da branquitude acusando os negros de roubar as vagas nas universidades por meio das cotas, então ela afirma: “*ah, você fala que eu roubei a sua vaga quando eu entrei na universidade por conta das cotas raciais, mas quem foi que disse que a vaga era sua*”. Uma fala de desabafo, como se precisassem falar à sociedade.

Nesse bloco, é possível perceber como o grupo se identifica e conclui com a frase final da P. C. S. A formulação é coletiva, uma espécie de ideia força que desaliena a confusão sobre o racismo no início da roda. Todas as pessoas da roda acolhem-se e buscam uma compreensão comum, portanto as falas se complementam, mesmo que pareça contraditória. No segundo dia da roda de conversa, iniciei com a problematização apresentada no seguinte trecho:

*Todos eles me falavam assim, olha, eu sofro racismo, mas uma pessoa de pele preta sofre mais. Alguns deles justificaram, assim é que é colorismo, né? Quanto mais escuro, é mais discriminado. Essas frases me inquietaram em muitos sentidos, primeiro, como qualificar ou quantificar mais ou menos o racismo, sobre qual privilégio eles estavam falando se os números registram condições equiparadas de exclusão e desigualdade para pretos e pardos?*¹³

A minha intenção com esse trecho da Sueli Carneiro era trazer alguém de autoridade do movimento negro e identificar como o grupo se colocaria em relação às seguintes perguntas:

- Será que existe mesmo um privilégio entre negros?
- Quanto mais clara a cor da pele, mais privilégios?
- Hoje, com a disputa por ações afirmativas, a incidência do racismo e o movimento social fomentando a autoidentificação de pretos e pardos como negros, será que existe mesmo o colorismo?
- Será que realmente há privilégios para as pessoas que têm a pele mais clara e o cabelo menos crespo? Oque vocês acham?

As respostas foram interessantes, Y. S. C. disse que sim, como podemos ver no fragmento a seguir:

¹³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-colorismo-e-o-privilegio-que-ninguem-te-deu/> Acessado em 10.07.2023.

Eu posso dizer assim, da minha perspectiva individual, eu acho que eu me coloco dentro desse espectro, de mais ou menos preto, mais ou menos branco, como na música lá do Gil, então falando da perspectiva pessoal, mas sempre em relação ao olhar do outro, né? Eu sinto sim que, pelo fato de eu não ser preta retinta, como a minha amiga podóloga, eu tenho alguns privilégios. (Y. S. C., 62 anos)

Contudo, em seguida, Y. S. C. trouxe apenas exemplos dela sofrendo racismo com a irmã, na universidade, na escola, no condomínio, ou seja, um movimento de dissociação, como narrado anteriormente.

P. C. S., por sua vez, proferiu uma fala dúbia, citando diversos casos de racismo e terminou dizendo que talvez, quando alisava o cabelo, sofreu menos racismo:

[...] o racismo tá entranhado, é o cimento da construção da sociedade brasileira, né? Por que a sociedade brasileira foi construída tendo racismo como cimento? Eu já li e ouvi muitos relatos de pessoas que, mesmo ascendendo socialmente, não deixaram de passar por situações de racismo, essa frase da Sueli realmente acho que mostra isso, o quanto tá entranhado, né? O quanto está introjetado na nossa sociedade e na gente, mesmo que inconscientemente, essa questão da cor da pele e do cabelo alisado que me aproximava um pouco mais das características das pessoas brancas, então talvez também tenha contribuído um pouco, né? Para que eu sofresse menos situações assim, mas é isso por enquanto a reflexão que eu fiz, quem quiser e puder complementar. (P. C. S., 42 anos)

Será que P. C. S. sofreu menos racismo pelo fato de estar adequada ao roteiro que a branquitude escreveu, ou é por que o racismo passou despercebido para ela, ou seja, ela ainda não tinha conhecimento para identificar o racismo? Vale lembrar que na primeira roda de conversa P. C. S. afirmou que ressignificou as violências raciais no decorrer de sua vida.

H. C. F. pensa e fala ao mesmo tempo, como se estivesse pensando alto, por exemplo, primeiro vê como privilégio, depois não, depois diz ser confuso, mas finaliza compreendendo o colorismo como uma estratégia da branquitude de divisionismo da negritude:

[...] eu não acho que é privilégio, eu acho que é passabilidade, eu não acho que você sofre violências mais sutis, menos explícitas, ou que não sofrer essa violência seja um privilégio, porque, no geral, por exemplo, na fala da Sueli, a gente sofre essa violência, mas eu acho que é uma passabilidade [...] eu não acho que o colorismo é um privilégio, eu acho que é violento também [...] na prática é um privilégio conseguir escapar de algumas situações (...) eu não sei se é um privilégio, eu acho que na verdade é a

possibilidade de sofrer menos violência, mas ainda assim muito confuso. E eu acho que também ele [Colorismo] é colocado como uma estratégia assim também, de separar a gente, então a cor da sua pele, seus traços é tudo, são estratégias que vieram com o embranquecimento, mas estratégias para não manter a unidade da negritude. (H. C. F., 24 anos)

R. S. mencionou exemplos pessoais de ter presenciado violência racial com pessoas pretas retintas, mas compreende isso como uma estratégia da branquitude para enfraquecer a negritude.

[...] o colorismo dentro de um processo de embranquecimento [...] como uma estratégia de enfraquecimento do que se considera como a negritude consolidada da população negra, eu realmente vejo e vi [...] duas pessoas negras com tons de pele diferentes, e a pessoa que tem um tom de pele mais escura, uma africanidade assumida através da sua estética e da sua cultura sofreu racismo muito mais direto do que a pessoa com tom de pele mais claro, isso é nítido, isso aconteceu em várias circunstâncias, não foi uma vez só que eu vi isso acontecer, vejo isso acontecer cotidianamente, inclusive em ambientes artísticos onde teoricamente só tem pessoas que estão um pouco mais presentes nas discussões com relação ao racismo. (R.S., 40 anos)

Com objetivo de compartilhar minhas compreensões, trocar minhas experiências e sensibilizar os participantes para falarem sobre os traumas, fiz um depoimento de improviso, queria saber quais eram as compreensões que cada um tinha sobre os traumas que o racismo causa em nós, negros e negras.

Vou falar um pouco também porque fico ouvindo vocês, mas eu também acho que tenho que falar um pouco, até pra entrar no próximo assunto assim. Acho que a gente, primeiro, precisa compreender que o movimento negro e a negritude é muito complexo e muito diverso, né? Não existe uma unidade do que é ser negro, se tornar negro, né? E há várias complexidades, tem aquilo que é atribuído, historicamente, o que o Estado atribui, ou como cada pessoa se identifica, a parte da sua história, né?

A Y. S. C. tá trazendo a Virgínia Bicudo, uma das grandes referências que eu estou usando, porque, quando ela escreve a tese de mestrado dela, ela percebe que a antropologia, talvez não desse conta de ela compreender o racismo e ela vai para a psicanálise, ela é a primeira psicanalista não médica no Brasil, né? E no primeiro congresso, os médicos gritavam que ela era charlatã, que se as pessoas eram

neuróticas e quisessem ficar psicóticas tinham que se consultar com ela, ela sofreu uma violência explícita da comunidade médica brasileira muito forte, mas ela sai do Brasil, vai para Londres estudar com a Melanie Klein, depois volta para o Brasil e vai ser diretora da sociedade psicanalítica e muitos trabalhos importantes, mas ela sofreu racismo institucional, a universidade se calou, né? Então ela não é citada, não é dita, não é falada e, quando ela morreu, começaram a recuperar o trabalho dela, porque ela é anterior a Neusa de Souza, né? Ela vai tentar compreender como é esse racismo, e aí eu já entro no próximo tópico, né?

Como é que esse racismo traumatiza tanto a sociedade brasileira, ela tá pensando o indivíduo, não como a Lélia González tá pensando a neurose cultural, mas como é que esse racismo é capaz de traumatizar tantas pessoas, como vocês estão falando, de criar, por exemplo, esse divisionismo entre quem é mais retinto, quem é mais claro, quem tem o cabelo mais crespo, quem tem o cabelo mais ondulado, mas que não é branco, né? Esse é o primeiro ponto e, como é que esse processo que Kabengele chamou de crime perfeito, que faz com que as pessoas não compreendam que o projeto é o genocídio da população, a mensagem é esse processo, chegar e exterminar não só a cultura, não só ancestralidade, mas também a cor da pele, né?

Por que eu trouxe essa grande questão? Porque há muito em nós, por isso eu queria ouvir vocês, há muito dentro de nós, a nossa psique, elementos da branquitude, alguns introjetados, como Y. S. C. falou, pela cultura, outros como mecanismo de defesa, o sofrimento de se negro é tão grande que eu não quero ser negro, não é fácil, né? Ninguém quer sofrer, ninguém coloca a mão no fogo.

Trata-se de um mecanismo de defesa, mas tem algumas coisas que pegam, e aí eu vou contar minha experiência e quero ouvir você sobre isso. H. C. F., você não precisa entrar direto no assunto, você pode retomar, se você quiser, não tem uma ordem, essa coisa do colorismo, fica à vontade com sua narrativa, mas algo que me causa muito sofrimento que fez, por exemplo, avançar no meu doutorado, foi um episódio que aconteceu com a minha filha, claro que, ao longo da minha vida, eu sempre senti todos esses racismos que vocês falaram, seja ele institucional, cultural ou até mesmo religioso, por mais que tenha cabelo liso e tenha estudado em universidade, as pessoas me chamavam de índio, né? Eu nunca senti isso forte, essa coisa do colorismo, até porque eu era muito maloqueiro, aí acho que o meu lugar de ser maloqueiro, a gente sabe que ele é da periferia, negro mesmo, não tem jeito, mas o que pegou mesmo que aí eu falei “nossa, o negócio tá pegando” né? Que aí eu senti o peso e o trauma, como o racismo me traumatizou, quando a minha filha chegou da escola e falou que ela chegou para brincar com as amiguinhas e falou assim, “vocês tão brincando do que”, aí as meninas falaram “brincando de princesa”, então ela pediu

para brincar. Aí as meninas falaram “você pode, mas você tem que ser a babá ou empregada”. São crianças de cinco anos, isso me paralisou, né? E acho que paralisa porque eu me identifiquei com ela, eu percebi o tamanho do trauma que tava dentro de mim, né? Eu não tinha dimensão, eu achava que eu conseguia enfrentar tudo isso, eu achava que eu estava na luta, mas quando eu vejo minha filha falando isso, eu me identifico e fico imobilizado, não sei o que fazer, primeiro pela raiva, né? Depois por não ter mecanismo, não ter racionalidade para acolher a dor dela e trazer elementos para enfrentar isso, mesmo porque eu não tive isso, não aprendi isso, eu não tinha como ensinar. Como a professora percebeu a situação, ela me chamou e pediu para fazermos uma palestra com os pais, aí eu falei que isso não é problema nosso, racismo é problema dos brancos, eles querem que eu ainda vá lá ensiná-los como agir, eu e minha esposa não temos condições. E aí eu percebi a gravidade da situação, por isso decidi fazer o doutorado em psicanálise e antropologia, né?

Optei por recuperar os estudos de Virgínia Bicudo, porque tem uma dimensão aí que é uma dimensão do trauma daquilo, o quanto o racismo traumatizou a gente, né? Traumatizou ao ponto de, muitas vezes, não permitir, por exemplo, que eu identifique alguém que tem a pele mais clara, o cabelo menos crespo, mas que sofre a mesma violência que eu, e se traumatizou a ponto de criar um desejo que não seja os corpos negros ou, ao mesmo tempo, de negar a possibilidade de escolha, ninguém tá obrigando você a se relacionar só com negros, mas o quanto isso também coloca uma barreira de escolha, por que eu não posso escolher? Tem uma questão importante aí, então eu queria um pouco ouvir vocês, porque eu percebo muita coisa da passabilidade que a H. C. F. traz, né? Também me perdi muitas vezes nisso quando deixei de ser maloqueiro e visto um terno, me tratam diferente.

Quando vou dar uma palestra, eu faço a barba e desenho a barba, né? Eu sou tratado diferente, como se eu passasse por um outro grupo identitário, que não é o meu. Mas eu tenho consciência disso, eu tenho consciência de que, naquele momento, para ser ouvido em determinados ambientes, para dar uma palestra, talvez eu tenha que me embranquecer? Não no sentido interno ou talvez até interno, agora pensando melhor, porque no uso das palavras, no jeito de sentar é mais as roupas também, né? Porque é uma forma também de usar a minha autoridade, de eu conseguir ser ouvido, né?

Então há muito trauma que o racismo causa em mim, eu tento conscientizar esse trauma, não só nas minhas sessões análise, mas também nesse trabalho que eu tô fazendo ouvindo vocês, assim podemos falar, coisa que não era comum que eu falasse com as pessoas. Eu falei isso um pouco para vocês também se sentirem à vontade, né? Vocês poderem ficar mais tranquilos, podem troca experiências, eu também vou

falando e compartilhando com vocês a minha experiência. Agora passo a palavra a vocês. (Paulo Edison, 47 anos)

Após essa fala os participantes trouxeram sua compreensão sobre os traumas do racismo.

O trauma que eu carrego comigo todos os dias é o da insegurança, isso me afeta enquanto ser humano na totalidade, em todos os aspectos, enquanto profissional, por circular no ambiente completamente de pessoas brancas, sabe em todos os lugares, quando eu vou jantar com meu marido em algum lugar, a gente gosta muito de viajar, quando eu viajo com ele, eu entro em lugares, eu percebo os olhares. [...] Quanto eu assumi o meu cabelo natural, quando eu parei de alisar, eu falei para minha psicóloga que me sinto inadequada quando eu vou trabalhar com cabelo assim, porque justamente com cabelo alisado, entra a questão da passabilidade, né H. C. F.? Com o cabelo alisado, eu me aproximo um pouco mais da estética branca, então eu me sinto mais segura, quando eu vou trabalhar com cabelo alisado, né?

Quando eu parei de alisar, eu tive que lidar com essa insegurança e mais um desconforto que eu tive por muito tempo, de não me sentir ou me sentir completamente inadequada dentro do ambiente, né? Ninguém me falou nada abertamente, mas tudo naquele ambiente me falava que o meu cabelo não combinava com aquele ambiente, então quanto isso afeta a gente [...] eu tô tentando dentro de mim desconstruir a coisa dos padrões de quem falou que tem que ser liso o cabelo para ser bonito, né?

Quem disse que pra ser bonita tem que ter a pele clara, tem que ser magra, esse é um dos caminhos que eu tô tentando utilizar, eu leio muitos autores que falam sobre afrocentricidade, porque tudo tem que partir de uma visão eurocêntrica, um visão branca, europeia, masculina, então eu tô começando a ler autores e autoras que falam sobre afrocentricidade pra tentar desconstruir tudo o que falam para mim, por exemplo, que o meu cabelo não é adequado naquele ambiente, aí eu começo a me perguntar de onde veio isso? Quem falou, sabe? São, sei lá, as ferramentas que eu tô tentando buscar para tentar desconstruir isso dentro de mim, entender quem construiu os padrões. O que é bonito, o que é feio, o que é o cabelo adequado, o que é inadequado, qual corpo é adequado, qual corpo que não é adequado, são essas perguntas que eu tenho feito para tentar me sentir mais segura, me sentir melhor comigo mesma. (P. C. S., 42 anos)

[...] a miscigenação e colorismo são coisas que existem, que machucam muito, mas que também se diferenciam [...] muitos autores decoloniais trazem esse limbo

identitário, né? Você não é preto o suficiente para ser negro, nem branco o suficiente pra ser branco, então você, muitas vezes, não é aceito em nenhum dos espaços. E aí também entra esses lugares das dores individuais, esses usos conscientes de mecanismos brancos [...] Eu também recentemente comecei a mudar meu cabelo e, olhando um pouco para trás, percebi que a minha relação com meu corpo foi mudando, a apropriação de mim e as coisas que antes inconsciente a gente tinha e não tinha, por exemplo, eu tinha uma única amiga negra na escola, a Gabi, lá atrás, quando a gente começou a ficar amiga, a gente não entendeu porque que a gente se deu tão bem, eu lembro de ter postado uma foto tipo, “ai, obrigada por compartilhar essa cor comigo” e eu não fazia ideia que eu tava fazendo, na época, nesse sentido de aquilombar, de ter alguém pra compartilhar as dores e as coisas, a gente conversa muito sobre todas essas coisas que atravessam, eu não sei, eu acho que sou uma grande defensora do coletivo, eu lembro que saí daqui na semana passada muito indignada, como eu estava isolada, porque a gente vai sentindo as violências, eu acho que a gente vai guardando e ouvir todo mundo falar me lembrou que eu não tô sozinha, apesar da violência.

Eu não me recordo explicitamente de estar num espaço e um segurança me seguir, talvez isso seja um privilegio por causa da minha cor ser clara. Mas lembro dos olhares muito sexualizados pra cima de mim, uma mulher mulata é desejada por homens brancos que podem usufruir, então lembrei também da questão do sexismo, do machismo e como são duas formas muito implicadas, acho que é isso, algumas coisas que são compartilhadas nesse sentido de violências, essa sensação de silenciamento que às vezes a gente se isola [...] sempre frequentei muitos espaços brancos, de certa forma sempre apaguei minha negritude e ultimamente eu tô querendo explicitar ela, apesar de estar nesse limbo do não-lugar, ao mesmo tempo, como estratégia de poder ter dignidade [...] por exemplo, quando eu tô num espaço com meu pai, que também é um homem negro, como a gente é tratada de uma forma diferente de quando eu tô num espaço com a minha mãe, que é uma mulher branca. (H. C. F., 24 anos)

[...] como fazer para não re-traumatizar [...], eu acho que o preto, preto mesmo, não tem o que ele tem, ele tem o que o branco ofereceu e criou para ele, porque ele perdeu totalmente as raízes [...] eu acho que a situação do mestiço é pior ainda, né? Pelo menos, no meu caso, porque eu sempre vivi nesse não-lugar, nem aqui nem lá, eu vivi isso na minha família, então eu vivi isso em várias situações, eu nunca me senti em casa na universidade [...] nos relacionamentos [...]. Eu sempre tive essa dúvida, ele tá comigo porque eu tenho bunda grande, porque eu tenho essa cor, ele tá comigo

porque eu sou mestiça ou ele realmente gosta de mim? Então isso refletiu em todos os meus relacionamentos [...].

Eu fiz aquilo que o pessoal chamava de permanente, quis deixar o meu cabelo igual ao da P. C. S. [Black Power], queria ficar igual a minha irmã, porque a minha identificação com ela é muito grande até hoje, né? E aí a pessoa que fez, ela não sabia fazer, então o meu cabelo queimou todo [...]. Eu sempre me senti nesse não-lugar, procurando onde me encaixar, hora de um lado do muro, hora em cima do muro, hora do outro lado do muro, então eu consegui levar esse dilema para o meu divã, o sofrimento psíquico, a partir do racismo que eu sofria.

Eu assisti uma amiga minha, psicanalista, apresentando a tese de doutorado dela, lá havia muitas mulheres negras, negras mesmo, né? Todas produzidas, lindíssimas, então eu tive vergonha de abrir a câmera, porque eu falei assim “gente, que mulherada linda, maravilhosa, como é que elas conseguem, né?” [...] a falta de um lugar, mas na forma de o não pertencimento, a não aceitação, a questão da rejeição, a questão da exclusão, né? Então essa foi a forma que eu sempre senti o sofrimento da não aceitação, da não inclusão, de ficar sempre à parte, né? Na minha família isso também se refletiu por que a maior parte é branca, né? [...] eu acredito também que é um processo dos próprios pretos que não reconhecerem a mestiçagem e veem isso como negação, mais uma negação do preto, né? (Y. S. C., 62 anos)

O meu depoimento disparou os relatos das participantes P. C. S., H.C.F. e Y. S. C. que enfatizaram a dor e o sofrimento de se conscientizarem da condição da negritude. Apesar de todas serem oriundas de relações inter-raciais e possuírem traços fenotípicos característicos dessa miscigenação, por exemplo, cor da pele mais clara e fios de cabelo lisos, ondulados ou cacheados, elas se sentiam privilegiadas por não serem negras retintas, isto é, identificaram que, quanto mais escura a pele, mais são submetidas à violência. Ao mesmo tempo, elas relatam que têm dificuldade de pertencerem à negritude, trata-se de um sentimento de não-lugar: P. C. S. mencionou que suas colegas negras retintas eram tratadas diferentes dela e que desde cedo ela não tinha lugar; Y. C. C. conta que desde criança sentiu racismo, com dez anos sofreu violência verbal e psicológica de vizinhos do condomínio que não reconheciam que uma menina negra pudesse morar e estar naquele espaço, ao mesmo tempo, por ter cabelo liso e ser de classe média, não frequentou comunidades negras. Ela também relatou sobre sua dúvida e incerteza em se declarar como negra, uma vez que sua origem é branca e negra, por que dizer que é negra?

As meninas disseram que se descobriam negra, eu ainda não me descobri até hoje. Eu já ouvi o professor P... dizer que se tornar negra é uma decisão pessoal. Na época,

não me pareceu razoável isso, não sei porque, mas depois eu fiquei pensando, como vou me tornar negra? Eu não sou negra? Eu sou as duas coisas. Então eu acho que não posso passar a máquina em cima disso, como se passa dos dois lados. (Y. C. C., 62 anos).

Esse conflito de Y. C. C. demonstra como o racismo brasileiro marca as pessoas, independente da sua vontade, Nogueira (2006) definiu o preconceito racial no Brasil como de marca, ao passo que nos EUA o preconceito é de origem, hoje podemos dizer que há um desvelamento do racismo brasileiro de maneira que os negros e negras de pele clara não embranquecem, mas enegressem. Talvez porque as conquistas sociais, a ocupação de espaços de poder e o empoderamento do lugar de fala colocam em risco, ainda que pouco a hegemonia de privilégios da branquitude.

Na entrevista, Y. S. C. contou que aos dez anos sentiu pela primeira vez o racismo, no condomínio, havia uma moradora que a expulsou e brigou com ela. Esse é um exemplo muito comum de negros e negras de classe média, afinal há espaços socialmente construídos para os corpos negros e um condomínio de classe média não é esse lugar. Apesar da mais tenra idade sofrer com o racismo, ainda pairam dúvidas, como relatado anteriormente sobre sua identidade negra. Ser negra é ser sistematicamente violentado, por isso reprimimos. Somente aos 60 anos que Y. S. C. decidiu levar o seu sofrimento psíquico ao divã.

P. C. S. relatou que somente com quase aos 40 anos se descobriu como mulher preta. Quando ela revisitou as lembranças do tratamento desigual das amigas negras retintas, foi possível perceber que o racismo estava presente em sua vida, mas preferiu não se identificar como negra reprimindo o sofrimento. Hoje, consciente da sua negritude, sabe nomear as violências. P. C. S. tem 42 anos, é formada em história e declarou que as rodas de conversa foi a primeira experiência de fala aberta sobre o racismo.

H. C. F. é uma mulher negra de classe média que estudou em escolas particulares, por isso, relata que se descobriu negra quando compreendeu que havia algo errado. Ao pensar sobre os julgamentos sofridos por seus traços fenotípicos, sua estética e seus desejos, compreendeu sua dor, seu sentimento de injustiça, além de seu silenciamento, declarando: *“Tornar -se negro é difícil porque você reconhece que sofre violência não por causa de coisas que você fez ou deixou de fazer, mas pela sua existência, então não é legal. É um processo difícil. [...] Conseguir dar risada e viver já é resistência”* (H. C. F., 24 anos).

R. S. relatou as experiências de violência policial de amigos negros. Apesar de brancos não sofrerem as violências físicas, os atos racistas atingem aqueles que ousam conviver e se relacionar com negros, para ele, não sofrer no corpo é um privilégio.

Y. C. C. relatou que nunca tinha pensado sobre a branquitude, mas compreende que as suas principais características são o direito exclusivo da fala e a proibição de corpos negros

falarem e ocuparem espaços de poder. No decorrer do relato, Y. C. C. cometeu um ato falho ao mencionar que “*Não há existência fora da branquitude. Os nossos negros foram trazidos da África e aqui perderam sua ancestralidade.*” Entretanto, em seguida, ela diz que “*não somos daqui*”, ou seja, demonstra a dificuldade psíquica de se conectar com sua negritude.

5

O INCONSCIENTE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO COM BRANCOS

“O carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio.”

Elie Wiesel

A segunda roda de conversa teve duração de duas horas e dez minutos e aconteceu em dois dias com intervalo de uma semana. O critério para o convite de participação dessa roda de conversa foi: a) convocar as pessoas brancas respeitando a ordem de inscrição do formulário eletrônico e disponibilidade de horário e b) acordar, por meio de mensagem de *WhatsApp*, sobre as regras, conforme consta do trecho a seguir enviado aos participantes.

“Olá,

Segue o convite para roda de conversa “A descolonização do Inconsciente/Relatos de racismo cotidiano: diálogo entre brancos e negros”.

A roda de conversa será online, via zoom (gravada), lembrando que a pessoa deve se comprometer a participar dos dois encontros que ocorrerão nos dias 28/09 e 05/10, estar sozinha no ambiente para realizar a conversa, não utilizar o celular nesse período e autorizar o uso do conteúdo para pesquisa. lembrando que a sua identidade será preservada.

Atenciosamente,

Paulo Edison.”

Como critério de especificações de cor/raça/etnia, seguimos as orientações do IBGE acerca da definição de branco, preto, pardo, amarelo e indígena. A pesquisa contou com a participação de quatro participantes, sendo elas:

Entrevistada	Idade	Informação constante do formulário	Formação
G. D.	48 anos	Branca	Letras
R. F.	49 anos	Branca	Psicologia
C. T.	35 anos	Branca	Ciências Sociais
D. A.	48 anos	Branca	Psicologia

A proposta de realizar uma roda de conversas com pessoas brancas foi ouvir, sem julgamento de valor, a compreensão delas acerca da branquitude sobre o racismo. Para dar início, solicitei que as participantes definissem o que é racismo, conforme consta dos trechos a seguir:

O racismo é a discriminação do outro em função de características fenotípicas, cor da pele, cabelo e um conjunto de características fenotípicas, é a crença de superioridade de um grupo em relação a outro a partir dessas características fenotípicas. (R. F., 49 anos)

O racismo é a discriminação em função da cor da pele e, subentendidos a isso, obviamente, a superioridade de um outro grupo. (G. D., 48 anos)

O racismo é uma estrutura perversa de desumanização em nome dessa superioridade, de um grupo sobre outro, levando em consideração a cor da pele, mas o que mais me vem à cabeça quando você faz essa pergunta é que é um processo arquitetado historicamente de desumanização. (D. A., 48 anos)

O racismo é uma estrutura social, uma estrutura que separa brancos e não-brancos, principalmente nessa estrutura dos fenótipos, mas que vem sendo uma estrutura da sociedade, organizada desse jeito para a gente atuar e viver isso. (C. T., 35 anos)

Todas as participantes dessa roda de conversa têm formação acadêmica, algumas delas são engajadas no ativismo antirracista, outras se sensibilizam com os direitos das minorias e, portanto, estavam disponíveis para refletir e contribuir na luta contra a discriminação racial. De onde são essas mulheres brancas de classe média? Qual a compreensão delas sobre o racismo? Como se convencionou dizer na luta por direitos, qual é o seu lugar? Quem arquitetou o racismo? Quem oprime? Quem desumaniza?

É importante ressaltar que a visão de cada uma das participantes acerca do racismo é do ponto de vista do lugar que elas ocupam, bem como seu nível de instrução, por isso era esperado que elas responsabilizassem seus ancestrais. Outro lapso é a ausência do privilégio branco. Se há opressão e separação, quem se beneficia com essa separação? Na arquitetura da civilização moderna ocidental, para que alguns possam viver, outros devem morrer (Foucault, 2010 [1975-1976]). Com base nas respostas das participantes, optei por direcionar a discussão para o que é branquitude, conforme os fragmentos a seguir.

[...] eu acho que branquitude é ter entender que, apesar de ter uma série de dificuldades financeiras e sociais, ainda assim a cor da minha pele fazia com que eu tivesse uma série de oportunidades, que, muito tempo depois, eu fui entender que outras pessoas talvez até com melhores condições econômicas e sociais que as minhas, não tinham as mesmas oportunidades por causa da sua cor de pele, isso foi o que eu entendi da branquitude. (C. T., 35 anos)

[...] eu me coloco numa posição privilegiada de família e até economicamente, eu tenho um histórico de nunca de ter visto e percebido a branquitude, uma vez que na vida inteira convivi com brancos. Na verdade, eu comecei um processo de questionamento há uns anos, na adolescência, no início da vida adulta, muitas são das discussões atuais, né? Comecei a perceber que eu pertencia a um grupo em função da minha cor e que muitos privilégios eram em função da minha cor no Brasil, né? Digamos assim, porque no exterior essa branquitude é questionável, o clube que eu frequentei, os lugares que eu saía, a escola que eu estudei, enfim, eu nunca tive um amigo negro. (G. D., 48 anos)

[...] eu acho que a branquitude é a falta de consciência desse privilégio, não é você se dar conta desse privilégio, mas é a falta dessa consciência, então o mundo normal é o mundo branco, nossos amigos são naturalmente brancos, nossos professores são naturalmente brancos, a vida vai seguindo desse jeito, você não questiona nenhuma estrutura, nem nada [...] tudo é muito fácil, no vestibular, na faculdade, no ambiente de trabalho, você não questiona nada, a vida simplesmente vai se desdobrando naturalmente, não só para você, mas pra todos os seus amigos [...], então a branquitude é essa falta de noção que tem do lado de lá da bolha. (R. F., 49 anos)

[...] branquitude é esse lugar de alienação, uma falta de consciência, nós sabermos dos nossos privilégios, como se fossem assim, coisas naturais, vitórias, falta de questionamento mesmo, a posição de alienação frente a essas estruturas, o que significa no cotidiano? A gente simplesmente vai usufruindo dos privilégios sem se dar conta, ou sem querer se dar conta. (D. A., 48 anos)

As narrativas decorrentes da provocação acerca da branquitude demonstram a visão das participantes sobre o privilégio branco, no entanto as falas podem ser interpretadas como se o privilégio da branquitude fosse uma alienação do branco, e, devido às suas condições econômicas, as pessoas obtiveram oportunidades, com exceção da fala da C. T., 35 anos.

A branquitude é uma compreensão do mundo de manutenção dos privilégios branco ou exclusividade de direitos em detrimento da opressão dos não brancos. Bento (2022) já denunciou esse pacto da branquitude que se materializa por meio de afetos e oportunidades, partindo da identificação de traços fenótipos da branquitude. A beleza é branca, a bondade é branca, a justiça é branca, a higiene é branca, a confiança é branca, enfim, todos os valores morais, éticos e estéticos reconhecidos como benéficos à humanidade são atribuídos ao branco, no outro extremo dessa dicotomia está o negro, entendido como feio, perigoso, violento, perverso, enfim tudo que não presta é preto.

Para que o branco permaneça obtendo privilégios, há uma racialização e uma atualização das apropriações econômicas, culturais e afetiva, por exemplo, ao perguntar sobre se já foram racializadas, chamadas de brancas, G. D. contou sua experiência quando morou em outro país e, por ter traços fenótipos e sobrenome italiano, não foi discriminada, apenas quando disse que era brasileira, ou seja, ela sofreu discriminação por causa de sua nacionalidade, inclusive ela obteve privilégios por sua descendência italiana.

D. A. trouxe uma experiência que ela vivenciou no carnaval:

[...] no carnaval eu sempre fui ver [Ilú Obá de Min¹⁴], eu tava tão encantada com aquilo que eu me aproximei de uma pessoa do grupo e perguntei: “como que eu faço pra participar?” Ela olhou muito séria para mim e disse assim: “você não pode participar, você é branca”! Aquilo para mim foi um choque que me arrancou desse lugar de alienação, né? Me fez pensar muito em como a gente nesse lugar, dado como universal, acha que pode estar em qualquer lugar, que pode pertencer a tudo naquele momento, eu acho que fui chamada nessa questão, colocada num lugar racial de ser racializada. (D. A., 48 anos)

D. A. abordou tangencialmente a compreensão da branquitude, ela expressou bem essa ideia de que a branquitude se acha universal, que pode entrar e ter qualquer coisa, que é incapaz de fazer uma leitura contextualizada da diversidade humana e do lugar de cada um. A branquitude não bate na porta, não pede licença, não pede desculpa, ela toma e faz a vítima achar que está devendo e que precisa se desculpar por ser violentada. Isso nos remete a outra roda de conversa quando H. C. F. citou esse *modus operandi* da branquitude.

¹⁴ O Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra é uma associação paulistana, sem fins lucrativos, que tem como base o trabalho com as culturas de matriz africana, afro-brasileira e a mulher. Ilú Obá De Min significa “Mãos femininas que tocam tambor para Xangô” e é uma licença poética. “Ilú” = tambor, “Obá” = Xangô/rei e “De Min” = Licença poética = mãos femininas. <https://iluobademin.com.br/institucional/quem-somos/> Acesso em 10.07.2023.

Observe que D. A. ficou assustada no momento em que ela foi racializada, isso não ocorreu de modo violento, desumanizador, muito menos ofensivo, ela apenas foi colocada no seu lugar de branca privilegiada. Isso foi importante, pois a fez compreender sua alienação, por isso ela afirmou que a branquitude é um processo de alienação.

R. F. narrou suas experiências de quando morou e estudou na Europa. Ela não respondeu à pergunta, apenas disse: *“Eu nunca tive esse choque de não ser percebida como branca”*. O que podemos inferir é que ela nunca foi racializada, mas, ao se perceber como branca, compreendeu que sempre teve os privilégios da branquitude.

O branco quando é racializado fica em choque porque nunca se percebeu como pertencente a uma raça, no máximo a uma nacionalidade estrangeira, alemã, italiana, espanhola etc. Em relação às identidades no contemporâneo, raça é a raça humana, universal, diferente do não branco que, ao ser racializado, é uma marca social que o impede de dizer não sou, não quero, não me identifico. O não branco é atravessado pela opressão social do racismo que o insere num grupo identitário fixo, que não é fluído ou móvel como a maioria das identidades contemporâneas, como nos lembra (HALL, 2006).

Em seguida, para sensibilizar as participantes sobre o trauma que o privilégio branco causa nas crianças negras e, se elas percebiam a violência psíquica do modo de estar no mundo da branquitude, perguntei se elas identificavam o privilégio da branquitude e se conseguiam exemplificar. Antes de elas responderem, fiz uma pequena intervenção e contei a ela sobre aquele episódio de racismo que a minha filha vivenciou na escola e que eu relatei na outra roda de conversa, conforme o trecho a seguir:

[...] a minha filha chegou da escola e falou que ela chegou para brincar com as amiguinhas e falou assim, “você tão brincando do que”, aí as meninas falaram “brincando de princesa”, então ela pediu para brincar. Aí as meninas falaram “você pode, mas você tem que ser a babá ou empregada”. (Paulo Edison)

G. D. não comentou sobre o que eu tinha relatado sobre a minha filha, ao contrário, o que ela trouxe foi um delírio do filho sobre relações raciais no basquete norte-americano quando ele disse que *“era um azar nascer nos EUA e nascer branco”*. Isso demonstra o nível de alienação que vivia o filho, sobretudo a família que não proporcionou um letramento racial. G. D. apresentou, ainda, os encaminhamentos para que o filho compreendesse a realidade social brasileira. Obviamente que ela pode ter se identificado com a minha dor em relação a minha filha, por isso pensou no filho, mas o interessante é como não houve comentário sobre esse caso de racismo estrutural e, em seguida, concluiu sua fala dizendo: *“eu não tive, eu não cruzei [com pessoas negras] nessa minha vida normal que a gente vai levando e achando que não tinha racismo no Brasil, isso, para mim, era o que mais me tocou, porque durante*

muitos anos, eu achei que o Brasil não era um país racista.” A esse respeito, R. F. complementou que *“todo mundo falava que o Brasil não era racista, e a gente acreditava.”* Na sequência, C. T. afirmou:

Eu fiquei aqui pensando, por que, num processo de me preparar pra ser mãe por adoção, em Salvador, não há nenhum tipo de restrição, então deduzo que há chance de 98% do meu filho ser uma criança negra. (C. T., 35 anos)

Um fato interessante de realizar essa roda de conversa *online* é que ela foi divulgada nas redes sociais, sendo uma ótima oportunidade de pessoas de outros estados participarem, neste caso C. T. pôde participou de Salvador/BA. Ao identificar-se com a história que eu contei sobre a minha filha, ela narrou sobre o medo de ser mãe de uma criança negra devido à violência policial que vê cotidianamente em Salvador, ainda no decorrer do relato ela afirmou: *“O Paulo trouxe aqui essa provocação das crianças, criança branca só vai entender que é branca ou na faculdade, mas as crianças negras vão entender que são negras desde sempre. Isso ficou muito escancarado pra mim”*. Essa fala de C. T. é muito interessante porque demonstra como a racialização acontece de modo distinto, eu diria que alguns nem na faculdade, nem no decorrer da vida compreendem o privilégio branco. Como já mencionado anteriormente, os corpos negros recebem uma identidade fixa que se fecha em si mesma (HAIDER, 2018), já os corpos brancos podem performar como desejam.

R. F. narrou sua história de como há dez anos está na luta antirracista, em sua compreensão, para acabar com o privilégio deve haver uma intencionalidade de reparação, *“essa questão da intencionalidade, de você querer mesmo sair do status e correr atrás, reparar, acho que tem, acho que tem isso.”* A reparação tem a ver com oportunidades para negros em detrimento de brancos, ou seja, criação de oportunidades de equidade com benefícios específicos para negros, já que historicamente eles estão desprovidos de acessar direitos. Entretanto, R. F. não especificou como seria essa reparação.

Outro fato interessante da roda de conversa é que a fala de uma participante provoca a reflexão de outra participante. Por exemplo, D. A. retomou a ideia de privilégio e o definiu como *“tudo aquilo que você não precisa se preocupar em como você vai sair na rua, se você vai ser abordado ou não, você não precisa se preocupar se você vai conseguir passar no vestibular, se você vai entrar na Faculdade, se você vai arrumar emprego”*. Observe que, nessa fala, o privilégio é compreendido como direito, isto é, só os corpos brancos têm direitos. A esse respeito, C. T. complementa: *“essa reflexão me fez pensar que a gente também não pode transformar direito em privilégio”*.

Para aprofundar a discussão, realizei uma contextualização sobre como o racismo é estrutural e perguntei se elas eram racistas ou antirracistas e que exemplificassem pensando

que o racismo nem sempre se manifesta de forma intencional ou consciente. Então, G. D. afirmou:

Eu me vejo antirracista e não me vejo racista [...] eu sou muito vigilante comigo, tento não ser racista, não tenho me lembrado de nada que eu falei e que se caracteriza como racista, quando comentei que teve um aluno que veio comentar comigo uma vez que ele falou para o estagiário que esse estagiário parecia um jogador de futebol, enfim o estagiário falou que essa era uma atitude racista, eu entendi o que o aluno quis dizer. Depois disso, eu fui me aprofundar, porque eu faço isso, quando eu me vejo mais na luta antirracista, eu vou às fontes, questionando posicionamentos, perguntando porque e depois compreendendo [...] eu me vejo assim tentando saber qual é o meu lugar nessa luta, né? Eu acho que tem que ser juntos, não sou protagonista, mas posso ser a protagonista do lado dos brancos [...] eu tô muito vigilante e muito questionadora sobre tudo, por exemplo, até as questões de apropriação cultural são questões, para mim, que se antes eu não percebia bem, agora eu percebo. (G. D., 48 anos)

G. D. afirmou ser antirracista, mas sua atitude no combate ao racismo é de estar vigilante, não cometer apropriação cultural, estudar, aprender, no entanto é relevante destacar que primeiramente não ficou evidente que luta antirracistas é essa. Em relação ao protagonismo, ela não só pode, como deve ser protagonista entre os brancos, o racismo é um problema de toda a sociedade, por fim, ela não faz menção aos privilégios brancos e como ela poderia abrir mão desses privilégios. Neste sentido, D. A. relatou:

Eu acho que é difícil, né? Talvez esta seja a pergunta mais incômoda. A gente pensar sobre isso, porque, embora eu me veja na luta antirracista, eu acho que eu sou antirracista para combater o meu racismo, que é inevitável, por mais que, é claro que aquele racismo explícito da violência que a gente ainda vê é mais fácil da gente se diferenciar, de dizer “não faço isso”, mas ele é tão insidioso, ele tá tão nas estruturas que não tem como eu me ver fazendo parte disso, desde a funcionária que eu tenho na minha casa, como que eu lido com isso? Para mim, a luta antirracista é sempre me colocar em questionamento, a partir dos meus privilégios, dos lugares que eu vou ocupando. Então, para mim, é essa tensão constante de lutar contra isso que é tão forte na nossa sociedade, eu tô nela, só o fato de ter tido tantos privilégios e ainda ter, e usufruir deles, mas acho que é isso, né, ficar vigilante, se questionar, suportar o mal-estar de pensar nessas questões, então não sei se é muito simples e fácil de dizer, mas não vejo comportamentos racistas em mim hoje, mas aquilo me atravessa e eu

me deparo com situações em que eu me questiono penso “será que isso foi racismo? O fato de eu atravessar a rua com medo, fechar o vidro da janela do carro, eu me pergunto isso o tempo todo também. (D. A, 48 anos)

Assim como G. D., D.A. afirmou ser antirracista, diz compreender as sutilezas do racismo, mas o combate ao racismo é por estar vigilante, questionar-se, estudar, aprender, no entanto ela diz explicitamente que usufrui dos privilégios branco e não fala como poderia abrir mão dos privilégios.

C. T. declarou que compreende o racismo como parte de um sistema de opressão interseccional, portanto, ao ver um homem negro na rua à noite, atravessa a rua, assim como D.A. que também atravessa a rua e fecha o vidro do carro, uma parte por serem mulheres e outra por esse racismo introjetado, ambas identificam os corpos negros como perigosos e criam emoções que não se trata apenas do medo do roubo ou do estupro, mas do racismo propriamente dito, o interessante na fala delas é como estão tentando desconstruir o “eu ideal de branco” que estigmatiza os corpos negros. Na continuidade da roda de conversa, C. T. descreveu ações que considera antirracista:

[...] eu comecei a infernizar o meu lugar de trabalho, porque éramos um grupo de dez mulheres brancas, do Sul e Sudeste, trabalhando juntas, supostamente fazendo mediação e tudo mais. Ali foi o lugar que eu mais atuei, nos últimos dois anos, comecei a questionar se é isso mesmo. É isso que a gente vai lidar? A gente tá falando aqui de tantas coisas lindas no papel e na teoria, mas não estamos reproduzindo isso nesse nível, né? [...] Há um tempo atrás a gente abriu um processo seletivo, mas não se inscreveu ninguém”, então eu me ofereci de ajudar fazendo uma busca ativa no LinkedIn, não sei aonde, nas redes para conseguir trazer mais pessoas, então eu tô conseguindo me colocar mais, né? Afirmar mais nessa postura de ser a chata que fica o tempo inteiro “gente, não dá pra ficar assim”, mas no nosso subjetivo é isso, né? (C. T., 35 anos)

C.T. apresentou uma consciência e uma proatividade de agir para ampliar os direitos e oportunidades das pessoas negras em seu local de trabalho. Observe que a roda de conversa também serve para educar, na medida em que ela acessa lembranças de ações e compartilha, possibilita reflexões sobre quais ações a branquitude pode realizar.

Em seguida, estimulada pela fala da colega, R. F. narrou seus estudos, as ações políticas antirracistas na escola dos filhos (bolsas e currículo), também trouxe suas ações em ambientes públicos de questionar os privilégios da branquitude e a solidariedade para com os menos desfavorecidos, mas, ao trazer um episódio pessoal, levantou alguns questionamentos no grupo. Para encurtar a história e trazer as falas objetivas para análise, sua filha, ao ser

aprovada na universidade, tinha um projeto dela e da família de morar sozinha ou em república, para isso, ela juntamente com duas colegas de curso foram alugar um imóvel, observe o relato de R. F.:

[...] ela [a filha] e mais duas meninas, uma negra cotista que veio de uma cidade próxima de Belo Horizonte, outra do interior de São Paulo foram visitar um apartamento anunciado com três quartos, mas, quando você entrava no apartamento, eram dois quartos na ala principal, digamos assim, e um quarto de serviço. O namorado da minha filha faz arquitetura, então ele entrou lá, com todos os conhecimentos dele e, na verdade, o quarto de serviço era o que tinha a melhor vista e era o mais ventilado, de fato era um quarto muito bom, mas era o quarto menor e o quarto na ala de serviço, né? Aí quando elas tavam fazendo a divisão do valor, quanto que ia sair para cada uma, obviamente o quarto de serviço seria o quarto mais barato, e eu só pensava tomara que a menina negra não escolha o quarto de serviço em função de ter um valor menor, então na hora ela falou que não se incomodava de ficar com o quarto de serviço. Nossa! Aquilo ali foi tipo uma facada no meu coração, não é possível que ela vai ficar na senzala, eu só pensava isso! Não é possível que ela vai ficar na senzala! Então eu disse a minha filha que não ia rolar ela ficar naquele quarto, não ia dar certo, não pode ser que as coisas vão ser desse jeito, mas, no final das contas, acabou não dando certo. (R. F., 49 anos)

A intenção de R. F. é legítima, uma vez que ela está preocupada e atenta em não reproduzir as estruturas do racismo que se manifesta socialmente, inclusive na distribuição das riquezas produzidas pela sociedade e o acesso aos bens materiais e imateriais, abrir mão do privilégio é, às vezes, compreender que quem tem mais recursos pode pagar mais e usufruir menos, afinal, historicamente os ancestrais do povo negro produzia para os brancos usufruírem. No entanto, o “cimento” que estrutura o racismo organiza as relações, por exemplo, nessa preocupação de R. F., a história se torna mais complexa:

[...] essa menina negra demandando muito assim da minha filha, em um determinado momento ultrapassou o limite da minha filha, né? Ela meio que se desestabilizou, eu falei: “olha só, você precisa pôr um limite, não dá para você ser babá dela”, será que era racismo isso, uma menina que nunca tinha vindo pra São Paulo, nunca tinha andado de metrô, qual que era o limite assim? É porque será que era tudo isso porque ela tava sendo racista, eu tava protegendo minha filha, do que na verdade? De uma saúde mental, então esse foi um momento muito chave assim, para mim no começo do ano, o que era que tava acontecendo. (R. F., 49 anos)

No grupo C. T. problematizou a interseccionalidade do racismo, talvez o que estivesse em jogo nessa situação é a falta de recursos e conhecimentos acumulados que a jovem negra não dispunha para circular pela cidade. Só observamos o fato da outra colega branca, mesmo sendo do interior, possuir condições e conhecimentos para circular pela cidade sem depender do outro. Obviamente que existe a experiência e subjetividade de cada um, mas, no desenrolar da história, R. F. não conseguiu dar mais um passo para que a filha dispusesse dos privilégios e acolhesse a jovem negra, nunca saberemos se era o caso, se realmente era uma questão de ausência de recursos e conhecimentos, mas o significativo é como R. F. reagiu, solicitou que a filha desse um limite e não fosse babá, mas quantas vezes na história, a branquitude esteve babá? Talvez fosse uma questão de insegurança ou tempo de adaptação da jovem negra, nunca saberemos. Esse episódio pode ser relacionado com a imagem da *Mãe Preta* (1912), de Lucílio de Albuquerque, utilizada nas entrevistas com as pessoas negras em posição de autoridade, bem como com uma propaganda do Ministério da Educação (MEC), sobre o Prouni, sendo ambas as imagens apresentadas a seguir.



Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/campanha-do-mec-em-que-aluna-negra-substituida-por-branca-ao-receber-diploma-acusada-de-racismo-nas-redes-23742614> Acesso em 10.07.2023.

A peça publicitária apresenta uma jovem negra, como podemos ver na imagem acima, no decorrer da montagem são sobrepostas as imagens de um “canudo”, representando a formação superior, depois de uma jovem branca que se sobrepõe à jovem negra, então a propaganda é finalizada com orientações do Prouni. A ideia era que as entrevistadas ficassem pensando nas mídias no decorrer da semana.

No segundo encontro, G. D. informou que não poderia participar, pois estava doente. Na perspectiva psicanalítica, as doenças são somatizações de conflitos psíquicos, às vezes expomos inconscientemente nosso corpo a situações de adoecimento. G. D. terminou sua participação no primeiro dia relatando o episódio de sua sobrinha que não queria tomar sol para não ficar morena, isso porque a escola de elite carioca, composta só por crianças brancas, já reconheciam a pele não branca como um problema. Esse relato exemplifica como o letramento racial também pressupõe o convívio com a diversidade de corpos não brancos. As políticas de ações afirmativas nas escolas e locais de trabalho são importantes para que os indivíduos vivenciem as violências desse “eu ideal do branco”. Ao conviver com o diferente, os discursos do politicamente correto cai por terra, pois não é possível performar o tempo todo, então o racismo “salta”.

O importante é que as pessoas em geral estejam disponíveis para compreender que vão reproduzir violências e que devem se responsabilizar. As crianças, quando chegam à escola, às vezes porque são filhos únicos ou possuem uma educação familiar com valores distintos, sofrem para aprender os códigos sociais. É comum crianças baterem ou morderem umas às outras. A mediação nesse momento é fundamental, por exemplo, às vezes uma criança está com um brinquedo na mão e o coloca no chão para se coçar ou fazer outra coisa, imediatamente a outra criança pega, então começa o conflito, o que estava com o brinquedo diz que não terminou de brincar, o outro diz que estava no chão. É necessária uma mediação para que se chegue a um comum acordo das ações, compreensões e limites de cada um, às vezes eles se resolvem, na maioria das vezes, é necessário que o adulto escute ambos e ajude-os a compreender o que aconteceu e como lidar com isso. É apenas com o convívio e com os conflitos que as crianças aprendem.

Assim são as relações raciais, as políticas afirmativas também educam os brancos em prol de uma sociedade mais equânime que respeita as diferenças e que possibilita igualdade de direitos para todos os corpos, isso inclui pessoas “fisiodiversas”, “neurodiversas”, LGLBTQIA+, idosos, negros, indígenas, enfim todos aqueles que não pertencem a esse ideal da branquitude. É necessário que as pessoas compreendam que haverá conflitos e que devem lidar com eles, uma família sabe que o filho ou filha, ao ingressar na escola, vai ter de lidar com os conflitos, por isso eles devem realizar intervenções em casa sempre priorizando a ética da alteridade.

Há diversas camadas nas políticas de ações afirmativas, é importante que as pessoas inseridas em ambientes conflituosos estejam dispostas a lidar com eles em busca de uma ética do respeito à diferença, a instituição, por sua vez, deve disponibilizar tempo e recursos para os enfrentamentos dos conflitos, no caso da escola, os pais, mães ou responsáveis também devem ser ativos e estarem alinhados com os princípios éticos do respeito à diferença. A criança precisa receber as mesmas orientações em casa e na escola. A instituição não pode se definir como antirracista, mas não enfrentar os conflitos de maneira pedagógica, ou seja, ela deve responsabilizar o agressor de acordo com a sua faixa etária, intencionalidade e recorrência.

Atualmente, algumas escolas de elite da zona oeste paulistana possuem políticas de ações afirmativas que oferecem bolsas de estudos para crianças negras, porém cometem um equívoco que pode acentuar o estigma do preconceito racial. Dentre elas, podemos citar Vera Cruz, Oswald de Andrade, Santa Cruz, Gracinha e outras. Trata-se de bolsas de caráter social, sendo o critério principal para concessão da bolsa a renda familiar, às vezes, por ingenuidade, essas escolas anunciam que são bolsas de estudo para crianças negras, como se fossem cotas ou inclusão racial. Isso acontece porque a maioria das crianças em vulnerabilidade social são negras, então há uma mudança no tecido social da escola, corpos negros que não existiam ou eram alguns poucos filhos de funcionários e/ou professor, começam a habitar o dia a dia da comunidade escolar, obviamente que essas crianças e adolescentes são oriundos de territórios, culturas, hábitos, costumes e valores distintos, alguns comuns devido a indústria cultural, mas outros bem distintos, então os conflitos, inevitavelmente surgem.

O problema não está nos conflitos, mas na associação que os alunos brancos realizam partindo da compreensão sobre bolsas de estudos destinadas a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, sendo a maioria negros, logo negro é sinônimo de pobreza. Essa associação real e descontextualizada reforça esse estigma de que a grande maioria das famílias não propiciam letramento racial para seus filhos, são crianças que vivem numa “bolha”, conforme apontado no exemplo do filho da G. D.

Por isso, para evitar espaços de fortalecimento de uma branquitude acrítica, é necessário que a comunidade fique atenta às suas políticas de inclusão e diversidade, talvez um caminho é possibilitar que famílias de classe média negra também tenham acesso. Por exemplo, a classe média negra (B e C) normalmente não possui condições de pagar na integralidade uma das escolas mencionadas, mas, por possuir uma renda maior que a classe D e E¹⁵, não vivem em condições de vulnerabilidade social, logo seus filhos e filhas são

¹⁵ Classe A – acima de 20 SM, renda familiar acima de R\$ 18.740,01 ou mais; Classe B – 10 a 20 SM, renda familiar R\$ 9.370,01 a R\$ 18.740,00; Classe C – 4 a 10 SM, renda familiar R\$ 3.748,01 a R\$ 9.370,00; Classe D –

atravessados pelo racismo, mas não pela pobreza. Isso significa que, se o programa de bolsas considerasse bolsas parciais para negros e negras, talvez não houvesse esse tipo de associação com negritude e pobreza. Pode ser que não houvesse procura, mas o que estou dizendo é que diminuir as desigualdades raciais, promover letramento racial e fomentar reparação é um movimento constante que requer ajustes, pois, ao “caminhar um passo”, as estruturas são abaladas, e o racismo se atualiza. Descolonizar é estar atento, sensível a novas violências e promover ajustes. A certeza é que, sem conviver e experienciar a diversidade, não se aprende a respeitar a diferença. Como é o caso da sobrinha de G. D.

Retornando aos relatos que G. D., ficou evidente que todos os assuntos apresentados se referem à sua vida privada e episódios relacionados à sua família. É legítimo, é o lugar que ela habita, no entanto, sua compreensão sobre o antirracismo não evidenciou a disponibilidade de pensar, agir ou buscar como dispor do privilégio. É sintomático sua ausência no segundo dia de roda de conversa quando pessoas brancas reconheciam o privilégio, de maneira consciente ou inconscientemente no enfrentamento ao racismo. Talvez a consciência sobre o racismo causou dor e a fez regredir nas reflexões.

R. F. relatou um episódio antiético no hortifruti, nas palavras dela, uma “senhora quatrocentona” furou a fila, então R. F. compôs o coro de uma trabalhadora que estava na fila. A solidariedade em compor com uma voz que seria calada ou ignorada, é um exemplo de como a branquitude pode utilizar do seu lugar de privilégio para expor as mazelas oriundas do racismo e do classicismo. Um outro exemplo dessa busca de R. F. no enfrentamento ao racismo:

[...] a moça que trabalha aqui em casa leva duas horas e meia para chegar, então ela não fica aqui durante oito horas, porque senão ela ficará 13 horas fora de casa, então a gente tem um combinado, ela é muito ágil, termina tudo e vai embora mais cedo para ficar no máximo oito horas fora da casa dela. Na verdade, ela acorda às 4h30, chega aqui umas 8h, quando dá 13h, ela já vai embora, faz todo o serviço, então acho que são essas coisas conscientes que precisam acontecer, mas antes eram inconscientes. (R. F., 49 anos)

Esse exemplo é interessante, como R. F. conseguiu reduzir a exploração da trabalhadora em sua casa? A alternativa foi diminuir sua permanência no local de trabalho, ou seja, é coerente e não exige demais da empregada, apenas o que é possível fazer no tempo estipulado entre ambas. Como um assunto chama o outro, C. T. comentou que essa cultura da empregada doméstica, motorista e babá é uma herança colonial, expresso em todo Brasil, então citou que *“[...] todos os meus vizinhos tinham empregada doméstica, alguns empregada*

doméstica e babá e alguns empregada doméstica, babá e motorista.” Ainda na busca por pensar ações antirracistas, C. T. relatou uma ação no campo da luta contra o genocídio da juventude negra:

[...] em Salvador, eu tive já algumas questões com a polícia, a polícia que tá atuando com adolescentes negros. Eu moro num lugar que agora tem três colégios públicos perto, na hora de saída, a polícia abordou alguns alunos negros de forma muito ostensivas, então eu parei no meio da rua e fiquei olhando o que os policiais estavam fazendo, aí eles me pararam e perguntaram se eu queria alguma coisa. Eu respondi que não e que estava só vendo o que estava acontecendo e se estava tudo bem com os meninos. Depois percebi que fiz isso inconscientemente. (C. T., 35 anos)

Neste trecho ficou evidente que C. T. expõe sua segurança ao causar constrangimento no poder estatal, talvez ela tenha feito isso com a certeza de que nada aconteceria a ela, afinal a violência policial é mais comum com as mulheres negras. Em 2023, a imprensa noticiou um caso em que a polícia agrediu uma idosa negra¹⁶, se analisarmos o *Atlas da Violência*¹⁷, encontramos diversos casos de violência policial com mulheres negras.

D. A. relatou suas ações no trabalho como psicanalista e a mudança de educação para com o filho mais velho de 17 anos:

[...] a diferença desse tema ser falado em casa é gigantesca, os meus dois menores têm uma consciência muito maior que a do B..., com o B... eu tenho suado muito mais, eu tenho que quebrar muitas barreiras, por exemplo, no tratamento da minha funcionária em casa. Então eu vejo os pequenos, eles já entendem que não é porque a gente tem uma funcionária em casa não é porque não vai tirar o prato da mesa e não vai lavar sua louça, arrumar a cama, então lá em casa é assim, cada um lava o seu prato, cada um arruma sua cama, essa de chamar a pessoa, isso acabou de um tempo para cá. (D. A. 48 anos)

Esse exemplo da D. A. é bem interessante, afinal a cultura da servidão é uma herança escravocrata e estimula a visão de superioridade da branquitude. Com objetivo de aprofundar a compreensão de mundo dessas aliadas brancas na luta antirracista, propus encerrarmos a reflexão sobre os conceitos de branquitude crítica e acrítica na visão de Cardoso e de Müller

¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2023/05/31/idosa-agredida-diz-que-acionou-pm-para-evitar-briga-com-vizinhos-era-para-me-defender-mas-a-policia-me-agrediu.ghtml>. (Acesso em 10.07.2023)

¹⁷ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/> (Acesso em 10.07.2023)

(2017), bem como li um trecho do livro de Kilomba (2019), sobre como a branquitude, numa situação racista, age com culpa e vergonha pelo que os seus ancestrais fizeram, mas há uma diferença entre culpa e responsabilidade, já que a culpa não permite reparação. As reflexões a seguir demonstram uma busca pela eliminação da culpa e reparação por tantos atos racistas:

[...] para mim, é menos pesado do que a Grada Kilomba coloca, para mim, teve um momento chacoalhão, acho que tem uns 12 anos, também nesse país ninguém faz nada, né? Então ficava muito nesse discurso até que uma pessoa virou para mim e falou: “e o que você tá fazendo?”, foi aí que eu comecei a fazer, né? Então acho que o processo todo começou a partir desse momento, tem uns 12 anos, foi em 2010, por aí, então acho que tudo começou a se desvelar a partir desse momento, digamos assim. Na verdade, eu não penso muito nos meus antepassados, os italianos que vieram, que ocuparam um lugar dos escravos que tinham sido libertos e que recebiam dinheiro e tinham onde morar, onde trabalhar, eu não fico pensando nisso, eu sei disso, mas eu não fico pensando nisso, né? Mas vamos lá então, vamos reparar daqui para frente. (R. F., 49 anos)

[...] eu acho que eu já passei por esse sentimento de culpa, quando me dei conta no primeiro momento, não preciso nem ir muito longe, vou até a minha infância, olhando, retrospectivamente, eu fiquei nesse processo de vergonha de ter feito parte daquilo, da gente ter tido um motorista que ficava esperando a gente, dormindo no carro, sair de uma festinha, né? Aquilo por muito tempo me doeu de vergonha, de não conseguir nem falar sobre isso, eu só acho que consegui chegar nesse ponto de que eu posso fazer com isso, né?” Foi quando eu comecei a me engajar nas questões, acho que a faculdade foi muito, um espaço muito importante para mim, a psicologia, eu costumo dizer que a psicologia me salvou da minha família, me trouxe um recorte completamente diferente da sociedade, do social, das questões raciais [...]. Acho que a faculdade me salvou e depois a psicanálise, embora acho que mesmo dentro da psicologia, da psicanálise, ainda era um lugar de muito privilégio, né? Muita negação também, a gente não lia autores negros, coisa que a gente tá fazendo agora, há pouco tempo, de uns anos para cá a gente começou a reparar nisso, mas, de certa forma, foi um processo que eu passei pela culpa, pela vergonha, nitidamente nesse caminho e só senti mesmo que eu tenho algo a fazer, quando se encontra com grupos na [Escola dos filhos], que dizem “olha, vamos pensar nisso junto?” Dá vergonha de não querer falar, de não saber onde e foi me abrindo, aí hoje eu me sinto muito, mas acolhida neste sentido de “não, tem gente falando sobre isso também, tem gente se expondo, tem gente falando, né? Abertamente sobre isso, tem algo a ser feito. (D. A., 48 anos)

Ao analisar a fala R. F., nota-se que ela expressou suas ações de combate ao privilégio e afirmou não pensar sobre a culpa do que os ancestrais dela fizeram aos negros. A proposta de refletir sobre os ancestrais teve por objetivo que as participantes da roda de conversa compreendessem que o privilégio é consequência de uma herança material e simbólica do qual os descendentes de negros e indígenas não dispõem.

D. A., por sua vez, afirmou que, durante anos, tinha vergonha e, por isso, não tocava no assunto sobre racismo porque não conseguia pensar em reparação, agora, com a ajuda de outras pessoas, ela já se sente com condições de buscar ações de reparação e, portanto, responsabilizar-se.

Para finalizar, questioneei como elas reagem no trato com a família ou com amigos quando aparecem comentários racistas. As três afirmaram que confrontam as pessoas, com exceção de R. F. que afirmou que: *“quando são com os idosos da família, é diferente, eu fico indignada, mas eu não reajo porque já é um nível de demência, meu marido fala ‘não fala nada, por favor’, então prefiro não falar nada por respeito ao meu sogro e a minha sogra, por exemplo, então prefiro sair de perto deles quando presencio atitudes racistas”*.

Na luta por descolonizar o inconsciente, uma das possibilidades de enfrentamento do racismo é o letramento racial.

Racial Literacy é um conjunto de práticas que pode ser mais caracterizado como uma “prática de leitura” – uma forma de perceber e responder individualmente às tensões das hierarquias raciais da estrutura social – que inclui o seguinte: (1) reconhecimento do valor simbólico e material da branquitude; (2) a definição do racismo como um problema social atual, e não como um legado histórico; (3) um entendimento de que as identidades raciais são aprendidas e resultado de práticas sociais; (4) a posse da gramática e de um vocabulário racial que facilite a discussão de raça, racismo e antirracismo; (5) a capacidade de traduzir e interpretar os códigos e práticas racializadas de nossa sociedade e (6) uma análise das formas em que o racismo é mediado por desigualdades de classe, hierarquia de gênero e heteronormatividade.” (TWINW; STEINBURGLER, 2006, p. 333 apud SCHUCMAN. 2020).

Após duas horas e trinta minutos de conversa com R. F., C. T. D.A, percebi que elas estavam preparadas para ampliarem seu letramento racial e refletirem sobre a branquitude. Na perspectiva decolonial, um aquilombar também é isso, trazer novos aliados, brancos, negros, indígenas e todos que se sentem indignados com a desumanização de seres humanos e buscam uma equidade e isonomia racial.

6

O “EU” DO AFRO-INDÍGENA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA DECOLONIAL

<i>“Ain’t Got No / I Got Life/ Não Tenho Não / Eu Tenho Vida</i>	<i>Eu não tenho Não tenho água Não tenho amor Não tenho ar Não tenho Deus Não tenho vinho Não tenho dinheiro Não tenho fé Não tenho Deus Não tenho amor Então o que eu tenho? Por que mesmo eu estou viva? Sim, inferno O que eu tenho Ninguém pode tirar de mim Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas Tenho meus olhos, tenho meu nariz Tenho minha boca Eu tenho Eu tenho a mim mesma Tenho meus braços, minhas mãos Tenho meus dedos, tenho minhas pernas Tenho meus pés, tenho dedos nos pés Tenho meu fígado Tenho meu sangue Eu tenho uma vida</i>	<i>Eu tenho vidas! Tenho dores de cabeça, e de dente E tenho horas ruins, assim como você Tenho o meu cabelo, tenho minha cabeça Tenho meu cérebro, tenho minhas orelhas Tenho meus olhos, tenho meu nariz Tenho minha boca Eu tenho o meu sorriso Eu tenho a minha língua, meu queixo Meu pescoço e meus seios Meu coração, minha alma E minhas costas Tenho meu sexo Tenho meus braços, minhas mãos Meus dedos, minhas pernas Tenho meus pés, tenho dedos nos pés Tenho meu fígado Tenho o meu sangue Eu tenho vida Eu tenho minha liberdade Ohhh Eu tenho a vida!”</i>
		Nina Simone (1968) Álbum: Nuff Said!

6.1. As pontes da subjetividade numa escrita não narcísica

Os relatos a seguir transbordam as fronteiras epistemológicas das ciências sociais em diálogo com o saber psicanalítico. Ser sujeito e objeto é passível de críticas, dúvidas e questionamentos sobre a produção de um saber subjetivado. Alguns podem dizer que, se fosse literatura, tudo bem fazer uma Escrivência, mas o capítulo de uma tese?. Será possível a produção de conhecimento em que o sujeito se encontra implicado em seu campo de análise? Eu afirmo que sim, não somente por desejo ou ousadia, mas por encontrar na literatura acadêmica incidências desse método, por exemplo, Sigmund Freud publicou, em 1900, *A interpretação dos Sonhos*, nessa obra, o autor criou um método científico para interpretar os conteúdos mais reprimidos do indivíduo. A originalidade de sua obra está em compreender os sonhos como possibilidade de conhecimento do inconsciente. Assim como os atos sintomáticos, os esquecimentos, os lapsos e os chistes, os sonhos também são dotados de sentido e sua análise deve acontecer, não em seu aspecto geral, mas em cada parcela de conteúdo. Para isso, Freud analisou o sonho que teve nos dias 23 e 24 de julho de 1895. Nessa autoanálise, o autor percebeu que nos sonhos os desejos são satisfeitos de forma alucinatória. As bases da psicanálise, sobretudo as noções de censura, repressão, recalque e representação do desejo de modo não verbal nascem dessa ruptura metodológica. Freud analisou cada componente do sonho e estabeleceu relação com seu cotidiano e os desejos inconscientes. “Notei uma intenção realizada pelo sonho, que deve ter sido a motivação para sonhá-lo” (1900, p. 2.245). Observe que o foco de análise do autor era o que ele estava vivenciando, suas motivações, culpas e responsabilidades.

Não obstante, realizo pontes, uma delas é entre os séculos XIX e XXI, a outra é entre o saber psicanalítico eurocêntrico e o xamânico. O xamã yanomami Kopenawa relata as visitas desde criança dos Xapiri – espíritos ancestrais. Os sonhos são um chamado para se tornar xamã e conhecer a realidade. O xamã é uma função social de ponte entre dois mundos, o cotidiano manifesto e o desejo latente. “*Só os xapiri nos tornam realmente sabidos, porque quando dançam para nós suas imagens ampliam nosso pensamento. De modo que se eu não tivesse me tornado xamã, jamais saberia como fazer para defender a floresta.*” (KOPENAWA; ALBERT, 2010, p. 389). Para os *Yanomani*, sonha-se com o que se quer conhecer, conhecer é subjetivar, é tecer redes de significações. Felly Nkweto Simmonds (1997) *apud* Kilomba (2019, p. 63) afirma que:

Escrever sobre o próprio corpo e explorar os significados do corpo pode, obviamente, ser visto como um ato de narcisismo ou de essencialismo [...] contudo essa é uma estratégia importante usada por mulheres africanas e afrodiaspóricas para desconstruir sua posição dentro da academia.

Narrar a minha própria história é questionar a branquitude e reivindicar uma perspectiva afro-indígena, em cada episódio busco apresentar a vida no tempo, espaço e memória do que em mim vive. Esse corpo-arquivo ancestral que acesso a cada ruptura de silêncio e desconstrução de teorias. Como afirma Borges (2017, p. 11):

Desde Freud, a relação dicotômica entre individual e o social foi posta em xeque. Para o pai da psicanálise, não existe fenômeno individual que habite o território do indivíduo estritamente; tudo que é individual se institui num lastro que é rigorosamente social. Indivíduo e sociedade constituem um nexos único. Liquidada-se, igualmente, a questão da pulsão social” em contraposição a uma “pulsão individual”, esta última é objeto exclusivo da psicanálise, já que existiria apenas uma pulsão.

Falar de mim é falar do social, especificamente como essa mazela social e/ou doença psíquica¹⁸, que é o racismo, atravessa todos nós brasileiros. Nós negros e afro-indígenas fomos considerados estranhos a sociedade brasileira e o estranho ameaça (FREUD, 2010 [1915]). Virgínia Bicudo iniciou esse diálogo entre a sociologia e a psicanálise e afirmou que “[...] a superação de resistência inconsciente é perceptível tanto em um plano individual da personalidade como em um plano social, tendo em vista que psíquico e social se encontram intrinsecamente estruturados” (1969, p. 285). Escrevo na perspectiva da minha época num movimento subjetivo de perceber como é viver neste mundo que nos ameaça, nos destrói e nos impede de existir.

6.2. Um fio do “Eu”

Segundo Ferreira (2000), o processo de formação da identidade do negro e afro-indígena acontece nos seguintes estágios: submissão, impacto, militância e articulação. Durante o processo de pesquisa, tornou-se latente o questionamento sobre quando me reconheci como sujeito negro e/ou afro-indígena e iniciei a “morte” psíquica da sujeição colonial. Minha submissão ocorreu na infância e adolescência e foi decorrente da minha educação colonial. Quanto de identificação ocorreu ao ler, entrevistar e pensar sobre o racismo. Como afirma Vannuchi et al. (2017, p. 63): “o racismo se alimenta daquilo que aparece reproduzido, mas radicalmente recusado, na inscrição da própria identidade”. Inúmeras sessões de análise ocorreram, e cada vez mais me conscientizei sobre o quanto de dor e sofrimento os atos de racismo causaram nos corpos negros e nesse corpo afro-indígena.

¹⁸ Uma pessoa racista é um ser complexado, ou seja, alguém com doença psíquica. Se um indivíduo, diz que é o super-homem, o sentimento de superioridade congênita por ter a pele e olhos claros, nariz estreito e cabelo liso é uma doença psíquica. (CUTI, 2017a, p. 199-200)

Nós somos seres atravessados por sentimentos constituídos socialmente, há tantos deles que não foram conscientizados em mim, quando minha analista pediu para eu falar sobre o que sentia a respeito de uma violência racista que acessei, não sabia nomear a profusão de emoções que tomou meu corpo. A respeito da relação entre emoção e sentimento, há uma diferença. Segundo Damásio (2018), as emoções precedem o sentimento, que é consequência das emoções. O autor reitera que emoções são um conjunto complexo de reações químicas e neurais que previnem o organismo contra ameaças do meio, isto é, respostas imediatas do corpo a estímulos do ambiente. O termo emoção vem do latim *ex movere*, que significa “mover para fora”. Ao percebermos que sentimos uma emoção e pensamos em emitir uma resposta, a emoção aconteceu instantaneamente, e o corpo já produziu uma resposta, ou seja, a emoção é algo que nos toma. Nesse ínterim, as emoções geram sentimentos que são atos racionais, experiências mentais conscientes que amplificam o impacto de uma dada situação.

A psicanálise compreende que uma emoção pode permanecer inconsciente sem se transformar em um sentimento consciente. No entanto, quando vivenciamos o processo de identificação, somos atravessados por emoções, às vezes nem temos consciência desse movimento psíquico, podemos perceber que algo está acontecendo em consequência de experiências reprimidas. Como diz Guerra e Massa (2018, p. 139), “o trauma seria essa disjunção originária, atualizada a cada encontro com uma alteridade íntima”. A cada contato com a dor do racismo, o processo psíquico de identificação atualiza minha dor.

A repressão é decorrência de sofrimentos insuportáveis que devem ser inconscientes. Nos quatros anos e meio de doutorado, metade das minhas sessões de análise foram sobre os sentimentos que surgiram nas leituras, aulas e entrevistas, como não escrever sobre esses atravessamentos e identificações? A identificação é o processo de transformar o externo e o interno (FREUD, 2010 [1914-1916]), só me identifico porque os traumas do racismo estão reprimidos.

Se somos, desde a infância, atravessados por respostas conscientes e inconscientes dos estímulos causados pelo meio, posso dizer que minha história iniciou antes do meu nascimento. Conhecer a trajetória de vida dos meus ascendentes, pelo menos até onde é possível regredir, parece-me necessário para ter algumas pistas das emoções que acontecem quando reflito sobre os efeitos do racismo. O impacto da formação da minha subjetividade afro-indígena aconteceu ao pesquisar sobre a história de meus antepassados, mobilizar as lembranças da minha família, acessar melhorias que vivenciei e as que estavam marcadas nesse corpo-arquivo que carrego.

O barro que faz o vaso pode ser tratado, receber outras substâncias e até submetido a situações que alteram sua consistência, cor e performance, ainda assim será o mesmo barro da região de origem. O que trago em mim das minhas origens? Talvez amor, coragem,

persistência, alegria, vergonha, medo, desilusão, nojo, raiva, ódio, surpresa, felicidade, ansiedade, angústia, não sei, quiçá todas ao mesmo tempo e outras que não sei nomear.

Ao ouvir a história de vida dos entrevistados e as experiências e opiniões dos participantes nas rodas de conversa, identifico-me com algumas histórias e sentimentos de raiva, ódio, desilusão, orgulho, vergonha e confusão, em certos momentos até me emocionei e chorei, sobretudo quando a solidão ou a violência foi enfatizada. Há momentos de dissociação em mim quando é abordado a mestiçagem e o lugar do pardo. Há negação quando o M. A. A. S. afirmou que não tem tempo para se emocionar, eu concordei de imediato com isso, mas depois percebi que só o que temos são emoções e sentimentos, seja de raiva ou de medo. Obviamente, há regressão, muita regressão. Os movimentos psíquicos foram diversos e me possibilitaram acessar algumas histórias que vou compartilhar, já outras me guardo o direito de trabalhar nas minhas sessões de análise.

Quero enfatizar, antes de trazer episódios de minha história, que, apesar de o racismo ser violento, traumático e indignante, sou mais do que uma vítima do racismo, sou um sujeito que enfrenta, luta e conjuntamente com meus ancestrais e outros sujeitos aquilombados estamos vencendo o racismo. O objetivo de narrar, interpretar e relacionar os traumas do racismo é oferecer ferramentas para enfrentar o racismo, tanto no âmbito social de políticas públicas, como individual na clínica.

Durante as entrevistas e/ou rodas algumas lembranças foram acessadas, então realizei anotações e/ou gravei em áudio no celular para reproduzir, nesta pesquisa, como parte do inconsciente conectado e compreender os traumas afins de descolonizar o inconsciente.

Foi emocionante ouvir os relatos de J.P.C.P.L., I.A.A.S., M.A.A.S. M.A.V.S. sobre seus avós. Eu convivi com meu avô, José, e minhas avós, Emília e Joana, em muitos momentos dos relatos desses participantes, viveram à minha mente sentimentos e lembranças boas dos meus avós, mas, quando me lembrei da história de vida deles, senti muita angústia e tristeza, talvez porque eles vivenciaram os males de uma época com poucas oportunidades, muita dor e violências. Recordo-me de minha avó Joana reproduzindo o ideal colonizador da branquitude, apesar das condições de vida dos meus ancestrais, eles proporcionaram uma vida com condições de sobrevivência e dignidade à família. Eles foram pessoas fortes e corajosas que enfrentaram o racismo e as mazelas do capitalismo.

A diferença de idade entre minha mãe e minha avó materna é de doze anos, e a diferença de idade entre minha avó e meu avô é de dez anos, hoje a consciência coletiva repudia relacionamentos de jovens de 21 anos com adolescentes de 11 anos e há um “clamor” social para que meninas de 11 anos não engravidem. Eu iniciei o relato com esse episódio porque acredito que a realidade de meus avós é atualizada no Brasil contemporâneo. Quantas meninas negras e indígenas se tornam mães antes mesmo de compreender as mudanças,

físicas, psíquicas e afetivas de seu corpo? Elas são expostas à realidade social de cuidar de uma outra criança, já que muitas ainda possuem idade mental infantil. Fico triste por chegar a essa constatação, é verdade que estou sendo influenciado pela minha condição de pai de uma menina, a paternidade me fez olhar o mundo de outra perspectiva, o amor que conheci com minha filha me fez sentir mais empatia ainda pelas mulheres.

Meus avós são migrantes nordestinos, minha avó é oriunda do estado do Ceará, e meu avô, do estado da Bahia. Lembrei muito deles quando M. A. V. S. contou a história dela, ao contrário de sua avó, a minha avó Emília não sabia fazer reza, cozinhar ou qualquer outro conhecimento ancestral. Minha mãe contou que ela perdeu a mãe cedo e fugiu com meu avô. Quantas meninas não podem aprender os conhecimentos de antepassados e muito menos viver a infância. Conhecer essas histórias de infâncias perdidas é também sonhar com um mundo de oportunidades para todas as crianças.

Minha mãe nasceu no interior de São Paulo, ao completar 16 anos, veio morar na casa de uma família em São Paulo para trabalhar como empregada doméstica. Uma coincidência interessante é a minha mãe ter o mesmo emprego que as mães do D. M. S. e do M. A. A. S., além de este ser o primeiro emprego de M. A. V. S. Acredito que essa condição de trabalho é consequência de um processo histórico ao qual negros e negras estão submetidos. Como afirma Gonzalez (1984), o racismo é a neurose cultural brasileira. Um dos sintomas do racismo é, por exemplo, a solidão das mulheres negras que acontece há gerações, além disso a sociedade brasileira atribui muitas responsabilidades às mulheres negras. Minha mãe casou com 21 anos, até então tinha de enviar todo seu salário ao meu avô para ajudar no sustento da família. Minha mãe estudou até a 4ª série primária, um pouco mais que minha avó que não era alfabetizada, mas minha mãe conta que desde cedo tinha de cuidar dos cinco irmãos para meus avós trabalharem na roça. As brincadeiras de casinha da minha mãe era a casa e a família real, por isso já conhecia bem as responsabilidades do dia a dia doméstico com 16 anos. Ela cuidou de três famílias, a dos seus pais, a sua e a da patroa, bem como ajudou a sustentar duas, essa é a força da mulher negra e/ou afro-indígena que o racismo não conseguiu impedir que ela existisse.

Meu pai nasceu no Mato Grosso, mas foi registrado em Goiás. Ele era indígena, provavelmente do grupo *Bororo*, segundo algumas investigações da sua memória e até onde consegui averiguar. Ele contava que foi adotado ou retirado da sua família por minha avó adotiva, Joana, que era mulher de um garimpeiro. Meu pai acusava minha avó de tê-lo retirado da família dele com cinco anos, por isso nunca mais viu a mãe e a irmã. Meu pai narrava as atrocidades e violências que o pai adotivo dele fazia com outros garimpeiros, por isso fugiu aos 16 anos para São Paulo. Essa é uma história nebulosa e repleta de incompreensões e lacunas, minha mãe diz que os filhos da minha avó Joana já tinham falecido, mas me lembro de meu pai contando que ela tinha outros filhos. Independentemente da veracidade, o fato é

que minha avó Joana veio para São Paulo e, quando nasceu minha irmã e eu, ela veio morar conosco para cuidar de nós enquanto meus pais trabalhavam.

Minha avó era branca de olhos claros e viveu conosco até sua morte, que aconteceu quando eu tinha 15 anos. Há um fato curioso em relação a essa mulher branca, o seu documento tinha a especificação da cor, nomeada como parda. Fiquei conversando com minha família sobre isso, olhamos fotos e concluímos que ela realmente era branca, então por que parda? O que posso inferir, considerando a história do Brasil e lembrando Jessé de Souza (2021b), é que a pobreza é negra. Tendo em vista que minha avó como mulher pobre, não alfabetizada e garimpeira, ela não poderia ser branca aos olhos do Estado brasileiro.

O que me chama a atenção nessa história são as permanências históricas, minha avó, mulher branca ou que introjetou o ideal colonizador, achava-se autorizada a retirar meu pai da família, segundo ela, essa gente (povos originários) não sabia cuidar de criança. Sua branquitude permitia que ela nomeasse o que era cuidar de criança, não havia o reconhecimento do modo de vida desses povos. O cuidado dos povos originários é distinto da cultura ocidental, e seu modo de vida possui hábitos, costumes, valores e comportamentos incompreendidos que geram julgamento de valor, desprezo, violência e desumanização. Ela achava que meu pai vivia abandonado. Não é de hoje que a sociedade brasileira desrespeita o modo de vida desses povos, permanecendo a desumanização, haja vista o caso dos Yanomani¹⁹ em 2023 e muitos outros.

Nas entrevistas, há relatos das pessoas terem sido chamadas de expressões como: neguinho(a), preto(a), babá, enfim exemplos de falta de reconhecimento de sua singularidade. O nome na espécie humana ocidentalizada é o que nos faz sentir e ser sujeito. Uma criança, ao ser chamada pelo nome, é reconhecida como ser. Françoise Dolto (2002) percebeu a importância da formação subjetiva na comunicação corporal das crianças e na atribuição de um nome ao desenvolvimento psíquico do bebê. Quando chamavam meu pai ou eu de Índio, não se tratava de um reconhecimento da nossa cultura ou saber, mas por reconhecimento dos estigmas dos nossos traços fenóticos, isto é, os olhos um pouco fechados ou “puxados”, a cor da pele “parda” ou “morena”, os cabelos grossos, lisos e preto. Trata-se de um estigma e uma dessubjetivação. Éramos nomeados como coisas que existem no coletivo, sem subjetividade, vontade, desejo, escolha e liberdade.

Meu pai sofria muito por ter sido arrancado de sua família, ele verbalizava isso quando estava embriagado, aliás o vício no álcool e a devoção à igreja podem ser compreendidos como um mecanismo de luta contra esse sofrimento. Por falta de opção, essa mesma mulher

¹⁹ Em 2023 explodiu as denúncias de genocídio do povo Yanomani causado por garimpo e do descaso do governo brasileiro em protegê-los dos assassinatos e estupros, demarcar e fiscalizar as terras, cuidar da natureza proibindo o uso de mercúrio no garimpo e assistir com o serviço único de saúde e assistência social a desnutrição das crianças.

cuidou de mim e de minha irmã para que meus pais pudessem trabalhar, ela nos trancava em um banheiro externo à casa, afinal por que tratar crianças pobres negras e/ou afro-indígenas com a mesma igualdade que as brancas? Lembrei-me do caso do menino Miguel Otávio Santana da Silva, de 5 anos, que morreu após cair do 9º andar de um prédio no Recife em 2 de junho de 2020²⁰. Ele foi abandonado pela patroa enquanto a mãe, que trabalhava para essa família, passeava como o cachorro da família. São séculos de permanência de uma necroinfância de crianças negras. Meus pais não tiveram outra alternativa, já que naquela época não havia, como hoje, o direito à creche.

Meus pais estudaram até a 4ª série, no caso da minha mãe porque tinha que trabalhar e meu pai porque não foi aprovado ou não conseguiu fazer o exame de admissão. Para evoluir nos estudos, a criança deveria ser aprovada nos exames, a educação não era um direito de todos. Gosto de frisar que eu sou a primeira geração que usufruiu do direito a um ensino médio universal. A minha geração teve oportunidade de exigir o acesso ao ensino médio, e o poder público, por mais que estivesse na lei, não garantia, como não garante até hoje escola a todos os jovens em idade escolar. Mas consegui, como milhares de outros jovens negros e/ou afro-indígena usufruir desse direito.

Talvez o leitor se pergunte o que há de relevância social nesta história pessoal? O que somos são consequências das oportunidades, escolhas e significações das experiências. As condições econômicas e a classe social na qual meus pais nasceram, agravadas as experiências individuais, por exemplo, minha mãe fez alguns partos de minha avó e cuidava de suas irmãs, já meu pai foi privado de viver com sua família, ambos impedidos de continuarem os estudos e fazerem escolhas. Eu herdei as condições materiais da família na qual nasci, assim como os nascidos nas famílias brancas burguesas herdaram as condições materiais e simbólicas de oportunidades e privilégios.

Na minha infância, não me lembro de meus pais enaltecerem nossos ancestrais, contar histórias ou se orgulharem de nossa origem. Nunca ouvi de meus pais autoafirmação de nossos traços fenóticos da negritude, talvez o cabelo liso como algo bom. O que lembro são pessoas que ficavam apenas nos finais de semana com os filhos, uma vez que, durante a semana, trabalhavam muito para sustentar a família. O rigor nos hábitos e costumes era o que eles significavam como amor, ouvir a história dos meus pais e compreender que os afetos que eles vivenciaram eram de pouco carinho e acolhimento, mas o suficiente para que eu pudesse estar bem hoje. A realidade dura de conseguir comida, vestimenta e moradia impedia que eles pensassem na importância dos afetos. Vivíamos em casas pequenas, afetadas por enchentes, em algumas não havia luz e água encanada, outras sem “acabamentos”, reboco

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por-por-abandono-de-incapaz.ghtml>. Acesso em: 15.07.2023.

ou azulejos, enfim nossa condição era de pessoas em vulnerabilidade social, como milhões de brasileiros negros, indígenas e afro-indígenas. Quando minha mãe chegava em casa, a jornada de trabalho permanecia, agora era lavar as nossas roupas, limpar a casa e preparar o jantar, sendo essa a realidade da maioria da população brasileira. Ela não conhecia brincadeiras desde a infância, talvez por isso não lembro de minha mãe ler para nós ou contar histórias que não fossem bíblicas.

Meu pai contribuía com a preparação do jantar, cozinhava bem, por isso gosto de cozinhar, herdei esse hábito dele. Houve um tempo que meu pai ficou sem emprego, então fazia salgados (esfiha, coxinha etc.) para vender. Ainda sobre meu pai, lembro-me quando tiraram dele a premiação de finalização de uma obra, a obra estava acabando e o transferiram para outra, o que o fez perder a bonificação, então ele se demitiu. Ao ouvir os relatos de M. A. A. S., lembrei como meu pai não se submetia às opressões dos patrões, por isso ficava pouco tempo nas empresas, na maioria das vezes era autônomo. Consegui ressignificar esse comportamento do meu pai e ter orgulho, acho que aprendi com ele a não me submeter às opressões.

Quando D. M. S. relatou sobre onde morava na infância, lembrei quando morei na região do Jardim Brasil, Zona Norte de São Paulo, perto do rio Cabuçu de Cima, quando chovia muito, a casa alagava, morávamos em um cômodo do tamanho de um banheiro, quando íamos dormir, minha avó Joana armava a cama para dormir com minha irmã, eu dormia com minha mãe e meu pai. Minha mãe conta que eu vomitava à noite na cama quando era criança, segundo ela, diversas noites ela acordava comigo vomitando. Talvez pareça irrelevante, no entanto esse ato associado ao fato de toda manhã eu ficar chorando e pedindo para minha mãe não ir trabalhar explique minha personalidade. Imagino a dor de uma mãe ficar escutando seu filho chorar enquanto a realidade material a obrigava sair para trabalhar. Se meus pais não trabalhassem, não havia comida. Acredito que isso me marcou de várias formas, nunca aceitei a realidade imposta, a vida material, os valores opressivos, talvez por isso somatizava no corpo e vomitava a comida que minha mãe e pai disponibilizavam.

Essas lembranças vieram durante os relatos de uma infância desumanizada pelas condições sociais, mas também lembrei dos cuidados de meus pais e avó, uma mulher branca que cuidou de mim, acolheu-me e embranqueceu-me, talvez por ter sido a pessoa com quem mais convivi na infância, seus afetos me fizeram acolher seus ensinamentos.

Eu fui para escola aos 6 anos, na época se nomeava como pré-escola, como minha mãe tinha que sair cedo, eu ia e voltava com uma vizinha que tinha a filha na escola. As lembranças que tenho desse momento podem ser fantasias ou minha mãe esqueceu, mas lembro de algumas vezes que ficava chorando esperando minha mãe me buscar quando a vizinha faltava. Acredito que isso me marcou tanto que tenho uma enorme preocupação em buscar minha filha na escola ou saber com quem ela volta, não desejo que ela sinta o que

senti. A verdade é que essa memória que pode ser fantasia está associada ao choro matinal e ao pedido para minha mãe ficar.

Quando eu trouxe a *Mãe Preta* (1912), de Lucílio de Albuquerque, para os entrevistados não sabia bem o porquê, mas, ao ouvi-los, compreendi porque meu inconsciente foi buscar essa pintura. A atualização da ama de leite, na minha história é vivenciada de outro modo. Para alimentar seus filhos, minha mãe teve que cuidar dos filhos de uma família branca. Minha mãe fazia comida, e o que sobrava ela levava para nossa casa, muitos jantares tinham misturas do almoço do trabalho dela. As roupas que vestíamos eram roupas doadas dos filhos da família branca, roupas sempre em bom estado, mas eram roupas já usadas. Minha mãe criou um afeto muito grande com essa família, ela passou muito tempo de sua vida com eles, uma vez que morou com eles dos 16 aos 21 anos e depois trabalhava 8 horas por dia durante cinco por semana, às vezes em festas, também trabalhava aos finais de semana. Passou mais tempo da vida com eles do que com sua família, tanto que, mesmo aposentada, ela continuava trabalhando, só parou quando teve um lapso de memória e não sabia onde estava.

Quando M. A. A. S. narrou sobre o que o pai ensinou sobre “ornar”, eu compreendi sua ideia acerca do caráter e dos valores morais e éticos, mas o estético nunca pude vivenciar plenamente como possibilidade, meus pais tinham quatro filhos para alimentar, vestir e morar. Nos anos 80 e 90, com a crise econômica do Brasil, era muito difícil comprar roupas e sapatos caros. Talvez tenha sido importante essa realidade, pois, assim que comecei a trabalhar, investia meu salário em estudos. Ainda sobre nossa situação econômica, lembro-me de quando era pré-adolescente, ia ao mercado com meus pais no final do mês e todos voltávamos com as sacolas cheias, era uma época que comprávamos comida para o mês todo, pois no outro dia os preços aumentavam. Lembro de muita ausência de recursos materiais. Dos oito aos 11 anos, vivemos numa casa cedida pela igreja que meus pais frequentavam, Assembleia de Deus – Ministério do Brás, era um bairro bom, poucas famílias negras, muitas brancas, lembro-me de um senhor branco que morava na esquina e que sempre que eu estava com o cabelo comprido, ele me levava para cortá-lo, a branquitude moldando os corpos pretos. Na rua em frente a casa havia uma descida onde aprendi a andar de bicicleta e carrinho de rolimã com meus irmãos. Também havia algumas árvores onde brincávamos muito, meu pai era zelador da igreja e, por isso, vivemos muitos anos nesta casa.

Nos anos 80 meus pais compraram um terreno numa cidade dormitório, como se convencionou chamar as cidades próximas de São Paulo porque as pessoas saíam de manhã para trabalhar e voltavam à noite para dormir. Eu, meu pai e meu tio Joel, irmão da minha mãe, fomos construir a casa, eu tinha 11 anos, como não tínhamos dinheiro, primeiro meu pai fez dois quartos, banheiro e cozinha, sem acabamento. Quando mudamos, não havia água encanada nem luz. Então meus pais pediram a luz emprestada a um vizinho que tinha ponto

e pagavam a conta. Isso era uma prática muito comum nas comunidades carentes e em periferias. O mesmo acontecia com a água, havia uma mangueira que enchia os tambores para suprir nossas necessidades, mas a mangueira sempre estourava nas emendas ou tinha vazamento, por isso eu tinha uma turquesa, uma ferramenta tipo alicate, arames e pedaços de mangueira comigo para remendá-la. Esse bairro era bem pobre, as ruas sem asfalto, e a maioria da população era negra. Lembro das diversas noites em que fazíamos fogueira para esquentar água e então tomar banho quente. Aos poucos a luz, a água e o asfalto foram chegando, e as condições de vida, melhorando. Nessa cidade, eu vivi até terminar o ensino médio e ir para o quartel. As lembranças da solidariedade, o excesso de consumo de álcool pelos adultos e a maioria das famílias negras ainda compõem minhas memórias. Se não fosse pela igreja e a proibição do meu pai de brincar e conviver com outras famílias, talvez tivesse acessado logo cedo a cultura negra.

Meus primeiros empregos foram precários, trabalhei numa pequena metalúrgica que o dono me enrolava para pagar, fiquei lá por apenas dois meses, depois fui trabalhar na feira aos finais de semana, levantava às 2h30, caminhava até o ponto de encontro, onde o caminhão me pegava às 3h, chegava às 3h30 para montar a barraca e ficava lá até às 14h, recebia apenas um lanche, mas podia comer mexerica e laranja à vontade, no final até voltava com um saco de frutas para casa. O que me marcou nesse trabalho era como o dono da banca, um branco caucasiano descendente de italiano me chamava, foi a primeira experiência marcante da qual me lembro de racialização, ele tinha o costume de enfiar a mão nos nossos bolsos, na certa sabia que, como pagava pouco, as pessoas embolsavam o que os clientes pagavam, mas ele sempre me chamava de colombiano, dizia que eu parecia colombiano, na verdade acho que, na memória dele, indígenas eram colombianos, como tinha o cabelo mais liso do que hoje e cortava o cabelo bem baixo, por costume e por causa da igreja, realmente parecia um indígena, tanto que na escola, no quartel e na faculdade me apelidaram de índio. Essa experiência de sair de madrugada, comer pouco, ter o patrão enfiando a mão no bolso e ganhar pouco me marcou.

Quando meu pai me atribuía as tarefas de casa e eu reclamava porque associava isso a trabalhos manuais, ele dizia: *“Não gosta de pegar no pesado? Então estuda?”* Acredito que que por isso que fui estudar. Essa afirmação possibilitou-me acreditar que poderia melhorar de vida se estudasse. Sonhar e desejar são sentimentos que sempre tive, a vida difícil não matou meus sonhos, talvez tenha me tornado mais realista. As noites frias, quentes ou raivosas tornaram-se os momentos de fantasias, de imaginar como seria o futuro e como seria ter melhores condições financeiras, viajar, ter dinheiro para comprar roupas e comidas que quisesse. Eram sonhos neoliberais, mas, para as condições nas quais eu vivia e com pouco repertório cultural, não havia muito como sonhar diferente, meus pais eram muito rígidos e demonstraram afeto à sua maneira, acho que não sabiam como ser carinhosos ou afetuosos,

por isso a criação deles me marcou. Quando mudamos para cidade dormitório, meu pai não deixava a gente brincar na rua, até os 15 anos, tinha minha avó Joana que cuidava de nós quatro, brincávamos juntos e assistíamos muita TV, se fossemos para rua, apanhávamos, esse tipo de convívio em casa me protegeu da violência das ruas, mas limitou nosso repertório aos ensinamentos da igreja, da escola e da TV, todas sem nenhuma referência à minha ancestralidade, ao contrário, extremamente racistas, homofóbicos, machistas etc.

Até hoje minha mãe não compreende que em criança não se bate, ela diz que criança não sabe de nada e, portanto, deve ser corrigida. Há uma confusão entre limite, interdito e violência física, as surras que levei dos meus pais geraram muita raiva e revolta, sempre foi muito difícil falar com eles sobre meus sonhos, sentimentos e valores. Lembro-me de pedir para fazer um curso de arte, e meu pai me disse: *“arte é para rico ou viado, rico você não, é viado, então?”* Lembro que naquele dia compreendi que seria difícil falar com ele sobre minhas vontades, talvez ele não tivesse compreensão, apesar de ler muito e me obrigar a ler, ou queria me proteger das violências sociais.

Meu pai tinha um costume de marcar trechos da bíblia com passagens específicas para eu ler, quando chegava à noite, eu tinha que contar a história para ele, se não soubesse, eu apanhava. Era o jeito que ele achou para que eu compreendesse os valores cristãos. Com o tempo ressignifiquei, foi muito bom, apesar de violento, pois compreendi que os pastores e as igrejas deturparam o que Cristo ensinou, por isso não deixei que me enganassem. Hoje leio à noite histórias diversas a minha filha, às vezes histórias de nossos ancestrais, meu pai me fazia orar, eu já digo para minha filha dormir com a força dos ancestrais, verbalizo para ela que força, coragem e beleza estão dentro dela. Tento romper com a educação colonial que obtive e descolonizar a relação pai e filha. Nunca vou agredir minha filha, por três motivos, a) ela é uma mulher, não podemos reproduzir a violência machista e patriarcal; b) é uma criança, precisamos romper com a cultura adultocêntrica de violência e ausência de escuta e reconhecimento da humanidade infantil; c) não é possível agredir quem você ama, o amor não é violento, tampouco aniquilador.

Lembro-me de que à noite lia trechos da bíblia para minha avó, era uma relação interessante que tive com minha avó Joana, pois ela foi a pessoa de que mais recebi afeto na vida, recordo-me dela brincando comigo, de ficar no colo dela, de fazer e receber carinho, ela contava histórias da vida dela e explicava as consequências das suas escolhas, adorava dar ensinamentos. Eu tenho poucas lembranças da infância com a minha mãe, ela me conta que eu dormia segurando a orelha dela, mas não me lembro disso. Minha vó Joana também foi a pessoa que me ensinou a circular por São Paulo, como ela não sabia ler, precisava de mim para ler as placas dos ônibus, naquela época os aposentados tinham que ir ao banco sacar o benefício, não havia cartão eletrônico, então eu sempre saía com ela para ir ao banco, comprar coisas ou visitar suas amigas. Interessante como a cidade era e é um lugar para

peessoas letradas, quando ela não estava comigo, ela parava todos os ônibus para perguntar se passava onde queria ir.

Eu não era o neto mais próximo, aquele que dormia com ela, como minha irmã e depois meu irmão caçula, minha avó sempre teve um neto para dormir ao seu lado. Com os anos, parei para pensar nesse costume familiar, depois descobri que era muito comum na região que minha avó viveu. Apesar de nunca dormir com ela, sempre estive ao seu lado para circular nas ruas. Ao narrar esse episódio, lembrei dos *Seres* e dos *Lebou* (ORTIGUES, 1989) e seus costumes de dar crianças para fazer companhia ao adulto e/ou idoso, será que há uma ancestralidade africana herdada? Não sei, mas é curiosa a coincidência.

Depois de anos que ela morreu, a gente suspeitou que talvez ela não estivesse tomando os remédios corretamente, já estava “caducando” ou com demência. Naquela época, não se ouvia falar de Alzheimer, lembro-me de quando eu fui viajar com meu pai e, ao me despedir, ela me disse: *“talvez quando você voltar eu não esteja mais aqui”* e foi o que aconteceu. Conheci o luto com a morte da minha avó Joana, acho que nenhum acontecimento me marcou tanto. Quando ela morreu, eu tinha 15 anos e nunca tinha sentido aquela dor, foi tão forte que, na morte de meus avós maternos (José e Emília) e do meu pai, eu reprimi e não quis passar por isso novamente. Depois em análise percebi que não vivi o luto do meu pai, o que foi complexo, mas compreendi o amor que senti por aquela mulher que escolheu viver e cuidar de nós, independente das contradições históricas, éramos sua família. Os afetos são assim, complexos, marcam a gente, assim como os atravessamentos sociais. Naquele ano não consegui estudar e reprovei de ano, fiquei muito triste e deprimido com a morte da minha avó, naquele dia compreendi o que era o vazio, sentir a falta de alguém e saber que nunca mais ia estar com ela, é uma tristeza profunda.

A minha adolescência pode ser separada em dois momentos: antes e depois da morte da minha avó Joana que, assim como diversas avós nas periferias, cuidam dos seus netos para que seus filhos trabalhem. A realidade brasileira é composta por essa figura, a avó que ensina valores, conhecimentos, prepara alimentação, organiza a casa e, em alguns casos, impede que as crianças e adolescentes se envolvam com o crime organizado. Essa figura que compõe a estrutura das populações pobres que não têm recursos para ter babá ou empregadas, medeia as brigas entre irmãos, cuida e propicia que essas crianças tenham afetos na ausência de seus pais e mães.

Quando os entrevistados falaram dos seus pais, a minha mente acessou as memórias de infância. Identifico-me com as histórias que os pais não preparam para o racismo. Fui diversas vezes trabalhar com meu pai nos estádios do Morumbi, Pacaembu e Parque Antártica assistir aos jogos do Palmeiras, algo que herdei e mantenho a tradição alienante, acho que isso me conecta com meu pai, as poucas lembranças de alegria, lazer e afeto foram nessa experiência futebolística, lá eu podia fazer as coisas, xingar sem ser reprimido.

Aos 15 anos fui vender bala no trem, minha mãe então conversou com a filha da patroa, que era advogada no Banco e conseguiu um emprego de *office boy*. Nesse momento, sem saber nomear, percebi como funcionava o pacto da branquitude, como diz Bento (2022), ao entrar para trabalhar no banco, só havia jovens brancos, todos por indicação, minha mãe, por ter acesso a alguém do banco, conseguiu uma vaga para mim.

Era um serviço temporário, só podia trabalhar dos 14 aos 18 anos, mas ganhava um salário mínimo, vale refeição, que entregava para meu pai fazer compra e vale transporte. Esse trabalho foi importante, criou em mim um senso de responsabilidade, já que ajudava nas despesas de casa. No banco eu fazia os trabalhos de correspondência, mas sempre era chamado ou por gerentes ou por funcionários para acompanhá-lo(s) até outro banco ou comprar lanches. Acessei essa memória quando a Y. S. C. disse mencionou que o juiz pediu para ela pegar o extrato do banco. Eu gostava de fazer esse trabalho, nem percebia que estava sendo explorado, mas, como recebia uma gorjeta, já que não era minha função, na época estava tudo bem. O que percebi depois eram que como eu era negro e sempre fui bem encorpado, eu funcionava meio que como um segurança e os acompanhava para comprar dólares. Veja como os corpos negros são usados para além dos objetivos e funções trabalhistas. Os outros jovens brancos não faziam esse trabalho, eu adorava, pois, como já disse, ganhava um lanche ou um troco. Quando terminou meu contrato, ganhei camisetas e calças dos gerentes como um agrado, nesse momento percebi como eu me vestia mal, meu salário era gasto em cursos (computação, auxiliar de escritório etc.). Quando saí do banco, fui trabalhar no escritório de engenharia do filho dos patrões da minha mãe. Observe que havia uma neurose de destino, eu estava seguindo o mesmo caminho de trabalhar para a família dos patrões da minha mãe. Nesse trabalho eu levantava às 4h, levava meu almoço e chegava em casa às 20h, ganhava um pouco mais que um salário mínimo, então pagava a conta de luz ou água.

Foi então que decidi ir para Força Aérea Brasileira. Foi uma experiência importante, pois, no segundo ano do quartel, fazia “bico” de segurança, o que me propiciou juntar dinheiro, pagar uma passagem e fazer um “mochilão” pela Europa. Quando voltei, compreendi o que era o mundo branco e como eu era alienado e desprivilegiado, a ideia de ir para Europa surgiu na conversa com quatro amigos do quartel, no final fomos apenas dois, mas, ao retornar, decidi fazer faculdade, então investi meu soldo em pagar um cursinho, um ano e meio. No quartel, entrei em contato com a cultura negra de verdade, pois conheci muitas pessoas negras que me apresentaram os espaços de samba e festas da negritude. Minha ancestralidade foi acessada nesses espaços, shows e eventos. Trabalhei como segurança em muitos shows de pagode e samba dos anos 90. O serviço militar tem sido uma alternativa para as classes populares poderem ascender socialmente. A instituição militar é paternalista, seu espírito de corpo gera um corporativismo que faz o indivíduo se sentir seguro. Ninguém

vive anos de militarismo sem traumas, em meu caso, a alienação da realidade e a “lavagem cerebral” me fizeram abandonar a Força Aérea Brasileira, é bem verdade que não me queriam mais lá, afinal rompi com seus valores quando percebi que estava fazendo com os novatos o que odiava que faziam comigo.

As pessoas falaram das experiências escolares, eu tive muitas experiências ruins, o que mais me lembro foi quando entrei no cursinho, com 20 anos e descobri que não sabia escrever, a dura realidade de ter estudado em escolas públicas em bairros pobres que não tinha professores. No cursinho, tive três professores que marcaram minha vida, o primeiro chamava Yeso, professor de redação, ele me chamou e disse: *“Você que escreveu essa redação?”* Eu disse que sim, então ele falou: *“Você não sabe escrever, nem o básico, mas se você fizer uma redação por semana eu corrijo e te ensino”*. Esse professor, sem obrigação nenhuma, mudou minha vida, não sou um excelente escritor, mas escrevo livros didáticos, escrevi uma dissertação e estou escrevendo uma tese.

O outro foi o Douglas, professor de literatura, é formado em história, foi ele que me explicou o que era a sociologia e me fez compreender que o meu interesse estava na antropologia e na ciências políticas e, por fim, não menos importante, o Dudu, professor de biologia, o único professor negro que tive, uma referência. Nesse ano, eu o encontrei no lançamento da 2ª temporada Calunguinha, o contador de história – podcast para ninar crianças pretas memórias para curar pessoas brancas – aproveitei para dizer o quando ele tinha me inspirado.

A atenção, cuidado e acolhimento são comportamentos que demonstram humanidade, não precisamos de caridade ou dó, apenas de reconhecimento de que há um ser humano na sua frente. É fácil fazer isso? Óbvio que não, somos marcados por nossos traumas, transferências, identificações, rancor, ódio e outros sentimentos e ações psíquicas que nos impedem de nos conectarmos com outros seres humanos, tive a sorte de encontrar pessoas disponíveis como essas, sou grato a esses professores, talvez por isso me tornei professor.

É bem verdade que minha compreensão política já tinha surgido na escola com a professora Alane, militante de esquerda que me ensinou muito sobre movimentos sociais e política. Meu pai fazia campanha para vereadores em troca de favor, era comum na periferia que as pessoas recebessem favores, uma hora de trator para limpar o terreno ou a rua de casa, uma dentadura, cestas básicas etc. Eu, para contrapor meu pai, engajei-me no Partido dos Trabalhadores (PT), mas, ao entrar no quartel, por questões de divergências políticas, distanciei-me. Mas, quando entrei na faculdade de Ciências Sociais, retomei a militância, fiquei no quartel até o terceiro ano de faculdade. Como diz Ferreira (2000), na militância encontrei minha identidade afrocentrada, melhor ainda afro-indígena e, agora, na escrita da tese, faço essa articulação de abertura para alteridade em dialogar com pessoas brancas aliadas e construir pontes interseccionais.

Perceba que até aqui as histórias de D.M.S., I.A.A.S., J.P.C.P.L., M.A.A.S. e M.A.V.S. são bem diferentes da minha com poucas intersecções. No entanto, todos foram atravessados por questões raciais e, ao entrar em contato com suas histórias, percebi como a branquitude, o Eu ideal de branco me atravessou. Meu avô paterno negro, era associado a negro preguiçoso e bêbado. Diversas vezes vi meus familiares falarem mal do meu avô, eles me diziam: *“não vai ser igual seu avô”*. Também cansei de ouvir piadas de preto dos meus familiares ou de seus colegas e todos darem risadas, eu não compreendia, mas sentia algo que não sabia explicar, hoje compreendo que já era o racismo me violentando. Minhas tias e vizinhas negras sempre alisavam o cabelo com ferro quente e sempre ouvia piadas sobre o cabelo “ruim” delas, trata-se de uma violência que presenciei desde criança.

Nunca discutimos em casa sobre raça, ao contrário, sempre ouvi que a cultura negra era coisa do “demônio”. As referências bíblicas e a escola eurocentrada me causavam muita violência. A falta de recursos financeiros proporcionaram-me poucas oportunidades, e a escola era um lugar de xingamento e violência, obviamente, por eu estar numa escola pública, onde a maioria era negra, o racismo era mais institucional, mas, quando estava na escola do bairro, repleto de crianças brancas, lembro-me de apanhar muito e sofrer *bullying* por causa das minhas roupas.

Tem um dado da minha história que me deixa muito triste, os meus colegas de escola, na cidade dormitório onde morei, quase todos pretos e pardos, ou estão mortos ou presos. Alguns morreram surfando no trem, nos anos 80 e 90, os trens da CPTM andavam de portas abertas porque eram superlotados, então os jovens andavam em cima deles, por essa razão ou se queimavam ao tocarem na linha de transmissão ou caíam e morriam.

Eu fui desterrado e desterritorializado da cidade dormitório, tive de sair de lá por causa de ameaça de morte, foi um episódio envolvendo minha família, mas não tenho autorização para contar nesta tese, além disso não vem ao caso.

Ao ouvir os relatos de racismo, veio-me na lembrança quantas vezes as pessoas olharam para mim e seguraram mais forte a bolsa, ou mudaram de calçada, já houve episódios que taxistas nem me perguntaram para onde eu desejava ir, eles recusavam a corrida dizendo que tinham outra corrida marcada, inclusive recentemente quando eu estava voltando de um trabalho de estudo do meio com a escola, o taxista não quis me atender. Esses exemplos podem ser considerados paranoia ou síndrome do abandono? Sim, mas será que eu teria essas neuroses se a realidade social não tivesse me atravessado? Talvez sim, talvez não, talvez tivesse outras. Minha consciência ou o impacto que me leva para militância aconteceu no quartel, lembro-me de um episódio quando eu saí para o samba com um colega negro e um branco, na madrugada, esse colega branco me convidou para ir à casa dele, quando chegamos lá, ele tentou abrir a porta, mas estava trancada por dentro, de modo que não era possível abri-la, então ele tocou a campainha, a mãe do lado de dentro, encostada na porta

pergunta “fulano, está tudo bem?” Ele disse que sim, mas a mãe repete diversas vezes, não queria abrir, disse que ia chamar a polícia, ele disse que éramos amigos do quartel, após muita insistência, ela abriu a porta, chamou-o em outro cômodo, de repente ouvi alguns gritos, então ele saiu e disse que precisávamos ir embora. Trata-se de um visível caso de racismo, esse nosso colega se afastou de mim, não sei se por vergonha ou por pedido da família, mas nesse dia tive certeza de que foi como se a cortina caísse e tudo ficasse bem nítido para mim.

Como já relatei, tinha muita dificuldade na escola em razão do ensino precário, mas hoje compreendo que não era só isso, encontrei colegas de sala, mulheres brancas que estudaram, fizeram faculdade como eu e são excelentes profissionais. A minha subjetividade estava sendo violentada, por isso meus irmãos e diversos colegas negros abandonaram a escola. A eurocentricidade é muito violenta para os corpos negros. Ser rejeitado, como M. A. V. S. disse, por garotas brancas ou até discriminados por suas famílias foram casos que vivi na faculdade, mas em alguns momentos percebi que estava reproduzindo o que Fanon (2008) [1956] afirma sobre os homens negros que desejam as mulheres brancas.

Na faculdade, relacionava-me com mulheres negras, mas não namorava, quando ouvi os relatos de M. A. V. S. e Y. S. C., eu me identifiquei com suas histórias. Eu introjetei o *Eu ideal branco* e reproduzia aquilo que as colegas falaram, mesmo sendo ativista da luta contra o racismo. Com o tempo, fui me despidendo dessa dupla violência, buscar mulheres brancas para ser violentado e rejeitar mulheres negras é uma das muitas facetas do racismo. Outra neurose de destino que consegui romper foi ouvir falas horríveis sobre mulheres negras retintas dos homens da minha família. Não estou aqui defendendo a exclusividade de negros que só se relacionarem com negros, até porque as pessoas devem ser livres para amar, mas problematizo o que a branquitude faz com os afetos das pessoas negras. Acredito que um casal negro pode se apoiar e construir ferramentas melhores para lidar com as adversidades se tiverem consciência, atualmente sou grato à minha companheira por conversarmos sobre as relações raciais e buscarmos caminhos de enfrentamento ao racismo.

Eu trabalhei durante anos no movimento social da economia solidária no etnodesenvolvimento²¹ e visitei diversas comunidades quilombolas nas cinco regiões do Brasil, conheci realidades distintas e a pluralidade do povo negro. Nesse trabalho junto ao Ministério do Trabalho e Emprego e às Universidades, presenciei o racismo velado e o uso colonial da branquitude nas universidades e nas ONGs para assessorar as comunidades quilombolas. No exercício de minha alteridade, faço as críticas a esses órgãos por, mais bem intencionados, a direção e a coordenação dos projetos foram e são executadas por pessoas

²¹ O etnodesenvolvimento é um conceito por Rodolfo Stavenhagen e significa que uma etnia, autóctone, tribal ou outra detém o controle sobre suas próprias terras, seus recursos, sua organização social e sua cultura, devendo ser livre para negociar com o Estado o estabelecimento de relações segundo seus interesses.

brancas. É necessário que os próprios quilombolas, negros, indígenas e afro-indígenas possam dirigir seus processos e políticas públicas.

Estou há 20 anos na docência, sendo 11 deles em escolas privadas e na formação de professores, há dez anos elaboro material didático, e há cinco escrevo livros didáticos. Além disso, tenho atuado no campo psicanalítico, na identificação de avanços nos comportamentos das pessoas de modo que a branquitude representa bem e esconde seu racismo, há também aliados, como podemos ver nas rodas de conversa, no entanto é difícil que a branquitude compreenda que o lugar que ocupa está sobre os cadáveres e esqueletos dos nossos ancestrais afro-indígenas. Reparar é abrir mão do privilégio, se não material, que seja de oportunidades, valores simbólicos, éticos e estéticos que alteram os afetos.

Acessar meus traumas está sendo necessário para descolonizar meu inconsciente e realizar a luta política, isso me livra da culpa e me permite romper com as repetições que me prendiam a um destino escrito pela ideologia da branquitude. O inconsciente é político, como diz Lacan, no *seminário 14*, e a política da nossa época é eurocêntrica, patriarcal, machista, neoliberal, individualista e judaico-cristã. Descolonizo-me quando busco me reencontrar com minha ancestralidade negra e indígena, quando pesquiso mais sobre os autores negros e indígenas que a história sepultou, quando escrevo livros didáticos ressignificando a história e a verdade única, quando ousar escrever uma tese e ensinar outras formas de viver e estar no mundo para minha filha. Quando busco construir outro relacionamento com minha companheira e viver um amor decolonial, que não sabemos o que é ou o que será.

Como afirmou Nina Simone, eu não tenho nada ou não tinha nada, os bens materiais, a beleza, o amor, a família, o conhecimento, a cultura, a cosmovisão, tudo foi tirado dos meus ancestrais negros e indígenas, mas eles lutaram e hoje, o que eu tenho ninguém pode tirar, minhas consciência desse corpo-arquivo ancestral afro-indígena, tenho minha liberdade, tenho minha vida. É por isso que escrevo para dizer que existimos no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Entreguei a você minhas palavras e lhe pedi para levá-las longe, para serem conhecidas pelos brancos, que não sabem nada sobre nós.”

Davi Kopenawa

O inconsciente é uma instância psíquica que abriga aquilo que está reprimido, porém pulsando e influenciando nossas ações e decisões. Apesar de a repressão ser um movimento individual, o que reprimimos, porque reprimimos e como reprimimos são constituídos na época em que o sujeito vive. Segundo Lacan (1998 [1966]), cada época apresenta sua subjetividade, esta por sua vez, se forma com base nas experiências vividas ao longo da vida e no contexto histórico-social-político-cultural dos indivíduos. O contexto da época presente é inscrito por esse fenômeno social total²² denominado racismo que traumatiza e sempre retorna com ações destrutivas e desumanizadoras.

O racismo enuncia as instituições políticas e familiares por meio da cultura, religião, normas jurídicas e morais, não obstante está presente nas relações econômicas de produção, distribuição e consumo, além dos fenômenos éticos e estéticos que se manifestam em todas as instituições. Somos atravessados em todas as relações e significações por efeitos desses processos de subjetivação do dispositivo colonial-escravocrata (SANTOS, 2021) que acopla práticas e verdades sobre o que é ser branco ou não branco.

O sujeito moderno possui diversas pertencas: nacional, étnica, regional, cultural, religiosa, política, classe, gênero, faixa etária etc. No entanto a raça é um marcador social crucial na formação da sua subjetividade. Segundo Silva (2017c), os indivíduos acessam, vivenciam e sentem o privilégio da branquitude ou as mazelas do racismo. Independente do significado do que é ser negro em cada país, que pode ser por genótipo, fenótipo ou traços culturais, o ser negro é invariavelmente inscrito desde a mais tenra idade na ambivalência entre o humano e o não humano. Na formação da sua subjetividade, o ser negro não consegue metabolizar e aliviar as angústias oriundas do racismo de modo a evitar os sintomas psíquicos e físicos (SILVA, 2017c). Somos atravessados por emoções que não compreendemos.

Os indígenas são povos que sofrem por não serem brancos, apesar de o dispositivo colonial-escravocrata diferenciar, ao longo dos séculos, os africanos dos indígenas, suas condições econômicas e sociais são semelhantes, sobretudo porque, no processo de

²² Conceito criado por Mauss (2015 [1950]) para definir fatos complexos que exprimem de uma só vez as diversas instituições.

colonização, africanos e indígenas foram expropriados de sua cultura, bem como porque, no processo de miscigenação, suas identidades se forjaram para nascer esse sujeito híbrido, confuso e sem lugar, o brasileiro.

Quando ressignificamos esse marcador social violento que é a raça, nós nos reconhecemos ancestralmente como negro/africano, indígena/originário ou afro-indígena, todo o nosso corpo é tomado por emoções ancestrais. O nosso corpo-arquivo acessa nossa memória e encantamentos ancestrais que resistiram ao extermínio e apropriação ocidental.

As emoções, segundo Calabrez²³, são programas de ações que o cérebro coordena para gerenciar e alterar biologicamente o funcionamento do corpo diante de necessidades imediatas de sobrevivência. Essas ações são automáticas, involuntárias e incontrolláveis, quando se percebe, a emoção já tomou o corpo. Mas é necessário ter atenção porque os estímulos que geram essas ações externas ou internas podem ser ideias, lembranças, memórias, enfim conteúdos mentais que podem causar emoções. Há memórias em nosso corpo que precisam e devem ser conscientizadas para se transformarem em sentimentos.

Diferente das emoções que são inconscientes, os sentimentos são percepções conscientes e parciais dessas alterações biológicas no corpo. Há emoções que nunca se tornam conscientes, portanto nunca sabemos o que algo alterou em nosso funcionamento biológico e está influenciando no comportamento de modo a gerar aproximação ou afastamento, isto é, não temos consciência dos nossos atos.

Os sentimentos envolvem memória, ideias, planos, percepção de si, identidades, personalidade, isto é, o modo de sentir, ser, perceber, agir, viver e estar no mundo. Partindo dos pressupostos de que as emoções são inconscientes e podem ser ativadas por ideias, memórias e lembranças inconscientes, que são marcadas por violências históricas e coloniais, as emoções que tomam nosso corpo possui como referências de afastamento os corpos e comportamentos do ideal de negritude. Existe uma ideia de negritude colonial que, ao longo dos séculos, colonizou o inconsciente de nossa época com associações desumanas do sujeito negro. A reação imediata, involuntária e automática de uma pessoa ao ver um negro e/ou afro-indígena é de ameaça e medo. Ao mesmo tempo há também comportamentos de aproximação e desejo, que podem ser para satisfação de prazer pessoal, mas que deve envolver dominação e submissão. No inconsciente colonizado, o ser negro deve ser usado, depois desintegrado e seus saberes expropriados e apropriados. O negro e/ou afro-indígena “é uma pessoa que participou dos quinhentos anos de resistência e dominação europeia” (ASANTE, 2009, p. 102), por isso o próprio sujeito negro sofre com essa desintegração inconsciente do seu corpo de modo a gerar ódio no seu corpo negro e/ou afro-indígena.

²³ <https://www.neurovox.news/post/emocoes-e-sentimentos> acesso junho de 2023.

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. (COSTA, 2003, p. 141)

Ao mesmo tempo a cultura gera conhecimentos sobre essas emoções de afastamento e significam os sentimentos contra os corpos negros. Como o sistema afetivo é composto por emoções e sentimentos, a circulação dos afetos objetiva destituir os corpos negros e/ou afro-indígena da sua subjetividade, seu modo de sentir, ser, perceber, agir, viver e estar no mundo (VEIGA, 2021). Optei por finalizar essa tese com alguns fragmentos a seguir de pessoas que se disponibilizaram a realizar comigo esse diálogo de descolonização.

Eu tenho um grupo de amigas que me ajuda muito, eu tô tentando dentro de mim desconstruir a coisa dos padrões, sabe? Quem falou que tem que ser liso o cabelo para ser bonito, né? Quem disse que pra ser bonita tem que ter a pele clara e ser magra? Eu leio muitos autores que discutem sobre a expressão “descolonizar a mente”. Também estou lendo bastante sobre afrocentricidade, porque tudo para gente é a partir de uma visão eurocêntrica, branca, europeia, masculina, então eu tô começando também a ler autores que falam sobre afrocentricidade pra tentar desconstruir falas de que o meu cabelo não é adequado naquele ambiente, aí eu começo a me perguntar de onde veio isso, quem falou? São as ferramentas que eu tô tentando buscar para tentar desconstruir isso dentro de mim, saber quem construiu os padrões, saber de onde eles vêm, né? O que é bonito, o que é feio, o que é o cabelo adequado, o que é inadequado, corpo que é adequado, corpo que não é adequado, são essas perguntas que eu tenho feito para tentar me sentir mais segura, me sentir melhor comigo mesma. (P. C. S., 40 anos)

[...] eu me sentia perseguida, muito pode ter sido por causa do racismo, agora que eu tenho consciência. E no divã é trabalhado como paranoia. (Y. S. C., 62 anos)

[...] eu tô nesse lugar de mestiça, eu tô muito feliz, em movimento, fica aí à vontade com seu incômodo que eu tô aqui muito bem, tranquila, tenho meus espaços, tenho minhas amigas que eu posso escolher, não significa que eu não tô machucada, me machuco, mas eu acho que eu não quero me silenciar por essa dor individual. Esse espaço de trazer para o coletivo é, de alguma forma, pegar essa dor individual que

tanto nos paralisa e tentar transformar em alguma outra coisa, como essas referências também são muitos importantes pra mim assim, ver A mulher Rei²⁴, do começo ao fim é um absurdo. (H. C. F., 24 anos)

O que eu penso é que nós ainda estamos nesse processo de colonização, então a estratégia é essa, né? [...] Tentar através de vozes de outras realidades, né? Eu tô exercendo essa função decolonial com a ideia de evidenciar e abrir espaços para esses corpos que foram excluídos ou incluídos na colonização. Mbembe chamou de incluído/excluído. Então é isso, não é o primeiro passo evidenciado para se pensar em novas narrativas para compreensão do nosso cotidiano. (D. M. S., 39 anos)

[...] um dos lugares que eu encontro pertencimento é, por exemplo, no Movimento Negro Unificado cujas decisões são de tornar politicamente a compreensão de que pessoas pardas são pessoas negras, é um dos lugares onde eu me identifico como uma pessoa negra. O Brasil preferiu trazer os imigrantes brancos, mas a gente combinou de não morrer, mas não só não morrer fisicamente, não morrer subjetivamente, mas não morrer simbolicamente. Eu deixei meu cabelo crescer, já uso black power há uns oito, nove, dez anos, isso foi um grande processo de pertencimento para mim, foi uma das coisas que me fez deixar de me sentir tão sozinho, por exemplo, não tem como passar na rua e as pessoas não olharem para mim. É um processo de visibilização que se manifesta de várias formas, inclusive na minha profissão como jornalista e agora trabalhando com marketing, boa parte das escolhas que eu faço tem a ver com romper com as histórias únicas. (I. A. A. S., 34 anos)

[...] me surpreendeu o quanto eu consegui falar de uma forma fluida sobre coisas muito difíceis pra mim, a primeira vez me causou espanto por ver o quanto à vontade eu me senti, por mais que fosse doloroso em alguns momentos foi bom falar, então isso me surpreendeu, porque geralmente a experiência não é essa, mesmo que eu acesse algumas dessas memórias, o meu corpo fica tenso, mas agora estou me expressando com uma sensação tranquila, então isso me causa uma boa sensação. Sobre o pensamento, para onde me levou, ainda estou com a sensação de muitas coisas em aberto, eu abri muitas janelas ao mesmo tempo e eu vou precisar assentar, mas em especial os temas ligados à minha família, porque a parte de trabalho ou de uma visão mais objetiva, sobre as questões da negritude e algo que já está mais organizado dentro de mim. (J. D. P. C. P., 32 anos)

²⁴ The Woman King, 2022. Direção: Gina Prince-Bythewood.

[...] a população, comunidade, tem seu letramento, então a escola tem que falar sobre Samba Rock, sobre funk, sobre Isla, né? Então a política de combate ao racismo somente será efetiva quando for permanente, quando não for circunscrita a um setor, departamento, quando se integrar a todos os demais e quando se reconhecer os saberes, letramentos, antirracistas da sociedade, na administração pública, uma escola tem que ouvir quais são as estratégias antirracistas que nós usávamos, quando minha mãe falava, minha tia falava que “eu deixei de ser branca pra ser franca”, é uma estratégia, quando minha mãe dizia “é o seguinte, se chamar você de neguinho fedido você chama de barata descascada”, é uma estratégia, são saberes que têm que ser levado em consideração, entendeu? E as instituições políticas, sobretudo os partidos políticos, estão muito longe de se conectar a isso. (M. A. A. S., 56 anos)

[...] eu acho que os livros de história não contam história como deveria ser, eu não aprendi nada de história na escola, se eu pudesse, por exemplo, meu desejo era cursar uma universidade de filosofia ou história que eram a minhas matérias preferidas, mas aí quando eu vi que os livros de história não me acrescentavam em absolutamente nada, não tinha vontade de estudar. Eu acho que deveriam reescrever todos os livros de história, todos. (M. A. V. S., 43 anos)

Conscientizar o trauma é reconhecer como nosso modo de viver, sentir, ser, perceber, agir e estar no mundo são orientados por uma história de morte, dor e violência. O racismo traumatiza a psique dos negros e/ou afro-indígenas que podem desenvolver sintomas como denegação de sua ancestralidade, dissociação de sua identidade corpórea, pânico e fobia de estar no corpo negro e/ou afro-indígena, trata-se de síndrome do impostor, autossabotagem e autodestruição. É necessário dar subsídios para que os negros e afro-indígenas possam cuidar dos sintomas e decidir conscientemente como enfrentar as opressões desse mundo colonizado e construir um outro futuro para as próximas gerações.

Descolonizar é, a partir de agora, buscar um outro projeto ético e estético de sociedade. Atravessar a “Grande Noite” (FANON, 1961, p. 307), constituir um “*sujeito novo que surge inteiro da argamassa do sangue e da cólera, um sujeito quase indefinível, sempre restante, como um lapso que resiste à lei, à divisão e à ferida*” (MBEMBE, 2018, p. 293). Esse processo é um aquilombar que se inicia num ocupar e olhar para si, não numa perspectiva narcísica, num reencontro da força ancestral que resistiu ao extermínio dos corpos, da história e da cultura negra e afro-indígena.

Essa ponte entre os dois mundos, branquitude e negritude, só será possível se for como o aqueduto de Samos²⁵, porque acredito que há uma branquitude que deseja construir uma ponte para unir negros, afro-indígenas e branquitude, mas é necessário que ambos queiram, nós podemos transformar nossa raiva e ódio em esperança, para isso branquitude deve ceder os benefícios herdados e transformar seus privilégios em equidades.

²⁵ Aqueduto de Eupalinos é um túnel de 1.036 metros em Samos, construído no século VI a.C. Sua característica que o torna único é o fato de ter sido aberto por ambos os lados até o meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Temas Básicos da sociologia*. [Trad. Álvaro Cabral]. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1956.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Petra, 2020 [397-400].
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas. Movimento abolicionista brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. [Trad. Joaquim José de Moura Ramos]. Biblioteca Universal Presença – Editorial Presença/Martins Fontes, Lisboa-PT, 1970.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ASKOFARÉ, Sidi. Aspectos da segregação. *A peste*, São Paulo, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009, pp. 345-354.
- ASSIS, Geisa Karla Oliveira de. *Um estudo psicanalítico sobre as raízes do racismo*. Dissertação de Mestrado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise. Rio de Janeiro, 2021.
- ASSUAR, Gisele; DAVID, Emiliano de Camargo. *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.
- BARROS, Douglas Rodrigues. Identidade não é sinônimo de identitarismo. “Resenha de O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias, de Élisabeth Roudinesco”. Publicado no 3º número do volume 5 da *Revista Rosa* em 21/7/2022. *Revista Rosa*, São Paulo/SP, Brasil. 2022. Disponível em: <https://revistarosa.com/5/identidade-nao-e-sinonimo-de-identitarismo>. Acesso em 10.11.2022.
- BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Brasileira nº 305, 2008 [1959].
- BELO, Fábio. *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Autêntica Editora, 2018. Edição do Kindle.
- BICUDO, Virgínia Leone. Regressão no processo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2(4), 1969, p. 491-517.
- BOAS, Fabiana Villas; COSTA, Jurandir Freire. *Relações Raciais na escuta Psicanalítica*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.

- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2002, n. 19 [Acessado 4 Julho 2022], pp. 20-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>>. Epub 19 Abr 2011. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
- BORGES, Rosane. Prefácio. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia da. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- CARDOSO, Lourenço; de MÜLLER, Tânia M. P. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. 335 p. (Ciências Sociais)
- CASTRO, Eduardo Viveiros. O chocalho do xamã é um acelerador de partículas. Publicado originalmente na revista *Sexta feira*. Número 4 – Corpo, em 1999.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. [trad. Claudio Willer]. São Paulo: Veneta, 2020 [1971].
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- _____. *Relações Raciais na escuta Psicanalítica*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.
- DAMÁSIO, Antônio. *A estranha ordem das coisas: As origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DAVID, Emiliano de Camargo; VILLAS-BÔAS, Patricia; MOREIRA, Livia Santiago. Por uma psicanálise antirracista: a psicanálise na encruzilhada. In: DAVID, Emiliano de Camargo; ASSUAR, Gisele. *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Grupo de pesquisa Egbé: Projeto Canela preta & Sedes Salientai, 2021.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Paz e Terra. Edição do Kindle. 2018.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. [Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho]. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Estudos; 271/ dirigida por J. Guinsburg)
- DOLTO, F. *Tudo é Linguagem, 1999*. [Trad. Luciano Machado]. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas do povo negro*. [Trad. Alexandre Boide]. São Paulo: Veneta, 2021.
- DUNKER, Christian. *Relações Raciais na escuta Psicanalítica*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins fontes, 2007 [1895].
- EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. [Trad. Serafim Ferreira]. 1. ed. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada, 1961.

_____. *Pele Negra Máscaras Brancas*. [Trad. Renato da Silveira]. Salvador: EDUFBA, 2008 [1956].

_____. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.

_____. Texto da intervenção de Frantz Fanon no I.º Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, em Setembro de 1956. Publicado no número especial de *Présence Africaine*, de Junho-Novembro de 1956. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES ISSN 2238-9288. *REVISTA CONVERGÊNCIA CRÍTICA* Dossiê: Questão ambiental na atualidade n. 13, 2018 [1956].

FERREIRA, R. F. *Afrodescendente: identidade em construção*. São Paulo/Rio de Janeiro: EDUC/Palla, 2000.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas, volume 9: observações sobre o caso de neurose obsessiva [O homem dos ratos], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. [Trad. Paulo Cesar de Souza]. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. [Trad. Paulo César de Souza]. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1913].

_____. *Obras completas, volume 12: Introdução ao Narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos. (1914-1916)*. [Trad. Paulo César de Souza]. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1914-1916].

_____. *Obras completas volume 4: Interpretação dos Sonhos (1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Edição do Kindle.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. [Trad. Roberto Machado]. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Em defesa da sociedade; curso no Collège de France (1975-1976.)*. [Trad. Maria Ermantina Galvão]. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. Prefácio à edição em língua inglesa de Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-oedipus: capitalism and schizophrenia*. Nova York: Viking Press, 1977". In Michel Foucault. *Dits et écrits*. v. 3. Paris: Gallimard, 1994, p. 133-6.

GEBRIM, Ana. O transtraumático e o inconsciente colonial: reflexões sobre a branquitude do analista. In: DAVID, Emiliano de Camargo; ASSUAR, Gisele (org). *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2021, v. 1, p. 101-116.

GOMES, J. D. *Os segredos de Virginia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. 2013.

GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: Flávia Rios; Márcia Lima (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs*, 1984, p. 223-244.

GUERRA, Andréa Máris Campos; MASSA, Elisa de Santa Cecília. Psicanálise, racismo e o encarceramento da juventude negra: questões para o sistema socioeducativo. In: Fábio Belo (org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Patologia social do branco brasileiro. In: GUERREIRO RAMOS, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957.

HAIDER, A. *Armadilhas da identidade: raça, classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2018 (Coleção Baderna).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. [Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro]. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. A crise dos paradigmas na sociologia – problemas de explicação. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N.13 Ano 5, junho de 1989.

IBGE – Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=destaques> acessado em 18 de julho de 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. [Trad. Jess Oliveira]. 1. ed. Rio de Janeiro: Codogó, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle. 2010.

LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005 [1962-63].

_____. *Escritos*. [Trad. Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998a [1966].

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003a [1967].

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: _____. *Escritos*. [Trad. Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACERDA, João Baptista de. *Relatório do Delegado do Brasil no Congresso Universal das Raças em Londres (1911)*. UFRJ. Consultado em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/16/1/0023%20ocr.pdf>

LORD, Audre. *Irmã outsider*. [Trad. de Stephanie Borges]. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAPA DA DESIGUALDADE (2021). Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Mapas.pdf. Acesso em 15.06.2023.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. [Trad. Paulo Neves]. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [1950].

MARX, K. Correspondências a F. Engels 1844-83. In: *O pensamento vivo de Marx*. São Paulo: Martin Claret, 1985 [1913].

_____. *Contribuição à crítica da economia política*. [Trad. Florestan Fernandes]. São Paulo: Editora Flama, 1946.

_____. Sobre a cuestión judia. In: *La sagrada família*. [Trad. Maria Elisa Mascarenhas.] México: Editorial Grijalbo, 1959 [1843].

- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. [Trad. Sebastião Nascimento]. 1. ed. São Paulo: 2018.
- MEZAN, Renato. *Psicanálise, judaísmo: Ressonância*. Campinas: Escuta, 1986. Série Psicologia Psicanalítica.
- MILLS, Charles Wright. *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.
- MORIN, Edgar. *O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes, organização*. [Trad. Juremir Machado da Silva]. 6. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NIETZSCHE, F.W. *A genealogia da moral*. [Trad. de Paulo C. de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 [1887].
- NOGUERA, Renato. Necroinfância: por que as crianças negras são assassinadas? *Portal Lunetas* 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/necroinfancia-criancas-negras-assassinadas/> Acesso em: 03 jun. 2023.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 19, n. 1. 2006.
- OLIVEIRA, Denis de. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórica-crítica*. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.
- OLIVEIRA, Paulo Edison; MAIDA, Judith Nuria. *Novas práticas para o Ensino Médio – Sociologia* (Livro de Formação Continuada: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) (p. 142). Editora do Brasil, 2022. Edição do Kindle.
- ORTIGUES, Marie-Cécile. *Édipo Africano*. [Trad. Claudia Berliner]. São Paulo: Editora Escuta, 1989.
- PROUDHON. *O Que é a Propriedade?* 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975 [1840].
- QUIJANO, Anibal. Colonidade, Poder, Globalização e democracia. *Novos Rumos*. Número 37. Ano 17, 2002. <https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192>
- ROUDINESCO, Elisabeth. *O eu soberano*. (Coleção Transmissão da Psicanálise, p. 5). Zahar, 2022. Edição do Kindle.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Mórula Editorial. Edição do Kindle. (s.d).
- SAFATLE, Vladimir. *Introdução a Jacques Lacan*. Autêntica Editora, 2017. Edição do Kindle.
- SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos. In: DAVID, Emiliano de Camargo; ASSUAR, Gisele. *A psicanálise na encruzilhada: desafios e paradoxos perante o racismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Hucitec; Porto Alegre: Grupo de pesquisa Egbé: Projeto Canela preta & Sedes Sapientiae, 2021.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed.; 8. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SILVA, Luiz Cuti; SILVA JUNIOR, Moisés Rodrigues da. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017a.

SILVA, Maria Lucia. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017b.

SILVA JUNIOR, Moisés Rodrigues da. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017c.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. (Raízes, p. 25). Lebooks Editora, 2021a [1983]. Edição do Kindle.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. 1. ed. Sextante, 2021b. Edição do Kindle.

_____. *A elite do atraso*. [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Les Subalternes peuvent-elles parler?* Paris: Amsterdam, 2009 [1988]. [Ed. bras.: Pode o subalterno falar. [Trad. de Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.]

VANNUCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VEIGA, Lucas Motta. *Clínica do Impossível: linhas de fuga e de cura*. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. [Trad. M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi]. 15. ed. São Paulo: Pioneira, [1934] 2000. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia.

ŽIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Zahar, 2010. Edição do Kindle.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. 3. ed. Ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CHAVES, Wilson Camilo. A Noção Lacaniana da Subversão do Sujeito. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, 2002, 22 (4), 68-73.
- DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DAMÁSIO, Antônio. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- DESCARTES, René. *Discurso sobre o Método*. 1. ed. Editora: L&PM, 2013.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas, volume 15: psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. [Trad. Paulo Cesar de Souza]. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. *Obras completas volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. [Trad. Paulo Cesar de Souza]. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- GOMES, Nilma Lino; ARAUJO, Marlene de. *Infâncias Negras: Vivências e lutas por uma vida justa*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- LACAN, J. *O seminário, livro 12: Os problemas cruciais da psicanálise*. Publicação interna CEF, 2008 [1964-65].
- _____. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. *O Seminário, livro 2*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1967b].
- _____. *Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*, inédito. [1967-68].
- _____. *Seminário, livro 14: A lógica do Fantasma*. Recife: Associação Lacaniana, 2008 [1966-67].
- _____. Resumo do seminário: O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 [1968].
- MOREIRA, A. J. *Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica*. São Paulo: Contracorrente, 2019.
- MUNANGA, K. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lucia. *O racismo o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- ROGER, Bastide; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros e São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestação atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulista*. 4. ed. São Paulo: Global, 2008.

ANEXO - ENTREVISTAS COM PESSOAS NEGRAS EM POSIÇÃO DE AUTORIDADE

ENTREVISTADO 1 - D.M.S., 39 anos, professor de geografia da escola particular.

Paulo Edison - Bom queria que você falasse seu nome, idade profissão e você autorizar saiu o uso da imagem de som para tese doutorado de Paulo Edison de Oliveira a descolonização do inconsciente.

D.M.S. - Tenho 39 anos, sou educador professor de geografia, história e autorizo o uso da minha imagem da minha fala para tese de doutorado do Paulo Edson legal

Paulo Edison - Começar assim, queria que você contasse um pouco da sua história de vida. Então onde você nasceu, como é que era e a sua família e o que você lembra da sua infância nesse bloco.

D.M.S. - Eu nasci em São Paulo na região do Jardim Ângela extremo sul da cidade, minha infância sempre foi muito pobre, muito, muito precária. Minha mãe era diarista, né? Diarista lá ficava limpando algumas casas durante a semana fazia alguns bicos também, né em fábricas esses bagulho assim e o meu pai era alcoólatra, alcoólatra e, assim que ele era muito viciado sim. Eu não tive muito contato com ele porque quando tinha seis meses ele saiu de casa, né? Fugiu Por que ele não aceitava que minha mãe tinha engravidado de mim porque? Porque assim o fato dele ser alcoólatra e tal, minha mãe tinha rompido relações sexuais com ele e aí um dia ele chegou bem louco, bem louco em casa, né? Minha mãe também disse que talvez ele tenha feito uso, né de drogas e tal e aí ele estuprou ela, na minha mãe e no outro dia ele não lembrava de nada e nesse estupro, né? Ela engravidou de mim, e quando ele soube, ele não lembrava do esquema e ficou muito brava com ela. E aí falava um monte para ela e espancou ela, falou que se ela não me tirasse ele ia tirar um murro. E aí minha mãe tentou vários métodos abortivos, vários, ela conta de vários, furar o útero, chá de maconha, chá disso chá daquilo, várias pílulas e, ela falava que todo dia de manhã, né, assim, tocava soco na barriga todo dia, ela fumava muito, ela não fumava na época e aí falaram que faz para criança fumar, ela passou a fumar e enfim ela ela sempre Conta isso, que ela nunca quis me ter né? E quando eu nasci, foi um inferno na vida dela, palavras delas, a vida já era difícil porque tinha quatro irmãos vivendo na pobreza extrema o irmão mais velho de idade avançada. E aí quando ela me teve falava, sempre falava para mim nas brigas, que foi um inferno e que por isso meu pai, né? Foi embora e aí a nossa infância foi muito difícil assim porque cinco filhos ela sozinha, né empregada doméstica. E e é isso, né? Eu lembro de muita violência assim, minha mãe sempre sempre né agredir muitos filhos, agredia a mim, agredia a todos e é isso meus irmãos não puderam estudar devido a condição social que a gente tinha e aos 12 anos minha mãe me tira lá da escola e fala, estudar é um luxo, né? Você não pode estudar e aí ela me tira da escola. Eu fui para rua, fui vender coisas né? Eu fui catar fruta no sacolão. Eu fui, enfim, eu fui tentar levar dinheiro dentro de casa, né? Ficava no farol pedindo, e é isso, né? A minha primeira infância eu lembro de ser no lugar, numa casa, sei lá. De 40 metros quadrados, que era só um cômodo onde tinha a geladeira, o fogão, a cama assim, né? E no meio aí tinha

um guarda-roupa assim e tal e eu lembro de muita pobreza assim, de muita pobreza e de muita escassez.

Paulo Edison - Você é o caçula, qual a diferença de idade?

D.M.S. - diferença de 7 anos do mais próximo e o mais velho 20 anos.

Paulo - são só homens?

D.M.S. - Eu tenho dois irmãos e duas irmãs.

Paulo Edison - Se lembra das brincadeiras de infância que você fazia com eles?

D.M.S. - não, a vida era muito dura, eu lembro sempre dos irmãos fazendo alguma coisa, né? Trabalhando sempre na função de fazer todos né? Mas de brincadeira sim, hein? A gente sempre te ajudou muito até hoje, né? A gente foi criando essa, esse senso de coletividade se ajudando, né? A situação era tão difícil, né? E talvez o único elo que nos mantinha unidos era essa força, esse apoio que um dava ao outro, né? Então eu percebi que tinha. O que eu lembro da minha infância é isso, minha mãe, minha mãe, ela espancava a gente, tirava a nossa roupa jogava sal e limão, enfim várias violências assim eu lembro dos irmãos se cuidando, lembro disso, então brincadeira brincadeira não não, a gente nunca fez de brincar assim, nunca deu tempo de brincar. Depois dos 14 anos, né? Jogar futebol na rua esses valores mais em família não havia.

Paulo Edison - você lembra porque ela batia?

D.M.S. - Vou falar minha sensação da época e vou falar o que eu penso hoje, de uns 15 anos para cá, a minha sensação na época é seguinte, né? Que minha mãe não gostava de mim, essa era a minha sensação e ela sempre falava, né? Que inferno eu te odeio não e porque você não morreu porque, isso porque aquilo. Até hoje minha filha fica besta. Quando minha mãe fala alguma coisa, tipo semana passada, minha mãe falou não sei porque você não morreu. Eu fumei tanto nessa gravidez, eu não queria te ter e tal e você tá aí vivo, né? Mas minha mãe sempre foi muito assim, né? É muito Explosiva, então eu eu, eu, eu, como posso dizer, na época tinha a sensação assim a minha mãe ela não gosta de mim, minha mãe não gosta de mim porque era nítido a diferença, né? ela violentar os outros irmãos, mas comigo ela falava ela falava ela gritava, e na época eu pensava ela não gosta de mim tal, mas depois que a minha filha nasceu, né, minha filha, nasceu eu tinha 25/26 anos e eu comecei a ressignificar essa relação, toda violência estrutural que ela sofreu a vida inteira desde o nordeste até aqui que ela nasceu em Pernambuco. Né, desde o nordeste até aqui um monte de filhos, né a violência que ela sofreu dentro das casas. E era como ela se socializava, ela chegava em casa, eu lembrava, né, assim né, era uma raiva muito forte dentro dela então, né? Hoje, hoje não, de um tempo para cá, eu percebi isso, percebi isso aqui ela fez o que ela podia fazer na época, nem mais a época tinha essa sensação putz, minha mãe não gosta de mim, né? Minha mãe não gosta de mim, aí tinha essa impressão, essa ideia, mas depois eu pensei é isso. E aí só para completar. E aí aconteceu algo na minha vida que foi muito foda sim, porque ela. Aí meus irmãos mais velhos, né, mas irmãos foram casando, foram saindo de casa e tal e aí só ficou eu e ela em casa, né? E aí as tretas sempre se intensificavam., aí, eu lembro que eu ficava no portão de casa, que eu não queria entrar em casa, ficava sempre

no portão na rua assim e quando, aí minha mãe, ela começou assim, né apresentar alguns distúrbios mentais assim, né? Começou a ver com coisa começou a ter síndrome do pânico depressão várias coisas. E aí eu lembro que nós fomos ao médico, eu fui com ela esse dia e aí o médico falou. Olha se você ficar aqui em São Paulo, você vai morrer. A médica falou se você ficar aqui em São Paulo vai morrer, né? Porque tem que volta para sua terra, você tem seus irmãos. Sua família lá, você ainda tem uma rede lá, aqui você é sozinha, né? Como todos os seus filhos vão embora só tem só Caçula. Volta para sua terra, porque aqui você não vai viver muito eu morava quebrada assim, ela muita violência década de 90 94 95 97 os bagulho louco, uma violência latente lá no Jardim Ângela, né foi considerado nessa época, não é o bairro mais violento do planeta era muita treta no bairro essa época, né? E aí minha mãe né meio desse caos todo ela fala, é verdade, né? Eu acho que eu vou né? Acho que eu tenho que ir lá para o Nordeste. Aí a gente saiu da consulta, tem que se envolver com os irmãos, que ela tem umas irmãs lá, e aí beleza. Beleza. E aí voltando para casa, aí eu pensando Puta mano. Que louco, né? Nordeste já tenho minha rede aqui meus amigos, mas se for para o bem né? Se minha mãe for vai ficar melhor eu vou pra lá, sem problemas. Talvez eu volte a estudar porque eu tinha 15 anos e ela tinha me tirado da escola 12, eu pensei depois. Talvez eu volte a estudar e tal. E passaram algum tempo, alguns meses. Acho que dois meses eu acordo no sábado, é, Porque aí né? Já tinha 15 anos. Aí passaram os dois meses assim tal aí no sábado, eu acordo, as malas dela na sala, né? E aí né, a gente não morava mais naquele lugar, da minha infância, né? Só tava em uma outra casa e aí, as malas na sala, aí acordei e falei, mãe e essas malas aqui? Ué fio, você não sabe? Eu vou para o Nordeste. Caralho mano, eu nem arrumei minhas malas. Aí eu fiquei meio desorientado. Caramba, e agora, tenho que arrumar minhas malas, não arrumei nada. Tem que arrumar as malas, eu não preparei nada. Que que eu vou fazer? Aí minha mãe, olha para mim falou Tchau. Tô indo indo embora, pegou as mala e saiu de casa, né? Eu fiquei Assim olhando, não é brincadeira, eu lembro que fiquei uns dois minutos assim, né atônico tipo. Aí depois eu disse, não minha mãe tá brincando abri a porta da sala, né? Não vi ela no quintal. Andei até a rua fiquei olhando na rua assim, ela tinha ido embora. Voltei, Carai carai, minha mãe foi embora não aí fiquei sentado no sofá, meia hora assim, pensando fodeu, né? Minha mãe foi embora, sem nenhum aviso prévio, sem nada, foi embora eu fiquei assim, eu com 15 anos aí a casa, era, era casa de invasão, né? prefeitura e tal, eu fiquei assim atônito, tipo foi embora. E é isso, período, me perdi um pouco no começo né? Mas depois fui me reestruturando, né? Esse período né? Foi essa minha infância para a adolescência um período muito louco, porque foram várias violências, vários processos e que houve um rompimento aos 15 anos assim tipo, né? Fiquei lá. Na época morava no São Luís, né? Fiquei lá assim. Estou sou, fiquei lá. Lembro que isso foi um marcador foda.

Paulo Edison - Quando você se descobriu como negro, como é que foi esse processo?

D.M.S. - Olha por incrível que pareça foi muito cedo, muito cedo, muito cedo, minha mãe meus irmãos, ele já tinha a sua leitura racial, não sei como, meu irmão mais velho que quando nasci tinha 20 anos ele na época, ele, ele, ele, era office-Boy de empresas e tal, e ele sempre foi muito ligado a música, muito ligado a música e tal, então esse discurso sempre foi muito muito vivo lá em casa, minha mãe sempre falava nós é preto, nós é negro né? E ainda os irmãos também tinha esse discurso lá em casa. Mesmo sendo negro de pele clara e aí o rap, aí na

década de 90 a 92 chegou rap na minha vida. E aí o rap vem nessa militância tal, então eu sempre me vi negro. Até mesmo a quebrada. Porque assim na quebrada, né conhecendo outras pessoas de outras quebradas, né as quebradas de São Luís, Jardim Ângela, Capão redondo. Não sei porque, não há resposta, mas eu não sei que eles sempre sempre foram muito ligados ao movimento social, né? As mães as mães, não de maio as mães. O movimento das Mães lá da década de 90 por casa, enfim o Movimento das mães é movimento comunitário, aquela região sempre foi socialmente muito resistente e esse discurso de raça ali, sempre, sempre foi muito forte. Então essa questão de raça comigo sempre, e eu sempre sabendo disso, né? E Eu sempre sabendo disso, essas violências raciais nunca foram veladas, né? E no meu inconsciente isso foi sempre aberto. Por causa disso, disso, disso.

Paulo Edison - Você se lembra de atitudes racistas na sua infância?

D.M.S. - É difícil lembrar da minha infância, né? Porque o que vem na cabeça na infância sempre o ambiente familiar, né? E sempre ali na quebrada andando descalças, de chinelo, jogando bola, enfim, sempre ali nesse sentido, né? Sempre e ali não ali não havia, eu fui ter contato com o mundo fora da Periferia. Depois dos 12 Sim, né? E é assim, né? Não tem nem nada, assim, que eu lembro, isso foi marcante tal, mas depois dos 12 que eu comecei a sair da quebrada de fato. E não me lembro de nenhum, nenhuma questão que tenha sido marcada racialmente assim nessa Infância até os 18 anos.

Paulo Edison - Você não acha que na sua época de Infância, desenhos, propaganda livros didáticos. E até mesmo o ambiente onde você morava, não era tudo isso, não é fruto de um racismo seja institucional seja racismo ambiental seja ele um racismo estrutural?

D.M.S. - Olha hoje, eu sei que sim, né? Mas na época não, acho que na época né? Aí eu morava bem na beira do Córrego mesmo na beira 2 metros é que gera o Córrego e assim eu via todo mundo numa situação tão fodida, tão fodida, tão fodida, que a gente não parava para pensar, porque só comigo? ai mas é porque porque esse olhar o redor todo mundo fodida, igual e sobre escola, eu não tenho muito tempo para falar, né? Porque assim eu não fiz os anos iniciais na Pré, esses bagulho, não fiz. E aí eu lembro que eu entrei na escola na 1º série foi um choque monstruoso e sair da escola no sexto ano na 6ª série 7º, 6º para 7º, assim, eu não tenho, eu tenho algumas lembranças da escola, mas do material, hoje eu tenho a convicção que sim, né? Era matérias racistas, né? Quem dava aula também certo modo reproduzia o racismo, mas não tenho nada assim tipo isso na época era isso, né? Está no mundo, eu lembro disso, né que eu pensava meu mundo é assim mesmo, todo mundo fudido, eu não poderia reclamar da minha fome porque meu vizinho também tava com fome, né meu outro amigo da rua de cima também. Estava com fome a gente comer então era uma pobreza generalizada assim de 90 a 96 assim na pobreza generalizada. Tipo não tinha isso, tipo, isso aqui acontece com a minha família porque a minha família tem esse marcador, não porque eu nem dava a entender que existe um outro mundo e, sobre desenho é isso não tinham tempo de TV por que a gente tinha uma TV velha lá e antena não tinha, era um bagulho meio zuado assim e lá né? A gente morava era baixo e o sinal não pegava direito, não tinha muito acesso a TV minha mãe assistia novela, mas eu desbaratinava, ficava lá não.

Paulo Edison - O que é o racismo para você, como você define?

D.M.S. - O racismo é uma estrutura de organização de Corpos existentes, o que isso quer dizer? É um sistema estruturado para reprodução na sociedade vigente onde alguns corpos são Ultra explorados, alguns corpos são sub humanizado, alguns corpos são dispostos a máxima vulnerabilidade e outros não né? O racismo no meu ver tanto de experiência como de homem negro periférica, quanto de experiência de homem negro periférico acadêmico, eu percebo que é uma estrutura muito perversa sim, objetiva e subjetiva aonde é muito é muito delimitado assim essa questão de quais corpos merecem ser ouvidos, merecem ser vivenciados e quais corpos merecem ser excluídos né, e mortos, então o racismo é essa estrutura de organização de Corpos, né? Inclusive ontem, ontem durante a fala da Nilma, eu fiquei muito, muito desconfortável. Por que compararam o racismo com capacitismo. Enfim, a Nilma foi até Gentil. Mas dava para dar para dar para entender que ela pensa seguinte, racismo é as estruturas dos corpos para reprodução do Capital Pronto, né? O capacitismo já pode se encaixar em uma outra categoria, né que não necessariamente reproduz o capital na sociedade vigente, historicidade, um monte de coisas mais só tem né? Eu defino o racismo como isso, né? Não sei se eu tô enviesado pelo Mbembe que eu tô lendo muito mas é isso, né uma estrutura racional de organização de corpos para reprodução de capital. Corpos existências.

Paulo Edison - Você consegue citar exemplos de racismo no seu cotidiano com você ou com outras pessoas?

D.M.S. - comigo várias, exemplo, algo que me acomete, sempre não é minha como é que sempre que em espaços de poder Branco, minha fala é sempre relativizada, né? Eu percebo que por exemplo, eu recebo mais intervenções do que meus colegas, intervenção na minha prática, mas intervenções. No meu modo de agir de ser do que o dos meus colegas quase toda semana eu recebo uma intervenção nova, oh tem isso, tem aquilo nada passa por mim nada. Passa então, você é, isso eu percebo, é muito muito outras coisas, né coisa do cotidiano, nos espaço agora que eu tô ocupando outros espaços da cidade ah, é nítido né? Eu nunca tinha ocupado espaços assim e é nítido a falta de vontade de servir é nítido. Algumas indiretas assim que a gente recebe então atualmente, né? A gente percebe que a gente inclui a minha esposa, a gente percebe que a gente está ocupando espaços onde incomodam, de uma forma de outra aí um incômodo social, na rua nesses lugares tem isso e dentro das instituições de poder onde né? Eu atuo, escola e outros lugares, eu sou sempre eu percebo que há uma intervenção maior dos superiores assim, tipo um olhar mais rebuscado técnicos, por exemplo aqui nessa escola já vieram perguntar coisas que eu pensei, espera aí. Por exemplo, vieram perguntar quem era o questionar a minha éééé, vieram questionar o meu conhecimento geografia, né? Me pegaram em uma sala e me fizeram Quiz, um quiz. O que é geografia? o que é rocha? que é isso? o que aquilo? assim fiquei pasmo, sair em choque né? E aí depois que eu fui respondendo e pensando é que tá com tá acontecendo que tá acontecendo aí que eu percebi. Eu falei mano é isso, né? Ia ser não foi no começo, já tava aqui um tempinho e começaram a questionar né? O quê na sua visão. Quais são os autores que você usa? Por que você usa e aí tipo? Fiquei muito chateada nessa situação, né, estavam questionando tanto a metodologia quanto o meu conhecimento né? E aí era final de ano, aí eu percebi, É isso, eles estão selecionando, estão vendo e enfim, né? Mas o que é muito chateado responde tudo, né? Por fim, né? Eu perguntei qual era a finalidade disso. E aí não

souberam responder tava fazendo isso com todos os professores, mas fui perguntar a outros professores. Não fizeram isso com ninguém. E aí foi muito foda assim foi para mim algo marcante. Por que atingir a minha intelectualidade é atingido meu âmagô, porque a minha intelectualidade é o lugar que me destaco ao meu ver então, quando quiseram atingir aí me pegou no lugar certo que é muito ruim. Ainda bem que tava no fim de acabar as aulas. Aqui na escola teve, né? O episódio também, né? No começo do ano, né? Esse ano né? Um aluno na eletiva lá um ex-aluno escreveu macaco. E aí é isso, né? A gente percebe a instituição na frente das câmeras agindo de uma maneira e por trás agindo de outra que na frente das câmeras aqui não é tá junto tal e assim nas costas, né? Releva acontece é menino é moleque não leva isso a sério não né? Joga panos quentes não vamos aumentar isso se cair na mídia, nos falando de uma escola antirracismo não vai pegar bem. Então, na frente das câmeras. Vamos até o final e por trás oh, até né, uma fala muito pesada, vamos evitar né Confusão. Para nós e para você. Entendi então, mas isso é institucional, né?

Paulo Edison - Te mostrar uma imagem. Você conhece essa imagem? Mãe Preta de Lucílio de Albuquerque 1912

D.M.S. - Conheço, a Mãe Preta, ama de leite. né? Acho que é uma coisa assim.

Paulo Edison - Você sabe a história da ama de leite no Brasil que você sente sabendo que isso aconteceu com seus ancestrais.

D.M.S. - Então, mano. É um problema. Espiralado, né? Porque isso não aconteceu, isso acontece, me incomoda muito, né? Hoje tá chegando aqui hoje em dia vendo babás negras com as crianças brancas, então a gente percebe que ciclo aqui não foi rompido seria legal pensar nossa aconteceu isso, seria menos ruim, putz, aconteceu isso com os meus ancestrais seria menos ruim, né? Porque é isso, acontece isso com o nosso povo desde lá, por exemplo. Tem um filme lá que a gente passou aqui na escola, *Limpam com fogo*²⁶, né? E aí nesse documentário um incêndio duas crianças, duas crianças negras morreram, uma de seis outras de 4 anos, e as Crianças morreram por que a mãe era babá, ela tava na casa do branco, alimentando, cuidando do branco e deixava as duas crianças sozinhas em casa durante o período [de trabalho] por que é a terceira criança estava na escola de manhã, que tinha 14 anos e quando ela chegou já né? As outras crianças tinham morrido. Mas é isso, né? Isso seria menos ruim pensar isso já aconteceu, mas ainda acontece essa imagem. Tirando isso, né? Enfim. Eu queria falar, me revolta tal, mas é isso é um sistema que tem que acabar aquele vai continuar assim, foi assim e permanece assim, então é isso que essa imagem me me coloca. Tipo uma permanência.

Paulo Edison - Essa imagem aqui, né? (A redenção de Cam - Modesto Brocos)

D.M.S. - Essa imagem eu vi a muito tempo pela primeira vez que é a redenção de Cam, já vi análise dessa imagem e qualquer coisa que eu falar aqui vai ser enviesado todas as análises que eu já fiz, que eu já vi também, né o homem na casa calçados no concreto a mulher negra descalça, com a Palmeira, criança com a laranja. Enfim. Isso aqui é uma ferramenta para a legitimação do racismo do extermínio então quando eu olho essa aqui diferente dessa

²⁶ Direção: Conrado Ferrato, Rafael Crespo, César Vieira. Produção: César Vieira. Roteiro: Conrado Ferrato, Rafael Crespo. 2016.

diferente dessa do olho para essa aqui com mais Indignação, pensando no extermínio assim, é O Extermínio total né da nossa história.

Paulo Edison - Como é que você se sente sabendo que o Estado e a sociedade brasileira tinham um projeto de genocídio da população.

D.M.S. - Assim, né? Nós somos feitos de Fases, é interessante pensar nisso nas minhas fases que eu comecei a ter contato com o movimento social que de certo modo me salvou e me fez voltar aos estudos, né? É muito louca, é a fase da Revolta lá. Aí depois da fase da Revolta vem a fase do ah. Nem quero ver né? Me revolto, e agora eu tô em uma fase que eu penso mano, a gente tem que lutar contra, tem que ter a estratégias, tem que já gerou revolta, já gerou raiva já gerou choro já gerou um monte de coisa. Hoje. Mano, gera isso, a gente tem que ir né chegar mais perto desse moleque das minas a gente tem que tem que a gente tem que ir para gente tem que a gente tem que ir. Entende? então hoje eu tô nesse momento aos 40 anos né, nesse momento de pensar mano estratégia, né? Então já senti muita revolta olhando isso aqui, mas hoje é isso. Tipo isso legitima a minha luta de 20 anos.

Paulo Edison - Emendando como é que você vê as ações antirracistas hoje. Se quiser pode falar sobre as cotas.

D.M.S. - Começando a falar de cotas, né? Eu sempre falo uma coisa a cota ela além da oportunidade, ela te dá ah Ela te dá autorização de sonhar, né? Eu lembro que eu nunca pensei em fazer na universidade. Nunca pensei nada disso até o momento em que eu voltei a estudar aos 20 anos fazendo supletivo. E aí tem a ideia de Cota, aí eu pensava putz mano agora eu posso porque eu vivia uma realidade tão fodida, tão fodida que eu não tinha dinheiro. Não tem dinheiro para nada também. E aí eu pensei mano, posso estudar, né? Aos 16 anos eu li o Malcolm X, li o Mandela, Mandela aquele livro né *A luta é a minha a vida*²⁷ e aí eu pensava mano é o que Rap falava tem que estudar tem que estudar tem que estudar, mas eu nunca vi a oportunidade de estudar. Quando veio a ideia da cota, veio a ideia, então a cota me possibilitou sonhar, então a importância da Cota, né, Para além de ser objetiva e subjetiva também, né? Fala lá para o moleque para mina no fundão, mano você pode. É difícil? Para carai, é difícil para carai tende se você não conseguir tendi você não conseguiu mas né? É uma né? É o que é um lugarzinho assim que talvez você por muita sorte é que nem eu falo tenho sorte por muita sorte, você consegue entrar lá, entrar nesse fluxo, então a cota é muito importante né, mas não é? E essas medidas são medidas paliativas, eu eu não gosto quando as pessoas falam, ah ofereceu às cotas, é agora, né? É importante fornecer a cota é importante não não menosprezar a cota e também, né a permanência, mas a gente ainda tá longe, né? Porque a gente for pensar de 4 por Cento de alunos negros, né nas faculdades federais, estaduais, acho que esse número foi para 16 o 17 coisa assim, né? Ainda tá muito longe, né? É uma medida, né? Enfim, né fruto do movimento negro que surge lá na década de 20. Com frente Brasil frente Negra Brasil.

Paulo Edison - Como é que você vê a educação que sua filha recebe na escola?

²⁷ A Luta é a Minha Vida. Nelson Mandela, 1989.

D.M.S. - Como vejo eu a educação que minha filha recebe na escola, assim a minha filha ela não é negra, né a mãe dela é branca e minha filha é Branca, quando ela entrou aqui [escola particular de SP] eu falei olha filha o critério de raça não vai te atravessar, como vai me atravessar porque assim né? A gente chegou junto, aí não vai te atravessar com vai atravessar não vai mas que vai te pegar é o critério de classe, né? Porque a AMS, né, é uma menina de quebrada, né? AMS é Branca quebrada assim, tipo, ela sempre esteve nos movimentos sociais comigo, tem o seu lugar de Branca sempre entendeu, né? O que isso favorece a ela, eu lembro que quando entrou no mercadinho quando a gente ia em algum lugar ela. Doce bala, né? Você sabe o porquê você tá recebendo, né? Porque você é Branca, a sociedade é assim, né? Ela vai sempre abrindo portas, te dando coisas, você tem que entender isso. Então, assim ela não sofre esse recorte de raça. Ainda bem, mas ela sofre o recorte de classe, né? Então muitas vezes, né? O ensino quando chega né? Chega para ela. Chega em enviesado com esse recorte de classes sociais, né? Por exemplo, na aula de inglês aula 100% em inglês ela fala, não entendi nada pai, nada. Né é aula sem por cento em inglês desde o bom dia até o tchau é 100% em inglês. Bagagem cultural da AMS, né? De quebrada no máximo que vai né nas praias lindas interior, né lá no litoral, aliás é o máximo e aqui já tem pessoas que já vai Nova York para Paris, ela nunca foi eu provavelmente não irá tão cedo, né? Então é o lance de distância, a gente mora longe, então, também tem que acordar mais cedo, mas assim eu vejo que a educação que ela recebe aqui. Por mais que seja uma educação igualitária, assim todos os alunos vêm com esse recorte de classe social muito definido, mas ela sai bem, né? Sempre que ela tira notas boas, assim né? Oito, nove, dez né, filha? Você é foda, né? Passou o fundamental inteiro na escola de quebrada e tá ali no mesmo nível que eles, isso aí filha, continua assim, né? Então é isso aqui agora.

Paulo Edison - Vou te mostrar umas imagens, queria que você falasse dessas imagens. O que significa isso para você que você sente?

D.M.S. - Eu era ateu até o momento que me deparei com a religião de religiões de matriz africana, ela totalmente totalmente totalmente não acreditar porque isso né? A igreja é essa que nos coloca não dialoga com a gente tá muito louco isso nunca falou comigo nunca dialogou com o que eu penso e..... quando eu me deparo com o Candomblé, como é que eu me identifico, né? Porque para mim foi uma coisa muito mágica. Caralho mano, é disso que eu tô falando é isso, né? Quando não é a primeira vez que uma entidade falou comigo. Eu senti toda a ancestralidade assim, né? Toda uma sabedoria assim ai puta é disso que eu tô falando é isso, eu, é, isso faz, nem faz tanto tempo assim, faz uns dois anos, dois anos e meio que aí quando né? Enfim então isso para mim, né? Eu tô isso para mim é? É um direcionamento de vida, né? Eu ainda tô né para saber quem é o santo, a minha casa, né? Os meus orixás são, né? Orixás da folha, da floresta, mas ainda né? Segundo é a casa que eu frequento, né? A minha cabeça tá variando um pouco de Santo tá entre o Oxumaré e Ossain. Enfim, mas, e também o Omolu também. Mas enfim, eu vejo quando olho para isso, eu vejo direcionamentos. Vejo uma sabedoria ancestral, eu vejo um retorno ancestral. Eu vejo enfim. Eu vejo muita coisa bonita assim não faz muita coisa bem bonita e também vejo né o epistemicídio, né? O quanto a sociedade branca olha Exu com maus olhos, olha Exú como símbolo do demônio. Os Ebegis também, eu vejo isso.

Paulo Edison - Você já quis ser branco?

D.M.S. - Olha eu, nunca, Nunca é muito louco isso, porque assim zuando zuando zuando já, mas de verdade não, assim, talvez seja pelo o tom da minha pele né? Porque querendo não né? Eu sei né? Eu tenho a pele mais clara, isso me dá um certo diferencial dentro do ser negro, né? Talvez pensando aqui agora nunca pensei nisso. Talvez se eu fosse retinto eu já teria pensado ser branco, mas não quis.

Paulo Edison - O que em você é branco ou do mundo branco o que te atravessa?

D.M.S. - Mas fácil pensar O que não é né, que é branco, mano, sei lá. Não sei não, sei o que é branco, né? Eu não sei, talvez, Não Sei, não sei porque eu acho que assim né, esse lance do lance do colonialismo pega a gente Tão Profundo Tão Profundo que tudo se mistura. Então eu não sei de mim que é branco e negro. O que é de uma parte a outra. Essa tentativa de homogeneização do mundo Colonial é deixar tudo em um espaço, né do Branco acaba confundido, né? Mas sendo mais objetivo assim. Eu luto muito para as minhas relações não se transformar em relações embranquecidas, porque é isso a gente vai ganhando dinheiro a mais, a gente vai conhecendo lugares diferentes, mas ao mesmo tempo a gente tem a responsabilidade de lidar com família de ajudar o irmão que tá precisando, ajudar a mãe, ajudar todo mundo ao nosso redor, então assim né, o mundo branco é muito individualista. Então hoje a minha luta é para que essa coisa coletiva que vem da nossa ancestralidade negra, que vem, né de territórios negros que vem da Periferia, né? Não se perca neste mundo embranquecido. Talvez hoje a minha luta é essa, né? Mas o que é branco em mim, eu não sei dizer é bom pensar vou pensar.

Paulo Edison - Você já se sentiu impostor ou sentimento de não pertencer a um ambiente de trabalho?

D.M.S. - Sempre, a partir do momento que eu fui fazer PUC, né? Impostor. Por que é isso? Só quebrada, né lá nos tramos que eu fazia, né, aquelas coisas braço e tal, então eu sempre tive no meu lugar, né na teoria quando eu fui fazer PUC mano ali desse primeiro dia que eu pisei até o último que eu fui embora sempre me sentindo né? O impostor sempre me sentindo roubando vagas de alguém sempre sentindo não a altura e realmente não era altura, isso é muito louco, né pensar porque eu via eles escrevendo ficava, caralho como os boys escrevem tão bem. Eu vi eles falando, né? Como pode né e eu entrei na universidade com 24 e os moleques de 17, 18 assim falando bem, se articulando bem né, criando várias possibilidades de textos assim, maravilhosos, né? Eu de fato, né? Eu era inferior a eles ali, né lance acadêmico, mas no lance de vivência não, então desde o primeiro dia que eu pisei na PUC eu fui entender o que é a síndrome do impostor. E desde então, em todo espaço que me falam que não me pertence. Eu tenho isso, aqui na escola tem isso. Aqui na escola, penso, já, já sou mandado embora, não é? Porque esse lugar não pertence ou fico cheio de dedos pensando, mas se eu fizer isso tal, e aquela sensação de ser incompleto, né? Acho que eu não tô no mesmo patamar que os meus colegas. Então tem que fazer isso. Tem que fazer aquilo então tá sempre me inferiorizando. Sempre esperando que vem, né? E sempre esperando a crítica esperando né? Esse esse olhar mais atencioso, mais técnico que você fala mano, né? De ver e assinar slide por slide, ver um erro conceitual e apontar. Olha esse

erro aqui ó, que você quis dizer e tal. Tenho sim tem sim, né? Essa síndrome do impostor em mim, mas essa síndrome não é aleatória. Ela tem estímulo social, né? Então me sinto muito na escola e fora da escola, não sinto não, porque é isso, né? O embate, se eu tô no poder, é o embate, lá, na Universidade tô no embate. Mas aqui eu não tô embaixo, né, aqui eu tô numa condição diferenciada, então não tem como ir para o embate, tenho que reduzir danos né? Mas ir pro embate, apontar o dedo, perguntar o porquê, aqui não dá. Então é isso, tipo tem essa síndrome de impostor, mas na universidade em outros espaços eu bato de frente e é isso me dá uma força, mas aqui na escola não, eu olha e às vezes mas assim, não vou de cabelo solto, putz, não vou com essa calça. Tudo nessa. Daí, eles não vão me aceitar assim, não vão me aceitar assado e assim.

Paulo Edison - Porque você acha que você sobreviveu e tem um emprego que te dá dignidade?

D.M.S. - Mano é o que eu falo, muita sorte, muita sorte é muito tá porque várias coisas, né? É sorte dos enquadros da polícia que eu tomava na época que era menino, de não ter sumido, é sorte, né? Assim tinha época lá que eu morava, né? E o quintal lá no Jardim Ângela, morava no quintal que tinha sete casas e uma dessas casas era a biqueira, né? E aí mano, é que assim, eles me chamam de Neno, eles falavam, olha Neno a área tá molhada, cheio de polícia, eles conhecem né? Nossos aviões. Leva a mochila para nós. Bairro Capão, Jardim São Luiz, na 50, se leva? Demorou, botava a bolsa nas costas e ia né lotada, de polícia bairro isso 97/98 chegava lá entregar depois recebia o dinheiro, né, sorte, de um polícia não olhar para sua bolsa. Aí mano tão Sorte, sorte de andar na madrugada e permanecer vivo, eu sou muito desconfiada, ne, acho que essa minha desconfiança me salvou, né? A sorte desconfiança. Isso me salvou, ver meus amigos morrendo, isso me salvou também certo modo e os estudos mano, foi foi o rap, o rap foi o Malcom e foi Mandela falando estuda, né? Os panteras negras também estuda, estuda, estuda, estuda estuda, por isso aqui minha mãe me tira da escola às 12 horas e eu volto a estudar 20/21. Por que é isso né? Eu tinha isso na cabeça, estuda, estuda se não você morre. Por que é isso, né? E isso não é falácia, é muito louco, você está no ambiente periférico, você tá dialogando constantemente com a morte, é um bagulho muito louco, você sempre acha que vai morrer, no entanto que tava conversando com meus amigos e Quebrada um tempo atrás. Acho que foi. Que a gente não se imaginava velha, a gente não se imaginava, a gente se conheceu há 10 11 anos e nunca se imaginou com 40 por causa disso, estratégia, né? Então sorte eu sou muito desconfiado, estratégia e é isso, né? A Estratégia é o que eu sempre falo a gente não pode errar, a gente só tem um tiro mano, gente não pode né? Pelo menos a gente da minha década, a gente não pode errar, só tem tiro, por exemplo. Meu tiro era fazer história na PUC, só tinha aquela bala, se eu errasse já era já, ainda bem que eu acertei o tiro e aí foi a tirando aquela vez mais ganhando mais munições. Tendo mais oportunidades assim então eu tenho muita sorte, tenho muita sorte, tenho muita estratégia e uma das minhas uma das Ferramentas que sempre me deixou vivo é esse desconfiômetro, eu sempre pensei que alguma coisa ruim pode acontecer, que hoje isso me fode, aos 40, muita terapia, né? Mas é isso.

Paulo Edison - Como é está num espaço na posição de autoridade?

D.M.S. - Em que sentido?

Paulo Edison - Professor de uma escola de classe média você fala para vários alunos brancos de classe média, eles têm que aprender com você, você frequenta locais onde a sua opinião, sua avaliação sobre os estudantes têm que ser consideradas.

D.M.S. - Olha, eu nunca pensei, nunca pensei, eu vou pensar o seguinte quando penso em fazer história vem de uma ideia de falar. Olha eu tenho que avisar a molecada aqui da quebrada que eles não são culpados. Tem que avisar Mulekada que é uma estrutura por trás, há um sistema operando por trás para né. Essa reprodução de desigualdades e eu pensei mano, eu vou fazer isso história, né? Vou me apropriar da história e vou dar aula em quebrada e vou dar aula ensino público, né? E aí eu nunca pensei, né durante a universidade, né? Em dar aula em escola privada, nunca. E aí tanto que essa é a segunda escola de Elite que eu dou aula, porque eu sempre fui muito quebrada, quebrada e lá na quebrada, eu não tenho esse papel de autoridade, né? Por mais que né papel do está ali no centro, é um papel de autoridade é sempre né? É olhar né? Os moleques falando mano ce tá fodido, como a gente faz, a gente tem esse caminho de reproduzir o que o sistema quer e a gente tem outro caminho, né? Então ela sempre esse papel de auxiliar o estudante a olhar outros caminhos e não é esse fatalista que o sistema nos dá, então eu sempre pensei nisso, vim para cá, está na outra escola que tá, vim para cá, né? Foi consequência dos estudos, né? E aí depois começou a estudar, mas fiz geografia mestrado e aí depois do mestrado. Uma escola de Elite olha, vem para cá. E aí aí que eu pensei tudo eu ganhava R\$ 2.200,00 na rede pública por aí auto escola já pagava R\$ 7.000,00. É isso né? E aí né? Hoje eu consigo, eu consigo conciliar rede para colar e rede pública, mas está no espaço de poder aqui, eu não sei até que ponto, né? Eu penso que eu tenho né assim, né esse poder porque, por várias questões que os alunos legitimam em mim, não é Minha autoridade enquanto tal o que eles legitimam em mim é Minha autoridade intelectual ponto né? Porque Aconteceu ano passado isso tava entrando numa sala, né uma colega. Nossa chapoleta os alunos gritando com os alunos, xingando os alunos, eu falei caralho, como é bom ser Branco, viu branco? E aí eu entrei né? Porque se eu falasse isso, aí na época eu pensei se eu falasse isso, amanhã eu seria demitido. E aí esse ano eu fiz um seminário foi foi um pouco mais rígido com os alunos do seminário, choveu reclamação falando que eu tinha sido ríspido com ele, sendo que eu não tinha sido ríspido. Eu só fui, você não leu, você isso, você aquilo, assim eu não acho que eu tenho autoridade com os alunos esse tipo de autoridade, né? E então é isso que eu não me sinto nesse espaço de poder, na relação eles têm muito mais poder do que eu, então não me sinto à autoridade.

Paulo Edison - Você se acha colonizado?

D.M.S. - Puta, pra caralho,

Paulo Edison - Dê exemplos.

D.M.S. - Colonizado, em tudo, desde a maneira que eu lido a minha alimentação, que a gente já só trocou ideia desde a maneira que eu entendo, né? Mundo enfim, né? Por mais que meu papel seja esse decolonizar, né? Eu ainda preciso ser decolonizado muito muito, então a resposta é sim e exemplos o que vem na minha cabeça é alimentação, é como eu lido com meu corpo, como eu lido mais comigo você.

Paulo Edison - Como decolonizar os brancos, os negros e a si mesmo.

D.M.S. - O que eu penso o seguinte a primeira estratégia ele tem que se evidenciar a colonização, então nós ainda estamos nesse processo de evidenciar, esse processo de colonização, então a estratégia é essa, né, Número? Um ele tem que se explicitar a colonização é isso, o número dois né tentar através de outras vozes de outras realidades, né? Meu estudo né? Fala de quebrada e lá de dentro de quebrada falando de quebrada, né? Eu tô exercendo né? Essa função decolonial, mas poderia, mais nessa função então assim a Primeira ideia é evidenciar depois que ele tem sinalizar abrir para esses corpos que foram excluídos ou incluído na colonização pelo mero fato de exclusão, né? E o Mbembe chama de incluído/excluído. Então é isso não é o primeiro passo evidenciado depois tentar pensar em novas narrativas para compreensão do nosso nosso cotidiano.

Paulo Edison - Fala alguma coisa que gostaria de falar a partir dessa entrevista que não perguntei.

D.M.S. - sempre fala isso sempre que eu ouço uma entrevista. Eu tenho que falar se eu fosse entrevistador ia falar me fala alguma coisa que eu pensei talvez né? Pensando né colonização pensando no meu momento. Isso jamais iria falar 20 anos atrás esperando falar daqui a 20 anos sobre isso, mas é pensar na construção da masculinidade negra pensar como, né, os afetos são desenvolvidos como né, amor negro importante como essa erotização das mulheres brancas no nosso Imaginário. Como é construído, enfim, né, A, pergunta mais ou menos essa né? Sobre como enfrentar essa, essa masculinidade que nos foi imposta, né pelo colonialismo a partir do momento que é O Colono, olha para gente fala você é negro. Então pensar em masculinidades assim, tchau que eu tô pensando mais enfaticamente hoje na construção do ser negro. Por que é isso, o Mbembe fala, nos colocaram um manto, o manto negro e aí a gente começa a reproduzir aquilo que se espera do negro mas antes disso não éramos negro, né? E aí ele vai desenvolver ainda nessa ideia de ser negro, né? Ele não é um homem negro, a partir do momento que falaram que ele era um homem negro e aí assim falaram que a cultura Negra era assim, que o homem negro era assim, ele vai dentro dessa seara tentando sobreviver então pensar em masculinidade Negra pensar né? E não só masculinidade Negra, pensar masculinidade e o território também, que eu sou de quebrada, mano, território é foda muito determinante nas relações, né? Percebi que o território periférico nas relações é muito duro, muito árido, muito pesado, muito ahhaahaha, então pensar masculinidade, território, pensa racismo então a pergunta que eu queria falar é que eu estou buscando como me relacionar comigo mesmo, né, E a coisa mais difícil, né, como eu me entender, entender minha vida sem entender minha raiva, entendeu? Os desejos que eu falo, mas tá maluco.

ENTREVISTADO 02 - I.A.A.S., 34 anos, diretor de Multinacional.

Paulo Edison - Como é que você chama, fala seu nome, onde você nasceu e sua idade.

I.A.A.S. - Meu nome é I.A.A.S., nasci em Belo Horizonte, Minas Gerais e tenho 34 anos.

Paulo - Você autoriza o uso da sua imagem som para a tese de doutorado de Paulo Edison de Oliveira a descolonização do inconsciente?

I.A.A.S. - Sim, autorizo.

Paulo - Então I.A.A.S., queria que você agora falasse desse primeiro bloco, primeiro novamente seu nome idade profissão, e a sua história de vida, onde você nasceu, como é que ela sua família e o que você lembra da sua infância, como é que você brincava que você acessa, faz aí uma retomada da sua vida.

I.A.A.S. - Meu nome é I.A.A.S., eu tenho 34 anos, sou de Belo Horizonte, Minas Gerais, tenho formação em jornalismo com mestrado em fotografia documental, eu trabalho hoje com o marketing. Bom, minha infância foi em Belo Horizonte e arredores, Minas Gerais. Eu sou filho do José Tarcísio que é um mineiro de uma cidade chamada Caetanópolis perto de Cordisburgo, já pelo sertão roseano é filho da Rosa que é Pernambucana nasceu em Paulista, Pernambuco, mas foi criada em Osasco aqui já se conheceram com seus trinta e pouco anos e me tiveram.

Minha infância foi uma infância com muito... acho que ela tinha muita provisão, acho que os meus pais tinham muita preocupação em não deixar faltar coisas que faltavam para as experiências deles crescendo, mas carinho, não é exatamente o lugar que tinha, pelo menos não com meu pai, principalmente, às vezes com minha mãe também tinha alguma distância, até porque os dois trabalhavam muito o dia inteiro, saiam cedo, voltava, já a noite.

Eu lembro da minha infância ser meio meio dividido ou ser orquestrada por esses dois movimentos, assim, eu ia para escola, durante uma parte da infância mais cedo, à tarde depois fui pra manhã, pegava o ônibus sozinho já com 7 anos umas coisas assim, eu lembro de uma dicotomia entre muita Solidão em casa, porque ficava sozinho então era ler, gostava muito de ler, montar LEGO, assistir TV e umas coisas assim, ou uns momentos mais gregários que podiam ser, quando vinha para Osasco com meus primos que eram mais ou menos a mesma idade, os filhos da família do meu pai eram todos os mais velhos, tem um primo que tá com quase 60, ou muito gregário quando eu ia para roça uma coisa que tinha muito na minha família é uma ligação com o lugar de origem da família do meu pai.... ééé, ele nasceu, Caetanópolis não era cidade ainda quando nasceu era Paraopeba, Cedro, são nomes conhecidos no interior de Minas, Dona Leontina nasceu neste mesmo lugar e o vô Vicente também, meu pai não teve pai, o avô Vicente morreu quando eu tinha dois meses de idade, ele era Vaqueiro, levou chifradas e teve algumas complicações, ele nasceu da vovó Jovelina que nasceu de ventre livre e eu passei boa parte da minha infância indo para essa roça, não é um quilombo, não é uma coisa formal, mas é um lugar que todo mundo é descendente dessa mesma família, formada pela vovô Jovelina, que nasceu de ventre livre, e o vovô João, um português loiro de olho azul, que era filho da família Dias, Dias dos Anjos que e a família que escravizava a família da vovó Jovelina, eles teriam se apaixonado, ele foi deserdado, e eles

fugiram, saíram, uma situação diferente porque boa parte dos meus primos dessa, desse lado paterno trabalham ainda para essa mesma família, no mesmo lugar que um dia já foi, desse que seria meu bisavô minha bisavó, mas todo mundo, quando eu ia lá né assim na infância eram casas de Barro, pau-a-pique. Lembro de uma marca muito grande quando eu tinha 3, 4 anos daquele, daquele buraco, a casa sanitária era fora assim, tinha um buraco de chave no chão para fazer cocô para fazer xixi, você agachava, um lugar de barro, você encostava a mão, assim e fazia as necessidades, como diziam, nessa fossa séptica assim, mas eu lembro muito de dessas relações dessa dicotomia, desse menino criado sozinho um apartamento na cidade grande e o menino que ia para os lugares aos finais de semana, jogava muita bola subia em árvore, nadava na Taboca que era tipo Riacho, lembro muito de perder as tampa do dedão batendo, chutando pedra, fazendo umas coisas assim, então acho que uma marca que tinha nessa infância, que era infância era muito nova, eu acho para duas realidades familiares era a primeira geração que tinha um casal estável com empregos estabilizados e os dois funcionários públicos com escolha de ir para escolas particulares, meus pais fizeram as escolhas e depois eu fiz umas coisas de ir para escola pública, o Colégio Militar. Mas lembro muito disso assim, acho que isso faz muita parte, então lembro muito, com muito carinho da vó Tina, que era mãe do meu pai, ir para casa dela, ela mudava muito muito de casa sete lagoas, Caetanópolis, Belo Horizonte mudava de bairro, lembro que a gente fez as contas, ela mudou 19 vezes quando eu era criança e adolescente, então acho que fazia muito essa coisa do ir para casa da minha avó no final de semana era muito marcante e em contraste com a semana dentro do apartamento.

Eu acho que essa talvez seja uma coisa que marcou muito a infância, esse lugar, durante um tempo, eu me senti meio que um tubo de ensaio da vida que meus pais achavam que eu deveria ter o que eles queriam oferecer para mim, versus a vida que eles tinham, porque assim, vinha para Osasco, uma cidade super industrial, todo mundo trabalhando nas fábricas meus primos, meu tio era projetista em fábrica e tal. Ia para casa da minha vó e todo mundo trabalhava em casa de família ou tinha trabalhado em casa de família e coisa assim, e eu ali nesse lugar, nesse apartamento pequeno na cidade grande sim e essa dicotomia de ir para o mato no final de semana de fazer outras coisas, então acho que lembranças em geral da infância, elas tavam dentro desse contexto assim, mas eu tenho muita muita lembrança de muita coisa assim, eu não lembro muita coisa de quando eu tinha três anos para baixo, mas eu tenho muitas lembranças, por exemplo, de ser alfabetizado, quem me alfabetizou foi minha mãe, eu mudei de colégios em com 3, 4 anos e era uma escola que tinha fama de ter alunos superdotados, e aí fizeram uma entrevista comigo quando eu entrei e eu sabia o nome completo do pai, nome completo da mãe, endereço e aí quiseram me passar para turma de cima, com 4 anos pra turma de 5, só que eles estavam sendo alfabetizados, eu não tinha, aí minha mãe comprou, uma das primeiras lembranças que eu tenho, minha mãe comprou uma lousa, ela chegava depois do trabalho assim e me ensinava assim a ler tal, até por isso que eu tenho umas letras e uns livros tatuagens, porque esse braço tem tatuagens relacionadas a minha mãe assim, uma das primeiras que eu tenho. Lembro de adorar ler e eu tenho registros dessa época subsequentes assim tem dois livros até hoje com as primeiras leituras, um tinha 300, 200 poucos livreto de criança.

Entrevistador - Que que você lia?

I.A.A.S. - Tudo, eu lembro muito, tem uma coleção do guardei para o cisco que chama Mico Maneco, Francisco é filho que eram os livrinhos assim Maria Clara Machado, Lya Luft, lia os clássicos dessa época assim.

Entrevistador - E os gêneros? Que tipo de literatura que você lia?

I.A.A.S. - Acho que o mais sofisticado que eu cheguei a ler até os dez anos de idade era Robinson Crusoe.

Entrevistador - Aventura.

I.A.A.S. - Aventura.

Entrevistador - Fantasia.

I.A.A.S. - Fantasia, literatura, Aventura, romance. Acho que o que botavam, nada técnico, mas muito.

Entrevistador - Para idade, ou você sentia que tava lendo algo para além da idade?

I.A.A.S. - Pra idade, mas eu acho, mas tinha uma coisa de eu, eu sempre fui muito curioso, gostava muito por exemplo, eu lia Atlas, gostava de saber, tipo, capital, Bandeira. Tinha uma coisa muito incutida na minha família, minha mãe a primeira a fazer faculdade da família dela, meu pai demorou a fazer, mas foi o primeiro a passar numa universidade da família dele, só quem não pode fazer, foi trabalhar aí minha tia mais velha, acabou fazendo letras antes ou contemporânea ele quando ele fez finalmente faculdade, mas tinha uma coisa muito, isso era muito dito assim, desde a mais tenra idade, que educação é uma não conversa, estudar é obrigação, você vai estudar, tipo lembro muito do meu pai falando, “na sua idade eu já trabalhava, o seu trabalho é estudar” e eu acho que isso era uma formação para mim. Então eu eu lia muito, tinha essa noção que existia uma cobrança aí, olha você tá tendo uma vida melhor do que seus primos, do que as outras pessoas que você conhece, e a sua contrapartida é você estudar, então acho que isso era minha, tinha essa marca, e eu adorava, eu era uma criança muito sensível mas adorava, tipo, montar coisa, criar história da minha cabeça, eu fazia teatrinho de fantoche inventava histórias, pegava pote de iogurte velho cortava, botava olhinho, carinha, aqueles fantoche de dedo, gostava de fazer essas coisas.

Entrevistador - Você falou que você sentiu um pouco como um tubo de ensaio da família, em algum momento seus pais falaram com você sobre alguma expectativa, o que eles queriam para você no futuro algum momento circulou infância e como é que é isso?

I.A.A.S. - Acho que todos os momentos, por exemplo, como eles tinham feito faculdade quando eu nasci, faculdade era o mínimo que se esperava de mim então mesmo criança já ouvia tipo “o quê que você quer fazer quando você crescer, que faculdade você quer fazer?” Minha mãe se formou em medicina, então tinha uma coisa lá, “será que vai ser médico igual a mãe?” médico tem uma áurea, né de vai dar certo se for médico, e inteligente tem que ser médico, pro meu pai tinha uma coisa você, eu sempre gostei de ler, meu pai fez jornalismo e depois fez direito, ele fez direito 1990, eu já era nascido tem foto de eu na formatura dele de direito, ele só queria que fosse algo estável, porque ele falava “vou te sustentar até você se formar no terceiro ano, depois de lá você se vira tá no mundo”, é engraçado porque eu achava que isso foi dito depois, mas não isso foi dito desde muito cedo, porque era uma conversa, a

minha obrigação é prover para você, é te dar condições de fazer o que você sentir que precisa e tudo mais. Eu acho que essa era a dor que meus pais tinham, meu pai, além de não ter tido pai, o irmão dele mais velho, que era o arrimo de família, que se chamava I.A.A.S., foi assassinado quando meu pai tinha 6 anos 7 anos, I.A.A.S. tinha 18. Então ele tinha uma marca muito grande, tipo meu pai passou em concursos, tipo EPCAR quando era adolescente e não pode ir porque não tinha dinheiro para enxoval, então ele tinha uma noção muito assim, ele abandonou os estudos, ele não fez ensino médio, depois ele fez SISU, depois fez faculdade, ele tinha uma marca muito grande do tipo, “ser de uma família negra e pobre não me deixou fazer um monte de coisa, e eu quero que meu filho tenha isso”, mas eu acho que esses signos todos já existiam na minha infância, mas vários eu fui conseguir organizar mais velho, por exemplo, meu pai não falava sobre raça comigo, ele casou com uma mulher branca, Pernambucana, uma mulher branca, e eu, ele tinha uma noção de que eu era mais claro do que ele, eu acho que ele achava que eu não ia precisar passar por coisas que ele tinha passado, então ele não falava, tentava resolver de outras maneiras assim então. Engraçado porque a última vez que eu encontrei ele eu fui almoçar eu chorei para caramba, porque uma das, eu tive problemas de relação com meu pai eu fiquei alguns anos sem falar com ele e um dos pontos fundamentais que eu lembro de memória de odiar meu pai com muitas todas minhas forças, eu devia ter uns 7 anos, eu acho que foi a primeira vez que meu pai me humilhou em público, tinha uma cobrança meu pai fazer aquelas coisas de, meu pai me bateu um pouco, umas duas três vezes, mas tem aquela coisa de contar até três se chegasse 3, bateria, e ele contava para tudo então come essa comida, se eu comesse, eu vou contar, um, dois, e eu comia rápido, tinha essa noção de autoridade, medo assim, eu lembro de tá jogando bola na escola, que era essa super escola, metida chamava Armaeli, não existe mais, eu tava jogando bola eu lembro que o treinador era filho da diretora da escola, ficou falando um monte de coisa, meu pai de quem começou a xingar a brigar com o cara, não lembro o meu pai disse, mas lembro de meu pai estar na arquibancada, meu pai falar um monte de coisa o cara falando do outro lado, e eu no time. E o cara me tirou do time, me colocou no Banco, e eles continuaram, eu lembro do meu pai descendo as escadas da arquibancada atravessando a quadra com o jogo rolando, gritando, “vem aqui, vem aqui” eu fui até ele, chorando, chorando, “para de chorar, e vamos embora!”, me tirar da quadra assim, eu lembro de ter ficado com vergonha dos meus amigos, eu tava numa escola que todo mundo era branco, ou quase todo mundo era branco, lembro de ter ficado com vergonha desse treinador que era filho da diretora, isso foi um dos pontos que eu lembro que, eu tenho de mais lembrança de não gostar do meu pai, eu acho uma das lembranças mais forte ou mais antigas que eu tenho. A última vez que ele veio a São Paulo, tava almoçando com ele e eu perguntei “você lembra disso?” e ele “claro que lembro” e eu falei, “o que aconteceu?” Aí ele começou a falar emocionado, “o filho daquela lá tava te humilhando”, e eu, “como assim?” Aí ele falou, “você lembra que depois quando você passou em primeiro no colégio militar, teve toda uma coisa que elas choraram em público, falando que você não ia passar, que você atrapalhava turma lembra?” falei “lembro, isso eu lembro”, ele falou “então, só que eles sempre tiveram isso em relação a você, eu nem queria que você entrasse naquela escola, mas sua mãe quis e nesse dia, esse cara, esse menino só pegava no seu pé no time, todos os meninos rindo, brincando, errando e ele falava I.A.A.S. faz isso, I.A.A.S. marca aquilo, I.A.A.S. você não tá dando conta de fazer tal

coisa”, e meu pai disse que enquanto o cara ia falando isso, ele foi ficando nervoso, foi me vendo perseguido com a noção de raça na compreensão que ele tinha...

I.A.A.S. - E ele quis parar com a humilhação, e eu chorei muito porque eu sempre achei que meu pai nunca tinha me protegido, sempre achei que meu pai tinha provido, mas é um cara duro que não falava comigo e o vendo chorando falando disso, que como chegou num ponto que ele ficou tão nervoso que ele precisou me tirar do meio do caminho, me tirar dessa situação que ele me sentia sendo humilhado, mudou muito bem compreensão sobre ele, ou me ajudou mudar um pouco, porque é isso, eu achava que quem tinha me humilhado era meu pai e não que a situação era uma situação humilhante e que ele lidou com aquilo como ele conseguiu lidar assim, então acho, que apesar de ser uma situação específica, eu acho que ela resume vários dos signos da minha infância. Quando eu falo tubo de ensaio, era isso, eles queriam oferecer a melhor infância que eles achavam que era, e isso era melhor escola possível que eles podiam pagar, as melhores coisas assim, a gente não tinha grana para fazer as coisas sobrando, mas eu lembro que a viagem de Janeiro era sagrada, bota todo mundo dentro do carro, minha avó todo mundo, ai gente saia de carro de Belo Horizonte até chegar em Recife, às vezes até Natal, lugar que meu pai tinha morado, e nessa viagem de Janeiro era tipo, comer fora, fazer um monte de coisa.

Entrevistador - Quem era essa vó que ia com vocês?

I.A.A.S. - As duas foram. Normalmente a mãe da minha mãe, a vó Monte, que ela era mais nova que aguentava mais o tranco da viagem e avó Tina foi algumas vezes, mas a vó Tina teve Alzheimer, ela ficou uns 15 anos de cama assim, então já teve uma época que ela não conseguia esse batidão, ela ia às vezes, mas aí meu pai já fazia um esforço, a gente ia de carro, pagava um avião para ela ir encontrar a gente lá, umas coisas assim.

Entrevistador - Você falou bastante do seu pai, e sua mãe? Fala um pouco da sua mãe. E também como é que eles resolviam os conflitos, assim, tinha conflito como é que como é que eles resolviam os conflitos com você, que você e o que você lembra e o que você lembra dos sentimentos?

I.A.A.S. - A minha mãe é de longe a minha pessoa favorita na minha história, minha mãe era o acolhimento, era o colo, era o afeto, minha mãe durante muito tempo foi contra peso a noção do meu pai presente, meu pai às vezes ficava meses longe de casa, nas missões do trabalho dele, era policial e minha mãe era a pessoa presente, minha mãe lia comigo, ensinou a ler, a vezes sentava para montar LEGO comigo quando eu me sentia sozinho, umas coisas assim, minha mãe sempre teve escuta e tal, minha mãe dona Rosa sempre foi, tipo, meu amor, assim quando eu me sentia visto, eu me sentia ter colo, que para o meu pai eu tinha que performa uma coisa, sabe? Cumprir uma expectativa essa noção, mas minha mãe, isso só fui entender muito tempo depois, minha mãe apesar de casado com homem negro, ela não tinha essa leitura, minha mãe é de uma família branca, pernambucana de retirante nordestino que vai para São Paulo muito cedo, então minha mãe tinha uma leitura de classe similar do meu pai, apesar da família do meu pai ser um pouco, um pouco não, até passar mais necessidade, as vezes não tinha emprego essas coisas, emprego só informais, não conseguia empregos formais e tudo mais, mas minha mãe era essa pessoa que era um ponto de equilíbrio, então,

uma das raiva que meu pai tinha, que falava que fazia um combinado com ela e ela descumpria, só que ela não descumpria formalmente, ela não falava “não concordo Tarcisio”, ela descumpria no touch a touch comigo, então ele dizia, “o I.A.A.S. vai ter que estudar tantas horas por dia”, se ela via que eu ia bem sem isso, ela não cobrava isso, ela, “vem cá, vamos, ver junto”. Então os conflitos não resolvidos, eles eram varridos para debaixo do tapete, ou substituídos por outras coisas, eu acho que talvez seja melhor maneira de dizer, minha mãe era muito do não confronto, muito da serenidade, de apaziguar, mas também disso de aparentemente concordar com você numa coisa mais fazer outra pelas costas ou no silêncio, de poder fazer as coisas do jeito dela, e acho que isso foi uma marca muito importante, assim, porque eu lembro com dez anos de idade que meu pai dormia na sala e minha mãe dormir no quarto, eles nunca se separam, se divorciaram, de papel passado, mas durante uns oito anos foi essa dinâmica de separados dentro na mesma casa e quando eu entrei na faculdade meu pai saiu fora, assim, foi morar em outros estados tal. Quando eu estava em São Paulo eles voltaram a namorar, minha mãe ia, passava 15 dias, voltava, ela dizia, “gosto muito do seu pai, mas não dá para ficar mais de 15 dias com ele não” e ele vinha visitava, na doença da minha mãe, minha mãe ficou 219 dias internada, meu pai ficou o tempo todo, não só de interação, mas antes aqui em São Paulo, a gente se dividia, eu dormia 4, 5 vezes por semana ele passava os dias, a gente, foi a primeira vez que o vi na posição de cuidado, que não envolvia prover, financiar, coisa desse tipo. E aí eu vi um outro lugar assim, mas por exemplo, a primeira conversa que eu tive sobre raça com meus pais, e foi eu e meu pai ao mesmo tempo na frente da minha mãe, ela não aguentou, minha mãe chorou muito muito muito muito, ficou uma duas três horas chorando e desorganizada mesmo, porque, sabe como se alguém passasse em revista tudo que você sentiu ou já viveu e que você não tinha aquela lente para enxergar aquilo daquele jeito?. Aí ela começou a contar histórias do tipo “putz, eu fui no Congresso Fortaleza você tinha 2 anos e no intervalo lá tava passeando com você no carrinho e um pipoqueiro perguntou assim, que bonitinho é adotado? Eu falei ‘não, chama I.A.A.S. tal’ e ela nunca entendeu porque o cara achou que o filho dela que estava no carrinho era adotado não biológico. Então ela chorou contando isso, lembrou de várias histórias de eu crescendo e ela não entendendo porquê algumas professoras falavam determinado jeito, algumas coisas aconteceram. No primeiro episódio de violência policial, minha mãe tava perto e ela não lembrava disso, tipo, eu tinha 13 anos, eu sair para comprar pão, 6h30 da manhã, eu estava meio desleixado morava naquele bairro, tava acostumado e ir na padaria, tava com a camisa do Bob Marley e foi uma época que eu tava férias, deixando o cabelo crescer, estava de touca, sem documento porque de novo meu pai, meu pai achou que não precisava me falar algumas coisas que ele achava que não ia passar por algumas coisas, eu na esquina de casa a polícia me subiu o carro no passeio, “perdeu, perdeu, mão na cabeça, encosta, encosta, encosta”, eu não entendi, fui coloquei uma cabeça encostei, cara colocou a arma na minha cabeça, bateu chutando a perna para abrir, me revistou “como você se chama? Cadê o documento?” E essa é uma vantagem de ter uma ingenuidade, né? Eu sabia lidar com meu pai, meu pai sempre me cobrou de eu chamar de senhor, dessas coisas, então, “senhor eu moro aqui, meu nome é I.A.A.S., moro na rua tal”, “não, não sei o que, vou te levar para delegacia”, eu desesperado, mas aí eu entendi, “não, eu moro aqui, meu nome é tal, essa rua que a gente tá é a Rua Dom José Modesto Augusto essa do lado é a padre Cândido, moro

nela número 143, o edifício e duque de Milão, a fachada e bege com detalhe Verde, minha mãe tá lá chamar Rosa Maria da Conceição Silva, por favor, toque no telefone ela vai falar sou filho dela, não sei o quê”. Eu lembro que para os PMs isso foi desodorizador também porque eles me viam como um moleque de rua andando ali e eles aí um cara “vai olhar”. Baixou a arma e falou para o outro ir olhar e tinha um prédio que bate com número 143 o nome dela é esse aí ele colocaram na viatura, deram ré na rua, tocaram no apartamento, minha mãe, “pois não?”, “a senhora Rosa?”, “sim”, “me confirma o nome do seu filho, por favor”, “I.A.A.S.”, “ah tá bom, só pede para ele tomar cuidado”. Me liberaram, aí eu subi. Minha mãe não entendeu o que tinha acontecido, falei “ah, PM, tal.”

Entrevistador - Você entendeu?

I.A.A.S. - Não, eu entendi, eu entendi daquele momento, eu sempre entendi que tinha alguma coisa diferente.

Entrevistador - Qual a primeira vez que você sentiu que tinha alguma coisa diferente pela primeira?

I.A.A.S. - A primeira vez foi quando eu passei no colégio militar.

Entrevistador - Quantos anos você tinha?

I.A.A.S. - 10, provavelmente já sabia, eu tinha vivido coisa diferente, mas dessa vez, pela primeira vez que eu entendi foi essa, porque no Colégio Militar tinha um concurso, 17 alunos por vaga, na época era o terceiro Colégio em aprovação na UFMG, só que ele era de graça e tinha uma contribuição voluntária para associações de Pais e Mestres de 27 reais, então, tinha muita gente que fazia os filhos que estavam na sétima série voltar para quinta para dessa educação. E na escola que eu estudava o cara era um ex Coronel do exército que botava pilha pra galera tentar prova, e eu fiz, tinha aula à tarde, fizeram cursinho de manhã para preparar porque era muito importante o colégio terminava na quarta série, tinha 17 alunos na sala e eu fiz esse cursinho de manhã.

Entrevistador - Porque você fez?

I.A.A.S. - Porque todos meus amigos estavam fazendo.

Entrevistador - seu pai e sua mãe?

I.A.A.S. - Meu pai não queria que eu fizesse, meu pai odiava o exército não queria que eu fizesse de jeito nenhum, minha mãe falava “não é bom, escola boa e tal”, minha mãe tava mal de grana, sabia que o colégio era bom colégio e de graça, então uma boa conjuntura. Eu lembro que essa professora e a diretora chamaram minha mãe chorando na escola para falar que eu não ia passar. Eu não entendi porque eu sempre fui muito inteligente, eu sempre era o segundo da turma e falaram “o I.A.A.S. não tem maturidade, o I.A.A.S. quer ficar pulando, brincando, ele acha bonito fazer”, não me chamava de macaco, que nem a J.. falou que chamavam o irmão dela, “mas ele acha bonito ficar fazendo macaquice, peraltice na escola, ele acha bonito atrapalhar os outros” e falavam muito isso, que eu atrapalhava os outros. E quando eu passei, eu passei em primeiro lugar no concurso, a primeira coisa que falaram foi que eu tinha colado, que eu tinha feito para conseguir passar em primeiro e essa diretoria essa professora da frente todos os pais, elogiaram essa menina tem muito futuro, uma amiga

minha de Nicolle branca que passou em segundo e o Eduardo que é um amigo meu branco que passou em terceiro, amigos da época nunca mais vi, mas elogiaram o segundo e o terceiro falaram que eles eram inteligentes que eles eram espertos, que tinham um futuro brilhante, mas não falaram nada de mim, que passei em primeiro, foi a primeira noção de que tinha alguma coisa diferente, mas eu não sabia que era raça, meu pai nunca tinha conversado comigo.

Entrevistador - O que você sentiu quando você viu esse episódio, ver o segundo e terceiro elogiados?

I.A.A.S. - Me senti humilhado, me senti, eu sempre tive uma relação e por isso eu acho que a relação que meu pai mediu tanto, de provar que eu dava conta. Eu não entendi como eu já tinha provado que eu dava conta e não era suficiente. Então para mim, “então eu vou ter que ser melhor ainda”, só que que é melhor do que passar em primeiro?, eu não entendi, eu lembro de chorar. Lembro da minha mãe ficar triste, eu lembro do meu pai ficar muito revoltado, meu pai saiu da reunião e tal. Eu lembro que meu pai queria que eu escolhesse ir para o Colégio Americano, o sonho dele ia ter um filho que falava inglês e tal, mas pai eu não sei falar nada de inglês, nunca fiz curso de inglês, eu vou ser o mais burro da sala, porque eu tinha relação se eu tinha que estudar tinha que ser o mais inteligente, eu lembro que eu falava, todos os meus amigos vão para esse, esse lugar eu passei em primeiro, todo mundo diz que é bom e, se eu for nesse outro eu vou eu não vou saber nada, não vou nem saber estudar, não vou saber ler, não vou saber nada, não quero isso. Anos depois, meu pai falou, é, eu não conseguia falar para sua mãe, mas eu conheço Colégio Americano pelo pessoal da Embaixada dos Estados Unidos, lá tinha muitas pessoas negras. Eu achava que lá você ia ser mais um e eu tinha medo do outro lugar não ser.

Entrevistador - E essa humilhação? Você falou que se sentiu humilhado, mas o que essa humilhação te trouxe, naquele momento, de sentimento? Quando você se sente humilhado, o que você sente?

I.A.A.S. - Triste, sozinho, eu não entendi o que estava acontecendo, eu não sabia com quem falar o que falar para entender aquilo. E no momento eu me senti, isso foi ao longo da vida, numa posição que eu tinha que me virar, isso rolou, inclusive quando eu fui para o colégio militar por que o cabo-aluno que passa em primeiro tem que botar as outras crianças em forma, só que eu tinha 10 anos, de óculos, gordinho, nerd, e tinha crianças com 13, que estavam voltando porque o colégio era bom, eu apanhava todos os dias no colégio militar, todos dias, todos os dias.

Entrevistador - Apanhava de quem?

I.A.A.S. - Dos alunos assim, dos colegas, dos sargentos e tal eram xingamentos, mas normalmente não era nada físico.

Entrevistador - Como é que era esse apanhar?

I.A.A.S. - Tapa na cabeça, me prender em armário, jogar xixi em mim, pisar no pé, empurrar da escada umas coisas assim.

Entrevistador - Como você lidava com isso?

I.A.A.S. - A primeira vez que eu cheguei em casa, eu falei que alguma coisa aconteceu meu pai disse que seu apanhasse na rua ia apanhar mais em casa, que eu acho que é o que ele ouvia. E aí eu entendi que teria que me virar, eu acho que meu signo, depois eu entender que tem negritude e outras coisas, mas o meu o meu aprendizado ali foi “você tá sozinho, você precisa da conta”.

Entrevistador - E como é que você dava conta?

I.A.A.S. - Eu tentei suicídio duas vezes com 10 anos, eu cortei meus pulsos e eu tentei pular de um lugar alto que a gente morava assim parapeito da janela que morava no primeiro andar. Na época pessoa que trabalhava em casa, Geralda que arrumava, passava roupa, que para mim ela era uma segunda mãe, meus pais estavam fora o dia inteiro, virou um segredo nosso, ela ajudou a fazer os curativos ela me viu quando eu subi no para peito e não falava nada assim, ela só preocupava para saber se eu tava bem, tentava conversar comigo. Eu parei de estudar, foi a primeira reação, eu não posso deprimir de novo, até hoje eu tenho dificuldade de sentar e ler algo até o fim, concentrado assim, eu parei, tenho muita facilidade de ouvir as pessoas, o que estão falando, muita facilidade de aprender informações curtas e juntar, mas tenho muita dificuldade de concentração e medo do que pode acontecer quando, ah coisa que eu fui ver em terapia que eu depois fui procurado lugares de destaque mas não de tanto destaque tipo, quero ser o segundo terceiro quero tá no topo, mas não quero ser o primeiro. Acho que foi esse o lugar da solidão pra entender que eu chorava sozinho, comecei a beber muito cedo comecei a beber com 12 para 13 anos, eu fui entendendo como funcionava, assim, se meu pai chegava em casa 7 horas da noite, eu entendia que o que acontecia entre meio-dia, que a hora que eu saio da escola e sete da noite ninguém sabia e ninguém precisa ficar sabendo. A hora que comecei a ficar mais descompensado, fazer coisas diferentes.

Entrevistador - Qual é a primeira lembrança sua de racismo que você identificou assim, “eu to sendo tratado dessa forma por causa da minha cor”, ao precisa formular assim, mas que você falou “por, isso tem a ver com a minha origem, com a minha cor, com o meu cabelo”?

I.A.A.S. - Mas de eu saber naquela época, ou de olhar hoje?

Entrevistador - Naquela época.

I.A.A.S. - A primeira foi a violência policial, foi a primeira vez que eu entendi que eu que, eu tinha amigos do bairro, mas nenhum era da minha cor, ninguém tinha meu cabelo, naquela época, foi a primeira vez que eu entendi que estava mais perto dos meninos de rua do que dos outros e aí eu fui entender porque, e na minha cabeça a única coisa que explicava era isso, porque aí, porque aí eu já era chamado de Moreninho, mulatinho então aí eu fui entender isso.

Entrevistador - Mulatinho, Moreninho, como você entendia isso na época?

I.A.A.S. - Ah, parecia afetuoso, até porque a família da minha mãe fala, família branca falava, meu vô minha vó, “meu neto moreninho, meu neto mulatinho”, então achava que...

Entrevistador - Que outras experiências racistas você lembra?

I.A.A.S. - Essa é a primeira que eu vivi, que eu sabia. Acho que muita coisa do que aconteceu depois, fui eu entender coisas que eu tinha vivido antes e que eram, por exemplo, eu nunca

tive nenhuma namoradinha na escola, nunca, eu só fui ficar com alguém da minha sala, da escola na faculdade. Eu lembro que aos 7 anos entrou uma menina negra retinta na minha escola e todo mundo falava que ela era minha namorada e eu não entendi porque eu não gostava da menina, eu gostava de jogar bola, hoje eu entendo, para aquele ambiente aquela era a única possibilidade, depois com uns 9, 10 anos que eu comecei a achar que meninas podem ser interessante, era aquela que eu tinha que olhar e não as outras, isso eu entendo como uma experiência de raça que eu vivi, mas só entendi depois.

Entrevistador - Então fala assim, quando você entendeu que era negro. Como isso aconteceu?

I.A.A.S. - A primeira vez que eu tive essa noção de que era ser negro foi essa da PM, mas eu não sabia o que significava ser negro.

Entrevistador - E o que significava?

I.A.A.S. - Eu fui, eu acho que essa é uma construção que ainda é mais recente assim, mas já talvez próximo do relacionamento com a J.. que é um relacionamento de 7 anos atrás, 27 anos, que até esse lugar eu entendia que era negro, entendia que isso significava ser diferente dos colegas brancos outras pessoas que estavam ao redor, mas eu tinha aquela mentalidade que eu acho que é a mentalidade que meu pai tentou embutir em mim que é quase “raça não importa, cor não importa, se você trabalhar bastante, estudar bastante, eles não vão poder fazer nada com você”. Essa era visão do meu pai em relação a isso e, depois eu fui entender que o lugar que ele me cobrava dos estudos tinha a ver com isso, depois eu fui ouvir ele falando, “ah minha educação ninguém tira de mim, o que eu sei ninguém tira de mim”, fui ter essas compreensões bem depois, assim, tipo, na faculdade já sabia que eu era negro, no médio já sabia, já me identificava mais com os colegas negros ou com, quase não tinha em alguns espaços, mas sei lá, meu primeiro show dos Racionais eu devia ter uns 15 anos, 16 anos e, ver meus primos brancos com medo de entrar eu me sentir bem no espaço sabia que tinha a ver com raça, mas eu acho que não tinha uma compreensão da dimensão, não tinha dimensão que raça vinha antes de classe ou que raça informava classe, eu não tinha essa dimensão só fui ter essa dimensão depois, eu só fui de dimensão, por exemplo, quando eu vim para São Paulo, tem uma coisa interessante que eu vim num evento de jornalismo, que tem trainee do Brasil inteiro e nessa edição tinham 90 pessoas que foram selecionadas, e tinham 5 intercambistas de Angola que vieram, os intercambistas de Angola me procurar para conversar, que eu era tipo um ponto de contato para eles como esses outros 89, esses outros 88, tinha mais uma pessoa também, negra, uma menina, e eu entendia porquê, mas eu achava, tá mas se a gente estudar, a gente souber, eles não vão poder falar nada e eu acho que é a primeira vez que eu fui, que eu tive lidar, que a negritude entrava antes de mim, já foi trabalhando, tive dificuldade para arrumar emprego, trabalho, mesmo como trainee eu fui o último da turma a ter uma vaga fixa, mas eu não entendia que raça podia ter a ver com isso, achava “ah cara, não rolou”, eu não quis, eu achava, eu vivia muito num lugar autônomo, tinha as vagas da veja e exame, eu não queria trabalhar na veja e na exame, achava que eu não queria, que isso tinha a ver comigo, até que eu tive um chefe, eu estava 2 anos na Abril, já tinha mudado de área, um chefe que... Eu fui para uma revista chamada Alfa, esse cara chegou depois de mim, tinha tido um caso de assédio de um ex-chefe, um ex-diretor de

redação pegou a mão de uma menina colocou no pênis dele deu vários bafafá, de repente essa revista, de 12 pessoas da entrevista agora tinha 3, e me chamaram como freelance para tampar o espaço, e esse cara chegou depois como diretor redação, ele já me conhecia, porque ele era diretor de redação da Superinteressante, já tinha feito "freelance" para ele, e ele falou "não, I., você é ponta firme, você é bom, eu não tenho vaga para contratar", tava como freelancer, não tava fixo, não tava com clt, "eu não tenho vaga para contratar alguém agora, mas assim que eu tiver é sua", tinha uma menina loira, de olho claro que tava contratada como repórter, e um editor e uma redatora chefe. Um mês, nada, 2 meses, nada, 3 meses, nada, 4 meses, todo mês eu perguntava, "ah vai ser no próximo, no próximo", quarto mês, ele foi e contratou três pessoas, três editores. Meu salário de entrada, na época, seria por volta de 3 e meio, no máximo 4 mil reais, ele contratou três pessoas todas ganhando acima de R\$ 10.000,00, falei "tem alguma coisa estranha", "ah não é que as vagas de editor são mais difíceis de conseguir do que a de repórter, eu precisei contratar essas pessoas, mas você vem no mês que vem", beleza, aí eu sugeri o Lázaro Ramos na capa da revista que ia ser o primeiro protagonista negro de uma novela tal, ele falou, "me desculpe I.A.A.S., desculpa falar assim, mas preto não compra revista, preto não vende, preto na capa não vende porque preto não compra revista". Eu não entendi porque ele falou "desculpe I...", porque eu tinha uma compreensão de que era jornalista igual a todo mundo ali, na época eu tinha uma namorada Branca, mas que é de Salvador, que é um lugar muito negro, eu contei isso para ela, ela disse, "tem coisa aí, olha para isso", eu disse "será?", "cara, S... não vai promover um cara negro, ele tem problemas com você, ele diz uma coisa e faz outra testa", no mês seguinte eu tava com a capa da revista, entrevista com Messi, eu tava entregando tinha 60, 70 páginas editoriais, eu tava entregando 25 páginas editorial aquele mês, fora a capa, ou seja, tinha uma repórter 3 editores, eu tava entregando mais de um terço da revista, eu falei "Sergio, estou fazendo a capa, to entregando 1/3 da revista, eu preciso da vaga", ele "ah, não dá, foram congeladas, não tem como, mas amanhã eu te faço uma proposta você volta aqui", eu fiquei triste, mas voltei, ele virou para mim falou "então, tenho uma proposta sim, então você é bom, mas ainda tem muita coisa para aprender eu vou te fazer uma proposta, você não precisa vir mais todo dia aqui, pode vir uma vez por essa semana e tal, mas você me garante que você vai entregar essas 25 páginas todo mês e eu vou te pagar 2500", na época eu ganhava 3500 como freelance, ele fez uma proposta para eu ganhar menos entregando mais, eu queria dar um soco nele nesse dia, eu desci chorando, minha ex trabalhava na editora abril, vários amigos trabalham na editora Abril, e aí eu lembro dela falando bem claramente, "Ise, tem coisas que vem antes de você", e era uma época que eu raspava o cabelo de 15 em 15 dias eu tentava navegar passabilidade de ter a pele mais clara achando que eu conseguia me, apesar do nariz, apesar da boca, apesar da história, eu achava que eu ia conseguir pertencer, assim, esse foi o dia que eu descobri que algumas coisas atravessam a porta antes de eu chegar.

Entrevistador - O que você sentiu?

I.A.A.S. - De novo humilhação e de novo me senti muito sozinho, porque eu falei, "cara, eu não posso subir dar um soco nesse cara", eu já tinha noção de que tinha tido vários episódios de violência policial, então eu sabia, se eu der um soco no cara de um cara branco, diretor da empresa, eu saio preso, ele não.

Entrevistador - Porque a gente sente vontade de dar um soco na pessoa?

I.A.A.S. - Porque palavra não dava conta, e eu não achava que ia ter escuta também, eu não tinha RH para falar, eu não tinha pessoas para falar, eu não tinha, eu queria dar um soco porque era o jeito de descarregar tudo que eu tava sentindo.

Entrevistador - O que você estava sentindo?

IASS - Eu tremia, eu chorava, eu me senti humilhado, frustrado, sentia que não importa que eu fizesse eu ia ser sempre tratado de um jeito injusto, não importa, eu tava fazendo uma capa com um cara que não dá entrevista para ninguém, que é o Messi, tinha conseguido uma coisa que supostamente, a gente é celebrado e ganha prêmio por fazer isso, e não foi suficiente, e eu aprendi que nunca seria suficiente ali. Ao mesmo tempo, por conta dessas experiências anteriores, a noção de que eu estava sozinho que eu precisava me virar então o que eu fiz na verdade, depois de 2 horas embaixo, eu subi, eu fechei minhas, minhas coisas e decidi que eu ia embora, no que decidi que ia embora, eu recebi uma mensagem no e-mail do Guilherme do meu ex-chefe no papo de homem, um lugar que eu fui trabalhar depois, "I.A.A.S., você lembra que a gente conversou a 2 anos atrás? Tem uma possibilidade aqui, você quer conversar?", eu falei, "pode ser amanhã?", "pode ser, que horas você pode?", eu falei, "9h da manhã". Fui lá, fiz a entrevista, já aceitei o emprego, já cheguei à tarde dizendo "não trabalho mais aqui", não consegui falar "não trabalho mais aqui com você, seu racista", só falei "não trabalho mais aqui tem outra outra coisa vou entregar as últimas páginas, tô saindo". Em geral é a maneira como eu lido com as coisas, tentar pensar estrategicamente como organizar, fugir, não depender das pessoas, e tentar trazer para o meu corpo, para minha cabeça, dar conta, criar alternativas que dá estratégias para lidar com as coisas.

Entrevistador - Como você define o racismo?

I.A.A.S. - Como parte minha ou socialmente?

Entrevistador - Como você define o racismo?

I.A.A.S. - Para mim é uma, é difícil falar invenção, mas é uma invenção para subalternizar pessoas, grupos, culturas em função de outras para benefício de quem tá em posições de poder e que usa raça, como, raça, cultura que vem junto com a raça e tudo mais, mas como desculpa para essa desumanização, é um processo de desumanização por meio de uma categoria, pigmentocracia digamos assim, porque, é aí pensando historicamente com contexto, para mim diz muito a respeito quando eu penso que já existiam trocas entre as populações do que a gente conhece hoje, como Europa e a população do que a gente conhece hoje como África para se dizer que a gente não tinha alma que a gente não servia para coisa, já tinham relações comerciais, trocas, aprendizados, então essa desumanização serviu algo e alguém. A gente sabe que teve uma lógica capitalista, colonialista, mercantilista, o que eu acho muito doido é que é uma invenção tão poderosa que ela não aparece mas ter sido inventada ou criada, não parece que ela tem um ponto de início em 1492 e afins, parece que é dado, né? Parece que algo ganhado na resistência desde que o mundo é mundo e, eu sinto dessa maneira como se fosse isso, tipo, um constante processo de subalternização que não importa o que você faça nunca vai ser bastante, nunca vai ser suficiente, essa divisão em grupos em características biológicas ou culturais é parte disso, em compensação acho que

também gera o processo de pertencimento, né? Tipo quem é humilhado, quem é segmentado, quem é subalternizado, no meu caso, isso foi lá para trás, eu vivi um processo de embranquecimento da família, não só do meu pai casar com mulher branca, mas de achar que a ascensão social garantiria refúgio a noção de raça e, essa é uma experiência que eu só fui entender depois que não me blindava de nada, eu perguntei para o meu pai, “porque você acha que essas coisas que acontecem comigo nunca aconteceram com você?” porque quando a gente tava conversando, ele me contou de várias coisas que ele viveu, e aí ele chorando me disse, “porque eu nunca te ensinei abaixar a cabeça, eu sei que eu te ensinei a ser o que estudava mais, o melhor que você podia ser, mas eu nunca ensinei que para sobreviver, você tinha que abaixar a cabeça para aguentar algumas coisas, então eu vivi aprendendo a aguentar calado sozinho”, ele falou, “porque isso é sobrevivência da minha mãe da minha família e eu não tinha que querer estar nesses lugares que você está e para você eu ensinei como se você merecesse tá, como se aquele lugar pudesse ser seu, apesar de qualquer coisa”, foi engraçado ouvir isso do meu pai falando “eu não te ensinei abaixar a cabeça, eu te ensinei a deixar ela de pé”, porque ao mesmo tempo que isso é muito foda e uma coisa que eu agradeço muito, esse foi o diagnóstico dele porque que eu fui sofreram violências dias de maneiras que ele mesmo sofreu, apesar de ter sido mais escuro com menos estrutura familiar. É claro que hoje eu entendo que isso tem a ver também com o fato de eu tá em cubos mais brancos do que ele jamais esteve, ele foi criado no centro de uma família negra com pessoas negras, em bairros negros em boa parte da vida, eu fui esse laboratório de ser o negro unico em algumas ambientes e tal.

Entrevistador - Mas você consegue perceber que você de certa forma revive o destino dele?

I.A.A.S. - Super, é uma das coisas que eu levo para terapia.

Entrevistador - Você conhece essa imagem?

I.A.A.S. - Sim, a Redenção de Cam.

Entrevistador - O que ela significa?

I.A.A.S. - Eu sou essa aqui ó [Aponta a negra (parda) mãe da criança] Cam aqui tá representando, essa versão, a escravizada tá agradecendo aos céus pela graça alcançada que nesse caso já é a filha mais clara, mais branca e a terceira geração sendo completamente branca. Claro que foram, já tem estudado isso, eu sei que Modesto Brocos pintou isso no contexto dessa teoria, né, de tornar a sociedade brasileira Brasil branca em até 3 gerações, os imigrantes, que tão representada por esse cara aqui sentado, tem várias coisas, né? Tem, a Cam, a representação de Cam aqui, ela tá descalça, o outro tá sentado no pose civilizada, calçado, nem tomou conhecimento dessa senhora ali, a filha tá ali, entre os dois mundos com neta no colo, eu me sinto a filha de Cam nessa imagem.

Entrevistador - Pela sua fala você compreende então que esse foi um processo pensado socialmente, né?

I.A.A.S. - Sim.

Entrevistador - Hoje você entende também que os livros didáticos, as televisões, as novelas, elas também tinham objetivo de humilhar, desumanizar, você falou que você passou sua

infância, adolescência, não olhando pra isso né, como você se sente hoje compreendo tudo isso, compreendendo que havia um processo no qual a sociedade que queria que você não existisse, ou que a sua descendência fosse apagada, como é que você...?

I.A.A.S. - É um dos lugares que eu encontro pertencimento quando eu penso por exemplo no MNU e nas decisões de tornar politicamente a compreensão de pessoas pardas são pessoas negras no Brasil junto com as pessoas pretas, é um dos lugares que eu entendo assim, para mim identificar com uma pessoa negra hoje no Brasil é falar “você não conseguiram o que vocês tentaram, vocês fizeram lei de terras, trouxeram os imigrantes brancos, vocês tentaram para um caralho, mas a gente combinou de não deixar, a gente tá combinando de não morrer”, como como diz a Conceição, mas não só não morrer fisicamente, não morrer subjetivamente, não morrer simbolicamente, para mim deixar meu cabelo crescer, já uso black power uns oito, nove, dez anos foi um grande processo de pertencimento, foi uma das coisas que me fez deixar de me sentir tão sozinho, por exemplo, não tem como ter o cabelo passar, na rua em uma pessoa negra, não importa se mais retinta outras coisas, não olhar para mim e não fazer um balançar de cabeça, de falar “tô te vendo”. É um processo de visibilização, é o processo inverso disso, de me deixar, é isso, planejaram uma coisa para mim, eu tô rompendo o planejado, eu não estou deixando não. E isso se manifesta em várias coisas, inclusive na minha profissão como jornalista e agora trabalhando com marketing boa parte das escolhas que eu faço tem a ver com romper com as histórias únicas.

Entrevistador - Antes de você falar um pouco mais sobre esse cotidiano, você conhece essa imagem? [Mãe Preta, do pintor Lucílio de Albuquerque].

I.A.A.S. - Sim, a minha compreensão da sociedade que a gente vive, é que no Brasil, por conta desse projeto bem sucedido de racismo, a gente vive numa sociedade que aguenta genocídio apartheid e a figura da mãe preta, de uma maneira pacífica ou mais pacífica do que em outros lugares, é pensar que a gente olha para experiência do Apartheid na África do Sul, você está com a camisa do Mandela, como se fosse uma coisa que só acontece se lá e a gente não reparar aqui da ponte para cá é da ponte pra lá é outra. Eu acho que essa imagem representa muito da naturalização, de absurdos que a gente vive, revive e continua neles até hoje, organizados pelo racismo na sociedade pela posição disse como algo, como pilar estruturante da sociedade, é pensar, tipo, quando eu vejo, para mim é um lugar difícil, chega até ser engraçado por um lado, e dá raiva de uma outra maneira por outro, quando eu penso assim nesse lugar, eu lembro muito da figura da minha avó das minhas tias.

Minha avó deu uma filha pra uma família branca quando ela tinha 11 anos, tia Nilza, foi para o Rio e, essa tia ficou lá 4, 5 anos voltou e é uma questão muito dolorido na família até hoje minha tia mais velha Geralda que criou meu pai meu pai, meu pai odeia o José Alencar, ex vice-presidente do Lula por conta disso, minha tia disse que era outro José Alencar, minha avó foi buscar essa tia na casa da família, minha tia tinha 10, 9 anos, porque eu não vi, ela deixou ir para ser cuidadora de crianças menores da família do Zé Alencar, minha avó soube por uma vizinha aqui trabalhava na casa do lado que minha tia tava comendo coisa do lixo, ou que só comia se sobrasse no trato das crianças e minha vó foi lá tirou minha tia de lá e falou que se fosse pra passar fome junto com com ela e com a família do que com outras coisas. Essa figura, esse quadro para mim é engraçado porque parece longe do lugar que eu

tô hoje, mas não tem nem uma geração, é algo similar aqui minha família vivia e, minhas tias, as minhas tias mais velhas decidiram não ter filhos e várias delas falam “eu não queria cuidar do filho dos outros enquanto os meus não estavam cuidados”

Entrevistador - O que acontece com essa criança negra nesse quadro?

I.A.A.S. - Desamparo, abandono, solidão, ela tá desassistida né, a minha mãe, tá tendo que amamentar uma criança branca, a criança negra ao mesmo tempo tá olhando para mãe, a mãe tá olhando para ela tá sendo vista, então ela tá sendo abandonada, mas fisicamente, fisicamente, não de amparo, não de visualização, não de desconhecimento, como se essa fosse, muito provavelmente essa mulher tava numa posição tem que fazer essa escolha ou aguentar essa escolha a qual ela foi submetida, para criança tivesse condições melhores fosse menos subjugada, por exemplo, muitas vezes, é isso aconteceu na minha família também, ao invés dessa criança estar na senzala, ou tá no lugar, ela tava dentro da casa, “ah, se eu amamentar o filho do patrão, meu filho vai estar junto aqui”, essas são coisas que na minha família reinam um silêncio, mas essas coisas que eu já ouvi assim em trocas entre algumas pessoas da família mais velhas, quando acham que ninguém tá olhando sabe uma coisa do tipo “eu tava naquela casa, mas pelo menos lá a gente podia fazer comida e levar para casa para dar para eu conseguir fazer a marmita e fazer tal coisa.

Entrevistador - Você falou em alguns momentos que você se sentiu sozinho. Qual a relação que você estabelece entre o se sentir sozinho e essa realidade da sua ancestralidade?

I.A.A.S. - Engraçado, né? Porque assim eu não me sinto, quando eu vou olhar esse sozinho, talvez não seja sozinho, talvez seja solitário, porque eu nunca estive ao Deus dará, eu sempre estive amparado, sempre estive em um ambiente mais seguro que minha família conseguia proporcionar para mim, que talvez esse seja o ambiente mais seguro que ela consegue proporcionar, mas ao mesmo tempo é como se oferecido às condições, mas é que eu não tenho mais o que fazer eu não consigo além e você precisa se virar também. Então essa criança aqui vai ter que desmamar da outra que está sendo amamentada, essa criança aqui vai ter que aprender a se alimentar antes, a andar antes, fazer um monte de coisa antes e por conta própria ou dentro do ambiente que não seria o ideal, eu acho que essa relação que eu consigo fazer assim, eu gostaria de ter tido, mais amparo, ou mais guiança, mais acolhimento talvez, porque acho que talvez essa criança esteja desacolhida nessa proporção, mas acolhida em outros tantos. Acho que essa é a relação consigo fazer porque quando eu olho isso daqui eu consigo dizer que meu pai nunca tirou o olho de mim, minha mãe nunca tirou o olho de mim, podiam não ver tudo que está acontecendo, mas nunca tiraram o olho de mim dentro das coisas que eles conseguiram enxergar e ver. Dentro das escolhas que eles puderam fazer, dentro das condições que tiveram.

Entrevistador - Nem quando você não tava vendo né? Você trouxe o relato do seu pai na quadra de futebol.

I.A.A.S. - Sim.

Entrevistador - Agora, você falou de raiva, né? Quando você olha essas imagens aí, se você pudesse falar, dar uma resposta histórica para isso que você falaria?

I.A.A.S. - Pras imagens, pra história?

Entrevistador - Pra história.

I.A.A.S. - Não consigo não pensar que tem, é mais do que uma dívida social, reparação histórica desejável, necessária, eu acho que tem um nível de, o que fica evidente pra mim, não existe pessoa negra no Brasil que não precisa lidar com os impactos e efeitos do processo de escravidão, gerou e, não existe pessoa branca no Brasil que não se beneficie dos impactos e das coisas que esse mesmo processo gerou. Eu sinto muita raiva, tem uma música no disco novo do Baco que começa, a primeira frase que fala “eu sinto tanta raiva que amar parece errado” eu tenho muita dificuldade de lidar com meus sentimentos, normalmente eu seguro, eu tento que aguentar o tranco e tal, quando eu vejo essas coisas, tem um instinto de ódio, de raiva, da vontade esfregar essas pinturas, esses quadros na cara de muita gente, não só do ponto de vista individual, mas muitas instituições de muitas coisas que se beneficiaram disso. Por outro lado, tem um lugar de quem entende que não tem como você ganhar um lugar de poder na força bruta na raiva, o que as duas estão fazendo ali embora, apesar de um de uma leitura branca, são lugares estratégicos para a sobrevivência das pessoas negras, lidar com o que tinha, fazer o melhor do que tinha com aquelas possibilidades de coisas nesse sentido também, sinto uma puta responsabilidade de fazer a mesma coisa.

Entrevistador - Como é que se lida, conta para mim aí, como que você no seu cotidiano você lida primeiro descrevendo as práticas racistas que você identifica aí pode ser com você, mas pode ser também com outras pessoas. Me descreve primeiro como você identifica e depois como é que você lida com isso olhando para essa responsabilidade da sobrevivência e quem é você.

I.A.A.S. - No jornalismo a gente brinca que quem é jornalista vê pauta em qualquer lugar, né? Passa um carro, quebra uma coisa tudo é pauta. Eu entendo que com raça rola uma coisa do de quando você entende, você passa ver o mundo com uma lente e não tem mais como dever então não sei se tem um lugar como eu identifico, tá em tudo é só olhar o suficiente, com atenção suficiente, às vezes até sem precisar de atenção para entender que tem componentes ali que pode ser entrar no restaurante e não ver ninguém como eu, pode ser entrar no meu trabalho entender que eu só fui contratado para posição que eu tô hoje porque foi uma vaga que eles consideram afirmativa precisava ser contratada uma pessoa negra pra esse lugar, pode ser entender que no colégio do meu filho esta as crianças puxam meu cabelo quando tava no parque quando tava fazendo a adaptação dele, tudo tem raça, tudo tem, então para notícias ver quem morre na pandemia, quem passa fome, quem é desempregado, ver na minha família quem eu preciso ajudar, eu não sei se tem um jeito é, uma lente assim, eu não sei se tem uma maneira que eu identifico as coisas, eu acho que é uma lente que perpassa todas as coisas não tem mais como desver os impactos disso e o que eu faço sim, eu acho que tem dois cantos. Tem o canto das minhas subjetividade e tem o campo das ações políticas e públicas nesse sentido nas minhas subjetividades é o meu relacionamento é a coisa que mais me ajuda nesse campo, porque eu sou filho de um pai negro mãe branca, um filho negro de pele clara e depois de me relacionar com várias pessoas brancas, eu tenho um relacionamento com uma mulher negra também de pele clara, também filha de um relacionamento interracial, no caso dela o pai branco espanhol com uma mulher negra e o

nosso relacionamento é um dos principais locais de construção, não só das informações sobre o impacto de raça, de onde vêm como vem, como também de acolhimento assim, foi uma das primeiras vezes que eu entendi que eu não estava sozinho. Tudo que ela passou, tudo que eu passei, o tanto de relações que existem em cima de similitude e tal foi tipo meu Deus, isso dá um colo, né da gente saber que não passou, não tá passando por isso sozinhos. Eu objetivamente, eu acho que tem uma lógica e aí é muito maneira como eu lido com o mundo, eu recebo essas coisas eu tento organizar ela dentro de mim e fazer tudo que eu posso todos os campos que eu tô mentindo então, eu queria um instituto, o instituto de defesa da população negra, eu sempre tive para mim essa coisa né, meu tio foi assassinado por policiais, o I.A.A.S., tinha meu nome, eu só fui entender algumas coisas sobre a história dele sobre as outras coisas, já mais velho e o impacto que isso teve na minha família né? Minha avó, uma família que quase não tinha comida, botava prato de comida do meu tio na mesa por dois anos seguidos com meu pai com 6, 7 anos. Meu pai decidiu policial, uma das coisas que ele queria saber era quem matou o irmão dele, descobriu que o cara se você superintendente da Polícia Civil de Minas, descobrir porque que meu tio foi morto, tem um cara de Minas, Estado de Minas chamado antonio luciano, o cara foi duas vezes deputado federal, esse cara era amigo de JK, esse cara era dono de um banco chamado Financial, ele tá retratado no Hilda Furacão livro como um cara que comprava a virgindade de várias meninas, que que ele fazia, ele emprestava dinheiro a juros exorbitantes para várias famílias, quando a família não tinha condições de pagar, ele pegava a primeira filha, primeira noite da filha dos caras, com 12, 13 anos, pegava tudo e esse cara, pra você ter noção, quando ele morreu ele tinha 36 filhos conhecidos e deixou uma fortuna dele o espólio dividido em 56. Quando eu fui ver a justiça de minas, mais de 60 e poucas pessoas com direito a espólio, esse cara teve filha com a própria filha. O meu tio, ele tinha 3 empregos e o primeiro era na vaquinha leiteira, meu pai ajudava ele que tava gritando “olha o Leite” ele entregava na zona sul de Belo Horizonte no interior de Moraes e, meu tio teve um caso com a terceira favorita dele, eu só fui descobrir isso bem depois, mas aí descobriram que meu tio tava tendo um caso e mataram meu tio. Minha vó ficou dias sem saber onde tava meu tio, o que tinha acontecido até que teve uma notícia do jornal tinha achado um corpo numa num ralo num bairro afastado e que dois dias depois uma vizinha tinha achado uma jaqueta jeans com os documentos, minha vó já tinha ido no IML com meu pai que era a criança mais nova, não tinha reconhecido o corpo como mostrar para chegar do nada, ela foi e achou essa vizinha que tava jaqueta jeans do meu tio que depois descobri que meu tio falou que ele que comprou porque tinha sido promovido no trabalho, depois eu descobri que quem tinha dado a jaqueta jeans era a amante ne. Meu pai tava com a minha vó no IML quando minha vó reconheceu o corpo do I.A.A.S., depois mais tarde eu fui ter esse amigo, Joel, que é periférico advogado, Jacarezinho Rio eu conversava muito com ele sobre violência policial sobre coisas que não davam mais e aí quando teve Jorge Floyd a branquitude começou a querer ter aula de raça me chamaram para da umas palestras, eu falei “cara, não posso falar sobre raça com essas pessoas, essa violência não fazer nada”, aí eu liguei para o Joel e perguntei “meu irmão...

I.A.A.S. - Quanto você ganha por mês? Quanto você precisa pagar de pensão para os filhos e como eu posso ajudar para você atender mais os nossos? Eu Fiz um acordo com ele que eu ia fazer todo dinheiro que eu conseguisse de palestra de raça dava para ele para ele poder

trabalhar sem precisar cobrar das pessoas, aí isso virou um instituto, que foi o Instituto de Defesa da População Negra que já tem 10 pessoas trabalhando fixas no Rio e tá com planejamento de expansão que a gente treina advogados e advogadas para defender pessoas negras gratuitamente no Rio, então eles tiram pessoas reconhecidas, com reconhecimento fotográfico, enfim, foto de quando o cara de 14 anos atrás para reconhecer aos 25, gente preso injustamente tá em cima das coisas objetivas que eu faço, mas essa nem é a minha profissão.

ENTREVISTADA 03 - J.D.P.C.P., 32 anos, educadora e coordenadora pedagógica.

Paulo - Então, qual o seu nome, idade, profissão.

J.D.P.C.P. - J.D.P.C.P., tenho 32 anos e sou educadora.

Paulo - Você autoriza o uso da sua imagem, som para pesquisa de doutorado a descolonização do inconsciente de Paulo Edison de Oliveira?

J.D.P.C.P. - Sim.

Paulo - Muito bem, a gente vai começar agora essa primeira fase, é uma fase onde eu quero que você conte a sua história onde você nasceu, como é que era a sua família o que você lembra? Como é que era sua infância...

J.D.P.C.P. - Eu nasci em São Paulo, sou filha de uma mãe preta de Guaratinguetá e de um pai branco, espanhol e, isso tem muito a ver com como foi a minha infância porque a minha infância foi entre a casa da vó Cida na Vila Carrão que era a casa em que a minha mãe cresceu quando a família veio de Guará e as casas que meu pai escolhia viver em bairros centrais, então primeiro em Alto de Pinheiros, depois um apartamento no Morumbi e depois da Granja Julieta. E a vida toda foi entre esses dois esses dois espaços, né? Eu tenho dois irmãos por parte de mãe e pai, a Júlia que é mais nova, Júlio César que é um pouquinho mais velho que eu, só um ano, sempre achavam, o que eu e o Júlio César éramos gêmeos porque a gente é muito parecido e a gente tinha mesma estatura tal e a gente brincava muito junto e eu lembro muito das festa na casa da vó Cida, lá no Carrão que estavam sempre meus tios, meu padrinho, as primas, tinham muitos vizinhos também, que participaram do churrasco, minha mãe e meu pai estavam sempre presente também, às vezes meu pai chegava só depois, assim só pro fim da festa e minha mãe que levava a gente. Essa casa, ela tinha um quintal interno e uma escada que dava para uma área de varal e caixa d'água e era onde a gente mais gostava de subir para ficar brincando assim, nesse quintal, então os adultos ficavam mais embaixo fazendo churrasco, bebendo, ouvindo música e as crianças subiam a gente jogar bola, inventar umas brincadeiras lá, nessa área do varal que era um varal preso com bambu e aí o bambu escorregava isso acabava, enfim, fazendo parte da brincadeira. Morava junto com a vó Cida, minha tia Isa que nunca se casou, que é uma das irmãs mais velhas da minha mãe, também educadora, uma educadora informal, mas que sempre tava recebendo as crianças, desde que ela é novinha eles moravam naquela casa, né? Desde que vieram de Guará, as minhas tias e minha mãe eram crianças. Meu tio, inclusive, meu padrinho nasceu naquela casa e a minha tia recebia sempre grupinho de criança em casa então as vizinhas, deixavam as crianças com ela e ela cantava várias músicas, a tia Isa. E a tia Beth que é a mais velha, né, das irmãs, das que estão vivas, morava também com a vó Cida, porque ela também, assim com minha mãe, casou com homem branco, só que deu muito errado essa relação e ela precisou voltar para casa da mãe, então morava a Vo Cida, a tia Beth e a tia Isa nessa casa. E muitas vezes eu passava o fim de semana lá, então meus pais deixavam a gente lá na sexta buscavam no domingo, nas férias para gente passava muita semana lá e é uma memória muito importante na minha infância porque a gente além de ter muito afeto na casa da vó Cida, acordava e avó sempre preparava um leite lá com Toddy, acordava cedo e ficava vendo os programas de viola, Viola Minha Viola com a vó e com a tia

Isa deitada no sofá, depois ajudava nas coisas da casa. E aí eu gostava muito de lá porque a gente tinha uma liberdade porque a gente pegava os trocadinhos que a avó dava para gente e ia numa loja de 99 ia na padaria e andava pelo bairro, experiência que eu não tinha, por exemplo quando eu tava no dia a dia da minha casa, eu estudava no colégio que era em tempo integral, condomínio fechado que era uma experiência em que eu me sentia sempre mais restringida e na casa da vó Cida era uma experiência sempre de mais felicidades isso eu lembro bastante da minha infância.

Paulo - Como é que era sua relação com a sua mãe?

J.D.P.C.P. - Então, a relação com a minha mãe, pensando nessa primeira infância assim, até uns 6, 7 anos, eu tinha uma relação com minha mãe que eu achava minha mãe a mulher mais linda do mundo, ainda acho, mas eu tinha uma coisa assim, ela realmente era uma mulher bonita as pessoas elogiavam muito ela e minha mãe gostava muito de se vestir com coisas coloridas, gosta ainda, até hoje, mas ela era muito ligada assim a moda, estética. Desde novinha ela olhava nas revistas os modelos que ela queria, pedia para a costureira do bairro, a mãe de uma amiga dela, mãe da Lili fazer os modelos. Então ela era uma pessoa que buscava se embelezar bastante, eu me lembro que eu via minha mãe se embelezando bastante e eu admirava muito, eu achava ela a mulher mais bonita. Só que teve uma situação que marcou muito a minha relação com minha mãe e, ela fala disso até hoje a gente já voltou nesse ponto várias vezes, eu era muito nova e eu acho que acabou marcando a relação com a minha mãe de muitas formas. Eu estudava num colégio espanhol, fui colocada para estudar lá com seis anos e, eu era a única menina negra da sala de aula e minha mãe que me levava para escola e eu lembro de uma certa ocasião que tinha Dia das Mães e tinha que fazer um cartão para mãe, e aí e aí as professoras deram várias revistas, a gente fazia várias atividades com revista, de recorte, e falaram que tinha que procurar alguma imagem daquela revista para enfeitar esse cartão, eu lembro que eu ficava procurando alguma imagem que se parece com minha mãe naquela revista, ficava muito angustiada e não queria fazer a atividade, eu era uma criança mais retraída, me chamavam muito muito meus pais na escola nesse tempo, assim, para perguntar se tava tudo bem, porque eu era muito quieta, porque eu isolava muito, eu era uma criança mais bicho do mato assim, e aí eu fiquei quieta, não consegui falar para professora que eu não tava achando nenhuma imagem para pôr no cartão, eu me sentia naquela escola, logo que eu entrei, me sentia muito acuada assim, né? E aí ela brigou, era uma professora loira, que tinha umas pulseiras que balançavam bastante, igual a que eu uso hoje e ela me obrigou a fazer. Eu escrevia e apagava, eu escrevia e apagava e, ela na verdade, apagava com aquela mão dela que balançava com a pulseira e eu lembro que eu ficava meio assustada e ela falava, "Não, você tem que fazer, você tem que achar alguma imagem dessa revista para fazer esse cartão para sua mãe". Daí eu recortei uma imagem qualquer lá, uma mulher branca dos cabelos escorridos assim, pus a capa do cartão, escrevi Feliz Dia das Mães. E aí meus pais gostavam muito de fazer festa, churrasco em casa, assim, e teve um churrasco de Dia das Mães e eu fui muito envergonhada e entreguei esse cartão para minha mãe, falei "Ó, mãe, feliz Dia das Mães", aí ela olhou, ficou meio constrangida e falou, "Mas o que que é isso?" Eu falei "E você". E aí eu minha mãe tipo se afastou assim, eu não lembro né, assim, exatamente, mas eu sei que minha mãe não reagiu bem a isso e eu fiquei super constrangida também e, ao longo da vida, apesar de ter uma relação bastante

afetiva, assim, com a minha mãe de tipo, chegar da escola deitar na cama com ela assistir novela deitado no colo, preparar uma comidinha, “Ah, filha vai lá preparar uma salada”, preparar salada em dividir o mesmo prato que ela, dividir uma fruta, conversar, assim à tarde a gente tinha muitos momentos de interação, mas a minha mãe, as vezes que ela bebia, porque ela era muito solitária, então ela foi desenvolvendo um alcoolismo, várias vezes que ela bebia ela falava “Filha, você não gosta de mim. Você deveria ser filha da Sueli”, que a ex-mulher do meu pai que é uma mulher branca, “Você devia ser filha da Sueli, você sempre me odiou”, minha mãe falou umas coisas, assim pra mim, que era muito pesado desde muito nova assim.

Paulo - Desde quantos anos?

J.D.P.C.P. - Desde essa idade, 6, 7 anos, assim, que eu me lembre, tinha isso. E isso foi muito dolorido por muito tempo assim, porque eu sentia que minha mãe tinha uma mágoa comigo, uma raiva que eu não entendia o que era, né? Mas era muito recorrente e era só comigo, não tinha isso com meus irmãos, assim, eu não percebia isso com meus irmãos, mas ela dizia que eu só gostava do meu pai, que eu não gostava dela e que eu não aceitava ela do jeito que ela era. E eu lembro, voltando agora, isso é dolorido pra mim, porque eu lembro que eu achava minha mãe muito linda, né? E aí teve um tempo que os amiguinhos viam a minha mãe me buscar na escola e davam risada da minha mãe, né? E aí depois do tempo começaram a falar “E filha da macaca”, coisa desse tipo.

Paulo - E você tinha quantos anos?

J.D.P.C.P., 32. - Ah, essa idade aí, 6, 7. Essa narrativa foi se complexificando na adolescência, por exemplo, falavam que eu era filha da empregada que seduziu o patrão uma vez, eu tinha 12 anos, pode entrar já nesse período?

Paulo - Pode.

J.D.P.C.P., 32. - Aí eu tinha 12 anos, estava no sexto ano, aí aquela escola, né? Uniforme tênis mochila, né? Eu tinha o cabelo mais cacheado, sempre prendia bem o cabelo, sempre buscava estar bem organizada naquele espaço. Lembro de eu chegando cedo na escola subindo as escadas e aí eu via várias pessoas me olhando e dando risada, assim tipo vários cochichos e eu não tava entendendo o que que era, né, fiquei meio assim, constrangida, tinha algumas amigas, né mais próximas que eu sempre andava com as mesmas meninas, aí o pessoal que era mais assim, entre aspas mais popular da escola, que não eram os meus amigos, dando umas risadas, eu não tava entendendo. Aí eu fui perguntando, perguntando pras minhas amigas “Por que que tão rindo, que tá acontecendo?”. Aí mandaram um bilhetinho para mim, né, a sala de aula, logo no início da manhã, “A Carolina Guedes falou que falou para todo mundo que a sua mãe é empregada que seduziu o patrão”. E eu era uma criança mais quieta, gostava de tirar notas boas e gostava de ter boa relação com os professores, então eu não tinha muitas queixas sobre mim, mas nesse dia eu levantei da minha cadeira, no meio da aula...

Paulo - Antes, o que você sentiu quando recebeu?

J.D.P.C.P., 32. - Eu senti muita raiva, muita raiva, muita. Constrangimento primeiro, tipo, muito constrangimento, depois eu senti meu corpo queimando de ódio ao ponto de levantar no meio da aula e fui segurei a menina pelo pescoço e mandei ela repetir que ela tinha falado. E aí a professora, nem lembro que professora que era, ficou consternada me levou para a sala da direção, daí eu me lembro de sentar na frente da diretora chorando muito, aí comecei a chorar chorar chorar chorar e contar para professora exatamente o que tinha falado, para professora não, pra diretora. A diretora ficou em silêncio, botou uma água e mandou eu beber água para me acalmar e voltar para sala, eu voltei pra sala, envergonhada e não se falou mais nesse assunto, nunca mais. Aí essa menina tinha medo de mim, me via e meio que fugia de mim e eu engoli essa história.

Paulo - O que você sentiu quando a diretora te mandou pra sala?

J.D.P.C.P., 32. - Cara, deixa eu achar a descrição, porque assim, me senti perdida primeiro lugar porque eu achei que... eu tava sentindo que eu tava vivendo uma violência muito grande, eu tava sentindo muito, muito invadida por aquela história e eu achava que a diretora ia ter empatia e a entender aquilo como algo grave, de repente eu percebi que ela não me acolheu, era quase como se fosse doida, tipo essa doida que bateu numa menina que tá aqui chorando na minha frente, bebe uma água e volta para sala, eu senti como se eu fosse maluca, invisível a questão que eu tava trazendo para ela e eu fiquei constrangida aí depois disso eu parei de falar desse assunto tanto é que só de lembrar minha garganta dói um pouco, porque essa memória que depois mais velha eu fui começando a lembrar, virou um trauma assim, eu parei de falar desse assunto, cheguei em casa, não falei para os meus pais, é uma história que eu contei para os meus pais adulta, minha mãe falou "Mas porque você não me falou eu tinha que ter ido na escola", mas eu sentia muita vergonha e constrangimento, né? Então aí ficou por isso mesmo.

Paulo - Como é a relação do seu pai?

J.D.P.C.P., 32. - Minha relação com meu pai, hoje em dia, dos últimos anos para cá é uma relação de conflito político, muita discussão assim racional, de sentar na mesa entrar em muitos assuntos e questionar as atitudes dele, principalmente do jeito que ele trata meu irmão, então é uma relação afetiva de bastante confiança, mas que tem muitos embates, eu acho que à medida que eu fui crescendo a partir da adolescência e a cada vez mais a vida adulta, eu fui conseguindo enfrentar mas meu pai, mas antes disso, na infância, o meu pai era meu grande protetor assim, eu lembro que eu ficava esperando ele voltar do trabalho, ele voltava, eu pulava no colo dele, eu eu via dele assim um grande porto seguro, ele para mim representava bastante segurança. Lembro também que quando eu ia nessa escola, né escola espanhola, quando tinha festa eu ficava agarrada no meu pai, tipo eu o meu pai era como se fosse um estandarte para mim, e como se ele estivesse me salvando, né tinha uma certa idolatria por ele infância que eu fui desconstruindo a medida que eu fui crescendo e também a medida que eu fui entendendo mais a minha mãe e as dores dela, como mulher, então quando eu comecei a me tornar a mulher fui deixando de ser uma menina, comecei a ver as coisas de um jeito diferente e comecei me entender também, né? Como uma menina negra que quando eu era criança, eu não tinha essa compreensão e eu achava que o meu pai era

alguém muito incrível especial e é uma imagem que eu fui desconstruindo ao longo do tempo sim.

Paulo - Você já citou algumas atitudes racistas na sua infância, né você lembra de outras?

J.D.P.C.P., 32. - Sim, no condomínio do prédio que eu morava, que é um condomínio que tinha 11 prédios e tinha uma meninada que se juntava vai ficar brincando pelo prédio e ali naquele prédio vi muita coisa, principalmente com meu irmão, JC, que na escola já era chamado de macaco e lá também era chamado de macaco, nesse condomínio, e tinha uns meninos que perseguiram ele, pra chamar de macaco e pra bater nele e eu era muito parecida com ele todo mundo falava que aparecia gêmea, eu, chamavam de macaquinha e não me batiam, eram meninos, mas ele encurralaram ele vezes em algum canto de parede e ficavam batendo provocando ele, ou xingando minha mãe e eu lembro que eu, por mais que era mais nova eu enfrentava esses meninos, que eram meninos um pouco mais velhos do que a gente era, então não eram os nossos amigos que a gente tinha amigos lá e meu irmão era bastante popular entre os amigos dele mesmo, meu irmão era quem... Inventava brincadeira, subia em árvore, porque ele era muito ágil e muito amigável, então ele tinha muitos amigos, mas tinha um grupo de meninos mais velhos que eram só meninos, não tinha meninas, no nosso grupo eram meninos e meninas que era um grupo menor, de uns 5, que sempre gostavam de perseguir, meu irmão ou me perseguiram, tinha muito medo de encontrar eles e tá sozinha, por exemplo, saía correndo, mas quando eles tavam violentando meu irmão, eu eu metia no meio. Aí também tiveram situações na piscina, por exemplo de descer para piscina com minha mãe e todas as pessoas ficarem olhando tipo de jeito que eu me sentia constrangida ou mesmo de pessoa sair da piscina se a minha mãe entrava.

Paulo - Você já compreendia que isso...

J.D.P.C.P., 32. - Não, eu achava estranho eu me sentia inadequada, mas isso para mim era uma coisa que eu tinha eu percebia que tinha alguma coisa esquisita, eu me sentia muitas vezes retraída então, por exemplo, eu era criança que ia na casa dos amiguinhos nesse prédio e ficava meio com o corpo o congelado, tipo não vou tocar em nada e todo mundo “Nossa como você é educada”, “Nossa, mas você é muito educada”, eu ouvia isso de todo mundo, das mães, pais, empregados e, eu lembro que eu sentia isso, um constantemente constante que depois que eu cresci eu fui entendendo e voltando também para essas memórias, eu fui entendendo que isso tinha a ver com a questão racial, mas antes isso era para mim meio que quase natural, eu tinha que ser isso, eu achava que era porque eu era tímida, que eu era uma criança mais retraída, mas depois eu fui percebendo que foi um comportamento aprendido, de que eu não podia muito sair da risca.

Paulo - Como você aprendeu? Quem te ensinou?

J.D.P.C.P., 32. - Eu acho que minha mãe me ensinou, porque a minha mãe é uma pessoa que quando a gente ia sair de casa ela falava “Tá arrumado?!” ou, “Não pode sair sujo”, ela sempre se arrumou muito, muito para sair de casa para andar nesses espaços e falava muito isso do meu vô F.... que o meu vô F.... era um homem negro que se vestia muito bem e era muito respeitado nos espaços e que mesmo que às vezes não sorava muito dinheiro, sempre fazia questão de comprar uma roupa nova para cada filho usar no Natal e ficar bem bonito.

Um pouco, eu acho que veio da minha mãe porque eu acho que minha mãe já tinha uma compreensão que pra andar em alguns espaços ela precisava tentar se brincar e eu acho que muito disso vem dela porque ela, eu lembro eu criança irritada com algumas roupas que ela colocava em mim e ela tem coisa que ela dá risada até hoje "Aí J...,você nunca deixou eu te vestir do jeito que eu queria" porque ela sempre queria me emperiquitar muito assim, né? Todos os filhos o meu irmão ela passava gel e gel na cabeça dele, então acho que uma parte eu aprendi dela, mas a outra parte eu aprendi com os olhares de eu perceber que eu, tipo, era mais observada, ou mesmo de ver o que acontecia com meu irmão e não querer viver a mesma, coisa como meu irmão era tido como hiperativo e ele se sobressaia nos espaços porque ele era muito sociável, só que ele chamava atenção isso acabava, muitas vezes, eu via que isso se transformavam em violência, eu acho, né, pensando aqui agora, que eu tentava um pouco fazer o oposto do meu irmão, o que era passar despercebida, né e não chamar atenção para mim porque uma forma tinha medo das violências.

Paulo - Como é que seus pais lidavam com isso?

J.D.P.C.P., 32. - Ai ai, a minha primeira sensação é falar que eles não lidavam, porque raça nunca foi um assunto na minha infância, na minha casa, isso não era discutido, inclusive eu acho que havia um constrangimento de falar sobre esse assunto, então meus pais falavam muito que, vinha isso pessoalmente muito do meu pai, que a ascensão social, ele não falava desses termos, mas ele sempre dava a entender que a ascensão social te livrava do preconceito e de certa forma eu acho que a minha mãe tentou acreditar nisso, então minha mãe sempre andava muito emperiquitada, sempre fez questão de ter coisa de marca mesmo que às vezes podia faltar dinheiro para outras coisas, ela sempre queria performar uma riqueza como uma forma de se blindar. Então meus pais não falavam sobre esse assunto, mas o meu pai tinha muita dificuldade de lidar com meu irmão, então...

Paulo - Estava falando, seu pai tinha muita dificuldade.

J.D.P.C.P., 32. - Isso, meu pai comigo e com a minha irmã, J..., não era uma pessoa agressiva, ele era bastante afetuoso, mas com meu irmão, ele tinha muitos episódios de agressividade, então sei lá chegava uma multa, porque meu irmão fez bagunça no condomínio com os amigos e meu pai ficava muito constrangido, muito bravo e às vezes batia no meu irmão, não assim, bater muito, mas dava tapa um negócio assim e xingava muito meu irmão, meu pai, né. Falava que ele falava muito "Você é um bosta", ele falava isso muitas vezes e, quando ele falava isso eu ficava muito constrangida e minha mãe também ficava muito constrangida.

Paulo - Esse seu irmão é mais velho ou mais novo?

J.D.P.C.P., 32. - É, eu tenho uma irmã mais nova e esse irmão mais velho, que é um ano só mais velho que eu, o JC. E o meu pai tinha esse jeito estranho de lidar com o meu irmão que é uma questão até hoje, o meu irmão, tem várias questões psíquicas e a relação com o meu pai, e até hoje o meu pai tem dificuldade para lidar com o meu irmão, ele trata muitas vezes, meu irmão muito mal, eu hoje enxergo que o meu pai é racista com meu irmão, muitas vezes, porque às vezes ele falar "Limpa esse chão, você que não sabe fazer nada direito" ele infantiliza meu irmão na frente das outras pessoas falar "É porque o Júlio César tem idade

mental de 12 anos”, meu irmão tem 33, ele fala isso até hoje para um monte de gente e ele tem muita dificuldade mesmo de se relacionar com meu irmão, com quem ele é, né. Ele dizia que meu irmão tinha que fazer engenharia, tinha que ser alguém na vida, meu irmão decidiu fazer administração e ele diz que as dificuldades dele com meu irmão são por conta disso, mas eu enxergo que meu irmão deflagrava uma diferença do meu pai, da minha mãe e da nossa família, porque o racismo, quem viveu mais na minha opinião foi meu irmão, porque eu conseguia passar batido mais vezes, o assunto quem trazia para casa era meu irmão porque ele era chamado de macaco, ele que tinha questões na escola, tinha o chamado Bebel né, o inspetor de alunos, chamado B... um moço negro e também uma moça que trabalhava na faxina da escola, a E... Aí, no oitavo ano, na formatura levava o pessoal para Espanha e, colégio espanhol, fazia uma vaquinha lá, uma festa, não sei o que e fazia um jeito de ir com todas as meninas pra Espanha. E aí ficávamos recebendo as notificações assim, ligavam para casa porque meu irmão tava aprontando, que no hotel ele causou, que ele quebrou não sei o que e assim, a gente tava achando que tinha sido assim, o que que aconteceu, JC com foi pra outro país e virou O Demolidor, que que tá acontecendo? E aí quando ele voltou, quem acompanhou essa viagem foi o Benori, o inspetor de aluno, ele foi junto, sempre escolhia um funcionário pra ir. E aí o quando minha mãe pisou na escola o B... pegou minha mãe e falou “Olha, eu não sei porque que ficam falando que o Júnior faz tudo isso, ele não fez nada mais que os outros meninos e ele é um menino super dócil, eu adoro bater um papo com ele”, e a E.. que trabalhava na faxina sempre que via minha mãe na escola também vinha e falava “Nossa seus filhos são tão educados, ele sempre cumprimentam a gente eles na na na” e a gente tinha uma relação de afeto, tanto eu quanto meu irmão muito forte com a E.. e com o B... Essa escola, só tinha um professor negro, que era o professor de Educação Física, o N.... Eu não sei por que eu entrei nesse assunto, mas eu lembrei disso.

Paulo - Você estava falando como é que seus pais lidavam.

J.D.P.C.P., 32. - Ah, isso e minha mãe, ela ficava muito feliz quando o B... e a E... iam falar com ela, ela ficava muito orgulhosa, ela voltava assim no carro “Ai, a E..., sempre que eu vou na escola elogia, o B... todas as outras meninas que trabalham na faxina, sempre fazem a questão vir falar”, então eu vejo que ela senta que ela tava educando a gente de uma forma correta que isso deixava ela muito contente. De alguma forma, eu não acho que é a forma que ela lidava com o racismo, mas eu vejo que a minha mãe tinha muito orgulho da gente, ela fazia questão de mostrar isso, né? Por mais que ela não conseguisse conversar sobre racismo, o meu pai, é o que eu falei, isso não era conversado. Teve uma certa vez, eu falei que ele achava que é classe salvava, né, a pessoa, teve uma vez bizarra que eu já tinha 20 anos, mais 22 anos, mais ou menos, aí tava minha prima que é uma menina negra retinta, por parte de mãe né, prima tava almoçando em casa, eu minha mãe, meu pai, não sei se tinha mais alguém na mesa, minha irmã talvez. Aí a gente tava discutindo o caso da Maju Coutinho, a jornalista e contando um caso de racismo que ela tinha vivido nas redes sociais, aí meu pai virou, e a gente “Nossa que absurdo”, aí meu pai virou “Nossa, Le, é só você entrar lá e comentar que as pessoas vão ver o seu sobrenome que ela tem sobrenome espanhol do meu pai, né? E aí elas vão te respeitar, isso já isso já te já te livra de viver esse tipo de coisa”, então de alguma forma me achava que ele tinha salvado a minha mãe, salvado os filhos. Tanto é que meu pai não gosta, quando eu tô com cabelo trançado ou qualquer coisa do tipo,

ele sempre reclama desses cabelos, ele sempre quer fazer comentários sobre minhas roupas, sobre o meu cabelo e ele sempre, óbvio, preza a estética mais da branquitude né? Eu que estou miscigenada, ele inclusive tava conversando isso hoje cedo com o I..., “Nossa, meu pai tá meio distante de mim, tá meio afastado, to percebendo que desde que eu tranchei o cabelo, ele não tá falando muito comigo”, ele, “Não, acho que não é isso é outra coisa”, mas eu fico com essa pergunta na minha cabeça assim, né? O quanto isso impacta na relação com meu pai, não sei, mas essa é uma das questões, por que apesar de que hoje em dia a gente consegue conversar mais sobre isso, meu pai conta que ele foi criado, meu pai ficou órfão de pai logo cedo, e quem criava ele era um tio, um tio não, amigo do pai dele que ele chamava de tio que era um cara austríaco, extremamente racista, meu pai conta que ele, esse tio uma vez tava no ônibus, ele sentou numa cadeira, tava sentado no ônibus, meu pai levantou para uma senhora negra setar, meu pai era criança, ele conta essa história, né? E que aí meu tio falou “Não, senta você não pode levantar para essa gente” e meu pai foi criado por esse cara, né? Que depois só recentemente vim descobrir que era um cara que fugiu porque ele fez parte do movimento nazista, eu fiquei meio chocada quando eu descobri isso, mas meu pai sabia. E minha mãe conta também, que quando meu pai começou namorar ela, ele tinha um pai de um outro amigo que ele foi perguntar se podia, meio que confessar “Eu tô apaixonada por uma moça, mas eu preciso falar uma coisa tem um problema”, “Que foi?”, “Ai ela é negra” e que aí esse pai desse amigo riu e falou “Mas isso não é problema meu filho, pode namorar ela” e que aí ele sentiu autorizado, mas ele já era adulto, então assim certamente é uma questão para minha família interracial, a negritude assim, tem um cunhado do meu pai que é branco, o outro cunhado é preto, né que o meu tchuquinho e ele chamou esse cunhado branco “Ou meu nobre cunhado”, mas só esse branco o outro cunhado não, ele tem uma ótima relação se dá bem com esse meu tchuquinho, mas aos poucos fui percebendo assim umas coisas esquisitas dessa relação, então não era tratado, era muito vivido, o racismo em casa, mas o assunto mesmo só passou a existir da vida adulta e muito eu trazendo né? A partir do meu trabalho, das minhas andanças que eu comecei trazer esse assunto para dentro de casa e a forma como minha mãe reagia a isso, meu pai reagia a isso e foi me mostrando também, muito desse lugar que eu fui criada e que eu no início não tinha muita consciência sobre ele.

Paulo - O que é racismo pra você? Como é que você define o racismo?

J.D.P.C.P., 32. - Conceitualmente ou pensando na minha vida?

Paulo - Como você define o racismo?

J.D.P.C.P., 32. - Ah, pra mim o racismo é uma tecnologia viva que vai se atualizando para manter uma supremacia branca, para manter os brancos no controle e no poder, e o racismo e ele se dá de uma forma ampla e estrutural, ele molda as relações na sociedade e também tá posto nas relações interpessoais, mesmo quando isso não está explícito, o racismo ele, para mim, quando tem os episódios mais deflagrados do racismo, para mim e sempre a ponta do iceberg, né para o racismo ele tem uma estrutura profunda e que às vezes a gente consegue apontar e ver onde ele tá mas ele tá entranhado na sociedade e nas relações.

Paulo - Como é que você se descobriu como mulher negra?

J.D.P.C.P., 32. - Olha, eu acho que talvez porque eu ia vir aqui hoje, ontem eu fui dormir com você, pergunta na minha cabeça, né? Falei poxa quando foi que esse processo se deflagrou de fato assim, aí, eu acho que tem muito a ver com a minha entrada na vida mais adulta assim, não adulta, assim, com 17, 18 anos, quando eu saí da escola, né? Terminei o ensino médio e comecei a escolher mais os espaços que eu frequentava, comecei mais a ir para o samba, comecei a fazer cursos, então encontrar pessoas que não eram só aquelas classes médias, média alta, branca das escolas que eu estudava. E aí a primeira coisa que me deu o impacto de eu entender que eu era negra foi uma vez numa roda de samba, tava tocando Clara Nunes, tinha outras pessoas negras algumas mais claras como eu, outras mais escuras, e eu percebia que eu sabia dançar aquilo e eu lembrei do samba na casa da minha vó e eu me senti muito livre nessa hora, eu me senti muito feliz, eu falei “Gente eu estou pertencendo”. Porque eu tava no espaço com as pessoas que escolhi estar, feliz, dançando e aquela referência fazia sentido para mim, foi logo bem no fim do colegial, terceiro ano colegial, e eu lembro que aquilo foi para mim o início assim de um, de uma percepção, que eu ainda não tinha nome para ela, mas eu percebia que o meu corpo tinha uma herança e que essa herança era viva em mim. Então começou aí e depois isso se aprofundou e ganhou o nome quando eu, educadora, né, aí já no início da minha vida de educadora com 20 poucos anos, encontrei alunos negros e aí eu comecei a, foi muito difícil, eu fazia terapia na época, eu comecei a lembrar de muita coisa que eu vivi na minha infância e eu falar “Puts, eu era essa criança” e aí eu percebia que eu tinha recursos para lidar com essas crianças ou enxergar coisas que outros educadores não estavam enxergando porque eram atravessadas pela questão racial e elas não enxergavam. “Ah, então se eu tô lembrando daquilo, eu tô enxergando isso...” Eram muitas coisas ativadas, eu fui entendendo que eu era negra também, nesse espelho com a criança, principalmente.

Paulo - Então deixa eu ver se entendi, você tá falando que seu processo

J.D.P.C.P., 32. - Tem dois momentos, né? Tem um que ele é mais intuitivo que ele não é conceitual eu não falei “Eu sou negra”, mas eu senti, eu me percebi, quando eu saí desse espaço, né da escola e, que eu sei que todo mundo acabou escola “Quem sou?” A primeira resposta que me veio é “Sou negra”, não conceitualmente, mas pelas escolhas que eu comecei a fazer porque aí eu né, os cursos que eu fui fazer as pessoas que eu fui encontrando e, como eu ia aos poucos, aos pouquinhos, eu sinto que eu ia buscando a minha identidade, eu ia, quase uma colcha de retalhos assim, eu era toda toda marcada pela experiência da branquitude, fui muito amassada pela branquitude, então era uma experiência, um pouco de reencontrando meu corpo, isso 18 anos, e aí aos poucos eu fui, ainda não tinha envolvimento com a militância, o ativismo não tinha, mas eu começava a estudar história de pessoas negras, eu tinha um desejo muito grande de ir para a África, comecei a perguntar muito para minhas tias as histórias, né do avô que eu não conheci, então eu comecei aos poucos um processo assim de entender, né? “Quem eu sou?” Quem sou, quando eu saí da escola, então ali eu sinto que eu sabia que não era branca, e que eu tinha algo sobre mim a entender e a compreender mais profundamente. Quando eu dei nome de “Sou negra” e entendi isso politicamente, que aí eu me afirmei negra, não só do ponto de vista individual racial, mas que eu entendi como parte de um grupo foi no trabalho, como Educadora, que aí nesse espelho, com os alunos, 5, 6 anos justamente idade 6, 7, na verdade, que eu tinha né? de quando eu tenho minhas primeiras memórias do racismo, né que é na escola, que aí eu terminei um

pouco essa conta e comecei a me afirmar negra também politicamente e me colocar mais na sociedade de uma forma ativa como mulher negra.

Paulo - O que significa ser negra?

J.D.P.C.P., 32. - Para mim? Ser negro, ser negra é ter o corpo marcado por uma experiência de racialização, então se saber como o outro, de perceber que você não tá na norma, tem a ver com isso, mas tem a ver também com ter uma história diaspórica, o tema história de ante passados, de familiares, de cultura, de forma de pensar e saber, e existir que apesar do racismo todo atravessa no tempo que estão na forma de existir, de fazer, de perceber a realidade. Então para mim ser negra tem esses dois pólos um lado que é o do racismo, que você se descobre negra, infelizmente pelo racismo, mas também pela potência das histórias que minhas tias me contavam da forma que minha mãe me educou, me socializou e tudo isso.

Paulo - Você falou também que você é mestiça. O que significa ser mestiça?

J.D.P.C.P., 32. - Para mim, ser filha de um homem, eu falo que sou filha de um homem branco muito branco e de uma mãe preta muito preta, além de ser miscigenada para mim é muito forte que eu sou a primeira linhagem mais visível de clareamento da família da minha mãe, são todos pretos, né? Eu acho que é uma experiência diferente de pessoas que às vezes já estão muito miscigenadas e que tem uma outra experiência, então para mim eu sou um ser de fronteira, porque, Eu sinto que eu vi muito da branquitude, uma branquitude muito escancarada, e por outro lado a família da minha mãe vem de Guaratinguetá, de uma região que, minha mãe não é quilombola, mas é uma região que tem, né, um quilombo ativo. Meu vô carregava massa de São Benedito, lá em Guará, participava das tradições afrobrasileiras de lá então, para mim é estar essa fronteira entre dois mundos, só que eu não tô em cima do muro, eu caí pro lado de cá, eu caí pro lado preto, e eu consigo ver o mundo a partir desse lugar mestiço, consigo olhar para outro lado e sacar como as coisas acontecem, eu não tô do lado de lá, mas eu sei como acontece.

J.D.P.C.P., 32. - Posso falar mais sobre isso?

Paulo - Primeiro quero que você olhe essa imagem aqui. Conhece essa imagem? [A redenção de Cam, Modesto Brocos]

J.D.P.C.P., 32. - Conheço.

Paulo - Que imagem é essa?

J.D.P.C.P., 32. - É a do Modesto Brocos, A Redenção de Cam.

Paulo - O que ela significa para você?

J.D.P.C.P., 32. - Então, eu estudei já essa obra, então...

Paulo - Em seu conhecimento de mundo.

J.D.P.C.P., 32. - tá bom, pra mim essa obra significa o eugenismo, o projeto de branqueamento do Brasil no pós Abolição, a noção da libertação do povo brasileiro a partir do cruzamento entre o branco e o negro e esse clareamento que se dá, né, na terceira geração, por que a mãe dela é retinta, essa do meio podia ser eu né? E o filho no colo é branco, podia

ser o filho da minha irmã, que casou com homem bem branco, e é bem branco o filho dela, mas enfim, voltando para a imagem conhecimento de mundo, acho que é isso, é um retrato desse projeto eugenista que não conseguia conceber uma sociedade negra.

Paulo - Como é que você se vê dentro desse projeto? A sua história.

J.D.P.C.P., 32. - Então, eu vejo que...[Silêncio]

Paulo - Isso é um projeto de genocídio da população negra.

J.D.P.C.P., 32. - Sim, sim.

Paulo - Como você se vê dentro desse processo? E a sua história?

J.D.P.C.P., 32. - Eu vejo em primeiro lugar a sexualização da mulher negra, principalmente a negra mulata, que era chamada de mulata, né? Eu fui chamada de mulata a vida inteira, até entender que isso significava e senti muito nojo, então primeira identificação é esse lugar de mulata, da mulher miscigenada, que é um corpo muito violado e violável e eu senti isso muda experiência como mulher negra, então a primeira coisa que eu vejo essa identificação. Mas eu sinto que eu não eu não estou na mesma posição que essa mulher que tá nesse quadro, eu tenho consciência de quem eu sou, ou vou tendo, vou caminhando buscando essa consciência, enquanto mulher negra e fugindo também das armadilhas, porque eu vejo esse quadro como uma grande armadilha, foi um projeto, mas também foi e é uma armadilha porque as pessoas acreditam no branqueamento como um caminho e solução, isso não é o caminho nem a solução.

Paulo - Na sua história o que tem de permanência e rupturas com esse projeto genocida da sociedade brasileira?

J.D.P.C.P., 32. - A minha mãe casou com um homem branco, as minhas tias, todas alisavam o cabelo de todas as formas possíveis, minha mãe, inclusive, ficou com um problema no couro cabeludo, precisa usar prótese de cabelo, de tanto que ela tentou alisar o cabelo dela. O meu avô ele vem do tempo da frente negra brasileira, né, que falava muito de se inserir, se integrar na sociedade e meio que passar despercebido, você precisava sobreviver dentro desse mundo, e eu vejo que minha mãe herdou muito disso do meu avô, que fez tudo que tinha que fazer para criar os cinco filhos. Então, eu vejo que a minha mãe, de certa forma, achava que casar com homem branco ia fazer bem para os filhos dela.

Paulo - Consciente ou inconsciente?

J.D.P.C.P., 32. - Inconsciente, inconsciente. Porque hoje em dia, minha mãe fala muito "Aí se eu não tivesse casado com seu pai", às vezes ela quase que se arrepende de ter seguido por esse caminho e hoje ela tem mais consciência... posso por aqui?... de ser quem ela é. Ah, tem mais uma coisa que me vem, né? Que é bem recente assim, porque eu e minha mãe, a gente tem um diálogo muito constante sobre ser uma mulher negra e mesmo que agora ela é idosa, eu vejo que é bonito, sabe?, às vezes ela põe tributo a Martin Luther King e me puxa para dançar e quer falar sobre as experiências dela, de ser mulher negra e eu vejo essa mulher negra aqui né, a retinta com as mãos olhando pro céu, e minha mãe teve uma criação católica e ela rechaçava muito, o fato de eu escolher seguir por um caminho de matriz africanas na religiosidade. Muito recentemente ela começou a aceitar isso e achei bonitinho,

que outro dia ela tava... essa semana ela tava em casa e eu tava com galhinho de arruda aqui na orelha, ela só observou antes ela via minhas coisas assim, ela criticava, ela achava ruim, ela só observou e aí ela me ligou e falou “Filha, quando você vier você traz uma arruda para mim? Quando eu vi você com um galhinho de arruda na orelha eu lembrei tanto do meu pai, lembrava que ele colocava arruda também e tal”, e é assim, muito delicado parece nada, mas eu sei que agora ela consegue aceitar os meus caminhos da religiosidade e eu vejo que ela vai saindo um pouco de um caminho de catequização, que enjaudou ela e agora tem músicas que eu coloco que ela não deixava, agora ela dança comigo, tem um olhar para a religiosidade que vai se transformando à medida, também, que eu vejo que ela vai caminhando na negritude dela.

Paulo - Muito bem, você conhece essa imagem, esse quadro? [Mãe Preta, de Lucílio de Albuquerque]

J.D.P.C.P., 32. - Acho que sim, ama de leite, né, mas não conheço tão profundamente esse.

Paulo - O que você vê nessa imagem?

J.D.P.C.P., 32. - Vejo uma mulher negra sofrendo na condição de ama de leite.

Paulo - Por que que ela está sofrendo?

J.D.P.C.P., 32. - Porque é uma situação imposta para ela.

Paulo - Qual situação?

J.D.P.C.P., 32. - A situação, ser animalizada para cuidar de um bebê branco enquanto seu filho tá sendo negligenciado, o leite que era para dar para o próprio filho tá dando para o filho de alguma Sinhá, algum Senhor e, ela é obrigada a isso, ela não tá fazendo porque ela quer é uma condição de extrema opressão, extrema imposição e é muito violento, eu, como mãe, como alguém que amamentou assim, essa imagem é uma que dá bastante raiva, porque também foi uma condição que... é, isso e muito bizarro, e eu fico com raiva também porque outro dia tinha gente procurando ama de leite na internet, agora 2022, então me dá raiva.

Paulo - Como é que foi isso, procurando ama de leite na internet?

J.D.P.C.P., 32. - Era uma mulher que fez um anúncio que procurava uma babá para pagar R\$ 1.200,00 mas quem tivesse filho pequeno, porque ela tinha um bebê e ela gostaria que ele fosse amamentando, simplesmente. E dá um ódio pela atualização do racismo por mais que isso aqui seja uma imagem, né, ama de leite aconteceu na época da escravidão, mas continuou depois e quantas pessoas brancas não tem aí que “Aí porque eu tenho uma segunda mãe” e é uma mulher negra e isso e naturalizado, eu acho isso absurdo, assustador, porque é isso, essas mulheres têm a sua vida roubada, o tempo com seus filhos roubados para estar servindo a casa grande né? E isso ainda é naturalizado, então uma imagem para mim que tá no passado, mas está no presente também, claro que reeditado no presente, em muitas medidas, mas esse neném aqui negro jogado no canto com a mãe que olha por ele, mas não pode estar por ele, e acontece o tempo inteiro, né com as mulheres negras tendo que sair para trabalhar e deixa com a vizinha, deixar criança sozinha.

Paulo - O que você acha das mulheres, ou da branquitude, que colocavam uma criança branca para mamar no peito de uma mulher negra sendo que ela era tida como uma coisa?

J.D.P.C.P., 32. - Porque eu acho que por conta da animalização com o corpo negro, de ver o negro como forte, para mim, na minha cabeça, eles achavam que o leite da mulher negra era um leite muito forte, com muita saúde, afinal de contas eles tinham essa narrativa, né, que o negro era muito forte, então para mim ver nesse lugar animalizado, de quase ver a mulher negra nesse lugar, mas também porque tinha essa projeção aí de ver o negro como um ser emocional, afetivo, que tinha de fato, muita inteligência e sabedoria dos povos, vários, né, africanos, modo de existir, de fazer, que eram afetivos e eu acho que também passava por esse lugar, assim, de entregar para o campo da emoção do afeto isso como um serviço assim, não só do lado animal, mas o lado humano lado também desprovido da razão então para mim eles não tinham medo que essa mulher ia passar a intelectualidade, ia passar para ele o modo de existir, porque ela não tinha isso para passar, para mim, né, pra branquitude ele vai passar um afeto e o nutriente forte, meio que ainda menos humano, né? Então não vai passar cultura, quem a gente e no mudo, então é para isso que eu acho que eles deixavam, mas eu sempre me perguntei isso, “Como que os brancos odeiam a gente e põe o filho pra mamar no nosso peito?”, isso sempre me intrigou.

Paulo - Mas tem afeto entre a mulher negra e a criança branca?

J.D.P.C.P., 32. - Depende.

Paulo - Olhando para essa imagem.

J.D.P.C.P., 32. - Nessa, para mim, ela só tá olhando pro filho dela, para mim, ela não tá olhando pra essa criança.

Paulo - E o filho dela, como é que tá aí?

J.D.P.C.P., 32. - Olhando pra ela, ela estão aqui no trocando um olhar ela tá dando leite, infelizmente porque ela é obrigada, mas ela tá olhando pro filho dela, cuidando do filho dela. Pra mim se o filho dela tossir, não tiver ninguém olhando, ela solta o bebê branco e cuida do filho dela, né? É assim que eu vejo.

Paulo - Essa criança preta tá desapartada aí, da mãe, né?

J.D.P.C.P., 32. - Ta.

Paulo - Você consegue ver alguma relação desse apartamento mesmo que ele esteja sendo olhado, tem uma conexão dos olhares, fisicamente eles estão apartados, não? Você consegue ver alguma relação de permanência dessa história na sua história?

J.D.P.C.P., 32. - Sim, mas é difícil falar, mas bastante porque eu sinto que a minha mãe, ela, ela deu o melhor para gente, assim, de carinho que ela podia dar e ela tentou dar o seu melhor, eu sei disso, mas ela tinha muitas marcas, ela mesmo, da vida dela e tem ainda né? Ela desenvolveu um alcoolismo, por exemplo, e tem muita solidão. Então eu sinto que às vezes ela não conseguia estar na nossa presença por conta das imposições da vida para ela mesmo, assim, sabe?, mesmo que podia estar perto, do lado, às vezes ela não conseguia cuidar da gente, de mim e dos meus irmãos porque ela precisava ela ser cuidada também e ela tal,

então para mim um pouco vem essa distância, uma distância imposta, não é porque ela queria é porque era uma imposição e a gente foi reparando isso por amor, com vontade de seguir, de conversar sobre as dores e curando um ao outro, uma a outra porque era uma coisa mais feminina, minha e dela, mas que poderia só ter se apartado, mas a gente quis continuar se juntando, eu acho que eu preciso da minha consciência de mulher negra para eu conseguir fazer essa sutura com a minha mãe, porque senão eu acho que teria ficado uma relação rompida. E eu vejo que tem um rompimento aqui nessa imagem, um distanciamento, eu não sei o que esse bebê vai sentir, sabe, tipo, ele não tá recebendo esse leite ele tá ali, a mãe tá olhando ele, mas o olhar é suficiente? não sei.

Paulo - Se você pudesse, você falou que tinha uma raiva quando olhou, se você pudesse dar uma resposta, para a história, para a sociedade sobre isso, localizar essa raiva o que você falaria?

J.D.P.C.P., 32. - Como assim, como resposta?

Paulo - O que isso te causa? Raiva. O que você falaria pra sociedade, o que te dá vontade de falar?

J.D.P.C.P., 32. - Não dá vontade de falar, dá vontade de fazer né? Para mim dá vontade de pensar ações de fortalecimento e proteção das mulheres negras, assim, de pensar a infância negra, de pensar a condição das mulheres negras, porque é necessário mudanças institucionais, estruturais para que esse desamparo não se perpetue e aí dá vontade que ações existam nesse sentido, porque é muito desamparo que ainda acontece.

Paulo - Como é que você vê as ações então, antirracistas?

J.D.P.C.P., 32. - Eu vejo as ações antirracistas muito incipientes ainda. Ainda muito no perigo de cair no discurso liberal e capitalista, eu vejo muitos antirracistas famosos “pro inglês ver”, falado no geral, né do que chega no geral, não é tudo o que é isso, mas assim pensando no geral, na mudança cultural essa “Ai nossa, antirracismo”, antes ninguém sabia o que que era isso, agora todo mundo sabe, no geral, eu ainda acho que é preocupante porque tem discurso e pouco fundamento e isso me preocupa pensando na educação, principalmente, mas não só. Agora fico, também, feliz de ver ações antirracistas que vem sempre costuradas ao longo do tempo, né com o movimento social negro, com movimento de mulheres negras, também penso no movimento indígena como muito importante e fico pensando nessas alianças que precisam ser construídas. Os negros estão aqui, os indígenas, estão aqui porque sempre fizeram alianças, então isso precisa ser uma pauta, mas eu fico feliz de ver que os passos que vem sendo dados, que são firmes são bons passos, com valores, com fundamento então por exemplo aparição negra por direitos, que vem pensando em estratégias, não tá tudo perfeito, mas vem pensando estratégias amplas e coletivas, o movimento de mulheres negras tem cada vez sido mais abrangente também e de pensar alianças, ampliar pautas de caminhar de uma forma estratégica, então isso me mostra que tem um caminho de aprendizagem e de continuidade muito importante, mas que não dá para a sociedade geral querer inventar rota sem olhar para essas experiências, esses acúmulos, porque não é só o que se fala e como se faz, com quem se faz, porque se faz e, eu vejo que, infelizmente, tem muita gente que se sente autorizada fazer qualquer coisa sem antes fazer o básico que é parar e olhar as

experiências anteriores conversar com as pessoas que já vinham caminhando antes para então se situar. Hoje em dia as pessoas, na internet ainda mais, saí querendo fazer tudo de qualquer jeito, na educação eu vejo isso também, e aí cai no risco desserviço, né, a pessoa querer explicar algum assunto sem ter um embasamento, aí acaba abobrinha. E na escola né "Aí, somos todos humanos" ou entra pela chave da diversidade e às vezes a própria lei 10639, colocam na chave da diversidade, multiculturalismo, já de uma forma liberal, isso é uma coisa que me preocupa muito eu vejo que...

Paulo - Quero que você continue falando aqui, mas assim fala disso pensando na sua vida profissional, fala um pouco de como é que você tem atuado nesse antirracismo e até da liga das escolas e as contradições que você foi identificado ao longo disso.

J.D.P.C.P., 32. - Certo.

Paulo - Pode começar do início.

J.D.P.C.P., 32. - Isso, isso que eu ia dizer, preciso começar do começo, porque há um caminho com muitas pedras, muitas pedras, não é um caminho que está sedimentado. Eu comecei, eu tava como educadora em uma sala de primeiro ano de 18 alunos, desses 18, 4 eram crianças negras. Um filho do porteiro, uma filha de um casal branco, adotada, um menino negro filho de uma família afro centrada, muito consciente e uma menina negra que não se entendia negra e se entendeu negra no fim do ano depois todo um trabalho, que o pai era miscigenado a mãe branca e ela nasceu mais pretinha, aí foi todo processo. Ao trabalhar com essa turma surgiam muitas questões assim, muito racismo explícito, de criança que não quer sentar do lado do menino retinto, que fala que o negro é fedido que mostra um livro, e obvio, eu fazia atividades para ver que que tava passando na cabeça dessas crianças, usava imagem de um personagem negro pediu para eles falarem quem era esse personagem, onde ele morava aí apareciam várias coisas, "ai, porque ele e feia", "porque que ele tem essa boca", "ai e um menino que mora na rua" e aí eu ia buscando desconstruir e construir o mesmo tempo essas crianças, mas era muito agonizante, porque a medida que provocava é isso as coisas apareciam, então eu tinha vontade, às vezes, doía meu estômago tinha que fazer um trabalho corporal meu, enquanto educadora negra, solitário, porque nas reuniões pedagógicas não se falava desse assunto, eu ainda não tinha base conceitual aprofundada para lidar com aquilo tudo, então aquela experiencia de sala de aula me catalisou um processo de fazer formações, de leituras, porque eu precisava dar conta daquilo que ia aparecendo na sala de aula e principalmente, e aí eu tinha identificação muito profunda, tentar garantir que essas crianças não passassem pelo que eu vivi, de se sentirem acuadas em um espaço de maioria branca, então eu ficava nesse lugar. Essa relação com esses alunos e com essas famílias desses alunos, me fez começar a levar essa pauta para dentro das reuniões pedagógicas e conversar com outros colegas professores, principalmente colegas negros, e trocar referências e tal, só que eu comecei a questionar muito a instituição, porque me preocupava, bom esse ano essas crianças estão comigo, e ano que vem? aí vai para uma professora x, aleatória que ao vai saber dar continuidade para esse trabalho? E aí eu fui conversar sobre a lei 10639, mostrando que não bastava só colocar alguns livrinhos, que é um trabalho mais aprofundado de pensar currículo, e eu fui enchendo o saco, né, na visão deles, da escola, da instituição, questionando questionando e movimentando coisas também, né, falando com colegas denunciando algumas

coisas, fui mexendo. Ao mesmo tempo, algumas mães negras da escola estavam preocupadas também com como a escola estava lidando com a questão racial, principalmente porque viam seus filhos, que não eram meus alunos, eram da turma da manhã, vivendo situações racistas, eram duas na verdade a BS e a MZ, a M... é branca, tem dois filhos negros retintos, adotados e a B... mãe de três, B... negra e as crianças miscigenadas. A escola que sempre age quando algum cliente, pra eles e cliente, né questiona, quis agradar, falou “Não, a gente tem trabalhos sim, olha aqui o, a J.D.P.C.P. desenvolve tudo isso na literatura, fez um trabalho de literatura afro central... Então vamos criar um projeto de educação antirracista aqui na escola”. E aí colocaram eu e a BS para juntas olharmos para essa questão dentro da escola, a BS que é jornalista falou “Olha então vamos fazer um diagnóstico: eu falei “Não, eu acho ótimo porque pelo que eu vejo tem muitas questões que acontecem aqui que não estão sendo faladas” então tá, vamos fazer um diagnóstico. Ajudei na construção desse diagnóstico, ela entrevistou a diretora pegando o histórico de 30 anos da instituição e eu fiquei de entrevistar os educadores, ligava o gravadorzinho , fazia duas ou três perguntas e deixava eles soltos, se já tinham visto alguma questão de racismo na escola, se achavam importante a escola desenvolver um trabalho antirracista e como e por que. Só que eu garanti que todas as pessoas negras serem entrevistadas, eu como educadora, entendo que todo adulto trabalhando na escola é um educador, então entrevistei o porteiro, entrevistei as faxineiras, entrevistei o pessoal da secretaria e também os professores de sala. Apareceram muitas situações, não uma, duas, apareceram muitas situações, eu fiz um trabalho de organizar isso em categorias, que tipos de coisas que apareceram para apresentar para a gestão da escola junto com a BS, a gente sentou, pegou esse material e montou. Quando a gente apresenta para a diretora e para as coordenadoras aparece um constrangimento enorme, dizendo que aquilo era tendencioso, que não era verdadeiro, “Não, mas pera aí”, algo já me dizia, e, que isso... então eu tive um rigor, deixei tudo salvo, a gravação, tudo que as pessoas falaram, falei “Olha, eu só transcrevi, e organizei, tem esse texto de introdução que e sim da minha autoria, o resto tá aí. O procedimento foi esse e foi repetido para todo mudo”, e aí veio a diretora querendo dizer que aquilo era uma mentira, ou seja, ou eu era mentirosa ou as pessoas que estavam falando eram mentirosas. Disse que sempre que fazem alguma pergunta as pessoas sempre falam de uma forma exagerada, aquilo gerou um puta constrangimento, mas foi o início de tudo, porque obviamente não deixei isso quieto, a BS também não, e aí a pressão continuou na escola, juntei mais pessoas negras, juntei não sei o que e o vucu vucu começou a se dar dentro daquela instituição. Ai acabaram, nessa queda de braço, cedendo algumas coisas, fazendo formação para os professores, fazendo algumas coisas, trazendo mais esse tema para as reuniões pedagógicas, e mais educadores foram nessa perspectiva antirracista na educação, inclusive educadores brancos, também, que começaram a perceber que aquilo era um tema importante, tinha os reacionários, que achavam que era tudo uma bagunça, que inclusive começaram a dizer que eu era uma macumeira, que a escola tava tendo problema porque a minha sala de aula tinha Orixas, tinha gente, evangélicos, que foram benzer minha sala.

Paulo - Por que eles falavam isso da sua sala?

J.D.P.C.P., 32. - Eu trabalhava no primeiro ano, a 30 anos a escola trabalhava com mitologia grega, eu falei “Não, peraí, se a gente vai trabalhar mitologia grega, primeiro vou apresentar

a mitologia ioruba”, porque tem uma base cultural incrível, e a gente precisa poder olhar pra isso, depois olha pro grego, primeiro vamos apresentar algo mais próximo, trazer o que está mais próximo da realidade cultural, bom, com a mitologia ioruba eu posso trazer um monte de música, comida, receita e histórias e aí eu comecei a fazer primeiro esse trabalho da mitologia ioruba.

Paulo - Qual era a sua intenção ao fazer isso?

J.D.P.C.P., 32. - A minha intenção era implementar a lei 10639, que fala da importância da inserção da cultura afro brasileira e africana nas escolas, era tirar da invisibilidade uma cultura riquíssima, que é perseguida e que faz parte dos valores civilizatórios do nosso país e, era apresentar um arcabouço cultural e filosófico muito importante que é o conhecimento da humanidade pros meus alunos, que são brasileiros e como brasileira eu via que isso era básico, né? Pra mim era uma falha muito grande que se apresentasse primeiro os gregos, euro centrados e de uma forma muito distante para não falar da mitologia ioruba, e aí eu fiz um trabalho, que inclusive correlacionava as duas mitologias, porque aí a criança ia começar a fazer relação “Ah, Oxum e Afrodite”, e assim ela ia criando sua noção também sobre o que era um mito, que é uma estrutura importante da criança entender uma cosmovisão, diferentes formas que os povos organizavam a realidade. E aí eu percebia que só o fato de apresentar as duas ao mesmo tempo, já quebrava o eurocentrismo, ou mesmo quando, teve um ano que eu acompanhei uma turma que só foi mitologia grega, e aí eles começaram a acreditar no deus, o Zeus e a criança fazia essa relação com a religião, eu percebia e, eu achava interessante apresentar uma e depois a outra porque já quebrava essa noção também, porque são dois povos, cada um se organizou da sua forma, tem coisas parecidas e outras não e outros povos vão fazer de outras formas, né, então era mesmo uma ideia de mostrar esse conhecimento cultural e essa forma de organizar a realidade, que vem de muito tempo né, milenar. Tiveram mães e pais que foram questionar a direção, se eu não estava catequizando as crianças, se eu não estava fazendo ensino religioso. Hoje em dia, eu estou no Candomblé, mas a época eu não estava nem na umbanda em no candomblé, eu não tinha nenhuma religião, isso não era uma questão, mesmo que fosse, eu sei meu lugar de educadora, tenho isso muito claro, mas é muito ruim ter que se defender, isso pra mim já vinha como um racismo. Como assim eu to aqui montando, tá aqui, “Você quer ver o trabalho?” tá aqui o plano de aulas, a justificativa do projeto, quais são os materiais didáticos, quais são os livros, tudo, tava ali, tudo escritinho, como eu faço com qualquer outro tema que eu leve para sala de aula. E por que esse gerava essa perseguição? Gente ir benzer minha sala, dizer que...

Paulo - Chegaram a ir benzer sua sala?

J.D.P.C.P., 32. - Sim, sim, uma pessoa evangélica da escola, inclusive uma mulher negra, evangélica, uma pessoa da secretaria foi lá benzer a sala, disse que a escola tava ficando com muitos problemas e foi lá benzer, as vezes eu tava lá fazendo atividade e vinha gente espiar, isso era constrangedor.

Paulo - Como é que você se sentiu quando a pessoa benzeu a sua sala?

J.D.P.C.P., 32. - Ai, eu sentia mal estar, assim, era como se eu precisasse me defender, mas eu vi que não tinha justificativa, não tinha do que me defender, eu tava fazendo um trabalho

que o ideal era ter gente somando forças, porque o livros eu tive que buscar na minha casa e trazer da minha casa, porque coisas que eu deveria ter tido na minha formação de pedagogia eu tive que fazer uma formação extra, então na verdade eu precisava de gente somando força e não fazendo força contrária, porque eu não tava fazendo nada além de ser uma boa profissional, trazendo seus conhecimentos de mundo para as crianças, então eu via como uma grande injustiça, assim, uma coisa sem...

Paulo - Queria que você continuasse falando, então dessa sua trajetória como educadora, e aí como é que você vai desenvolver esse trabalho na escola...

J.D.P.C.P., 32. - Então tinha essas duas instâncias eu, educadora sala de aula, e eu educadora articuladora de um processo que buscava impulsionar uma instituição a pensar um trabalho antirracista de uma forma mais ampla e sistemática. Porque eu percebia que não bastava só eu desenvolver esse trabalho se precisava ser uma cultura, uma cultura não, isso precisava ser um proceder, uma ação ampla e com uma posição institucional mais firme. E aí esse trabalho, eu fui buscando e impulsionar isso no A..., de diversas formas, nessa escola que eu trabalhava, fiz coisas na biblioteca, fiz esse diagnóstico que foi silenciado e, não parava quieta. Aí desde o silenciamento do diagnóstico, eu não parava quieta ficava questionando, aí um dia a diretora, numa volta das férias, estavam todos educadores e todos os profissionais da escola reunidos no mesmo salão, sem me avisar nada, eu já tinha mandado vários e-mails perguntando sobre quando a gente ia fazer as frentes de trabalho, que é bem o que eu tinha proposto, quando ia divulgar o diagnóstico e sempre saiu pela tangente. E aí chegou nessa reunião a diretora falou que tava muito incomodada que as pessoas andavam falando muito do projeto da BS e da J.D.P.C.P. e que na verdade A... já trabalhava com educação de racista 30 anos, afinal de contas A... tem capoeira a 30 anos que foi pioneira e que desde então sempre valorizou a capoeira e colocou assim, na frente de todo, mundo como se o que eu tivesse fazendo fosse algo personalista, como se fosse algo, de novo, da minha cabeça, como se assim, como se eu tivesse fazendo uma caça às bruxas e aquilo foi tão constrangedor para mim na frente de todos os meus colegas, ela não falou que ia falar desse trabalho, foi um horror, nesse dia, inclusive, a diretora passou mal, com pressão alta saiu no meio da reunião e foi para o hospital e eu fiquei muito mal assim, mas eu somatizei, tive várias questões de saúde, não queria mais continuar nessa escola senti como um desrespeito enorme porque eu tava trabalhando de graça para escola, no que eles me chamaram, para coordenar o projeto educação de antirracista, não fui eu que fui lá, eles me chamaram, eu fiz, eles silenciaram, Eu entrevistei um monte de gente transcrevi, passava a madrugada, porque acreditava que aquilo tinha que ser feito e depois fui pintada com se tivesse fazendo algo personalista. E aí aquilo me deu um reverterio aí comecei a fazer só meu trabalho de sala de aula e a BS tirou os filhos da escola, foi para outro lugar, eu fiquei levando tratando essa questão na terapia vendo as coisas lá, preocupada com as crianças negras eu conversava com os colegas que tava com as crianças negras que tinham passado por mim, ou outras, tentando tentando fazer o trabalho que não era só de sala de aula, mas sem apoio institucional me sentia péssima, até que eu entendi que tava me fazendo mal e que eu tinha que sair daquele espaços. E aí eu tinha uma parceria com a educadora dessa escola, que é a P..., que também é uma educadora negra, que a gente foi fazendo coisas com as turmas simultaneamente, foi fazendo curso juntas, e aí a gente falou "Ah, cara vamos fazer, então, do nosso jeito se aqui incomoda tanto?, né?

porque ele tinha um incômodo, colocar Clementina de Jesus e aí já sei que alguém vai reclamar, ou enfim, muita gente valorizava, né das Mães e pais, mas gerava incômodos, a gente estava incomodada naquele espaço e aí tinha o quintal em casa que dava para fazer e a gente começou a experimentar, o que era levar essa educação afro referenciada para o espaço não formal da educação e, ver como isso reverberava nas crianças, a gente já tinha, eu, principalmente, uma perspectiva de fortalecer crianças negras e dar letramento racial para brancas, porque eu fazia isso muito nas rodas de conversa, “Não, pera aí agora você não vai falar para branca, agora a gente vai ouvir o que essa criança negra tem pra dizer”, “não, isso que você tá falando não se fala assim, por isso, por aquilo” e conversar conversar com a família, “olha hoje a sua criança falou tal coisa racista, que espaço vocês frequentam, como que as questões raciais estão na sua casa?”, então esse trabalho que eu fazia na escola, eu levei para esse espaço a gente fez algumas edições, e aí vai a pandemia. Com a pandemia veio George Floyd, esse frenesi todo que deu a branquitude, de repente todo mundo querer virar antirracista e começaram a me procurar muito de um lugar de formação de professores eu fazia formação de professores na A..., porque o trabalho que eu fazia em sala de aula foi se desdobrando para compartilhar com outros educadores ali, e comecei ser solicitada nesse lugar, não tinha como eu trabalhar com as crianças porque era pandemia, mas tinha como trabalhar com os adultos virtualmente. E eu tava cansada de ficar no ativismo da A... porque eu continuei, que aí os pais da A... queriam ser antirracistas, aí eu desenterrei o diagnóstico, fiz uma apresentação pros pais, criaram lá, o NACA, núcleo de antirracismo da escola A..., e o I..., meu marido, que tava comigo, como o pai negro tava acompanhando esse ativismo, a gente sofreu racismo nesse espaço antirracista, falei “Cara aqui, eu não vou mais trabalhar que eu já dou por vencido, vocês que são brancos que se entendam”. E aí decidi pegar essa energia de ativismo que eu tava pondo na A... e me dispor a conversar com outros espaços daí veio a liga entre escolas, me convidaram a participar desse movimento.

Paulo - O que é a liga?

J.D.P.C.P., 32. - A liga entre escolas pretende ser um coletivo de mães e pais que estão mobilizados em escolas particulares. Então a ideia é que tenham núcleos de famílias que buscam pressionar as instituições que seus filhos estão para implementar a lei 10639 corretamente e desenvolver um trabalho para educação e relações raciais, tem famílias negras e tem famílias brancas, agora é importante dizer que no início da liga tinham alguns homens brancos que tentavam transformar liga em algo muito liberal e em algo que tinha crescer rápido no discurso de antirracismo sem fundamento nenhum, fui eu e outras colegas negras, principalmente mulheres, mas se tivermos ajuda também nesse primeiro momento do I..., mas foi majoritariamente coordenado por mulheres negras, a gente, depois de muita violência, conseguindo tirar essas esse coletivo que silenciava mulheres negras ali dentro e tentava fazer as coisas de uma forma muito esquisita muito, que contradizia valores antirracistas. E aí eu trouxe para liga, desde o início batia nessa tecla, que a gente não tinha que inventar roda nenhuma, se a gente queria trazer alguma consistência de educação em relações raciais para esses espaços branco, de muita branquitude que a gente tinha que olhar para experiências anteriores, aí a gente foi fazendo uma aproximação com alguns grupos e instituições e firmou uma parceria com uma ação educativa, porque agora a gente, a principal ação liga é essa, que a gente vem costurando desde então, que é de levar metodologia, já

muito bem desenvolvida pela ação educativa, para as escolas particulares e essa ação educativa é também um laboratório para adaptar essa metodologia para pensar essa entrada nesses espaços de branquitude que não são escolas públicas e que não funcionam necessariamente com uma ação democrata. Então, estamos nesse momento, nessa parceria, e a liga vai ao longo do tempo se expandido também, então outros coletivos de mães e pais podem se aproximar como ouvintes e depois entrar pro Conselho diretivo da liga, e aí a liga, ela tem essa intenção de propor letramento racial pras pessoas que parte da liga, porque chega muita e pai desinformado lá, mas também, principalmente, de propor ações, a partir da sociedade civil, que ajudem um pouco a auto regular as escolas particulares, ou impulsionar, as escolas particulares no sentido de cumprir a lei e de pensar a educação para relações raciais.

Paulo - Como é que é o seu trabalho na liga?

J.D.P.C.P., 32. - Eu, na liga, nunca estive como mãe, sempre estive como educadora e articuladora, porque sempre fiquei nesse papel de apresentar pessoas, de fazer pontes e dá um olhar um pouco mais técnico, que muitas vezes mães e pais, que muitas vezes algumas pessoas tinham informação ou não, mas eu precisei me afastar das reuniões da liga chegou um momento em que eu comecei a ficar muito doente, muito exausta, muito deprimida, cansada de dialogar com pessoas brancas, as pessoa tem muita resistência, tem que ficar repetindo muita coisa ou percebendo muitos mecanismos de resistência de pessoas brancas, e aí é um trabalho gigantesco para as vezes fazer andar um passo e de repente os brancos vem e andam pra trás cinco e isso começou a me tencionar muito e eu fiquei muito desgastada. Eu dentro da liga hoje, eu passei por do GT que cuida da parceria com a ação educativa, que foi uma parceria que eu ajudei a costurar e que eu continuo na manutenção dela, mas também por estar vivendo questões na vida pessoal com processo do judicial, que influencia meu filho, que afeta muito a minha saúde mental, eu pedi, quase uma licença, desse espaço da liga para poder voltar mais fortalecida, por que é muito desgastante e eu tava mal conseguindo gerar minha própria renda com os meus trabalhos e a Liga me dá muito trabalho. Então eu precisei sair um pouco da linha de frente, tem outros colegas que estão nessa linha de frente, para poder cuidar da minha vida pessoal, da minha subjetividade e conseguir ainda fazer alguma contribuição com a liga, que é no momento, espero poder voltar depois, mas no momento essa essa ponte com a ação educativa. Uma coisa importante dizer sobre a liga, que é uma conquista aqui foi uma treta por muito tempo, é que a gente prioriza coletivos que tenham integrantes negros, então sempre prioriza o espaço seja no mínimo metade de pessoas negras e, tem também um processo seletivo, para esses coletivos poderem adentrar o espaço de tomada de decisão da liga, porque a gente sabe que tem compreensões muito diferentes do que é o antirracismo, e a gente tem muita preocupação, é uma das questões que a gente mais precisou brigar, é com escolas que querem criar bolsas sem antes fazerem o diagnóstico das suas instituições, sem antes buscarem dar formação para esses professores, sem antes buscarem caminhos para melhor implementar a 10639, tem muitas escolas que foram nessa onda, “Ah, queria bolsa”, em um viés assistencialista e, que aí vai por famílias e crianças negras de qualquer jeito lá dentro, aliviar a culpa branca e é isso.

Paulo - Qual o grande problema dessas bolsas nessas escolas, como é que você...

J.D.P.C.P., 32. - Olha a bolsa, a política afirmativa, que não é bolsa, né? Tem que se criar uma política afirmativa consistente, né?, bolsa, como, por que, para quem, por quanto tempo, o que que vai garantir a permanência dessa criança... primeiro que a bolsa ela tem que ser muito bem desenhada, segundo que ela tem que ser, na minha avaliação e a liga vai caminhando também nessa perspectiva, ela tem que ser um passo mais adiante, primeiro você faz um diagnóstico da instituição, vê como a escola lida com as questões sociais, quais são os materiais didáticos que tem, como seus educadores se sentem e quais formações eles têm para lidar como o sistema, dois quais são as famílias que estão dentro dessa escola, quem são as crianças negras que estão dentro dessa escola e, como que elas se sentem.

Paulo - Mas se se a escola não tem crianças negras, você não acha que fazer a bolsa para trazer essas famílias negras, crianças negras, e também aprender durante o processo, não poderia ser uma possibilidade, você conhece escolas que fizeram esse caminho?

J.D.P.C.P., 32. - Então, aí é o seguinte, eu acho que, primeiro tem que ver como as pessoas negras que estão dentro das escolas e se sentem, sempre vai ter alguém, nem que seja, geralmente nas posições operacionais, essa escuta precisa ser realizada antes de querer fazer uma bolsa. Porque os brancos não percebem a realidade como as pessoas negras e antes de querer por mais pessoas negras para dentro primeiro tem que dar conta de olhar que tipo de violência já aconteceram aqui dentro, porque é impossível que não tenha acontecido. E aí tem que criar um espaço seguro, para essas pessoas falarem, tem que ter uma honestidade, não é sair fazendo, mas sim, é importante que espaços que são só brancos também tem um trabalho de educação antirracista, e fundamental, porque principalmente os brancos precisam disso, muito mais que os negros. Agora, eu sempre falo, primeiro organiza casa, depois vocês traz os convidados, não vai na bagunça, tem uma escola que eu acompanho que primeiro criou a bolsa e junto com criar a bolsa saiu correndo atrás do tempo para tentar dar conta do que fez, eu já falei para eles que eu acho que essa foi uma ação equivocada, primeiro você se fortalece, pode ser 6 meses, não to dizendo 10 anos, mas assim primeiro toma consciência do que que você tá fazendo, por que que você tá fazendo, se organiza um pouquinho, porque você vai colocar criança negras aqui dentro, um ano na vida de uma criança pode ser muito impactado no espaço, pra mim espaço branco e eu digo por experiência é violento, é violento. Então você precisa garantir um espaço, uma mínima organização desse espaço, um letramento racial para os educadores, um nivelamento, aí criou a bolsa ótimo, aí você queria metas a curto, médio e longo para ir acompanhando esse projeto de educação antirracista. Acho que é possível criar bolsas equipe projetos consistente nas escolas particulares sim, é possível, mas não é do dia para noite, não é simples, não é fácil e outra, não adianta trazer uma assessora, um assessor e jogar na mão dessa pessoa, isso vai ter que ser um trabalho que vai ter que transformar as relações todas ali dentro, né? Porque a gente tá falando que o trabalho que ele é de uma transformação cultural de consciência que se dá nas relações a gente tá falando de relações sociais, né? E as pessoas brancas precisam muito pensar sobre a sua branquitude, sobre a branquitude dos seus alunos, dos seus colegas, para que um trabalho de educação antirracista possa criar raízes de fato, porque senão, cria-se uma coisa bonitinha que daqui a pouco ela facilmente é apagada, é escanteada, então precisa criar processos.

Paulo - Quais são quais os problemas que você identificou nessa escola que você acompanha?, se não quiser falar o nome não precisa falar o nome da escola.

J.D.P.C.P., 32. - Assim, primeiro criou as bolsas e agora vai correndo atrás para dar a formação para os seus educadores, teve um problema muito sério, que foi contornado, para mim foi o maior problema, que eles contrataram, chamaram, convidaram uma professora branca, pesquisadora da área de infância que não sabia nada ou muito pouco de questões raciais e me chamaram para dar um apoio para essa pesquisadora que ia justamente pesquisar como se deu a adaptação de dezoito crianças negras no primeiro ano dessa política afirmativa. Eu ajudei a criar um parâmetro, né com alguns referenciais teóricos básicos que essa pesquisadora precisava ter para conseguir desenvolver esse trabalho e fui acompanhando, então ela fazia o texto e eu ia fazendo meus comentários, essa mulher foi sendo bastante racista comigo nas reuniões, mas eu ia... Quem sou eu, não sou Doutora, né, sou só uma mestranda, professora da USP., eu vou ficar quieta.

Paulo - Como é que você sentiu, o que ela fez que era racista com você?

J.D.P.C.P., 32. - Então, muitas vezes eu ia falar, era câmara, né, pandemia, eu ia falar ela levantava em a hora que eu tava falando, eu ia falar ela dava uma, era tudo muito sutil assim, “Ah, essa menina que não sabe das coisas aí”, aí teve vez que falou “Eu já fiz trabalho com favelado”, na primeira reunião, “Ah, já estou acostumada, já fiz trabalho com as crianças da Paraisópolis, já sei lidar com os favelados”, diminuía, né, muitas vezes que eu trazia alguns temas, ela diminuir como se aquilo não fosse relevante, assim, aí sempre trazia o foco para outra coisa, o brincar, não sei o que, a questão racial ela ela sempre era escanteada quase me pondo um lugar de exagerada, mas tudo bem, eu fui acompanhando as custas da minha saúde mental, mas falava, “Bom, eles estão fazendo isso, eu tô aqui, eu tô vendo isso, eu tenho uma responsabilidade sobre isso vamos ver até onde dá.

Paulo - O que você sentia quando ela fazia isso?

J.D.P.C.P., 32. - Cara, eu sentia preocupação pelas crianças que estavam ali dentro.

Paulo - Mas o que você sentia no seu corpo?

J.D.P.C.P., 32. - Eu sentia angústia, ne, sentia um certo desespero, certo desespero, porque você ver uma coisa sendo construída indo para o caminho que eu já sabia que não ia dar certo, tudo bem, eu não sou Professora Doutora, mas eu tenho experiência enquanto indivíduo, subjetiva, enquanto profissional de que aquilo não tava indo para um caminho legal na frente da diretora da escola, coordenadora. Isso foi caminhando até essa profissional desenvolver um relatório que observou as crianças e chegava à seguinte conclusão; de que as crianças negras se autoexcluíam porque tinham baixa estima. Eu fiz uma série de apontamentos no relatório dela, que não aponta as questões das crianças brancas, e enfim, por que é que será que essas crianças negras foram brincar no cantinho? Será que não é esse espaço que é violento? Será que são elas? Que que esse espaço tem para que essas crianças façam isso? Em que esse espaço precisa se transformar? Por que essas crianças que estão colocadas na mira da pesquisa e não as relações? Por que que o foco, a criança negra e um objeto dentro dessa relação e não se ambiente é esse que cultura que passa nesse espaço, o que que é esse esse espaço, o quanto esse espaço impacta. E aí eu fui

pegando as referências teóricas que foram colocadas lá e mostrando quanto aquilo não tinha sido respeitado, né? E aí, óbvio, deu um chabu, ela “Quem é essa menina para falar isso?” virou toda uma situação e eu preferi me retirar dessa pesquisa, falei “Olha eu não compactuo com esse relatório, que é racista, a conclusão deste relatório não está, não é coerente com pensamento educação para as relações raciais vocês estão reproduzindo a branquitude numa visão assimilacionista do negro na sociedade”. E aí mandei um relatório, um e-mail me retirando do processo, dizendo porque dizendo que eu não concordava com aquele relatório, a diretora e a coordenadora receberam o meu e-mail, fizeram uma reunião comigo disseram que tinham estudado, que tinham pensado, que concordavam que aquele relatório não seria publicado e quem então faríamos uma nova pesquisa olhando para as questões da branquitude e da negritude em relação dentro daquele espaço, eu falei então, beleza. E aí desde então a gente tá nessa caminhada de formação de professores à medida que eu olho para, principalmente, para as questões da branquitude dentro desse espaço, que inclusive é a minha dissertação de mestrado que está sendo desenvolvida, é com cenas que acontecem nessa escola, na faixa etária que recebe as crianças pela política afirmativa e que eu foco no racismo, que é cotidiano e que as crianças brancas manifestam, que é uma grande surpresa para ele porque eles, porque eu já apresentei alguns dados “As nossas crianças são racistas?!”, isso vai se apresentando. Então o que eu tenho a dizer é, a cada passo eu vou vendo se essa escola vai continuar com o pacto de ir buscando rever a sua branquitude ou se em algum momento, eles vão espanar, porque eu não tenho garantia de nada, para mim é a cada passo, a cada encontro que esses pactos vão sendo refeitos, né? Eu até onde vai eu não sei, eu já tive experiências com pessoas brancas e instituições brancas que parece que tá tudo lindo volta-se 30 casas, né? Porque tem muito jogo político posto, então eu não tenho garantia de nada, mas o que eu tenho no momento é que há uma tentativa de construção que me parece genuína, porque questiona as questões da branquitude.

Paulo - Por que você acha que a branquitude faz isso? Você acha que elas estão abrindo mão dos privilégios delas?

J.D.P.C.P., 32. - Não, acho que há uma tentativa de algumas pessoas brancas, por isso eu acredito que é sobre cada indivíduo, que mantém uma instituição em pé. Alguns indivíduos conseguiram caminhar na sua consciência racial e conseguem entender a importância desse trabalho, são esses indivíduos que precisam se construir como aliados que vão fazer com que esse trabalho avance.

Paulo - O que esses, esses mesmos que você identificou, você acha que eles compreendem isso?

J.D.P.C.P., 32. - Eu acho que varia muito, eu acho que varia, eu acho que tem alguns que parece que sim, tem outros que sim, tem outros que só estão fingindo, eu não tenho como...

Paulo - Mas você acha que eles se responsabilizam?

J.D.P.C.P., 32. - Não, eu acho que ainda tá numa fase muito inicial.

Paulo - Vou te dar um exemplo assim, se fala muito que o racismo é um processo histórico, né, que até tem que ter uma reparação, mas essa reparação ela sempre é vista para população negra, mas só existe o racismo, né, e o privilégio branco porque ele foi construído

das custas da ancestralidade negra. Ao mesmo tempo, se responsabilizar é abrir mão desse privilégio, os sentimentos dessas pessoas que estão juntas na luta, dessas pessoas brancas que compõem, elas estão realmente se responsabilizando e abrindo mão desse privilégio, ou você acha que apenas, como diz a Grada Kilombo, que nasce uma culpa?

J.D.P.C.P., 32. - Olha, eu não consigo responder por todas as pessoas, a minha percepção é que cada pessoa branca é um caso à parte, primeiro tenso, mas quase todas operam da mesma forma, mas não são todas exatamente que operam da mesmíssima forma, por exemplo, eu consigo confiar num branco aliado que eu vejo que tem algum atravessamento, ou é um casal, casado com um homem preto, ou a mãe de alguma criança preta, ou cresceu na periferia, tem poucos que eu consigo olhar e falar “Cara, essa pessoa está revendo a sua branquitude”.

Paulo - Então você vê isso.

J.D.P.C.P., 32. - Eu vejo assim, não enche uma mão, os que eu conheço e que eu consigo apontar, sendo que eu devo conhecer, sei lá, de cem brancos antirracista não enche uma mão é possível, mas é raro. A maioria está numa posição de alívio da culpa branca, a maioria, e aí entrou num conflito enorme que é, você vai falando sobre branquitude, eles vão percebendo, vão ficando chocados, aí aparece também que Grada Kilombo -- fala, vem uma regressão aí chora, aí fica sensibilizado, aí tem todo um comportamento infantil, mas que faz a manutenção dos lugares da branquitude, a imensa maioria tá nessa posição e tá tentando aliviar a culpa branca. No entanto, como educadora, eu preciso acreditar que algumas pessoas, alguns educadores brancos, algumas poucas pessoas, de fato começam a se transformar, mas não são pessoas que têm o poder na mão, geralmente são trabalhadores, geralmente são pessoas com outro atravessamentos e principalmente mulheres, se tratando pessoas brancas, os que eu conto em uma mão são todas mulheres, porque eu vejo também que o atravessamento de saber o que é ser oprimida, mesmo que a mulher branca seja muito menos oprimida que o homem negro e muito menos que a mulher negra, consegue às vezes fazer uma uma relação, não todas, eu tô falando poucos casos, mas que, na liga entre escolas tem uma colega branca, uma mulher, que tem que se construído com uma aliada muito importante, que dá a cara a tapa, que se põe na frente, né quando tem que situação de violência com colegas negros e que põe o corpo dela para jogo, é raro, mas tem, existe.

Paulo - O que em você é branco?

J.D.P.C.P., 32. - O que em mim é branco? Em mim é branco os comportamentos que eu aprendi muito com meu pai, de sentar na mesa, eu vou desconstruindo isso, né, mas eu vejo que eu não tenho nada em branco que seja estanque, eu tenho comportamentos brancos apreendidos, que vou tomando consciência e eu vou desfazendo, tem formas hoje que eu tenho de comer que eu não tinha antes porque meu pai me ensinou a dobrar a salada com garfo e faca para comer no restaurante e eu morria de orgulho disso quando era criança, porque ele me elogiava um monte hoje, eu fico muito tranquila, se eu quiser comer com colher e prato fundo, coisa que você tinha vergonha, hoje eu vejo que isso é gostosinho, eu gosto e dane-se, mas tem esse tipo de comportamento que eu vou percebendo, tem também, essa é uma pergunta que eu não me fiz, mas é interessante, tem, às vezes, eu vejo que uma coisa

no corpo mesmo, assim eu vi muitos espaços de branquitude e tem algo aprendido do meu corpo, que ele sabe entrar e sair de modos brancos e negros, por que quando eu tava na escola, branca, eu andava com meu corpo mais rígido, eu chegava na casa da vó Cida, já tirava o sapato e já saía andando de outras formas. Então eu vejo que eu tenho em mim, branco, um corpo que ele se congela e descongela, que quando a polícia parou eu e o I.A.A.S. eu virei para cá rapidinho, na forma que eu levantei minha cabeça, na entonação da minha voz, no jeito que eu falei com o policial, do jeito que não sei o quê, porque eu consigo performar branquitude. Eu estudei eles, eu vi eles na minha casa, como que é, então eu vejo que eu tenho essa, com essa passabilidade, do branco a performance, só que hoje ela é performance, já foi uma armadura, já foi algo que me oprimia, com os tempos que eu vou me conhecendo e reconhecendo e me libertando hoje isso vira mais uma eu consegui usar o que eu tenho de branco, mas eu não vejo que isso me constituiu, eu vejo que isso é uma ferramenta.

Paulo - Você se acha colonizada?

J.D.P.C.P., 32. - Todos somos né?

Paulo - Você se acha colonizada?

J.D.P.C.P., 32. - Eu acho muito, eu cresci filha de um pai espanhol, colégio espanhol, fui alfabetizada em espanhol e português ao mesmo tempo, mas eu sinto que eu tô num processo constante de descolonização, constante, quase um descongelamento aos poucos, então coisas do nível do pensamento, do corpo, da forma de chegar nos espaços, da forma de pensar, que vai num processo de transformação, mas eu já me vi muitas vezes, por exemplo, chegar no espaço preto, e perceber o meu corpo rígido. Não sei explicar bem isso, mas de voltar para casa me perguntando "Ué, porque eu tava assim? Por que eu estava desconfortável? Que que tava pegando?" E levar pra terapia, eu faço terapia há muito tempo, então eu sinto que é quase processo de cura quando eu vou me despedindo da branquitude que me foi imposta.

Paulo - Você já quis ser branca?

J.D.P.C.P., 32. - Ah, claro, alisei o cabelo, até uns 16 anos eu alisava o cabelo.

Paulo - E como é saber hoje que você quis ser branca?

J.D.P.C.P., 32. - Como é saber hoje que eu quis ser branca? Ah, É tranquilo assim, eu vejo como algo que fez parte do meu processo de aprendizado nessa sociedade, me ensinaram isso, eram os referenciais que me mostravam, menino nenhum que queria namorar comigo, eu queria ter um namorado, vivia no meio de um monte de gente branca, eu vejo que é natural que eu quisesse, isso inclusive hoje quando eu vejo crianças da família, ou alunos, que estão nesse lugar eu consigo dialogar sobre isso com certa naturalidade, porque isso tá sendo imposto o tempo inteiro para as crianças, então eu vejo sem culpa nenhuma, eu vejo como algo, mais um efeito do racismo e do colonialismo.

Paulo - Você tem filho.

J.D.P.C.P., 32. - Tenho.

Paulo - Seu filho já sofreu racismo?

J.D.P.C.P., 32. - Cara, essa é uma questão complexa, é difícil para mim responder, porque eu não vejo meu filho como um menino negro, eu não vejo. Eu não vejo, mas teve um senso da escola

Paulo - Não? Por que?

J.D.P.C.P., 32. - Porque eu vejo que ele cabelo liso, o pai dele é branco, ele tem a mesma coisa que eu, mas ele tem um cabelo muito liso e por mais que o rosto dele é bem parecido com o meu, os traços são bem parecidos com meu, eu acho que eu não consigo a leitura dele como menino negro porque eu vejo ele crescendo numa escola, por mais que essa escola racista que eu aponte, e uma escola progressista já anos-luz da escola branca que eu estudei, e outra ele era um bebê muito branco, ele foi escurecido depois, a melanina foi chegando depois, ele nasceu muito branco. Então, eu nunca vi ele viver racismo, eu nunca vi, sozinho, mas ele já viveu comigo, ele já viveu com a avó dele que é uma mulher retinta que ele é grudado e ele já viveu com pai dele, o I..., eu vejo que ele tem consciência racial, ele tem muita consciência racial, ele fala sobre negritude, ele se sente mais à vontade perto de pessoas negras, isso eu tenho observado, ele procura mais por crianças negras em muitos momentos, ele já chorou falando que ele queria ser igual a prima, M., que é retinta, que ela é muito linda, bebezinha, três anos. “Ah, a M... é muito mais bonita que eu, eu queria ser linda igual ela” porque ele vê a referência preta na família como algo que é exaltado e que é bonito, mas eu não vejo o corpo dele, objetivamente, ser marcado.

Paulo - Veja, você... no começo eu te trouxe *A Redenção de Cam* e você fez uma análise e eu pedi para você estabelecer relação com a sua vida. Agora você falando que você não vê seu filho como negro, consegue estabelecer alguma relação de porque naquele momento você não trouxe isso?

J.D.P.C.P., 32. - Porque o meu filho não é o menino da *Redação de Cam*, o Cisco é um menino pardo.

Paulo - Você falou que o pai dele é branco, o biológico né, que ao mesmo tempo você não o vê como negro.

J.D.P.C.P., 32. - Verdade, mas

Paulo - Agora você tá falando que tá vendo ele como pardo, que é negro.

J.D.P.C.P., 32. - Então, pardo e negro, mas você perguntou se vejo ele como negro, eu falei que não, mas você me perguntar se eu vejo com ele como branco, eu vou falar que não.

Paulo - Mas quem não é branco e nem é negro, nesse mundo racializado, ele é o quê?

J.D.P.C.P., 32. - Então aí a questão é, o F... Ele se autodeclara negro, já tentei falar “Filho, mas você tem certeza?”, “Mãe, eu sou pardo, marrom e pardo é negro”, ele já fica impaciente, daí eu falo “Tá bom filho, tá bom”, para mim, eu acho que me pega num lugar que eu não consigo olhar pro F... como um menino negro porque eu sei o quanto foi para mim, eu acho que eu me projeto um pouco, um processo longo de compreensão e às vezes eu acho que ele precisa de tempo para entender como o corpo dele vai ser atravessado, para além do que a família vive e fala, mas assim, porque eu não imagino, eu não consigo me pôr no lugar dele,

imaginar com a experiência racial que ele tem porque ele não vive o que eu vivi, ou meu irmão de viveu, ele não vive.

Paulo - Mas então o que ele vive? Você falou que está projetando, você fala “Ele não vive o que eu vivi”. Você tem uma escuta dele?

J.D.P.C.P., 32. - F..., ele é um menino... é tem que pensar sobre isso, porque talvez me doa, como mãe, imaginar que ele vai viver alguma coisa que eu vivi, para mim ele tá livre dessa experiência pelo fato de eu ter uma bolsa numa escola que apesar de, é complexo, apesar de eu saber que e racista, eu sei que não é o Miguel de Cervantes, eu sei que não e a escola que eu estudei, eu sei que tem aliados ali dentro, tem educadores aliados, como eu não tive, nenhum, só teria o quê hoje e a A.M. que a pessoa que trabalha na cozinha, que defende todos as criança preta ali, era a única que defendia mais. Eu tinha o B., e a E., mas ali tem vários professores, inclusive a atual professora dele, é uma mulher parda, e uma mulher que se auto declara negra e que eu sei que ele está sendo olhado, então eu meio que deixo para o tempo responder, ele se auto declara negra, eu não vou falar que não, mas eu preciso ver como essa consciência racial vai se desenvolver, porque se eu ver ele crescendo, todos os amigos dele são brancos, se eu ver meu filho crescer mais playboy e eu ver que ele não vive questões com corpo dele, vou precisar ter uma conversa com ele, da onde ele vai se situar, porque eu acho que é importante, é muito importante trazer a realidade objetiva que você vive para sua autodeclaração, não só porque minha mãe é negra ou por que meu pai e negro, quais são as experiências raciais que você viveu e eu acho que ele ainda não tem idade para ter essa consciência.

Paulo - Veja se eu consegui traduzir, assim, o que você tá falando, pra te fazer uma pergunta. Você tem uma imagem dele que não é a mesma imagem que ele tem dele e você fala que isso acontece porque você se projeta na realidade dele a partir da sua realidade, de maneira que isso impede que você reconheça aquilo que ele fala. Como acolher você e acolher ele?

J.D.P.C.P., 32. - Eu acho que eu preciso, primeiro eu preciso entender, que o meu filho tá crescendo, eu acho que parte disso é legitimar o que ele traz, o que ele fala. Eu acho que tem algo em mim que olha ele ainda como um bebe que não sabe das coisas, claro que não é assim propriamente, mas eu sempre acho ele mais novo do que ele é, ele tá com oito anos, e eu sempre penso “um dia vou ter essa conversa com ele, quando ele estiver maior”, não é que eu não valido o que ele diz, eu ponho em stand by, tipo, não sei se é, ou não sei se não é, lá na frente vamos ver se é isso. Então eu acho que para eu me acolher e acolher ele, primeiro eu tenho que amadurecer essa minha maternidade, no sentido de aceitar que meu filho está crescendo e que ele tem as próprias opiniões sobre o mundo e que ele vai ter experiências que vão ser só dele. E isso é uma questão que eu trabalho na terapia, ele foi um bebe que eu pari sozinha, eu amamenteei, eu vivi com ele, fui mãe solo por um ano e meio, então eu ainda tenho uma coisa de precisar distanciar dele e que talvez, aí trazendo as minhas leituras, que talvez eu precise, pra me acolher ele neste lugar e me acolher ao mesmo tempo, deixar ele ser ele, crescer, e eu ainda me ponho muito nele, e um trabalho meu, minha lição de casa.

Paulo - Vou te mostrar algumas imagens aqui e quero que você fale sobre elas.

J.D.P.C.P., 32. - Todas eu olho, ou uma de cada vez?

Paulo - Olha todas e depois fale sobre elas, sobre o que isso te causa.

J.D.P.C.P., 32. - São muito bonitas as imagens.

Paulo - O que são essas imagens?

J.D.P.C.P., 32. - Essas imagens são os Orixás na tradição Ketu, e aí tem aqui a representação de vários deles, os principais, os mais conhecidos, mas a primeira coisa é uma emoção pela beleza mesmo, não sei qual é o artista, mas a representação deles é muito bonita, os símbolos, a forma, como eu conheci cada um deles não tem como olhar pra imagem sem pensar o sentido que cada uma evoca. Desde criança, quando eu era pequenininha, sempre gostei dos Orixás, então tem uma coisa muito afetiva, assim, pra mim nas imagens.

Paulo - Destaca uma que você considere.

J.D.P.C.P., 32. - Oxossi, que estava na primeira página, que é, enfim, também o meu principal Orixá de cabeça e, ele é muito bonito, Oxossi tem uma calma e um movimento ao mesmo tempo que sempre me intriga.

Paulo - Fala o que essa entrevista te causou, quais são as reflexões que te trouxe, quais são os sentimentos?

J.D.P.C.P., 32. - Primeiro sentimento é que um pouco me surpreendeu o quanto eu consegui abrir lugares e falar de uma forma fluida as vezes de coisas muito difíceis e que não é fácil, pra mim, falar, então primeiro me causou espanto por ver o quanto a vontade eu me senti, por mais que fosse doloroso em alguns momento o quanto foi bom falar também, então isso me surpreendeu, porque geralmente a experiência não é essa, mesmo que eu acesse algumas dessas memórias, o meu corpo fica tenso, e eu estou terminando com uma sensação tranquila, então isso me causa a primeira sensação. Sobre o pensamento, para onde me levou, ainda estou com a sensação de muitas coisas em aberto, eu abri muitas janelas ao mesmo tempo e eu vou precisar assentar, mas em especial os temas ligados à minha família, porque a parte de trabalho ou de uma visão mais objetiva, sobre as questões da negritude e algo que já está mais organizado dentro de mim, mas a parte subjetiva, do que me atravessa e atravessa a minha família, é algo que está em constante transformação o tempo inteiro, a cada encontro pode acontecer uma situação racista, a cada encontro pode ser bom ou pode ser ruim, a cada encontro eu posso aprofundar um nível a mais com a minha mãe, porque a gente vai dando mergulhos, ou aprofundar mais com meu pai também, porque eu tenho questionado as questões de branquitude, dado coisas pra ele ler, vídeos, ele vai fazendo a lição de casa dele também. Ou meu irmão, que pra mim é a grande esfinge, porque meu irmão não fala sobre essas experiências, e eu vivi muita delas com ele, meu irmão defende a polícia, meu irmão tem fetiche com a polícia, meu irmão queira trabalhar a polícia, então isso tudo me leva ao meu irmão também, que é pra mim a grande encruzilhada desse tema, como é que eu dialogo com meu irmão, sendo quem eu sou, sabendo quem ele é, mesmo que ele não tenha consciência disso, então acho que essa conversa, de alguma forma, me faz sair daqui com essa pergunta, sabe, pra mim mesma.

Paulo - Muito obrigado.

ENTREVISTADO 04 - M.A.S., 56 anos, Empresário.

Paulo - Primeiro fala seu nome completo, a idade, profissão e você autoriza a utilização da sua imagem, som para a tese de doutorado de Paulo Edison de Oliveira a Descolonização do Inconsciente.

M.A.S., 56 - Autorizo a utilização da imagem, meu nome é M.A.S., minha profissão é sociólogo e cientista político, completo agora em novembro 56 anos de idade e fico feliz aqui em contribuir com a tese do Paulo, autorizando minha imagem e minha gravação de som e áudio.

Paulo - Então vamos começar, eu queria que você contasse a sua história de vida, onde você nasceu, como foi a sua infância, a sua família, o que que você lembra?

M.A.S., 56 - Bom, eu nasci em Carapicuíba, nasci no dia 29 de novembro de 1966, eu nasci em casa, minha mãe teve todos os partos em casa, eu sou o terceiro filho de um casamento de dona LAS, falecida agora dia 3 de março de 2022 e filho de APS, eu tenho mais duas irmãs que é A... e e também a MRS. E uma família negra, eu digo isso porque eu sempre digo pros meus filhos ne, eu sou casado com o AS, tenho dois filhos, o MMAS Filho, que tem 19 anos e a L... que tem 8 de idade, então eu sempre digo que antes de eles aprenderem a ler e escrever eu ensinei eles a serem negros, então isso foi fundamental pra gente, a questão da ancestralidade. Por que que eu digo isso, a relação que a gente com Carapicuíba, uma relação muito forte, a cidade ali onde eu nasci, porque meu avô e minha avó, meu avô chama O.. e minha avó D..., vieram de Diamantina, cidade do norte de Minas Gerais, a terra lá de Juscelino, como se convencionou a falar lá, Diamantina, em 1945, então as décadas que se passaram ali foram muito importantes para consolidar o que eu até venho a reconhecer agora na atualidade como um grande quilimbo negro né, e pra mim, ter consciência dessa história, dessas raízes é extremamente importante e, a minha infância foi convivendo dentro de uma família muito forte, tradicional, uma família negra tradicional mineira, tradicional ao ponto do meu pai chamar-se Agostinho porque ele nasceu no dia de Santo Agostinho, no dia 28 de agosto de 1938, na época, essa família, as famílias mineiras mais tradicionais colocavam o nome dos filhos de acordo com o santo do dia, com a folhinha, então olhava lá a folhinha, cada dia tinha um santo, eu não tenho tio Everton, Cleverson, Cleiverson, não, eu tenho tio Crisostomo, meu pai era Agostinho, tenho tio Paulo, tenho tio Pedro, tenho tio Cirilo, os nomes não tem nada a ver, porque cada santo era da folhinha. Ai eu herdei esse nome do meu pai e meu filho também chama, tem Agostinho Filho, meu pai era Agostinho P, eu sou M. Agostinho e meu filho é Agostinho da Silva Filho e nos convivíamos em uma, fora isso, tinha uma comunidade negra muito grande ne, nos relacionávamos e, uma coisa muito marcante pra mim na minha infância, isso foi marcante pra mim, meu pai, quando eu andava com meu pai, ele cruzava com outro negro no caminho, ao qual ele denominava como Patricio, então havia, ele já mostrava pra gente que deveríamos reconhecer uma identidade entre os negros, ao qual ele chamava de Patricio, então ele dizia o seguinte “quando você cruza um Patricio”, e teve uma vez que eu presenciei isso, ele cruzou por uma pessoa, a gente não estava Carapicuíba, a gente estava em São Paulo, andando ali pela região da Luz, ele fazia um trabalho, depois eu falo sobre o trabalho dele, ele cumprimentou a pessoa, foi a primeira vez que eu vi, ele cumprimentou uma pessoa, outra pessoa negra de longe, eu perguntei pra ele se ele conhecia, ele falou que não conhecia, mas que a gente devia cumprimentar todos os

negros, então é uma espécie de dentro do território você, mais ou menos, reconhecer com quem você pode contar, ou a quem você deve reconhecer, mais ou menos assim, o que vale a pena dentro das relações, mais ou menos isso, hoje eu problematizando assim, mas isso pra mim era algo bem importante, em Carapicuíba especial, todo mundo era parente, ou era tio, ou você respeitava e, tinha aquele habito de você beijar a mão dos mais velhos um traço da tradição também ne, você reverenciar os mais velhos ne, e as vezes alguém estendia uma mão enrugada pra você e você tinha que beijar a mão daquela pessoa, não importava se ela tava com cheiro de fumo de corda, se era uma mão enrugada, se era uma que tava meio fuveira porque era a mão de um pedreiro, mas enfim e tal, você tinha, ou cheirando álcool, porque as vezes tava no boteco e o cara dava uma talagada no copo aí depois te estendia a mão e você tinha que beijar, era seu padrinho, era um tio seu, ou era o avo de alguém importante, então sei que tinha essa tradição de pedir a benção a questão era no sentido de você reconhecer a hierarquia, o teu lugar, então tinha o lugar da criança, o lugar do adulto, o lugar da mulher, havia o lugar do negro e o lugar do branco, mas adiante eu vim saber disso, depois eu vim entender. E uma coisa que era importante também era no momento da, quando as famílias se reuniam, você tinha esse lugar bem explicitado, que era quando você ia comer, na hora da alimentação, a hora, a ordem em que se comia, primeiro comiam as crianças, e comia no chão, forrava o chão pras crianças comerem, não só, eu vejo, porque não tinha lugar pra sentar, até tinha, podia revezar, sentar na mesa, um pouco um, um pouco outro, você em uma certa idade, você passava a sentar na mesa só com uma certa idade, determinado tamanho né, da mesma forma que você só usava camisa de manga comprida, eu lembro da minha primeira camisa de manga comprida, eu me achei o máximo assim, é como se eu tivesse ganhado uma bicicleta, porque era um status, entendeu? Porra já sou ne, já posso usar determinada roupa, então você tinha, as crianças comiam no chão e eu sabia, “eu como no chão porque eu sou criança, que eu sou meio nada mesmo sabe, não sou digno de sentar na mesa, eu não estou a altura, ainda, daqueles que sentam a mesa”, eu lembro que eu tinha esse sentimento aí, então era uma família, eu considero, me reconhecer dentro de uma família tradicional negra com regras, com posições, era muito importante e, uma coisa bacana pra mim também, bacana, mas foi um motivo as vezes até de temor ne, o meu pai ele trabalhava por conta própria, então a percepção mais importante pra mim era que ele não tinha horário pra chegar em casa, esse era um problema, porque você tava em estado de plena vigilância, primeiro assim, se você estivesse fazendo alguma merda, você ia se foder, entendeu e problema que você podia ser pego em flagrante fazendo essa merda, ou deixando de cumprir alguma coisa, então você tinha que cumprir as coisas que você tinha que fazer, entendeu e era um respeito absurdo que a gente tinha com o meu pai, convivemos pouco com ele, mas foi determinante pra nossa vida, mas era absurdo de absurdo mesmo. Às vezes eu faço umas, talvez eu vou até fazer uma coletânea de umas postagens que eu faço no Facebook porque eu até falo que é muito presente isso né, e meu pai, até fiz uma postagem esses dias que meu filho pintou o cabelo de vermelho, não, azul aqui em cima e vermelho aqui em baixo, parecendo umas labaredas, umas coisas assim e, tanto ele pediu pra pintar o cabelo pela primeira vez como pediu pra fazer tatuagem, já chegando ali pros 18 anos e tal, falei “cara, vou falar uma coisa que meu pai falou pra mim, você só não pode ser preguiçoso, bunda mole e pé de chinelo, o resto cara, você pode fazer qualquer coisa” e assim, nessas três frases tá

incluso ser mal caráter, não bancar o que você fala, correr do pau se você, é aquela coisa,” não tenha medo dos seus inimigos se não é você que começa a brigar”, se não é você que começou a brigar e tá vendo treta pra você, desculpa, mas você vai fazer justiça ali na hora porque você vai estar com a razão é boa, se você não provocar, mais ou menos nessa linha. Então isso meu pai embute muito na gente, entendeu, e o fato de não ser preguiçoso era muito importante pra ele, porque ele aprendeu a trabalhar sozinho, ele mesmo, ele encontrou, porque ele era eletricitista, e ele encontrou, ele foi peão de obra, ajudava uns amigos do pai dele, trabalhou com o pai dele, então aprendeu a trabalhar em obra, sozinho também ele foi procurar emprego em obra, porque ele trabalhava com o pai dele, o pai dele era um puta de um carrasco para ele, depois até conto essa história um pouquinho também, e ele descobriu um caderno do IUB, Instituto Universal Brasileiro, que era aquele ensino a distância que tinha antigamente, que faziam propagandas daquele instituto até nas revistas em quadrinhos né, eu lembro que eu lia revista em quadrinho, que meu pai lia revista em quadrinho, e ele aprendeu sozinho a profissão de eletricitista. E a profissão de eletricitista empoderou o cara, porque ser eletricitista na década de 60 era como você dominar tecnologia hoje, redes, computadores, mais ou menos isso, meu pai com a segunda série primária ele foi responsável pelo projeto instalação, instalação do Hospital São Paulo, por exemplo, do Pelezão aqui na Lapa, do Hospital Santa Clara, que hoje é o Alfamed em Carapicuíba do Laboratório Fantosti em Guarulhos, ele era, digo assim folgado, porque ele tinha consciência da capacidade dele e ele conseguia ao longo do processo de aprendizagem dele, ele conseguiu perceber que ele podia trabalhar no mole entendeu, porque assim, se ele tivesse, ele dizia o seguinte, “se você tiver que fazer pegar pesado você pega, mas se você tiver alguém pra fazer pra você, se tiver alguém pra fazer o pesado, outra pessoa faz o pesado, você pode trabalhar com a cabeça”, entende? Outra coisa importante também é o seguinte, ter patrão nem fudendo, ele dizia que um homem honrado não tinha patrão, não tinha quem mandasse nele, ele não gostava que mandassem nele, comandasse ele, tanto é que ele saiu, foi expulso da escola porque ele bateu na professora.

Paulo - Ele nasceu em que ano?

M.A.S., 56 - 1938. E por que que ele bateu na professora? Porque a professora bateu nele e era normal naquela época, até na minha época, a professora bater, as mães autorizavam os professores a corrigirem os filhos, só que ele não aceitava que a professora batesse nele, ele bateu na professora, Dona Ambrozina, que era esposa de um coronel de Carapicuíba, muito cedo, então, ele tinha a profissão dele, ele começou a trabalhar por conta, você entendeu? E tinha uma preocupação com estética, era um cara que tinha uma percepção das artes, gostava muito de música enfim, tal, uma época que você tinha aquela distinção dos negros com um certo posicionamento, daí ele dizia do pé de chinelo, o que é o pé de chinelo, na concepção do meu pai, aquele que não tem estética, aquele que não consegue ter a percepção do que orna e do que não orna, uma palavra muito importante pra ele era a palavra ornar, “isso não orna, isso, não só no ponto de vista das cores, do móvel, de alguma coisa, da comida, mas também com o teu posicionamento” não orna você querer brigar com um cara mais fraco que você com e quando um mais forte chegar pra querer brigar com você, você afinar, ou você briga com o cara que o bunda mole, ou você briga com o pica também, ou você não briga com ninguém, entendeu, não combina, então seu discurso com que combinar

com a sua pratica, isso pra ele era uma mancada, se você não combinar isso você é um bunda mole, porque você quer pra cima de um cara mais fraco e vai afinar pra outro, só porque é branco, ele tem mais grana, porque não sei o que, ou porque é maior que você. Então tem que ornar, a estética do descuida, a estética da práxis e até a linguagem dele, porque hoje, pra você abreviar a molecadinha escreve casa “kza”, ou abrevia tudo, ele escrevia casa com “kza” porque ele era semi alfabetizado, mas ele tinha sonoridade na cabeça dele e a minha irmã que era mais velha né, que fazia os recibos de aluguéis das casinhas que ele tinha, que é um outro aspecto, “pai, mas está escrito...” ele falava “dá pra entender, não dá? Então tá bom, consegui me comunicar, consegui me fazer entender, então isso já basta”, então isso era muito forte. Então meu pai, na cabeça dele era o seguinte, não ser preguiçoso, então eu preciso doutrinar você, preciso ensinar você o que você vai enfrentar, o que você vai enfrentar, não tem moleza, se você não fizer por você ninguém vai fazer e tudo que você estiver fazendo não basta, você pode fazer mais e eu vou te mostrar que você pode. Nós tínhamos as tarefas de casa, cada um tinha as suas tarefas, minhas irmãs tinham as delas, eu tinha as minhas e não necessariamente tarefas divididas entre meninos e meninas, porque meu pai cozinhava pra caramba, então não tinha esse negócio e lavava louça também, porque tava acostumado a tá em obra, às vezes fazia as coisas e ele tal papapa, não quer dizer que ele não era machista, mas nessa divisão não havia, até porque minhas irmãs carregavam areia também, entendeu, então não tinha coisa de menino e coisa de menina, porém ele exigia que eu, como homem, ficasse mais perto dele. Onde minha mãe mora, antes ela tinha umas casinhas de aluguel, cômodos de aluguel, e como ele gostava e como ele tinha trabalho sazonal, tinha vez que tinha obra, tinha vez que não tinha, mas ele precisava ter os recursos, então que ele fazia, ele alugava, era um cortiço, as pessoas chamavam de Cortiço do Agostinho, que majoritariamente eram nordestinos, nordestinos, ele alugava esses cômodos pra esses nordestinos e nos finais de semana, a gente fazia manutenção das coisas, ah um cano que fura, um telhado que sei lá o que, babababababa, uma luz que queimou, uma coisa do tipo, então final de semana, quando ele fazia esse tipo de trabalho eu tinha que estar com ele, mas durante a semana eu tinha as minhas tarefas, primeiro, eu tinha que limpar todos os sapatos da casa, então o sapato tinha que estar engraxado, porque meu pai era daqueles que usava chapéu e os sapatos engraxados, porque tinha aquela máxima, de que um cara, e as mulheres falavam isso também, mais uma questão da tradição de família, você reconhece homem pela gola da camisa, pelo punho e pelo sapato, a gola, o punho e o sapato quem que estar limpos, são itens que quem que ser vistos pra ver se a pessoa é limpa, pra ver se ela troca de roupa e se ela se importa com a estética dela, porque é aquela coisa de você ser assim, um cidadão. Negro, até as pessoas diziam, “um cidadão de cor”, então você, mesmo com a sua malandragem, mesmo com toda a malandragem, meu pai sabia que precisava ter essa estética, que ia pro saco quando ele tinha as crises de alcoolismo dele, porque ele era alcoolista, morreu com 45 anos de idade e toda essas atividades dele, as minhas atividade eram limpar a gaiola dos passarinhos, que ele gostava de passarinho, limpar os sapatos, ele tinha o habito também de usar penico, tinha banheiro em casa? tinha, mas gostava, ele usava penico, era um hábito que ele tinha, das famílias também, de ter um penico debaixo da cama, então se ele acordasse de noite, ao invés de dar quinze passos até o banheiro, ele fazia xixi na beira da cama, colocava o penico embaixo da cama e voltava a dormir e depois eu tinha

que jogar o penico. Então tinham essas tarefas, e também minha que limpar as plantas, ele gostava muito de plantas, mesmo num espaço pequeno assim, ele sempre tinha horta em casa, criava alguma galinha, mesmo em pequenos espaços, então essa era minha tarefa, fora essa tarefa, via de regra dia de sábado, dia de feriado, ele acordava a gente, independente do horário que fosse, seis da manhã, sete da manhã, acordava, verificava, vá fazer suas tarefas e se apresenta, enquanto isso ele fazia lá um café, ou fazia uma vitamina de abacate, ou fazia lá não sei o que, ou mesmo fazia um mexidão com a comida da janta que havia sobrado na noite anterior, porque a comida que sobrasse no prato era dividida entre os três irmãos, era maneira de incentivar a gente a não deixar sobrar comida.

Paulo - Pronto, e aí você tava falando...

M.A.S., 56 - Então, e aí acabava, “acabou o trabalho? beleza então vem comigo, você tipo, vocês duas estão dispensadas e você vem comigo”, entendeu? “vai ali, vai até o depósito de construção”, isso com 6, 7 anos ou ir com a A..., “olha, vai até o depósito comprar um quilo de cimento”, ou “vá com uma manilha consertar um esgoto, que eram aquelas manilhas de barro, não era cano de pvc, era manilha, ou tinha um pouquinho de areia pra carregar, mexer um pouquinho de massa, para tampar um buraco, alguma coisa tal, “ah, acabou? acabou”, aí quando ele tava assim, independente de estar mal humorado ou bem humorado, hoje eu vejo sentido pra isso, mas eu não via sentido, na época eu entendia como “ah, o cara é malvado”, ou “po, não precisa fazer isso”, ele tinha uma lata de prego torto aí ele derrubava a lata assim “pla”, eu lembro do barulho até hoje, um monte de prego assim, na calçada e dizia “cê vai desentortar prego”, porque tinha uma outra lata com pregos já remanufaturados, ficava desentortando prego, desentortar prego, entendeu? E aí, posteriormente, aí fazendo uma comparação da minha mãe com o meu pai, tipo assim, se você não tem nada pra fazer vai desentortar prego, “vai arrumar alguma coisa pra você fazer, não me enche o saco”, entendeu, não é igual nossas crianças hoje, “ah, eu to entediada”, “ah filha, põe netflix, seu telefone tá carregado? ah, tem um docinho?, ah põe no canal tal, ou vamos no cinema, no teatro”, po, seu vira aí e acabou. E minha mãe tinha uma frase muito legal, que era “vá arrumar alguma coisa pra ler”, minha mãe era fantástica, vá arrumar alguma coisa pra ler, porque em casa a gente lia tudo e, a A..., ela sempre fala, a gente lia tudo cara, lia, lia, lia, eu aprendi a ler lendo revista em quadrinho, minha mãe todo domingo ia na feira e trazia uma revista em quadrinho pra cada um, mesmo quando a gente não sabia ler, ela trazia uma revista em quadrinho, ela mesma lia bastante, ela lia fotonovela, ela lia revistas de fofoca, tipo Revista Minha, Revista Contigo, enfim, Grande Hotel, Carícia, tinha aquelas revistas, quando minhas irmãs começaram a ficar adolescentes, revista para adolescentes, essas coisas todas. Lia livros também, livros, muitos livros, minha mãe leu Quarto de Despejo, eu lembro do livro Quarto de Despejo na minha casa né, o da Carolina Maria de Jesus, meu pai ele lia muito também, mesmo não sendo alfabetizado ele lia muito, e legal, as histórias em quadrinhos do meu pai eram muito legais, os personagens que ele gostava, meu pai gostava do João Bafo de Onça, meu pai gostava dos vilões, meu pai não gostava do Mickey, porque o Mickey era cagueta, o Mickey era ganso da polícia né, o Mickey era amigo do Coronel Cintra e meu pai gostava, meu pai gostava do João Bafo de Onça, meu pai gostava dos Irmãos Metralha, do Mancha Negra, do Gavião, do Doutor Enigma, do Doutor Estigma, da Madame Mim, da Maga Patológica, meu pai gostava desses caras, e comentava com a gente desses caras, meu pai

gostava do Lobão, meus pai não gostava dos Três Porquinhos, entendeu? Meu pai gostava desses caras, muito legal, meu pai era aquele espírito do fodasse mesmo, ele não ensinou a gente a ser regrado, meu pai não ensinou “ah, seja do bem”, ser do bem pro meu pai era ser fora do sistema, é ser fora da curva, entendeu? Mesmo sendo um cara extremamente rígido, um cara de princípios muito firmes assim, no que diz respeito à concepção que ele escolheu pra ser da vida dele, “eu escolhi isso aqui, então o que vale pra mim é isso aqui, o que não for isso aqui não vale pra mim”, ele criou essa constituição dele aí, entendeu, e combinou muito com a minha mãe, então, nós vivemos juntos até eu ter 8 anos de idade, de oito para nove anos, e como a doença de alcoolismo dele era muito forte e ele não conseguia resolver e, não era entendido como doença né, era entendido como algo moral, mas tinham consequências sociais e psicológica muito fortes, agressão física, minha mãe resolveu se separar dele, e se separar no sentido de mais ou menos na linha dele, porque ela era desse mesmo princípio firme, tipo assim, “cara, você vai parar de beber? Se você cumprir, se você tá dizendo sim, se você não cumprir eu vou sair fora, independente de qualquer coisa” e ela falou pra gente assim “o, hoje é domingo e tal, estou indo morar na casa da minha mãe”, que era minha avó, “lá são dois cômodos, já moram cinco pessoas lá, só trabalha a tua avó e um outro tio, eu não trabalho e nós não temos nada”, porque meu pai ia dificultar ainda pra ela ir pra lá, tipo, sabe “eu não to acreditando que você vai tomar essa decisão”, e ela mostrou pra gente, ela tava convicta, eu tinha certeza que ela tava convicta, com 8 pra 9 anos, e ela disse “posto isso, a pergunta é quem quer ir comigo, vai nessas condições, eu só posso dar amor, atenção e prometer que eu vou correr atrás, mas vai ser foda, quem não quiser ir, fica, eu vou dar o quadro, essas condições materiais tal tal e tal tá de boa, só que... não vai estar na minha asa”, nós não tivemos duvidas nas opções, mesmo conscientemente sabendo que ia ser do caralho, e foi, e foi pesado, foi pesado. E aí, por outro lado, tivemos a oportunidade de conhecer um outro lado desse quilombo fora da família, conhecer essas outra comunidade, aquilo que nos, aquilo que desfrutava com parcimônia, “ah, eu vou ali brincar na casa do meu coleguinha de escola que é negro também, mas eu vou das 15h às 18h, antes do meu pai chegar eu tenho que estar de volta ou, antes de escurecer eu tenho que estar de volta”, entendeu? “o pessoal vai brincar de pique latinha a noite, vou fazer fogueirinha” não, eu nunca podia fazer isso, a outra parte da brincadeira, tipo assim, vou pra casa tomar banho e voltar pro restinho da brincadeira, não tinha, ou sei lá, soltar pipa com cortante, ir pescar, ir andar de carrinho rolimã onde tá construindo a Cohab, sabe aquela coisa de estar fora dos olhos da família, estar fora do alcance daquela autoridade, não tinha, não tinha experimentado. Então quando fomos morar na casa da minha avó aí é um mundão, entendeu, aí você tem que construir, que reconstruir ou construir do zero, uma maneira de você conviver dentro dessa comunidade, quer dizer, de que maneira as tuas tradições, a tua formação, ela vai te servir para você dialogar e construir uma outra coisa a partir dali, então quais os limites e tal das coisas né, é muito importante é... o mundo da rua, o mundo da sobrevivência, aí você passa a pensar e colocar no seu cotidiano como você vai viver, como você vai comer, como você vai vestir, você começa vendo a sua subsistência, como é que vai rolar a sua subsistência, como você pode contribuir para minimizar aquela merda toda né, porque você está desabrigado. Então você passa a ter consciência de um outro mundo, de uma outra situação em que você tem que se instrumentalizar, é uma outra etapa, então de tudo, essa primeira

parte, essa primeira infância, vamos assim dizer, que eu não tinha percepção, essa percepção, quando vejo a L... hoje com oito anos e fico imaginando eu oito, eu com a idade da L..., eu não era esperto assim, como a L..., cara, eu não tinha nunca visto um livro com um personagem negro assim, não tinha essa, eu não tinha sequer querer, “eu quero alguma coisa”, é inimaginável, é inimaginável, uma distância absurda, eu vejo hoje isso né, que você tem que as vezes desconsiderar todas as armaduras que você criou, as vezes não te serve, não posso julgar isso na relação com a minha filha, por exemplo, isso não está em discussão aqui ne, porque ela não tem esse alcance, mas ao mesmo tempo eu tenho que valorizar muito, eu tenho que colocar “opa, eu vou valorizar onde? aqui”, tem que criar esse espaço para valorizar, “e aqui? não, aqui não tem validade, preciso compartimentar de outra forma”. Mas a minha primeira infância foi fundamental pra minha sobrevivência, essa formação do meu pai, da minha mãe, dentro da escola, a escola, fundamental a escola, a escola, a escola ela foi fundamental, primeiro para testar a sua persistência dentro das dificuldades, você perceber as desigualdades, e onde oficialmente eu tive assim, a minha primeira, o primeiro discurso estratégico racista, vindo da professora, quer dizer, o primeiro momento assim, “opa, isso é racismo, eu aprendi com a minha professora”, chamada Dona Marisa, entendeu?

Paulo - Você já se reconhecia como negro?

M.A.S., 56 - Sim, sim e, o reconhecimento como negro, foi positivo com o meu pai, o primeiro reconhecimento como negro...

Paulo - Que idade que era?

M.A.S., 56 - Ah cara, 4 anos de idade.

Paulo - Você já sabia que era negro?

M.A.S., 56 - Sim, por que que eu sabia que era negro? Porque meu pai me fez ver o seguinte, aquele que está vindo ali, na rua, é um negro, e quando ele passar por você, tem que cumprimentar ele, porque ele é seu Patricio, você vem do mesmo lugar, Patricio, vocês são da mesma pátria, vocês são do mesmo território, vocês são da mesma quebrada, independente de onde você esteja, eu estou aqui na estação da Luz, desci do trem pra ir, meu pai tinha um escritório, tinha um negócio pra receber, porque meu pai andava com a gente, meu pai gostava de mostrar os pontos São Paulo, “olha, esse aqui é o São Paulo chique, esse aqui é o cinema, essa aqui é a loja Peter, esse aqui é o Mappin, esse aqui é o...” meu pai gostava de entrar e falar “me dá aqui um bife com batata frita”, entendeu? Meu pai gostava de, eu sentia que ele falava “o, você vai andar comigo, vamos ali comprar um chapéu”, ir em uma loja de chapéu comprar um chapéu, então essa questão de apresentar a cidade “não, não coloque a mão no corrimão que ai é sujo, olha o vão, cuidado com a plataforma do trem pra você pular aqui”, então nesses espaços nos cruzamos com negros e meu pai cumprimentava, então eu tinha essa questão e ao longo do período da infância, já via esses embates, eu já ouvi em casa frases do tipo, uma tia minha dizia “eu de ser branca pra ser franca”, ela ensinava que os brancos mentiam pra gente, que os branco não falavam a verdade, isso tá implícito, “se te chamar de neguinho fedido você vai chamar de barata descascada, ou macarrão sem molho, se ele falar que seu cabelo é bombril você vai falar que ele tem boqueira, que ele é piolhento”, porque os negros tinham menos incidência de piolho,

era mais fácil você ver brancos com piolho do que negros com piolho, então no nosso ambiente negro nós tínhamos nossas defesas, nós não éramos bonzinhos, no meu núcleo nós não éramos ensinados a ser passivos, pa pum, era pa pum, só que esses embates estavam na esfera da infância, no dia a dia, jogando bola, ou na escola, ou na vizinhança, era nesse, era nessa questão, então você quer tirar meu espaço aqui, mas eu vou retomar meu espaço dessa forma. Já na escola não, na escola foi institucional.

Paulo - Isso, conta pra mim essas atitudes racistas.

M.A.S., 56 - Primeiramente é o seguinte, um lembro que um dia eu cheguei chorando na escola porque, eu não sei se meu pai tinha ido bêbado em casa, minha mãe, a gente, já morava na casa da minha avó, e meu pai parece que foi bêbado em casa, parece que ele ia levar uma grana, porque minha mãe não conseguiu a pensão né, minha mãe conseguiu a separação, mas não conseguiu a pensão, o advogado dela parece que propositalmente perdeu o prazo dessa questão porque era amigo do meu pai, tem um rolo, uma coisa meio absurda aí, mas minha mãe ligou o fодasse e falou “não, eu vou correr atrás e vou dar sustento pros meus filhos” e tal, só sei que um dia eu me lembro que cheguei chorando na escola. Não sei se ia ter um desfile ou um passeio, alguma coisa assim, cheguei chorando, e aí eu não queria falar pra ela que era por causa de uma briga, porque meu pai tinha ido lá na casa da minha mãe, minha avó, que teve essa briga e tal, mas eu falei pra ela que era por conta do material, falei “po, meu tênis” e realmente, eu tinha um tênis que tava, eu tinha que ir com ele pra escola com uma com uma palmilha de... pegava um papelão enrolava com plástico e fazia meio que uma palmilha para não molhar o pé, entendeu, tinha que esperar um tempo, pra comprar alguma coisa minha mãe tinha que, ela era diarista, ela juntava uma grana e comprava um tênis pra um, juntava uma grana e comprava um caderno pra outro, juntava uma grana e tal tal tal, porque tinha que dividir a parte da grana da comida e do dia a dia, entendeu? Bom, aí a professora “não, não, é o seguinte, eu vou ajudar você, vou dar um tênis pra você”, alguma coisa do tipo, acabou não dando nada, mas enfim, mas ao mesmo tempo ela falou “não, você vai me ajudar na feira, vai me ajudar na feira”, ela criou uma espécie de afeição comigo tipo assim “ó, eu sou a boazinha, vou proteger você” a filha da puta, acabava as aulas, eu estudava de manhã, acabava as aulas e, acho que quinta feira tinha feira, tina quinta e domingo feira, quinta feira ela fazia feira, e ela me levava pra feira pra carregar a sacola dela, não era era longe, muito longe a casa dela, porra, mas era razoável, eu tinha o que, uns 10 anos de idade, então eu deixava minha mochila na banca da feira, a mulher da feira, que era japonesa, emprestava uma sacola pra ela, ela fazia feira, eu carregava a sacola dela, chegando lá ela me dava uma fruta, a banana do domingo, era quinta, ou alguma outra fruta, mas nada nobre, e eu voltava pra feira levando a sacola vazia pra devolver na banca da japonesa e pegava minha bolsa, a minha mochila.

M.A.S., 56 - Hoje eu vim saber que a dona da banca, ah vou deixar a mochila aqui, não era pra aliviar meu peso, era pra eu não roubar a sacola. Essa mesma dona Marisa, é que dentro da escola a gente tinha um grupo, lá pras quinta, sexta, sétima série, quando a coisa começou a pegar mais, que a gente começou a ver que o estudo era legal e tal, tinha uns menino de classe média, as meninas de classe média, classe média, a gente chama, era aquele que tinha uma casa, que tinha um quarto só pra ele, ou que dividia o quarto com o irmão, que o

pai trabalhava de metalúrgico, entendeu, aquele que fazia redação de férias, “ah foi pra casa da minha avó”, entendeu, sabe aquela coisa toda? De vez em quando tinha uma graninha pro lanche, que o irmão tinha moto, enfim, essa galerinha e a gente tinha obstante competição, quem tirava mais nota A e, teve o programa do Silvio Santos, chamava domingo no parque, se eu não me engano foi a estreia do programa domingo no parque, acho que foi 78, 79, início do SBT, ou TV S, não sei e foi uma competição de Carapicuíba e São Caetano, Carapicu foi a minha escola, Engenheiro Mário Souto, e iam escolher alguns alunos para responder as competições, ganhava prêmio, ganhava tênis Montreal, que na época, acho que foi a olimpíada, não sei se foi de 80, eu não sei em que época que foi, eu lembro em Montreal tinha até o símbolo daquela folhinha do Canadá, então tinha um tênis Montreal que era, que é uma linha inferior de tênis ne, não é o Adidas nem o Rainha, mas po, tênis Montreal era... legal, acho que o tre olimpos tá ali, na mesma faixa de nascimento e concorria a bicicleta cara, bicicleta Monarque dobrável e os jogos, uma coisa, eu tinha certeza, bom só tirava nota A e B, no máximo cara, bom vou ser um deles, escolheram três loirinhos cara, foi o M.A.L., a gente chamava de tucano porque ele tinha um narigão, prestou SENAI comigo, ele passou em ferramentarias... não, não... nós dois passamos em ferramentaria e o C., super amigo meu, a gente corre ainda hoje, faz corrida, amigo meu de quarenta e poucos anos, é despachante, despachante de Caracas, que era primo do M..., era C.A. e, o M.S que era descendente de (puta), tinha uma colônia Russa em Carapicuíba que meus pais chamavam de Hungareses, tinha até Igreja Ortodoxa lá, em até Igreja Ortodoxa lá e eu não fui chamado cara, fiquei puto da vida pra caralho, fiquei puto da vida, porque eu sabia, eu tinha certeza que eu não fui chamado porque eu era preto, sem contar que nas primeiras fileiras do auditório ficavam só as menininhas bonitinhas, que eram as branquinhas, as pretinhas, tal, lá no fundo, mesmo as que tiravam notas bacanas, que era o caso da minha irmã, por exemplo, estava nessa excursão da escola também. Então aí eu falei “cara, é isso, independente do que você faça ou do que você seja, se você é preto você tem que ficar esperto”, aí eu comecei a perceber esses sinais em todos os lugares, aí quando eu comecei a trabalhar mesmo, meu primeiro trabalho for no Mackenzie, diretório de tecnologia do Mackenzie, diretório dos estudantes de tecnologia do Mackenzie, eu tinha 13 pra 14 anos, eu tava na sétima série, eu saía da escola meio dia, meio dia e meio e entrava no Mackenzie duas da tarde e saía nove da noite atravessava a pé da estação Júlio Prestes até a Maria Antonia, Duque de Caxias, Largo do Arouche, Amaral Gurgel, subia lá até quase a Consolação, Maria Antonia. E eu lembro que o meu primeiro salário eu comprei um tênis, comprei um sapato, inclusive ali do lado, ali na Maria Antônia, uma memória bem legal que eu tenho, na Maria Antonia, naquele trecho da Maria Antônia, a Vila Buarque em si, era um polo de sapateiros espanhóis, eu me lembro, tinha ali muitos famosos, tinha o Isaac, tinha o Manuel e tinha várias sapatarias artesanais, você podia fazer sapatos sob medidas ali e esses caras, esses sapateiros, eles faziam sapatos dos sambistas das escolas de samba de São Paulo, se mandava fazer sapato ali. E os negros da periferia, tinha também aquela questão. na época do Michael Jackson, que o Michael Jackson usava aquele sapato mocassim, então tinha aquela moda de usar aquele sapato preto com a meia branca e eu tinha um amigo, esse meu amigo que me arrumou esse trabalho lá, ele andava até com uma flanela no bolso, porque a moda era o sapato andar brilhando ne, o sapato andar brilhando e eu lembro que uma das coisas que eu quis comer,

nesse dia eu comprei três fichas pra jogar naquela maquina Cavaleiro Negro, tinha um fliperama do lado, uma máquina da Taito, uma máquina que falava, “Cavaleiro Negro ataca”, comprei também um cachorro quente com duas salsichas que vendia na porta, completasso e, eu tentei fazer uma coisa, mas eu não consegui, comprar um doce na doceria holandesa, que era do lado do Mackenzie, a vitrine de doces maravilhosa, só que eu falei “puta, como é que ue vou entrar nessa doceria?” eu tinha vergonha de entrar na doceria holandesa, porque aquele lugar não era pra mim, eu via, sentia, eu falei “puta, aqui não é lugar pra mim”, mas eu entrei na doceria aí no que eu entrei eu fiquei meio assim né, eu fui naquela fila, um monte de estudante, aquela coisa toda, aquela fila, eu fui meio quietinho e tal, aí veio uma senhora, que a minha mãe falava, aquelas senhoras, aquelas tiazinhas de cabelo azul, aquele pessoal de Higienópolis, aquelas senhoras que pintam o cabelo meio de roxo e tal, parecendo um algodão doce colorido, aí quando eu senti a sombra da aproximação dela, porque eu tava preparado pra sair dali, como não era meu lugar ali eu falei “qualquer coisa eu saio”, quando ela se aproximou eu dei espaço pra ela, ela falou assim “ó, você nunca de seu espaço pra ninguém”, uma senhora branca, ela falou assim “ó, nunca de seu espaço pra ninguém, não saia de onde você está”, eu me senti envergonhado porque era uma senhora branca que eu esperava que fosse assim “sai daí moleque!”, ela me deu uma bronca e uma bronca positiva, tipo “cara, relaxa”, porque eu fui tão acintoso, explícito a minha cessão de espaço pra ela que ela falou tipo, “relaxa, né”. Mas então essa percepção do racismo e esses enfrentamentos que eu comecei a fazer me despertou para criar algumas ferramentas, alguns instrumentos para enfrentar isso né, e aí quando veio a adolescência essa percepção me fez perceber uma coisa, primeiro tem a questão da violência policial, porque o que a minha avó dizia ne? E minha mãe também dizia, “você já é preto, então você tem que sair limpo, com cabelo penteado e saber entrar e sair dos lugares”, então a questão da estética “você já é preto, então você não pode parecer um preto que eles querem ou como já enxergam você, sujo, fedido, despenteado, maloqueiro e fudido, já vão ver isso, não acentue” entendeu? Então essa questão, ela é fodida também, mais do que aquele discurso do... tem aquele vídeo que passa, eu não sei de que filme que é, mas talvez você vá se lembrar, que dizia “repita comigo filho, quando você for abordado coloque suas mãos onde ele possa ver, não faça nenhum gesto bruto, responda só o que ele te perguntar, não olhe nos olhos dele, não saia correndo...” quer dizer, entendeu? Então você tem toda essa preocupação e ao mesmo tempo você tem aquele empoderamento que foi te dado na primeira infância, entendeu?

Paulo - Pra eu não fazer interpretação, fala melhor como é que você lidava com o racismo e como seus pais lidavam com o racismo.

M.A.S., 56 - Bom, como que eu lidei com o racismo?

Paulo - Isso, meio que sentimentalmente.

M.A.S., 56 - Eu precisei me empoderar, cara, é o seguinte, a parte sentimental não tem, nunca rolou essa coisa de, que nem eu falo pros meus filhos “meu, você não vai chegar chorando porque sofreu racismo na rua, porque você vai chegar chorando em casa se você ficar chocado, se você estiver desprevenido e, um preto nunca pode estar desprevenido em relação ao racismo, você nunca pode ser pego no contrapé, tem que estar sempre preparado, independente de onde você está, você tem que estar preparado, se você tá preparado você

não vai se chocar, se você não se chocar você não vai chorar”, isso não tem a ver com “ah, homem não chora”, não, isso não quer dizer que você não vai ficar puto, não vai... mas “ah, meu deus, sofri racismo” não, isso não existe, isso pra mim nunca foi colocado. Eu nunca tive que lidar com uma situação, eu tive que lidar com situações concretas de racismo, mas nunca tive que lidar com esse “puta, tô mal porque sofri racismo”, porque o racismo que eu sofri depois de, nos lugares onde eu estou, na posição onde eu estou e como eu estou o racista tem que pensar um pouco em como é que ele vai praticar esse ato racista, dentro de uma universidade, dentro de um aeroporto, no trânsito, ou mesmo no gestual, o jeito, a postura diante do ambiente em que você está, as vezes o olhar de um atendente, o olhar de um policial, ele já vai escanear você pra saber, como diz o outro, você vai olhar pra mim e você vai gelar? se você gelar o comportamento é um, se você não gelar o comportamento é outro, o carro em que você tá, o lugar onde você tá, a maneira que vai se expressar. Eu lembro de uma vez que eu tomei um tapa na orelha dentro da estação de trem na Vila Leopoldina, eu tava de cabelo rastafari, macacão, uma camisa de flanela, um sapato da Birello, que era o kit porra louca na década de 80 né, uma bolsa de couro atravessada cheia de livros dentro, alguns broches né, a cara do militante, militante não é bandido, mas ele é temido tanto quanto pela polícia, eu era um terrorista praticamente, em 1983, 84, então quando o policial para e me fala o seguinte “cadê o bagulho, tá em cima?”, eu olhei pra ele, coloquei a mão na cabeça e ironicamente, porque eu tava em público, eu falei “em cima?”, ele falou “cadê o bagulho?”, já tipo assim, você não sabe o que é bagulho? Eu falei “o senhor fala de entorpecente?” e ele pa! “Quer falar difícil comigo neguinho?”, entendeu? Então veja só, ter tomado aquele tapa ali, estado em público, falei “ó, se me prenderem aqui sabem que foi eles” e tal, fiz até aquele discurso né, até porque a gente até gostava né, gostava de “vou testar agora aqui o meu empoderamento”, vamos assim dizer, 1984, 83, uma coisa do tipo, eu tava vindo do colégio, 84 mais ou menos, 84, 85. Então como que eu me armava? Com esse estranhamento, eu não era mais um neguinho limpinho, com o cabelo penteado tipo escovinha com a calça de tergal e um sapato vulcabras e uma camisa polo, ou com uma camisa, com um cardigã, ou uma blusinha azul por cima, com um visual, sabe, do pretinho certinho, do pretinho limpinho, pretinho pai João, eu era aquele que falava “não, vou negar”, eu falava assim “olha...”, quando eu comecei a trabalhar uma das primeiras coisas que eu resolvi mudar foi cortar o cabelo como eu quisesse, ou melhor, não cortar mais o cabelo, porque minha mãe dizia “enquanto eu estiver pagando o corte do teu cabelo você vai cortar como eu quiser” e como que ela queria? Ou era corte americano, tipo reco, tipo quartel, ou era o cabelo escovinha, era todo ele raspadinho pra você... era a antítese do black power, era um preto desempoderado, então o meu empoderamento, primeiro, ele se deu pelo cabelo. Eu posso ser senhor de mim mesmo a partir do momento em que eu posso usar o cabelo do jeito que eu quero, e qual cabelo que eu quero? Um cabelo que conteste esse pretinho pai Thomas, pelo meu cabelo eu vou demonstrar que eu tenho autonomia, e como que eu vou bancar isso? Estudando, lendo, entendeu, então eu sabia que se eu tivesse conhecimento, conhecimento, se eu fosse bom na escola, primeiro podia ter até essa, na empresa que eu trabalhava, que era a Eletropaulo onde eu trabalhei e, também ninguém podia questionar, então quando, por exemplo, teve um dia em que eu cheguei, eu usei cabelo rastafari durante um tempo né, depois eu usei o cabelo black durante pouco tempo, o suficiente, porque eu gostava de uma garota e mãe dela disse

"você só vai namorar se você cortar o cabelo", eu falei "legal, eu corto o cabelo" aí passei a namorar com a menina, namorei com ela, cabelo cresceu de novo e eu fiz trança nagô, já tava meio datado já meu rastafari, eu já tava entrando na universidade, já tava num outro esquema, precisava virar a chave, tava ficando um preto mais cool né, legal. Então como não tinha, até porque não era da tribo rastafari né, eu não era um rastafari, usava só o cabelo rastafari, aí criei uma outra identidade. Aí eu cheguei no meu trabalho com, no meu trabalho que era uma empresa estatal, com trança nagô, trança nagô, bem feitinho, puta, fresquinha, tipo, fiz num sábado, cheguei segunda feira tava trincando a trança, tal, com uma camisa social, manga curta, tava calor, eu me lembro, abotoada até a gola assim, estilo crente, teve uma época que eu usei a gola abotoada até a gola, o botão até a gola, que dizia "pô, mas tá usando a roupa como se fosse crente, mas tá de trança, caralho" e bermuda, bermuda de linho, com vinco tal, aí "pô, você tá de bermuda" tal, aí eu lembro que o cara... "ué, qual o problema?", "não, não pode vir de bermuda", "por que que não pode vir de bermuda, onde tá escrito que não possa vir de bermuda? Só o senhor me mostrar que eu não uso bermuda", "não, mas o atendimento...", "não, mas o atendimento público, eu não faço atendimento ao público, tô aqui interno, mas vamos supor, a fulana de tal lá, na agência, que atende na agência da Eletropaulo tá de saia, ela mostra da canela pra baixo", então eu encontrava brechas pra fazer esses questionamentos, e essas brechas eram estética, ela me ajudava nisso. Então me indiferenciar era uma maneira, esteticamente, era uma maneira de chamar, era o meu discurso, entendeu, então meu corpo era o discurso nos espaços onde eu estava, e aí juntava com essa questão da leitura, e aí eu ostentava, lia jornal no trem, lia revistas no trem e, quando eu comecei, eu trabalhava numa lote e a gente tinha lá um esquema, aprendi com um amigo meu, recebia né, tinha revista Exame, revista Veja, revista Istoé, revista Senhor, revista Manchete, Fatos e Foto, meu tinha uma infinidade de revistas, eu trabalhava numa lote, aí tinha um amigo meu, Moisés, que "ou, chegou a revista aí do Monses Aseff, alguma coisa do tipo, era negão, mas era medito meio a estudar hebraico, estudar não sei o que e tal, então ele via não sei o que e tal e "aí, ah, pode deixar que eu recebo...", "mas o que que...", "não, eu sou o cara", "mas como assim?", "não, não tem o cupom que vem dentro da revista? Eu preencho o nome e mando o cupom, aí tem que pagar o boleto em tantas vezes né, tal tal tal", só que ele já manda revista né, já mandava rapidinho, tipo numa semana, na outra semana já mandava e aí ele assinava várias revistas cara, falei "pô, como cê pra você assinar várias revistas", ficava mudando nome, inventando nome, ninguém checava, tinha porra nenhuma, se você não pagava eles interrompiam, aí você mandava, então eu lia muito, eu lia muito. Preto com o livro na mão dentro do trem cara, na rua, você entende? Então quando a polícia me parava e ia me revistar eu tava com livro e revista na bolsa, os caras ficavam loucos cara e eu rachava o bico, porque dentre muitos caras eles falava "opa, aquele ali, vou parar aquele" e era direto, os caras me parava com livro na bolsa, os cara ficava maluco, entendeu, então essa era minha, essa era minha resistência.

Paulo - Como é que sua mãe, sua família lidava, seu pai, sua mãe, com isso?

M.A.S., 56 - Minha mãe eu lembro que ela ficava com medo, minha mãe andava com medo, só que ela não podia fazer nada, mas ela usou uma estratégia, ela foi legal, "então acolhe, vem pra cá". Entendeu? Eu lembro quando minha mãe, por exemplo, na adolescência "ah, usei maconha", minha mãe descobriu que eu usava maconha, a primeira coisa que ela falou

foi a seguinte “ó, eu não quero que você use na rua, por que que você quer usar?”, “ah mãe, po, porque é legal, puta sensibilidade para ouvir música, pra ler”, “tá bom, então você não vai fumar maconha de quebrada, você vai fumar em casa”, tanto é que, na festa de 87, quando eu fiz 20 anos, eu fiz 20 anos, foi a última vez que eu comemorei aniversário em maio, vou te explicar porque, já explicando, eu nasci em 29 de novembro de 66, só que meu pai me registrou 29 de maio de 67, só que em 87 minha mãe falou “olha, você tá comemorando vinte anos, só que você já fez vinte anos em novembro”, eu falei “não, não sei” minha mãe “não, eu te falei, você nasceu em novembro” falei “porra vei, por isso meu mapa astral nunca da certo, eu penso que eu sou de gêmeos, mas eu sou de sagitário, então fudeu” e ela chegou e, primeiro ano na faculdade de sociologia política, 1987, aí chegou tipo assim, chegou um grupo lá, 6, 7 pessoas dentro de um fusquinha, outro... aí “oi, você que é a mãe do M.A.V.S.!” todo mundo já meio chapado, tinha saído da aula, tinha aula de sociologia a tarde, neguinha já né... a minha mãe falou “vem cá, só um minutinho só, todo mundo da faculdade fuma maconha?”, falei “não, alguns não”, puta todo mundo né, mas o que eu to falando pra você, ela não tinha esse negócio de “puta, seu amigo é homossexual, não vai ficar aqui não”, as pessoas se sentiam a vontade em casa, ela acolhia as pessoas, tinha gente que ia namorar em casa porque os pais não queriam que namorasse, casais gays, por exemplo, entendeu? Então a gente fazia sessão de, eu lembro que a gente tinha uma televisão preto e branco e nós fomos sorteados no consórcio, na primeira parcela do consórcio, de 24 parcelas de um vídeo cassete nós já fomos sorteados, só que a gente não tinha televisão colorida, era televisão preto e branco, então as vezes a gente pegava na locadora filmes Noir e fazia sessão de filmes Noir, sábado à tarde, domingo a tarde em casa, tipo assim, entendeu? E em casa, com a minha mãe, aí ouvia música e, fazia festa tal, mas minha mãe tinha medo que eu saia com o meu corpo preto pra rua, ela tinha medo que eu fizesse panfletagem nas portas de fábrica, porque mesmo sendo eletricitário e militando na via estudantil, fazia panfletagem na greve dos metalúrgicos, na greve dos quinze, tinha militância na Cut, aquela coisa toda, entendeu, eu fiz parte da chapa de oposição eletricitária de São Paulo, onde escolheu lá o presidente do sindicato, é um cara que foi sucessor do Marin, que virou ministro do trabalho, então em 89 foi importantíssima aquela, iniciar um sindicato do estado de São Paulo.

Paulo - Eu vou te mostrar umas imagens aqui, queria que você falasse o que você sente, como é que você vê essa imagem aqui.

M.A.S., 56 - Essa imagem...

Paulo - Conhece essa imagem?

M.A.S., 56 - Cara, não conheço, mas é uma imagem que ela é icônica do ponto de vista do flagelo que foi, representa apenas uma pequena parte né, de você ter que dar pro outro, ter que abandonar o seu, quer dizer, você até que dá seu amor em detrimento do outro, tem que abandonar o seu né, e isso aqui, não necessariamente filho né, você tem que abandonar quem você é, a sua identidade, com um puta de um pesar, mas tipo assim, é o que tem pra hoje, meio que essa resignação, de alguma forma, que se tem, entendeu? Você não priorizar você né, isso é do caralho mano.

Paulo - Essa imagem, do Lucílio de Albuquerque, observe essa imagem, o que você vê?

M.A.S., 56 - Tá aqui a mãe tendo um filho próprio para dar de mamar, ela tem que dividir com a criança branca essa alimentação, quer dizer, essa questão da mãe preta na acepção da palavra, a mãe preta é tão bondosa e, não é bondosa, mas é aquela questão, se não tivesse a criança, se não tivesse essa parte aqui né, podia até ser menos traumático, vamos assim dizer, menos impactante né, ficaria só essa imagem da mãe preta que “nossa, ela me alimentou” né, “nossa, ela é como uma mãe pra mim, ela é da família” etcetera e tal, entendeu, mas aqui, fazendo uma leitura bem pragmática é mais assim “porra, caralho ne, e meu pretinho aqui, meu pretinho ali, tem que dar leite pro filho do patrão aqui”, entendeu.

Paulo - Mas ela tá olhando o filho, ela dá alimento pra um, mas ela olha outro, o afeto dela não tá...

M.A.S., 56 - Ela tá, sim... não, claro, tipo assim, o afeto tá ali, mas ela tá alimentando entendeu Paulo - Alimentando.

M.A.S., 56 - Tá alimentando, tá amamentando outro lamentando o fato de estar aqui tipo assim, “eu já to acabando aqui, valeu cara? ó, já te pego ai, beleza?”, mas não precisava, tudo isso aqui podia tá com esse aqui que tá no chão no momento, entendeu, mas é lamentar, ela está amamentando e lamentando, é isso.

Paulo - O que que você sente quando você percebe que isso foi feito com seus ancestrais?

M.A.S., 56 - Ah cara, na verdade é o seguinte né, não é o que foi feito aos ancestrais, tá sendo feito até agora né, daí a necessidade de 24 horas de racializar tudo né cara, se isso aqui estivesse no passado beleza né velho, mas não tá né, então não dá pra você entrar com o pé murcho na bola, eu não tenho tempo pra ter relações sentimentais com essa imagem, não sei se estou sendo...

Paulo - Então atualiza, como é que você se sente em relação ao que permanece hoje?

M.A.S., 56 - O que eu sinto é o seguinte, exista uma, o que eu sinto hoje, o quanto de energia vamos ter de que desprender ainda pra colocar o país, o mundo dessas relações, nos trilhos do avanço, porque a gente tava longe ainda, na medida que, se eu analisar friamente os números de dados de jovens negro, quer dizer, quando meu filho fala assim “pai, cheguei!” e eu ouço a porta abrindo ou fechando atrás das costas dele... porra, porque eu sei que ele tem menor probabilidade de chegar vivo em casa por causa da cor do cabelo dele, que ele escolheu colocar, você entendeu? Esse aqui pode colocar a cor do cabelo que ele quiser, mas o meu não pode, então eu to aqui, segurar essa criança branca no colo seria mais ou menos dizer o seguinte “pô, eu tenho que viver esse mundo branco aqui, eu tenho que alimentar esse mundo branco aqui e, vou ver se dá tempo e a energia que eu tenho pra alimentar o meu filho preto aqui, que eu preciso manter ele vivo cara, mas o mundo é branco, preciso alimentar o mundo branco”, a política branca, eu preciso votar no Lula, lamentando, entendeu, por que que você precisa... mas olhando aqui ainda, não é isso, mas eu preciso alimentar, se eu deixo de alimentar é pior ainda, porque ainda tô alimentando esse, podia estar alimentando outro, entendeu? Então assim, não tem fim, não está tendo fim, então assim, essa luta pela, essa questão do identitarismo não sei o que e tal, ó, legal, como tá rolando isso aqui ainda eu

preciso discutir o identitarismo, o dito identitarismo, porque esse aqui tá no chão, não tem duas teta, não tem duas.

Paulo - Até tem, mas não é dado.

M.A.S., 56 - Não tá, não dá, porque se tiver, se essa aqui secar, se ele estiver com fome ainda, tem que dar a outra, não é igual, "ah é uma teta pra esse, uma pra teta pra esse" não, esse vai mamar "não não não não, mama o resto que sobrar aqui", porque quando você for voltar a mamar você vai mamar nessa que tá cheia, é esse o processo. E eu não vejo ainda, perspectiva de dividir essa teta, tá longe, então não posso olhar e falar "nossa, poxa né...", eu to olhando aqui as costas delas se estiver frio aqui, essa criança vai pro quentinho, a pretinha não vai, essa aqui tem outra comidinha pra dar, tem lá um torrão de rapadura que vai servir de chupeta naquela época, vai brincar no cavalinho de madeira, entendeu? Essa aqui não.

Paulo - Mas o sentimento ele é um sentimento de raiva, seus afetos são diversos.

M.A.S., 56 - É, não é... meio puto entendeu meio assim... eu tipo assim, se fosse analisar né, que isso aqui existe, só que tem assim, eu já to olhando mais assim, se eu tiver que pra dar de mamar, numa brecha eu vou por esse branquinho no chão, tô tentando negociar, falando "ó, vamos ter que por esse branquinho no chão cara, não é porque eu não gosto dele, é porque preciso olhar pro meu cara".

Paulo - Eu vou te dar outra imagem, você conhece essa?

M.A.S., 56 - Essa é do Di Cavalcanti né?

Paulo - Essa é Modesto Brocos, você já tinha visto essa imagem?

M.A.S., 56 - Cara, acredito que sim, mas eu nunca fiz uma interpretação dela.

Paulo - Essa imagem ela chama Redenção de Cam, é uma imagem que, o que que tá sendo pintado aí, o que que o Modesto Brocos tá pintando, ele tá pintando o pensamento ideológico do século 19, o Cam, pela história bíblica, ele é amaldiçoado né, e ela vai, segundo a imagem popular, ocidental, ele vai pra África, a marca...

M.A.S., 56 - E lá que ele gera ele né, por isso que a África é desgraçada desse jeito, porque ele é amaldiçoado.

Paulo - Amaldiçoado, e aí a maldição porque, a marca é conhecida como se fosse a cor da pele. A redenção de Cam porque ele mostra aí o processo de miscigenação entra uma mulher negra, essa mulher negra que se casa com um homem branco, ela tem uma filha, que é um pouco mais clara e, essa mulher casa com um homem branco, aí nasce uma criança bem branquinha, veja que, se a gente analisar essa imagem, você vai ver tudo aquilo que relaciona a negritude, a selvageria, a natureza, está a mulher retinha, inclusive ele está descalça, o homem branco sentado num lugar que já, além de estar de sapato, que ele tá num lugar que tem um calçado, então veja, aí ele tá trazendo o processo de miscigenação que é um processo pensado pelo estado brasileiro, então Lacerda, em 1911 no congresso das raças, apresenta um processo nacional que induz que no ano 2000 não teriam mais negros no Brasil, isso era um projeto de estado, projeto político. Então a imagem, ele está pintando esse projeto de

nação brasileira ne, como é que você vê esse projeto de genocídio pra população negra sabendo que isso foi uma coisa além do processo anterior que a gente viu, da Ama de Leite, desapropriação ne, e privilégio do branco para com o trabalho do negro, agora você vê que, logo depois que acaba a abolição, começa um processo de genocídio, como é que você vê isso e o que você sente em relação a isso, lembrando que o sentimento aí é plural né, vários.

M.A.S., 56 - Sim, sim, você sabe que eu to vendo essa imagem aqui, me chamou muita atenção o gestual, a mão da negra e o olhar dela, ela remete ao alto, remete ao céu que iconicamente pode ser representado como a busca da divindade, alguma coisa do tipo, isso me remete religiosidade, aí me remete uma, um dos últimos vídeos que eu fiz com a minha mãe, que ela fala de religião, religião é muito importante pra ela e, que a religião pra ela, ela diz o seguinte “eu digo que eu sou católica, mas na verdade eu sou do candomblé”, então ali ela demonstra a estratégia dela de sobrevivência “beleza, vamos pensando que eu sou, vamos falar que eu sou católica, pra vocês não me encherem o saco, mas eu sou mesmo do candomblé e o que vale é o que eu sou, o que eu penso, o que eu faço, pratico quando eu posso, pratico menos quando eu posso por questões de logísticas, questões de espaço bababa”, então, independente de quais períodos da história em que a gente vive, em questão da diáspora negra tal tal tal, esse questão de elevar-se a cima e encontrar uma força superior pra você superar tudo isso, acredito usada como um papel super importante, tanto é que, um dos principais fatores de genocídio é a questão do cerceamento da manifestação religiosa, da questão da mitologia dos orixás, da mitologia africana, a principal morte é você querer romper esse contato direto da nossa ancestralidade, então essa é uma das principais mortes. Quanto ao projeto eugênico, fracassou, fracassou, não teve desculpa, mas fracassou, nem os neonazistas conseguem ser neonazistas porque não conseguem ter a carteirinha lá dos neonazistas europeus, porque é tudo miscigenado, entendeu, então fracassou isso, enquanto projeto, assim, funcionou do ponto de vista prático que é manter distante das relações de poder, em todos os aspectos, econômico, político tal, ok obteve êxito de manter a gente fora da escola, tudo fudido, beleza, tranquilo, manter esse privilégio branco ok, mas aquele eugenismo de transformar o país num país europeu e papapa, isso fracassou, isso não tem discussão. O que sobra no nosso dia a dia e que a gente tem que lidar, tem que tá ligado, armado, tem que estar armado, que é a origem desse genocídio que legitima o genocídio, inclusive o verdadeiro policial lá das chacinhas, é esse olhar em relação ao que é feito na prática, no genocídio que é eliminar fisicamente os corpos negros, que é esse olhar desse cara aqui ó, esse olhar blaze de “ai, tá tudo bem, tá tudo tranquilo” entendeu? Esse olhar meio que superior e tal, desde o político que fala, “olha, eu to ajudando... po, mas eu dou bolsa família pra vocês, mas eu coloquei vocês numa universidade, eu faço tudo pra vocês, conecto vocês”, é a síndrome do PT, da periferia, “que perder voto na periferia, eu to fazendo tudo por vocês, nós fazemos tudo por vocês, como é que vocês pretos periféricos não tão felizes? por que que vocês estão votando no Bolsonaro ou no João trabalhador? Nós fazemos tudo pra vocês”, porque a disputa pelos corpos negros nas periferias, no que diz respeito a questão de política, ela não fugiu da relação de poder, independente se é de esquerda ou de direita, dessa relação de brancos e negros, da superioridade, da necessidade de você estar grato por estar recebendo benecis e não direitos e etecetera e tal. Então a legitimação desse genocídio é o que mais teve, não, o genocídio não me espanta ne, porque ele já vem desde lá de trás, o

que, não é que me espanta, mas me frustra, é que tem que começar de novo a colocar isso em pauta, em dizer que pelo menos a questão identitária da questão racial, ela é importante porque isso vai evitar um número de mortes de negros, então esse genocídio só vai terminar quando a gente eliminar esse olhar superior aqui, do policial, do professor, da dona do buffet que fala que não tem frozen preta, “ah não, a sua festa não pode ser da frozen porque não tem frozen preta, não existe frozen, não existe sereia preta”, entendeu? Tipo assim “pode vir em casa pra brincar com as crianças e tal. Olha, mamãe, preta, não sei o que, olha, esse aqui é sua vovó viu”, “ah, essa aqui é a vovó?”, “é, a gente é brancos, mas sua vovó é preta, ta?” Então é um pouco sob esse olhar “olha, beleza, tá tranquilo aqui viu, tá sob controle”, então é um pouco essa visão que eu tenho aí.

Paulo - Como é que você vê as ações antirracistas, sobretudo as políticas afirmativas, as cotas, como é que você vê?

M.A.S., 56 - O que tem me aporrinhando muito, teve uma palestra esses dias, eu fui convidado por uma professora branca que é muito amiga de uma professora negra que não tem um reconhecimento como negra, ela me disse que eu fui importante, o relacionamento que eu tive com meu filho na escola ela achou importante, eu contribuo para esse reconhecimento da figura dela como negra.

Paulo - Se você puder falar novamente.

M.A.S., 56 - Eu recentemente, eu dei uma palestra na escola do meu filho, da minha filha sobre essa questão étnico racial, eles estudam numa escola montessoriana e o mês de agosto é o mês montessoriano e o dia 31 de agosto é montessoriano, chama colégio Agostinho, tem o nome dessa escola porque o pai da diretora dessa escola chama Agostinho, é uma família portuguesa, e quando eu coloquei nessa escola eu não sabia que chamava Agostinho a escola, era escola Maria Montessori, Escola Montessoriana Colégio Agostinho, uma coincidência e Maria Montessori, 31 de agosto, é o nascimento dela, minha filha nasceu 1º de agosto e na pandemia, teve um trabalho escolar, 13 de maio, que veio para ser pintado, um escravinho, bochechudinho, pretinho, bem bonitinho, os bracinhos assim, com as correntes rompidas, eu odeio isso cara. Mas trabalho de mimeógrafo pra pintar, sabe, “ah, passa aqui na escola, pega o kit pra fazer as lições de casa”, eu já tive esses enfrentamentos positivos, eu tenho um filho de 19 e minha filha tem 8, são 11 anos de diferença, já teve outras discussões, a um tempo atrás, disso na escola e nos já revertermos isso, teve outras situações, foram fazer uma visita num quilombo e eu fui dar palestra na escola, falei “gente, meus filhos vão num quilombo, é o único negro da sala?”, tinham dois negros, tinha outras duas meninas negras na escola também, não, na época só tinha uma, “eu não quero que eles vão pro quilombo com uma imagem distorcida do quilombo se não vai vir pra lá com imagenzinha da habilidade, não sei o que tal tal tal”, então fui falar do contexto do quilombo, falei “posso dar a palestra?”, deixaram eu dar a palestra, muito boa essa, é uma escola pequena, particular, beleza. Só que quando eu vi essa, esse escravinho dia 13 de maio, com essas correntes rompidas, pensei “preciso rediscutir isso na escola” e aí falei “oh Maria, você tá com preguiça né”, falei brincando e tal né “po, um trabalhinho desse, quero fazer uma discussão com a professora, a direção da escola e a porra toda”, fizemos, e hoje originou, as crianças passaram a ter mais, fora as questões da apostila, questões extracurriculares com essa temática racial,

inclusive toda semana tem um livro, cada criança traz um livro da escola pra fazer uma resenha do livro e de 17 livros 6 tem a temática étnico racial, com personagens negros, escritores negros e o caralho a quatro. Essa semana que passou teve, eu dei uma palestra e o tema da palestra era “racismo estrutural”, eu fui o palestrante que fechou a semana onde o quinto ano falou sobre Mandela, o sexto ano falou sobre Rosa Parks, o sétimo ano falou sobre Jeremias, o outro falou sobre... e tava muito bacana, falaram sobre as mitologias, que eram nono ano, assisti a apresentação deles, enfim, a as figuras negras atuais Mano Brown, Djamila Ribeiro, aí foi o caso do passado Pixinguinha não sei o que, foi muito legal mesmo, falei “porra”, fiquei surpreso, e quando me passaram o projeto da escola falaram “olha, se você tiver alguma sugestão você me fala, se você quiser alterar alguma coisa”, falei “eu não quero alterar nada, só peço que as crianças façam perguntas durante essa semana e me direcionem na sexta-feira, vocês resumem e me passam” por que eu to contextualizando essa semana? Porque eu ia falar sobre racismo estrutural, eu não gosto desse tema, racismo estrutural, não gosto. Porque é o seguinte, eu acho legítimo, não to nem dizendo “ahh”, mas assim, algumas coisas são feitas pra vender, eu acho legal, foi necessário esse marketing pra vender livro, e essa venda de livros, e essa popularização desses autores, alguns desses best sellers, pra chamar atenção sobre o tema, mas você encastela essas pessoas, você transforma essas pessoas meio que em heróis e eu acho que não deve ser desse jeito, eu acho que tem que discutir o racismo na perspectiva do racismo e não com carimbo, entendeu? Sem contar que isso distorce, eu vejo a pessoa dizendo que se o racismo é estrutural então não tem jeito, tá dentro da estrutura, está encastelado, tá entranhado na estrutura, então você vê, é o racismo estrutural né. O conceito “racismo estrutural” virou meio que uma justificativa pro racismo, entendeu, então dá uma preguiça de você discutir o racismo, não, tem que fuçar esse racismo cara, o racismo é constituído de várias coisas, que algumas “ah não, racismo estrutural”, então é uma palavra que, veja bem, para não ser tirada minha frase fora do contexto, eu não to falando do Silvio de Almeida não sei o que, não to falando da Djamila Ribeiro, não puta, legal, eu acho é legal, tá na academia paulista, tem programa, é convidado da GNT, puta, tipo cara, parabéns, eu acho que jovens negros queiram escrever e papapa, legal, só que quando eu ouço falar racismo estrutural, é o mesmo quando ouço falar em friaca, po, tá frio, tá gelado, não é friaca, não precisa inventar uma nova palavra pra descrever o frio que eu to sentindo no meu pé, ou em casa, ou na escola, tá frio, não é friaca, pra mim friaca não existia, não era popularizado desse jeito, entendeu, então esse combate ao racismo ele pode, deve, ser combatido, é perpetuo, só que eu não sei se eu sou favorável a essa fábrica de celebridades antirracista, entendeu? E veja bem, eu não estou fazendo uma crítica, eu não estou dizendo que não tem que ter sucesso, tem que ter sucesso sim, eu quero, quero ganhar dinheiro, quero escrever um livro que venda, só que eu não sei se... ah, vão pegar fulano e pá, entendeu? Esse negócio de “o primeiro a fazer, o primeiro a não sei o que lá, primeiro, a primeira bailarina negra”, eu não sei se eu fico confortável com isso cara, isso se assemelha um pouco a essa, vamos supor, eu acredito que o funk tem a sua função social, ele tem, ele é lazer, ele é entretenimento, ele é empreendedorismo, ele é grana, ele é um monte de coisa, só que essas coisas de “a favela venceu”, puta isso me irrita, me irrita o cara chegar com um puta carrão na favela e “a é!”, cheio de ouro, isso me irrita, essa estética não é legal “ah, eu sou contra o mc não sei o que tá milionário”, não cara! Não, só to dizendo que isso não resolve

o problema, isso não..., isso ajuda pouco, ajuda o cara, ajuda o bonde dele e tal, mas ajuda pouco, entendeu, isso não contribui, no meu entendimento, talvez seja porque eu não gosto nem de relógio, entendeu, mas não é por aí, eu acho essa coisa... e eu não acredito também que tudo é sankofa, entendeu, vamo lá, vamo aí, a gente precisa emprender, o empreendimento é um saída? ai tem que fazer essa discussão, se o sucesso do empreendedorismo, a política neoliberal, mas ninguém apresenta uma proposta socialista também pro preto, então a gente tem que olhar tudo e todos e escolher o caminho, é aquilo que eu disse, dependendo da situação eu uso linguagem neutra e não é hipocrisia é porque eu tenho que respeitar, então determinado lugar eu vou falar sobre empreendedorismo negro, eu sou empreendedor a 30 anos, só que eu não gosto desse carimbo empreendedor também, porque é o seguinte, é o cara que não tem emprego cara, é o desempregado, o fodido, o desalentado que não tem outra saída a não ser empreender. Então quando a gente fala em política de combate ao racismo, e eu tenho contato com gestão pública em relação a isso, não é possível você ter uma gestão de combate ao racismo se você deixar a política de combate ao racismo estar circunscrita, a uma secretaria, a um departamento, se não juntar o lê com o cre, numa prefeitura você tem na educação você tem política de combate ao racismo e tem que se ligar com a secretaria de desenvolvimento social que tem que se ligar a secretaria do trabalho, tem que se ligar a secretaria de saúde, que tem que se ligar ao esporte e juventude, estar tudo conectado e sem contar o diálogo com a comunidade, porque tem os saberes ne, segundo a Ana Lucia Souza, autora do livro Letramento de R(e)xistência, quando o jovem chega na universidade ele já vem com um conhecimento, ele já tem um letramento, meu pai tinha o letramento dele, quando... eu uso o letramento do meu pai e da minha mãe, eu não uso o da universidade, entendeu? E a população, comunidade, tem seu letramento, então a escola tem que falar sobre Samba Rock, a escola tem que falar sobre funk, a escola tem que falar sobre Isla né, então a política de combate ao racismo, primeiro, só será efetiva quando foi permanente, quando não foi circunscrita a um setor, departamento, quando se integrar a todos os demais e quando se reconhecer os saberes, letramentos, antirracistas da sociedade, na administração pública, uma escola tem que ouvir quais são as estratégias antirracistas que nós usávamos, quando minha mãe falava, minha tia falava que “eu deixei de ser branca pra ser franca”, é uma estratégia, quando minha mãe dizia “é o seguinte, se chamar você de neguinho fedido você chama de barata descascada” é uma estratégia, são saberes, tem que ser levado em consideração, entendeu? E as instituições políticas, sobretudo os partidos políticos, estão muito longe de se conectar a isso.

Paulo - Quando você, bom, você já falou aí vários, na sua fala, vários privilégios da branquitude né, essa questão acho que já está subentendida na sua fala. Agora duas perguntas embutidas em uma, por que que você acha que você sobreviveu e conseguiu ter a posição que você tem hoje, socioeconômica né e, se você, nessa trajetória, se você sentiu, sentiu ne, um sentimento, um impostor, a ideia da síndrome do impostor, porque você fala disso em algumas falas né, esse lugar não é pra mim, não consegui entrar né, você trouxe o exemplo lá da doceria, mas agora, nessa posição que você tem, posição de autoridade, ser ouvido, por que você acha que sobreviveu e por que você acha que conseguiu chegar nisso e se você já se sentiu em algum momento nessa trajetória um impostor, impostor não que

você não tivesse capacidade né, mas que você fosse atravessado por esse olhar, o olhar da imagem do branco ali.

M.A.S., 56 - Ah cara, vivi uma primeira, tive uma experiência muito bacana, puta, muito bacana, isso é uma experiência legal na universidade, USP, na USP, porque eu não fui o cara mais brilhante na universidade, nas turmas de política, eu não era o cara que mais lia, eu não era o cara que mais lia na universidade, tinha caras que eram picas, mas a gente tinha uma coisa que era a seguinte, a gente fazia nosso seminário, nossa turminha, quando um amigo nosso, da nossa turma, tava no seminário e ele tava em outra turma, com outro grupo, a gente lia o tema do seminário do outro, a gente lia o do nosso e lia o do outro pra fazer o debate, a gente respeitava, a gente era plateia um do outro, entendeu? A gente podia discutir num boteco, quando eu entrei na universidade eu falei, “ bom”, assim, vou procurar resumir porque era extremamente importante, esse período, 1980 e..., sétima série, faz uma linha do tempo, 81 eu começo, tenho meu primeiro emprego formal no Mackenzie, depois do primeiro emprego formal no Mackenzie, fique meses lá, eu prestei concurso, fiz teste pra entrar pra Eletropaulo, ok, Eletropaulo que evidencia diretamente a Light, Light the Power Company, Eletropaulo, Paulo Maluf comprou a Eletropaulo em 1980, eu entrei em 82 na Eletropaulo, lá dentro, em todo praticamente escritório, depois de um ano e meio eu fiz outro concurso e virei auxiliar administrativo, depois eu fiz outro teste lá dentro, não avisaram que era concurso interno e não me chamaram, mas depois eu fiquei sabendo e fiz, obriguei as pessoas a me passarem o teste, fiz o teste, entrei. Passei a desenhista de projetos, nisso eu conclui o colégio técnico, aí passei a ser técnico em eletricidade, isso em 1986, 87, mais ou menos, entrei pra fazer sociologia em 87, em 89 eu entrei pra chapa de oposição eletricitária, sendo que de 84 a 89 foi minha militância absurda, 88 eu deixei de militar no convergência socialista, porque eu achava que o convergência socialista fazia crítica ao PT devia sair do PT e formar um partido, eu votava a esquerda da convergência dentro do PT. Só que aí como a minha militância era forte, em 89, as pessoas não sabiam que eu tinha deixado de militar, porque eu continuava militando, mesmo não tendo convergência, porque eu também queria que o convergência desse prioridade para eleição de eletricitário de São Paulo, eles não quiseram, queriam que eu militar como, que eu continuasse militando nos secundaristas, que eu já tinha terminado, porque era tradição de você sair da escola e continuar militando, ou que eu militar em movimento universitário, o que eu achava o ó, era classe média branca militante da PUC, da USP, caralho a quatro, eu não queria essa porra, até porque eu vinha de um movimento, relativamente um movimento operário, mas com ligação com essa via estudantil. E o pessoal da oposição universitário, pessoal do PCdoB do PT, sobretudo pessoal do (não compreensível) tinha outros trotskistas lá também, Valdemir Garreta, que era dos caras, Denilvo, o pessoal falou “não, legal, eu vou ter que dar uma vaga pro pessoal convergência”, eu peguei a última vogal na chapa, eu era da chapa e, na época, também era membro do conselho representante dos empregados, acabou a ditadura, aí teve aquela abertura nas empresas estatais, criou-se o conselho representante dos empregados das empresas estatais de São Paulo, CRE, tinha na Eletropaulo, tinha na Vasp, tinha em vários lugares. Bem, passada a eleição, aquela frustração, governo Lula, aquela coisa toda, sindicato perdeu, eu cheguei até a desistir de fazer sociologia, tipo assim “eu vou trabalhar como técnico em eletricidade, se bem que eu não tinha a menor afinidade com eletricidade, com técnico em

eletricidade, mas falei, “vou concluir meu curso”, que foi 90, só que quando eu falei “bom, eu vou concluir meu curso de sociologia”, eu não queria mais trabalhar como técnico, eu queria trabalhar como sociólogo, “mas como é que eu vou fazer?”, pra que eu continuasse na empresa e exercer a função de sociólogo eu teria que mudar pra um departamento que tivesse isso, o departamento que tinha, que se assimilava, era o departamento de patrimônio histórico, que era o X. T., para alguém de lá vir pra cá, pra minha vaga de técnico, tinha que ter algum lá que era sociólogo, ou historiador, que quisesse vir trabalhar como técnico de eletricidade em Osasco, para que houvesse outra vaga ali, ou seja, impossível. Ai, eu passei a fazer, eu propus um projeto, eu era técnico em eletricidade, e tava terminando de fazer sociologia, que é a origem do meu trabalho de estudo de pesquisa, eu falei “bom, eu preciso mostrar pra esses caras que eu tenho capacidade de fazer esse trabalho na sociologia e o caminho é, vou fazer um projeto”, que eu tenho até hoje lá, pra dentro dos meus guardados, região sudoeste 10 anos, região sudoeste era o conjunto de 14 municípios, que fazia parte lá de concessão, da superintendência do jornal sudoeste, que a Eletropaulo é dividida por áreas de concessão, o que eu ia fazer, eu ia contar a história dos 10 primeiros anos da existência da Eletropaulo naquela área de concessão, dados socioeconômicos... Quantos postes tem instalados, quantos não têm, quantos funcionários, pa pa pa e, eu fiz um questionário para ser aplicado pros funcionários e tal, aquela coisa toda, apresentei esse projeto e tava legal, aprovado o projeto, falei “porra!”, eu era técnico de eletricidade e os caras aprovaram meu projeto, falei “caralho”, e nesse projeto eu ia liderar uma equipe de técnicos cara, engenheiro, vários departamentos, multidisciplinar, porque o projeto era multidisciplinar, eu teria dois dias da semana pra tocar esse projeto, vinte e dois anos de idade, preto, militante trotskista, “caralho, beleza, pá, legal” isso não tinha nada a ver, não tinha nada garantido, mas foi, aprovou, vou mostrar que beleza, eu sigo, na reunião, aí teve outra reunião que eu fiz uma ata dessa reunião e, convoquei a próxima e assinei a carta, só que quem assinava carta, bicho, quem assinava correspondência, projetos, era chefe, era só chefe que assinava e eu tava pagando de chefe para os superiores, aí o pessoal falou “o M.A.V.S., o superintendente quer falar com você”, “beleza”, “vai te chamar pra uma reunião”, aí tava meu chefe de seção, que era o Pedro Romero Savalete, Pedro, Pedrinho, tinha o chefe de divisão, não esqueço o nome desse cara, João de Deus (----), divisão, que entende né, seções, divisão, departamento, chefe de departamento, Denervau Colombine, e o superintendente, não sei se era o Viana na época ou se já tinha mudado. Ai o chefe de departamento “po, eu não entendo você, a gente dá tudo pra você e você não reconhece, o que que foi?” porque eles estavam me achando muito folgado, chamando reunião, não sei o que “não, você tá se ausentando do serviço, olha, demos dois dias pra você fazer o projeto, não restringi... vai ter castiguinho sabe, vou dar um dia só”, mas a questão não era... a questão era a seguinte, “esse filho da puta, como que esse cara aqui, ele está assinando? esse moleque que é de esquerda, que fez um discurso numa festa de natal aqui que chamou a gente de hipócrita e o caralho, como que ele tá liderando uma equipe de técnicos, para fazer um negócio picas desse daqui”, aí meu chefe falou pra mim assim, ele era do departamento, o chefe do meu chefe do meu chefe, “você só quer coisa boa com as mulheres, eu não to entendendo, é blusinha de crochê, brinquinho, trancinha”, a estética foi o motivo, quer dizer, era inadmissível o corpo preto estar ocupando aquele espaço de liderança e de poder, como que um preto insubmisso vai virar

um chefe dos outros? porque tinha chefe preto lá, J.T.A., mas era um negão pai Thomas, era futebol e samba entendeu, aquele negão que ria de piada de preto e tal, que me olhava com desconfiança, tipo assim, “po, esse neguinho vai queimar meu filme, vão associa-lo a mim, um negro desordeiro”, ele não se dava bem comigo, eu me dava bem com outros caras brancos, cara de esquerda, Antonio de Souza, que era engenheiro e tal, que a gente conversava, trocava leituras e tal, esse negrão não, esse outro não. Porque ele tinha, ele falava “eu conquistei meu espaço aqui a duras penas rindo de piada de preto, me submetendo, aí vem você aqui, porra, caralho”, ele jamais me defenderia, ele defenderia os chefes brancos e japoneses lá, comlombine, italiano o outro Joao de Deus Itaquiueda, japonês, Pedro Romero Savalete, espanhol, entendeu, e o Viana português. Resumindo, naquele dia eu pedi demissão de uma empresa estatal, outubro de 1990, entendeu, eu falei assim “olha, vocês querem me dar dois dias, dois dias, eu tenho dois, você quer me dar um dia só, um dia eu não quero”, não, imagina hoje, você dentro de uma empresa, alguém te dar por semana pra você tratar só daquele projeto, fica bom pra caralho, eu tinha dois, no outro dia eu mandei os cara tomar no cu, falei assim “ó, vocês vão me desculpar, mas assim ó, não como chefe ta, como homem, vocês vão se fuder, vai tomar no cú vocês”, “você fala isso porque você tem garantia de emprego,” falei “não, eu to pedindo demissão, eu assino, eu abro mão da minha garantia de emprego”, a gente tinha garantia de emprego no contrato letivo do trabalho, “eu peço demissão da empresa” cara, em pleno plano Collor eu trabalhava numa estatal, tinha 22 anos de idade, eu tinha 30% de periculosidade sobre o salário base que eu tinha, já tinha já 9 quinquênios, porque eu tinha 9 anos de atividades, tinha 9% a mais, plano de saúde fudido que era da fundação SESP, um preto de periferia, universitário, trabalhando numa empresa estatal, eu pedi demissão, não tinha porra nenhuma planejado na minha vida, até meus amigos mais porra louca falaram assim “meu perai, perai, perai, o que que você tá fazendo, o que que você tá fazendo?” a A..., quando fui falar pra minha irmã “ah, você pediu demissão?”, porque ela tava pedindo demissão da Fepasa também, parecido, falei “porra”, e a M.. fazia já instituto Planalto na UNESP, estudando artes e educação, A.. também sociologia e a gente cagando pra estabilidade, a M..nunca quis, A... saiu de uma estatal também que era a Fepasa, que hoje é CPTM, que era estatal, e eu sai da Eletropaulo, períodos muito similares, terminando a faculdade juntos.

M.A.S., 56 - Nesse meio tempo eu tava pensando “mas o que eu vou fazer depois da faculdade, não posso parar aqui, vou fazer pos graduação” eu tava pensando em fazer em São Carlos que eu via anuncio, comecei a pesquisar por mim mesmo, onde tem e tal tal, falei “vou na USP” aí tava aberto aquele processo seletivo de mestrado com o professor Alandro Pires de Miranda, fiz teste, fiz os testes, fiz os exames, eu guardo até o bilhete que minha mãe me mandou, que ela tinha que tomar um chá da tarde na casa de uma amiga dela, toma um café da tarde na amiga dela, eu já tinha pedido demissão da Eletropaulo, isso era fevereiro, já tinha, mas não tinha feito a rescisão, a rescisão foi primeiro de abril de 91, que eu dialoguei de verdade ne, que eu assinei e peguei minhas coisas todas e pedi pra minha mãe ligar pra USP, porque a gente tinha um telefone em casa, pra saber se já tinha saído o resultado, aí ela me mandou um bilhete “oh, você passou lá na USP, eu não brincaria com uma coisa séria dessa” e entrei na USP, quando entrei na USP no dia em que eu fui fazer minha inscrição, primeira coisa que me perguntaram, todos que estavam lá pra fazer a inscrição de tudo, todos

brancos, me perguntaram assim “ah, você é orientando do professor Kabenguele?” porque era o único orientador negro que tinha, eu falei “não, eu vou fazer o negócio de sociologia, eu vou fazer sobre política”, porque já me enquadrar, “não, você vai fazer com o Kabenguele, você vai estudar assuntos africanos, ou africanistas. Os estudantes da maior universidade, do maior departamento de Sociologia do Brasil já me colocaram naquele lugar e passado um ano ou dois eu fui fazer um curso com o professor Boris Fausto e, o professor Boris Fausto era da área de política e tinha muitas pessoas, muitos outros departamentos que iam estudar com ele, pessoal da FEA, pessoal da antropologia, várias pessoas, a matéria dele seria Temas do Brasil contemporâneo pós 64, isso que tinha um movimento político no país pós golpe, tinha acho que 16 vagas e 30 pessoas pra querer cursar o curso dele, ele falou “ó, tem 12 pessoas aqui que já fazem parte do departamento de política, então tem quatro vagas no meu curso, posso pegar uns 4 a mais, ao invés de 16 pode ser 20, mas eu quero que todos que não são do departamento de política saiam da sala, temos todo o tempo do mundo aqui, mas eu quero entrevistar um por um pra saber porque que você quer fazer o curso, meu curso”, beleza, entrou um, entrou outro, aí quando chegou a minha vez eu entrei, ele olhou pra mim e falou o seguinte “eu já conversei com você né?” eu falei “não”, “já conversei com você sim, encontrei com você no corredor, nós conversamos um pouco”, aí eu me liguei, eu falei “professor, aqui tem dois”, ele “como?”, “tem dois pretos na USP, aqui tem dois, o senhor conversou com o outro, eu só li coisa sua, mas nunca conversei com o senhor”, aí ele, não se percebeu a mancada tal, mas ele ficou meio constrangido, eu senti que ali era minha brecha, nem tava com esse tesão todo de fazer a matéria dele, mas era importante pra eu colocar no meu currículo, uma coisa fora do departamento, entendeu, análise política e tal. Ai tal, “não, tal, você lê inglês?”, já queria me fuder né cara aí eu falei “eu falo melhor do que escrevo” eu não respondi pra se eu li ou não lia, disse que eu falava melhor do que eu escrevia, mas por que? De alguma forma eu tava preparado pra uma situação racista e aquela foi uma manifestação racista e, mesmo sendo um escola de humanidades da USP e o caralho, eu não tava longe dessa questão racial, então ao longo da minha trajetória, como empresário, nos momentos agora em redes sociais ficou mais fácil, porque quando comecei lá em 91, você marcava uma reunião com alguma, a pessoa não sabia quem era você, você falava o teu nome, quando você chegava num lugar “ah, você que é o M.A.S., 56 ? ah, você é preto”, ninguém te fala isso, você é quem tem que sentir e, se você não estiver preparado você para na porta. Então eu estou sempre preparado para estar em lugares onde não é pra eu estar, então quando alguém fala “ah, mas...”, quando o Paulo Guedes fala da empregada doméstica que vai pra Disney, não era pra ela estar ali caralho, quando você está no aeroporto não é pra você estar ali, quando você tá no MASP não é pra você estar ali, quando você tá na USP não é pra você estar ali, num restaurante bacana, numa barraca legal de praia, não, você tem que estar na praia suja, lá que você combina, você tem que estar naquela escola em que o banheiro não tem porta, lá é teu lugar, você tem que estar carregando lata de concreto nas costas, os tigres ne, no Rio de Janeiro, que tinham que levar dejetos nas costas, é esse lugar. Então assim, aí você tem uma opção, tem uma opção preta que é o seguinte, “vou me fingir de morto, vou rir de piada preta, vou me embranquecer, vou ser o negão padrão e casar com loira, o bem-sucedido casado com loira, vou negar que existam conflitos porque eu vou ser o cara da favela venceu e pa, mas venceu... eu sou preto classe média, preta, mas eu sou de alma branca,

eu sou o Hélio negão”, entendeu? E aí você assume todos esses ícones e tal, pa pa pa, aí final de semana, uma vez ou outra você vai visitar, vai numa festa de negão tal, com seus parentes e tudo, tal. E um outra alternativa é, um pouco mais difícil, mas não haveria outra alternativa pra mim porque eu sou filho de A.P. e dona N., que embora nos ensinasse a reafirmar a questão racial, nos colocou no caminho da auto sustentação e essa é, esse empreendedorismo está entranhado, meu pai nos ensinou a não ter patrão, se você não tem patrão você tem que ser por conta própria, por conta própria você é empresário, você se banca de algum jeito, um profissional liberal, você se mantém e, em relação a minha mãe, você mantém seus princípios, ou você constrói um lugar do jeito que você quer pra você viver bem, ou você sai desse lugar, se levante da mesa, eu me levantei, de algumas mesas eu me levantei, da Eletropaulo, da mesa da Eletropaulo e me levantei da mesa da USP, me levantei de um outro casamento, um possível casamento que eu teria (meu sogro era tenente da Rota), e me levantei de alguns clientes, de alguns lugares onde não me querem, onde eu não to afim de brigar, então fica aí com o outro empresário branco do mesmo ramo que eu e eu não vou agradar, puxar teu saco, porque eu não quero, meu objetivo não é comprar um helicóptero ou comprar uma casa na praia, então esse caminho que eu escolhi me fez ser um corpo estranho, um periférico na USP e ser um espião na periferia, eu sou um duplo E.T. ao sair e ao voltar de casa, porque só o fato de você trabalhar em uma estatal e não ser um pião, porque já teve outras pessoas que trabalharam na Eletropaulo, mas pra fazer buraco e colocar poste, tanto é que na Light, antigamente, as turmas que saiam pra colocar poste, o chefe da turma chamava-se feitor, tava na cadeira de trabalho do cara “feitor”, porque era trabalho pesado.

Paulo - Então o, pensando pelo ponto de vista objetiva, o que que você, como é que você acha que você...

M.A.S., 56 - Sob ponto de vista objetiva cara é o seguinte, é o aprendizado que eu tive na minha primeira infância, foi fundamental, porque essa questão dessa independência econômica, que meu pai preconizava, a gente utiliza, e não to dizendo de enriquecimento não, a questão é, você é responsável.

ENTREVISTADA 05 - M.A.V.S., 43, professora de Yoga e proprietária da escola.

Paulo - Então vamos lá, eu gostaria que você se apresentasse, falasse seu nome, idade local onde nasceu e que você autorizasse o uso da imagem, do som para pesquisa do doutorado de Paulo Edison de Oliveira, a Descolonização do Inconsciente.

M.A.V.S., 43 - Eu me chamo M.A.V.S., tenho 43 anos, nasci em Bom Jesus da Lapa, Bahia e autorizo Paulo a usar, áudio, imagem para o doutorado Descolonização do Inconsciente.

Paulo - Legal, então queria que você contasse da sua história de vida, onde nasceu, como era sua família, e o que você lembra da sua infância.

M.A.V.S., 43 - Tá, o que eu lembro da minha infância... nasci em uma família, venho de uma família de mulheres, a minha mãe, na época mãe solteira, para ela sumir que ia ser mãe solteira, já foi ali um grande impacto, né? Pelo perigo né, porque uma mulher, uma mãe, solteira era vista como uma prostituta, né, mas na verdade não, então hoje em dia minha mãe fala que eu posso morrer feliz, porque a mulher é livre para ser mãe solteira, independente de marido, enfim, então, eu já venho dessa formação de vida, enfim, a dificuldade assim, de infância, né, de você criança e ser abordada o tempo inteiro, ser filha de mãe solteira, então o tempo inteiro né, os vizinhos, né que vinham dessa formação estruturada marido e mulher, então a gente tempo inteiro era abordada assim, "Você não pode brincar com aquela criança, porque é filha daquela mulher, dona C...", só que tinha um detalhe muito importante, que minha avó era uma pessoa muito popular na região, era a única curandeira e parteira., então todo mundo passava pela minha vó, então o respeito que a gente tinha era a partir da minha vó, mas a minha mãe, assim, era uma coisa muito difícil, difícil mesmo. Então, tenho boas lembranças e lembranças bem puxadas assim, da infância em relação a uma série de questões mesmo, né social, então assim, só fechando essa parte, eu lembro assim de acontecimentos, sei lá, tava brincando e aí tinha essa abordagem "você não pode brincar com essa criança" e voltava pra casa chorando e a minha mãe falava assim "não pode chorar, engole o choro", mas se você olhava pro lado, ela tava chorando, sabe, não foi uma infância fácil, sabe?

Paulo - Você acha que elas, as crianças, os pais falavam que não queriam brincar com você por que você era filha de mãe solo, né, mãe solteira, ou por que você era negra? Essas crianças, de que cor elas eram?

M.A.V.S., 43 - As duas coisas. Não era só o fato de ser mãe solteira, era também de ser negra, com certeza.

Paulo - E você lembra de episódios em que ficou bem declarado isso, em que você sofria racismo?

M.A.V.S., 43 - Sim, sim.

Paulo - Você pode contar?

M.A.V.S., 43 - Na infância você tá falando?

Paulo - É, na infância.

M.A.V.S., 43 - Essas abordagens assim, “essa filha de preta, essa filha de mulher solteira”, sabe? que não era usado esse termo, né, de mãe solteira, era o outro termo, nisso já tava aí as duas coisas, um racismo junto com outra coisa, e ser impedida também, de estar em alguns lugares, não era só minha mãe, então tinha lugares que a gente não podia entrar, e não era só por ser filha de mãe solteira, era por ser negra também.

Paulo - Você lembra quais eram os lugares?

M.A.V.S., 43 - Ah, na nossa região, nossa região era uma vila muito pequena, sabe, a igreja, por exemplo, a igreja. Minha avó era uma figura extremamente católica, mas a gente chegava nos lugares... tipo domingo é o dia de colocar a melhor roupa e para a missa, e muitas vezes eu chegava e assim, os olhares, você já sabia qual era o seu lugar, eu tive uma dificuldade muito grande, por exemplo, de frequentar a escola na minha região, porque apanhava das outras crianças e na sala de aula ninguém queria estar do meu lado, nem só eu, assim como outras crianças, minhas irmãs, sabe?

M.A.V.S., 43 - E as professoras, o que faziam?

M.A.V.S., 43 - Ah, as professoras vinham dessa formação também, então era uma coisa normal, não tinha uma interferência do professor, do diretor, não.

Paulo - Você tinha crianças que você brincava na escola?

M.A.V.S., 43 - Não, na escola, especificamente, não.

Paulo - Você tem irmãs, irmãos?

M.A.V.S., 43 - Tenho irmãs.

Paulo - Quantos anos elas têm?

M.A.V.S., 43 - Eu sou a mais nova de seis filhas que a minha mãe teve, sou a caçula, a mais velha tá com sessenta e quatro, e a gente nunca viveu todo mundo junto assim, porque a mais velha ia pra cidade pra trabalhar, aí a do meio, foi indo assim, então determinado momento a minha mãe precisava ir pra cidade também, pra trabalhar, e aí morava um período com a minha avó, outro período com a minha irmã mais velha, ou seja, a mais velha do meio, que era casada e morava numa outra região, então a gente ficava assim, era um pouco essa.

Paulo - Tinha irmãs da mesma idade, que brincavam?

M.A.V.S., 43 - Sim, sim a minha irmã mais velha que eu era mais velha dois anos, então a gente teve ali, um período junta e depois essa irmã foi pra cidade pra morar com a tia, enfim.

Paulo - E do que vocês brincavam, você lembra das brincadeiras?

M.A.V.S., 43 - Lembro, a minha brincadeira preferida era de ir pro mato brincar, enfim, essa coisa de caçar, eu gostava muito de caçar, e assim, como tinha essa coisa de ser impedida de brincar com as meninas, então eu me dava muito bem com os meninos, eu sempre fazia os desafios para estar no grupo dos meninos, achavam também muito mais divertido, subir nas árvores, ir pro mato, caçar e matar passarinho. Então a minha brincadeira era essa e, também tinha brincadeira de todo mundo ir pro, aqui vocês chamam de represa, lá pra gente

a gente chama de poção, um grande poço, então ia todo mundo no final do dia tomar banho no poço, e aí era minha brincadeira preferida, assim, andar a cavalo, andar de jegue, enfim.

Paulo - Na sua infância tinha televisão, tinha rádio, tinha propagandas de maneira geral, revistas, livros.

M.A.V.S., 43 - Não, não tinha nada disso, na minha região, eu lembro quando chegou luz, eu já era bem grande, assim, 8, 9 anos, não me lembro, então desenho, televisão a gente não tinha acesso, livros, a minha avó, assim, todo mundo na minha família né, achava que era perder tempo com livro, então minha família, minhas irmãs, enfim, ninguém terminou os estudos, ninguém estudou. Não tinha, então quando eu tive o primeiro contato com televisão, eu lembro de uma propaganda que ficou muito marcada na minha infância, que era uma propaganda de um saco gigante de chiclete e aí eu queria entrar na televisão de qualquer jeito pra pegar o chiclete, ficava tentando descobrir como que fazia pra... enfim, porque não entendia que aquilo era uma tela que transmitia uma imagem, então foi assim, não tive uma infância com televisão, com nada.

Paulo - E quando você entrou em contato, na escola, com livros didáticos e imagens de história, você lembra dessa época?

M.A.V.S., 43 - Lembro sim, escola na minha infância era uma coisa assim, começava, parava, começava, parava, porque não conseguia terminar, não conseguia completar um ano na escola, por várias questões, muitas a gente tinha que interromper porque tinha o trabalho na roça, minha mãe, minha avó, a gente tinha que preparar terra, a gente trabalhava na colheita, no plantio, então não consegui terminar, não consegui assim, estudar o ano inteiro. E aí, quando eu vim pra São Paulo foi que sabe, entrei pra escola, mas na infância mesmo, uma vida escolar, não, não tive.

Paulo - Como é que você se descobriu enquanto pessoa negra, como é que você falou assim, “bom, sou negra”, e como foi esse processo?

M.A.V.S., 43 - Como foi esse processo, ele foi... foi bem quando eu cheguei em São Paulo, eu tinha 13 pra 14 anos e aí eu já vinha determinada em morar com uma família e a proposta dessa família era assim, “ela vai cuidar, ela vai trabalhar com a gente, mas a gente vai oferecer escola” e eu assim “preciso estudar”, de todas as minhas irmãs eu era a única que queria muito estar no ambiente escolar, e aí na infância, devido várias dificuldades eu achava aquilo inacessível, impossível. Quando eu cheguei em São Paulo, que eu fui trabalhar pra essa família, que aí já teve um choque enorme né, um choque gigantesco porque uma das exigências da família era que eu não poderia falar com as crianças com meu sotaque, então tive aulas de etiqueta, “olha você não pode falar assim, não pode falar assado” e aí eu comecei a achar estranho aquilo, muito estranho, eu falava “nossa, como assim?” então eu não sabia muito ao certo o que estava acontecendo, foi a partir desse momento que eu comecei a entender, perceber que tinha alguma coisa errada, tinha alguma coisa muito errada, porque como assim, sabe, eu não posso, sou impedida, porque eu vim pra cuidar de duas crianças e aí eu cuidava dessas duas crianças e trabalhava como copeira pra essa família. No processo disso tudo, a escola que eles haviam prometido, disseram assim “olha, ela vai estudar” não aconteceu, porque passou um tempo e comecei a ficar angustiada, como assim, sabe? E aí

eu, por conta, consegui arrumar um professor particular, eu tava muito atrasada, aí tudo que eu ganhava, o dinheiro que eu ganhava eu pagava pra esse professor, era um professor de português, e em determinado momento eu percebi que o que foi combinado, acertado entre eu e o professor, que era ele me dar aula, não estava acontecendo, ele ficava corrigindo as provas dele, enfim, me dava um texto ali e pedia pra eu copiar, mas enfim, não tava me ensinando, então imagina, aos 14 anos, eu não tinha ideia de números, de nada. Então a história, qual foi sua referência? história foi da vida mesmo, assim de perceber que alguma coisa tava muito errada, de perceber que alguma coisa não tava certa, aí eu sai né, chegou uma hora que falei “não, não dá” e fui fazendo meio que por conta, porque imagina, as minhas irmãs até hoje assim, eu tenho irmãs que ainda trabalham no trabalho doméstico porque a nossa sociedade ela te coloca nesse lugar assim, você enquanto mulher preta, nordestina, qual é a sua perspectiva? E empregada doméstica, quando você chega em São Paulo, vindo de uma vila micro, assim, qual é a sua referência? Empregada doméstica, não tem outra saída, então é muito difícil, sabe, duro, porque... se ficar meio confuso você me interrompe, Paulo, se eu fugir um pouco também aí, do que você me perguntou. E foi aí que eu saí, deixei de trabalhar com essa família e comecei a buscar uma busca sem saber ao certo o que eu estava buscando, mas eu sentia, tinha uma clareza de que tinha alguma coisa muito errada, um impacto muito grande assim, com todas as dificuldades da vila de onde eu nasci, não tinha criança de rua, eu nunca vi criança pedindo comida na rua, e isso já foi um grande impacto pra mim quando eu cheguei em São Paulo e, o sonho de sair daquela região e vir para São Paulo, uma grande metrópole, morar em uma casa bacana, estar em um lugar legal e aí quando eu fui chegando eu comecei a entrar em pânico, fui dizendo assim, “meu deus”, foi muito impactante assim, porque eu não tinha noção do que era isso, e aí isso foi ficando cada vez mais acentuado, tinha uma coisa muito errada, muito errada. E como as pessoas se referem até hoje, as pessoas não tratam uma pessoa que te serve como se essa pessoa tivesse uma identidade, “é a minha empregada, é a minha babá, é a minha faxineira”, isso eu exigia das pessoas, “eu gosto de ser chamada pelo nome, não quero ser chamada de sua babá”

M.A.V.S., 43 - Eu sempre bati de frente, eu trabalhei com uma pessoa que ela pediu assim, eu saí, perdi um mês de trabalho porque teve uma situação de racismo, a gente tava indo pra uma viagem e aí a sogra da minha patroa falou “ah, preto, nordestino e baiano não deviam existir em São Paulo, por que que tem que se relacionar com brancos”, aí a gente começou uma discussão, ela falou “você é muito atrevida para uma babá”, eu falei “é, mas eu tenho nome” e aí a gente começou ali, uma discussão e eu pedi pro motorista parar o carro e parei no meio da marginal, nem sei como voltei pra casa, sabe? E eu comecei assim “preciso estudar, preciso estudar”, porque eu tinha em mente que se alguma coisa tivesse que haver uma transformação teria que ser pelo estudo, eu não queria seguir ali, a vida de empregada doméstica e sendo tratada como uma pessoa, como se essa pessoa não tivesse identidade.

M.A.V.S., 43 - Ainda nos dias de hoje isso acontece com muita frequência, tem aluno que chega e fala “minha empregada, minha baba” e qual é o nome da sua babá, da sua empregada, qual é o nome da pessoa que cuida do seu filho? porque eu já estive desse outro lado, eu já estive nesse lugar, essa pessoa tem uma identidade.

Paulo - Nesse processo, como é que você falou assim, sou negra?

M.A.V.S., 43 - Eu acho que nesse processo de “eu sou negra”, você sabe que eu nunca vi cor, Paulo, eu acho que as pessoas no meio onde eu comecei a trilhar e decidi “eu quero ser isso, eu vou fazer isso com a minha vida” e assim, foi ali que eu comecei a perceber que eu era diferente, porque até então eu não tinha essa clareza “ele e branco, ele e amarelo, ele e negro” então quando eu chego de Bom Jesus da Lapa em São Paulo tinha muita inocência, então essa inocência foi se perdendo, porque esse convívio, das pessoas te colocarem o tempo inteiro esse lugar de exclusão, você começa a sentir que você é diferente, e você fala fala “opa, eu sou negra”. E aí quando eu entro no grupo de capoeira que eu começo a treinar capoeira aí assim meu mestre, meu primeiro mestre de capoeira era branco, né? Você é muito importante pro grupo porque você é preta, você é negra, e aí eu fiquei “nossa, mas eu sou negra?” e eu comecei a perceber que eu era diferente, mas não que eu era diferente porque tinha alguma coisa e que eu era negra e aí quando eu vou para esse universo da yoga, uma comunidade gigantesca sabe? eu era a única, e aí aquilo começou a me incomodar porque eu falava “por que que eu to aqui sozinha” sabe? E aí eu comecei a perceber, comecei a me assumir como mulher preta, sabe? Porque eu falava assim “cadê?” Então foi assim, eu diria que o que me inspirou e inspira até hoje para seguir mesmo assim, me sentindo uma pessoa diferente não porque isso vem de mim, mas assim porque veio da comunidade de te colocar nesse lugar assim, você é diferente. Tem uma frase do Iyengar que fala “Yoga e para todos, independente de raça, cor, credo é para todo mundo tem uma coisa que é certa, se você tiver sem alguma coisa, se você tiver fé, Deus vai fazer por você todo o resto” eu vindo de uma região era assim, região é muito muito assim, imagina, é Bom Jesus da Lapa onde acontece a maior romaria de todo nordeste, gente de todos os lugares vai para Bom Jesus da Lapa pagar promessa, minha avó que era uma mulher que rezava assim, eu vim de uma família com muita fé, muita fé, coragem eu não sei, mas fé é uma coisa assim, então eu peguei muito com isso assim, tenha fé e vai, faça, não fica parada e acho que não tive muito tempo para ficar nesse lugar de “aí sou diferente, aí como a vida é dura” não, faça, faça e vai indo.

Paulo - Hoje você tá num lugar de autoridade, como é que foi a chegar nesse lugar assim, você acabou de falar que você percebeu que nesse universo da yoga era um universo majoritariamente branco, como é que foi trilhar esse caminho, conta como é que foi essa história de trilhar esse caminho se você se sentiu, em algum momento, nesse caminho preterida pela sua pela sua cor, por ser mulher, por ser nordestina e como é que foi essa trajetória, chegar onde você chegou hoje?

M.A.V.S., 43 - Eu cuidava de uma criança que, o pai do pai do M..., ele é professor de yoga, e assim, não escolhi, eu comecei a cuidar do M... ele tinha acabado de nascer, então quando já tava quase com dois anos, ali com as primeiras palavras, M... insistiu num livro, tinha um livro que ele sempre pegar o livro que não era o livro que ficava no canto da sala de leitura e ele sempre canto e ele insistiu num livro que não era, aí eu fiquei curiosa, assim, que eu comecei a ler aquele livro que era, na época era o primeiro livro do Iyengar traduzido pro português e aquilo abriu um portal, falei “nossa, que isso?”, aí eu cheguei para o pai e para mãe do M..., no café da manhã, tava os dois, e eu perguntei se eu poderia ler aquele livro e aí a mãe do M... falou assim “nossa, claro M.A.V.S. tudo que tá aí você pode ler fica à vontade.

Você sabia que o meu marido é professor de yoga? você podia ir lá, você tá fazendo capoeira, você podia ir lá fazer uma aula de yoga” ele falou “e mesmo, eu te convido” aí eu falei “tá bom” E aí eu fui assim sem saber o que fazer, não fazia ideia do que era yoga, não tinha noção, aí aquilo foi, para mim foi a coisa mais linda que me aconteceu porque na primeira aula, aconteceu alguma coisa aqui que eu não sei te dizer exatamente o que aconteceu, mas eu saí determinada aquela aula, “eu quero isso para minha vida, eu quero isso, mas como que eu posso ser isso sendo babá? Não tem condições” E aí eu já comecei a pensar que eu teria que deixar de cuidar do M..., arrumar outro trabalho para eu conseguir, para eu ser alguma coisa pra eu seguir aquele caminho, porque como que eu ia? enfim. E uma longa história porque eu fiquei com aquilo martelando na cabeça, eu já queria fazer yoga e como eles tinham me dado acesso aos livros, eu comecei a praticar sozinha, eu ficava escrevendo o nome das posturas ali, por horas, e aí quando eu fui para, aí assim chamei o S..., né para conversar, o professor, falei “como é que eu faço?”, aí ele falou assim, “ah aqui é a grade horária”, quando eu vi o preço eu, foi outro chute enorme, eu falei “meu, como é que eu vou pagar?” aí eu pedi demissão, a esposa dele não entendeu nada assim, nossa, tinha um amor por aquela criança e naquele período já conhecia algumas pessoas, algumas das minhas amigas da música, desse meio artístico, aí tenho uma amiga que a cantora e ela falou “você tem que cantar, vamos cantar” e aí ela cantava, naquele período ela cantava em alguns bares e ela falava “você pode me acompanhar” e aí eu falava “gente, isso não é para mim não é isso que eu quero fazer”, mas aí lógico, você ia pro samba aí você bebia, comecei a sair completamente do caminho falei “ao, volta, volta” e aí pedi para o S..., falei “olha, não tem outro meio porque assim, eu não tenho que pagar as suas aulas, mas também não quero fazer de graça” e eu acho que foi muito foi a melhor coisa que eu fiz naquele momento porque depois, futuramente eu tive problemas com essa coisa, enfim, é outra história. E aí eu fui ser faxineira da escola, aí eu fazia alguma vez por semana, morava, naquele período morava o Taboão da Serra, então eu saía com lanche, fazia a aula que era às dez da manhã e ficava pra aula das cinco, de capoeira, porque imagina, era longe, cara a passagem não tinha condições de ir e voltar. Fiquei nisso por muito tempo e aí esse meu professor começou “ah, você tem um potencial, vamos fazer o curso de formação?” eu “que que é isso?” e eu tava ainda fazendo supletivo, terminando colegial assim no peito, porque estudava e morava num outro lugar, então chegava em casa assim e aí eu aceitei, o primeiro módulo dele eu não aceitei, um curso de formação naquela época, era um negócio muito caro, um curso de yoga, naquela época, era assim o valor de uma universidade, eu ficava olhando os preços assim, entrar numa universidade, mas nem em sonho, na minha visão naquele período, pagar uma universidade? isso aqui não é pra mim. E aí quando chegou aquele valor eu falei “meu deus, como é que eu vou pagar uma formação?” aí ele falou “então, a gente precisa de alguém na formação que cuide da organização de espaço”, a sala dele era muito pequena, então ele tinha um grupo grande que ele tinha que se deslocar e ir para outra sala, um lugar no centro da cidade, aí precisava levar o material, precisava receber as pessoas, precisava limpar esse espaço e eles falou “eu te convido você trabalha para mim” e nossa, era tudo que eu queria e aí me abriu um outro universo, quando eu vi já tava no meu segundo módulo de Formação, a formação tinha duração de 3 anos, então terminava as aulas, o pessoal ia almoçar e eu ficava limpando, recolhendo. Foi assim que eu consegui fazer uma formação de yoga. Aí quando o Iyengar

descobriu que havia iyengar yoga no Brasil, ele ficou louco né, “como assim tem a iyengar yoga no Brasil, só tem um professor brasileiro certificado” e essa pessoa nem morava no Brasil, era uma idosa do Rio de Janeiro, e aí ele fez uma chamada para os praticantes, eu já tava dando aula porque eu tava no meu último ano de Formação, isso foi em 2006, eu já tava no meu último ano de Formação, eu já estava dando aula nas academias, o S... foi uma pessoa muito importante pra mim, que me deu oportunidade assim falou “vai, você pode” e aí, de repente eu já tinha um monte de alunos, porque eu comecei dando aula nas academias no bairro, eu já não morava mais em Taboão da Serra, eu tinha um namorado a gente, alugou um apartamento na Paulista e a gente foi morar junto, ele também era da Freguesia do Ó, e aí também foi uma catástrofe, a gente se separou e eu fui morar sozinha de fato uma casinha super pequena ali perto do metrô Sumaré e aí, o Iengar mandou uma pessoa, aí foi criada a associação para legalizar os praticantes, os professores que já estavam no mercado usando o nome iyengar yoga e que trabalhavam com a iyengar yoga ele e foi onde aconteceu aquele empurrão que eu precisava, eu tava nesse, como aluna, e como uma pessoa que administrava ainda ali, o espaço, recolhia o lixo, limpava arrumava sala, preparava as flores, o incenso, enfim e eu era essa pessoa, que tava ali organizando o espaço e fazia aula. Aí veio uma professora, veio fazer a pré seleção dessas pessoas que iam se apresentar para fazer a certificação oficial, e aí ela me chamou e falou assim “seu nome não tá aqui”, eu falei “não, não tá, eu to aqui ajudando, mas não me apresentei pra...”, imagina, nem sabia o significado, o porquê daquilo tudo, aquele movimento todo que tava acontecendo na comunidade de iyengar yoga e aí ela me obrigou, ela me exigiu, ela falou “Oh, de oitenta pessoas que estão aqui, que se apresentaram pra fazer essa prova, tem uma única pessoa que tem a capacidade de passar direto, essa pessoa é você, eu quero o seu nome na minha lista amanhã”, eu fiquei meio assim, cheguei pro meu professor e fiz assim... ele falou “ta bom, vamos lá, vamos se inscrever” aí ele me ajudou, eu fiz a inscrição e to eu lá, aí quando chega o Fiyk, que foi a pessoa que o Iyengar escolheu, o Fiyk mandou a Maria Jesus pra fazer a pré seleção e aí ele viria daqui uns tres meses, três, quatro meses, não me lembro, pra passar a prova final e aí quando o Fiyk chega na sala pela primeira vez pra dar essa prova ele já sabia quem eu era, aí ele chegou pra mim, pediu pra pessoa que tava traduzindo o curso, e falou “eu já sei de você, quero você lá na frente” e eu não tava entendendo muito bem o que tava acontecendo, então eu já sai de intro, enfim, nem prestei pra intro um, já fui direto pra intro dois, quando eu vi eu já tava fazendo meu júnior um com todas as pessoas que seriam a elite da elite da iyengar yoga, que era a pessoa que trouxe a iyengar yoga pro Brasil, meu professor que me iniciou, meu mestre, que eu tinha assim, naquele período como meu mestre, então era a figura que abria o caminho, aí quando eu vi a gente já tava ali, consegui a minha certificação, passei, fiz intro um, fiz intro dois, ou melhor, já fiz o intro dois, fiz o júnior, um fiz o júnior dois. Chegou uma hora que eu entendi assim, o que estava acontecendo, dentro disso tudo, porque aí foram muitas transformações, a transformação de sair dali, daquele lugar de baba, de empregada doméstica, eu tinha um classe com 40 alunos, sabe? eu tinha assim, eu dava uma aula de sábado, nesse espaço, que eu tinha quarenta alunos, aí eu saí de uma das academias e quando eu vi tava todos os alunos, aquelas pessoas que estavam fazendo aula comigo estavam na minha aula quando eu vi eu não sabia muito bem o que tava acontecendo, mas eu, enfim, não dei muita importância, segue, quando eu vi assim, nossa, eu tinha um

certificado, eu poderia abrir o meu espaço, eu poderia ser uma pessoa livre, eu poderia andar com as minhas próprias pernas e aí é outra história, porque aí...

M.A.V.S., 43 - Foi o corte né, o corte com o professor e aí, enfim, foi aí que eu percebi um outro movimento, uma outra virada, que foi essa virada assim “quem é você?” porque teve uma das última prova que a gente fez, ou seja, a segunda prova que fizemos juntos a gente tava na mesma sala, passando pela mesma certificação, que eu passei e ele não passou, aquilo foi a morte assim, sabe, que ele ficou extremamente, enfim, e aí eu percebi que eu era diferente, em que aspecto eu não sei, era empregada da pessoa estar aqui fazendo a mesma seleção, você passou, o cara não passou, ele ficou um mês sem falar comigo, eu dando aula na escola dele, não falava comigo e aí assim, eu tava ganhando muito bem, muito bem para o padrão de onde eu vinha, de empregada doméstica, um salário mínimo, a condução e de repente eu nem sabia o que eu fazia com aquele dinheiro tava ganhando tão bem que ficava assim “nossa!” e aí ele falou “eu sou dono desse espaço, eu sou dono dessa escola, então a partir de agora você vai ganhar dez reais por aula se você tiver x alunos por classe ai você ganha uma porcentagem” aí eu falei “não, mas peraí tem alguma coisa muito errada” porque no contrato, inclusive tudo era com contrato, ele pedia contrato de tudo, então eu falei “não, perai”, ai eu fui nos contratos que a gente tinha assim, quando eu comecei a fazer as aulas regulares, quando eu fui fazer a primeira formação, primeiro modulo, segundo modulo, terceiro modulo, contrato de tudo ai eu percebi que tinha uma coisa muito errada, falei “não”, pedi pra conversar novamente em um outro momento, ai fiquei pensando que tinha uma coisa muito errada ali, ai eu peguei os contratos e em ums dos contratos que, era um dos contratos de aula, se você tem aluno você ganha 50%, o que era muito bom, porque acho que sei lá, na cabeça dele não ia dar certo, então se eu tinha aluno eu tinha salário, se eu não tinha aluno não ganhava nada, e tava isso no contrato e ai de repente ele quis mudar o contrato, mas assim, de um jeito, porque na verdade ele queria esse corte, essa é a minha interpretação ele queria fazer esse corte e não sabia como fazer esse corte, ai também ele já começou, enfim foi conflito, que ai eu percebi, nossa tá rolando coisa aqui de racismo, isso pra mim ficou muito claro, “quem você pensa que é? não se esqueça de onde você veio”, eu falei “não, jamais, os meus alunos sabem, eu falo pra todo mundo, faço questão de falar pra todo mundo, de onde eu vim, qual é a minha origem, então assim, não sei o que o senhor está cobrando, olha só uma coisa que eu não posso te pagar, isso é assim, sabe, eu vou te dever pro resto da minha vida, gratidão, é a minha dívida que eu tenho com você, mas tá aqui ó, minhas aulas regulares, meu primeiro módulo de formação, segundo, terceiro, quarto, as aulas, então eu não te devo nada. Vamos fazer o seguinte? Te dou um período de um mês, você arruma outro professor pra me substituir e eu vou embora da sua escola”, e foi assim que aconteceu. Eu escrevi pra M..., pra essa professora, ela é espanhola, vive na Alemanha, e aí eu escrevi pra ela falando “olha, não foi..” também não tinha clareza de nada que tava acontecendo, falei “não foi uma boa ideia, to tendo problemas, então eu acho que vou parar por aqui, isso não é pra mim”, ai a M... me mandou um e-mail gigante, falando, lembro assim, tem uma frase nesse e-mail que ela disse assim “em determinado momento no caminho da yoga, e qualquer outra arte, você precisa andar com as suas próprias pernas, então a sua hora chegou, a partir de agora você não vai abandonar, você vai andar sozinha, eu to aqui se você tiver alguma dúvida, se você precisar de alguma coisa você me procura, mas assim, eu não quero que você pare, você tem

que seguir o caminho da yoga, você vai fazer isso, você já veio até aqui, você é livre agora". E aquilo foi "bom", sabe, foi um outro, porque eu falei "uau, eu posso ser livre, eu posso andar com as minhas próprias pernas", e aí eu sai da escola, os meus alunos assim, todo mundo começou, naquela época a gente não tinha celular, era bip, eu já tinha um telefone fixo, que era uma coisa assim, que custava uma fortuna, né, então meu telefone não parava de tocar e as mensagens assim "onde é que você tá?", "onde você tá dando aula?" e eu não estava dando aula em lugar nenhum, porque eu já tinha saído das academias para me dedicar a esse espaço, esse lugar, porque eu já tinha assim, já tinha me encontrado, mas como a vida, ela não é, o tempo inteiro... sabe? E para alguns alunos eu abri, eu morava nessa casa, já tinha me separado e morava nessa casinha que era sala, cozinha, meu quarto e um banheirinho assim, uma casinha. Então que que eu fiz, eu tirei meu armário de roupa do quarto, eu tinha uma cama que eu virava essa cama, era uma cama box, eu virava essa cama e cabiam seis tapetinhos, um colado no outro, conversei com o dono da casa, que inclusive morava, inclusive ainda existe esse lugar, eram três casinhas para pessoas solteiras morarem e o dono da casa, ele já faleceu, morava na casa principal, morava na casa da frente, aí eu conversei com o dono da casa "Olha, não tenho emprego, fui mandada embora e vou precisar trabalhar em casa, o senhor autoriza?" ele falou "claro, M.A.V.S., eu só não quero barulho, se não tiver barulho tudo bem", Italiano, bravo assim, aí comecei a dar aula em casa e foi uma outra virada, porque aí comecei a ganhar muito melhor porque não tinha mais essa divisão, era tudo integral e alguns alunos me contrataram pra dar aula particular e também era outro universo que eu não fazia ideia, e aí comecei a dar aula particular e quando eu vi tava ganhando muito bem, melhor ainda, aí eu não tava entendendo nada, eu tinha uma aluna que é assim, a única que virou amiga, hoje em dia ela mora em Portugal, ela tinha um estúdio ne, o estúdio dela era aqui nesse predinho da Bovero com a Bruxela, sabe? um prédio comercial, aí ela falou "não, vagou um conjunto aqui, eu acho que você tem que alugar", era direto com o proprietário aí eu peguei o contato, eu fui conversar com o proprietário, e aí aluguei, fui morar nesse lugar, morar nesse, trabalhava, dava aula e aí sigo até hoje nessa brincadeira. Então eu não parei assim pra, "ah, papel de autoridade", não, eu acho que autoridade não, eu acho que oportunidade assim, então às vezes as pessoas assim, várias pessoas já falaram pra mim "você é dura", eu falo "não, dura não, bruta, eu vim de uma educação bruta, dura", então, nem parei pra pensar viu Paulo, você me fez uma pergunta muito difícil, que eu não vou saber te responder, mas eu não me sinto nesse lugar de autoridade, eu poderia te dizer com clareza de onde eu me encontro nesse lugar, nessa região, como uma pessoa que mora e trabalha, eu costumo dizer que eu não sou moradora do bairro, eu sou prestadora de serviços, porque até nos dias de hoje, as vezes, a pessoa chega, tem formação de aula, e fala "não quero falar com você, quero falar com a pessoa responsável" aí já tem um impacto ne, eu não poderia estar nesse lugar, a frente de um trabalho, aí as vezes eu faço uma brincadeira de pera aí que eu vou chamar e aí eu volto e falo "pois não, posso te ajudar?" Então o tempo inteiro, é um trabalho assim, minucioso de educar individualmente quem se apresenta pra mim e isso muitas vezes é muito cansativo, é muito cansativo, então se eu entrar nesse lugar de autoridade, eu acho que eu já teria desistido, eu acho que eu já teria desistido, porque as vezes da raiva e aí eu falo "não vou", sabe, "não vou alimentar esse lugar, sabe, eu não vou alimentar esse lugar de raiva, de rancor, de ódio, então como é que eu posso tocar essa

pessoa pra que ela perceba que ela tá tendo uma postura, uma atitude racista, como é que eu faço isso? Então, conta até dez e aí vou, acolho. Teve uma vez que uma senhora veio fazer aula e aí assim, eu faço tudo, eu limpo, até hoje assim, as pessoas “ah, mas você tem condição de ter uma pessoa”, eu gosto, eu gosto de cuidar do meu próprio, eu gosto de cuidar das minhas coisas, eu quero ter tempo pra poder lavar roupa, eu quero ter tempo pra poder fazer minha comida, eu quero ter tempo pra poder estar em casa, eu quero ter esse tempo. Então muitas vezes a pessoa chega eu to com a vassoura, to lavando, enfim, e aí uma vez que um senhora chegou pra pegar informação de aula, e eu tava varrendo, aí ela virou pra mim e falou “aí, eu gostaria de informação sobre aula”, eu falei “claro”, eu não me apresento sabe, eu não chego me apresentando “aí eu sou a pessoa”, não, eu deixo a pessoa descobrir por conta, ou não né, e aí ela preencheu a ficha, eu passei as informações e ela já olhou, queria voltar no final do dia, isso era de manhã e ela queria voltar pra aula das cinco e aí eu já tava ali, assim, esperando as pessoas chegarem para começar a aula e aí chegou uma aula, super expansiva assim, falando alto, bem vestida e aí ela olhou pra mim e falou assim “mocinha” aí eu “opa”, “você é muito mal-educada”, eu falei “opa, eu?” respira fundo, lá vem bucha, “como você não me apresenta a professora?” aí essa aluna virou e falou “não, ela é educadinha, eu que sou...” aí eu falei, fiz um sinal, você fica quieta, você não fale nada agora, eu respirei fundo aí eu falei “pois não”, apresentei todo mundo que tava na sala por nome e sobrenome aí me apresentei por último e falei assim, “você não precisa ficar na minha aula, portão tá aberto se você quiser, por favor pode se retirar, mas se você quiser ficar pra aula seja muito bem-vinda”, então você às vezes desarmar, sair desse lugar de autoridade é um trabalho assim... não é fácil, porque mexe, mexe, mexe, às vezes te coloca num lugar de fúria, mas esse é um trabalho que eu tenho feito, comigo mesma, o tempo inteiro assim, sair desse lugar, não fica nesse lugar do ódio, da raiva. E a minha preocupação mesmo não é nem comigo, eu já sou uma mulher crescida e sei me defender, sei qual é, mas assim, a minha preocupação é com os meus sobrinhos, é com a minha família que ainda tá num lugar que eu fico assim, eu fico em pânico, eu poderia te dizer que um dos meus maiores medos é, por exemplo, ter filho assim, não quero um filho no mundo, pra passar por tudo que eu passei, sabe? não quero, não quero. Então aqui, lugar de autoridade, moradora, não me sinto em casa quando eu vou lá pra minha quebrada, com os meus sabe, mas aqui não.

Paulo - Você é uma pessoa de autoridade, querendo ou não né? Acho que a gente começa por aí, a grande questão tá, por trás disso eu quero te devolver então, agora eu vou te devolver essa informação, é que a gente fala, enquanto pesquisadores de um próprio movimento negro, que o racismo criou em nós, negros, toda vez que chegamos em um lugar de autoridade, a síndrome do impostor, e você traz isso na sua fala, em vários momentos é como se você falasse, as pessoas falassem “quem é você para estar nesse lugar?” ou, “como você pode estar nesse lugar, como é que você pode morar aqui, como é que você pode fazer isso?”, ela sempre faz isso com a gente, você já tinha ouvido falar disso, a síndrome do impostor?

M.A.V.S., 43 - Já, já.

Paulo - Como é que você se sente com isso, agora falando que você não se acha, mas você... porque eu quero que você pense em tudo que você contou agora ne, a sua trajetória, o que você passou, o que você superou, as pessoas te procurando, te fazendo referência e as

pessoas, elas estão aqui pra aprender com isso, isso é autoridade ne, escutar, buscar o conhecimento que elas não tem, isso é autoridade. Como é que você se sente olhando pra tudo isso, em algum momento você se sentiu impostora? Não é impostora de que você está enganando as pessoas, não é isso, que você não tem capacidade, mas como se tivesse algo oprimindo você como se você não pudesse estar ali.

M.A.V.S., 43 - Eu acho que a gente sabe as nossas fragilidades né Paulo, todo mundo sabe o lugar onde a coisa aperta, pega, eu sei exatamente os meus pontos de fragilidade, de vulnerabilidade, de insegurança, eu acho que assim, a sua pergunta me faz... eu acho que talvez eu esteja ainda nesse lugar de achar que eu não sou capaz de estar no lugar em que eu estou, mas eu não paro pra pensar nisso, o tempo é muito precioso, é curto e assim, bora, bora. Porque quando eu vou indo um pouquinho pra esse lugar, eu entro num lugar de sofrimento, de dor, principalmente pelos meus, que não conseguiram ter esse salto, não diria que é um salto, porque hoje eu tô aqui, amanhã eu não sei, não sei. Então é uma das coisas que eu sempre me apeguei assim, desde que tudo isso começou assim, “tenta, se não der certo tudo bem, você tentou, mas vai, vai lá, faz, tá tudo bem”, um dos meus maiores sonhos dentro disso tudo, agora vou voltar um pouco, era assim, eu tinha um desejo de conhecer o Iyengar, eu tinha um desejo, eu sonhava com isso, eu não sabia como alcançar, como chegar nesse lugar. Eu tinha um sonho, eu sonhava, eu assim, era o que eu mais queria na vida, e eu consegui e, foi muito bonito, porque um amiga tava indo fazer uma viagem e ela falou “ah, tô indo para a Índia daqui a sei lá, vinte, trinta dias” aí eu arregalei os olhos, falei “você tá indo pra Índia?” ela “to”, falei “meu, você sabe que o meu maior sonho é conhecer o Iyengar?” Ela “ah, se você tiver dinheiro pra pagar passagem e hotel sabe... vamos” e aí eu tinha, eu tinha porque assim, eu sempre fui uma pessoa muito econômica, tudo que eu ganhava eu guardava, então eu paguei a passagem, eu fui e aí eu cheguei.

M.A.V.S., 43 - Eu estive aos pés do Kurudin sem falar uma palavra em inglês, foi ali que eu parei de fazer as certificações, porque ali eu tive um estalo assim, o Iyengar, eu fui com essa minha amiga, e como eu tinha comprado a passagem depois, não consegui voltar no mesmo voo que ela então ela ia voltar dois dias antes e eu tinha dois dias sozinha, como eu fiz isso eu não sei, só sei que eu consegui, e aí no meu último dia eu tava ali agradecendo e assim, a primeira vez que eu vi o Iyengar eu fiquei a uma certa distância, observando de longe assim, porque era uma figura dos livros, foi a figura que me sabe, que me empurrou, que me abriu, além desse meu primeiro professor, foram as primeiras palavras que eu li e que me fez “bom, poderia...”, enfim aí nesse meu último dia assim, parece que, sabe matrix? congela tudo. Eu descii da minha aula, não tinha ninguém, o Iyengar tava sempre acompanhado, com muitas, com muita gente em volta e aquele dia ele tava sozinho, sentado no mesmo lugar, sem ninguém, uma roupa simples assim, sabe, um shortinhos de yoga, uma roupinha assim, simples, toda surradinha, assim, morando nos fundos do instituto, uma casa assim, no instituto, no lugar principal, e a casa dele é nos fundos, mas de uma simplicidade assim, simples, eu cheguei, eu não pensei, eu fui direto, me ajoelhei aos pés dele e comecei a conversar com ele em português “meu sonho era encontrar o senhor e te agradecer” e comecei a falar ali com a cabeça, sabe assim, pra baixo e aí quando eu terminei de falar ele falou, não sei o que ele falou, mas ele falou comigo e finalizou a fala com “namaste”, assim, nas aulas, os vídeos, nas aulas que eu assistia Iyengar era uma pessoa assim, de muito, de

muita autoridade, sabe e ali naquele espaço, autoridade nenhuma sabe, uma pessoa muito... E aí eu falei “uau”, eu entendi, ali eu entendi um monte de coisa, não entendi o que ele falou, mas eu entendi um monte de coisa e aí naquele momento eu fiz uma promessa pra mim mesma que assim, eu ia trabalhar, eu ia me esforçar pra estar naquele lugar todos os anos, e eu consegui, sabe assim, no ano seguinte ele fez a passagem e desde então ficava o ano inteiro trabalhando e assim, sabe. Então eu fiz isso durante cinco anos e é isso, não tive tempo pra parar, pra pensar nesse lugar de autoridade, pra parar pra pensar nesse lugar de... não tive tempo, Paulo e eu não sei se eu... não sei, não sei.

Paulo - Se você não tem tempo pra parar pra pensar nisso, como é que você consegue na hora em que as pessoas, nos relatos que você trouxe, as pessoas agem com você de uma maneira racista, como é que você consegue, da onde que vem a resposta, como é que ela sai? Uma pessoa que passou por tudo que você passou, da sua história, que não deveria ter condições de dar uma resposta, deveria ter condições de reprimir, se resignar, da onde vem isso, como é que acontece?

M.A.V.S., 43 - Como é que acontece... essa pergunta é boa, eu não sei o que te responder, eu só sei que acontece, eu só sei que acontece. Acho que tem um lado muito bonito dentro disso tudo, que é a capoeira, a capoeira, eu acho que a capoeira que me ensinou, porque tem uma frase do mestre pastinha que diz que “Capoeira é tudo que a boca come”, então se a capoeira é tudo que a boca come, o yoga também é tudo que a boca come, então acho que essa resposta, esse lugar talvez de “opa”, isso vem da capoeira, isso vem das minhas vivências e é o que eu me apeguei assim, todas as forças, essas duas coisas, capoeira e yoga assim, então a yoga me leva pra um outro lugar e a capoeira assim, chão, sabe? eu costumo dizer que assim, capoeira é o meu chão, yoga é o meu céu, então assim, me traz pro chão, sabe, e aí vem, vem, então acho que tô nesse lugar assim, talvez que eu, essa resposta, esse lugar de empoderamento, de saber que alguma coisa tá errada, esse lugar vem da capoeira, esse lugar vem desse... sabe? “Poxa, isso não tá certo não, isso tá errado, não não, não não, não vai dormir com isso.

Paulo - Vou te mostrar umas imagens, quero que você fale o que que você... você já viu essa imagem?

M.A.V.S., 43 - Já.

Paulo - Lucílio de Albuquerque. Você sabe a história das amas de leite?

M.A.V.S., 43 - Sim, sim, sim, nossa, essa imagem me levou pra um lugar assim que eu...

Paulo - Quer falar sobre, o que que essa imagem te sucinta?

M.A.V.S., 43 - Preciso de um tempo pra respirar. Choro

Paulo - Quer beber uma água?

M.A.V.S., 43 - Quero. Essa imagem me levou pra um lugar assim, eu lembro de períodos assim, de seca, em que a gente não tinha o que comer e, acordava, minha mãe falava “volta pra cama, dormir faz passar a fome”, então muitas crianças morriam de... não chegava nem, porque... a minha irmã teve, a minha mãe teve nove filhos e só ficaram seis, ela conta que o único filho homem que ela teve morreu porque ela não tinha como amamentar, o leite secou

e ele morreu, morreu, acho que com oito ou nove meses, uma coisa assim, então foi essa lembrança que me veio assim, vendo essa imagem, mas eu já...

Paulo - E você contou sua história de vida, o que essa imagem te sucinta, mas ela também traz aqui uma história de muito privilégio branco, condição dos negros hoje, em função do privilégio branco, porque ele foi retirado. Como é que você vê isso, essa coisa do privilégio branco, o que fizeram com a sua ancestralidade, maneira que, claro que hoje, você está numa condição que não foi desejada por esse universo branco né? Por isso que você enfrenta isso todo dia, mas como é que você vê isso, essa coisa desse privilégio, essa branquitude que fez isso com esses ancestrais, a ancestralidade branca fez isso e os brancos continuam fazendo. Como é que você vê isso?

M.A.V.S., 43 - Como é que eu vejo isso... eu poderia te dizer que eu não vejo, eu sinto raiva assim, é um sentimento de dor, de ódio.

Paulo - Vou te mostrar mais uma imagem. Conhece essa imagem?

M.A.V.S., 43 - Essa não.

Paulo - Essa imagem é do Modesto Brocos, e essa imagem é o seguinte, a gente vê, do seu lado esquerdo, uma mulher negra retinta que é mãe dessa mulher que tá no meio, que é uma mulher negra parda, né, que segura uma criança que é o filho dela, que ela teve com esse homem branco, é uma criança branca. Esse quadro ele chama a Redenção de Cam, Cam, na história bíblica, ele é amaldiçoado, ele é um dos filhos de Noé que é amaldiçoado por ver o pai embriagado, caçoar do pai, e ele é expulso. Segundo a história ocidental, Cam foi para a África e, ele é marcado, traz uma marca, por isso os descendentes de Cam, que são os africanos, são amaldiçoados, eles são negros, essa é a marca da maldição de Cam. A Redenção de Cam é porque essa mulher retinta, ela casa, ela tem uma filha com um homem branco e filha embranquece, fica mais clara, aí a mulher negra parda casa com esse homem branco e aí a criança nasce branca, quer dizer, há uma redenção de Cam aí na linhagem, então houve um embranquecimento. Veja que se você olhar a imagem, a mulher negra retinta, ela tá descalça na terra, do lado de uma palmeira, representando a selvageria, a mulher parda tá no meio, ela segura essa criança e, ao segurar essa criança aí, ela tá nessa mediação, ela ainda não é branca, mas veja que o homem branco, ele tá de sapato na casa e aí num lugar até que é calçado né, e a criança aí né, branca e a mulher negra agradecendo a Deus, e o homem branco com olhar de desdém né, porque que o Modesto Brocos ele pinta esse quadro. Em 1911 o Brasil apresenta no Congresso Internacional das Raças com Lacerda, que era o principal ministro na época, o projeto Brasil, que no ano 2000 o Brasil não teria mais negros, esse era o projeto de embranquecimento do estado brasileiro, no espaço de 100 anos. Hoje a gente chega no ano 2022 e metade da população do Brasil é negra, o projeto do embranquecimento, ele falhou, mas isso era um projeto de estado, só pra gente ver o genocídio da população negra né, você sabia dessa história?

M.A.V.S., 43 - Não, não.

Paulo - Inclusive as legislações, como a proibição da capoeira, a proibição do candomblé, a proibição dos negros estudarem, tudo isso é política de estado.

M.A.V.S., 43 - Assim, a história do embranquecimento sim, mas da fotografia, tô aqui olhando pra foto.

Paulo - Como é que você, ao saber de todo esse processo de embranquecimento, saber também... e olhar esse quadro assim, o que você sente sabendo que isso foi um projeto do seu país, da sua nação, aniquilar você e, mesmo assim você sobreviver, eu falo não sozinha, seus ancestrais também passaram por isso né, mas como é isso pra você?

M.A.V.S., 43 - Sim, sim, eu vivi um pouco disso né, meu pai é branco e eu acho que a minha mãe, a minha avó, os meus... não tinham consciência disso, então a minha mãe assim, tem uma fala da minha mãe que a gente já discutiu várias vezes por conta disso, que ela assim, ela usava a seguinte frase “limpei a minha família e sujei a dos outros” entende? Isso é muito impactante, porque como assim você limpou a sua? ela quis dizer que ela trouxe esse sangue de brancos pra família, minha mãe é retinta e meu pai é branco, então esse cabelo aqui veio do meu pai e enfim, e isso é real, eu vim, parece distante, mas é tão atual, é tão presente, tão presente, então não sei se eu respondi sua pergunta.

Paulo - E como é viver isso?

M.A.V.S., 43 - É conflituoso, é conflituoso porque teve um período que eu carregava assim, tinha uma certa raiva e falava assim “nunca vou me relacionar com homem branco”, já tive essa fase, aí o homem preto, principalmente, não querem se relacionar com mulher preta aí chegou uma hora em que eu tive que mudar a minha visão, a minha forma de pensar e de assim, é isso, é muito difícil você, tem preto que assim, tem um pessoal que mora aqui no bairro, por exemplo, que eles viram, eles mudam de calçada pra não ter que falar bom dia pra mim, então o que fazer, Paulo, como que eu sinto? Assim, é uma... porque é em casa, é na rua, nos coletivos, tá em todo lugar. Tem uma frase do mestre Moraes que eu gosto muito assim, que eu acho, que eu parei pra pegar um pouco que assim, ah, movimento, já quis, já participei dos movimento, mas aí eu cheguei, chegou uma hora que eu falei “opa, pera aí, tem alguma coisa que não tá batendo” e aí tem uma frase do mestre Moraes que ele fala “Não sou do movimento negro, eu sou negro em movimento” e aí eu falei “poxa, eu acho que é isso”, ser um negro em movimento e sair um pouco disso, porque senão você não vive ne, você vai ficar o tempo inteiro em conflito, nesse conflito ne, de como que, aonde que eu me encontro nesse lugar?

Paulo - Eu ia te fazer uma pergunta, mas eu acho que você já respondeu nessa fala sua, porque eu ia falar, não nessa fala, mas em todas as falas, eu ia te perguntar o que que você faz quando em um ambiente você encontra uma pessoa negra, mas eu acho que você já respondeu e tem respondido né, que você faz questão mostrar pras pessoas, identificar.

M.A.V.S., 43 - Sim, sim, sim.

Paulo - Vou te mostrar essas imagens.

M.A.V.S., 43 - Ah, que lindo.

Paulo - Conhece essa imagem?

M.A.V.S., 43 - Conheço, conheço, sou frequentadora de uma casa e aí também vem desse lugar aí, uma força, um lugar que não tem essa separação de raça, de cor, de sexo, todo

mundo é igual, todo mundo tem ali um posto, todo mundo tem a sua importância dentro do terreiro, então eu, a minha, eu chamo ela de vó porque ela tem, vai fazer, 91 agora, a minha mãe de santo, eu chamo ela de vó e é a figura mais doce, mais linda assim, que me acompanha, que me dá colo o tempo inteiro é a minha mãe de santo assim, então ver essas imagens é me sentir em casa, é me sentir abraçada, é me sentir...

Paulo - O que você aprendeu?

M.A.V.S., 43 - Na casa?

Paulo - Na casa.

M.A.V.S., 43 - O que eu aprendi? A olhar para o outro como um ser igual, independente de quem seja, ter a compaixão pelo outro independente de quem seja, ajudar o outro independente de quem seja.

Paulo - Por que você acha que você sobreviveu, conseguiu chegar aonde você chegou hoje? Sendo que havia um projeto de genocídio da população negra, essa sociedade é uma sociedade racista, uma sociedade que oprime e que mata, o estado ainda continua matando, seja de fome, seja pela violência policial, seja pela falta de oportunidade, seja pelo cerceamento de oportunidade quando você chega. Por que você acha que você sobreviveu?

M.A.V.S., 43 - Olha, não sei se você acredita em sorte, mas eu acredito, eu acho que eu tive uma sorte da porra, desculpa o palavriado, mas é, eu não sei como eu sobrevivi Paulo, não sei, porque eu já tive assim, nessas minhas andanças pra Índia por exemplo, eu tive várias situações de conflitos assim, com grupos, com as pessoas que eu já ... Assim de... de mostrar que eu era diferente, de mostrar que eu não... não era pra estar ali, entende? Mas rapaz, acho que tem uma coisa assim, que eu acho que a vó Luiza, que é essa entidade que sabe, é a pessoa assim, é o amor da minha vida, ela que me inspira, ela que sabe, eu tenho uma verdadeira paixão por essa entidade e ela tá sempre assim, sabe, eu acho que ela, de chegar às vezes assim, dor, assim, dor, mal, de chegar assim "por que? e o objetivo disso tudo?" sabe? "Minha filha, seja paciente, calma, vai", sabe? Então são muitas histórias assim, desde as relações, eu tive uma sogra, a minha ex sogra ela fazia questão de falar "eu não gosto de preto, eu não gosto de preto" assim, na frente de todo mundo e, aquilo ali era como... então como que eu sobrevivi? rapaz, eu não sei, como é que eu consegui? não sei, mas assim, posso te dizer que tem um monte de coisas que assim, que eu sinto que me fortalecem, que são os meus orixás, sabe, a minha mãe é a pessoa mais alegre que eu conheço na face da terra assim, ela vai dormir sorrindo, ela acorda sorrindo, não tem tempo ruim pra minha mãe, não tem tempo ruim pra minha mãe, eu já não digo o mesmo das minhas irmãs, porque a mais velha só reclama assim, tá com dor no joelho, tá com dor não sei aonde e assim, então a minha mãe é uma figura assim, uma mulher muito forte, uma mulher assim, com uma força que eu falo "poxa, o que essa mulher passou naquele período, de ser impedida de estar nos lugares, de ser apontada como uma mulher... a minha mãe cuidou de seis filhas, teve ajuda da minha vó, claro, mas com muita dignidade, sabe, valores, então eu acho que isso tá na capoeira, isso tá sabe... então eu acho que essa força e do porque que eu sobrevivi eu acho que vem um pouco disso, desse lugar, dessas pessoas assim. Tenho o maior orgulho, poxa, a minha mãe de santo, minha mãe minha mãe, materna, são duas mulheres assim, uma

referência, e sem contar com a minha avó que foi a figura mais, eu sentia o maior orgulho que a minha avó foi a única parteira da região que pegou todas as crianças, de acompanhar a minha avó e de ver minha avó cuidando das pessoas. Então eu acho que isso me coloca um pouco nesse lugar onde eu me encontro hoje, sabe? De... sei lá.

Paulo - O que você acha das políticas antirracistas, ação afirmativa, cotas, o que você acha dessas políticas do estado, você acha que vai resolver?

M.A.V.S., 43 - Rapaz, por falar de cota todo mundo teve direito a cota nesse país, por que que nós não podemos ter? Os italianos, os portugueses, essa galera que veio pro Brasil, todas elas tiveram cota, tiveram um pedaço de terra e hoje em dia estão em um lugar diferenciado do que o dos nossos, e aí por que que a gente não tem direito a cotas? Eu acho que na política, de modo geral assim, eu acho que tá tudo errado, aí entra também uma outra estratégia capoeirista que é assim “não seja de nenhum partido, nem direita nem esquerda, porque na primeira oportunidade que eles tiverem eles vão exterminar você” então... é isso que eu acho.

Paulo - Você se acha uma pessoa colonizada?

M.A.V.S., 43 - Completamente.

Paulo - Como descolonizar?

M.A.V.S., 43 - Como descolonizar, Paulo? Não sei não, você sabe?

Paulo - O que em você é branco?

M.A.V.S., 43 - O que em mim é branco? O meu modo de vestir, a comida, principalmente a comida e eu acho que isso ficou tão claro quando eu estive em Angola, quando eu estive em Angola pra mim foi um choque absurdo, eu falei “meu deus, o que é isso?” sabe? Modo de se vestir, modo de tudo, tudo, praticamente tudo, a única coisa é o cabelo, que assim, eu não... eu gosto do meu cabelo, eu gosto do meu cabelo do jeito que ele é, mas se eu sentir vontade também de alisar eu aliso, enfim, porque eu acho que a minha mãe sempre veio com essa coisa assim, “seja livre, seja livre” e eu “que que é ser livre?” é assim, não abaixa a cabeça, não vai pela cabeça do outro, seja o seu... sabe? Não vai pela cabeça do outro, então eu acho que muita coisa, muita coisa. Então como descolonizar? Eu acho que... até mesmo lá da região de onde eu vim era todo mundo completamente, completamente, mudado. Eu estive em 2019 com a minha mãe, já não... enfim... cresci acompanhando minha mãe, minha mãe é puxadora de risado, já não existe mais, a forma, as comidas, é tudo, Paulo, onde já se viu comer arroz, feijão, macarrão, carne de panela, você acha que o macarrão veio de onde? E assim, é isso, tipo, nordeste inteiro em que você estiver vai vir uma saladinha de macarrão, vem de onde esse macarrão? Não tinha na minha infância.

Paulo - O que você gostaria de falar que eu não perguntei?

M.A.V.S., 43 - Acho que você perguntou tudo.

Paulo - Você gostaria de dar, se você tivesse oportunidade, de dar uma resposta pra história, pelo que fizeram com nossos ancestrais, pelo que você passou, que resposta você daria?

M.A.V.S., 43 - Rapaz, eu acho que a história deveria reescrever os livros de história, porque os livros de história não contam história assim, eu não perdi nada de história na escola, se eu pudesse, por exemplo, se eu pudesse assim, minha vontade, meu desejo de fazer, cursar uma universidade, por exemplo, era fazer filosofia, era uma das minhas matérias, filosofia e história, mas aí quando eu vi, assim, os livros de história não me acrescentavam em absolutamente nada, não tinha algo. Então eu acho que deveriam reescrever todos os livros de história, todos.

Paulo - tá bom, muito obrigado.

M.A.V.S., 43 - Obrigada, Paulo.

RODAS DE CONVERSAS COM PESSOAS BRANCAS E NEGRAS

1º Dia da roda de Conversa_1_Parte_01_21_09_2023_20h (3 mulheres: P.C.S., 40 anos, Y.S.C., 62 anos, H.C.F., 24 anos e um homem: R.S., 44 anos)

Parte_01_14_09_2023_20h

Paulo Edison - Fiquem à vontade para se apresentarem.

Y.S.C., 62 anos - Eu vou começar, meu nome é Y.S.C., eu tenho 62 anos, minha formação é direito e história e agora eu tô terminando uma formação em psicanálise e psicossomática, eu falo aqui, eu mudei a uns 15 anos, eu mudei para o interior de São Paulo uma região bastante patriarcal e conservadora, então as minhas experiências de racismo ficaram muito mais conscientes depois que eu vim para cá, ficaram mais conscientes de certa forma ficaram mais visíveis, porque antes eu desconfiava depois aqui, vivendo aqui eu passei a ter certeza e, essa questão, depois a gente conversa mais.

P.C.S., 40 anos - Posso falar, tão me ouvindo? Eu sou P.C.S., tenho 40 anos, eu atualmente trabalho como secretária numa escola, tenho formação em história, não atuo na área e assim, essa experiência primeira assim, me descobri como uma mulher preta, acho que chegou um pouco, eu acho assim, sempre falo que chegou um pouco para mim sabe então há pouco tempo que eu me reconheci como uma mulher negra, uma mulher preta, então há pouco tempo é que eu tenho começado a perceber e reparar que muitas das coisas que eu já vivi que eu não tinha noção de que era racismo, né? Então eu tô começando a ter consciência de mim mesma e de tudo que eu vivi que eu ainda vivo de pouco tempo para cá, acho que por enquanto é isso.

R.S., 44 anos - É, bom, meu nome é R.S., eu sou formado em jornalismo, não sei se eu posso dizer que eu atuo, não atuo como jornalista, mas atualmente eu trabalho com fotografia e com produção audiovisual. Eu sou, de certa maneira trabalho com produção fotográfica também, mas ainda produzindo muito conteúdo em cima de temas de questões sociais e direitos humanos, questões ambientais também, então tô muito relacionado a alguns temas que debatem as questões do racismo estrutural, mesmo, não não sentindo o racismo diretamente em mim, mas nas relações que estão à minha volta ao meu torno e acho que isso, essa relação de compreensão sobre a questão das questões raciais, ela perneira, de alguma maneira, no meu trabalho algum tempo já, pelo menos há uns 15 anos e acho que também por esse momento aí, tenho 43 para 44 anos, daqui a uma semana faço 44 anos. Eu moro em São Paulo.

H.C.F., 24 anos - Meu nome é H.C.F. eu autorizo o uso das informações que a gente tá dizendo aqui pro doutorado e eu tenho 24 anos, fui aluna do Paulo, meu processo de me reconhecer como uma mulher negra veio a muito tempo, não muito tempo, mas acho que ele também veio tarde na verdade, ainda mais por ter a pele mais clara então a questão de colorismo é muito difícil e por ter crescido no meio branco, principalmente pensando em educação assim, porque minha mãe era professora e eu frequentei escolas particulares, eu sou formada em gestão de políticas públicas, atuei na área, mas não atuo mais, eu gosto de trabalhar com crianças, sou do circo, sou artista, tenho uma especialização em estudos afrolatinos e afro caribenhos, então desde o momento que entrei na faculdade, comecei a

fazer umas pesquisas de várias referências de professores e professoras negras, me trouxeram alguns debates que não saem mais da minha pauta, então tanto no meu TCC quanto nas minhas especializações etcetera, eu ando buscando embrincar a negritude, nas análises que eu tenho, mas eu não tô atuando como acadêmica no momento. Tirei o ano para viajar e está sendo uma experiência muito interessante, porque eu não tenho dinheiro então eu vou trabalhando nos lugares e porque eu tô podendo experienciar analiticamente o racismo de formas diferentes em cada lugar que eu vou, então eu fui pra Florianópolis, fui pro Rio Grande do Sul, pra Bahia, pro Litoral Norte, no momento eu caí de paraquedas numa baita oportunidade, eu tô no Canadá, como uma amiga mesmo disse a sutileza do racismo deles aqui é diferente, então também tô aproveitando para enfim, fazer minhas análises e acho que é um pouco isso.

Paulo Edison - Então muito obrigado. Acho que a gente pode começar com a rodada de cada um falar o que compreende por racismo.

Y.S.C., 62 anos - Vou começar de novo, eu não sei se eu compreendo, eu sei que eu sinto que é o racismo, desde criança e a H. inclusive trouxe uma questão que não sei se vai fazer parte do trabalho, mas eu tenho pele escura e cabelo liso sempre tive, agora que tá um pouco mais grosso com a idade, mas sempre tive cabelo liso, e isso traz algumas complicadores para o racismo, mas desde criança, eu fui criada numa família branca, né? Minha vó era cabocla, com a pele bem clara, a minha irmã tem cabelo mais crespo, minha vó também cabelo bem ondulado, mas o meu pai era mulato, eu não convivi com meu pai biológico e então eu convivia com a família da minha mãe, a minha mãe é completamente branca, daquelas que ficam vermelhas no sol, então a escola provavelmente tinha, mas essa questão de ser diferente sempre esteve presente a consciência de que era por causa da minha cor é que vem depois né? Então eu não nunca convivi com comunidades negras, ou que não fossem brancas, na escola, depois mesmo na faculdade, mas eu sei o que é racismo, a primeira vez que eu sofri racismo senti que isso existia e tomei consciência de certa forma, da mesma forma que acho que a gente toma consciência do que é o sexo, veio eu tinha 10 anos e uma pessoa no prédio para onde a gente tinha mudado, provavelmente me confundiu com alguém que não morava ali que ele me expulsar do prédio, me xingou e falou que eu tava fazendo ali, enfim, aí eu cheguei em casa chorando, falei para minha mãe, minha mãe não é desse planeta, né? Desceu e descascou completamente o... essa foi a minha primeira experiência de racismo explícito né, a partir daí veio, provavelmente aconteceram muitas coisas e eu não me dei conta que, que era por conta... que era uma posição racista das outras pessoas, mas eu acho que racismo traz bem essa questão para mim, né? Hoje a diferença não aceita, não acho nem que é uma questão da diversidade, é uma questão mesmo de quem é diferente e que não tem lugar porque alguém decidiu que não tem lugar e porque é preto não tem a pele branca, seja lá o que for as outras características a única coisa que se vê é a cor da pele e, no meu caso, talvez tenha sido um pouco diferente um pouco apaziguado, em São Paulo, onde eu vivi, nasci e morei durante mais de 50 anos pelo fato de eu ter cabelo liso, mas quando eu era adolescente, por exemplo, eu eu tinha amigas negras no Magistério, eu sempre tive uma ou outra amiga negra mais íntima, mas eu não podia sair com elas, eu não podia ir para os bailes que elas iam né? Porque elas diziam que lá eu ia pelo menos apanhar das outras moças que não tinha um cabelo liso, né naquela época ainda, o pessoal alisava.

E ao mesmo tempo eu não podia ir para clube e fosse de branco, então sempre vivi nesse estado, não sei o que eu sou tanto que as meninas falaram né, que se descobriam mulher, mulher negra, eu não me descobri até hoje como mulher negra e eu já ouvi que, do professor Pain inclusive, que para você se tornar negro é uma decisão pessoal sua né? Na época não pareceu razoável isso eu não sei porque, mas depois eu fiquei pensando, “mas como é que eu vou me tornar negra, mas eu não sou negra eu sou as duas coisas, né?” Então eu acho que eu não posso passar a máquina em cima disso como sempre se passa dos dois lados, né? Ou você é negra ou você é branco, então eu acho que isso é uma questão legal para que pelo menos perpassa a mim. Para não ficar muito longo, o racismo sempre teve presente nessa forma, né na minha vida algo que eu sinto, mas não consigo ver claramente é algo que eu sei que está ali, mas eu não sei dizer como é que ele é na verdade e isso só veio mesmo com o caso do Floyd, né durante a pandemia e aí eu tomei, e u tomei esse lugar de não branco em várias situações e principalmente dentro do estudo da psicanálise que a partir daí começou a ver no meu divã, na minha análise pessoal, eu autorizei a trazer o sofrimento psíquico a partir de experiências com o racismo, algo que eu não tinha eu não tinha consciência, mesmo sabendo de que eu sofria com racismo, alguns tipos de sofrimentos que eu tenho, de angústias que eu tinha poderiam estar vinculadas ao racismo, ser decorrentes do racismo, mas isso só veio depois do caso Floyd de todas as coisas que vieram dali para frente, é isso.

P.C.S., 40 anos - É, o que eu vou falar é um pouco parecido com o que a I... traz também, né? Falando para vocês, conversando agora, acho que poucas vezes na minha vida, eu tive oportunidade de conversar e de falar sobre isso, né? Conversei muito sobre isso com a minha psicóloga, inclusive quando eu conversei com ela, porque eu falei para ela que eu tenho 40 anos e eu demorei para me descobrir uma mulher preta, uma mulher negra e ela foi quem falou para mim, “você já parou para pensar que talvez tenha demorado, né? Que talvez você tenha desenvolvido essa consciência um pouco tarde, mas por quê? Porque a sua pele, porque você tem a pele mais clara não é?” Porque eu não sou uma mulher negra retinta, por exemplo, né? Eu tenho amigas, né e pessoas de pele retinta que nunca tiveram dúvidas de que eram negros, de que era uma mulher negra e eu só fui perceber que eu era uma mulher negra depois de um tempo, depois de uma certa idade com trinta e poucos anos, né? E ela que me alertou para isso, porque eu não tinha conseguido chegar ainda nesse nível de percepção de que ter a pele um pouco mais clara me fez sofrer menos, situações, que foi um dos motivos pelos quais eu demorei para me enxergar negra, porque a pele é um pouco mais clara, né? Então e sobre assim, entender o racismo, eu acho que ainda também tô entendendo e, como a I.. falou, é tudo muito sutil e é muito difícil perceber, sabe, é muito difícil a gente sempre, passei por algumas, por várias situações assim, e algumas ainda hoje eu consigo eu consigo detectar que foi racismo, mas assim depois de um tempo pensando sobre isso e analisando e, buscando justificativas, sabe? Então eu ainda tô eu acho que nessa fase de entender também sabe, eu tô ainda em processo de autoconhecimento de me entender como uma mulher negra, de entender o meu lugar, né? E aí com isso também entender tudo que eu já passei, eu lembro, engraçado a I... falando também, eu lembrei que eu tinha, na infância, eu tinha amigas com a pele mais escura e eu lembro que elas eram tratadas assim, de uma forma bem ruim, sabe, por colegas e eu não era tratada da forma como elas eram, mas eu também percebia que existia uma diferença, né de como eu era tratada para as meninas

brancas e loiras assim sabe então, só que eu só consigo me dar conta disso hoje sabe? Eu passei por tudo isso e só hoje que eu consigo, que eu olho para trás e consigo entender né? Que isso, já era, eram atitudes racistas, né? Já eram comportamentos racistas, só que eu demorei muito assim, demorei, acho que eu demorei, né para entender e para perceber isso. Acho que é isso.

H.C.F., 24 anos - Acho que racismo a gente sente muito como a P. e I. falaram, é sinônimo de dor para mim, de violência, por muitos fatores, acho não são só, é isso é tornar-se negro é uma condição histórica, social, de muitas coisas para além da pele, dos traços, do cabelo, tudo isso também influencia como você experiência, eu acho. Então não sei, não sei, é uma coisa no sistema geral, tentando definir, mas que se mostra visível através de violências, que podem às vezes ser bem sutis, que a gente às vezes nem percebe, precisa ficar pensando e vivendo as coisas para entender que aquilo foi racismo, ou de coisas muito explícitas que na hora você entende que tem alguma coisa errada, eu acho que ele realmente é uma estrutura assim, então compartilho muito da fala de vocês duas, de antes assim de tentar entender de perceber algumas coisas de tentar processar violências que a gente só sente aqui machucava e depois entendeu o que era, entender que era atravessada com racismo, eu acho muito dolorido também como é no Brasil, é isso, né? Tudo conta, na sua experiências de racismo, a cor da sua pele, seus traços, do seu cabelo, como você se comporta, com quem você anda, quais são suas referências, são muitas variáveis, vem de muitos lados e causa muita dor e injustiça, eu acho, não sei, é muito difícil definir o que que é, mas ele tá aí, a gente consegue ver, a gente sente, a gente chora, ele atrapalha, nossa vida, ele mata e não sei, acho que é um pouco isso.

R.S., 44 anos - Bom, eu acho que ouvindo vocês, H..., I... e P.. falar me fez lembrar um pouco dos momentos em que eu tive, convivi, com situações diretamente racistas, isso começou na minha adolescência, uma questão não diretamente a mim, mas por estar com amigos na rua e passar por uma situação de violência policial em que as duas pessoas dois amigos negros que estavam juntos, foram quem mais sofreram violência policial. Então ali com 15 anos de idade foi quando eu percebi que aquilo que aconteceu não era não era uma relação diretamente, não era uma coisa relacionada só com a nossa presença como jovens ali, mas diretamente a presença daqueles dois meninos que eram negros naquela situação, a relação que o primeiro momento em que tive contato diretamente com uma questão racial, com a violência racial, estava diretamente relacionado a violência policial, então essa tomada de consciência me fez a ir pra alguns lugares, acho que o que você tá falando me colocou em projetar em lugares aos quais eu naturalmente não teria vivido até hoje e, me colocou em algumas tomadas de debate e de procura de compreensão da estrutura social brasileira, entender que também é quando vocês três falaram sobre essa questão da subjetividade da pequenas violências que não são pequenas, mas aquelas aparentemente são encarados como pequenas pela sociedade, em seus aspectos psicológicos que são as violências cotidianas subjetivas que estão colocadas pelo racismo, isso me colocou em contraponto aquilo que normalmente a sociedade olha, que é só questão da violência física direta, do assassinato e da violência estrutural, me coloca no outro lugar que muitas vezes eu, mesmo sendo uma pessoa que luta contra, me coloco no lugar de opressor também, então é uma situação que, o tempo inteiro, eu sou colocado em xeque pelas minhas pelas minhas crenças,

como me vendo uma pessoa antirracista, enfim, lutando pela questão, mas ao mesmo tempo eu carrego toda uma carga cultural do ambiente em que eu nasci, em que eu fui gerado, que eu fui criado e ao qual eu convivo, né? De certa maneira e, que o tempo inteiro isso se coloca esse mostra, muitas vezes é uma forma de, ouvir vocês aqui, estar aqui nessa situação também é uma forma de trazer novas reflexões e acho que é isso que no final das contas é o que eu encaro como, não racismo, mas diretamente sobre as sobre as mazelas que o racismo gera nas pessoas, não acho que é o que muito, é quanto isso impacta na vida das pessoas, o quanto isso bloqueia com que as pessoas possam se desenvolver individualmente e, o quanto isso impacta nas pessoas que enfim, não só de uma questão, não é só a questão do acesso a espaços, sobre a liberdade sob corpos e ser, sobre as resistências, acho que forma que a mais direta que, no final das contas, enxergo o racismo, além da relação física com essa vivência que eu tive lá com 15 anos de idade, que não foi a única vez que ela se se reproduz o tempo inteiro, né? Mas ela está entranhada de uma forma assim, em todas as esferas da minha existência da minha vida e é uma luta querer romper com isso, assim como também é para questão do ser homem, tipo, romper com as questões, não pra entrar nesse mérito aqui, mas das questões do machismo.

Paulo Edison - As discussões sobre racismo sempre envolvem muita dor e sofrimento como vocês acabaram de falar, agora algo que a gente... Desculpa H.C.F., 24 anos, você quer falar?

H.C.F., 24 anos - Não, acho que eu gostei da fala do R.S no sentido que, acho que racismo nunca vem sozinho, às vezes ele também vem acompanhado de outras formas de violência e que eu esqueci de falar que ele também silencia em muitos sentidos a gente e às vezes nós mesmo, desautoriza a gente da gente.

Y.S.C., 62 anos - Eu também, eu também queria acrescentar uma coisa, também que o R.S. falou, que eu acho que eu também sou racista, né de alguma forma a gente tá vivendo nessa sociedade, né? E eu penso sempre num exemplo que um humorista falou, agora não lembro, ele é negro também, bem magro e ele falou assim tem que quando ele vem andando na rua no Rio de Janeiro e vinha uma moça à noite no sentido contrário ele mudava de calçada, né? E eu acho que eu faria isso também, esse negro vindo na minha direção à noite, eu ficaria bastante apreensivo assim, ficaria se fosse um branco, mas eu acho que eu ficaria mais se fosse negro.

Paulo Edison - É, um pouco nessa linha que vocês estão trazendo, quando a gente fala de racismo, a gente se fala da dor, do sentimento, mas os debates contemporâneos colocam, que na verdade não são tão contemporâneos né, se a gente pensar em 1960, o Guerreiro Ramos já trazia esse debate, que é essa patologia social brasileira, depois a Lélia Gonzalez vai trazer também se debate sobre essa patologia, né? Essa neurose brasileira, que é também o opressor não é? Como que o racismo se manifesta não somente na perspectiva de quem sofre, mas na perspectiva de quem age, acho que a Y.S.C também trouxe o quanto que as nossas práticas elas acabam muitas vezes reproduzindo racismo, como R.S. também trouxe, mas eu queria que a gente fizesse outra rodada agora falando como é que vocês entendem a branquitude né, porque se fala do nego mas nunca se fala do Branco, né? Parece que o branco é esse número de universal e só quem tem raça e cor é o negro. Queria que vocês

falassem o que vocês entendem por branquitude e se vocês conseguem identificar nessa branquitude. O que torna a branquitude um opressor?

Y.S.C., 62 anos - Interessante porque talvez seja uma coisa que eu nunca pensei realmente, a branquitude tem esse aspecto, realmente, de ser universal de ocupar todos os lugares, né? Então a gente pode até pensar que é um opressor porque não abre o lugar para que eu esteja eu com as minhas diferenças, para que eu esteja né? Eu não abre, sequer considera que eu possa ter existência e se eu não for do jeito que essa branquitude quer que eu seja, eu posso até manter a minha cor, não precisa pôr muita maquiagem, mas eu tenho sempre que ficar calada e obedecer, eu acho que isso de ter que ficar calada, não se colocar, se tornar invisível, não ter direito a existência, minha, pessoal, diversa, eu acho que é a grande forma de opressão da branquitude, a grande forma de opressão e isso que me nega sempre tem essa cara de branco, homem poderoso e tudo que decorre disso, né? Então as mulheres brancas também, a forma como não reagem e na verdade tiram benefícios disso como criam as suas crianças, né? Inclusive eu esqueci que tinha que trazer uma passagem bastante significativa, que eu vivi aqui em Bauru, a 10 anos atrás, eu nadava muito, né, praticamente todos os dias aí minha academia mudou o horário tal e aí eu tive que vir para o outro, para uma unidade na região mais rica da cidade e eu fui, eu dividi, acabei dividindo a aula com a aula das crianças e, a minha aula terminava na metade da hora das crianças, eu ia para o banheiro me arrumar tal. E criança é sempre assim, tudo é motivo para sair da aula, pra ir passear e as crianças iam muito no banheiro e elas achavam que eu era babá então elas me pediam para levar para o banheiro, para ajudar tirar a roupinha, eu não ia dizer não para as crianças, mas isso só me ocorreu depois, um dia uma menina, ela tinha já uns nove anos, e para natação se sabe, né? A gente fica com a touca então meu cabelo liso tava escondido, né? Só Tava aparecendo na minha pele mesmo de maiô, aí a menina veio perguntar para mim, é uma forma explícita de racismo que eu vivi poucas vezes, claramente, né? Ela veio perguntar para mim o que eu tava fazendo ali, porque eu tava tomando banho ali e quem era o meu patrão e aí eu respondi para ela, né? “Meu patrão é o juiz tal” enfim, entrei na... mas isso ficou muito forte para mim porque veio de uma criança de 10 anos, né? Ela com 10 anos, ela já era racista só que ela não sabia disso, né e, provavelmente muitas pessoas daqui da cidade de são racistas, algumas sabem, é muito consciente, e outras estão vivendo na branquitude. Aqui mesmo, né, no centro da produção cafeeira tem muitos os brancos pobres que não tinham lugar na produção escravista que dominava né? Eram brancos pobres livres, mas eles não tinham lugar, então qualquer lugar que pudessem se colocar e que tivesse ganho os benefícios dinheiro alguma coisa eles se colocavam e, isso existe até hoje, então tem muitos mais negros que eu, que não se não se reconhecem negros acham que isso não existe e que se apressam quando são colocados na situação da pergunta, se apressam dizer que são pardos e vem muita vantagem e recebe muita vantagem por serem invisíveis, por não se reconhecerem como negros, por não estarem nesse lugar de negro, mas sim calados e obedientes a branquitude. Então a branquitude vem para mim dessa forma, né da boca de uma criança, ela vem de cima, ela vem me oprimindo, me calando, amarrando as minhas mãos dividindo, impossibilitando que ocupe alguns lugares, eu trabalhei mais de 30 anos no serviço público em São Paulo, e aqui também, e isso é muito forte também no público porque são pobres contra pobres e os pobres pretos sofrem mais enfim, eu acho para mim a branquitude vem

sempre também na fala de um professor negro que não reconhece a dor de um mulato, a dor de uma mulata, a dor de um cafuso, a dor de um mestiço, né? Que eu também não sei se eu sou, não reconhece a existência da mestiçagem aula de psicanálise, ele negro, falando sobre racismo e psicanálise isso também, eu acho, que é a forma como se apresenta, como dominante nas salas, em pensamento não só na cultura branca que a gente vive, como se tivesse dentro da piscina, né cercado de todas as formas é assim que eu vejo a branquitude e eu também vejo por oposição a negritude, a beleza da negritude, a força da negritude. Quando eu vejo um negro, uma negra que não é meio falsificado, né que nem eu, vejo essa essa diferença radical e de como aquilo é denso, é forte, é presente, é existente e, isso deve incomodar muito quem não é preto dentro de uma branquitude imperial.

Parte 2 Da Roda de conversa_1_Parte_02_21_09_2023_20hParte_02_14_09_2023_21h

Paulo Edison - A gente pode ir continuando, a Helena tá tentando entrar aqui a gente vai continuando.

R.S., 44 anos - Eu ia perguntar se a Y.S.C., 62 anos não queria concluir lá porque ela tava, não sei.

Y.S.C., 62 anos - Eu acho que eu já concluí que sim, não sei se deu para ouvir né, mas é isso, eu acho que a branquitude me vem como imperial, como absoluta, né? Algo que eu tenho que lidar se eu quiser ter algum espaço para respirar.

P.C.S., 40 anos - Eu vou complementando assim querer, né complementando sua fala e eu de verdade, eu não vejo como eu não sou muito otimista assim sabe? Eu não vejo, sabe, a tomada de consciência da mudança de comportamento da branquitude, eu não sou muito otimista, sabe porque eu não tenho porque, inclusive eu sigo muitas páginas que falam sobre a militância negra, eu sigo né? Tem algumas pessoas bem interessantes que eu sigo e que falam o tempo todo sobre a gente, sobre os negros ocuparem os espaços, né que a gente tem que ocupar os espaços que as pessoas negras, tem que estar em todos os espaços eu super concordo com isso, porém a gente percebe que em virtude assim, a branquitude que é sinônimo de eles estão no poder, né? Eles têm o poder, eles são donos dos espaços, entendeu? Então é óbvio que eles vão limitar eles vão colocar um limite, né? Até que ponto os negros vão conseguir chegar em todos os espaços, os espaços de poder sabe de sei lá de instituições de empresas privadas, né? Esse lance da agora da diversidade se coloca na diversidade, né? Porque agora é super bom para o marketing das empresas e de tudo, né? Então você coloca pessoas pretas, você coloca uma pessoa preta para gerenciar, mas sempre vai ter um limite, sabe? Eu enxergo assim a branquitude sempre vai colocar um limite a gente vai conseguir avançar, mas enquanto eles forem donos dos espaços enquanto eles foram os detentores do poder, a gente nunca vai conseguir ocupar e estar de fato 100% sabe eu entendo a branquitude dessa forma se eles vão até certo ponto a gente eles vão deixar né? Mas sempre vai existir um limite, tem uma frase do Emerica, eu gosto muito dele e que ele fala que a gente precisa entender a diferença entre acessar o sistema e pertencer ao sistema, a gente acessa, mas não pertence ao Fato, né? Então eu não consigo enxergar com bons olhos e com otimismo assim sabe esse lance da branquitude, é óbvio, o que a gente é hoje é

resultado do processo histórico do Brasil, né? Toda essa herança que a gente tem escravocrata enquanto o negro tudo relacionado ao negro foi desvalorizado, anulado. Então assim, não sei, não consigo enxergar depois de tanto tempo, né nesse processo, óbvio que ele tem consciência que eles sabem que eles são racistas e que eles estão né? Que não é legal que eles fazem, entendeu? Mas eles, eu não consigo enxergar de fato uma vontade real de mudança, sabe de comportamento não consigo na branquitude. Se alguém quiser complementar.

R.S., 44 anos - Eu enxergo muito do que Y... e P... falaram de um lugar do apagamento assim, acho que a branquitude a primeira proposta que ela tem enquanto existência é apagar a existência do outro de quem ela encontra como diferente, seja quem for, assim que tu já um lugar de construção autoritária, então como você falou, Paulo, quando você fala sobre a questão da enxergar o racismo com a forma violenta, eu acho que não é o racismo é uma condição de construção da violência de um povo que é o povo branco, então o lugar de violência na verdade que enxergo é da branquitude, a construção dos espaços de não inclusão era sistema tem bizarro, mas enfim a coisa da inclusão é uma construção de uma branquitude, a proposta de se pensar “o lugar é meu, eu que garanto se você entrou se você acessa, se você não acessa, se você faz parte da estrutura ou não, sou eu sou eu, homem branco, hetero, cis normativo” todas as questões mais autoritárias que decido se você vem ou não “sou eu que chamo para o trabalho sou eu que te chamo para fazer para acessar a linha de crédito para tá dentro dos espaços de decisão, se você continuar sendo interessante para mim, se o marketing diz isso”, então assim é a construção a branquitude seja ela europeia seja ela brasileira, seja é latino-americana, seja ela é norte-americana seja ela da onde for, ela é a construção da violência é a partir dela que é que surge, não é a partir do que é a partir da construção social condição de ser, como dizer, como se fala sobre patriarcado sobre ser proprietário daquilo, “sou eu dono então, que defino se as coisas vão andar ou não”, enxergo a branquitude nesse contexto assim, de definição do que que, inclusive de definição do que é ou não violenta sou eu que vou dizer se é violento ou não, são as minhas regras vão dizer se isso é ou não.

P.C.S., 40 anos - É isso, porque basicamente a dona de tudo, né? Basicamente, ela tá no topo de tudo.

R.S., 44 anos - Dona dessa condição estrutural da sociedade que a gente vive que é majoritária, porque não permite que outros espaços quando foram construídos, ou foram criados, eles foram apagados, se apaga, não interessa. Eu tava fazendo um trabalho sobre sobre um projeto com Aldeia Javaé e com o povo karajá na Ilha do Bananal aí eu ouço seguinte frase de uma liderança mulher, jovem assim, “a gente tem que se adaptar a lógica do não indígena” quando a pessoa fala isso eu falo “puta que pariu” é isso então? Eu tenho que me adaptar a sua lógica porque você já tomou todos os espaços que estão no meu entorno, e eu não tenho condição de viver se não for, se eu viver eu tenho que estar nessas questões de violência, nas questões de suicídio, por exemplo, dentro de muitas aldeias estão relacionadas a isso assim, “não tem identidade, então não vejo existência”. Então é isso, a construção social que a gente sociedade branca criou foi de não garantir nenhum espaço para qualquer outra pessoa e se a gente garantir a gente que vai garantir porque a gente quer.

P.C.S., 40 anos - Quando ela se coloca como universal, né? Como única e universal.

R.S., 44 anos - Acho que é isso, o projeto mais autoritário de sociedade que a gente vive até hoje, acho que é isso e, não só os aspectos físicos a gente tá falando, nos aspectos mais objetivos.

H.C.F., 24 anos - Não sei se vocês estão me escutando, porque minha internet tá muito ruim, nossa, muitas coisas, acho que assim, bom vamos começar acho que mais técnica tentando olhar mais por fora o racismo no sistema de opressão que operam juntos, eu não acho que a branquitude é dona das coisas, acho que ela rouba, ela toma posse, ela pega as coisas para ela. Eu não acho que ela criou o sistema de poder, quer dizer, não sei, mas acho que ela é, coisas que ela disse que são dela não necessariamente são, ela se apropria então é isso acha que é um sistema de de dominação, até anotei pra não esquecer, que favorece pessoas que têm certas características, então que tem a pele clara, que enfim, são brancas, tem as características física e, acho que ela e sistema de poder ele é construído muito sutilmente ao longo da história e esse favorecimento faz muitas dessas pessoas privilegiadas nesse lugar não reconheçam que tem pessoas que sofrem, no lugar, que não estejam nesse lugar de poder né? Esse favorecimento que também é sutil, assim como várias coisas de racismo, faz com que a branquitude tudo muitas vezes feche os olhos, não sei como faz isso não faz ideia o quanto que é consciente ou inconsciente, no geral sistematicamente é muito consciência, mas individualmente de pessoas eu não sei dizer confesso. Ai acho que é isso, o racismo se torna um sistema opressor que favorece sustenta o lugar de poder da branquitude, porque ele recai sobre pessoas que não são brancas, não acho que... acho que a gente é o que a gente é, e uma coisa que a branquitude e o racismo faz, é assim, todo mundo que é branco não tem dúvida, se você tem dúvida você não faz desse sistema, essa é a sensação que eu tenho, porque quem é branco são feitos para eles, não tem dúvida, e acha no direito de tomar as coisas que não são nem deles, então eu já vi muita gente branca amigo meu tem a menor dúvida, por exemplo de trançar o cabelo e eu me conhecendo como mulher negra várias questões de tipo, “po, será que você aceita”, ou seja, na minha dúvida já não sou branca, porque minha amiga branca, que não carrega historicamente, não tem a menor dúvida de que aquilo foi feito pra ela, e aquilo não foi feito para ela, então

P.C.S., 40 anos - Eu assisti, esses dias meu irmão foi no Islã e ele falou, ele me passou o vídeo do cara que ganhou o campeonato no Isla de poesia e tem um trecho que ele fala “quando o branco” tá falando sobre cotas, né cotas raciais nas universidades, ele fala assim é “ah, você fala que eu roubei a sua vaga quando eu entrei na universidade por conta das cotas raciais, mas quem foi que disse que a vaga era sua”, sabe? Então a branquitude não tem dúvida de que é dona de tudo, que tudo é dela, de que tudo diz respeito a ela, por que é óbvio, é uma sociedade feita por ela, na verdade não foi feita por ela, né, mas o topo da pirâmide os que mandam né? Quem tá em posição de poder e tudo é o que faz, entendeu? Pensando nele sendo que a maioria não é branca.

H.C.F., 24 anos - Sim e, total. E sei lá, eu acho também que...

R.S., 44 anos - tá falhando teu som, H.C.F., 24 anos.

Paulo Edison - É H.C.F., 24 anos, a gente... parou seu som.

Y.S.C., 62 anos - Acho que se ela desligar a câmera pode ser que fique melhor.

H.C.F., 24 anos - Ah, tá travando.

Y.S.C., 62 anos - Ta.

H.C.F., 24 anos - É..., melhorou? Eu acho que é um pouco isso, eu me perdi esse lugar de achar que, de se achar não, de se colocar como detentor de conhecimento e através de diversos processos históricos apagar a existência do outro, então através de vários mecanismos e acho que o racismo é um...

Y.S.C., 62 anos - Eu não tô ouvindo a H.C.F., 24 anos, vocês estão ouvindo?

R.S., 44 anos - Acho que ela tá com... tá oscilando o sinal de internet dela lá.

H.C.F., 24 anos, - Oi, vocês não escutaram ne? Minhas antenas estão quebradas, gente, por isso que tá ruim, mas acho que é isso é tipo a questão que é branquitude é um sistema de poder e ela para se sustentar, eu acho então acho que é sistema de opressão racista, que é que essas pessoas que não são brancas, eles caminham juntos e, é uma doideira pensar que a gente, doideira não, acho que, sei lá, faz parte, não adianta só pessoas negras ou pessoas que sofrem racismo, é bem essa frase do Emicida, lutarem contra, a gente precisa que eles branquitude se reconheça no poder e seja uma aliada para mudar isso, lembrei o principal ponto do que eu queria falar, é tornar-se negro é difícil porque você reconhece que você sofre violência por coisas que tipo, não necessariamente você fez ou deixou de fazer, só pela sua existência, então não é legal você perceber que você sofre violência. Então acho que é um processo muito difícil, acho que é por isso que tem muitas pessoas que tem muita dificuldade de encarar isso porque como é que você vai encarar que você é violentado só pelo fato de você existir e conviver com isso perceber que talvez isso não mude tão cedo e pequenas coisas como só a tipo conseguir dar risada conseguir viver já é resistência, mas ao mesmo tempo, sei lá, ao mesmo tempo que é isso, reconhecer sua branquitude, reconhecer que você violenta alguém, então acho que é uma questão difícil de movimento empático vida humana... as pessoas têm muita dificuldade de ser empáticas.

P.C.S., 40 anos - H.C.F., 24 anos tá travando.

H.C.F., 24 anos - Ai, desisto.

P.C.S., 40 anos - É, seu som estava falhando um pouco.

H.C.F., 24 anos - Vocês entenderam...

Y.S.C., 62 anos - Essa parte final não deu pra te ouvir direito não H.C.F., 24 anos

H.C.F., 24 anos - Passar por esses espaços de indivíduo e de coletivo. Gente eu vou tentar mais uma vez só para a gente finalizar essa parte, vocês estão escutando? Que essa questão da branquitude, não sei até que ponto vocês pegaram que eu falei que reconhecer sua branquitude é reconhecer que você violenta alguém e que é isso, se tem um pouco de empatia você não quer reconhecer isso então acho que é essa uma dificuldade entre tratar da individualidade, do coletivo, do sistema, não sei.

Y.S.C., 62 anos - Eu queria fazer um adendo, posso fazer um adendo?

P.C.S., 40 anos - Eu também.

Y.S.C., 62 anos - É, eu estudava história, né? Então para mim é um pouco claro isso de que a base da sociedade, a base do sistema dos desvalidos, né? Existe um grupo que era mais desvalido que os desvalidos, que eram os negros, né os brancos pobres e bastante isso né os brancos pobres... eu percebo bastante isso ne, os brancos pobres sofrem com a branquitude, né com esse sistema que invade né, que é o próprio sistema na verdade, mas os brancos eles de certa forma ficam satisfeito por não serem a base da base, né? Os que sofrem mais e de certa forma, isso é um benefício, porque um pouco mais protegidos já que tem outros que são o alvo da certa forma, eles ficam, eles são poupados, talvez até consigam algum privilégio dentro do mínimo que eles têm., por serem brancos e eu tenho uma, eu tenho uma, minha faxineira branca né, sociedade patriarcal, né? Então alguém limpa a minha sujeira aqui e ela é branca loira e eu tenho uma amiga preta de um dia vieram as duas, as duas chama M... delas duas e o porteiro falou para minha amiga preta, né, "mas já tem uma faxineira lá" porque ele conhecia a M... né? Então, e pra ele as duas eram as faxineiras, né? E a M... aqui é a minha faxineira mesmo, ela tinha chegado já tinha mais direito, mas isso que a H.C.F., 24 anos tava falando, eu acho que para mim ainda é muito novo do racismo ser utilizado como mais uma forma do capitalismo se desenvolver e se expressar e trabalhar ne, a sua exploração ainda é novo a descer estrutural para mim é mais fácil de entender, mas um professor trouxe uma ideia interessante sobre isso, né de que realmente não há existência fora da branquitude os nossos negros foram trazidos da África e aqui ele perderam toda sua ancestralidade, né? Algo foi trazido, chegou até os nossos dias e que sofreu uma série de modificações ao longo do tempo, mas a existência do negro mesmo não existe, ela é criada, a partir já dá branquitude, pelo menos aqui no Brasil, né? Porque nós não somos daqui, também não somos mais da África e a nossa existência é sim determinada pela branquitude, né? E nós não temos direito, não é questão de ter ou não direito, nós não temos mais resistência porque nós perdemos, isso ficou lá na África e depois sofreu todo um processo de apagamento e o que a gente tem alguns restos e algo que a gente conseguiu criar. Mas a forma de existencialismo mesmo, de ser é essência mesmo, eu acho que nós não temos mais o que a gente tem é a branquitude sim.

P.C.S., 40 anos - Eu só ia complementar o que a H.C.F., 24 anos, tinha colocado, que ela falou que a branquitude tem que se reconhecer, né? Reconhecerem os privilégios, mas para ele reconhecer eles vão ter que sair do protagonismo ser aquele que tem interesse nisso?, eu duvido.

Paulo Edison - Muito interessante o que vocês tão colocando, né? Porque o debate do antirracismo ele coloca em xeque o privilégio da branquitude então ser antirracista é abrir mão desse privilégio né? A gente já passou nosso tempo, mas eu queria pra gente ir para próxima semana mostrar uma imagem para vocês, pra gente refletir um pouco, né sobre esse privilégio, por mais que a sociedade brasileira, e mundial fale que hoje nós iremos ser antirracistas, não basta não ser racista tem que ser antirracista, abrir do privilégio é reconhecer o lugar do outro como vocês estão fazendo né? Lugar daquele que não é branco, né? No entanto, quando a gente olha por exemplo imagem, não sei se vocês conhecem essa imagem, essa imagem é uma propaganda do Ministério da Educação, de 2019, e que fala sobre o

ProUni, né, observem aqui que é uma menina negra, né? E que é uma propaganda “PROUNI atenção, falta pouco para encerrar o prazo bolsa de 55% para um curso de Instituição Particular” o mais interessante que o braço dela né? E o dedo em riste aqui aponta para uma imagem sobreposta de um um canudo, de um braço, é um braço branco, se vocês olharem essa imagem, mas aqui vou mostrar para vocês a propaganda, estão conseguindo ver aqui a tela agora?

Y.S.C., 62 anos - Sim.

Paulo - Eu vou soltar aqui, são 15 segundos.

R.S., 44 anos - Pátria Amada Brasil.

P.C.S., 40 anos - Que tosquice.

Paulo Edison - Então aqui a gente vê uma atualização né, daquilo que a gente chama de política pública, né? E acho que pra gente encerrar, pra não passar muito do horário e pra gente ir pensando para voltar semana que vem sobre que sociedade é essa que a gente vive e como enfrentar como ser antirracista mundo cheio de privilégios brancos, né? Como a gente pode se descolonizar, eu que eu acho que é assim um pouco a porta que eu vou trazer para a próxima semana dessa consciência que a gente pode descolonizar, se não plenamente nas nossas ações, já que a sociedade é branca, a cultura o conhecimento branco é da branquitude, como é que a gente pode minimamente conscientizar esses traumas para se tornar então sujeito às nossas escolhas, né? Então quero agradecer vocês uma boa noite e a gente se vê a semana que vem, é um prazer enorme poder partilhar com vocês está aqui a fazer essas reflexões. Muito obrigado.

P.C.S., 40 anos - Obrigada, Paulo pela oportunidade. Tchau gente, boa noite.

R.S., 44 anos - Boa noite aí obrigado do mundo também pela oportunidade.

2º Dia de roda de conversa_1_Parte_01_21_09_2023_20h

Paulo Edison - Então eu queria colocar aqui esse trecho pra gente discutir um pouco, ver o que vocês acham, é assim ó, acho que eu vou até colocar no chat que eu acho que vocês também podem acompanhar. “Todos eles me falavam assim, olha eu sofro racismo, mas uma pessoa de pele preta sofre mais. Alguns deles justificaram, assim é que é colorismo né? Quanto mais escuro e mais discriminado essas frases me inquietaram em muitos sentidos, primeiro como qualificar ou quantificar mais racismo ou menos racismo, sobre qual privilégio eles estavam falando se os números registram condições equiparadas de exclusão e desigualdade para pretos e pardos?” Eu quis trazer esse trecho da Sulei, para a gente fazer uma discussão aqui, porque eu tenho feito entrevistas também, né individuais com pessoas negras que estão em posição de autoridade, né? E me parece que esse tema é um tema que tem aparecido também, né? Quando a gente fala desse “será que existe mesmo um privilégio”, será que hoje em dia nós compreendemos isso? né, quanto mais clara a cor da pele mais privilégios. Havia uma teoria anterior na sociologia que dizia que havia um processo de embranquecimento né, no Brasil, hoje em dia eu coloco em dúvida esse processo de embranquecimento, porque? Porque no processo de embranquecimento, segundo as teorias

sociológicas, século 20, né? Final do século 20, metade do século 20, o processo de embranquecimento estava relacionado com a ascensão social, então quando o negro tinha uma sessão havia um processo de embranquecimento, ou seja como se ele para fazer parte dessa posição social, ele tivesse que ir perdendo características da negritude, seja na estética, seja os aspectos culturais, dos trejeitos, como a H.C.F., 24 anos falou na última, nossa última reunião, né? Mas eu fico pensando, se será que hoje com a disputa, parte das ações afirmativas a incidência do racismo e até mesmo o movimento social éééé fomentando a autoidentificação de pretos e pardos como negros, será que ainda existe esse colorismo? Será que realmente há privilégios para as pessoas que têm as peles mais claras e o cabelo menos crespo, o que vocês acham? Queria ouvir vocês sobre isso.

Y.S.C., 62 anos - Posso começar? O som, tá bom? Porque parece que quando eu entrei não tava muito bom. É muito interessante isso né Paulo? Eu posso dizer assim, da minha perspectiva individual, né? Porque eu acho que eu me coloco dentro desse espectro, de mais ou menos preto, mais ou menos branco. como na música lá do Gil, então falando da perspectiva pessoal, mas sempre em relação ao olhar do outro, né? Eu sinto sim que, pelo fato de eu não ser preta retinta, como a minha amiga podóloga, eu tenho alguns privilégios, mas eu não sei se é só essa questão porque a minha irmã tem ela é como eu e talvez até um pouco mais clara, mas o cabelo dela é bem, não é totalmente, que nem o da P.C.S., 40 anos, né? Mas é bem encaracolado e ela é advogada, mas ela sempre se produziu muito, né? E ela, a gente foi criado em São Paulo na capital, então isso era uma realidade muito antiga, mas também muito disfarçada, né? Nunca foi transparente. Então depende disso, eu acho, porque eu sou uma pessoa que nunca me produzi, né? Mas depende disso, de como você se coloca depois, independe da renda, você falou né da ascensão social, eu posso, como no meu caso, né? A gente sempre teve uma condição melhor, né, então casa própria. Universidade, ensino público, enfim, né? Isso não fez muita diferença, eu não sinto que faça diferença, principalmente no serviço público, ou na forma como eu sou tratado, então da perspectiva individual a partir do olhar do outro, né? Eu acho que isso existe, dependendo do lugar ele é mais presente e dependendo do lugar em outros fatores, ele é menos presente, eu sofri com esse meu jeito assim, cabelo liso tudo mais, sem muita produção e mais uma postura de uma certa segurança, né de não tão cabeça baixa como eu vejo na minha amiga aqui no interior, mas em São Paulo. Eu sofri na universidade, ainda na Faculdade de Direito, foi uma das minhas experiências mais chocantes de discriminação, de racismo explícito e mais de uma vez por colegas e também não explícito que era o fato deles sempre me confundirem com funcionário, né? Eu estava ali naquele meio da faculdade de direito do Largo São Francisco e, na hora de a gente jantar, lá tem um espaço, não é um espaço muito grande que nem na USP, né? Mas tem um espaço para a gente jantar, para os estudantes jantarem, e eu não podia sentar em qualquer lugar porque vinha alguém me tirar e aquilo era muito chocante, mas sempre que eu tava sozinha, praticamente estava sozinha, porque o pessoal tudo trabalhava e chegava bem em cima da hora, os meus amigos, né? E eu sempre fui, na universidade eu sempre fui na sala mesmo, eu fiz história, filosofia, não terminei filosofia, terminei direito e história, mas eu na universidade, na década de 80, quando eu frequentei a universidade, década de 80 e começo de 90, eu sempre era coisa mais preta ali sempre era coisa mais preta, isso assim, só os estudantes africanos por convênio que eram mais pretos

que eu. No serviço público tem essa vantagem que a escolha não é, é tudo impessoal princípio da impessoalidade, então entram muitos negros, mas lá dentro a gente sofre, dentro do serviço público, nas instituições a gente sofre preconceito institucional. Dependendo do lugar você não consegue promoção, você é tratado como empregado mesmo. Então eu tô na mesma condição que o outro, mas o juiz vai pedir para mim ir pegar o saldo bancário, vai pedir pergaminho levar o cafezinho, vai se sentir à vontade para pedir né? Isso do saldo bancário e assim eu ocupava uma certa posição que não era comum, né? Não era o mais baixo que tinha no serviço, né? Mas o juiz se sente à vontade para me pedir para ver o extrato bancário de lá, enfim agora como eu já relatei aqui no interior, eu senti muito mais essa discriminação, ontem, minha irmã mora no, minha irmã tá um pouco doente, ela tá morando e, ela comprou, ela mora num apartamento assim, de muito alto nível, muito alto, né? Aí eu entrei no elevador aí uma pessoa, isso eu já tinha passado em outras ocasiões, mesma situação, eu entrei no elevador, entrou uma senhora branca lá o cachorrinho dela no chão, onde ele não deveria estar, mas enfim, ela perguntou assim para mim “você mora aqui?” eu falei assim “não, é minha irmã”, porque é a novidade para ela é, muito grande novidade, quando eu morava em São Paulo, eu tinha meu apartamento próprio e eu fui morar junto com meu sobrinho que ele é totalmente branca, mas ele, o cabelo é bem igual da P.C.S., 40 anos bem duro, né? Apesar de manter sempre bem baixinho, aí as pessoas perguntavam se a gente tinha alugado, se a gente tinha ganhado, se a gente realmente morava lá, nunca me perguntaram se eu tinha comprado o apartamento, se eu tinha herdado e o meu sobrinho nem se dignava a responder, porque eu só ia dizendo não não não não, mas nunca esclareci. Essa é uma situação frequente que apesar do meu sobrinho de pele branca, cabelo eu não ter cabelo ruim acontece, acontece muito, eu acho eu não relatei para vocês, mas eu nunca usei bolsa grande, eu acho que a P.C.S., 40 anos vai entender porque, eu nunca usei bolsa grande e eu nunca entro com bolsa grande em nenhum lugar, especialmente Supermercado, mesmo as bolsas pequenininha, eu nunca tinha coragem de abrir a minha bolsa vai pegar alguma coisa pegar o óculos e eu só adquiri consciência do porquê com o caso Floyd e uma pessoa no 247 falou que a bolsa grande é, se você se você é preta e entra com bolsa grande no mercado, segurança vem atrás de você, os olhos se voltam para você, eu não sei se eu relatei isso, né? Então aí eu adquiri consciência porque que eu tinha tanta dificuldade de abrir a bolsa, né? E usar só bolsa pequena por conta dessas coisas, né? Então eu acho que existe sim o colorismo da perspectiva individual ao olhar do outro e existe também de forma institucional como eu relatei para você nessa questão da promoção, é claro que eu também eu falo demais também, eu sou muito bocuda, né? E eu eu me imponho mesmo, eu me ponho mas não é não vai perspectiva de porque eu não sou aceita, eu de plano já não aceito algumas coisas, mas a minha primeira chefe da prefeitura que eu entrei com 19 anos, tinha uma funcionária negra mesmo, mas mais escura que é P.C.S., 40 anos, por exemplo, ela chamava de feijoadinha e a funcionária não dizia nada e, eu só atendia essa chefe quando ela me chamava pelo meu nome, ela tava lá na porta, me chamando, eu era única pessoa na sala e ela dizia “você, você aí querida?” Todos os nomes que ela tinha quando ela me falava, “Y.S.C.”, “pois não dona Eliete” e sempre foi assim, então por conta disso pode ser também que eu não recebesse as promoções qualquer tipo de privilégio, mas enfim, eu não vou me alongar mais isso, né? Então sim, eu acho que existe o colorismo desse ponto de vista a partir do olhar do outro, isso existe

muito, como eu já relatei para vocês quando eu tava de touca cobrindo meu cabelo, eu era tratada como empregada assim na academia e também pelos funcionários que não eram pretos, mas eram quase pretos quase brancos, que nem eu, mas pelas pessoas eu era explicitamente tratada como babá empregada doméstica, quando eu tava com meu cabelo coberto, então eu acho que existe sim e ele é real, pelo menos na mente do que foi introjetado na nossa cultura.

P.C.S., 40 anos - Eu tava só ouvindo a Y.S.C., 62 anos falar e concordando e pensando e lembrando de tantas coisas que já aconteceram comigo, né? Eu trabalho no ambiente, numa escola particular, em um ambiente muito elitizado e completamente branco e, tem uns 5, 6 anos que eu parei de alisar o cabelo e eu foi muito nítido, muito explícito o estranhamento que eu percebia nas pessoas assim, explícito, explícito, das pessoas falarem comigo e eu percebia que elas não estavam olhando para mim, que ela tava olhando para o meu cabelo. Sobre colorismo, eu acho que vocês vão lembrar, eu comentei na última conversa, na conversa da semana passada, que eu acho que eu demorei a me perceber uma mulher negra e ter a pele um pouco mais clara eu acredito que tenha sido um dos motivos, porque eu tenho uma amiga de pele escura e que ela falou para mim que desde criança que ela nunca teve dúvida de que ela era uma mulher negra, que ela era negra, né? E eu só me dei conta depois de um tempo. E sobre essa questão social, né? Que o Paulo comentou no início e sobre mesmo essa frase dá, essa colocação da Sueli Carneiro, eu acho que só exemplifica muito bem como o racismo ele tá entranhado, ele tá, eu já eu não lembro foi o autor que disse que o racismo é o cimento, né da construção da nossa sociedade, da sociedade brasileira, né? Porque a sociedade brasileira foi construída tendo racismo como cimento né? Não é por isso que né, tem o livro do Sílvio Almeida sobre o racismo estrutural é justamente isso, porque mesmo as pessoas, eu já ouvi relatos de pessoas que têm dinheiro, que ascendem socialmente, esses dias mesmo eu vi na internet, não sei se você conhece o Yuri Marçal, que é um comediante negro e ele foi impedido de entrar acho que no show dele, ele era a pessoa protagonista da noite e, ele foi impedido de entrar, de subir, adentrar ao palco lá, né? Assim, então e também tem uma, uma vez eu tive contato, não sei se vocês conhecem também Alexandre Aloha, que a é ex-consulesa da França no Brasil e, ela também falou, ela contou, ela relatou, ela é né consulesa da França e ela relatou casos de racismo que ela passou, ela contou de uma vez que no aeroporto e ela tem o passaporte consular, nem sei o que é isso, mas ela contou que tem o passaporte consular, que é uma coisa super de privilégio e que mesmo assim ela sofreu uma situação de racismo e que na casa dela recepcionando convidados junto com marido, que era o cônsul da França no Brasil, que também muitas pessoas não cumprimentavam ela, que passavam direto por ela porque achavam que ela era empregada da casa, então eu já li e ouvi muitos relatos de pessoas que, mesmo ascendente socialmente, não deixam de passar por situações de racismo e, essa frase da Sueli realmente, acho que mostra isso, o quanto tá entranhado, né? O quanto está introjetado na nossa sociedade e na gente né, mesmo que inconscientemente, essa questão da cor da pele, né e voltando agora pra quando eu tinha o cabelo alisado, né, o cabelo liso me aproximava um pouco mais e eu sempre usei desde desde criança eu sempre usei o cabelo alisado, então me aproximava um pouco mais das características das pessoas brancas, então talvez também tenha contribuído um pouco, né?

Para que eu sofresse menos situações assim, mas é isso por enquanto a reflexão que eu fiz, quem quiser e puder complementar.

H.C.F., 24 anos - Oi, tudo bem? Espero que minha internet funcione, é muito interessante já começar nesse assunto, eu discordo, eu não acho que é privilégio, eu acho que é passabilidade, eu não acho que eu você sofrer violências mais sutis, menos explícitas, ou em algumas situações não sofrer essa violência seja um privilégio, porque no geral, por exemplo, a fala da Sueli, a gente sofre essa violência, mas eu acho que é uma passabilidade, não sei se eu tô sendo muito dura nas palavras também, porque realmente é muito difícil.

Y.S.C., 62 anos - Eu não entendi, H.C.F., 24 anos

H.C.F., 24 anos - Conversar com a minha terapeuta sobre essas questões, por exemplo, ela me... O que?

Y.S.C., 62 anos - É passividade, é isso?

H.C.F., 24 anos - O que eu falei passabilidade? Ih, travou, não passividade, é uma palavra que eu não inventei, escrevi aqui no chat, é tipo de você conseguir passar pelos espaços sem ser notada a sua negritude talvez, sem necessariamente, você sofrer uma violência explícita, eu não acho que o colorismo é um privilégio, eu acho que é violento também, eu tava falando com a minha terapeuta isso, de tipo, de como muitas vezes eu ficava travada em alguns momentos em relação a isso e ela me botou em uma perspectiva que fez muito sentido pra mim, que é tipo, gente vive em contextos tão violentos que direitos que deveriam ser base, comuns sei lá, como não ser julgado pela sua aparência, pela sua raça, às vezes se confundem com privilégios e na verdade não é, é o mínimo. Então talvez, quando eu falo com essas palavras assim, não é não reconhecendo que muitas vezes eu consigo escapar de situações violentas e realmente é, sei lá, na prática é um privilégio conseguir escapar de algumas situações, mas eu não acho isso tira a violência, acho que isso conversa um pouco com o que a Sueli falou então, eu não sei se é um privilégio, eu acho que na verdade é a possibilidade de sofrer menos violência, mas ainda assim muito confuso. E eu acho que também ele é colocado como uma estratégia assim também, de separar a gente, então tipo, a cor da sua pele, seus traços, é tudo, são estratégias que vieram com o embranquecimento, mas estratégias para não manter a unidade da negritude (inaudível do minuto 25:26 a 25:48)

R.S., 44 anos - Talvez Helena, o Paulo falou pra você desligar seu vídeo só deixar seu áudio, pra ver se não melhora a transmissão.

H.C.F., 24 anos, - Voltou? Tá, eu vou tentar depois pelo celular, mas só pra falar que essa questão porque, nossa vocês não viram, eu super recomendo e, essa questão da unidade, da importância da unidade, da coletividade então... Tá, vocês... Ah, o Mulher Rei, eu indiquei o Mulher Rei, quem não viu veja, é incrível. Esse movimento não é algo que é costumeiro pra gente, eu vou tentar entrar pelo celular gente, para ver se melhora um pouco, mas acho que era isso que eu queria mais contribuir sobre, achando não é de privilégio, como questão de tá introjetado na gente afeta a gente em todos os sentidos assim, ninguém é isento, eu acho de ou reproduzir o racismo, ou de ter ações racistas, bom de sofrer nesse sentido, enfim, acho que é isso.

R.S., 44 anos - Boa noite pessoal, eu acho que eu concordo muito com o que a H.C.F., 24 anos, falou no aspecto de enxergar, talvez o essa estratégia, o colorismo ser dentro de um processo de embranquecimento, não sei se eu tô falando uma grande bobagem aqui, mas talvez de enxergar isso como uma estratégia mesmo de enfraquecimento do que se considera como a negritude consolidada da população negra, eu realmente vejo e vi muitas situações nesse sentido, assim, de estar com pessoas de pessoas de, uma pessoa de pele mais escura do que, duas pessoas negras numa situação de um lugar de serviço, por exemplo de hospedagem, viagem a trabalho e ter duas pessoas negras com tons de pele diferentes e a pessoa que tem um tom de pele mais escura e, tem uma africanidade assumida através da sua estética, da sua cultura, ela sofreu racismo muito muito muito mais direto do que a pessoa com tom de pele mais claro e isso ser nítido, assim várias circunstâncias isso acontecer não foi uma vez só que eu vi isso acontecer, vejo isso acontecer cotidianamente, inclusive em ambientes artísticos onde teoricamente só tem pessoas que estão um pouco mais presentes nas discussões com relação ao racismo como um todo assim, parto desse recorte um pouco, para dizer também eu vi isso em algumas situações, por exemplo, de seleção de pessoas dentro de editais para chamadas de arte urbana, por exemplo, isso acontece, isso é um debate que existe muito, sou casado com, sou companheiro de uma pessoa que é artista urbana e que em muitas situações isso já foi essa lebre, já foi levantada e enfim com relação a escolha de determinados artistas e não ter a presença de determinados artistas, mas isso no sentido afirmativo, não no sentido tipo de cobrança para se ter um debate mais ampliado do que só que, “ah, beleza então você está falando aqui sobre a questão racial, mas existe uma questão do colorismo dentro do próprio universo da criação artística também”, então sobre vários ambientes de não aceitação da questão do colorismo ou da afirmação do colorismo, ou seja, a gente tá dentro de determinado espaço existe o debate acontecendo, que acho que dentro dos espaços são profundos, em outras eles são, eles estão presente como uma estratégia mesmo, uma estratégia de enfraquecimento da população negra enquanto termos de se afirmar e se posicionar e tal. Agora eu não tenho muito como ir além disso, eu nunca senti, então não tem como, eu já vi, vivi situações como essa, mas não tenho como me aprofundar.

Y.S.C., 62 anos - Acho que a gente tá falando, talvez de coisas, lugares e momentos diferentes, né, mas do ponto de vista histórico também cultural, eu trago sim a mestiçagem, do ponto de vista do poder, ela foi usada assim na colonização principalmente como instrumento de dominação. E aí aconteceu esse embranquecimento e eu vejo aqui, como eu tô no interior de São Paulo, mas vou na cafeeira tradicionalmente escravocrata, tem toda uma hierarquização, aquilo que eu já trouxe antes, né? O homem pobre, que não é porque é pardo, tem mais características negras do que brancas, é pardo é um pouco quase, é mais preto do que branco, né? Ele, dependendo da postura dele, ele sempre tá assim, de cabeça baixa e concordando com tudo, o que é o que a gente chama de pobre de direita, né? Mas sutilmente ele usa isso como mecanismo de defesa e do lado do poder e isso é utilizado como forma de dominação dos outros que não são tão brancos, né? E em forma de dominação política, de uma certa forma de usar essas pessoas também, né? Por outro lado eu já ouvi, inclusive de um professor, a gente teve um certo debate, né a respeito disso, na formação de psicanálise teve um professor preto trazendo a questão do racismo, de negar a mestiçagem da mesma forma a negritude já foi negada, então isso é um pouco isso, eu sei que o R.S. e a H.C.F. não

tão falando dessa perspectiva, mas o próprio movimento negro e, próprias pessoas que são negras e são conscientes disso, já me discriminaram dessa forma, inclusive esse professor no discurso dele, outras pessoas me discriminaram dos dois lados, então como eu sou assim do jeito, quando eu era mais jovem, eu era muito procurada por homens negros, porque eu era algo assim, um degrau acima de uma mulher negra, por exemplo, eles não podiam alcançar uma mulher branca, então eu podia servir, eu senti assim, eu era muito procurada e, as amigas minhas negras, falavam isso também, né? Como você tem conteúdos que o homem branco gosta muito, mas também o homem preto, mas não para um compromisso não para casar, eu já tive convites explícitos e implícitos a gente pode ficar junto, a gente pode transar, mas ninguém pode saber, eu gosto de você, mas oficialmente eu tenho lá mulher branca minha, isso é explícito, e dos homens negros, você falou de pessoal que pesquisa, eu acho que você conhece a Virgínia Bicudo, né Paulo, ela tem um trabalho que ela, ela é psicanalista, né? Uma das primeiras mulheres psicanalista, é preta, tinha uma melhor condição, na década de 30 a 40, ela fez o mestrado dela e ela exercitou e ela é uma grande pesquisadora na área na época dela E na década de 30, me parece, que a dissertação dela foi uma pesquisa que ela fez com os homens pretos na cidade de São Paulo, eu posso mandar para vocês, para o Paulo também, eu acho que o Paulo conhece eu tenho isso e eu divulgo muito e, ela já tem uma parte toda de entrevista que é muito interessante, não é um trabalho tão psicanalítico, né? Era mais um trabalho social, político social, uma pesquisa na área de Ciências Sociais do meu ponto de vista em ela tem toda uma parte em que ela traz as entrevistas...

Y.S.C., 62 anos - Fui eu que caí, gente?

Paulo - Não, todo mundo caiu, porque deu os 40 minutos.

Y.S.C., 62 anos - Ah tá, então eu vou reduzir mais, mas eu tava falando disso, é claro que a Virgínia Bicudo, naquela época, ela tava trabalhando a questão da mestiçagem, né? Que, do ponto de vista histórico tem esse, claro que ela não trabalhava a questão do colorismo, mas ela identifica, você lendo as histórias, as falas das entrevistas que ela fez, a moda dessa que o Paulo tá fazendo, como os homens brancos, os homens pretos escolhiam, por uma questão de ascender socialmente e também pessoalmente se sentir mas aceito e ter entrada no mundo melhor, branco, como eles escolhiam casar com mulheres que não fossem tão pretas e isso é dito claramente. Então desse ponto de vista a mulher preta preta, ela tá no fim da escala mesmo né, abaixo dos cachorros, então existe sim, o que a gente pode dizer que é um colorismo, né? Existe sim esse "privilegio", entre aspas, de você sofrer menos, né? Do ponto de vista de quem é como eu, agora do ponto de vista da mulher eu não sei, da mulher preta, eu não sei se é realmente, agora eu queria dizer com esse discurso que seria até um privilégio e que é uma violência e que é uma forma de você embranquecer a raça, então os mestiços como eu são negados, é negado a nossa existência, pelos próprios pretos e pelo movimento negro, como fez esse professor para mim e ele fez tranquilamente, eu que aponte, quando eu aponte ele ficou muito indignado comigo quando eu aponte pra ele, que ele tava dizendo a mesma coisa que eu sempre ouvi em relação aos pretos, não tem direito à existência, isso não existe, democracia racial e aquilo tudo, para mim era a mesma coisa, aí ele ficou muito indignado tal, é claro que eu tava trazendo uma questão psicanalítica também, a respeito do sofrimento, eu tenho direito ao sofrimento por conta de racismo e não importa se você disse

que eu que não é privilégio, que isso é sofrimento e que a mestiçagem é esquema de dominação, ela é, só que no meu ponto de vista eu querer não ser preto, eu não sou traidora da raça não sei, eu me senti obrigada e convocada a me construir como como negra e eu não tá, não consigo ainda conceber, pode ser que eu tô introjetada com a cultura branca e toda a forma como eu fui criada, mas pode ser também algo que eu não queira ser, porque eu não me sinto assim, eu queira ser que os mestiços se reconheçam, mais além de serem capitães do mato ou traidores da raça. Não sei se eu confundi muitas coisas, mas eu acho que o início do colorismo tem muitos aspectos a serem considerados, né?

P.C.S., 40 anos - Desculpa eu ia fazer, só complementar a Y.S.C. falando e ouvindo porque eu sigo muitas pessoas na militância negra, né? Tem muito a ver com a visão que cada um tem, tem alguns negros que tem uma, eles têm uma concepção que é o que a gente vê muito nos Estados Unidos, né? Dá coisa de negro se relacionarem somente entre negros, entendeu? Então tem muitas pessoas que são negras, principalmente os mais retintos, e que ele tem essa concepção de que do movimento de comunidade mesmo, que infelizmente no Brasil se perdeu, né? Por conta justamente disso né, a questão da miscigenação, tirou praticamente tudo, né da população negra, inclusive a consciência de que se é negro, então pesado e complexo, muito complexo muito,

Paulo - Assim, vou colocar agora um pouco, falar também um pouco porque fico ouvindo vocês, mas eu também acho que eu também tenho que falar um pouco e, até pra entrar no próximo assunto assim. Acho que a gente, primeiro, compreender que o movimento negro e a negritude e muito complexo e muito diverso, né? Não existe uma unidade é do que que é ser negro, se tornar negro, né? E há várias complexidades, tem aquilo que é atribuído, historicamente, o que o Estado atribui, como cada pessoa se identifica, a parte da sua história, né? E você aí onde tá trazendo a Virgínia Bicudo, a Virgínia Bicudo é uma das grandes referenciais que eu estou usando né, porque quando ela escreve a tese de mestrado dela, ela percebe que só na antropologia, talvez não desse conta dela compreender o racismo e ela vai para a psicanálise, ela é a primeira psicanalista não médica no Brasil, né? E no primeiro congresso os médicos gritavam que ela era charlatã, que as pessoas eram neuróticas e quisessem ficar psicóticas tinham que se consultar com ela, ela sofreu uma violência explícita da comunidade médica brasileira muito forte, mas ela sai do Brasil, vai para Londres estudar com a Melanie Klein, depois volta para o Brasil e vai ser diretora da sociedade psicanalítica e muitos trabalhos importantes, mas ela sofre racismo institucional, a universidade de calou ela né? Então ela não é citada, não é dita, não é falada e, quando ela morreu, né muito se começou a se recuperar do trabalho dela, porque ela vai, mesmo antes da Neusa de Souza, né? Ela vai tentar compreender como é que esse racismo, e aí eu já entro no próximo tópico, né? Como é que esse racismo ele traumatiza tanto a sociedade brasileira e ela tá pensando o indivíduo, não como ela é González que tá pensando a neurose cultural, mas como é que esse racismo ele é capaz de traumatizar tantas pessoas, como você estão falando, de criar, por exemplo, esse divisionismo entre quem é mais retinto, quem é mais claro, quem tem o cabelo mais crespo, quem tem o cabelo mais ondulado, mas que não é branco, né? Esse é o primeiro ponto e, como é que esse processo, como o Kabengele falou né? Como que esse processo de racismo é um crime tão perfeito, que faz com que as pessoas não compreendam que são projetos de genocídio da população, a mensagem é esse processo, chegar e

exterminar não só a cultura, não só a ancestralidade, mas também a cor da pele, né? E eu tô dizendo isso porque, porque eu trouxe essa grande questão, né? Porque há muito em nós, e aí eu tô falando eu, mas queria ouvir vocês, há muito dentro de nós, a nossa psique, elementos da branquitude, alguns introjetados, como você falou ISC, pela cultura, outros como mecanismo de defesa, não sei se falaram isso na semana passada, sofrimento é tão grande ser negro que eu não quero ser negro, não é fácil, né? Ninguém quer sofrer, ninguém coloca a mão no fogo ali pra ficar queimando, então é um mecanismo de defesa, mas tem algumas coisas que pegam, e aí eu vou contar minha experiência e quero ouvir você sobre isso, aí H.C.F., você não precisa entrar direto no assunto, você pode retomar se você quiser, não tem uma ordem tá, essa coisa do colorismo, fica à vontade com sua narrativa aí, mas algo que me causa muito sofrimento, que fez, por exemplo, avançar no meu doutorado, um episódio que aconteceu com a minha filha né, claro que ao longo da minha vida, eu sempre senti todos esses racismos que vocês falaram né? Seja eles institucional, seja ele cultural, até mesmo religioso, por mais que tenha cabelo liso e tenha sido na universidade, Renato estudou comigo na universidade, as pessoas me chamavam de índio, né? Eu nunca senti isso forte, essa coisa do colorismo, de ser, até porque eu era muito maloqueiro, né R.S., aí acho que o meu lugar de ser maloqueiro, a gente sabe que ele é da periferia, negro mesmo, não tem jeito, mas o que pegou mesmo que aí eu falei “nossa, o negócio tá pegando” né? Que aí eu senti o peso e o trauma, como o racismo me traumatizou, quando a minha filha chega da escola e ela fala assim que ela chegou para brincar com as amiguinhas e as amiguinhas falaram para ela que ela podia brincar, ela falou assim, “vocês tão brincando do que” Aí as meninas falaram assim, “brincando de princesa” e ela falou “eu posso brincar?” Aí as meninas falaram “você pode, mas você tem que ser a babá ou empregada”, crianças de 5 anos, acho que teve duas coisas que me causou, me paralisou, né? E acho que paralisa, que eu fiquei identificado com ela, eu percebi o tamanho do trauma que tava dentro de mim, né? Eu não tinha dimensão, eu achava que eu conseguia enfrentar tudo isso, eu achava que eu estava na luta, mas quando eu vejo minha filha falando isso eu me identifico e fico imobilizado, não sei o que fazer, primeiro pela raiva, né? Depois por não ter mecanismo, não ter racionalidade para acolher a dor dela e trazer elementos para enfrentar isso, mesmo porque eu não tive isso, não aprendi isso, eu não tinha como ensinar, mas também é porque a professora chega e falou que percebeu que também ficou imóvel, não sabia o que fazer, e aí a professora me chama e fala assim “ah, seria legal, vocês fazerem uma palestra com os pais, para os pais conversarem”, eu falei, “mas isso não é problema nosso, racismo é problema de vocês brancos, vocês querem que eu ainda vou lá eu vou ensinar vocês como agir, eu não consigo”, minha esposa também falou que não tinha condições. E aí eu percebi, por isso que eu fui fazer o doutorado psicanálise, né? E aí por isso que eu recupero a Virgínia Bicudo, porque tem uma dimensão aí que é uma dimensão do trauma daquilo, o quanto que o racismo traumatizou a gente né? Traumatizou ao ponto de muitas vezes, na minha opinião, muitas vezes, não permitir, por exemplo que eu identifique alguém que tem a pele mais claro, o cabelo menos crespo, mais ondulado, que sofre a mesma violência que eu, e traumatizou ao ponto de criar um desejo desejo de corpos que não sejam os corpos negros, ou ao mesmo tempo de negar a possibilidade de escolha, ninguém tá obrigando você a se relacionar só com negros, mas o quanto que isso também e coloca uma barreira de escolha, por que eu não posso escolher? Tem uma questão importante

aí, então eu queria um pouco ouvir vocês assim, porque eu percebo muita coisa né, essa coisa da passabilidade que a H.C.F. traz né? Que a P.C.S. também, também me perdi muitas vezes nisso, quanto que deixar de ser maloqueiro e vestir um terno, me tratam diferente, né, fazer a barba, né? Então quando vou dar uma palestra eu faço a barba e desenho a barba, né? Eu sou tratado diferente, como se eu passasse por um outro grupo identitário, que não é o meu né? Mas eu tenho consciência disso, eu tenho consciência que naquele momento, para ser ouvido em determinados ambientes, para dar uma palestra, talvez eu tenha que me embranquecer, não no sentido interno, ou talvez até interno, agora pensando melhor, porque no uso das palavras, no jeito de sentar é mais as roupas também, né? Porque é uma forma também de usar a minha autoridade, de eu conseguir ser ouvido, né? Então há muito trauma, é muito trauma que esse racismo causa em mim e, causou e eu, no meu processo de descolonização, eu tento conscientizar esse trauma, não só as minhas sessões análise, mas também nesse trabalho que eu tô fazendo ouvindo vocês e podemos falar, coisa que não era comum que eu falasse com as pessoas. Eu falei isso um pouco para vocês também se sentirem à vontade, né? Vocês poderem ficar mais tranquilos aí e poderem ter essa troca, então não é só vocês falando, mas eu também falando, compartilhando com vocês a minha experiência, passo a palavra.

P.C.S., 40 anos - Você falando sobre trauma, Paulo, me vem muito a sensação que eu carrego comigo todos os dias que é de insegurança o quanto isso me afeta enquanto ser humano na totalidade assim sabe, em todos os aspectos, eu me pego muito insegura, muito insegura, justamente acho que por sempre ter a questão que a I... comentou, de não entrar no mercado com sacola grande, eu tenho a mania de eu nunca mexo dentro da bolsa, assim, quando eu tô no supermercado, quando eu to numa loja, não gosto de ficar fuçando, procurando as coisas dentro da bolsa, quando eu vou fazer isso eu procuro ficar no lugar bem assim, que eu fico em destaque para não chamar atenção, sabe? Antes eu percebia, né que os seguranças ficavam atrás de mim assim, de vez em quando algumas lojas, mas não me dava conta de que era racismo, e hoje eu sei que era né, então assim, em todos os aspectos, enquanto profissional, por circular no ambiente completamente brancos, de pessoas brancas, sabe em todos os lugares, quando eu vou jantar com meu marido em algum lugar, a gente gosta muito de viajar, quando eu viajo com ele eu entro em lugares, eu percebo os olhares. E aí agora eu já tô um pouco melhor assim, sabe, mas essa palavra trauma que o Paulo trouxe me remeteu muito a todas as minhas inseguranças assim sabe, o quanto isso me poda enquanto ser humano, em quaisquer lugares onde eu esteja sabe, no final de semana, no ambiente de lazer, ou no ambiente de trabalho profissional, ou no supermercados, sabe assim, então me traz muito essa questão da insegurança e o quanto eu tive que conversar sobre isso com a minha psicóloga também e, quando eu assumi o meu cabelo natural, quando eu parei de alisar, eu falei para minha psicóloga, eu falei “eu me sinto inadequada”, sabe quando eu vou trabalhar com cabelo assim, sabe porque justamente com cabelo alisado, entra a questão da passabilidade, né H.C.F., que o cabelo alisado eu tava, eu me aproximar um pouco mais estética branca, então eu me sentia mais segura, quando eu ia trabalhar e eu tava com cabelo alisado, né? Quando eu parei de alisar eu tive que lidar com essa insegurança e mais um desconforto que eu tive, que eu tive por muito tempo, de não me sentir ou me sentir completamente inadequada dentro do ambiente, quer dizer, sabe, né? Ninguém me falou

nada abertamente, mas tudo naquele ambiente me falava que o meu cabelo não combinava com aquele ambiente, então o quanto isso afeta a gente.

Paulo - P.C.S., 40 anos, deixa eu já perguntar, eu já emendar, acho que seria legal você trazer também assim, já que você já acessou, né? Essa essa parte né da sua parte da sua psique, que é como é que você tenta lidar com esse trauma sem retraumatizar? Como é que você tenta superar isso, como é que você faz, quais os caminhos que você usa, estratégias, enfim?

P.C.S., 40 anos - Eu tô tentando, dentro de mim e, com ajuda de, eu tenho um grupo de amigas que me ajuda muito, eu tô tentando dentro de mim desconstruir a coisa dos padrões também sabe, de quem falou que tem que ser liso o cabelo para ser bonito, né? Quem disse que pra ser bonita, tem que ter a pele clara, tem que ser magra, esse é um dos caminhos que eu tô tentando utilizar e eu leio, muitos autores tentando também, eu até postei outro dia no Instagram “descolonizar a minha mente”, né? E também estou lendo bastante sobre afrocentricidade, porque tudo para gente, é tudo a partir de uma visão eurocêntrica, tudo a partir de uma visão branca, europeia, masculina, então eu tô começando também a ler autores e autoras que falam sobre afrocentricidade pra tentar desconstruir sabe, tudo o quê fala para mim que o meu cabelo não é adequado naquele ambiente, aí eu começo a me perguntar de onde veio isso, quem falou sabe, quem? São, sei lá, as ferramentas que eu tô tentando buscar para tentar desconstruir isso dentro de mim, sabe quem construiu os padrões saber de onde que vem, né? O que é bonito, o que é feio, o que é o cabelo que é adequado, o que é inadequado, corpo que é adequado, do corpo que não é adequado, são essas perguntas que eu tenho feito para tentar me sentir mais segura, me sentir melhor comigo mesma.

H.C.F., 24 anos - Posso falar? É muito, não sei, é muito difícil falar sobre essas coisas assim, eu acho que eu concordo muito em relação a miscigenação, do colorismo, para mim são coisas que existem que machucam muito e, também diferenciam, umas propostas de diferenciar a gente, eu acho que conversando um pouco com teoria e é um lugar onde eu busco muito refúgio, a mestiçagem, mestiço etc., tem o espaço de não-lugar, que muitos autores decoloniais trazem, esse limbo identitário né, você não é preto o suficiente para ser negro, nem branca o suficiente pra ser branco, então você, muitas vezes não é aceita em nenhum dos espaços. E aí também entra esses lugares das dores individuais e acho que esses usos conscientes de mecanismos brancos, como você falou Paulo, por exemplo, de vestir uma roupa X para determinado ambiente, de como a estética é importante, tipo ela é mecanismo de dominação e ela mecanismo de resistência e, acho que usar mecanismos brancos, que às vezes a gente não percebe que tá usando, faz partes, mas eu acho muito interessante usar esses mecanismos como estratégia de lutas as vezes, tipo você quer passar uma mensagem, você sabe que vai ser difícil passar essa mensagem de tal jeito, infelizmente você vai ter que se embranquecer, mas no momento em que você passa a mensagem talvez alguém te escute, então como uma estratégia de resistência eu acho, não sei e como as referências são importantes, então eu falei do Alan King, e esse episódio que aconteceu com a sua filha, é muito dolorido tipo, e é muito louco, tipo a professora quer colocar, é sempre assim né, as pessoas negras tem que falar sobre o racismo, que não foi algo que a gente criou, tem que ensinar, tem que falar, tem que justificar, e a importância dessa referência né, temos, sei lá, a princesa Tiana, da Disney, como é importante ter essa referência pra essa

professora agir na hora né? “Não, óbvio que não, ela não precisa ser empregada ou babá, tem a princesa Tiana, por exemplo”, então é muito difícil, né? Porque às vezes a violência da difícil a gente explicitar elas, a gente fica sem reação acontece e também porque quando a gente aponta, vem esse negócio do minimim também, que aí, não agora todo é isso. Na verdade sim, tem tudo relacionado tipo, que nem a P.C.S. falou, nada, ninguém explicitamente, no espaço, fala que seu cabelo é inadequado, mas você sente, e tipo, é muito louco como essa apropriação do corpo, essas referências fazem diferença. Eu também recentemente comecei a mudar meu cabelo e eu olhando um pouco para trás como que minha relação com meu corpo ela foi mudando, a apropriação de mim e as coisas que antes inconsciente a gente tinha e não tinha, então por exemplo, talvez o Paulo vai lembrar, eu tinha uma única amiga negra na escola, a Gabi, e lá atrás de quando a gente começou a ficar amiga, a gente não entendeu porque que a gente se deu tão bem e, eu lembro de ter postado uma foto tipo, “ai, obrigada por compartilhar essa cor comigo” e eu não fazia ideia que eu tava fazendo, na época, nesse sentido de aquilombar, de ter alguém pra compartilhar as dores e as coisas e a gente conversa muito sobre todas essas coisas que atravessam, eu não sei, eu acho que eu sou uma grande defensora do coletivo, eu lembro que saí daqui também, na semana passada, muito indignada, como eu estava isolada, porque a gente vai sentindo as violências e eu acho que a gente vai guardando e, ouvir todo mundo falar me lembrou aqui, tipo, eu não tô sozinha, apesar da violência que, por exemplo, eu não me recordo explicitamente de estar num espaço e um segurança me seguir e isso é um privilégio talvez, que eu tenha, por causa da minha cor ser clara. Mas dos olhares muito sexualizados pra cima de mim que vem desse espaço de que tipo uma mulher mulata, desejada, de que homens brancos podem usufruir, homens negros podem ascender, então muito também da questão do sexismo, do machismo e como são duas formas estão muito implicadas, acho que é isso, algumas coisas que são compartilhadas nesse sentido de violências dessa sensação de silenciamento, que às vezes a gente se isola, eu acho que eu tento que buscar muito nas experiências, no coletivo, nas leituras, pra eu conseguir reagir das próximas vezes sabe? Então tipo, nos espaços, não sei também, que eu sou jovem, eu tô com uma política de incomodar, sempre frequentei muitos espaços brancos, de certa forma sempre apaguei minha negritude e ultimamente eu tô querendo explicitar ela, apesar de estar nesse limbo do não-lugar, ao mesmo tempo, como estratégia de poder ter dignidade, de um dia de espaço para mestiço no Brasil, por exemplo, porque realmente, são realidades que tem muitos compartilhados, mas não são as mesmas. Quando a gente fala disso da mestiçagem, ou de uma branquitude e negritude, mas enfim, não sei, muito difícil fazer esses conhecimentos, esses discernimentos, e perceber, por exemplo, que quando eu to num espaço com meu pai, que também é um homem negro, como a gente é tratada de uma forma diferente de quando eu to num espaço com a minha mãe, que é uma mulher branca e em vários sentidos assim, como muitas vezes as pessoas são mais violentas com a gente, ou como às vezes fica mais explícita a violência comigo quando eu tô com ela, enfim. É complicado, acho que bagunça muitas coisas assim, mas acho que é isso, se não vou ficar devaneando aqui.

R.S., 44 anos - O Paulo, quando você falou da questão da N., dessa situação e da postura que a professora teve, eu acho que eu me vi nesse lugar muitas vezes assim, ao longo de ano, projetar nas pessoas que sofrem a violência a solução para violência, é uma coisa muito

muito maluca da sociedade branca, que faz parte justamente de culpabilizar, as situações ocorrerem justamente pela condição em que elas estão, acho que tem um, isso é uma forma de, não é o mesmo processo em várias proporções, mas é você culpabilizar a vítima pela própria violência e você fazer, fortalecer, exigir que soluções sejam feitas pelas pessoas que sofrem a violência, isso é uma coisa muito muito maluca da nossa sociedade em que você, inclusive você exige que o coletivo responda isso de uma forma, né? Crie os seus mecanismos de estrutura de resistência para fazer com que a sociedade aprenda com isso, né? Então você tem que me, quantas vezes eu já não ouvi isso de amigos brancos, homens brancos, “me ensine, me ensine, me ensine” eu falei, muitas vezes, devo ter falado muitas vezes ao longo da minha vida também isso. E como esse não reconhecimento do indivíduo, tipo não interessa o trauma sobre a família, não interessa o trauma sobre quem sofre a violência, interessa o trauma que a sociedade sofre com relação a isso, então eu enquanto escola, instituição, tenho que aprender isso, eu estou tocado pela pela violência que nós estamos gerando porque é uma construção social, isso é muito doido. Isso é muito doido na própria organização, a própria instituição não reconhecer que ela é parte dessa violência, que ela pratica essa violência e que ela joga para as costas da família, caralho bicho, isso é bizarro cara, é bizarro assim, bizarro, isso para mim é algo que, para além das questões é que você colocou, a formação dessa estrutura, dentro do trauma., não só teu, mas também da N... e da M..., acho que você vê a postura que a escola tem, que a professora tem, na própria ignorância da nossa sociedade enquanto a sociedade brasileira violenta e, desculpa cidade da branquitude, perdão colocar dessa forma, mas a branquitude não se entender nesse lugar também, né? A branquitude ela não consegue, ela não entende que ela que é a geradora desse rolê violento, aí eu vou só puxar uma coisa que eu fiquei a semana inteira com isso na cabeça, que eu não quis levantar uma semana passada quando H... falou, eu tava falando da questão da branquitude ter esse lugar, né? De se tornar dono das coisas e a H... falou “não, isso não é uma questão de ser dona é uma questão de se apropriar das coisas, de roubar as coisas” assim, eu fiquei de ficar assim e olhar para a cara da H... e falar assim “é desculpa, H..., é isso mesmo, você tem razão” eu fico com isso a semana inteira, fui dormir com isso na cabeça na semana passada e precisava colocar aqui. Acho que é isso, essa questão, inclusive de enquanto é confortável roubar e quando a confortável cobrar, acho que isso é muito doido, jogar nas costas de quem sofre a violência para arrumar a solução, então tá bom, então, você mostrou a política pública, faça seu movimento, eu vou ficar esperando aqui para ver se a gente concorda tá? Muito me parece esses roles.

Paulo - Sabe R.S., acho que eu vou trazer uma outra contribuição em cima dessa fala, que é o que eu tô estudando muito né? Qual que é o problema da branquitude, né ela conseguir lidar com o racismo, né nesse movimento antirracista, a branquitude, ela na verdade internaliza uma culpa e o problema da culpa é que a culpa ela não gera responsabilização, então quando a Grada Quilombo ela fala sobre isso, ela vai falar o seguinte, né? Psicanaliticamente, na nossa, nosso próprio movimento de análise, culpa, ela funciona muitas vezes como processo de re-traumatização, então é isso que você falou, quando a escola chama a vítima né para ir lá expor normalmente, ela não tá lidando com o trauma, ela tá re-traumatizando a vítima, né? Então criando outros traumas, um em cima do outro, né? E isso é muito fruto da branquitude carregar culpa, e no nosso processo de análise, percebi que

quem já fez terapia, ou faz, ou vai fazer, percebe que a culpa imobiliza, enquanto você não se responsabilizar não há reparação, a reparação só funciona com a responsabilização e isso é muito difícil, primeiro que a branquitude nunca precisou se responsabilizar, sempre viveu o privilégio. Enfim, queria ouvir você também, mas a gente vai cair, não sei como é que tá o tempo de você aí para voltar e enfim, se vocês tiverem mais um tempo pra gente ouvir a lone, a gente analisa.

Y.S.C., 62 anos - Eu tenho tempo, não sei os outros, né, mas eu vou falar assim,

Paulo - Melhor a gente cair, vamos cair primeiro porque aí a gente vê tá bom?

Paulo - Se quiser, Y.S.C., 62 anos, pode contribuir.

Y.S.C., 62 anos - Eu não lembro bem qual era a sua pergunta, só fiquei com isso na mente, como é que, como fazer para não re-traumatizar, mas para mim, é uma coisa que eu pensei em falar, no meu caso, eu lembro que isso se refletiu nesse não-lugar, que eu acho que o preto, preto mesmo, também não tem né, do ponto de vista existencial, ele não tem, o que ele tem e o que o banco ofereceu e criou para ele, porque ele perdeu totalmente as raízes lá, e daí o que foi construído. Então eu acho que essa negritude, essas coisas mais de raiz é o que foi construído mesmo, né? Não a partir de lá, de uma base ao mesmo e, foi agregado de outras coisas, né? Mas enfim, eu acho que a situação do mestiço é pior, né? Pelo menos no meu caso, porque eu sempre vivi nesse não-lugar, nem aqui nem lá e, eu vivi isso na minha família, então eu vivi isso em várias situações, eu nunca me senti em casa na universidade, por exemplo, como outras pessoas se sentiam, nunca me senti. Apesar de ter feito vestibular, apesar de eu ter passado, apesar de eu ter..., mas eu não me senti “não, eu tô aqui”, tanto que isso refletiu de uma forma, eu gostaria de ter continuado, principalmente na área de história, gostaria de ter continuado na academia, mas não consegui, nunca me senti isso, nunca autorizei a fazer, nos relacionamentos também, né? Eu sempre tive essa dúvida “ele tá comigo porque eu tenho bunda grande, eu tenho essa cor”. Acho que tá dando eco né para H..., “ele tá comigo porque eu sou mestiça ou ele realmente gosta?”, então isso refletiu todos os meus, e eu fiz ficar sozinha, né? Tenho alguns relacionamentos, mas nunca apostei nisso, da mesma forma que eu não apostei numa carreira acadêmica, da como eu não apostei em várias outras coisas que eu fiz, apesar de ter me dedicado bastante, apesar de ser capaz, mas eu nunca me autorizei a ocupar esse lugar, eu só fiz isso com a psicanálise e a partir do diva, do que eu trabalhei disso no divã e, só pra ilustrar, não sei se eu tô sendo clara, a minha irmã é 2 anos mais velha que eu né? Ela sempre teve o cabelo muito ondulado e ela sempre, ela nunca alisou o cabelo, né? Porque minha mãe branca, isso é uma coisa que a H... me falou, né? A minha mãe, completamente branca, ela sempre esteve ali para gente, o meu pai preto é ausente por completo, né? Eu nem cheguei a conhecer, mas a minha mãe branca estava sempre ali, né na defesa enfim e deu recursos também, então eu soube sempre me defender e me colocar, mas internamente eu nunca me autorizei a ocupar esse lugar de pessoas existentes mesmo, né? E isso se viu através dos relacionamentos, através da profissão e eu só consegui começar a atender dentro da psicanálise, quando eu comecei a, eu fiz algum tipo de elaboração e, aí eu consegui ocupar seu lugar, de psicanalista e tô conseguindo e me sinto à vontade, mas quando minha irmã se casou, ela tinha uns 17 anos, ela engravidou, se casou tal e, nessa época, eu tinha, sempre a minha irmã como meu grande

modelo e eu me sentia muito deslocada, né? E eu ia trazer isso para ilustrar, eu fiz na época, década de 70, final da década de 70, eu fiz aquilo que o pessoal chamava de permanente, eu quis deixar o meu cabelo igual ao da P..., pode ser que o que quisesse ficar igual a minha irmã, porque a minha identificação com ela é muito grande até hoje, né? E aí a pessoa que fez, ela não sabia fazer, porque era um salão, a minha irmã tava muito lá, ela fazia muitas coisas lá, mas a pessoa não soube fazer e o meu cabelo queimou todo e não ficou como da P..., mas ele ficou todo queimado, né? E então eu tive sempre nesse lugar, procurando onde encaixar e sempre assim, hora de um lado do muro, hora em cima do muro, do outro lado do muro, então a questão que eu consegui me autorizar a levar para o meu divã, o sofrimento psíquico, a partir do racismo que eu sofria, foi só a partir do pode mesmo, né? E a partir de uma, que eu me autorizei, não que eu não soubesse disso, né? A partir de uma, eu assisti uma amiga minha, psicanalista, apresentando a tese de doutorado dela, ela é preta, né? Ela ficou na academia, ela tem um cabelo, né? Mas ela é um pouco também, um pouco mais clara e o cabelo não é tão duro, né? E ela fez a tese de mestrado, não sei se você conhece a Miriam Santos, ela fez na USP, ela fez psicologia e ela é psicanalista também e, ela fez um trabalho com quatro mulheres negras e ela foi defender a tese de doutorado dela e eu assisti, ali, vendo talvez a audiência, que é muitas mulheres negras, negras mesmo, né? Todas produzidas, lindíssimas, né? E assim como a P... né? Eu tive vergonha de abrir a câmera, porque eu falei assim “gente que mulherada linda, maravilhosa, como é que elas conseguem né?” Aí eu comecei a puxar isso, né? De que não, o divã tinha que trazer a questão do racismo, né no meu divã, apesar da minha formação, eu levei para minha formação a Virgínia Bicudo e alguns professores já conheciam, mas nunca foi trabalhada lá e, até hoje não é, apesar de o lugar que eu fiz a minha formação, tô lá ainda, ser bastante aberta, uma das pouquíssimas que aceitam pessoas que não sejam psicólogos, que não sejam médicos, que foi o caso, que é o meu caso e que foi o caso da Virgínia, né? Porque a maioria, inclusive as associadas a sociedade brasileira, eles não aceitam, tem que ser médico psiquiatra, psicanalista, as sedes, inclusive, acho que até podólogos eles aceitam, mas alguém da área da saúde, se você não for da área da saúde e você não é aceito. Enfim, mas o que eu queria trazer essa forma que se refletiu, foi a forma da falta de um lugar, mas na forma de o não pertencimento, a não aceitação, a questão da falta da, a questão da rejeição, a questão da exclusão, né? Então essa é foi a forma que eu sempre senti o sofrimento, né da não aceitação, da não inclusão e ao contrário de ficar sempre a parte, né e na minha família e isso também se refletiu por que a maior parte é branca, né? E tem muitos, minha avó era cabocla, mas era muito branca e enfim, mas também por outras coisas eu senti esse, ficar nesse lugar do excluído, né do que não é aceito porque tá fora dos padrões, então como eu sempre fui muito crítica, fui muito rebelde, nunca aceitei as coisas, né? Eu também não aceitei aquilo que é exigido da mulher, né? Então eu nunca quis casar, isso, assim, é muito antigo, eu lembro disso, eu estudava numa classe com quarenta normalistas, 39 estavam prontas para casar, e trabalhando pra casar e para mim era claro que eu não ia casar, eu não ia ter filho, não quero ter filho e isso tem, claro que tem raízes muito mais anteriores do que a minha, os traumas inconscientes que eu tive, muito anterior também lá do nascimento, mas eu acho que a questão do sofrimento psíquico com o racismo ele vai se juntando a isso, então existe aquela falta primordial, claro é fundamental, e a falta que vai resistir sempre, mas a falta de aceitação do

geral, da minha família, da minha mãe, enfim, de tudo, se juntou essa esse não-lugar, né? Esse não reconhecimento de não ser vista e, de alguma forma, minha irmã trabalhou melhor isso, ela se fez ser vista e outras coisas, ela não teve que ela saiu de casa e saiu de São Paulo e veio para o interior, com 17 anos, e aqui é diferente, né? Então ela não sentiu tanto isso por causa dessa sutileza, e os meios também eram todos muitos brancos e ela só começou a ter mais consciência e ela é muito bonita, então ela é mais aceita, ela tem, de certa forma, esse privilégio, né que a gente chama de privilégio, a partir do Floyd também que ela começou a identificar algumas coisas que ela passava no poder judiciário e ela sempre fez a opção por ser autônomo também, por ser profissional liberal e teve muito sucesso nisso e por causa da competência também, ela é muito competente, mas voltando para mim, né? Então eu só me senti autorizada, inclusive a cobrar dos meus professores a questão do sofrimento psíquico e também do meu analista pessoal a partir do Floyd, do caso Floyd, né? E também a trazer pro divã isso né? Para que o meu analista, e a princípio eu não fui tão explícito percebi alguma coisa, né? E o meu analista disse que isso era psicologia social, porque eu trouxe a tese de doutorado, como eu tinha me sentido ele, e ele falou assim “não, l..., isso e psicologia social tal”, foi a primeira reação, antes disso essa sensação que eu tinha era trabalhada muito como paranoia, como a P... falou, até hoje e assim, eu entro numa farmácia, nessas farmácias, grandes farmácias que não tem balcão, que tem uma série de gôndolas, a primeira coisa é o segurança vir atrás de mim, isso é claro para mim, mas esse sentimento, que é classificado como paranoia, né? Eu não tinha insegurança, eu me sentia perseguida, muito pode ter disso do racismo, e agora que eu tenho consciência. E no divã é trabalhado como paranoia, mas lá para frente, eu acho que o meu analista se deu conta também, ele é branco, ele é homem né, uns 40 anos, mas ele atende também no serviço público, então ele atende bastante pessoas que não são brancas, né, mas lá para frente, depois ele me falou “não lene, eu sei você sofreu muito, né?” Ele reconheceu isso porque podia ter alguma base mais concreta que não só uma paranoia de um neurótico obsessivo, né com traços de psicose. Então é isso, eu acho que isso se refletiu mais nisso de reconhecer, eu tenho meu lugar sendo quase branca, quase negra, não sendo casada, não sendo destra porque eu sou canhota, não sendo, enfim uma série de outras coisas que eu sou fora do padrão, né? Eu tenho meu lugar e, eu agora eu posso continuar trabalhando sobre isso e elaborando isso, mas é o processo e eu acredito também que é um processo disso, dos próprios pretos, né, não reconhecerem a mestiçagem e verem a mestiçagem como negação, mais uma negação do preto né? E existe esse trauma também, eu acredito que isso também vai ser elaborado. Enfim, eu acho que é isso, não sei se eu fui clara, né? Mas isso tá mais reelaborado em mim a partir da diva e eu sinto que os caminhos estão se abrindo como se abriram para mim né, na minha formação, a gente já teve uma aula sobre psicanálise e racismo e é um caminho, é um caminho, eu acho que a elaboração vai vir, não vai se de forma consciente, não vai ser de forma cognitivo, né? Porque não é, mas vai vir na forma de, essa inclusão vai vir na forma de uma elaboração, e também da branquitude, né? Eu acho que foi um passo a sua professora ter percebido isso, porque aqui eu tenho casos, né? Eu tenho amigas, as próprias mães pretas não percebem isso, que os seus filhos estão passando por isso, os filhos que têm bolsa integral em escola de brancos, elas não percebem isso, nem os professores percebem isso.

Paulo - Bom gente, eu queria agora, mas já passo pra você H..., que a gente fizesse uma rodada aí de despedida e assim, que vocês falassem, como é que foi essa experiência do jeito que vocês se sentiram à vontade, o que vocês quiserem falar, tanto se mexeu com alguma coisa, se despertar alguma coisa, se aprender alguma coisa, se conseguir falar de alguma coisa que tava lá em que não tinha percebido, ou se quer falar alguma coisa que não foi falado aqui e queria trazer, é bem livre agora esse momento né? Acho que eu vou começar, eu acho que o que eu aprendi aqui, né foi o quanto que esse diálogo, por mais que eu tivesse um roteiro de várias perguntas, essas perguntas foram caindo, né? E acho que isso faz parte porque eu tinha essa proposta também de deixar um pouco, ver o que tava na cabeça de vocês e acho que super rolou, assim, uma foi puxando a outra, que foi puxando outro e tal, eu acho que isso foi muito bacana, acho que apareceram temas aqui que eu não tinha me preparado para trabalhar, mas isso é muito bacana da pesquisa, quando vem coisas que não estavam ali nas suas hipóteses né? Qualquer maneira, eu acho que a minha grande hipótese, ela acaba de uma certa maneira se confirmando, eu tô usando, acho que um referencial não tão contemporâneo, mas que é sempre atualizado, que é Jacques Lacan, o Lacan fala que talvez que nós estamos buscando é a morte do sujeito, a de sujeito enquanto aquele que é sujeitoado, aquele que é construído pela sociedade, e que nós fomos construídos pela sociedade. A questão é se a gente dá conta de matar esse sujeito que foi construído socialmente, a gente não sofrer por ele, não ser subjugado por ele, não ser colonizado, porque esse sujeito, ele é um sujeito de uma época como dizia Lacan, existe uma subjetividade de uma época, como enfrentar a subjetividade? Como enfrentar esses vários traumas que nos atravessam, seja pela negritude, pelo machismo, pela classe social, pela nacionalidade. Enfim, então quero agradecer vocês, foi muito muito bacana, desculpa se eu ficar um pouco formal demais, e R..., ouvir vocês e muita loucura, muita coisa que vai assimilando, porque eu conversando com vocês, mas entrevistando as pessoas e tentando juntar isso, escrever, então é uma elaboração muito complexa aí e depois vou para minha análise, levo várias coisas estão fazendo e enfim, é muito, muitos dos processos me atravessando. Então é isso quero agradecer, e quero ouvir vocês aí, nos finalmente.

H.C.F., 24 anos - Bom, sobre os encontros e tudo mais eu gostei muito, me trouxeram vários questionamentos, várias reflexões também, eu saí muito indignada da última reunião, tipo muito frustrada com a violência que é o racismo, acho que eu to falando muito do coletivo, porque muito das minhas elaborações, elas passam pelo pelo individual, eu acho que sou uma pessoa muito privilegiada, porque eu faço terapia a muitos anos já, apesar de ser nova, então acho que eu consigo elaborar a algumas coisas com um pouco mais de consciência, pelos anos que eu tenho trabalhado essas coisas, mas tipo como eu sempre volta para o coletivo como resposta, eu acho que a insegurança e a dor das violências e dos traumas, eles também ele silenciam mas não só por ser violento e querer silenciar, mas acho que de certa forma também é introjetado uma parcela de culpa na gente, como se fosse culpa nossa de tá no lugar errado. E aí silencia nesse espaço falando da culpa branca, você falou da culpa branca e Paulo, gera não reação, acho que nesse sentido essa culpa também, completamente diferente óbvio, talvez esteja comparando coisas estranhas, mas acho que nesse lugar de tipo, “você tá no lugar errado, a culpa é sua de você tá aqui não...”né? De culpabilizar os corpos negros de estarem em espaços, que eles deveriam estar, faz com que a gente fique

um pouco silenciado, um pouco não, muito. E como é difícil, acho que toda vez que entro nesse debate de racialidade, racismo e violência, tal, a gente acaba tentando organizar as coisas e acho que um dos caminhos que a gente tenta é hierarquizar as dores da violência e eu acho isso muito difícil assim, em muitos sentidos. Eu acho muito difícil quando a gente tenta fazer isso, ao mesmo tempo que eu acho válido, porque é um jeito da gente tentar entender, então eu acho que não tem escapatória, é muito difícil. Queria trazer um episódio, rapidinho se vocês deixarem, que meu pai e minha madrasta sofreram recentemente no bairro, acho que é um negócio interessante, eles moram num bairro rico e minha madrasta vem de uma família branca com muito dinheiro, com muito respeito, tem um nome ali, e meu pai não tem nada, pensando nessa questão social, e o debate da racialidade em casa veio meio de mim, do contato que eu tive com as coisas na faculdade e das minhas inquietudes de tudo assim, tem uma referência de uma professora negra maravilhosa, muito foda, que é Gislene dos Santos, ela é muito boa, então ela me adentrou em muitas portas de questionamentos teóricos, e eu que trouxe em casa, tipo, “olha, eu não sou branca”, lembro que foi um processo, que meu pai se sentiu muito violentado quando eu falei isso, ele falou “como assim”, ele falou “eu sou branco”, ele é mais escuro do que eu, eu fiquei tipo “não, você não é” e é muito ruim assim tipo, essa questão de apontar também, eu lembro que a gente, é sempre alguém apontado pra você o que você é, o que você não é, né? É muito difícil autorização de você dizer o que que você, enfim. Várias coisas acontecendo, e aí recentemente o que aconteceu foi, a gente é do circo também né, a gente tem uma carreta, é um negócio que fica atrapalhando a rua e, vira e mexe meu pai tem que mudar para não tomar multa, um dia ele mudou pra casa de um cara, bem clássico assim, velho, branco, chato eu acho que é dono de tudo e ele é da associação do bairro. E aí quando meu pai foi colocar lá o cara foi pra cima do meu pai, começou a discutir começou a falar que meu pai não tinha direito de colocar as coisas lá, apesar de ser um lugar público né, ele tava colocando na calçada, ele não tava na frente ... e começou a falar que meu pai não tinha direito de estar lá, não tinha direito de estar fazendo essas coisas, aí chegou a mulher dele, começou a ser super agressiva também, derrubou umas coisas do meu pai e meu pai ele virou e falou assim, “eu to fazendo alguma coisa ilegal?” porque o cara ligou para polícia, porque ele tinha número pessoal de ligar pra polícia, os cara da polícia gravando tudo e falando pro meu pai “você não sabe quem eu sou, eu vou pegar todo mundo que eu conheço, vou transformar sua vida num inferno, tira isso daí”, aí meu pai perguntou “mas isso que eu tô fazendo é um crime?” ele falou “sim, você tá incomodando” vários níveis assim de racismo, agressividade, violência, meu pai chegou em casa e contou para minha madrasta, tipo só comentou “mano, você não sabe o que acabou de acontecer comigo”, minha madrasta é uma pessoa incrível que vem constantemente olhando para isso e entender o lugar dela de branca também, então é um embate que tem bastante em casa, ela saiu na rua para tretar com o cara também, aí o cara ameaçou ela, falou também que ia tipo, fazer a vida dela um inferno, não sei o quê, e aí ela ela voltou para casa contando isso e ela falou que a coisa que mais doeu nela foi quando ela deu uma carteira e, eu achei isso incrível na verdade, que ela como uma mulher branca, tendo os espaços dela, ela olhou a violência desse cara e o cara fez um boletim de ocorrência falando que a gente tava incomodando que não sei o que, imediatamente, imediatamente ela resolveu fazer um boletim de ocorrência dizendo que eles estavam sendo ameaçados, como

ela se sentiu autorizado para fazer essas coisas e aí o cara falou que ia acusar alguém, aí na hora de acusar alguém ela logo falou “pode me acusar, F... M...” que é o sobrenome dela, ela deu uma carteirada da branquitude num cara branco contra uma coisa que tava sendo muito racista e, eu achei isso muito incrível, realmente vendo dela como uma aliada nesse sentido, sabe, de também saber usar os mecanismos de branquitude nessas situações. Eu queria compartilhar só, enfim e como ela também conseguiu muito tipo nomear as coisas e, o meu pai não conseguiu tanto nomear na hora que ele foi contar as coisas, ele não conseguiu trazer o nome do que foi tipo, se era racismo ou não, meu pai conseguiu falar para o cara assim “é tem duas soluções né, ou um mudo de cor ou eu mudo de bairro” e aí o cara virou e falou assim “é, exatamente” tipo mandando mensagem clara, só que meu pai não é de contar não conseguia nomear e minha madrastra conseguia, então como isso traz vários traumas né? Tipo de poder falar, gente poder citar, que é muito doído, coisas que aconteceram na vida dele e ele não conseguir falar, e acho que também, eu falei assim que eu tô no momento de querer incomodar, acho que é nesse privilégio também de poder estar elaborando isso a um tempo, que eu tô nesse meio que nesse movimento assim, tipo de não ligo muito para o que você tá pensando, eu vou entrar em espaços brancos com a minha negritude que você vai questionar, porque eu sei que você vai questionar, porque eu to nesse lugar de mestiça e, se incomoda aí tipo, eu tô muito feliz em movimento, fica aí à vontade com seu incômodo que eu tô aqui muito bem, tranquilo, tenho meus espaços, tenho minhas amigas que eu posso escolher, não significa que eu não tô machucado, me machuco, acho mas eu acho que eu não quero me silenciar por essa dor individual sabe e esse espaço de trazer para o coletivo é, alguma forma, é pegar essa dor individual que tanto nos paralisa e tentar transformar em alguma outra coisa, como essas referências também são muitos importantes pra mim assim, ver mulher Rei, do começo ao fim é um absurdo. Enfim, já me estendi demais e, queria agradecer muito e acho que essas reuniões me lembraram do quão me deram vontade de voltar a estar mais ativa no coletivo, de compartilhar, de estar compartilhando não só dentro do meio, que é um meio colonial, que já tá pensando isso a muito tempo, de sair desses espaços de compartilhar com a vida real, então queria agradecer também, porque me deu essa, reacendeu essa luzinha. É um prazer enorme conhecer todos vocês e saber um pouco da história de cada um, por favor vamos dividir as coisas que a gente falou de referência e tal, acho muito importante isso, obrigada.

Y.S.C., 62 anos - A minha internet tá um pouco instável, então não sei se, aí vocês me falam tá? Eu até desliguei um pouco o vídeo, se vocês não estiverem ouvindo alguma coisa. Bom, eu gostei muito, eu gostei muito do convite, eu fiquei um pouco apreensiva a princípio, né? Essa minha paranoia está sempre presente, né? Tô sempre com as antenas, mas eu gostei muito, né da experiência, eu agradeço por você ter oferecido essa oportunidade e eu fiquei bastante surpreendida, né? Acho que um pouco isso que a Helena falou, eu me senti mais acompanhada, não me senti tão solitária, né? Mesmo esses movimentos, esses momentos de pandemia, né que a gente acabou se isolando mais, mas de certa forma, eu sempre me senti muito isolada, né? Por isso né? Por não me reconhecer aqui nem lá, não ter muito com quem compartilhar essas coisas né? E aqui eu me senti assim, né? Eu me senti em casa e vindo as meninas, ouvindo você Paulo, ouvindo o R.S também, que é uma outra situação, eu acho que contribuiu muito para mim, não só por eu me sentir acompanhada, mas por saber

que eu compartilho muitas coisas que eu acho que eu não compartilho, que eu não tinha muita consciência, mas eu compartilho sim, né? E também, me trouxe mais duas coisas novas, diferentes para mim, né? Que foram descobertas, né? Uma aí que você falou agora em relação ao trauma e o re-trauma, né, que para mim é uma questão bastante importante, não só para minha análise pessoal, mas também pras pessoas que eu atendo né, que não é o meu foco, mas eu como eu trabalho com projeto social, eu estou atendendo bastante de pessoas coloridas, né? Então isso é uma, foi algo que eu já sentia, já percebia, mas você trouxe um nome foi bem legal e, aí eu pelo menos eu botei um caminho, pelo menos em relação a mim principalmente, nessa coisa do trauma, mas também com, ouvindo a P..., mas principalmente a H... também, de certa forma, atualizei a questão do sofrimento, fiz uma atualização psíquica com todo com esses nossos encontros, mas eu fiz também uma atualização, por assim dizer, acadêmica, teórica, a respeito de como está a questão do racismo hoje, a H... trouxe alguns temas, alguns olhares, que são diferentes da minha época, né? De quando eu tava mais ativa, né e, inclusive, eu entendo mais agora o professor quando eu falei de mestiçagem, né na aula e ele se revoltou tanto, eu também percebo isso, que pode ser, se eu tivesse usado outro conceito, né? Não mestiçagem, né? Que é da minha época e eu preciso atualizar isso e, eu uso mais do ponto de vista da história e, quando o Paulo trouxe colorismo, que é o que eu já tinha ouvido, não é novidade, eu acho que isso também é uma forma de você atualizar e trabalhar a questão de uma forma mais não branca, não tradicional, não tanto Caio Prado Júnior, né? Não tanto década de 50, década de 60, de como a mestiçagem foi trabalhada né, de forma acadêmica, então eu acho que isso me enriqueceu bastante, né e conhecer vocês, né conhecer P..., H..., R... que trouxe as questões da do homem branco, né? E também a sua pesquisa Paulo, porque na minha perspectiva aqui isolada, né? Não está acontecendo muito, mas eu acho que deve tá sim, pela minha amiga, você, eu já fui convidada por outras pessoas também, para fazer mais ou menos isso que você tá fazendo em outros temas, né? E então isso me traz mais esperanças, uma coisa que eu nunca acreditei, esperança, né? Eu tô começando através do divã também e, também acho que do momento histórico que a gente tá vivendo no Brasil, a esperança começou a ser mais uma realidade para mim, que nunca acreditei nela, né? Nunca trabalhei com esse conceito, nem teoricamente, nem psiquicamente nem nada né? Então é isso, eu acho que eu fiquei muito enriquecida com vocês.

P.C.S., 40 anos - Vou falar rapidamente por que vai cair de novo, né Paulo? Só queria agradecer a oportunidade, eu tô estudando e lendo bastante sobre negritude e branquitude, sobre racismo e achei que foi uma oportunidade muito rica de troca e de conversa e de conhecer vocês. Obrigada gente, boa noite.

R.S., 44 anos - Então, um salve, é isso. Eu fiquei muito muito grato, Paulo, pelo convite e também de me sentir provocado a repensar algumas questões, várias questões, na verdade, que eu tenho debatido com muitas pessoas sobre branquitude também, sobre negritude e é isso, espero que seja, que a gente se reencontre aí nessa barca da vida.

Paulo - Muito obrigado, gente. Eu vou mandar o contato de vocês para vocês mesmo, pra vocês poderem trocar também, tá bom?

H.C.F., 24 anos - Paulo, posso só te fazer uma pergunta?

Paulo - Diga.

H.C.F., 24 anos - Por que não Fanon?

Paulo - Fanon também é um dos referenciais. Depois eu vou te mandar o referencial todo.

H.C.F., 24 anos - Eu gosto.

Paulo - Aí tem a Izildinha, que é uma das, acho que é a grande...

RODA 02_Conversa com Pessoas Brancas

1º Dia de roda de conversa_2_Parte_01_28_09_2023_20h (4 mulheres G.D., 48 anos; R.F., 49 anos; C.T., 35 anos e D.T., 48 anos)

Paulo Edison - Quem quer começar começar?

G.D., 48 anos - Posso começar, boa noite, me chamo G., tenho 48 anos e autorizo o uso da minha imagem pra pesquisa.

R.F., 49 anos - Eu sou R., eu tenho 49 anos e eu também autorizo o uso da minha imagem.

C.T., 35 anos - Eu sou a Camila, eu tenho 35 anos e autorizo o uso da imagem pra pesquisa.

D.A., 48 anos - Boa noite gente, tenho 48 anos e também autorizo a divulgação da imagem, do conteúdo.

Paulo Edison - Ok, então muito obrigado, só para vocês entenderem minha pesquisa, é uma pesquisa que relaciona antropologia e psicanálise, então a ideia aqui é a gente poder conversar um pouco sobre o que é o racismo, como é que vocês vivenciam isso na prática e efetivamente quais são os efeitos. E aí vou fazer um bloco de perguntas, vamos fazer uma rodada e, aí depende do que vier no dia de hoje, no segundo dia a gente trabalha com as imagens, sim ou não? Aí vai depender um pouco de como é que é a dinâmica da própria conversa, então acho que pra gente começar, a gente pode começar a rodada com a pergunta geral, o que é o racismo para vocês?

R.F., 49 anos - Bom, pode ir então? É, pergunta complexa, bom racismo é a discriminação do outro em função de características fenotípicas, cor da pele, cabelo e um conjunto de características fenotípicas, é a crença de superioridade de um grupo em relação a outro a partir dessas características fenotípicas.

G.D., 48 anos - Posso falar? Eu concordo com a R.F., 49 anos, é exatamente, assim que eu vejo também, que eu entendo, que eu compreendo, é a discriminação em função da cor da pele e, subentendidos a isso, obviamente, a superioridade de um outro grupo.

D.T., 48 anos - Também penso assim como elas, acho que é uma estrutura perversa, de desumanização em nome dessa superioridade, de um grupo sobre outro, levando em consideração a cor da pele, mas o que mais me vem à cabeça quando você faz essa pergunta é que é um processo arquitetado historicamente de desumanização.

C.T., 35 anos - Um pouquinho nesse sentido que a D. trouxe, é uma estrutura social, uma estrutura que separa brancos e não-brancos principalmente, nessa estrutura, e aí a partir ne, dos fenótipos, mas que vem sendo uma estrutura da sociedade, organizada desse jeito para gente atuar e viver isso.

Paulo Edison - Muito obrigado, agora outra pergunta: o que é branquitude para vocês?

C.T., 35 anos - Posso começar, pra mim, eu acho que branquitude é ter entendido que apesar de ter uma série de dificuldades financeiras, sociais, ainda assim, a cor da minha pele fazia com que eu tivesse uma série de oportunidades, que depois, muito tempo depois, eu fui entender que outras pessoas, talvez até com melhores condições econômicas e sociais que

as minhas, mas não tinham as mesmas oportunidades por causa da sua cor de pele, isso foi o que eu entendi da branquitude.

G.D., 48 anos - Posso falar? Pra mim, eu sigo aí esse percurso também, C.T., 35 anos, mas eu coloco numa posição privilegiada de família até economicamente, então é um histórico de nunca, de ter visto a branquitude, ter percebido a branquitude com privilégios e com... ter a vida inteira convivido com brancos, na verdade e, ter começado um processo de questionamento a uns anos já, em função disso e de achar, de sempre ter achado né, to falando de adolescência mais, início da vida adulta, não ter olhado para isso e isso vem muito para mim, muito são das discussões atuais, né atualizada e de perceber que eu pertencia a um grupo em função da minha cor mesmo, que muitos privilégios eram em função da minha cor no Brasil, né? Digamos assim, porque no exterior essa branquitude é questionável aí e, aqui é isso, o clube que eu frequentei, os lugares que eu saía, a escola que eu estudei, eu nunca tive um amigo negro, né? Essa que é a verdade e isso começou, foi muito questionado por mim a ponto de não ser mais sócia do clube que eu frequentei, de promover algumas mudanças significativas na minha vida por conta dessa concentração que já vem de uns bons anos.

R.F., 49 anos - O meu comentário vai opor, vai se eu for um pouco ao que a C.T., 35 anos falou, porque eu acho que a branquitude falta de consciência desse privilégio, não é você se dar conta desse privilégio, mas é a falta dessa consciência assim então, tipo, o mundo normal é o mundo branco, nossos amigos são naturalmente brancos, nossos professores são naturalmente brancos, a vida vai sentando desse jeito assim, que você não questiona nenhuma estrutura, nem nada tira aparece na tua frente porque tudo é muito fácil, as coisas naturalmente, no vestibular, na faculdade, do trabalho, você não questiona nada a vida simplesmente vai se desdobrando assim a sua frente naturalmente, não só para você, mas pra todos os seus amigos aí, como a G.D comentou e tudo mais, então a branquitude é essa falta de noção que tem do lado de lá da bolha, né? O que tem além aí, da região sei lá, da Elite Paulistana, que não é exclusividade da cidade de São Paulo, mas no Brasil, né? Tem outras bolhas por aí também.

D.A., 48 anos - Eu concordo também, acho que o que me vem também quando eu penso em branquitude é esse lugar de alienação onde a gente vai, acha que esse lugar é dado, que as coisas, que remete a uma inconsciência, uma falta de nossa nós sabermos dos nossos privilégios, como se fossem assim, coisas naturais, vitórias e a falta do questionamento mesmo, a posição de alienação frente a essas estruturas, o que significa no cotidiano a gente simplesmente falou, a gente vai vai usufruindo dos privilégios sem se dar conta, ou sem querer se dar conta.

Paulo Edison - Acho que daqui a pouco a gente volta a falar dos privilégios, mas eu queria que vocês relatassem, assim, na experiência de vocês de vida, se teve algum momento na vida de vocês que vocês foram chamadas de brancas e, se teve algum momento na vida que vocês se perceberam pertencente a um grupo racial.

G.D., 48 anos - Eu posso começar, de branca não, mas eu morei fora um tempo, eu tinha 22 anos, eu morei durante dois anos na Austrália e lá eu tive uma experiência em função do meu

sobrenome, em função da origem bem próximo aqui da minha família, meu pai não é nascido aqui, né no Brasil, mas é nascido na Itália, mas é Napoli, no lugar que eu me tornei de... Mas isso aqui pra mim nunca foi uma questão, quando eu morei na Austrália, quando eu fui alugar um apartamento com meu ex-marido, a gente não conseguia alugar, quando eu fui só sozinha, eu consegui função do meu sobrenome, em função de falar em italiano, ou napolitano na época, em função de não aparecer uma brasileira. Isso é algo que, eu tinha 22 anos, isso me marcou profundamente, foi a partir daí eu comecei a questionar mesmo, isso tô falando de 1996, o que acontecia, então eu não achei legal, não foi uma experiência que eu achei “que bom, conseguiu alugar um apartamento” não achei vantagem nisso e foi uma experiência que me marcou muito e aí me senti pertencente a um grupo ao mesmo tempo, mas não pertencente a outro que eu sempre quis ser, então assim foi bem complicado, foi uma experiência, foi muito explícito, o que eu tô falando não aconteceu que eu achei que aconteceu, foi verbalizado pela polícia e, eu tomei até um susto, enfim, foi nessa época, 22 anos e 1996.

Paulo Edison - G.D., 48 anos, qual é o grupo que você queria pertencer? Que você não... só porque.

G.D., 48 anos - Não, eu nunca tinha me visto não brasileira, por exemplo que eu queria, me tiraram do meu grupo nesse momento eu me senti excluída do grupo, da minha origem, enfim, senti-me, eu tomei um susto em relação a isso porque eu nunca fui não brasileira, entende? Eu fui nitidamente chamada de “ah, que bom você não é, você não aparenta ser uma brasileira” e eu perguntei o que era aparentar ser uma brasileira e aparentar ser uma brasileira você tinha um fenótipo de um brasileiro, se esperava de brasileira a questão que eu fosse negro, é isso que se esperava, qualquer coisa quando eu fui para minha escola, eu fui antes, porque eu fui estudar assim, eu nunca mais esqueço, todos nós tínhamos a mesma idade tá? Todos nós tínhamos 20, entre 20 e 25 anos e, eu nunca mais me esqueço que tinha um alemão que quando, não tinha muitos brasileiros Austrália nessa época, que eu diga e ele me localizou assim “ah brasileira, mas você não parece” também foi outro momento de não aparecer uma brasileira, eu falei “mas eu sou brasileira” e de novo também teve essa questão, “mas seu sobrenome não é, então você não é brasileira, você não parece uma brasileira” essa experiência que eu tive foi, para mim, foi muito marcante a questão da prostituição também, ele olhou com esse olhar, ele teve essa também, o não aparecer, talvez tenha sido por isso, eu não achei elogio, entende, porque ele falava de um jeito como se ele estivesse me elogiando, nas duas situações que eu vivi, foi isso.

D.A., 48 anos - Eu me lembrei de uma experiência de alguns bons anos, não lembro exatamente que eu tinha, mas eu sempre gostei muito de um grupo que faz um trabalho bastante bacana, o Ilu e, no carnaval eu sempre fui ver, em determinado eu tava tão encantada com aquilo que eu me aproximei de uma pessoa do grupo e perguntei “como que eu faço pra participar?” Ela olhou muito séria para mim e disse assim, “você não pode participar, você é branca” e aquilo para mim foi um choque assim, né? Que arrancou desse lugar de alienação, né? Me fez pensar muito né, como a gente nesse lugar dado como universal, a gente acha que pode estar em qualquer lugar, que pode pertencer a tudo naquele

momento, eu acho que, foi chamada essa questão, né ser colocada num lugar racial, de ser racializada.

R.F., 49 anos - Eu não, eu já morei fora também, meu marido foi despatriado, a gente morou em Luxemburgo, a gente morou no Canadá, eu fiz um mestrado na Suíça, a gente não morou na Suíça, mas era um programa executivo, eu fui 10 vezes em 2 anos, foram 10 viagens, e eu falo várias línguas, também fruto do privilégio, com certeza, então sempre me senti local assim, meu sobrenome italiano, meu marido também é filho de italianos, então a gente sempre se mesclou bem assim, falo francês, falo italiano, falo espanhol, falo inglês, então nos países onde a gente morou a gente sempre passou assim, despercebido como sendo estrangeiro. Eu nunca tive assim esse esse choque de não ser percebida como branca.

C.T., 35 anos - Sabe o que eu acho, vocês foram falando aqui e eu fui lembrando, a pessoa negra que conviveu comigo a vida inteira, da minha infância, é um tio meu, casado com a irmã da minha mãe, que é aquela coisa, né? Segundo pai, ele é de Minas Gerais, eu sou de Santa Catarina, né? E ele sempre me chamava, de criança, de galega, mas isso em Blumenau, na de 80, todo mundo era galego praticamente, e isso ne, hoje em dia em uma população negra muito maior, mas na época o que tinha era super escondido, isso não fazia muito sentido pra mim. Quando fez sentido foi quando eu entrei na faculdade, na Federal em Curitiba, eu entrei no primeiro ano que a Federal do Paraná teve cotas raciais era tão evidente a diferença daquilo, daquela turma especificamente, grupo de cotistas negros super fortes, super articulados, chegaram com aquela aquela vontade de estar ali, né? Numa primeira turma de cotistas da universidade e, aí aquilo começou a mexer comigo, só que eu queria super participar dos debates, tal, aprendendo o que era política, aprendendo o que era o movimento estudantil tal e aí que, pela primeira, vez essa coisa do galega veio de outra forma, veio nessa forma, “não, vocês aqui em Curitiba, Santa Catarina, Paraná, a gente tá afirmando o grupo aqui dos cotistas negros, a gente quer espaço de debate dos cotistas negros” e foi um pouco essa noção também ali que a D.T. falou do grupo, tipo, sim, depois que é verbalizado é óbvio, primeira de cotistas negros conservadora numa cidade hiper branqueada, que se acha europeia, eles tem todo o direito de ter esse lugar, esse espaço de debate exclusivo, mas aí foi a primeira vez que essa separação ficou mais evidente para mim, porque antes era apagado assim, não era óbvio, são grupos separados porque fica naquela coisa também de adolescência, de pouco debate sobre isso, também foi assim, nessa fase, aí de início de faculdade e, essa experiência que eu acho que foi positiva, porque a partir dali eu comecei a pensar mais nesse debate.

G.D., 48 anos - Paulo, eu posso, não sei se posso falar um pouquinho. Foi com meu filho, Paulo participou um pouco, quando a gente começou a estreitar um pouco esses assuntos, meu filho tem 19 anos, mas ele tinha 11 anos, ele jogava basquete, ele ama basquete, ele toca enfim, e ele virou um dia, virou para mim e falou “mãe”, de um jogador se chama Stephen Curry, que para o meu filho era Branco, né Paulo e, ele virou e falou assim, “imagina que azar nascer nos Estados Unidos e nascer branco” e isso foi uma experiência muito interessante, depois a gente conversar conversar e ele cresceu muito falando, “eu posso gostar de rap? eu posso gostar de...” isso é uma questão para ele muito, muito interessante, porque no quarto dele, os ídolos dele são músicos negros, por exemplo, ou esportistas negros e eu me lembro,

ele tinha 11 anos, foi o momento que eu falei “Paulo, você não quer conversar com o T... um pouco?”, porque essa coisa de falar “que azar nos Estados Unidos e nascer branco”, eu achei interessante isso. E aí eu também me coloquei como mãe, como que eu ia mediar isso? Enfim, de que lugar eu falaria e, foi da onde começou esse meu processo em relação ao questionamento de branquitude, e tudo mais também, com mais força.

Paulo Edison - Bom, então vou pegar você G.D., 48 anos, então para a gente discutir um pouco esse caso, porque a minha próxima pergunta é sobre privilégio, como é que vocês identificam o privilégio da branquitude, né? Se vocês conseguem exemplificar, e aí eu, G.D., 48 anos, queria que você falasse um pouco sobre esse episódio que você sentiu, como é que você se viu, vendo seu filho falar isso para você, mas queria que você pensasse numa outra perspectiva e eu vou trazer um exemplo para você. Quando a gente fala, quando a gente lida com questões raciais, a branquitude, a negritude, elas são vivenciadas de forma distintas, vendo vocês falarem, né do momento que vocês ou foram chamadas de brancas ou sentiram que eram brancas ou por uma experiência, mas isso não quando criança, né? A R.F., 49 anos falou que também, sempre viu, sempre se viu nesse lugar, né? Entretanto, olha que coisa interessante, quando você fala com uma pessoa negra, ela desde criança, ela já sabe que é negra e ela não passa por branca, ou ela não tem como, ela pode desejar e deseja ser branca, todos a maioria dos negros desejam ser brancos, por uma questão não consciente, mas inconsciente, por um simples fato, porque não quer sofrer, e psíquico isso, não é consciente, e inconsciente. Por que? porque a sociedade oprime, né? Que o que aconteceu nesse episódio, eu lembro do episódio, por exemplo, que aconteceu com a minha filha, quando ela chegou na escola, com 5 anos, para brincar e um grupo de crianças, ela falou “ah, posso brincar, do que vocês estão brincando?” e as crianças falaram, “estamos brincando de princesa” e ela falou “posso brincar?” e as crianças, de 5 anos, todas brancas, de uma escola de classe média alta, viraram pra ela “pode, mas você vai ser a faxineira ou a babá” e a educadora ficou paralisada e a educadora falou que não sabia que falar nem o que fazer, quando ela me traz isso, ela falou “não, papai, mas eu queria brincar e aí eu fui a empregada”, queria que você pensasse nesse exemplo e trouxesse para sua realidade, quando seu filho te traz essa perspectiva de querer ser negro, ou se identificar com a negritude, não querer ser negro, mas se identificar com a negritude, falar “nossa, que azar nos Estados Unidos nascer Branco”, queria que você falasse como é que foi a sua experiência, como é que você sentiu.

G.D., 48 anos - Paulo, no primeiro momento eu falei para ele, falei assim, “T..., é complicado ser negro nos Estados Unidos, como é complicado aqui”, eu achei interessante, então a primeira reação que eu tive foi uma reação histórica e depois foi diferente, depois eu entrei de mãe na história, entende, no primeiro parece que eu fui uma coisa meio educadora que sou, enfim, querendo explicar as coisas e depois não e, foi por isso até, eu recorri a você porque eu não me senti nesse lugar e eu queria que ele entendesse que não era fácil ser negro e que a gente tem muito privilégio, foi isso que eu quis que ele soubesse e, ao mesmo tempo, depois disso, eu acho que eu tive um efeito um pouco reverso, porque ele começou também a achar que ele não pertenceria a nenhum grupo, como se ele não pudesse ser aceito, lembra? Ele teve todo esse processo, isso reverberou em mim com muitos questionamentos, questionamentos olhando pra minha vida mesmo e, falando de privilégios, de como eu fui

privilegiada, né? Como eu sou, mas como eu fui muito, eu não tinha noção do quanto, do quão, eu tinha sido privilegiada na minha vida e, do quão eu nunca, de criança, olhei para isso. E eu comecei a conversar muito com o T... na época, enfim, para a gente começar a olhar e ver os lugares que a gente ia, quantos negros tinham, quem é que servia, quem eram as pessoas que serviam, quem no clube que a gente era sócio, porque não somos mais, por conta disso mesmos assim, foi uma atitude que nós tivemos muito conscientes, eu vendi o primeiro título, quando ele falou “mãe, eu quero vender” eu falei “então vamos”. De olhar, então por exemplo, não tem, tem uma família negra que é sócia, então são umas coisas que começaram a nos incomodar e também essa questão do pequeno enfim, mas os ídolos dele eram pessoas com um certo já, um posicionamento social, negros, mas negros de sucesso ne, vamos dizer, então no basquete, na música, e nessa época, eu até mudei de escola, o T..., para que, aí ele foi pra uma escola que tinha mais essa preocupação, foi uma coisa aqui que ainda, Paulo, vou te falar, uma coisa que eu penso todos os dias, sabe, e uma discussão nossa todos os dias, é um questionamento meu, diário eu trabalho numa escola agora, não tem um estagiário negro, entende? Eu tenho uma aluna, uma aluna negra, que é filha de uma faxineira e fazia tempo também que eu não retomava esse lugar de um apartheid total, entende, territorialização. E fazia tempo que eu não retornava a nesse lugar e, é uma coisa que, então é um assunto que eu tenho pensado todos os dias, de novo, para mim que eu tenho revisitado e e olhar para trás e ver que eu não tive amigo negro de criança, eu não tive, Paulo, eu não tive, eu não cruzei nessa minha vida normal que a gente vai levando e achando que não tinha racismo no Brasil, isso para mim era o que mais, isso é uma coisa que mais me tocou, porque durante muitos anos enfim, eu achei que o Brasil não era um país racista.

R.F., 49 anos - Todo mundo falava que não era e a gente acreditava.

G.D., 48 anos - Acreditava, eu acreditava de verdade assim, verdadeiramente, acho que é por aí. Não sei se eu te respondi, mas acho que é por aí, obrigado.

C.T., 35 anos - Eu fiquei pensando aqui, porque, num processo de me preparando pra ser mãe por adoção e, moro em Salvador, então tinha, a gente não tinha nenhum tipo de restrição, então 98% que o meu filho será uma criança negra e, quando a gente tava bem no meio do processo das entrevistas e coisa e, a gente foi bem consciente para poder lidar com essa questão, de manhã, eu acordei, abri a janela da minha casa e tava um policial militar dando uma dura no moleque de 13, 14 anos, e eu comecei a chorar desesperadamente, imediatamente, falei “gente, eu não estou preparada para conversar com uma criança sobre como que ele tem que se comportar na hora de levar uma dura” e que é uma coisa que os meninos negros sabem, desde sempre, porque é uma questão de sobrevivência, então isso para mim, ela tava com a guarda do filho e isso me vem muito forte, aquilo ali é um retrato do privilégio, a gente, enquanto mulher, tem outras aprendizagens, né de infância e adolescência, de questões de gênero, mas eu nunca passei por nenhum tipo de aprendizagem de comportamentos de questão racial, tipo, “não mexe na bolsa na loja porque vão achar que você tá roubando, não olha no olho do policial porque vai ser desacato”, essas coisas que eu tô aprendendo agora, nesse processo de me preparando, para ser mãe dessa criança que vem e para mim essa é a imagem do privilégio branco, corporificada mesmo, nas crianças,

acho que isso que o Paulo trouxe ali dessa provocação das crianças, criança branca só vai entender que é branca ou na faculdade e, as crianças negras desde sempre. Isso ficou muito escancarado pra mim.

G.D., 48 anos - Posso só finalizar, desculpa, é que você falou uma coisa que é perfeito que eu acho que vai entender, quando o T... colocou isso, os questionamentos dele eram justamente, ele era muito pequeno, né? Por isso que o Paulo, era uma coisa de sentir discriminado, entende por não ser negro e, o meu processo foi justamente falar "olha, você não é discriminado" ele questionava isso, "mas por que que eu não posso?" Enfim, foi por aí, desculpa, era isso, obrigado.

R.F., 49 anos - Eu acho que assim, nesse processo de privilégio falta uma intencionalidade, eu acho que até, sei lá, 10 anos praticamente aí, que entrei na luta antirracista, mas eu trabalhava com recrutamento e seleção, comecei a minha carreira, trabalhava em RH, comecei a minha carreira em recrutamento e seleção e tinha um executivo só que era negro e, na época a gente tava dando início lá numa área de produção específica de uma fábrica tal e aí esse gerente ele falava "po, meu, você não manda nem um pretinho igual eu?" fazia assim, eu falava "pô, não vem meu" ele falava "como não vem? Vai buscar", então acho que assim, falta essa intencionalidade, não adianta você ficar sentada assim, de braços cruzados esperando os negros aparecerem na sua frente, você precisa ter uma atitude um pouco mais proativa assim, para realmente correr atrás do prejuízo, enfim, ações afirmativas e tudo mais e, depois quando a gente tava capitaneando aí o projeto antirracista na escola das milhas filhas e tudo mais, que a gente falava "então, abriram quantas vagas para professor, só contrataram um?", "não, mas é porque não veio" e aí eu devolvia então o discurso, né, para direção "como não veio, mas vocês foram atrás, onde que divulgou isso, onde que isso que aquilo lá?" Então essa questão da intencionalidade, de você querer mesmo sair do status e correr atrás, repara, acho que tem, acho que tem isso.

D.T., 48 anos - Sobre essa questão do privilégio né, outro dia eu vi uma deputada, candidata a deputada e, ela fala que, eu gostei da definição dela, acho que fez sentido, entender o privilégio como tudo aquilo que você não precisa se preocupar com. Então não precisa se preocupar em como você vai sair na rua, né? Se você vai ser abordado ou não, você não precisa se preocupar se você vai conseguir passar no vestibular, se você vai entrar na Faculdade, se você vai arrumar emprego, se preocupar em não conseguir...

R.F., 49 anos - Se vai ter comida a noite em casa.

D.T., 48 anos - Me tocou muito porque é tudo isso que a gente vive com tanta espontaneidade, achando que nessa do basta você querer, né? Vamos lá que vai dar certo, de repente você vê que isso vale para poucos.

C.T., 35 anos - Agora só complementando, uma reflexão que me fez pensar, a gente também não transformar direto em privilégio.

D.T., 48 anos - Isso, ela faz essa diferença.

C.T., 35 anos - Porque ter comida, ter emprego, ter educação, ter segurança, a gente tem que colocar como direito, a partir do momento em que a gente transforma tudo isso em privilégio,

é como se a gente tivesse excluindo o que deveria ser básico, eu não sei, ainda não tenho muita certeza sobre essa reflexão, mas eu gostei de pensar sobre isso.

D.T., 48 anos - Talvez eu tenha esquecido exatamente como ela falou, mas ela faz a diferença entre direito e privilégio, né? Que de fato, essas coisas são direitos, mas não são, não se operam na nossa sociedade.

C.T., 35 anos - Deveria, né?

D.T., 48 anos - Deveria. Eu acho que é exatamente isso que ela fala, então, que a gente acaba, na sociedade de racista, tomar direito por privilégios.

Paulo Edison - A gente tem que esperar cair porque senão ele não volta, né? Mas um pouco nessa linha do que vocês estão trazendo, como é que a gente diferencia direito e privilégio, uma coisa que me chamou atenção no relato de vocês, que é porque não aparece, né R.F., 49 anos? Não aparece por dois motivos, fazendo para minha experiência de vida, a vida porque a minha tese ela envolve diálogo com pessoas brancas e negras, envolve história de vida de pessoas negras, mas envolve também a minha própria experiência de vida, tem um capítulo que eu conto da minha experiência de vida e, me parece que um dos grandes privilégios da branquitude, que não tem na negritude, é a capacidade de sonhar com futuro, e isso por que? Porque falta exatamente esses direitos, C.T., 35 anos, então não é dada essa possibilidade de sonhar e, a consequência disso, é de não ousar, de achar que determinados espaços...

1º Dia de roda de conversa_2_Parte_02_28_09_2023_20h (4 mulheres G.D., 48 anos; R.F., 49 anos; C.T., 35 anos e D.T., 48 anos)

Paulo Edison - Voltamos todos, né? Então, como eu tava falando então, essa capacidade de nos impedir de sonhar o futuro, também nos coloca uma barreira, né e quando nós acendemos a determinados espaços, duas coisas acontecem, a primeira é o que alguns autores vão nomear como a síndrome do impostor, de achar que não pertence a que lugar, que eu não tenho direito de estar ali e, a outra, é uma dúvida, um boicote inconsciente, muito trabalhado por autores psicanalistas que estão debatendo essa grande neurose cultural brasileira que é o racismo, como diz a Leila González, mas também é esse assim mecanismo de defesa, não querer estar ali, né sofrendo, enfrentando, né? Então baseado nisso, queria que você falasse se vocês se acham racistas ou antirracistas e, exemplificasse, sempre pensando que o racismo ele pode se manifestar nem sempre de forma intencional, ou consciente né, então claro que todos nós somos racistas numa cultura de racismo estrutural. Mas é possível vocês perceberem isso? Se sim, exemplifique e, se são antirracistas, como vocês se enxergam antirracista? Também exemplificando.

G.D., 48 anos - Posso começar, Paulo. Eu me vejo antirracista e não me vejo racista, principalmente, eu entendi o que você falou, em relação a excluir dessa resposta, fazer parte de uma sociedade racista, né? Atitudes racistas minhas, eu sou muito, em virtude do pertencimento a uma sociedade racista, eu sou muito vigilante comigo assim, uma coisa que eu vejo. Tento não ser racista na verdade assim, não tenho me lembrado de nada que e, se eu lembrasse eu falaria, mas eu sou muito vigilante, eu sou muito cuidadosa, talvez eu tenha

sido racista sim, quando comentei que teve um aluno, que veio comentar comigo uma vez, que ele falou para o estagiário que esse estagiário parecia um jogador de futebol, enfim e o estagiário falou que essa era uma atitude racista, eu entendi o que o aluno quis dizer, eu achei que não precisava, aí liguei para o Paulo e entendi porque que essa era uma atitude racista, né, e depois foi um assunto que eu fui me aprofundar, porque eu faço isso, quando eu me vejo mais a luta antirracista, eu me vejo muito indo às fontes, questionando posicionamentos, perguntando porque e depois compreendendo, por exemplo, as questões dos corpos negros, que todos são confundidos, que é muito fácil, né? Então a quantidade, eu vi até a Elisa Lucinda falando sobre isso no Tik Tok, no Instagram e o lado que eu fico é esse lado de cuidado que eu me vejo assim, saber qual é o meu lugar nessa luta, né? Eu acho que tem que ser juntos, mas não sou protagonista, mas posso ser a protagonista do lado dos brancos, não sei, é uma coisa que eu ainda preciso refletir, só que eu me coloco nesse posicionamento de eterna vigilância comigo, constante vigilância, não é eterna, é uma constante, eu tô muito vigilante e muito questionadora de tudo então, por exemplo até as questões de apropriação cultural são questões para mim, que se antes eu não percebia, bem agora eu percebo, então por exemplo, as questões de religião, uma coisa que eu tenho me questionado muito ultimamente, por exemplo, uma vez eu fui, isso é interessante, eu fui a um terreiro de umbanda e só tinha branco, e me chamou atenção também. E aí eu comecei a questionar, falei “puxa, mas não pode? pode!” essa é uma questão que eu tenho pensado muito ultimamente, a questão do momento, pra mim, é essa.

D.A., 48 anos - Eu acho que é difícil, né? Talvez seja a pergunta mais incômoda, né? A gente pensar sobre isso, porque, embora eu me veja na luta antirracista, eu acho que eu sou antirracista para combater o meu racismo, né que é inevitável, por mais que, é claro aquele racismo explícito da violência que a gente ainda vê, né, esse mais fácil da gente se diferenciar, de dizer “não faço isso”, mas ele é tão insidioso, ele tá tão nas estruturas que não tem como eu ver fazendo parte disso, desde a funcionária que eu tenho na minha casa, o que que é isso? Como que eu lido com isso, agora para mim a luta antirracista é sempre me colocar em questionamento, a partir dos meus privilégios, a partir dos lugares que eu vou ocupando. Então para mim é essa tensão constante, né de lutar contra isso que é tão forte na nossa sociedade e eu to nela, só o fato de ter tido tantos privilégios e ainda ter, e usufruir deles, né, mas acho que é isso, né, ficar vigilante, se questionar, exportar o mal-estar de pensar nessas questões, então não sei se é muito simples e fácil de dizer, mas sim, não vejo comportamentos racistas em mim hoje, mas aquilo me atravessa e eu me deparo com situações em que eu falei “será que isso foi racismo”, né, o fato de eu atravessar a rua com medo, fechar o vidro da janela do carro, eu me pergunto isso o tempo todo também.

C.T., 35 anos - Vivendo reproduzindo uma série de comportamentos racistas, é esse exemplo que você deu de atravessar a rua tal, aí a gente junta duas coisas, né? Ser mulher e ser branca, eu acho que não tem né? Interseccionalidade, não consegue separar essas coisas. Então, às vezes, muitas vezes, quando um homem branco, eu também tenho esse mesmo impulso? Sim, não, por que? eu acho que aqui é um esforço constante da gente estar se questionando sobre isso, né? Eu tô morando em Salvador faz quatro anos e é outro mundo, é uma experiência incrível, mas é isso, é um aprendizado racial o tempo inteiro, que às vezes eu fico exausta, ao mesmo tempo que é incrível, então, cada vez mais, eu tô me colocando

nesse lugar da luta antirracista e, aí pro exemplo, né? Que o Paulo pediu, eu comecei a infernizar o meu lugar de trabalho, porque éramos um grupo de 10 mulheres brancas, do Sul e Sudeste, trabalhando juntas, supostamente fazendo medicação e tudo mais, mas 10 mulheres brancas do Sul e Sudeste né, e aí foi o lugar que eu mais atuei, assim, nos últimos dois anos, questionando “gente, é isso mesmo? É isso que a gente vai lidar? A gente tá falando aqui de tantas coisas lindas no papel e na teoria e, a gente tá reproduzindo isso nesse nível né”. E aí lidando um pouco com aquelas questões que a R.F., 49 anos, tava trazendo antes “aí, mas aí a gente abriu um processo seletivo e não se inscreveu ninguém”, eu falei “posso ajudar? Nesse processo seletivo, posso eu fazer uma busca ativa no linkedin, não sei aonde, nas redes para conseguir trazer mais pessoas”, então esse lugar eu tô conseguindo me colocar mais né e afirmar mais nessa postura de ser a chata que fica o tempo inteiro “gente, não dá pra ficar assim”, mas no nosso subjetivo é isso, né? Como a gente tá dentro dessa estrutura, o tempo inteiro a gente se pega, eu me pego tendo posturas racistas em diversas esferas, isso que a D.T., 48 anos falou me contempla muito assim, porque não é explícito, o explícito a gente consegue dar conta, mas é esse subjetivo que mexe com nosso extintivo, porque a gente é ensinado, desde sempre, a ter determinados medos, a ter determinados preconceitos, que mesmo que a gente, racionalmente, entenda que isso faz sentido nenhum e que é errado, o nosso subjetivo, nosso corpo foi se estabelecendo nesse lugar racista. Então desconstruir isso, eu não sei nem se é possível, sinceramente, neste momento ainda, espero que seja cada vez mais, mas eu sinto muito esse conflito que também.

R.F., 49 anos - É, com certeza acho que esse conflito, entre ser racista e antirracista, acho que é o que mais toca no meu dia a dia, né? Acho que eu tento ser antirracista o máximo possível, né, na escola a gente puxa um projeto grande assim, antirracista, lá no XXXX, temos reuniões semanais com a direção, já é um projeto que tá no terceiro ano, então assim não meço esforços com relação a isso, minha atuação já é muito anterior, já trabalhei com inclusão de refugiados negros no mercado de trabalho, minha tese de Mestrado foi sobre racismo contra imigrantes negros no Brasil, não é de hoje que as questões que permeiam assim, né? Mas eu acho que alguns momentos mais recentes assim, mais marcantes, quando eu tive que parar me perguntar assim, “será que isso tá sendo racista ou não?”, a minha filha mais velha passou no vestibular no final do ano, começo do ano e, ela entrou na USP Leste, a gente morando no Itaim Bibi, né? Já era, assim, uma ideia que ela saísse de casa, enfim, tivesse novas experiências, mas independente de tudo mais, só que acabou sendo dentro da cidade de São Paulo, só que, não sei se a C.T. conhece São Paulo ou não, a USP Leste é praticamente outra cidade, então a ideia era que ela morasse mais próxima do campus e tudo mais. E aí nessa busca de apartamento próximo lá da zona leste, a gente acabou montando uma república, ela e mais duas meninas, uma negra cotista que veio de Belo Horizonte, que vem de uma cidade próxima de Belo Horizonte, outra do interior de São Paulo, aí um dos primeiros apartamentos que a gente viu era um, eles anunciavam como 3 quartos, mas quando você entrava no apartamento eram dois quartos na ala principal, na casa grande, digamos assim, e um quarto de serviço e o namorado da minha filha faz arquitetura, então ele entrou lá, com todos os conhecimentos dele e na verdade o quarto de serviço ele falou que tem a melhor face, mais ventilado e de fato era um quarto muito bom, muito espaçoso, cabia guarda roupa, enfim era um quarto muito bom, mas era um quarto menor e o quarto na ala de

serviço né e, aí quando elas tavam fazendo a divisão do valor, quanto que ia sair para cada um, obviamente o quarto de serviço seria o quarto mais barato e eu só pensava assim “meu, tomara que ela não escolha, tomara que a menina negra não escolha o quarto de serviço em função de ter um valor menor assim” e daí na hora ela falou “ai, eu não me incomodo”, nossa, aquilo ali foi tipo uma facada assim no meu coração, não é possível que ela vai ficar na senzala, só pensava isso, “não é possível que ela vai ficar na senzala”, eu falei “Bia não vai rolar, não vai rolar ela ficar naquele quarto, não vai dar certo, não pode ser que as coisas vão ser desse jeito” e, no final das contas, acabou não dando certo esse apartamento, elas acabaram indo para outro aí de 2 quartos, porque aí assim, o dinheiro não dava, não sei o quê, então, ela e a outra menina do interior acabaram dividindo um quarto, mas eu acho que são questões assim, daí assim, essa menina negra demandando muito assim da minha filha, em um determinado momento ultrapassou o limite da minha filha, né? Ela meio que se desestabilizou, eu falei “olha só, você precisa pôr um limite, não dá para você ser babá dela” e aí, será que era racismo isso, uma menina que nunca tinha vindo pra São Paulo, nunca tinha andado de metrô, qual que era o limite assim? É porque será que era tudo isso porque ela tava sendo negra, eu tava protegendo minha filha, do que na verdade? De uma saúde mental, então esse foi um momento muito chave assim, para mim no começo do ano, o que era que tava acontecendo, né? Eu parei muito para refletir assim, e elas se dão super bem, é uma república que funciona otimamente bem e tal, são super integradas e tudo mais. Foi um momento crítico, talvez eu tenha entrado demais, ou não, não sei, mas é o momento que eu vira e mexe o revisito assim, eu fico pensando que que aconteceu ali, o que era que aconteceu.

G.D., 48 anos - Posso falar um pouquinho, Paulo? Puxa, R.F., isso que você falou agora, eu não passei assim, mas eu entendi esse questionamento seu essa sua angústia, o que a gente resolveria, o conselho que a gente daria rapidamente não é, pra um filho, para uma filha enfim, isso é uma coisa que me pega também, quanto que no conselho que seria o numa conversa natural, né para um filho, “olha, você também não precisa tanto, tá te fazendo mal”, eu entendi e, como que você resolve e, você chegou a uma conclusão, se é uma coisa que eu posso te perguntar isso, porque eu sempre me questiona, sabia?

R.F., 49 anos - Não, eu não sei ainda. Eu não sei, eu não sei se é porque ela nunca usou metrô, então ela realmente não sabia o que fazer, mas ela não aprendia como comprar o ticket, eu falei “B.., chega, chega você não é babá dela”, entendeu?

G.D., 48 anos - Eu te entendi, eu super te entendi.

R.F., 49 anos - O que estava determinando aquela situação, era uma questão racial que determinou essa situação ou era outras coisas, ou tinha raça também envolvida? eu não sei até agora eu não consegui, eu gosto muito dela, entendeu? Não tem nada a ver assim, eu fico pensando o que estava em jogo, o que que ainda está em jogo.

C.T., 35 anos - Eu acho que tem a ver com o Paulo falou antes dos direitos para chegar nos lugares, né? Então, eu fico pensando, aí tem essa questão do interior, capital, outros lugares de São Paulo.

R.F., 49 anos - Sim, várias coisas, ela não tem mãe, perdeu a mãe quando era muito pequena, é tudo, tem tudo.

C.T., 35 anos - É tanta coisa que vai acumulando e que, claro aí também é uma coisa de mãe de vou proteger minha filha, mas você foi falando e eu me lembrei experiências que eu tive na faculdade, que morava na casa da residência estudantil da faculdade e, quanto que essa coisa do interior, capital, mas essa coisa de Saber se movimentar numa cidade grande, de ter tido experiência sabe, de ter tido oportunidade de fazer um cursinho de línguas, possibilidade de viajar pra qualquer lugar antes, que aí junta né, querendo ou não, vai juntando questões de raça, questões de classe, e questões territoriais, né e vai juntando tanta desigualdade que eu acho que acaba gerando essas situações meio absurdas, assim, que não tem que não tem solução.

R.F., 49 anos - É, porque a outra menina que é do interior de São Paulo, que é branca, não tiveram essas zonas cinzentas assim, né tudo mais claro, mas com a negra teve, assim então por isso que eu fico me questionando aqui o que que rolou assim, mas então a do interior de São Paulo com uma família mais estruturada, com pai mãe, enfim.

Paulo Edison - Não sei se vocês já fizeram análise, mas a proposta perspectiva analítica é que os inconscientes eles vão se conectando, né? Então conforme vocês vão falando, vocês viram que vocês vão lembrando de algumas coisas e eu também vou lembrando né, então não é que, não tem um roteiro C.T, ele vai se desenvolvendo, tem algumas questões para colocar, mas ele vai se desenvolvendo a partir do que vocês vão trazendo e, aí eu queria contar duas coisas a gente terminar por hoje, mas dialogar um pouco aquilo que vocês estão trazendo, né? Porque é uma roda de conversa, olha só, eu vou complementar da minha filha, desse episódio, mas antes de completar me veio uma outra coisa, quando minha filha chegou para mim perto aí falou assim “pai, as crianças ficam me perguntando porque que eu sou preta, porque eu sou dessa cor”, eu falei assim “pergunta para elas porque elas são brancas” e aí eu falei assim, primeiro eu perguntei pra ela “porque que você é dessa cor, o que que você respondeu?” ela falou “respondi porque meu pai e minha mãe são pretos” eu falei, “ah, tá bom”, aí ela voltou depois de novo e falou assim, “pai, elas ficam me perguntando no banheiro, não é na sala de aula, quando elas vão no banheiro” falei “pergunta porque elas são brancas” tudo bem, mas aquilo me trouxe um sofrimento, né primeiro porque meus pais não tinham a mínima noção disso, não sabiam me acolher, então que eu percebi que eu não tinha sido acolhido e não tinha condições de acolher a minha filha, mas no episódio anterior o que mais me deixou, não sei nem nomear esse sentimento, de revolta de a raiva, foi quando a educadora me chamou para reunião e falou assim, “olha, eu não sabia o que fazer, mas eu acho que a gente podia fazer uma reunião com todos os pais e vocês podiam falar para eles” porque que eu tô falando isso, porque em várias falas de alguns de vocês isso veio, né? Como agir? Será que o racismo ele tem que ser combatido pelos negros, qual que é o lugar da branquitude no combate ao racismo? Para isso eu quero mostrar duas imagens para vocês e, vocês pensarem sobre essas imagens durante a semana, uma imagem é uma imagem, eu vou compartilhar a tela aqui, uma é essa imagem, como é que eu faço para maximizar isso aqui? Essa é uma imagem, não sei se vocês conhecem, chama Mãe Preta, de Lúcio de Albuquerque, queria que vocês pensassem sobre essa imagem, é uma imagem que retrata o

século 19, né? Aí será que de alguma forma ele tá presente, ela continua presente entres nós? O que ela significa, essa é uma para gente retomar semana que vem refletindo sobre isso, a outra é um vídeo, não sei se vocês conhecem esse vídeo, acho que tem um lugar que eu posso deixar ele melhor para vocês, não sei se vão ver, vocês estão vendo a tela inteira dele, não tem nada na frente não, né? Só na minha que aparece vocês, então eu vou soltar, é 15 segundos. Vou passar novamente, é uma propaganda do MEC.

R.F., 49 anos - Tá sem áudio.

Paulo Edison - É sem áudio mesmo, só imagem.

G.D., 48 anos - É isso mesmo que eu entendi?

D.T., 48 anos - De quando é essa campanha?

Paulo Edison - De 2019. E essa propaganda saiu do ar porque começaram a questionar muito né? E o movimento negro foi para cima, os parlamentares, né? Mas foi uma propaganda veiculada aí né? Eu queria que a gente terminasse hoje, refletindo um pouco sobre essas imagens, né? E pensasse para próxima semana se vocês se acham colonizadas, se existe o caminho para descolonizar e, aí C.T, se dá para ser antirracista e combater o racismo. Como acabar com ele diante dessa cidade que a gente vive né? A ideia não é ter perguntas para vocês ficarem pensando em trazer respostas, é para deixar que isso fique inconsciente de vocês e na hora vocês falem o que vocês estão pensando, o que vocês estão sentindo, né? Eu retorno a semana que vem com as mesmas imagens, o mesmo vídeo, aí, vamos ver como é que inconsciente, vocês vão trabalhar nisso.

G.D., 48 anos - Paulo, gente, desculpa, você falou essa coisa dos inconscientes se ligando, se relacionando, eu só preciso dar um depoimento, eu tenho uma sobrinha de 7 anos que mora no Rio de Janeiro, meu irmão mora no Rio de Janeiro e, ela estuda em uma escola muito de Elite, estudava, saiu, que era uma escola britânica. Ela virou para mim esse ano, falou "titia, eu não vou mais tomar sol, por que as minhas amigas tão falando que eu estou parecendo uma pretinha", eu esqueci de te falar isso, então ela está com 7 anos desesperada para não tomar sol no Rio de Janeiro.

R.F., 49 anos - Af Ave Maria, pelo amor.

G.D., 48 anos - Então a gente tirou, né? Quer dizer, meu irmão tirou, enfim, questionou, isso na escola britânica né, que ela tava e foi isso e, tá difícil tirar isso da cabeça dela, tá muito difícil, ela mudou de escola, mas a coisa é assim, ela sofreu muito bullying, um dos motivos foi esse, o cabelo e a cor da pele e ela não é negra, mas enfim, não no Brasil é isso, acho que vale a pena compartilhar.

Paulo Edison - Legal, G.D, 48 anos. muito obrigado pelo tempo de vocês, pela contribuição, pela atenção e a gente se vê na semana que vem.

2º Dia de roda de conversa_2_Parte_01_05_10_2023_20h (4 mulheres G.D., 48 anos; R.F., 49 anos; C.T., 35 anos e D.T., 48 anos)

Paulo - Bom, vou começar a gravar aqui. Então, lembra que eu terminei primeiro assim, como é que foi a semana de vocês, tranquila, vocês querem trazer alguma coisa? Foi tranquilo, depois da conversa?

C.T., 35 anos - Se tem uma coisa que essa semana não foi, foi tranquila né Paulo?

D.T., 48 anos - Você quer saber a verdade?

C.T., 35 anos - Um caos, mas tamo aí, 28 dias de campanha tá tudo certo.

Paulo Edison - Bom, tirando isso, não é uma coisa tão tranquila, né? Isso tudo do resultado das eleições, né vocês, em relação com tudo que a gente bateu aqui, tem alguma coisa que vocês queriam falar, que vocês lembraram, que ficou na cabeça, indo e voltando ou não?

R.F., 49 anos - Acho que as imagens que você passou assim ficaram reverberando para mim a semana toda, mais o vídeo lá do embranquecimento da aluna do que a Ama da Leite, as duas são muito fortes, mas acho que o vídeo me fez ficar indo e voltando, tal situação, "será que eu fiz isso?" Fiquei me levando assim para situações, todos os dias eu pensei naquilo, no vídeo.

Paulo Edison - Eu queria retomar as imagens, mas antes eu acho que seria interessante a gente ver uma definição sobre racismo, do Sílvia de Almeida, que eu acho que ele ajuda a gente a sistematizar um pouco como é que a gente olha o debate racial no Brasil, queria compartilhar com vocês aqui, duas citações dele. A primeira, sobre o racismo estrutural, na página 25, ele falou assim, "podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento e, se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertence ele" faz toda uma fundamentação, aí ele vai para página 59, vamos ver se passa aqui, e ele diz assim "todas essas questões(...)" né porque ele vai falando racismo institucional e a diferença entre racismo e injúria racial, depois ele chega no racismo estrutural, né? Fala assim "todas essas questões só podem ser respondidas se compreendermos que o racismo, enquanto processo político histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e os afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais. Em outras palavras, o racismo só pode, só consegue se perpetuar se for capaz de; um, produzir um sistema de ideias que fornecem uma explicação racional para desigualdade racial. Dois, constituir sujeitos cujo sentimentos não são profundamente abalados diante da discriminação e da violência racial, que considerem normal e natural que no mundo haja brancos e não-brancos. Bom, baseado nessas duas citações, não sei se vocês já conheciam essas situações, Sílvia de Almeida, já tinham lido, baseado nessa citação, eu queria que vocês falassem um pouco, daquilo que vocês trouxeram no nosso encontro passado, sobre os privilégios, né? Como é que vocês, enquanto pessoas brancas, reconhecem esse privilégio, de maneira consciente ou inconscientemente enfrentar o racismo, ou enfrentar essa desigualdade que a gente encontra na sociedade, vocês conseguem perceber isso consciente ou inconscientemente? Como é que vocês agem no dia a dia, antes da gente ir para as imagens de novo?

R.F., 49 anos - Eu penso em vários exemplos, outro dia tava na fila do hortifruti e, era uma manhã assim bem movimentada, eu vou segunda-feira logo cedo 8 horas da manhã tô eu lá, e tem sempre vários motoristas, com várias empregadas acompanhando os motoristas, que aparentemente eles não são capazes de fazer as compras sozinhos, então tem sempre a cozinheira acompanhando o motorista é uma cena muito típica do hortifruti aqui do Itaim Bibi. E aí, eu tava na fila, esperando chegar minha vez de chegar no caixa e, tinha uma empregada na minha frente e passou a senhora quatrocentona, bem típica e, eu vi que ela ficou indo para lá e pra cá na fila do caixa. E tinha uma moça, uma caixa mesmo, que ela parece que ela ia abrir um caixa sabe? Aí ela foi lá no gerente perguntou não sei o quê, aí ele fez assim (aceno positivo com a cabeça), aí a moça foi lá, abriu o caixa aí a senhora passou na frente de todo mundo e embicou lá no caixa que abriu e a moça que tava na minha frente, que é empregada doméstica, inegavelmente, começou a armar barraco “é que a gente está aqui na fila, que não sei o que, que ele só porque ela é rica que passa na frente de todo mundo, isso não é justo que talala...” daí eu me juntei a ela eu falei o coro, falei “é isso mesmo, tá errado mesmo, ela furou a fila e não sei o que tal, a gente tá aqui, tem que trabalhar depois, chegamos antes, ficamos na fila”, então eu acho que isso é um exemplo, por exemplo, eu acho que a moça que trabalha aqui em casa, que leva duas horas e meia para chegar, 2:30 para ir, ela também não fica 8 horas aqui, porque senão ela ia ficar 13 horas fora de casa, então a gente tem um combinado, ela é super agilizada assim, enfim, ela fica no máximo 8 horas fora da casa dela, né? Na verdade, acorda às 4:30 da manhã, chega aqui umas 8 horas, quando dá 13h ela já vai embora, faz todo o serviço, então acho que são essas coisas conscientes que antes eram inconscientes, mas que eu fui tomando uma consciência ao longo do tempo que são detalhes, são pequenas coisas, mas que eu vou percebendo que hoje estão totalmente conscientes assim.

C.T., 35 anos - Engraçado não tem como né? Nosso lugar no mundo nos forma, essa questão das subjetividades aí é muito forte, né? Por exemplo para mim, uma das coisas, eu nunca morei em São Paulo, eu não tinha noção que têm bairro de São Paulo que também são desse jeito, mas isso que você fala foi uma das coisas que mais me chocou quando eu cheguei em Salvador, porque na minha lógica essa empregada doméstica, motorista, e um troço tão distante, e um troço tão absurdo e, quando eu cheguei em Salvador e tipo, eu morava num prédio de classe média, totalmente básico, normal, só que num bairro bom de Salvador e, tipo todos os meus vizinhos tinham empregada doméstica, alguns empregada doméstica e babá e alguns empregada doméstica, babá e motorista, eu nunca tinha me deparado e obviamente, a gente até tinha famílias negras morando no condomínio, porque Salvador tem uma classe média negra importante, mas, obviamente, todos os empregados eram negros. Isso para mim foi o primeiro choque nessa mudança e essa coisa que você falou, os carrões parados no meio da rua para empregada doméstica, com uniformezinho, com as compras e voltar, isso para mim assim, é uma coisa que eu tô lidando a muito pouco tempo e uma coisa que nunca fez parte da minha realidade, né? Nunca tive empregada doméstica em casa, desde criança, eu fui até diarista, depois que já tinha terminado o mestrado, então eu acho que eu não consigo não juntar os recortes de classe nessas questões também de lugar que mora né, as cidades grandes, essas coisas. Mas ainda assim a subjetividade está colocada, né? E ali naquela situação que você colocou, Paulo, do Silvio de Almeida, para mim, me chama muito

essa coisa do quanto que tem que se normalizar a violência para que ela não choque as pessoas e que seja normal, né? Essa divisão entre brancos e não-brancos. Então apesar de, por exemplo, eu não ter esse imaginário no meu dia a dia, da empregada doméstica, do motorista dessa subalternidade, mas o fato de não conviver com pessoas negras na minha infância, ou pouquíssimas pessoas negras, acaba gerando também uma distância imensa né? Então pensando aqui nisso, nas questões das subjetividades, está colocado, então, o quanto que a gente olha na televisão e não não se choca com a violência quando vai comprar uma criança negra, quando e contra uma mulher negra, né? Então eu tô aí nesse processo e tomando consciência disso, eu acho que tem umas, no dia a dia, buscar essas possibilidades, né? Então é isso ver um caso no supermercado, numa fila numa qualquer. E aí em Salvador, eu tive já algumas questões com a polícia, de polícia tá atuando com, principalmente adolescentes negros, e aí eu paro e fico olhando para ver o que que é e, só o fato de eu parar, uma branca classe média, tá olhando, os policiais mudam o tipo de abordagem. Eu moro no lugar agora tem três colégios públicos perto, e na hora de sair da escola polícia dá umas rondas, assim, muito ostensivas.

R.F., 49 anos - Sério?

C.T., 35 anos - Mesmo sendo um bairro, aliás, talvez por ser um bairro de classe média, aí eu percebi que, essa eu fiz a primeira vez meio que sem querer, do tipo o que eles estão fazendo né? E parei no meio da rua e fiquei olhando o que os policiais estavam fazendo e, aí eu percebi que eles pararam tipo “ah, a senhora quer alguma coisa?” “não, só tô vendo o que tá acontecendo, se tá tudo bem com os meninos” e aí eu comecei a fazer isso então conscientemente, foi uma coisa do inconsciente para o consciente tornar isso uma coisa que eu posso fazer quando eu vejo acontecendo, né? Mas é um processo de normalização muito pesado, né? Acho que essa citação do Sílvia de Almeida atrás de uma forma importante.

D.T., 48 anos - Eu fiquei pensando nas imagens bastante também com a R..., essa semana, com todo esse caldo aí da política também, eu comecei a observar mais as pessoas de Cain, por exemplo, você fica em choque quando você começa a observar, por uma lente, que de sair desse bairro.

R.F., 49 anos - Comecei a ver casa já, fora daqui.

D.T., 48 anos - É uma coisa que você não consegue mais dever né? E já a algum tempo eu tenho que fazer um trabalho, né? Eu tenho três filhos, um de 16, para fazer 17 e dois menores, uma de 7 e um de 9, e eu vejo a diferença que é, na época do B... pequenininho eu não tinha consciência, eu tinha o cuidado, né tinha, mas era muito superficial e, desde que eu comecei a me engajar mais e ter na questão antirracista na escola, no Sedes onde trabalho, a diferença desse tema ser falado em casa é gigantesca, os meus dois menores têm uma consciência muito maior que a do B..., com o B... eu tenho suar muito mais, eu tenho que quebrar muitas barreiras, no trato também, por exemplo da minha funcionária em casa . Então eu vejo os pequenos, eles já entendem que não é porque a gente tem alguém lá que você não vai fazer, não vai tirar seu prato, não vai lavar sua louça, você não vai arrumar sua cama, então lá em casa e assim, cada um lava o seu prato, cada um arruma sua cama, tira e põe, essa de chamar a pessoa, isso acabou de um tempo para cá, então isso vai fazendo uma diferença na relação

que eles começam a observar, na forma como eles começam a enxergar e eu, por exemplo, eu não tive, não existia essa conversa na minha casa, né? Esse não era um tema, não era uma questão, então eu acho que onde eu tenho mais esperança, assim de ajudar e na educação dos meus filhos, eu entrei de cabeça nisso, porque acho muito difícil a mudança estrutural, né? Ela não começar com as crianças. Então essa semana eu vi uma cena, eram duas senhoras, provavelmente muito próximas de idade, de uma era a funcionária e a outra a patroa e, a funcionária ia um pouquinho atrás, carregando três sacolas e mais uma coisa de feira, aquele carrinho e a senhora, patroa, na frente, assim não tinha nenhum problema para andar, tava toda bonita, arrumada, falei “meu Deus, quantas vezes essa cena já não aconteceu na minha frente eu não via né? Não enxergava, via, mas não enxergava” e aquilo me incomodou brutalmente. Então acho que é isso, essa consciência fundamental ainda que a gente se pegue né? Reproduzindo ou não vendo certas coisas, tem uma mudança mesmo dia de olhar, né?

Paulo Edison - Antes da gente ir para a imagem, eu queria, vocês vão falando algumas coisas vão vindo na minha cabeça, né? Eu queria falar duas coisas, disse que vocês trouxeram, uma, outro dia eu tava esperando minha filha sair da escola, ela estuda na Hebraica, ali na no clube Hebraica, então eu sou professor lá, tava esperando ela sair, já tinha acabado minha aula, tava esperando com todos os alunos ali e todos os pais esperando sair e, nesse inteirinho veio uma mulher com, como e judaico fazem, tem um dia que eles colocam os pães e eles colocam os preços para vender ali uns produtos e tal, que é tudo específico. E aí veio uma criancinha de 6 anos, ela do maternal, com a babá, uma babá negra de branco, aí a babá falou assim “nossa, que bonito esses pães, quanto que é?” Antes que a outra pessoa pudesse responder o valor, a menininha virou para ele falou, chamou de um apelido, apelido assim diminutivo também uma coisa, me chamou também, né? Essa coisa remete muito quando você lê casa grande e senzala, né? Essa coisa dos apelidos dado às amas-de-leite, né? Imediatamente a menina de 6 anos assim, não lembro agora, mas ela tipo “dida, não dida você não tem dinheiro para comprar isso não” e aí ela começou a dar risada, virou para mim e falou assim que “você viu? Nessa idade, ela já sabe que eu não tenho dinheiro” eu falei “pois é, né? Como é que ela sabe disso, perigoso ela nem saber contar né?” Ela falou, “pois é” e aí saiu dando risada, pegou a mão da menina e foi embora. Tô falando isso porque quando ele fala do inconsciente e aí vocês trouxeram isso muito bem, né o quanto que, as vezes na educação, no nosso cotidiano, nós estamos ensinando essas crianças a reproduzir esses privilégios né e elas, se a gente não olhar para isso com você falou D..., se a gente não perceber isso, a gente não tem como agir. Mas nação, por que que eu trouxe essa imagem da mãe preta que eu vou compartilhar de novo com vocês? e aí vou explicar porque que eu trouxe, dentro da minha percepção e, queria que vocês, a partir do que eu vou problematizar, que vocês também falassem um pouco sobre isso. A mãe Preta, do Lucílio de Albuquerque, ela tem aqui, assim, dá para você fazer várias leituras, né? Vocês fiquem à vontade se vocês quiserem fazer alguma leitura, né? Mas aqui tem uma realidade muito esquizofrênica e patológica da nossa sociedade, né? Porque que o amamentar, que é uma das coisas mais íntimas, onde você não passa só o alimento, você passa também o afeto, né a segurança e isso era destinado às mulheres negras, estão elas tinham que alimentar as crianças brancas e, muitas vezes a gente, nessa cena a gente consegue ver essa criança branca não tá sendo

olhada, os olhares da mãe preta tão indo para criança que está sendo abandonada. Então ela é obrigada a cuidar da criança branca, mas ao mesmo tempo os afetos estão sendo dirigidos a criança negra, né? Talvez ela até transmitida afeto para criança branca, mas talvez não sejam afetos tão significativos, de qualquer maneira, eu vivi muito isso na minha vida, né atualizando isso, por exemplo, eu sou filho de uma mulher que, com 12 anos de idade, uma mulher branca foi até Quatá e trouxe minha mãe para São Paulo quando ela tinha 12 anos, para ela cuidar dos filhos dela e ela recebia salário e todo o salário dela ia para o meu avô, não passava pela mão dela, isso até os 22 anos, quando minha mãe casou, depois que minha mãe casou ela ainda continuou trabalhando e, eu tenho muito claro na minha na minha mente, momentos em que ela saía para trabalhar e aí sei lá, por uma machismo, uma perversidade do meu pai, ele me acordava e eu ficava gritando “mãe, não vai trabalhar, não vai trabalhar” imagino como isso doía o coração da minha mãe, de maneira que essa cena, quando vi pela primeira vez, me veio toda essa sensação. O quanto que ela, para alimentar a gente, ela deveria então ficar longe dos seus filhos, né? Quando a gente olha pra essa imagem, a gente remete a nossa ancestralidade, mas há uma atualização dela na nossa vida, eu enquanto pessoa negra me atualizo de uma forma eu queria que vocês falassem como vocês pessoas brancas, que hoje tem essa consciência e que provavelmente sabe que os seus ancestrais fizeram, como é que você se relacionam com esses atos dos seus ancestrais, digo isso porque a Grada Kilomba, ela fala o seguinte “a branquitude, em determinado momento na situação de racista, ela agiu com culpa. Culpa do que os seus ancestrais fizeram, mas há uma diferença entre culpa e responsabilidade. Por que a culpa ela não permite uma reparação só a responsabilidade”, porque a culpa, a gente fica na culpa e a gente não sai da culpa porque nós não os sentimos responsáveis é só a responsabilidade que nos permite, enquanto sujeitos, nos repararmos do dano, não tô falando que você fizeram algum dano, tô falando da ancestralidade, queria que você falasse um pouco sobre isso. Como é que é lidar com tudo isso?

R.F., 49 anos - Acho que para mim assim, é menos pesado do que ela coloca, do que a Grada coloca, para mim teve um momento chacoalhão, faz, deixa eu pensar, talvez acho que uns 12 anos, assim, até aquele determinado momento de falar “é, também nesse país ninguém faz nada, né? Então ficava muito nesse discurso assim até que uma pessoa virou para mim e falou assim para mim “e o que você tá fazendo?”, falei “ui, ah, tá” foi aí que eu comecei a fazer, né? Então acho que o processo todo começou a partir desse momento, então tem uns 12 anos, foi em 2010 por aí, então acho que tudo começou a se desvelar a partir desse momento digamos assim. Na verdade eu não penso muito nos meus antepassados assim, os italianos que vieram, que ocuparam um lugar dos escravos que tinham sido libertos e que recebiam dinheiro e tinham onde morar, onde trabalhar, eu não fico pensando nisso, eu sei disso, mas eu não fico pensando nisso, né? Mas beleza vamos lá então, vamos reparar daqui para frente.

C.T., 35 anos - Vamos lá então, deixa eu pegar então, porque para mim eu não tenho como não pensar porque é isso, né? Essa família de interior de Santa Catarina, absurdamente orgulhosa, acharem que são italianos, alemães, essas coisas todas e, é interessante eu cresci com ranço inconsciente disso, que eu não sei exatamente porquê, porque todos os meus primos faziam aquela coisa de danças folclóricas, mas eu sempre odiei, eu sempre achei

super ridículo, mas sem muita noção do porque que eu achava aquilo ridículo e aí depois né entender o projeto de branqueamento, por que que mesmo minha família sendo origem pobre, trabalhador, agricultor e tudo mais, mas é isso, por que eles tinham terras? E tem até hoje, meus tios até hoje trabalham na mesma terra que nós avós trabalhavam, por que que tem nessa terra? porque teve um projeto de branqueamento, né? Mas aí o meu processo, aí eu acho que é interessante, eu não conhecia essa provocação da Grada Kilomba, mas eu acho que faz sentido e aí nesse ponto específico a minha a minha atuação é muito de conversar com essas pessoas, falando desse contexto do por que que não significa que eles sejam menos trabalhadores do que as pessoas, por exemplo, vão ter cotas na universidade, não significa que eles são melhores ou piores do que os nordestinos, aliás essa semana foi uma desgraça, minha família com a coisa do nordeste, mas colocar “não, por que a gente tem uma condição melhor então, comparativamente?” por que essas terras aqui foram dadas, né então eu sempre brinco, “ah, você reclama do MST, mas as nossas famílias foram os primeiros que ganharam terra como política pública nesse país” o que não resolve muito, mas enfim, eu acabo sendo uma voz. E tentar levar essa discussão né, e falar, eu faço isso desde a época que eu entrei na faculdade, quando isso começou a aparecer para mim e pensar sobre isso, né? E aí é muito difícil porque fica muito nesse discurso “ah, mas a gente trabalha tanto e a gente nunca ganhou nada do governo, a gente não tem nada porque tem que sustentar o Nordeste, tem que sustentar essa coisa de bolsa família, tem que sustentar essa coisa aí de cotas, onde já se viu, que absurdo”, então é um processo muito difícil porque tá errado essa lógica, né lá do espírito do capitalismo, sei lá, dessa lógica do trabalho, que dignifica e tudo mais e, mais essa imagem que se cria, que é uma imagem absolutamente mítica, de uma Alemanha, de uma Itália, que são as terras que vieram, é uma imagem completamente romantizada que se tem e que se mantém, se reconstrói né? Então para mim fica muito nesse lugar assim, não de culpa, mas primeira sensação de achar ridículo essa construção e depois, quando comecei a entender, tentar ir mostrando os argumentos, né? Que refutam um pouco isso, apesar de que sem sucesso até hoje.

D.T., 48 anos - Aí eu vou fazendo uma retrospectiva, né? Que eu acho que eu já passei por esse sentimento de culpa, quando me dei conta no primeiro momento, não preciso nem ir muito longe, vou até a minha infância, né com a minha mãe e hoje olhando, retrospectivamente, eu fiquei nesse processo assim de vergonha de ter feito parte daquilo, da gente ter tido um motorista que ficava esperando a gente, dormindo no carro, sair de uma festinha, né? Aquilo por muito tempo me doeu de vergonha, de não conseguir nem falar sobre isso e, eu só acho que consegui chegar nesse ponto de “bom alguma coisa que eu posso fazer com isso, né?” Foi quando eu comecei a me engajar nas questões, acho que a faculdade, foi muito, um espaço muito importante para mim, a psicologia, eu costumo dizer que a psicologia me salvou da minha família, me trouxe um recorte completamente diferente da sociedade, do social, né das questões raciais e, apesar de eu ter tido um pai muito diferente da minha mãe que tinha uma outra questão, era muito mais aberta às questões, eu convivi muito pouco com ele, né? Ele sempre morou fora, trabalhava em outros países, ele separou da minha mãe, então eu tinha uma sementinha, acho, trazida por ele, mas no dia a dia, acho que a faculdade me salvou e depois a psicanálise, embora acho que mesmo dentro da psicologia, da psicanálise, ainda era um lugar de muito privilégio, né? Muita negação também,

a gente não lia autores negros, coisa que a gente tá fazendo agora, né a pouco tempo, de uns anos para cá a gente começar a reparar nisso, né, mas de certa forma foi um processo que eu passei pela culpa, pela vergonha, nitidamente nesse caminho e, só senti mesmo que eu, bom tem algo a fazer, quando se encontra com grupos no, que dizem “olha, vamos pensar nisso junto?” Eu saí desse campo íntimo, né? Dá vergonha, de não querer falar, de não saber onde e foi me abrindo, aí hoje eu me sinto muito, mas acolhida neste sentido de “não, tem gente falando sobre isso também, tem gente se expondo, tem gente falando, né? Abertamente sobre isso, tem algo a ser feito”. Então um pouco por aí que eu vivi essa experiência.

C.T., 35 anos - Mas da imagem da Mãe preta, Paulo, só que eu lembrei, antes esqueci de falar, me lembrou do filme Que Horas Ela Volta, né? Para pensar na versão atualizada aí desse debate, né? E aí quando a gente pensa nas possibilidades, aquela menina que é a filha da Regina Casé, que faz esse papel de voltar e dialogar com a mãe e, pela educação, pelos professores e pela Universidade, então esse conflito geracional aí também que eu acho que é um bom retrato dessa atualização, talvez desses lugares, o que a gente espera que seja uma possibilidade de mudar a situação.

Paulo Edison - A gente vai cair porque 40 minutos para, mas aí, eu queria na próxima rodada que a gente pensasse um pouco sobre traumas, então o trauma como aquilo que imobiliza, o que reprime um sentimento, mas que ele continua lá, ou aquilo que impede que possamos ser aquilo que desejamos, ou mais do que isso, né? Será que temos consciência de nossos traumas quando diz respeito ao racismo? E para isso, eu vou compartilhar com vocês, porque agora eu vou fazer uma provocação bem complexa, pra não ser tão hostil com as minhas voluntárias aí, eu vou trazer uma citação do Lourenço Cardoso, onde ele problematiza a ideia da branquitude crítica e acrítica. Acrítica a gente conhece né? Que é a supremacia, né? Mas a crítica é claro que, não sei se vocês conhecem a obra dele, mas o Lourenço, ele faz toda uma tipificação do que a branquitude, né? Publicamente ele não faz isso porque ele só fala da crítica e crítica porque no trabalho mesmo dele, quando ele tipifica, há ali uma caracterização que algumas pessoas ao lerem acho muito violentas, né? Mas que até fazendo a referência, C..., ao que Horas Ela Volta, você precisa ter alguém que escancaram algumas coisas, que nos ajuda a pensar criticamente, né? Então eu quero, se cair a gente volta aqui, porque a gente precisa cair, se não ele não...

2º Dia de roda de conversa_2_Parte_02_05_10_2023_20h (4 mulheres G.D., 48 anos; R.F., 49 anos; C.T., 35 anos e D.T., 48 anos)

Paulo Edison - D.. entrou. Então é assim ó, o que ele fala “branquitude crítica aquela pertencente aos indivíduos ou grupo de brancos que desaprovam publicamente o racismo, branquitude acrítica a identidade individual ou coletiva que argumenta a favor da superioridade racial”, então ele faz um quadro comparativo dessas tipologia que ele criou ele, fala assim ó “branquitude crítica, perfil: o branco de maneira geral, branquitude acrítica, perfil: o branco de maneira específica, membro ou simpatizantes de grupos da Neo-KKK ou neonazista outros essa linha. 2 branquitude crítica, desaprovam o racismo publicamente, branquitude acrítica, não é racista, ela é naturalmente superior a todos os não brancos.

branquitude crítica, difícil captar a desaprovação ao racismo em espaço privado, maior dificuldade metodológica para o pesquisador negro devido aos segredos entre brancos e brancos. Branquitude acrítica, três, em público é notório que ele é superior, é público e notório que ele é superior, desculpa, a história comprova isso. 4 branquitude crítica, não crítica de forma geral privilégio branco, branquitude acrítica 4, não se baseia necessariamente na comprovação biológica de superioridade, porque na atualidade tornou-se uma tese insustentável. Cinco, branquitude crítica, vive sobre o princípio da igualdade tese, branquitude acrítica, 5, defende o privilégio branco. 6 branquitude crítica, vive sob o signo da modernidade, branquitude acrítica, 6, desconsidera o princípio da igualdade, o princípio seria uma imposição absurda da Carta Magna. 7, branquitude crítica, ama, convive, tolera, suporta, convive hipocritamente com o outro, branquitude acrítica, 7, vive sobre o princípio da desigualdade apesar do anacronismo. Branquitude crítica, 8, não prega o ódio racial, branquitude acrítica, 8, vivem sob o signo da tradição. Branquitude crítica, 9, ele é sincero, ele é hipócrita na sua concepção relativa ao negro, branquitude acrítica, 9, não suporta o outro, 10 prega o ódio racial, 11 ele possui características homicidas declaradas, 12, é sincero na sua concepção a respeito do negro.” Bom, claro que aqui ele tá obviamente, não é uma provocação aqui e por que? Não é que ele fala que não existem brancos aliados, mas ele fala que existe aí e, quando a gente lê a própria Lia Schulman, ela fala inclusive disso na testa dela, né que teve momentos em festas, que ela vai identificando isso, né? Como que os brancos, somente entre os brancos, eles atuam de uma maneira racista, né? Ou dizem que não é racismo porque e só brincadeira, porque também não tem ali o negro, então portanto tão estão ofendendo ninguém, já que ele não está ali, né? Então nem se pode configurar um crime, né? Baseado nisso, então, com a ideia do trauma, quando vocês presenciam isso, o que vocês sentem? Não se trata também de cobrar uma ação de vocês, mas de trazer também o sentimento de vocês, como é que isso impacta vocês, se falasse do sentimento?

R.F., 49 anos - Pra mim é um misto de revolta, hoje mesmo eu intervi assim, tentei intervir numa situação, tava no começo da reunião, toda quarta-feira de manhã a gente tem a reunião do grupo Guardiã na escola, né? Que é uma parte da metodologia da ação educativa, não sei se o Paulo conhece as etapas da metodologia, mas enfim toda quarta de manhã tem a reunião do grupo, que tem famílias, funcionários, professores e a direção da escola e, ontem à noite teve reunião do grupo de pais, né? E aí uma mãe, ela é branca e ela tem um filho que é pardo e ele é bolsista na escola, então como ela é branca, não é todo mundo que sabe quem é o filho dela e, que o filho dela é pardo, aí ontem na reunião à noite, ela levou uma questão e assim na reunião de pais, no geral são levados temas de cunho coletivo, coisas que estão acontecendo na escola e de cunho coletivo, então uma mãe levou “estão sumindo figurinhas do fundamental 1”, “no 3º ano sumiu um bolo com 50 figurinhas de um aluno, no quarto ano também” coisas coletivas. E aí essa mãe falou assim “o meu filho, não é fundamental 1, ele é do fundamental 2, mas o celular dele apareceu quebrado na sala, no momento de intervalo que eles estavam fazendo uma atividade numa outra sala, quando ele voltou, o celular que tava embaixo da carteira, quando ele chegou o celular tava virado assim, em cima da mesa e ele tomou um susto e ficou super chateado tal, a gente levou para trocar o vidro e o técnico da assistência técnica falou que aquilo ali não foi uma simples queda, que possivelmente alguém pisou e quebrou o vidro” aí “ai, nossa, que coisa, já aconteceu isso com

alguém?” “não, ninguém” então como era de cunho pessoal “você levou para a orientação?”, “levei ela entrou na sala, conversou com a sala, mas ninguém...” então encerrou o assunto ali, como eu sei quem é o filho dela, eu fiquei remoendo aquilo a madrugada inteira e essa manhã, antes da reunião com a direção, eu falei “ah, esse assunto não pode ficar, porque eu acho que tem mais coisa por trás, não é um simples celular que foi danificado, o menino é pardo e eu acho que tem alguma questão racial aí” aí eu falei com ela, falei “olha, eu fiquei super chateada com a história que você contou, eu queria pedir sua permissão para compartilhar isso lá no grupo guardião e investigar esse assunto por um recorte racial”, ela “aí será, a nossa, eu não tava nem querendo pensar nessa hipótese, eu falei, “mas eu acho que a gente tem que pensar”, “ai, que chato que não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê lá” e bom, enfim, ele foi aí teve a reunião de manhã, eu falei com a direção e eu acho que as coisas vão caminhar para esse lado, mas não dá para não considerar essa hipótese, eu penso, todo mundo né, “mas será, e um assunto tão delicado, aí vamos com calma, vamos ter cuidado” Sim, vamos, mas não dá para não considerar essa hipótese porque eu achei muito perverso assim, né do nada o celular do aluno bolsista, porque não é um iPhone, sabe assim, que ele não é digno de ter aquele celular ou, sabe, quase como se ele não merecesse estar naquele espaço, ter aquele celular, bom, qual que é aquela mensagem que tá sendo passada? Que que tá acontecendo? O que que as pessoas estão querendo dizer, né, para ele? Eu fiquei assim, misto de uma revolta, um nó aqui assim no peito, no estômago, mas acho que o sentimento que resume é mais de revolta, indignação, como que uma criança de 13 anos, 12/13, porque foi no sétimo ano que isso aconteceu assim, também não quero acusar ninguém, mas qual que é a outra possibilidade que pode ter acontecido, qual que é a perversidade que passa aí no grupo que quiseram mostrar para ele, não sei o que é isso.

Paulo Edison - R.F., 49 anos, deixa eu intervir um pouco, eu queria que você falasse no trato com a sua família, ou de amigos, aparece isso, aparece esses comentários racistas?

R.F., 49 anos - Aparece, aparece.

Paulo Edison - Quando aparece que vem a você, se antigamente teve, você conta um pouco dessa mudança, né? Quando você não percebia isso acho que não vinha nenhum sentimento, depois, agora que você percebe isso, que sentimentos que vem?

R.F., 49 anos - Então, por exemplo assim, quando são com os idosos da família é diferente, porque eu fico indignada também, mas eu não reajo, porque já é um nível de demência, meu marido fala “não, por favor, não fala nada”, eu sou meio barraqueira, a minha reação assim, eu prefiro não falar nada, meu sogro, minha sogra tipo, então, eu saio, eu prefiro sair do ambiente para não ter que confrontar, mas em geral com amigos, assim eu confronto, eu falo “não entendi porque você tá falando isso, mas no que você pensa quando você fala uma coisa dessa, porque você tá falando uma coisa dessas, me explica?” No geral, eu dou uma confrontada e aí a pessoa se desestrutura, porque era pra ser uma piada e ela percebe que é sem graça e deixa todo mundo sem graça.

C.T., 35 anos - Acho que eu tenho umas três fases assim, com a minha família, adoro minha família bem longe de mim, Natal a cada dois anos, mas assim, acho que é isso, isso que vocês tão falando, vocês estão falando e eu to pensando aqui, acho que eu falei na semana

passada, tem um tio casado com a irmã da minha mãe, que é negro e, ele fala, mas também nos processos de de autoproteção assim, ele fala rindo, até hoje, minha vó já é falecida, mas ele fala que quando minha avó conheceu ele, falou alguma coisa do tipo “ah, esse vai o genro que não vai ser genro”, aí depois ela consertou, ah não, porque eles não eram casados na igreja, mas é assim, conhecendo minha avó e obvio que tinha aí uma questão racial junto e, isso era piada na família, também nunca impediu os outros tios e tias em comentários assim nessa coisa na piada, não sei o que, sempre ficou por isso mesmo assim, quando eu era, essas lembranças de infância, aí também eu não tinha conhecimento disso, né? Depois, eu comecei a namorar o meu marido muito jovem e, ele tem vários irmãos negros, adotivos, e aí isso causou na família num nível, porque aí eles começaram a conhecer os irmãos do meu marido, e rolou assim um choque na família, um choque, aí depois, junto vem aquela conversa extremamente, essa coisa cristã do tipo, “aí que bom crianças foram acolhidas por uma família, que bonito, né” nesse debate da caridade uma coisa terrível também, mas na época eu já começava, já tinha um pouco mais de ferramenta para ir brincando, questionando e como tem irmãos adotivos brancos e negros eu conseguia fazer algumas intervenções, assim, que dava uma sacudida, porque “ah não, caridade foi só com o A... né, com o C... que é branco não foi caridade não, porque aí tá tudo certo” e com isso dar uma desestruturada, mas por exemplo, meu sogro mesmo, pai dessas crianças, tinha comentários horríveis, ele é falecido hoje, aí eu acho que a gente entra, acho que todo mundo cai nessa armadilha né, B..., de tipo aí, e idoso, deixa para lá e, aí isso entra pro machismo, racismo, pra tudo e é uma coisa que assim, é exaustivo, você acaba deixando para lá, hoje em dia eu me questiono como é que meu sogro criou essas crianças, quais foram os níveis de trauma que esses meninos tiveram, meninos e meninas. E aí agora eu já tô numa terceira fase, que aí é fazendo o terrorismo com a minha família, porque eu vou adotar uma criança e, quando eu fui contar para minha família, já foi assim, uma que já foi contando, não tô perguntando opinião de ninguém e, o segundo foi “gente, se algum dia alguém fizer alguma piada com o cabelo do meu filho, com a pele do meu filho, com qualquer coisa sobre as questões físicas dele, vocês vão arranjar uma briga pro resto da vida de vocês comigo e com meu marido”, eu deixei isso muito caro, nessas palavras, mas o que eu acho que isso gera, as pessoas só param de falar na minha frente e na frente do meu marido, isso não vai mudar em absolutamente nada tudo que elas falam no dia a dia. E pessoas que são muito próximas de mim, minha irmã já tá muito melhor, mas assim, minha mãe e minha irmã eu consegui doutrinar, em grande medida, mas assim, minhas tias, minha cunhada, eu acho que não tem diferença nenhuma do que elas continuam falando, a diferença é só que não falam na minha frente, hoje em dia já falaram, quando eu não comprava as brigas, quando nem tinha ferramenta para lidar com esse assunto na família. Então eu vejo essas três fases com essas perguntas que o Paulo trouxe.

D.T., 48 anos - Eu não sei se eu entendi a questão, né? Que que a gente sente diante dessas situações que são traumáticas, né para o outro, eu acho que mais ou menos como elas falaram, eu sou a chata da família, né? E eu sinto que também que algumas pessoas não falam de determinadas coisas quando eu to presente, mas o outro se propõe a pensar, quando tem alguma coisa sobre o tema me perguntam, então eu sinto que tenho, eu sou alguém que vai apontar, que vou falar, que não deixa passar e a minha filha menor ficou minha aliada

nesse sentido, então ela “mãe, o papai falou tal coisa, fala para ele que não pode falar isso, que isso é uma expressão racista”, eu falei “isso aí” e aí, puta, vamos conversar falar porque, como é que é, mas outros, certamente, falam, se inibem ali, com a minha presença, mas não deixariam de falar. Me cai, quando eu vejo essas situações mais explícitas, me causa muita indignação, dependendo do grau de parentesco eu ainda sinto muita vergonha, difícil, muito difícil assim.

R.F., 49 anos - Ah e, sogro e sogra a gente falou que eles são antissociais, que não...

D.T., 48 anos - E, a ponto de eu evitar certos convívios e situações mesmo, né.

Paulo Edison - Eu normalmente teria mais uma pergunta, que tem a ver com apropriação cultural, mas a gente já tá no nosso horário eu acho que isso também faz parte, quando a gente delimita tempo e as questões vão saindo, a gente vai falando, é porque tem ali um diálogo entre inconsciente, né? Então pra gente encerrar eu queria que vocês, assim, como é que foi, nesses dois encontros, algo que vocês gostam de falar livremente, que não foi perguntado, não foi trazido ou que suscitou participar dessas duas horas e pouquinho de conversa, agora um momento para vocês falarem livremente o que vem na cabeça de vocês.

C.T., 35 anos - Como eu falei antes, mas eu saí do encontro passado meio transtornada assim, tava achando que eu tava indo participar de uma pesquisa e descobri que preciso voltar pra terapia, não tô pronta ainda, não vou dar conta, como é que eu vou criar meu filho, como é que eu vou fazer e isso ficamos uma hora conversando, lá fui eu procurar psicólogos que são especialistas, e aí é uma especialização ultra especialista, porque e adoção mais questões raciais, encontrei, inclusive, um la Salvador, mas me mexeu muito, sabe Paulo, mexeu muito, fiquei meio amadurecendo e a semana inteira sobre isso, porque é isso, porque mexe com coisas que hoje eu acho que esse tema que você trouxe, né essa questão culpa versus responsabilidade, eu acho que mexe com coisas que são muito subjetivo do profundo, sentimentos que nem sempre a gente consegue racionalizar e aí aqui conversando e falando, eu acho que me ajudou, até a perceber, o quanto ainda não estou preparada para algumas coisas o quanto que eu preciso ainda remexer mais nisso e falar mais sobre isso e dialogar mais sobre isso, fiquei um pouco transtornada, mas para o bem, vamos lá.

D.T., 48 anos - É, eu sinto sempre que a gente se coloca, né? Seja na roda de conversa, seja nas reuniões sobre esse tema, propondo alguma ação, eu tenho uma zona de desconforto, né que eu sinto sempre, como se eu tivesse que sempre estar pensando sobre o que eu vou falar, se tem alguma coisa ali que escapa né? E até meu namorado brinca, “mas por que que você, então faz, você sofre tanto” nesse sentido que me imobiliza muito, eu acho que não tem outro jeito, para atravessar essa situação, para a gente poder fazer qualquer mini mudança, não é pacífico isso, nem internamente nem externamente, vamos ter que lidar com isso, né? Os conflitos fora, dentro da gente, sustentar esse incômodo, para mim tem sido um exercício fundamental lidar com angústias, desconforto e, ao mesmo tempo, muito libertador assim, em termos de consciência, de olhar para o mundo né? Eu agradeço muitíssimo cada espaço que eu tenho, mesmo com todo desconforto, no fim me dá uma sensação de que “puxa, tem um trabalho aí, a ser feito, tem a ver com isso”, não dá para voltar atrás e, que bom.

R.F., 49 anos - Ah, eu super sinto isso também D... Eu sinto uma dor, um sofrimento, eu acho que é um trabalho que é superdifícil assim, tem dias que eu preciso me afastar um pouco do assunto, por que é demais assim, C..., acho que a gente não tá pronto nunca, na verdade, hora que teu filho chegar vai ser a hora que você vai precisar dele, sabe, e a hora. nunca para, sempre tem alguma coisa, alguns conceitos que o P... trouxe eu conhecia, outros são novos, já anotei aqui um autor novo, aí mergulho na leitura, nos estudos aí uma hora eu falo, "não, preciso de um tempo", porque muita coisa acontecendo, também é uma montanha russa emocional para mim o assunto, mas é muito transformador na verdade. Então, eu acho que toda, como a D... falou, toda oportunidade que eu tenho assim, de troca, de aprendizado, eu aproveito, eu gosto, gostei bastante da conversa semana passada, hoje também, enfim. Obrigada pelo convite.

Paulo Edison - Nossa, eu que agradeço pelo tempo de vocês, a disponibilidade, pela cumplicidade de poder compartilhar, né as experiências, olhar os sentimentos de vocês e, então eu quero dizer que muitas das coisas que vocês trouxeram também me tocaram, também fiquei alguns dias aqui escrevendo, passava o dia também, eu lembrava de algumas coisas que surgiram na roda de conversa e fui escrevendo. Então quero agradecer demais a participação de vocês aí, né, de ter disponibilizado esse tempo, essa intimidade e espero que eu consiga, na transcrição e análise, corresponder a aquilo que vocês efetivamente trouxeram, né? Se não der conta quando vocês lerem, saiba que foi apenas uma percepção minha né? E a identidade de vocês vai ser resguardada, vou colocar as iniciais e a idade de vocês e, espero que o trabalho tenha aí uma contribuição importante para o tema. Muito obrigado aí, pela luta, pela... por estar junto, né? Nessa batalha que é muito difícil, né?

R.F., 49 anos - Vamos lá, vamos juntos e vai Palmeiras.

Paulo Edison - Vai Palmeiras!

C.T., 35 anos - Fiquei curiosa para ler essa tese, escreve isso logo.

Paulo Edison - Vamos ver aí, eles querem que eu defenda logo, mas eu to querendo adiar aí, por mais 6 meses, porque é muita coisa, tem semana que são duas sessões de análise, em uma só não dá conta, dependendo da conversa, então é isso, já faz um tempo que eu ia às sessões, os temas são as minhas pesquisas na lista do WhatsApp, o que você vai trazer hoje, né? Mas é por isso, porque tem me tocado. Então é isso gente, muito obrigado aí e seguimos na luta, depois eu vou passar o contato de vocês uma para as outras aí, se vocês quiserem, ainda, continuar conversando, trocando, aí eu compartilho o telefone de vocês no WhatsApp.

R.F., 49 anos - Ah, legal.

C.T., 35 anos - Ótimo.

D.T., 48 anos - Beleza, tá ótimo.

C.T., 35 anos - Joia.

Paulo Edison - Obrigado.

D.T., 48 anos - Prazer.

R.F., 49 anos - Tchau pra vocês, boa sorte.